ENCICLOPÉDIA
DOS
MUNICÍPIOS BRASILEIROS

PLANEJADA E ORIENTADA

por

JURANDYR PIRES FERREIRA

PRESIDENTE DO I. B. G. E.

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA

DE

VIRGILIO CORRÊA FILHO e LUIZ DE ABREU MOREIRA

Secr.-Geral do C. N. G. — Secr.-Geral do C. N. E.

SUPERVISÃO GEOGRÁFICA

DE

SPERIDIÃO FAISSOL

Dir. de Geografia

SUPERVISÃO DOS MAPAS ESTADUAIS

DE

ALYRIO DE MATTOS

Dir. de Cartografia

SUPERVISOR DA EDIÇÃO

DYRNO PIRES FERREIRA

Superintendente do Serviço Gráfico

11 DE JUNHO DE 1957

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS

III VOLUME

RIO DE JANEIRO
1957

PREFÁCIO

Sejam nossas primeiras palavras destinadas a reiterar o apêlo, que fizemos aos estudiosos e aos conhecedores da gleba brasileira, para apontar falhas ou omissões como contribuição ao aprimoramento futuro dêste trabalho.

De fato, a fotografia geográfica que se procura apresentar nesta primeira parte desta Enciclopédia se torna por vêzes difícil, e em especial no caso da região Meio Norte, em razão das deficiências existentes em estudos realizados, obrigando a um esfôrço muito maior para o aperfeiçoamento dêsses conhecimentos, à altura da obra que se está elaborando.

Se em verdade nas demais regiões o subsídio de trabalhos decantados em estudos sucessivos facilitava a sistematização necessária a uma idéia perfeita da região apresentada, no caso do Estado do Piauí e do Maranhão foi preciso maior quantidade de novas pesquisas que aceleradamente foram executadas.

Por outro lado, a diferenciação das feições geológicas da região em causa, desde a grande capa sedimentar do baixo Parnaíba às zonas sêcas do vale do Canindé e aos chapadões dos divisores com a bacia do Tocantins, levaram-nos a trabalhos de pesquisas mais recentes e, em conseqüência, sujeitos a possíveis revisões.

Agrava-se isso na parte sul da região, onde os estudos ainda são mais precários, e, em conseqüência, a sua apresentação não poderia ser definitiva.

Êste terceiro volume trata dos dois Estados mais pobres da Federação.

Se em verdade êsses dois Estados tiveram destaque na história da formação econômica do Brasil, foram, entretanto, impedidos de um surto sincronizado com as demais Unidades Federativas em virtude de condições climatéricas e da própria formação do quadro econômico brasileiro.

O Piauí marcou, nos campos gerais, o ciclo da economia do gado, levando os seus rebanhos para as feiras da Bahia. Por outro lado a navegação do rio Parnaíba deu certo suporte ao escoamento das riquezas Piauienses e Maranhenses.

As dificuldades para o florescimento econômico da região, entretanto, residiam, em sua maior parte, no escoamento marítimo.

O Piauí conseguiu, mediante troca com o Estado do Ceará, um precário contacto oceânico. A construção aí de um pôrto não pôde, todavia, tornar-se uma realidade em face das dificuldades dêsse novo litoral Piauiense. O velho pôrto de Amarração, hoje pôrto de Luís Correia, nunca pôde atender à navegação de cabotagem em face das dunas que, embora fixadas em parte, sempre foram responsáveis pela deficiência das cotas batimétricas, tanto na entrada como na própria bacia de evolução.

O Piauí entretanto se tem servido do pôrto maranhense de Tutóia, em condições precárias, principalmente pelos altos custos de sua manipulação.

O Estado do Maranhão todavia, dispõe de condições melhores quanto a seu problema portuário. A diferença de cotas das marés, sendo acentuada no pôrto de São Luís, marcando diferenças que chegam a atingir 8 metros, oferecem outras dificuldades.

São Luís, chamada, em outros tempos, a Atenas Brasileira em virtude do desenvolvimento cultural de seu povo, não pôde ter o ritmo ascendente de progresso que se marcou em outros pontos do território nacional. Se é verdade que o Vale do Mearim é cheio de condições de fertilidade, com suas largas plantações de arroz, e tem possibilidades de escoamento de sua produção devido às condições acessíveis à navegação, contudo não tinha boa salubridade em face do desenvolvimento palustre resultante dos alagadiços e das lagoas em Rosário que pontilham as suas margens e seus vales.

Por outro lado, quando do surto das Estradas de Ferro e embalados pelo prestígio que as mesmas tiveram para a solução dos problemas econômicos do Brasil, construiu-se a via férrea São Luís a Caxias, hoje São Luís a Teresina. Ela faz parte da chamada Transcontinental a se ligar em Paulistana com a linha férrea que, partindo de Petrolina, vara o sertão Pernambucano para atingir aquela cidade Piauiense.

A São Luís a Terezina não apresentou para o Estado do Maranhão o sucesso que se previa dela. Contudo, representou, e representa ainda, um amparo ao escoamento de uma zona pobre, sem dúvida, mas que se areja por essa via de comunicação.

A base econômica dos dois estados, entretanto, se assenta principalmente no babaçu e na cêra de carnaúba, dois produtos extrativos, e, em conseqüência, não animadores para a elevação do nível econômico popular. Daí as dificuldades em que vivem as populações dêsses estados. A falta de energia elétrica, o próprio descaso na conservação das condições de navegabilidade interior, deixaram êsses estados em acentuada precariedade industrial.

É verdade que esperanças residem nesta zona do território nacional com as ocorrências de carvão do vale do Parnaíba, as jazidas de minério de ferro nas proximidades de Luís Correia e o aproveitamento hidrelétrico do alto Parnaíba e seus afluentes.

Acontece que no momento atual o planejamento do Vale do Parnaíba para a recuperação de sua navegabilidade econômica e a irrigação de seu vale vai permitir um passo largo no seu aproveitamento agrícola.

O rendimento do trabalho nesta região é, entretanto, baixo, principalmente na parte sul do Estado em virtude da temperatura. No Estado do Piauí se soma a esta condição o rigor das sêcas que tendem a transformar em deserto o antes promissor Vale do Canindé.

Estas considerações que fazemos a respeito do padrão econômico dêsses estados da federação são mencionados neste prefácio para explicar o valor enorme que representa o

estudo desta região que agora se abre com novas e esperançosas perspectivas face a mecanização das atividades rurais.

Pode-se dizer que se abre para êsses estados novamente um panorama de possibilidade para o seu soerguimento econômico.

Ao lançarmos êste terceiro volume da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, como nos anteriores, procurou-se ligá-lo a um fato que se relacionasse com os acontecimentos brasileiros em curso. Destarte, quando o professor Vilhena de Moraes, com as suas qualidades invulgares de pesquisador e o brilhantismo de sua personalidade dada aos estudos históricos, comunicou ao Conselho Nacional de Geografia a coincidência do lançamento do terceiro volume que tratava do Estado do Piauí com a visita que nos fazia o General Craveiro Lopes, Presidente de Portugal — coincidência que se tornou significativa pelo fato de ter o ilustre Presidente da República Portuguêsa entre os seus ancestrais em linhagem direta, um filho de Campo Maior — aquêle Conselho, por proposta do seu próprio Presidente, convidou o ilustre historiador a redigir a introdução dêste volume, cuja edição se faz então comemorativa da visita que tão alto sentido tem na aproximação dos povos de língua portuguêsa.

A introdução dirá melhor do que qualquer outra coisa que aqui se possa avançar sôbre a personalidade ilustre que na história do Brasil indicou esta homenagem.

JURANDYR PIRES FERREIRA
PRESIDENTE DO I. B. G. E.

INTRODUÇÃO

PELO

DR. E. VILHENA DE MORAES

Bacharel em ciências e letras; Bacharel em ciências jurídicas e sociais; Professor das escolas técnicas do Departamento de instrução secundária da Prefeitura do Distrito Federal; Sócio benemérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto de História e Geografia Militar, do Instituto Histórico do Ceará e de outros congêneres do país. (Comissão de bibliografia) Diretor do Arquivo Nacional; Membro do Conselho Internacional dos Archivos, com sede em Paris; Delegado Técnico do Ministério da Justiça e Negócios Interiores junto ao Conselho Nacional de Geografia; Representante do Arquivo Nacional junto ao Instituto Brasileiro de educação, ciência e cultura, (UNESCO) com sede no Ministério das Relações Exteriores (Itamarati); Cavaleiro da Ordem do Mérito Militar; Comendador da Ordem da Instrução Pública de Portugal; Comendador com placa da Ordem de Afonso X, o sábio de Espanha; Condecorado com grande número de medalhas nacionais; Hóspede Oficial de honra do govêrno de Cuba, quando participou em Havana, em 1950 da Reunião do comité dos Arquivos do Instituto Pan-Americano; Representante do Brasil e 2.° vice-presidente de honra na Assembléia-Geral do Instituto Pan-Americano de Geografia reunido em 1950 em Santiago do Chile; Relator oficial da Secção de História Literária e de Artes no 1.° Congresso de História Nacional reunido no Rio em 1914, bem como, no 1.° Congresso Internacional de História da América reunido em 1922 no Rio de Janeiro.

À circunstância, apenas, de haver, em sessão ordinária do Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, represento, há dezenove anos, o Ministério da Justiça, sugerido, (o que, aliás, estava no pensamento de todos) fôsse prestada especial homenagem ao Supremo Magistrado da República Portuguêsa, em sua próxima visita ao nosso país, devo a incumbência com que me honrou o digno presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Professor Jurandir Pires Ferreira, de redigir algumas palavras introdutórias ao presente volume da "Enciclopédia dos Municípios Brasileiros".

É, na ordem cronológica, o terceiro da vasta obra de divulgação geográfica com a qual aquele incansável orientador e animador patriòticamente assinala, em curto prazo, a sua administração.

Do que representa para o progresso científico do conhecimento do território pátrio essa nova contribuição, circunscrita ao estudo do que se convencionou chamar o *"Meio Norte"*, di-lo, em forma que dispensa encomios e comentários, o ilustre prefaciador e a própria obra, em si mesma, nos seus claros, sugestivos delineamentos com mão de mestre traçados pelos organizadores do trabalho.

Ao modesto signatário destas linhas singelas só lhe cabe realçar, além de uma feição própria, singularíssima, que apresenta, como ao deante se verá, a publicação do volume ora dado a estampa, alguns aspectos históricos e culturais de uma, apenas, das vastas regiões no mesmo compreendidas, a saber o *Piauí*.

Rodeiam-no, de maneira curiosa, algumas coincidências, não raro, antinômicas, e outros tantos contrastes que deitam luz, a jorros, sôbre episódios salientes do nosso passado colonial.

1656 Um ano de menos e um pouco mais de advertência, e teríamos celebrado exatamente o tri-centenário da primeira fase da exploração fluvial ou de trânsito, a caminho do Ceará, manifestação inicial da atividade missionária dos jesuitas do ciclo maranhense no território do que é hoje o Estado do Piauí. (1)

Não foram, porém, os filhos de Santo Inácio os primeiros a perlustrar as plagas piauienses.

"Homens brancos que iam sôbre uns cavalos" — referem êles, dez anos mais tarde, em 1676, ha-

(1) Conf. Serafim Leite, S.J. — *Historia da Companhia de Jesus no Brasil* — Vol. V — p. 555 — Rio, 1948.

viam já sido vistos pelos índios nativos que, sem maiores especificações, dest'arte os classificavam.

O fundador e povoador do Piauí Não seria possível — *à tout seigneur tout honneur* — bosquejar, mesmo ao de leve, as origens históricas da região, sem declinar, desde logo, o nome heróico do verdadeiro *"descobridor e povoador do Piauí"*, a saber DOMINGOS AFONSO SERTÃO, filho d'além mar, denominado, pelas origens do berço pátrio, o Mafrense, nobre e magnânima figura de desbravador, representativa da raça e que aparece ao lado de um filho da terra, também sertanista, DOMINGOS JORJE, natural de São Paulo, ambos, (primeira coincidência) DOMINGOS, animados um e outro, de maneira diversa, pela ambição do domínio e das riquezas. Buscava um deles, primeiro contraste, indígenas, para os reduzir a cativeiro; o outro, terras para amanhar. (2)

Partindo do São Francisco, descobriu, à margem direita do Parnaíba, um afluente dêste, o Piauí, cujo nome se extendeu a todo o território e até hoje perdura.

Rendeiro das Sesmarias de Garcia d'Avila, foi o fundador da Vila de Mocha sob o patrocínio de Nossa Senhora da Vitória, (3) facilitando-se dest'arte as comunicações entre as capitanias do Maranhão, Bahia e Pernambuco.

Mais ou menos na mesma época, ter-se-ia, desbaratados os selvagens, estabelecido também às margens do Parnaíba DOMINGOS JORGE, que, segundo outros, rico de escravos, voltou para São Paulo.

Obtidas novas sesmarias, tornou-se o Mafrense possuidor de imenso latifúndio com dezenas de fazendas destinadas à criação do gado, principal fonte de riqueza do país, de par com o cultivo do fumo e da cana de açúcar, insuficientes então para manterem, por si mesmas, a subsistência das populações.

Foi, como diz CAPISTRANO, a era do couro à qual deveria seguir, em outras regiões, menos proveitosa, a idade do ouro.

Senhor de tão vastos cabedaes, ao falecer na Bahia, no ano de 1711, homem profundamente religioso, legou em testamento, que ficou célebre, tôdas as suas fazendas à Companhia de Jesus, em cuja roupeta, encimada pelo hábito da Ordem de Cristo, quiz êle ser amortalhado como participante que era dos benefícios espirituais da milicia inaciana.

Ocupando-se largamente do Piauí, nos seus tão úteis quanto modestos no título, *"Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil"* (4) refere-se MOREIRA PINTO ao luso Mafrense nos seguintes têrmos: ... *"foi estabelecendo fazendas de creação e tantas chegou a possuir que por sua morte, legou trinta aos missionários jesuitas sob condição de empregarem os rendimentos delas em dotar donzelas e socorrer viuvas desvalidas."*

"De posse de tão importante herança, os jesuitas estabeleceram mais três fazendas, ignorando-se se com os rendimentos das que lhe foram legadas, cumpriram a vontade do testador. Em 1759 por ocasião da confiscação dos bens dos padres da Companhia, passaram as trinta e três fazendas para a Corôa!"

O número está exato, constituindo elas as chamadas *Capelas* (vocábulo sem nenhum significado religioso, mas apenas jurídico valendo o mesmo que "morgado") isto é, bens inalienáveis.

O tom dubitativo, entretanto, do emérito publicista sôbre a exatidão do cumprimento por parte dos jesuitas, da vontade do generoso testador, não se justifica em face da sua própria, honesta informação de haverem sido as ditas fazendas confiscadas pela Corôa, o que, naturalmente, implica um impedimento para a integral execução do legado, que não foi, aliás, exatamente o que declara o dicionarista, mostrando assim não conhecer ou não ter lido o já citado "Testamento" de DOMINGOS AFONSO, que apenas dotou algumas donzelas honestas sem cogitar da fundação, pròpriamente, de um asilo às mesmas especialmente destinado.

Estabelecimento congênere, e ainda de maior alcance foi o que êle próprio em vida fundou, isto é, o Noviciado da Giquitaia na Bahia para os religiosos da Companhia, soberbo edifício que em parte

(2) Retrata-o com fidelidade o admirável soneto do poeta maranhense Humberto de Campos:

DOMINGOS AFONSO MAFRENSE
(Povoador do Piauí)

Como os patriacas bíblicos de antanho
Cortando a Siria a apascentar seu gado,
Penetraste o planalto socegado
Conduzindo teu povo e teu rebanho.

Pelo sertão era de paz teu brado:
Dôida fadiga antecedeu teu ganho:
Teu arcabús não trabalhou no amanho
Dêsse deserto de que foste o arado.

Não foi teu sonho de esmeralda e de ouro:
Tua ambição era a existência ruda
Mungindo as vacas e laçando o touro.

E é por isso que, ainda hoje, a terra, bôa,
No aboiar dos vaqueiros — te saúda,
Pelo berro do gado — te abençôa!

Humberto de Campos

(3) Orago da 1.ª Igreja regular que se levantou em 1733 na cidade de Oeiras.

(4) Rio, Imprensa Nacional — 1889 — pg. 197 a 204.

arruinado, após a supressão, foi aproveitado como Casa dos Meninos Orfãos na Cidade do Salvador.

Documentos posteriores, modernamente divulgados e que MOREIRA PINTO não chegou a conhecer dão cabal resposta a sua interrogação:

> *"Pelos relatórios periódicos do Colégio da Baía, enviados ao P. Geral, pode-se reconstituir, nas suas grandes linhas, a história desta administração. Diz-se em 1739, que são 30 as Fazendas da "Capela" e que ocupam quasi 100 léguas de terras próprias. Há nelas 30.000 cabeças de gado vacum e 1.500 de gado cavalar. Costumam tirar-se cada ano 1.000 bois, que vendidos a 4 escudos romanos cada um, são 4.000. Destinam-se 1.500 a satisfazer os legados que o Testador deixou a entidades de fora da Companhia. Gastam-se 600 com os vaqueiros que conduzem as boiadas por distância e caminho de 300 léguas; empregam-se outros 600 em beneficiar as Fazendas. Restam 1.200 que, conforme a disposição do Testador, se dividem em 3 partes: duas ou sejam 800 escudos, para sustento do Noviciado, 400 pelo ónus da Administração. Os servos destas Fazendas são 164*(5)
>
> *"Em 1743 a situação é a mesma, apenas aumentam os servos, 170."* (6)
>
> *Em 1757, ainda igual número de Fazendas (30), mas o gado aumentou: vacum, 32.000 cabeças, cavalar, 1.600. Podiam-se tirar 1.200 cabeças, sendo o produto médio da venda, o mesmo de 4.000 escudos romanos, com idêntica aplicação à de 1739.*
>
> *"Nas Residências do Piauí havia "os cadernos de receita e despesa", indispensáveis a uma escrupulosa administração. Algumas Fazendas tinham vida conjunta; e os Sítios, com que se denominavam e repartiam as Fazendas, eram muito mais do que aquêles 30."* (7)

O temporal e o espiritual

Participes em 1656 das primeiras explorações do Rio Parnaíba, com o grande VIEIRA em pessoa que o descreveu ao Rei, chamando-lhe Paraguaçú, manifestaram desde logo, opondo-se tenazmente as correrias contra os selvícolas, o seu verdadeiro objetivo que era a caçada das almas para converte-las a Cristo.

Não deixa, dest'arte de causar espécie apareçam agora nos primeiros albores da história piauíense como grão-senhores de imensos latifúndios, empenhados, como os velhos patriarcas bíblicos nas rudes tarefas da pecuária. Civilizadora, por excelência, serve-lhes a indústria pastoril de poderoso instrumento, não de certo, para uso e goso próprio, mas para acudir, não só às necessidades temporais dos indígenas confiados a sua guarda e aos quaes deviam sustentar provendo-os de todo o necessário, mas também para o custeio das grandes construções e obras de arte que em tôda a parte, como se sabe, sempre realizaram. Menos é de impressionar, aliás, êsse aparente contraste do que aquêle outro real, significativo da maternidade divina da Igreja, de se verem atirados às brenhas incultas a catequizar os bárbaros, vultos como VIEIRA, roubado ao púlpito e aos concelhos da alta diplomacia, ou um FELIPE BOUREL à cátedra de matemática da Universidade de Coimbra ou MALAGRIDA, o Mártir, ao ensino das humanidades nos Colégios da Itália.

Si não foi maior, entretanto no Piauí, o labor cultural e pedagógico dos jesuitas, explica-se o fato, de um lado, pela própria natureza da atividade administrativa incessante que o legado mafrense lhes impunha bem como pela dispersão das populações disseminadas, em estado de absoluta ignorância por enormes distâncias difíceis de transpor. Convem, acima de tudo isso, não esquecer o truculento golpe com que veio a perseguição transferir para a Corôa as "Capelas", que são hoje fazendas nacionais, truncando abruptamente tôda a feliz obra começada.

Foram ainda assim os filhos de Santo Inácio os primeiros a catequizar por meio de missões ambulantes (como os Lazaristas em Minas no séc. XIX), tôda a vasta região e de tal modo que deitou a crença raizes profundas mantidas até hoje no coração dos sertanejos.

A êsses apóstolos se deve igualmente com o Seminário da Parnaíba a instituição no Piauí dos primeiros estabelecimentos de ensino secundário.

Do ponto de vista social e político, foi como justamente faz notar o já louvado SERAFIM LEITE benéfica a administração das Fazendas, pois, contribuindo para a conglutinação e homogeneidade do território, foi útil para a criação posterior da Província e do Estado do Piauhy.

S. J. as duas letras magnéticas

Magnéticas chama JOAQUIM NABUCO as duas letras *S. J.*, símbolo da Companhia de Jesus, gravadas no frontispício de nossa História. Ao invés delas, por cruel ironia da sorte, na toponímia da região nordestina, onde, mais do que em qualquer outra de nossa pátria, se estendeu a dominação territorial da Companhia — fruto de um legado pio, deixado por DOMINGOS AFFONSO — o aulicismo adulatório do primeiro

"(5) Bras. 6, 276.
"(6) Bras. 6, 335.
(7) Pe. Serafim Leite, S.J. — op. cit. — Vol. 5, pg. 552.

governador da Capitania tornada independente da do Maranhão, JOÃO CARLOS PEREIRA CALDAS, cumprindo ordens da metrópole que mandava, em má hora, proscrever da nomenclatura geográfica os nomes bárbaros — *que barbaridade!* — tão cheios de significação, trocando-os por outros novos, achou de bom aviso consolidar a sua posição política, substituindo a tradicional *Mocha* (bacia de pedra segundo PEREIRA DA COSTA) que recordava o generoso Mafrense, pelo nome de Oeiras, em honra do então já onipotente Conde dêsse título, futuro Marquez de Pombal, o fero aniquilador da obra apostolar e civilizadora dos jesuitas naquelas paragens como em todo o resto do território brasileiro. A barretada adquire uma significação particularmente dolorosa ao notar-se que *Oeiras* pouco distava dos negros calabouços de S. Julião da Barra, onde, como nos da Junqueira, durante anos e anos, sem culpa formada, pelo simples fato de serem jesuitas, foram atirados tantos apóstolos beneméritos entre os quaes, alguns que haviam, como MALAGRIDA e o Pe. MANOEL GONZAGA, mourejado no solo piauiense. GABRIEL MALAGRIDA, nome a quem não pagou até hoje o Brasil, um real da sua imensa dívida de gratidão pelo extrenuo labor apostolar que significa no norte e no centro do país, representa o doloroso vulto em quem concentrou SEBASTIÃO JOSÉ todo o seu ódio contra a Companhia de Jesus. Preso para figurar como cúmplice do regicídio, mas garroteado, afinal, com mordaça na boca e carocha na cabeça com o rótulo de herege e lançado à fogueira, despertou a indignação do próprio VOLTAIRE que assim sarcàsticamente apostrofou o seu bárbaro carnífice:

"Êh! Misérables! Si Malagrida a trempé dans l'assassinat du Roi, pourquoi n'avez-vous pas osé l'interroger, le confronter, le juger, le condamner? Pourquoi vous deshonorez-vous en le faisant condamner par l'Inquisitione pour des fariboles?" [8]

Um dos primeiros atos de Dona MARIA I foi mandar abrir as prisões do Estado.

Traça-nos LUIZ GOMES, — um quasi apologista — o quadro comovedor da ressurreição de pobres criaturas sem culpa, há dezoito anos, encerradas nos subterraneos da Junqueira.

"Era tôda uma colonia de desgraçados, cuja miséria regelava a vista, e indignava o coração. Êsses miseráveis conchegavam a si, para cobrir a sua nudez, os farrapos dos vestidos, com que haviam entrado nas prisões e que, usados durante dezoito anos, roçando-se pelos ferros, nunca tinham sido renovados. Os seus rostos estavam lívidos e cheios de rugas, sulcos abertos pelo sofrimento e pela desesperação; os seus cabelos tinham embranquecido a despeito da mocidade, os olhos estavam inchados pela obscuridade, a língua paralisada pelo silêncio".

"Pareciam receosos de andar e da abrir os olhos; dir-se-ia que traziam em si a sombria e tétrica imobilidade dos ergástulos.

"Os parentes não os reconheciam, os filhos tinham-nos esquecido, e os amigos haviam-n'os como mortos" — (FRANCISCO LUIZ GOMES — *Le Marquis de Pombal* — Lisbonne — 1869, p. 329.)

Não contente com a zumbaia ao Ministro, acabou o governador impondo, em 1762 à Capitania o nome de S. José, em homenagem ao Rei que, na frase de REBELO DA SILVA, estava ao *torno* deixando no *trono* o poderoso Secretário de Estado.

Retrato do Piauí

Interessante concidência foi, de certo, o lançamento do segundo volume de "Enciclopédia dos Municípios Brasileiros", justo na época em que na Capital da República se realizava a magna assembléia do Congresso Nacional dos Municípios, numa congregação jamais vista dos representantes das vereanças e prefeituras do país. Realçou, dest' arte, de maneira expressiva, a multisecular instituição municipalista, herança política do direito ibérico através dos textos da legislação Manoelina, Afonsina e Philipina, nos tempos coloniais, consubstanciada mais tarde no Brasil Império pela Lei de 1.º de outubro de 1828 que preparou o pleno exercício das franquias urbanas asseguradas pela Constituição Republicana aos Municípios, històricamente considerados como divisões administrativas e base da organização judiciária.

Realizado êsse oportuno trabalho, justo é recordar, no mesmo setor, outros que em menor escala, dados os menores recursos, mas com não menor esfôrço patriótico, foram levados a efeito em épocas anteriores.

Exemplo seja, e da primeira ordem, a por notabilíssima coincidência êste ano, justamente centenária obra sob o título,

(8) Voltaire — *Correspondence* — Oeuvres completes — Tomo XL — fl. 542.

"MEMORIA"

"Cronológica, Histórica e Corográfica
da
PROVINCIA DO PIAUÍ
"Por
"José Martins Pereira d'Alencastre
"(Rio de Janeiro, 15 de maio de 1855)
(*in* Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro" — Tomo XX — 1.º trimestre de 1857).

Nem poderia, com ingrata pena, ficar em esquecimento, o preciosíssimo pernambucano PEREIRA DA COSTA, autor aliás de uma obra muito conhecida e citada como clássica isto é a

NOTÍCIA SÔBRE AS COMARCAS DA PROVÍNCIA DO PIAUÍ
Em conformidade dos Avisos do Ministério da Justiça, de Setembro de 1883 e 14 de Outubro de 1884, e da Ordem do
Exmo. Sr. Presidente da Província.
Dr. Raymundo Theodorico de Castro e Silva.
por
Francisco Augusto Pereira da Costa
Secretário da mesma Província.

Transcrevo, com prazer o longo título, tendo à vista o exemplar oferecido com dedicatória pelo autor ao então "Arquivo Público do Império" do qual se declara o historiador agente auxiliar. De egual ou quiçá ainda maior importancia o grosso volume de 400 paginas, em duas colunas, sob o titulo:

F. A. Pereira da Costa
CHRONOLOGIA HISTORICA
DO
ESTADO DO PIAUHY
Desde os seus primeiros tempos até a proclamação da Republica em 1889

Publicação do Estado em virtude da Lei n.º 342 de 27 de Junho de 1907 na Administração do Exm. Sr. Dr. Anisio Auto de Abrêo

Pernambuco
Typographia do "Jornal do Recife"
47 — Rua 15 de Novembro — 47
1909

Da imprensa no Piauí apresentou uma resenha de "jornais e revistas e outras publicações periódicas" de 1835 a 1908, o Dr. ABDIAS NEVES, *in* "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1908".

"Prata da casa" é também com prazer que chamo à colação o trabalho inserto no "Boletim Geográfico" — Ano I, n.º 9 — infelizmente esgotado, do Sr. MARTINS NAPOLEÃO, sob o título *"O Piauí e o Nordeste" — Aspectos e problemas da sua vida social."*

Modernamente, é de notar-se de JONAS CORRÊA

O Livro do Centenário de Parnaíba
Documentário da cidade
1844 — dezembro — 1944
Organizadores: Benedito Jonas Correa
Benedito dos Santos Lima
Parnaíba — Piauí — Brasil. — fl. 7 a 420.

Convem tão pouco não esquecer os

ESTUDOS PIAUIENSES
Agenor Augusto de Miranda
Engenheiro Civil, Socio do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro
1938
Companhia Editora Nacional
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre

Fontes menos conhecidas são, no período colonial, o *"Diário da Viagem do Governador João da Maia da Gama"* e, citados por SERAFIM LEITE dos arquivos da Companhia, a *"Descrição do Sertão do Piauí"* do Padre MIGUEL DE CARVALHO (1697) creio que inéditas, bem como outra *"Descrição da Capitania do Piauí"* entre os papéis do Padre BENTO DA FONSECA — "Maranhão Conquistado a Jesus Cristo". [10]

O Piauí nas lutas da Independência

Uma palavra, ao menos, deve agora ser dita sôbre o papel desempenhado pelo Piauí nas lutas do Nordeste em prol da Independência Nacional.

A situação era, como se sabe, naquelas paragens, demasiado confusa e erro fôra, dos mais gra-

[10] Op. cit. e i eodem loco pg. 564-565.

ves, pretender alguém julgar, de plano, com os elementos circunstanciais de hoje em matéria de conhecimento de causa, facilidade de comunicação, unidade de pontos de vista, liberdade de ação e integridade do espírito patriótico.

Desde os antigos tempos coloniais pode-se dizer que eram mais fáceis e mais freqüentes as ligações do Maranhão com a Metrópole do que com o Rio de Janeiro. Não admira, assim, predominasse aí o elemento português, constituido dos mais ricos habitantes da província, onde, na ordem da hierarquia, exercia grande influência um prelado lusitano que se manteve em todo o tempo, resistindo a tôdas as solicitações, ainda as mais prementes e amistosas como as que recebeu do próprio Imperador PEDRO I, se manteve intransigentemente fiel à causa do que se lhe afigurava então a legalidade e a fidelidade ao Reino, isto é, Dom JOAQUIM DE NOSSA SENHORA DE NAZARETH. O mesmo se diga, no Piauí, relativamente, não ao influxo de uma autoridade espiritual, mas ao predomínio de um chefe militar dos mais enérgicos que, tendo prestado já, veterano da guerra peninsular, relevantes serviços ao seu país de origem, não duvidou assegurar-lhe de acôrdo, aliás, se é lícito um trocadilho com o radical do seu nome patronímico a mesma fidelidade que ao juramento militar, i.é o Sargento-mór JOÃO JOSÉ DA CUNHA FIDIÉ, Comandante das armas.

Na quasi absoluta ignorância do que em fase de tamanha agitação política e partidária se passava no Rio de Janeiro e na Metrópole, não podia deixar de haver, não raro mesmo por parte dos patriotas, alguma indecisão quanto ao rumo a seguir, em razão das marchas e contra-marchas dos movimentos populares e instabilidade das Juntas que se formavam e dissolviam instantaneamente ao sabor daqueles.

Honra, por isso, e glória eterna ao bravo Ceará, que, aderindo à causa da Independência, veio dar mão forte a Parnaíba, onde se levantou bem alto o primeiro grito da libertação que FIDIÉ tenta logo sufocar, ajudado pelos reforços que lhe envia a Junta Maranhense.

Propaga-se, entretanto a chama do entusiasmo à própria Capital, *Oeiras,* a cuja defesa acode rápido FIDIÉ, interceptado, porém, na sua contra-marcha pelos rebeldes, com os quaes tem de bater-se em *Genipapo* junto a *Campo Maior,* sítio sagrado, onde se pagou, na luta, o maior tributo de sangue.

Debalde tenta a Junta Maranhense desesperados esforços para auxiliar FIDIÉ que, incapaz de subjugar o Piauí, avança para Caxias, ponto estratégico da maior importância na ocasião, o mesmo que deveria ser anos mais tarde teatro das façanhas do maior guerreiro do Brasil, condecorado com o título nobiliárquico daquele nome.

Como que tangidos por antecipação pelo espírito de coesão do unificador do Império, maranhenses, piauienses, cearenses, pernambucanos poem cêrco à praça onde afinal, a 1.º de agôsto de 1823, demite-se nobremente FIDIÉ para não ser obrigado a render-se e a entregar a conquista.

Transportado preso ao Rio, recolhido à Fortaleza de Villegaignon, concede-lhe D. PEDRO I permissão para regressar com os seus a Portugal onde prestou ainda serviços como comandante do Colégio Militar de Lisbôa.

PORTUGAL EM VISITA AO BRASIL

Houve por bem o Presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística fazer coincidir o lançamento do volume terceiro da *"Enciclopédia dos Municípios Brasileiros"* com a grata visita que ora o faz ao nosso país o nobre Presidente da República Portuguesa, **General Francisco Higino Craveiro Lopes**, ao qual é, especialmente, dedicado. E está isso posto em inteira razão.

Pela vibração, com efeito, de entusiasmo cívico que, d'aquém e d'além mar, vem despertando por parte de brasileiros e portuguêses, transcende essa visita as lindes estreitas de um simples ato de cortesia diplomática. Representa, antes, mais uma eloqüente demonstração dessa profunda, inquebrantável amizade que uma tradição multi-secular afirma entre dois países, unidos, através das vastidões do Atlântico, pelos vínculos sagrados de uma mesma língua, uma mesma crença um mesmo patrimônio riquíssimo de glórias e de civilização, de usos e costumes e um mesmo anseio democrático de liberdade, de paz e de progresso, dentro da ordem e do ideal cristão.

Na sua vigorosa ancianidade, revê Portugal, com orgulho no formoso retrato do filho jovem e reconhecido, cheio de ambições e impulsos generosos, nítidos traços da sua fisionomia moral e física que as vicissitudes dos tempos não conseguiram deformar nas suas características essenciais.

É êste, na verdade, um momento histórico na vida das duas Repúblicas irmãs que recordam juntas, sem rancores nem prevenções raciais, o seu passado comum e afirmam, cheias de esperança os seus propósitos de solidariedade e cordialidade para o futuro, ratificados, ademais, por novos diplomas legislativos prestes a assinar-se.

Explica-se, dest'arte, o desejo manifestado pelo Presidente CRAVEIRO LOPES: de não limitar a sua rápida visita às Capitais do país. Podesse ele, extendê-la-ia com certeza de Norte a Sul, a todos os pontos vitais do Brasil. Eis aí, nesse almejado contacto pessoal com o território pátrio, mais um motivo a justificar, se outros tantos não houvesse, a oportuna dedicatória que lhe é feita do presente volume.

É que nesse mesmo território justamente no Piauí abriram os olhos à primeira luz ilustres avoengos seus, distintos todos, como êle próprio, na carreira das armas e que tiveram por berço os históricos centros de Oeiras e de Campo Maior.

Nesta localidade, nasceu em 1814 o bisavô do Presidente CRAVEIRO LOPES, FRANCISCO XAVIER LOPES, General de Artilharia.

Nove anos contava apenas de idade ao desenrolar-se a luta pela Independência no Piauí, de onde se retirou para Portugal, falecendo aí em 1883, com honrosa fé de Ofício:

> "Estudou em Lisboa no Collegio Militar e durante a sua vida deu sempre brilhantes provas de seu valor. Tomou parte ativa nas luctas liberais assistindo a muitos combates no posto de 2.º tenente, e contando apenas 19 anos de edade. Terminada a luta, seguiu o curso de engenharia, serviu ás ordens de Sá da Bandeira por ocasião da revolta dos marechaes (1834), foi preso em Faro por suspeito de affeiçoado á revolta de Torres Novas (1844), foi nomeado engenheiro para a provincia de Angola (1845), etc. Em seguida a uma viagem de estudo pela França e Inglaterra, foi nomeado chefe de secção no Ministério da Guerra (1850) sendo depois successivamente encarregado de differentes commissões de serviço. A elle se deve a iniciativa da maior parte dos trabalhos preparatórios para a creação e estabelecimento da escola pratica de artilharia e formação do polygono de Vendas Novas. Comandou artilharia 3, governou a praça de Elvas e era director da administração militar quando falleceu" (11)

JOÃO CARLOS CRAVEIRO LOPES

Em *Oeiras* que recorda a primitiva Môcha e seu fundador *Mafrense* que por sua vez, recorda Mafra com o legendário, monumental convento onde passou a sua mocidade o futuro Príncipe do Brasil D. JOÃO VI, veio ao mundo

CARLOS CRAVEIRO LOPES

"Ilustre oficial da armada, nascido na cidade De Oeiras, então capital da província do Piauy, no Brazil, em 1807, e fallecido em 1865 no posto de Capitão de mar e guerra, commandante da fragata D. Fernando. Filho do valente militar HYGINO CRAVEIRO LOPES acompanhou seu pae nas campanhas travadas por occasião das luctas da independencia a que, por lealdade, não quiz adherir, e indo para Lisbôa estudou primeiro medicina e depois commércio, deliberando depois seguir os cursos da academia de Marinha, que completou com distinção em todos os tres annos. Embarcando na corveta Urania foi, com esse navio, aprisionado pela esquadra franceza do almirante ROUSSIN que então cruzava na costa de Portugal e bloqueava o Tejo por causa das dissenções havidas entre a França e o governo de D. MIGUEL. Mais tarde, achando-se em Brest, pronunciou-se, com a guarnição do seu navio, a favor da causa liberal, e indo apresentar-se, na Terceira, ao serviço da rainha, assistiu a todas as campanhas das ilhas, revelando logo o seu grande valor e prestando relevantissimos serviços. Desembarcando com D. PEDRO IV no Mindello, assignalou-se no Cerco do Porto, servindo depois, como immediato, a bordo do heróico brigue-escuna, Liberal, do commando do illustre marinheiro SOARES FRANCO. Finda a campanha, em que affirmou sempre a mais denodada valentia, commandou differentes navios, distinguindo-se como habilissimo manobrista. Notàvelmente se assignalou como commandante do brigue Vouga e da estação naval de Cabo Verde, como commandante da Corveta D. João I e da estação naval de Macau, em cuja qualidade combateu e destruiu em Ningpó a esquadra do famoso pirata APACK, como commandante das escunas Esperança, Nynpha, Conselho, do brigue Vouga, da corveta-fragata D. Fernando, do vapor Infante D. Luiz, etc. Na corporação da armada real portuguesa deixou um nome ilustre e honradissimo, pelo seu valor, pela sua energia, pelo seu patriotismo, pela sua pericia." (12)

Quatro longas colunas da mais elogiosa apreciação consagra-lhe também outro enciclopedista, *Pinheiro Chagas* no seu conhecido "Dicionário Popular" (de 1880, vol. 7) onde declara o articulista ter conhecido o ilustre militar "como seu comandante mestre e amigo".

De sua curta permanência no Brasil apenas se diz que acompanhou o pae nas lutas da Independência.

Como acompanhante, sim, apenas, mais talvez de que como combatente, dada a sua juvenilidade — 16 anos.

(11) Encyclopedia Portuguesa Illustrada Diccionario Universal, por *Maximiliano de Lemos* — Vol. 6 — V. Lopes.

(12) Maximiliano de Lemos — *Op. cit., eodem loco.*

Como quer que seja, não há, da parte dele, notícia de nenhum ato direto ou iniciativa própria contra a nossa Independência à qual, seguindo o pai, não quiz aderir, regressando a Portugal, talvez em companhia dos homens de FIDIÉ.

Se não podemos, assim, ter a satisfação de arrolar o seu nome entre os primeiros heróis da autonomia brasileira, é-nos, todavia, grato assinalar que, de volta ao Reino, poz o seu braço a serviço de D. PEDRO IV, fundador do Império Brasileiro, pugnando contra o absolutismo a favor do regime constitucional, herança do movimento nacionalista brasileiro.

Das cruentas lutas da Independência no Piauí registram-se documentos onde figura o nome de HIGINO XAVIER LOPES, assinando com numerosos outros habitantes um manifesto aprovando a política da Côrte portuguesa, [13] bem como, a seguir, conduzindo em companhia do Major FRANCISCO SALASAR MOSCOSO [14] 2.º Tenente de Artilharia FERNANDO LUIS FERREIRA, reforços de munições, fardamentos e dinheiro ao comandante FIDIÉ.

Não encontro, porém, vestígios de nenhuma iniciativa sua própria ou ato individual de hostilidade contra o nosso país nessa emergência em que, em meio a tantas indecisões que chegaram até a desnortear representantes nossos do mais alto valor como PARANAGUÁ, nas Côrtes de Lisboa, se limitou apenas ao estrito desempenho do seu dever militar.

Oeiras, Campo maior e Barras

Relevo especial merecem nestas páginas as já de portantos títulos históricas paragens de *Oeiras* e *Campo maior*.

Da primeira, já mais próximo de nós do que Alencastre, assim fala entre outros dados PEREIRA DA COSTA, na sua citada obra:

"Em virtude da Carta Régia de 29 de Julho de 1758, creando a capitania do Piaui independente da do Maranhão, foi a vila do Môcha, que então era a maior povoação da provincia, designada para séde do novo governo; e teve o título de cidade, pela Carta Régia de 19 de Junho de 1761, sendo o nome de Môcha mudado pelo de Oeiras, por ato do governador João Pereira Caldas, datado de 13 de Novembro do mesmo ano, sem dúvida em homenagem ao Conde de Oeiras depois Marquez de Pombal, que era Ministro e Secretário de Estado de El-Rei D. José I, Soberano reinante, em honra de quem impoz o governador à capitania o nome de S. José do Piauí."

Campo Maior, por sua vez, não ficou esquecido:

"A data da creação de sua freguesia é desconhecida; no entretanto, em 1713 já gosava de semelhante cathegoria, pois n'este ano o governador do estado do Maranhão, D. Christovão da Costa Freire, nomeou a Manoel Carvalho de Almeida, residente na freguesia de Santo Antonio de Surubim, em Campo maior, para exercer o cargo de comissário geral da cavalaria do Piaui, o que consta do arquivo da secretaria do Governo.

"Em 1761, já tinha um tabelião público, judicial e notas, e n'este mesmo ano entrou no exercício do cargo de Juiz de orphãos, o primeiro magistrado nomeado para tal fim.

"Em virtude da Carta Régia de 19 de Junho de 1761, foi a freguesia de Santo Antonio do Surubim elevada à categoria de vila, com o nome de Campo-maior, que lhe impoz o governador JOÃO PEREIRA CALDAS, tendo lugar o acto de sua instalação em 8 de novembro de 1762, pelo mesmo governador; e procedendo-se, no dia 11 imediato, à eleição dos membros do senado da Câmara da mesma vila, sairam eleitos: Antonio de Souza Carvalho, juiz Ordinário e presidente da Câmara; João Peres Nunes e José da Cunha Freire, vereadores; e Bernardo da Rocha Fontes, procurador; os quaes foram impossados no dia seguinte. A municipalidade possue um patrimonio de quatro leguas de terras em quadro, as quaes foram demarcadas em 1808 pelo ouvidor e corregedor geral, Dr. Henrique José da Silva, cujos marcos ainda existem.

"Chamada em sua origem povoação e freguesia do Surubim, por se achar situada à margem do rio d'este nome, tomou depois o de Campo maior, em virtude dos belos e extensos campos de mimosos, que possue, ornados de grandes carnaubaes."

Ao lado destas duas localidades, não pode deixar de figurar aqui *Barras* pela singular coincidência de ter sido ela o berço de tôda uma estirpe de patriotas ilustres também êles entre os que expuzeram pela pátria as suas vidas nos campos de batalha e que a serviram relevantemente nos labores da paz: Os PIRES FERREIRA a cuja linhagem se filia o ilustre presidente do IBGE organizador dêste trabalho. Cêrca de duzentas fichas, colhidas a talho de foice, entre os documentos da Secção Histórica do Arquivo Nacional, ilustram essa benemerência que

[14] Conf. Varnhagen — História da Independencia do Brasil — Vol. 173 — 1938 — pg. 511. — Rev. I.H.G.B.

compete a Barras, assim, na paz como na guerra, [15] retratada, há mais de setenta anos pelo mesmo inteligentíssimo escritor pernambucano.

Barras

"A povoação das Barras data de meiados do século passado, e teve por origem uma fazenda de criação de gado, chamada do Buritysinho. O Coronel Miguel de Carvalho Aguiar, natural da Bahia e um dos principais moradores do lugar, começou por êsse tempo a edificar uma capela sob a invocação de N. S. da Conceição, que ficou concluida em 1759, para a qual fez ele o respectivo patrimonio. Em 14 de julho de 1831, lançou o coronel José de Carvalho Almeida os fundamentos de uma nova egreja, sobre o local da antiga capela que para semelhante fim fôra demolido pelo estado de ruinas em que se achava, e deu-lhe mais vastas proporções e elegância de matriz, templo êste que foi aproveitado para servir quando a povoação foi elevada à freguezia.

Em 1802, só havia na localidade duas casas cobertas de telha e seis de palha, em 1809, constava apenas de uma meia duzia de casas de telha, todas dispersas e situadas na parte meridional do povoado; e cinco ou seis anos depois já notava-se, comparativamente, um notável aumento, pois construiram-se várias casas de melhor edificação, guardando-se então as necessárias disposições de alinhamento e arruamento.

Dirigindo-se a presidencia da provincia ao Governo Imperial, em ofício de 27 de setembro de 1826, pedindo a creação de uma freguesia no povoado das Barras e a sua elevação à vila, disse o seguinte: "A povoação das Barras é aformoseada pela natureza, com um rio abundante de peixe que vai lançar as suas aguas no caudaloso Parnahiba, com grandes matas que comprehendem varias feitorias de algodão, mandioca e outros gêneros, cujas madeiras, em sua maior parte, são cedros e outros páos de construção, além dos belos edificios e boa igreja, que a fazem digna de melhor sorte.

"Esta povoação dista da vila de Campo-maior 16 leguas; porém o seu distrito por essa parte excede a 30, que dificultam aos fazendeiros procurarem os recursos necessários onde existem as autoridades."

(15) Coleção Cisplatina — Graças Honorificas — Decretos Honorificos — Coleção de Portugal — Guerra do Paraguai — Diário Oficial — Decretos Militares — Decretos Gerais — Documentos Sobre a Confederação do Equador — Entrada de Estrangeiros — Desembargo do Paço — Casa Imperial — Registro Geral das Mercês — Socorros da Marinha — Ordem do Dia — Guerra da Triplice Aliança — Consulta de Guerra e Marinha — Diário do Exército — Almanaque da Marinha — Almanaque Militar — Coleção Doria — Coleção Duque de Caxias — Diários do Exército em Operação — Almanaque de Guerra — Biblioteca Nacional.

Uma fonte histórica quase inédita

Cingido a curto espaço que talvez já tenha excedido nesta Introdução, não podia, nem devia pretender apresentar nela uma resenha completa da bibliografia histórica piauiense, limitando-me apenas, como viu o leitor, a focalizar algumas das obras clássicas que mais de perto se coadunam com a índole especial do presente volume, onde muitas outras, antigas e modernas, poderiam, sem dúvida, ser com honra citadas.

Para compensar, entretanto, essa forçada restrição informativa, apraz-me, encerrando êste parágrafo, chamar a esclarecida atenção dos estudiosos para uma copiosa fonte documental, ainda inédita, e na sua quase totalidade desconhecida e inexplorada, existente no Arquivo Nacional. Refiro-me à vasta coleção, já por mim mandada classificar, da *Correspondência dos governadores do Piauí* com o Ministro do Reino e com o Ministro do Império, em 21 grossos volumes num total de 7.898 páginas. Representa a mesma um vasto repositório cujas peças virão deitar nova luz sôbre os principais sucessos da vida do glorioso Estado, num período de 73 anos.

Um memorável Sesquicentenário à porta

A festiva e brilhante jornada que através dos ares, conquistados por DUMONT e pela vez primeira navegados por SACADURA e GAGO, supérstite, êste último, ao seu glorioso feito, realiza ao Brasil um chefe de Estado Português, traz-nos forçosamente à memória aquel'outra que, século e meio atrás, entregue ao capricho dos ventos ponteiros, empreendeu, fugindo a toque de caixa com tôda a família real aos encarniçados inimigos de sua pátria, exposta ao furor deles, empreendeu ao Brasil o Príncipe D. JOÃO.

Em circunstâncias das mais calamitosas, buscou, além mar, o pai na casa grande do filho um asilo seguro que lhe preservou a existência.

Dessa primeira, trágica viagem que a segunda recorda e, até certo ponto, quanto aos seus benéficos resultados, completa, é que data modernamente, sem dúvida, a formação do mais forte vínculo espiritual e material da comunidade luso-brasileira.

"Sujeitam muitos ainda hoje à critica, por exemplo, o que êles chamam a indecorosa fuga de D. JOÃO. Lisboa, não raro, além do justo apoucado como literato pela critica zarolha de certos pigmeus do oficio, quasi invisiveis diante da imensidade gigantesca do seu nobre vulto, Lisboa teve, insistindo no assunto, argumentos desta envergadura:

"O Senhor D. JOÃO, não abandonou o Reino, Estabelecendo a Regencia dos Seis Delegados. Obrou com a prudencia de Constantino Magno, que, para melhor sustentar a magestade do Império, contra as trahições de rivaes, transpoz-se do Tibre ao Bosphoro, firmando A Sède do Trôno no melhor ponto do Hellesponto, fundando a Bizancio, deixando arvorada a Bandeira do Christianismo no Capitolio de Roma, Evitou o fado do ultimo Imperador bizantino, e do misero povo da sua Capital, que vendo os barbaros às portas de Constantinopla, esperou improvido que lhe arrancassem o diadema, para ser ludibrio dos invasores".... ([16])

"D. JOÃO, afinal, vingou-se. Tangido por BONAPARTE, veio, do outro lado do Atlântico, fundar um novo império, em cuja história política inaugurou uma época, pela extraordinária fecundidade dos seus benefícios, comparável, justamente, à época do Consulado em França.

([16]) Coleção *Correspondência dos Presidentes e Governadores do Piauí com o Ministério do Império.* — 19 volumes.

Vol. 1 — Anos de 1808 a 1818 — 327 pgs.
Vol. 2 — Anos de 1819 a 1821 — 383 pgs.
Vol. 3 — Anos de 1821 a 1824 — 336 pgs.
Vol. 4 — Anos de 1825 a 1829 — 350 pgs.
Vol. 5 — Anos de 1930 a 1934 — 347 pgs.
Vol. 6 — Anos de 1835 a 1845 — 429 pgs.
Vol. 7 — Anos de 1846 a 1852 — 443 pgs.
Vol. 8 — Anos de 1853 a 1858 — 374 pgs.
Vol. 9 — Anos de 1859 a 1861 — 429 pgs.
Vol. 10 — Ano de 1861 — 347 pgs.
Vol. 11 — Anos de 1861 a 1864 — 360 pgs.
Vol. 12 — Anos de 1865 a 1867 — 359 pgs.
Vol. 13 — Anos de 1868 a 1870 — 350 pgs.
Vol. 14 — Anos de 1870 a 1873 — 413 pgs.
Vol. 15 — Anos de 1874 a 1877 — 383 pgs.
Vol. 16 — Anos de 1877 a 1879 — 347 pgs.
Vol. 17 — Anos de 1880 a 1883 — 410 pgs.
Vol. 18 — Anos de 1884 a 1887 — 351 pgs.
Vol. 19 — Anos de 1888 a 1889 — 321 pgs.
Vol. 20 — Anos de 1850 a 1875 — 434 pgs.
Vol. 21 — Anos de 1876 a 1881 — 405 pgs.

Obs.: Os volumes de n.º 20 e 21 são de "Correnpondência da Tesouraria do Piauí com o Ministério do Império".

De um e de outro, datam, pode-se dizer, em ambos os países, o que têm de melhor, até hoje, as suas grandes instituições culturais. Por destino, por vocação, presagiada por seu próprio título nobiliárquico, foi D. JOÃO VI, verdadeiramente, o "Príncipe do Brasil" Monsieur du Brésil, como o alcunhou, na sua proverbial grosseria, o Marechal LANNES. ([17])

Poucos meses ainda e teremos chegado, a 22 de janeiro de 1958, ao sesquicentenário da Carta da Lei de 28 de Janeiro de 1808, assinada na Bahia pelo Príncipe Regente abrindo os portos do Brasil ao comércio de tôdas as nações amigas, carta esta que foi, pode-se dizer, a carta da independência de nossa pátria. Que ao comemorar-se essa efeméride reunidos num mesmo florão de glória os nomes do Cairú e do Príncipe D. JOÃO, pague o Brasil a Portugal uma dívida de gratidão erigindo na praça pública um monumento a Dom JOÃO VI.

([17]) Cfs. E. Vilhena de Moraes Prefacio in "Memoria dos Benefícios Políticos de D. João, por José da Silva. Lisboa. Rio, 1940.

APÊNDICE

Dada a relevância da obra histórica realizada, em relação ao Piauí, por Alencastre e Pereira da Costa, pôsto de manifesto pelas citações supra, colhemos a oportunidade para apresentar aqui, como pouco divulgado e de não fácil acesso, o ligeiro escôrço biobibliográfico dos dois ilustres escritores colhido nas fontes clássicas do Sacramento Blake e Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Instituto Arqueológico de Pernambuco.

Mais completa do que a de Sacramento Blake é a relação bibliográfica de Pereira da Costa, constante da supra citada Cronológica do Estado do Piauí.

"FRANCISCO AUGUSTO PEREIRA DA COSTA

Filho de Manoel Augusto de Menezes Costa e de dona Maria Augusta Pereira da Costa, nasceu a 16 de dezembro de 1851 na cidade do Recife, capital de Pernambuco, onde faz parte do funccionalismo publico e dedicou-se sempre ao estudo da historia patria. Por causa dessa dedicação foi pela administração da provincia incumbido de colligir no archivo da respectiva secretaria documentos de interesse historico para a exposição effectuada na biblioteca nacional do Rio de Janeiro, sendo louvado pelo modo por que satisfez semelhante serviço e foi depois incumbido de outras commissões do mesmo genero. E' membro do Instituto historico e geografico brazileiro, do Instituto archeologico pernambucano, da sociedade de Geographia de Lisboa, da sociedade Propagadora da instrucção de Pernambuco e da dos Artistas mecanicos e liberaes, a cujo lyceo prestou serviços. Escreveu:

— *Modesto monumento à memoria de Demetrio Acacio de Albuquerque e Mello.* Pernambuco, 1877, in-8.º.

— *Esboço biographico do desembargador Joaquim Nunes Machado.* Pernambuco, 1879, 16 pags. in-8.º.

— *Dicionario biographico de pernambucanos celebres.* Recife, 1882, 818 pag. in-4.º — Este livro foi recebido com bem merecidos elogios pela imprensa.

— *Discurso pronunciado na sessão magna do 41.º anniversario da imperial sociedade dos Artistas mecanicos e liberaes em 17 de dezembro de 1882 na qualidade de orador da mesma sociedade.* Recife, 18 pag. in-8.º.

— *Mosaico pernambucano:* collecção de exceptos historicos, poesias populares, anecdotas, curiosidades, lendas, antigualhas, uzanças, ditos celebres, ineditos, etc., tudo relativo à provincia de Pernambuco. Pernambuco, 1884, 263 págs. in-8.º.

— *Informações sobre as comarcas da provincia de Pernambuco;* organizadas em virtude do aviso-circular do Exm. Sr. conselheiro ministro da justiça, expedido em 20 de setembro de 1883, etc. Recife, 1884, 50 págs. in-4.º.

— *Noticia sobre as comarcas da provincia do Piauhy.* Theresina, 1885, 130 págs. in-8.º.

— *Pernambuco ao Ceará. O dia 25 de março de 1884.* Historico das festas celebradas por occasião da redempção da provincia do Ceará. Recife, 1884, in-8.º.

— *Relatorio em que se dá conta ao Exm. Sr. presidente da provincia da commissão de que fôra encarregado em 2 de março de 1886.* Recife, 1886.

— *A ilha de Fernando de Noronha.* Pernambuco, 188, in-8.º.

(in "Dicionario Bibliographico Brazileiro" de A.V.A.S. Blake, vol. II-1893, pág. 404/405).

"DISCURSO DO DR. ARTHUR MUNIZ, NO INSTITUTO ARQUEOLÓGICO DE PERNAMBUCO, NA SESSÃO DE INAUGURAÇÃO DO RETRATO DO DR. F. A. PEREIRA DA COSTA

Em 1884, quando era um simples empregado subalterno, e não tinha ainda conseguido a laurea de Bacharel em Direito, foi honrado com a confiança do cargo de Secretario da Provincia do Piauhy, em attenção ao seu "merecimento real".

Chegando em Theresina, toda a imprensa sem distincção de côr partidaria o recebeu condignamente, e entrando no exercicio de suas funcções houve-se no cargo com muita dignidade, lealdade e intelligencia, como disse o presidente da provincia Dr. Raymundo Theodorico de Castro e Silva na Falla de Abertura da Assembléa Legislativa Provincial em 1885.

Alli, de par com os trabalhos de subida responsabilidade de seu cargo, nao ficou inactivo durante o tempo que lhe sobejava.

Examinando todo o archivo da secretaria sob a sua direcção, completamente desorganisado, deu-lhe uma feição methodica, e separando todos os documentos de valor historico por elle encontrados, desde os primordios da capitania, os reuniu em uma secção especial, facilitando deste como ao futuro historiador o material necessario para qualquer trabalho historico sobre aquelle Estado.

Não satisfeito ainda, escreveu na imprensa daquella capital uma serie de artigos, entre os quaes, se notam os referentes ao facto da independencia do Piauhy, e ao fecundo governo de D. João de Amorim Pereira.

Incumbido pela presidencia, em satisfação de ordem do governo imperial, escreveu uma noticia sobre as comarcas da então Provincia, e colligiu os dados necessarios para um trabalho desenvolvido sobre a mesma, o que effectivamente tem concluido, sob o titulo de Chronologia historica do Estado do Piauhy desde os seus primeiros tempos até a proclamação da Republica.

Os serviços de Pereira da Costa á Theresina são inestimaveis, e nós esgotariamos a vossa paciencia.

Entretanto chegando a Pernambuco, e aguardando o despacho de uma commissao de caracter superior, cahio o partido liberal, e elle teve de voltar para o seu lugar na Secretaria do Governo, não sem algumas difficuldades, porque estava interinamente preenchido por um adversario, que se tornara situacionista.

E assim, quando acabava de exercer, na terra dos outros, um logar importante, voltava, por um desses revezes da sorte tão constantes na vida politica, a occupar em sua terra, o ultimo logar em uma repartiçao da mesma natureza!

A sua formatura em Direito era uma idéa fixa do seu espirito, os sonhos do seu velho Pae, de sua digna Companheira, e dos intimos.

Os obices espontavam sempre, pullulavam por todos os cantos, quando se lembrava dos cabellos brancos, do tratamento de doutor recebido de todos e que lhe tinha sido dado até officialmente por decreto imperial — assignando a sua exoneração de secretario da provincia do Piauhy — desanimava... e desanimava!

A reação se fez, felizmente, e o nosso Historiador entrou para a Faculdade, já conhecido no mundo das lettras, possuindo valiosos titulos litterarios, fazendo os exames do curso superior ao mesmo tempo, que seu filho de egual nome, prestava tambem exames do curso secundario!...

A 20 de Maio de 1891 recebeu o diploma de Bacharel em Direito, facto que mereceu ecomios da imprensa indigena, destacando se nesse côro de applausos A Provincia neste juizo franco e verdadeiro: "Durante o tirocinio academico, Pereira da Costa deu provas evidentes do seu amor ao estudo e habilitações, conquistando de mestres e collegas testemunhos de amizade e consideração."

Tinha trinta e nove annos quando transformou em realidade os sonhos dos seus pela voz do sangue e pelos élos do coração ..

. . . .

Deu-se na vida publica do Historiador Pernambucano uma interrupção, permeando a sua primeira e segunda nomeação, e neste espaço, frequentava assiduamente a Bibliotheca Publica e o Instituto Archeologico, que funcionavam nessa epocha no Convento do Carmo; e familiarisando-se com os membros dessa associação, que o consideravam pelo seu amor ás lettras, cujas locubrações a imprensa registrava, recebeu expontaneamente a nomeação de amanuense deste Instituto, cargo, que desempnhou até 1875, quando entrou para o funccionalismo publico.

No anno subsequente proposeram-n'o socio do Instituto, servindo de base de sua candidatura os trabalhos historicos já publicados, a partir de 1873, entre os quaes se destacam: Estudo historico e biographico do Padre João Ribeiro Pessôa, martyr da revolução de 17, Estabelecimento de typographia em Pernambuco, Cultura do Café em Pernambuco, Estudo sobre a Bibliotheca Publica, sendo a sua proposta approvada em 24 de Maio, tomando elle assento a 7 de Junho daquelle anno.

Em agradecendo a sua admissão, pronunciou um discurso, que mereceu os maiores encomios do jornalismo e dos belletristas, respondendo-lhe pelo Instituto o seu inesquecivel orador Maximiano Lopes Machado.

O discurso foi uma profissão de fé historica, digamos de passagem; maximé, attendendo a maneira pela qual considerou a dominação hollandeza e estudou o bello typo de Mauricio de Nassau, dispertando por isto uma acirrada polemica entre nós.

Ao transpor os umbraes deste templo — "como o moço Raphael subindo as escadas do Vaticano", baldo de pergaminhos recommendaticios que dão o cachet de capacidade, elle trazia apenas uma saccola atulhada de livros amassados por sua penna.

Aqui, depois de vinte e um annos de labor paciente e amoroso, a sua modestia em cujos folhos se esconde o seu merito, teve a certeza plena de ser elle um dos eleitos do Instituto com a publicação deste acto:

"— Propomos a elevação a socio benemerito deste Instituto ao Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa, justificando tal proposta com os diversos relevantes serviços prestados á esta associação pelo mesmo, notando de preferencia o descobrimento, em face de documento de fé, da sepultura do grande heróe João Fernandes Vieira quando o Instituto se empenhava e vacilava ácerca do local, depois de muitas perdidas pesquizas (Revista n. 34); ao exame dos archivos publicos de Olinda, por incumbencia do Instituto, (Revista n. 43), e ultimamente quando o então senador Federal Pernambucano, Dr. João Barbalho Uchôa Cavalcante, propunha na Camara a reivindicação de uma grande parte do territorio pernambucano, que provisoriamente fôra anexada á Bahia, pelo que este Instituto lhe conferio o titulo de socio benemerito. O valoroso serviço do Dr. Pereira da Costa, em nada menor ao daquele Senador, aliás em condições mais vantajosas para prestal-o em virtude do mandato de Senador, apresentando momentosamente o trabalho que conhecemos, já devidamente julgado com vantagem para o seu autor pela imprensa, — Em prol da integridade de Pernambuco, o qual foi um valiosissimo subsidio ao assumpto, um grande serviço prestado ao Instituto e tambem a este Estado. — Sebastião Galvão. — Alfredo de Carvalho. — Augusto Cesar. — Domingos Codeceira. — Francisco Luiz. — Luna Freire."

(In "Revista do Instituto Arq. de Pernambuco", Tomo X — pág. 343 a 347).

"JOSÉ MARTINS PEREIRA DE ALENCASTRE

No vigor da idade e no maior viço de seu talento cahiu para não mais levantar-se o nosso laborioso e prestante consocio i.é. José Martins Pereira de Alencastre.

A 19 de Março de 1831 nascêra elle na freguezia do Rio Fundo da provincia da Bahia a cuja capital foi levado para receber a instrução primaria e estudar humanidades: o brilho de sua intelligencia se manifestou desde logo igualado pelo fervor de sua aplicação; mas a pobreza dos pais não pôde satisfazer o empenho legitimo do amor, e o esperançoso estudante apenas esclarecido com algumas disciplinas preparatorias teve ainda muito jovem de ir pedir ao trabalho o pão quotidiano, e acanhados recursos para desenvolver suas faculdades na leitura e meditação do gabinete.

Na provincia do Piauhy, para onde lhe cumpriu partir, fôram bem depressa aproveitadas suas habilitações, e Alencastre successivamente serviu os lugares de promotor publico interino em Oeiras, de procurador fiscal da thesouraria, geral, de praticante supra-numerario da secretaria do governo, e por fim o de professor publico da lingua portugueza do Licêu da capital. Em Agosto de 1857 o nosso consocio almejando espaço mais vasto para os vôos do seu talento, veiu para a cidade do Rio de Janeiro, e em Outubro do mesmo anno obteve a nomeação de official de secretaria da intendencia da Marinha; apenas, porém, acabava de tomar posse do seu emprego, quando poucos dias depois foi despachado secretario do governo da provincia do Paraná, onde no anno seguinte recebeu o decreto, que o nomeava segundo official da secretaria do conselho naval então creado.

Secretario do governo da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul desde Abril de 1859 atê o fim de Janeiro de 1861, o prestimoso Alencastre é n'essa data incumbido de mais alta commissão pelo governo imperial que o noméa presidente da provincia de Goyaz, e dois mezes depois ainda o considera distinctamente designando-o, embora ausente, para chefe de secção da secretaria de Estado dos negocios da Agricultura, commercio e obras publicas n'esse anno instituida.

Deixando a presidencia de Goyaz por exoneração que solicitára, dedicou-se zeloso ao seu novo emprego, até que em 1866 foi d'elle distrahido para ir exercer a presidencia da provincia das Alagôas, que durante o seu governo teve a gloria de mandar para a guerra do Paraguay dois corpos com 116 praças, além de 60 outras destinadas á armada imperial. Um anno depois o nosso hoje finado consocio voltava para a capital do Imperio e recebia em premio de seus serviços a commenda da ordem de Christo.

De 1867 em diante, Alencastre consagrou-se exclusivamente ao dever cumprido escrupulosamente de empregado publico, ao amor da esposa, ao culto da amizade e ao estudo e trabalhos importantes que sem duvida apressáram-lhe a morte.

Legou a seus compatriotas utilissimo e eloquente exemplo do triumpho da applicação, da diligencia e da actividade: a historia de sua vida é uma voz que ensina e brada aos desanimados pela pobreza e pela humildade do berço: "Trabalhai! ... Aspirai! ... e subireis pelo merecimento! ... No Brasil não ha privilegios, nem pode haver illotas! O Brasil é da inteligencia que resplende, da

2 — 24 163

actividade laboriosa e honesta, que assegura a riqueza abençoada, e da honra e da virtude, que abrigam a profunda reverencia do proprio orgulho dos potentados, e tem altares na consciencia publica: não ha privilegios nem de opulencias, nem de fidalguias, e se houvesse alguns que no meio de seus concidadãos se presumissem de privilegiados por aquellas condições, seriam idolos de pés de barro só adorados por si mesmos, e em breve prazo sahiriam despedaçados ao impulso da igualdade dos direitos, e confundidos pelo escarneo geral.

Foi com a convicção d'esta verdade que Alencastre trabalhou, aspirou e subiu: de compleição delicada, de saude fraca, mas de vontade energica, seu espirito reagia sobre o corpo abatido, vencia, recolhia louros de victoria, exaltava-se com os triumphos; gastava, porém, demais a vida...

Um anno antes da morte, a morte se prenunciára mais ou menos proxima na molestia reconhecidamente incuravel e implacavelmente progressiva, e o sentenciado, com o açodamento de quem sabe que pouco tempo tem de seu, não fez questão de mezes, e trabalhou em dobro...

A morte, como que teve a seu modo piedade do martyr do trabalho, e na tarde de 12 de Março ultimo de subito poupou-o ao tormento de agonia longa, abrindo-lhe o céo á alma em instantaneo passamento.

(in "Revista Trimensal" do Instituto Hist. Geogr. do Brasil, pág. 410-412. Tomo — XXXIV).

A propósito do Major Higino Xavier Lopes e do seu Comandante, sargento-Mor João José da Cunha Fidié, nas lutas da Independência registram-se nas Cols. do Arquivo Nacional, os seguintes documentos:

— *Auto da instalação da Junta do Governo Provisório Capitania de S. José do Piauhy, realizada aos 24 de outubro de 1821, firmando sua fidelidade à Regenadora. Constituição Portugueza e entre os eleitores da mesma Junta. A pag. 123, consta o nome do major de Infantaria de Linha, Higino Xavier Lopes — L.º Governadores e presidentes do Piauhy — Correspondencia com os ministerios do Reino e Império.* Vol. 3 — 1821-24 — Arquivo Nacional — Sec. Administrativa.

— *Ata assinada pelo Presidente e mais membros da Junta Provisoria e administrativa do Governo Civil da Provincia do Maranhão, reunidos, afim de tomarem diversas deliberações para manter a segurança e a paz na dita Provincia. Da dita ata consta a cláusula 3.ª, que ordena a retirada do Comandante de Armas Major Fidie, cuidando da sua segurança e integridade.* Palacio do Governo de Maranhão — 15-7-1823 — C. Maranhão — L.º 4 — fls. 323 a 326.

Arquivo Nacional — Correspondencia do Maranhão — L.º 4 — fls. 232 a 326.

Índice Geral

ALFREDO JOSÉ PORTO DOMINGUES — Autor da parte física das Características Gerais e dos itens relativos ao relêvo das Regiões da Planície do Meio Norte e da Região dos Chapadões.

ELZA COELHO DE SOUZA KELLER — Autora da parte de Geografia Humana e Econômica e das Características Gerais e das Regiões da Planície do Meio Norte, da Região das "Cuestas" e da Região dos Chapadões.

Com a colaboração de:

CELESTE RODRIGUES MAIO — Autor da parte referente ao relêvo da Região das "Cuestas".

IGNEZ AMÉLIA LEAL T. GUERRA — Autora da parte referente ao Clima das três Regiões.

LINDALVO BEZERRA DOS SANTOS — Autor da parte referente à Conceituação e Delimitação do Meio Norte.

LUIZ DE AZEVEDO GUIMARÃES — Autor da parte referente à Vegetação das Regiões das "Cuestas" e Chapadões.

MANOEL MAURÍCIO DE ALBUQUERQUE — Autor da parte relativa ao Povoamento nas Características Gerais e das Regiões da Planície e das "Cuestas".

NELSON MOREIRA DA SILVA — Autor da parte referente à Vegetação da Região da Planície.

Contribuíram ainda na parte geográfica os seguintes geógrafos:

LILIA CAMARGO VEIRANO — Que coletou dados e informações sôbre as cidades de São Luís e Teresina.

MIRIAM GOMES COELHO MESQUITA — Que coletou dados e informações sôbre o babaçu.

E ainda os seguintes estagiários de geografia: JORGE XAVIER DA SILVA, ÍRIO BARBOSA, FANNY HAUS e M. THEREZINHA A. ALONSO.

Nas legendas das fotografias constam iniciais que representam o nome dos autores das fotografias e legendas, assim identificáveis:

ARIADNE SOUTO MAIOR — A.S.M.
CELESTE RODRIGUES MAIO — C.R.M.
ALFREDO PORTO DOMINGUES — A.P.D.
ÉLVIA ROQUE STEFFAN — E.R.S.
ELZA C. SOUZA KELLER — E.K.
ÍRIO BARBOSA — I.B.
JORGE XAVIER SILVA — J.X.S.
LILIA C. VERIANO — L.C.V.
MARIETA MANDARINO BARCELLOS — M.M.B.
NEY RODRIGUES INNOCENCIO — N.R.I.
THEREZINHA DE CASTRO — T.C.
MAURÍCIO COELHO VIEIRA — M.C.V.
MANOEL MAURÍCIO DE ALBUQUERQUE — M.M.A.
MARIA DA GLORIA C. HEREDA — M.G.C.H.
MARLY GUIMARÃES TAVARES — M.G.T.
TIBOR JABLONKY — T.J.
LUIZ GUIMARÃES AZEVEDO — L.G.A.
NELSON MOREIRA DA SILVA — N.M.S.

Quanto aos MAPAS MUNICIPAIS, colaboraram na sua execução:

Do Maranhão:

ÂNGELO DIAS MACIEL — Contrôle geral do desenho.

Dr. JOSÉ CARLOS PEDRO GRANDE — Revisão geral do desenho e da delimitação das divisas interdistritais e intermunicipais.

GERALDO SIMÕES SOUTO — Seleção da nomenclatura e delimitação das divisas.

Desenhistas que colaboraram na execução dos mapas:

ALFREDO DOS SANTOS CUNHA — A.C.
AMARO ALVES DE SOUZA — A.S.
ÂNGELO DIAS MACIEL — A.M.
ARI DE ALMEIDA — A.A.
DARLY STRAUCH — D.S.
FRANKLIN SARMENTO DE AGUIAR — F.S.
GENÉSIO CUNHA DE VASCONCELOS — G.V.
LÉO TORRENTS — L.T.
MÁRIO S. RODRIGUES — M.R.
MITSUKO SASSAKI K. M. GOMES — M.S.
MARTINHO C. C. CASTRO — M.C.
MYRTES A. DA NÓBREGA — M.N.
NAJEM RAMOS — N.R.
NEMÉSIO BONATES — N.B.
RONALDO GRAÇA VIANA — R.G.
SOLANGE T. SILVA — S.S.
ZULEIKA R. P. NASCIMENTO — Z.N.
WALDIR BARBOSA — W.B.

Os mapas municipais do *Estado do Piauí* foram planejados, compilados, atualizados os limites, desenhados e revistos sob a orientação do cartógrafo RODOLFO PINTO BARBOSA, com a colaboração de: na compilação, atualização dos limites e revisão de:

JOSÉ JOVINO SILVEIRA DE OLIVEIRA
GENY GOLDENBERG
RUBENS JORGE DE CAMPOS
VIRMAR RIBEIRO SOARES

No desenho, com as respectivas iniciais constantes do mapa:

ARGENTINO LUPI — A.L.
ARY DE ALMEIDA — A.A.
FRANK RONCESVALLES HOLMES — F.R.H.
RODOLPHO PINTO BARBOSA — R.B.
WALTER DE SOUZA MATTA — W.S.M.

PREPARO DOS MAPAS ESTADUAIS

JOSÉ OSWALDO FOGAÇA; RENÃ CORREIA DA SILVA; MARIA DJALMA DA SILVA; FERNANDO ALVES MOITAS; AMAURY BARROCAS.

ALCYON FONSECA DORIA; ANTÔNIO ALEXANDRE; ALDYR CARDOSO; EDMUNDO SACRAMENTO; NORMAN BISPO; MOACYR OLIVEIRA.

CEURIO DE OLIVEIRA; GELSON MENEZES DE AZEVEDO.

O MEIO NORTE

1. *Conceituação*

Durante longo tempo a conceituação do espaço geográfico pertinente ao Nordeste do Brasil tem oscilado entre o vale do Gurupi, nas lindes amazônicas e o vale do Paraguaçu, na Bahia.

Independente do problema da delimitação, tal oscilação tem implicado, mòrmente, ora na inclusão, ora na exclusão do Maranhão e Piauí do conjunto nordestino.

Essa diversidade, observada nas várias divisões regionais propostas para o Brasil, deixa entrever diferenças de aspectos entre o Nordeste tradicional e o grupamento Maranhão-Piauí.

Sem dúvida, a dificuldade na solução do problema tem residido na insuficiência dos elementos geográficos conhecidos a respeito daquelas duas unidades federadas. Por outro lado, a posição intermédia, dêsse território, entre o Nordeste pròpriamente dito, a Amazônia e as chapadas do Brasil Central e o fato de aí concorrerem características dessas três unidades geográficas vizinhas, contribuia para a diversidade na conceituação do Maranhão e Piauí como integrantes do Nordeste ou como entidade regional à parte.

É bem verdade que se vinha sentindo a tendência, e mesmo a necessidade, de consumar-se a separação do Maranhão-Piauí do conjunto nordestino, já indicada na divisão regional oficial, em vigor, sob a denominação de Nordeste Ocidental. Faltava, contudo, o lastro de um conteúdo de conhecimentos mais objetivos para dirimir possíveis dúvidas e decidir a questão.

Com efeito, embora se achem filiados ao Nordeste do Brasil por laços históricos de povoamento, por certas facilidades de circulação, pelo intercâmbio comercial e pela contigüidade da posição geográfica, havendo-lhes tais circunstâncias conferido um certo caráter de região complementar do Nordeste, já do ponto de vista físico o Maranhão e o Piauí não apresentam feições próprias, características, do Nordeste tradicional, entendido êste como se alongando do Ceará até o norte da Bahia. E, a animar essa distinção, já estudos geológicos batizavam a bacia sedimentar do Maranhão-Piauí com o nome sugestivo de Meio Norte.

Atualmente, graças às informações da mais recente bibliografia e aos dados obtidos em excursões também recentes, tornou-se possível aos estudiosos da geografia caracterizar, menos imprecisamente, o Meio Norte como unidade geográfica, distinta do Nordeste do Brasil.

Ao estabelecer-se a divisão do país segundo unidades geográficas, ditas "regiões naturais", foram as mesmas, em obediência à sistemática adotada para essa divisão, reunidas em grupos, formando conjuntos maiores, de menor teor de uniformidade e chegando até a fortes contrastes mas guardando, sem dúvida, um sentido de unidade. Tais grupos ou unidades maiores são as chamadas Grandes Regiões, em número de cinco, em que se divide costumeiramente o país.

A sistematização da divisão regional exigiu um critério para sua consecução.

O critério estabelecia para a distinção dos grandes grupos a consideração, sobretudo, dos fatos de ordem física, os quais podiam ser valorizados, no seu significado, pelos fatos decorrentes da atividade humana. Idêntico critério, e com maior rigor, presidiu à caracterização e conseqüente delineamento das regiões, unidades geográficas autônomas, componentes das Grandes Regiões grandes grupos).

Ao se cuidar do espaço geográfico interposto entre o Ceará e o Pará não foi possível, segundo aquêle critério, definí-lo como uma grande unidade geográfica face ao seu forte caráter de área de contacto e de mesclamento ou de transição entre grandes paisagens geográficas distintas.

Com efeito, não se poderia, tranqüilamente, filiar todo o território piauiense ao grupo nordestino nem tampouco integrá-lo no conjunto do planalto central. Do mesmo modo, o Maranhão como que se fraciona entre a Amazônia e o Brasil entral e se articula com o Piauí, parcialmente nordestino.

Semelhante indeterminação atesta o princípio de que a natureza não dá saltos e as paisagens geográficas não se justapõem segundo uma linha de junção e sim gradualmente, qual uma faixa — a faixa de transição. Lògicamente, nos contatos entre os grandes compartimentos regionais do país teriam lugar faixas de transição.

Tendo em vista a conveniência de não estabelecer número excessivo de regiões e a relativa estreiteza de semelhantes áreas, não foram as mesmas consideradas e os grandes grupos regionais foram delimitados segundo linhas convencionais.

No caso do Maranhão e Piauí, contudo, dada a relativa amplitude do território poder-se-ia considerá-los como um conjunto distinto, inspirando-se sua evidenciação na própria variedade e certa complexidade de aspectos.

Êsse caráter do seu conteúdo geográfico, que não justifica sua filiação a qualquer das grandes regiões do país torna-se, entretanto, a razão de ser da sua individualidade. Individualidade fundada antes num complexo conjunto de paisagens ainda mal definidas do que em unidades relativamente harmoniosas e bem distintas entre si.

Daí a tendência e a justificação para o reconhecimento de uma área geográfica intermédia, à guisa de transição, entre o Nordeste, a Amazônia e o Brasil Central. Essa área constituiria então o *Meio Norte*, denominação que deixa transparecer, repetimos, seu caráter intermédio e transicional. Não obstante, deduzidas as áreas com aspectos semelhantes das grandes regiões vizinhas, pode-se reconhecer a existência de áreas com paisagens peculiares, como por exemplo os babaçuais, ordinàriamente apresentados como das principais características do Meio Norte. Os ditos babaçuais, juntamente com a planície do golfão maranhense, as "cuestas" piauienses e as chapadas residuais do sul maranhense formam como que o núcleo ou a base da caracterização regional do Meio Norte, sem descaso das condições climáticas.

A Grande Região Nordeste é uma unidade caracterizada pela diversidade haja vista a meia dezena de regiões que a compõem. É, pois, uma constelação de regiões, algumas bem dissemelhantes, integradas entre si por fatôres de formação histórica, de contigüidade territorial e complementaridade econômica. É uma área complexa, às vêzes paradoxal, de contrastes que se integram. A própria subdivisão em Nordeste Oriental e Nordeste Ocidental, conforme a divisão regional vigente, confirma, mais uma vez, êsse caráter.

Quando se aborda o assunto dos contrastes geográficos do Nordeste vem logo à tona a comparação entre aquelas duas partes.

A primeira distinção, em escala macroscópica, é que o Maranhão e Piauí surgem como passagem para a Amazônia e o Centro-Oeste enquanto o Nordeste Oriental, que é o tradicional, apresenta-se bem definido, principalmente quanto ao clima.

Atentando-se mais a vista pode-se precisar melhor as diferenças.

Assim, do ponto de vista geológico, Maranhão e Piauí são por excelência áreas sedimentares ao passo que o Nordeste Oriental evidencia-se por uma estrutura cristalina antiga. Quanto ao relêvo, predominam no Maranhão e Piauí as linhas suaves, horizontais das planícies e chapadas maranhenses e do perfil sub horizontal das "cuestas" piauienses, ao passo que no Nordeste tradicional o relêvo é levemente ondulado e baixo, segundo a feição de superfícies aplainadas, com chapadas isola-

das e serras monoclinais, também isoladas, no estilo de montanhas-ilha (inselberg), quebrando a monotonia da planura. São perfís distintos, cuja morfogênese reside na ação das variações climáticas sôbre estruturas diferentes.

Climàticamente, o Meio Norte é mais chuvoso, com precipitações regulares (apenas no Piauí, em parte, nota-se a incidência da sêca) em contraposição ao clima semi-árido do sertão nordestino.

Ademais, quanto aos tipos de vegetação original e ao regime dos rios, pode-se reconhecer novas diferenças. No Meio Norte ocorrem os decantados cocais de babaçu (Maranhão), e os palmares de carnaúba, no Piauí, e os cerrados, tudo contrastando com a caatinga do sertão semi-árido. Os cursos d'água são perenes e utilizados na circulação regional ao passo que os rios sertanejos do Nordeste são intermitentes e de regime torrencial.

Econômicamente, o Meio Norte caracteriza-se pelo predomínio duma economia de coleta, baseada na obtenção da amêndoa, oleaginosa, do côco babaçu e na extração da cêra da palma da carnaubeira.

Já no vizinho Nordeste há maior diversificação e maior hierarquia.

No litoral, além de uma agricultura tradicional, permanente e desenvolvida, que sustenta a essencial indústria do açúcar, tem-se a obtenção do sal marinho e a nascente e promissora indústria do refino de petróleo. No interior, domina o cultivo de fibras e oleaginosas, bem como uma agricultura de subsistência precária, acanhada, sujeita às vicissitudes climáticas do sertão. E mais, a mineração e a criação de gado; esta, o fio condutor da conquista e povoamento do coração da Grande Região Nordeste.

Tal oposição de características leva a pretender-se, no presente volume, tão sòmente destacar, sob a denominação de Meio Norte, o conjunto correspondente ao Maranhão e Piauí, naquilo que de mais particular e característico possa oferecer.

2. *Delimitação*

Cuidando-se de uma região ou de um determinado território, como por exemplo o Meio Norte, logo se nos apresenta uma necessidade que é, na sua essência, um delicado problema geográfico, qual seja o da sua delimitação, a fim de melhor precisar a área de nossas cogitações.

Tratando-se de uma área-problema, de características indecisas na sua periferia, já se pode entrever a dificuldade na solução. Com efeito, a natureza não dá saltos bruscos, insistimos; as modificações da paisagem se operam segundo faixas ou zonas de transição. E neste fato reside uma dificuldade crucial para o geógrafo que, ao buscar a representação dos limites, se vê a braços com o problema de sintetizar a faixa de transição numa linha singela, bastante convencional, subjetiva.

Ao que parece, é na confrontação com a Amazônia — no noroeste do Maranhão — e no contacto com o Nordeste típico — nas lindes cearenses — que o esbôço dos limites se mostra menos difícil, menos inconsistente, menos subjetivo. O mesmo não sucede na parte meridional do Meio Norte, ao longo de um arco descrito desde um ponto a meio caminho entre as cidades maranhenses de Imperatriz e Pôrto Franco, às margens do rio Tocantins, até proximidades da cidade piauiense de Pio IX, perto da fronteira com o Ceará.

Tomando-se a Amazônia como sintetizada na Hiléia e sendo esta um fato concreto, bem definido, pode-se admitir como limite da Amazônia e, em conseqüência, início do Meio Norte, a fímbria da grande floresta ou o momento em que a selva maciça começa a se descaracterizar, a se fragmentar, embora guardando traços de sua individualidade. Deve valer, aqui, não mais o critério da estrutura biológica da Hiléia, apenas, mas sobretudo o da sua fitofisionomia. Ou melhor, a paisagem dominada pela presença da floresta amazônica.

A análise de fotografias aéreas (trimetrogon) tomadas a grande altitude (cêrca de 6 000 m) e vôos de reconhecimento, levados a efeito por geógrafos do Conselho Nacional de Geografia, permitiram fixar o contacto da floresta amazônica com as formações não florestais do Planalto Central em um ponto do Tocantins, a meio caminho entre Imperatriz e Pôrto Franco e daí por uma linha no rumo geral de W-E, numa distância não determinada.

Estudiosos, como Raimundo Lopes, A. J. Sampaio, Sílvio Fróis Abreu, Glycon de Paiva e outros, se bem assinalem a presença da Hiléia no Maranhão não acordam, claramente, quanto aos seus limites meridionais e orientais.

Contudo é significativa a insistência na menção ao rio Mearim como extremo oriental da formação hileiana.

Lúcio de Castro Soares, ao fixar os limites meridionais e orientais da ocorrência da floresta amazônica, louvando-se no exame de fotografias aéreas supracitadas e em trabalhos de outros autores, adota o rio Mearim como um dos trechos da demarcação da fímbria oriental da grande floresta equatorial brasileira. Apenas no trecho do chamado Golfão Maranhense não podemos aceitar a linha proposta por aquêle geógrafo. Preferimo-la mais retraída, a contornar pelo oeste a baixada maranhense e demandando a foz do rio Turiaçu.

A dificuldade mais real, na delimitação do Meio Norte, surge ao sul da orla da Hiléia. Como separar o restante do Maranhão dos domínios do Centro-Oeste?

Os chapadões característicos do Planalto Central estendem-se até o Maranhão formando a parte planáltica do sul dessa unidade federada. Sob a ação dos rios que demandam a planície maranhense, em busca do Atlântico, a frente dos chapadões foi desfigurada em inúmeros recortes interfluviais e, onde a erosão avançou mais, em chapadas isoladas, muitas já rebaixadas por processos posteriores, compondo-se um relêvo de testemunhos, de aspecto fragmentário, cuja fisionomia foge ao padrão dos extensos e maciços chapadões do Brasil Central.

Foi, pois, à falta de melhores elementos, admitida como separatriz do Meio Norte, uma linha que marcasse, teòricamente, a frente dissecada das chapadas centrais, dela separando aquêle relêvo fragmentário, de perfil tabular, incluído no domínio do Meio Norte.

Já no território piauiense o relêvo, a estrutura e os contrastes geológicos fornecem elementos que fundamentam a distinção do Meio Norte, embora no sul e sudeste o relêvo não favoreça uma separação nítida.

No Piauí predomina um relêvo de estrutura sedimentar como, de resto, no Maranhão, diferindo, porém, num aspecto particular. É que sendo o Meio Norte uma bacia sedimentar esta se apresenta com os bordos soerguidos no Piauí, segundo uma linha que se aproxima dos limites dêsse Estado com os do Ceará, Bahia e Goiás. Resulta, assim, um relêvo do tipo de "cuestas", cujo reverso mergulha em direção ao Parnaíba e as encostas íngremes, escarpadas, voltadas para fora da bacia sedimentar, são apelidadas de "serras" ao longo dos limites antes citados. Destas escarpas a mais importante é sem dúvida a chamada "serra" de Ibiapaba ou "serra" Grande, disposta em longa extensão entre o Piauí e o Ceará.

No sul do Piauí o relêvo de "cuesta" não é bem conhecido e os mapas registram o relêvo tabular da chapada das Mangabeiras. Sòmente a natureza geológica dos terrenos, à luz dos conhecimentos havidos, serve de apoio ao traçado do limite. A sudeste do estado, a superfície cristalina, aplainada, do Nordeste verdadeiro, penetra um pouco, confundindo-se com o perfil suave da superfície sedimentar da bacia piauiense. Nesta parte do Piauí a frente das "cuestas" recua para dentro do estado, segundo uma linha, mais uma vez teórica e que pretende coincidir, pelo menos, com o contacto geológico entre o escudo arqueano e as formações paleozóicas. Tal linha seguiria, aproximadamente, desde a cidade de Pio IX às nascentes do rio Piauí.

Por outro lado, os contrastes geológicos sublinham a separatriz do Meio Norte face o Nordeste tradicional. As rochas sedimentares, de um lado, e as estruturas cristalinas do escudo brasileiro, do outro, são evidentes numa carta geológica, logo ao primeiro exame. Constituem, êstes contrastes, a primeira evidência, a mais fácil, de que ao longo dêsses contactos defrontam-se dois domínios geográficos diferentes e mesmo opostos. A caatinga, vegetação peculiar ao sertão do Nordeste, como se detém ao longo do sopé da Ibiapaba a confirmar o fim do Nordeste pròpriamente dito. E o próprio clima semi-árido não se faz sentir no reverso da grande "cuesta". Neste ponto da delimitação estamos realmente entre duas paisagens distintas: o Nordeste tradicional, típico, inconfundível, a oriente. O Meio Norte, transicional, meio indefinido, a oeste.

Características Gerais

O MEIO NORTE distingue-se pela convergência de aspectos das três regiões vizinhas: a Amazônica, a Nordeste e a Centro-Oeste. Assim, enquanto a oeste existem áreas recobertas por florestas semelhantes à Hiléia, a leste, os rios secam, periòdicamente, apresentando um regime semelhante ao do Nordeste. A sudeste, a analogia se verifica no concernente à caatinga, cujo aparecimento foi favorecido pela presença de um clima semi-árido. Certos caracteres da região Centro-Oeste, como os chapadões que correspondem a planaltos tabulares, onde os divisores de água são muito rebaixados e de difícil identificação, ocorrem, freqüentemente, nesta zona. Aparece, também, a vegetação dos campos cerrados que ocupa grande área do estado do Piauí e do Maranhão, chegando a atingir os extremos setentrionais.

Quanto à geologia, o Meio Norte se apresenta como uma região perfeitamente individualizada, pois corresponde a uma grande bacia sedimentar delimitada a leste, a oeste e ao sul, em grande extensão, por rochas cristalinas, com um eixo NE-SW de aproximadamente 1.000 km por 700 km de largura. Seus contornos se evidenciam pela presença de uma formação nerítica que se traduz por conglomerados grosseiros e arenitos conglomeráticos, situados nas orlas da bacia. Alguns dêstes conglomerados podem ser nitidamente observados na Serra Grande. Repousam sôbre as rochas da série Ceará e ao sul assentam sôbre gnaisses e quartzitos nos arredores de Caracol e São Raimundo Nonato. A sudoeste, os limites da bacia estão bem mais distantes e se localizam nas margens do rio Tocantins, como assinalam o professor Odorico R. de Albuquerque e o geólogo Vitor Dequech. Supõem êstes autores que a bacia se estenda até os arredores de Pôrto Nacional onde aquela formação atravessa o Araguaia. Embora seu limite geológico esteja muito ao sul, a paisagem geográfica permite demarcar a grande região mais ao norte, pois aí se observam características típicas da região Centro-Oeste. A orla leste da bacia é delimitada pela Serra Grande, incluída numa faixa do estado do Ceará. Não há mais, na direção sul, escarpas enérgicas e a leste de Picos e Jaicós a transição da região sedimentar para a cristalina não é muito nítida, refletindo-se, sòmente, no detalhe dos perfís de encostas.

Nas proximidades de São Raimundo Nonato e Caracol, verifica-se que a delimitação da bacia corresponde a uma imponente escarpa, transformada em cópia grosseira dos limites meridionais do estado do Piauí. Em suma, as margens atuais da bacia se distinguem por apresentarem vertentes com encostas íngremes, no alto das quais aparecem terrenos sedimentares representados por arenitos — siltitos, folhelhos e conglomerados que repousam sôbre granitos e outras rochas do complexo cristalino. Pode-se incluir, também, algumas outras, possìvelmente, paleozóicas.

O embasamento da bacia não se mostra como uma superfície plana; observa-se um desnível acentuado para o seu interior e, outrossim, ondulações ao longo dos bordos. Assim, enquanto nos arredores de Buriti dos Lopes elas mal ultrapassam a 100 metros, em Viçosa atingem 700 e em Ipú, 375 metros. Já ao sul, o contato nos arredores de São Raimundo Nonato encontra-se próximo à cota de

500 metros. Tem-se, portanto, uma superfície levemente ondulada. As hipóteses para explicá-la serão estudadas na região das "cuestas".

A bacia sedimentar do Meio Norte se apresenta como uma grande geossinclinal de pouca profundidade, ultrapassando, raramente, a 1 000 metros. É constituída, em sua base, por sedimentos devonianos, os quais são representados por arenitos, folhelhos, siltitos e conglomerados levemente inclinados para o seu interior. Em virtude da alternância das rochas, a erosão colocou em evidência uma série de relêvos assimétricos com uma escarpa voltada, geralmente, para fora. Trabalhando ativamente êstes sedimentos, os rios adaptaram-se, surgindo rios conseqüentes importantes, tais como o Poti, o Piauí, o Canindé e outros subseqüentes, alguns dos quais surimpostos, correndo em terrenos cristalinos, nas depressões periféricas. Os rios Poti e Piauí apresentam amplas gargantas ao penetrarem na região sedimentar. Seus afluentes, deparando com linhas estruturais, trabalham ativamente, convertendo o relêvo original em uma série de chapadas e relevos monoclinais.

A bacia do Meio Norte iniciou sua formação no devoniano, quando se depositaram os sedimentos do devoniano inferior, representado pelos arenitos e conglomerados da formação Serra Grande. Determinou-se a idade dêsses sedimentos pela ocorrência de fósseis: Trilobitas, Braquiópodos e Lamelibrânquios, os quais permitem fixar a data do início da deposição sedimentar, quando ocorreu vultosa invasão marinha, em virtude da formação de uma grande sinclinal. Cortando êstes sedimentos, encontram-se alguns diques e verificam-se diversos "sills" de diabásio que têm grande importância regional provocando metamorfismo de contato e, além disso, influindo sôbre a economia regional, pois originam solos mais férteis.

Em alguns lugares há pequenas falhas cortando os sedimentos; não são, entretanto, de grande envergadura e, certamente, estão relacionadas às deformações sofridas pelos sedimentos. Tais linhas estruturais, bem como as diaclases, influem na direção da rêde hidrográfica e favorecem, sobremaneira, o trabalho erosivo dos rios, os quais, em certos lugares, puderam ampliar bastante suas bacias fluviais.

Grande foi o interêsse em estudar a geologia destas áreas, porque a observação da seqüência sedimentar mostrou a existência, em certas regiões, de uma série de transgressões e regressões e, outrossim, ora sedimentos terrígenos, ora, marinhos, presumìvelmente, da idade permo-carbonífera e devoniana. Êstes ambientes são favoráveis ao acúmulo de substâncias orgânicas que podem originar estratos de carvão de pedra. Sente-se, portanto, a possibilidade de sua existência, em grande escala, no Meio Norte. O Conselho Nacional do Petróleo, embora o pouco êxito de seu trabalho, tem desenvolvido, suficientemente, o estudo da geologia regional e as prospecções geofísicas, visando a pesquisa do petróleo.

Posteriormente à sedimentação das rochas devonianas e permo-carboníferas, deu-se, no jurássico, a exondação da região quando a área esteve sujeita à erosão. Iniciando-se no cretáceo nova sedimentação, êstes sedimentos mascararam grande parte dos terrenos antigos e recobriram uma região mais considerável no estado do Maranhão. São rochas pràticamente horizontais e de grande importância na fisiografia atual, por influírem nas formas tabulares das chapadas existentes ao sul do Maranhão e Piauí.

Ulteriormente ao cretáceo, a região foi exondada e, quando começaram a ser modelados os vales atuais, sofreu intensa erosão. Durante o terciário houve, ainda, abundante sedimentação das regiões mais baixas da planície maranhense, às expensas da erosão dos altos cursos dos rios.

As oscilações observadas no nível oceânico favoreceram o trabalho erosivo dos rios, tanto que, no quaternário, alguns rios esculpiram vales em níveis de base bem inferiores ao atual. Mais tarde, êles tiveram seu vale inferior inundado e uma abundante sedimentação nas embocaduras, formando-se as atuais baixadas.

No litoral, o trabalho regularizador dos mangues favoreceu em parte sua retificação, isto de maneira muito lenta, não podendo ser comparável àquele dos cordões arenosos e dunas. Em virtude desta diferença, temos um grande contraste entre o litoral maranhense situado a leste da capital do estado do Maranhão e o litoral ocidental: enquanto um surge com uma costa baixa, repleto de reentrâncias que muitas vêzes, correspondem a baías, o litoral ocidental é quasi desprovido delas, apresentando rios que, aí chegando, dificilmente alcançam o oceano.

Observando-se em conjunto o Meio Norte, constata-se a existência, em grande escala, de formas de relêvo e depósitos correlativos. Tais acidentes não podem todos ser explicados, ùnicamente, pelo clima presente, pois esta região, da mesma maneira que o resto do mundo, foi submetida a uma série

de climas bem diversos dos de hoje e que nos deixaram uma série de testemunhos. É necessário, portanto, ao interpretar a paisagem hodierna, penetrar no estudo dos sistemas morfoclimáticos do passado que nada têm de comum com o atual.

Sabe-se, que o aparecimento de diversos depósitos de canga surgem como verdadeiros chapéus de ferro, e a presença de seixos eolisados revelam a existência de um clima mais sêco do que o observado atualmente, cuja tendência é para um tipo mais úmido. A presença de "inselberge" em zonas, recentemente, mais úmidas, como acontece no Maranhão, indica igualmente alternância de climas. Cada vez se torna, portanto, mais evidente e necessário um estudo detalhado dos climas do passado a fim de se poder melhor compreender o modelado regional. A situação da região entre o nordeste sêco e a Amazônia favorece, sobremaneira, a ocorrência de depósitos correlativos, de climas ou muito sêcos ou úmidos. Sua interpretação trará grande contribuição para o estudo da morfologia brasileira.

Os climas úmidos recentes favoreceram ao trabalho de erosão mascarando os depósitos formados quando a região passou por um clima mais sêco. Há, entretanto, algumas formas de relêvo como "inselberge" com sedimentos bem caracterizados, tendo sido os testemunhos de épocas secas passadas destruídos, em grande parte, pelo clima úmido atual. Influiu, certamente, para que isto acontecesse, a fraca resistência do material à erosão, por tratarem-se de arenitos, xistos e outras rochas tenras. A sucessão de climas originou uma região com características próprias: a leste, nota-se estarem bem conservados os testemunhos de um clima mais sêco, sendo comuns as "rañas"; no Maranhão, tornam-se raras, existindo uma área de recente e abundante sedimentação, representada pelas atuais baixadas fluviais e marinhas.

O clima do Meio Norte distingue-se por apresentar duas zonas bem diversas quanto à precipitação: a área próxima à Amazônia é mais úmida, mostrando alguma semelhança com o clima da região Norte. Assim, tem-se no Maranhão precipitações regulares, recebendo ao norte influência das calmarias e ao sul e a oeste, da massa equatorial continental, responsável pelas chuvas de verão que predominam nêste estado e no Piauí. Caminhando-se em direção leste, observa-se que a pluviosidade diminui, acentuando-se, entretanto, o período sêco de inverno.

A sudeste da região, em uma faixa mais sêca, o clima é semi-árido. Tem-se, então, os mesmos problemas do Nordeste típico com secas ocasionais. Em conseqüência da menor umidade, há oscilações diárias de temperatura consideràvelmente maiores do que as verificadas no Maranhão, onde a umidade funciona como fator de regularização.

A vegetação reflete o solo, o clima e os paleoclimas que a região apresenta. A oeste, observa-se uma floresta equatorial que carece, em sua parte oriental, da pujança da floresta amazônica, não chegando a constituir embaraço à penetração humana. À floresta sucedem, a oriente, os campos cerrados e as matas ciliares que, ao se aproximarem da costa, se confundem com a floresta litorânea, adquirindo maior importância. Nesta região, as espécies vegetais da flora amazônica são variadas; sobressaem as palmeiras e, principalmente, os babaçuais que, embora em grande número, não podem caracterizar a região por ocuparem uma área menor do que pensam alguns autores: limitam-se às partes mais baixas, predominando nos lugares em que a mata primitiva foi devastada. Os campos cerrados estendem-se pelo estado do Piauí chegando até o norte, atingindo o município de Parnaíba e alcançando o Ceará, no topo da serra Grande.

A caatinga é mais freqüente a sudeste, na região de clima semi-árido; penetra até o centro sul do Piauí e apresenta, de um modo geral, um xerofilismo menos acentuado do que o encontrado no sertão nordestino. O contato entre estas formações vegetais nem sempre é simples, acontecendo haver numerosas áreas isoladas que surgem, no Meio Norte, como testemunhos de climas antigos.

Predomina na região, como conseqüência do clima, um tipo especial de formação florística. Favorecidas pelas condições do meio, estas espécies vegetais preservaram-se e, ainda hoje, permanecem vivas como testemunhos do passado. Tal é o caso da área dos arredores de São Luís.

A hidrografia reflete perfeitamente as condições climáticas: a oeste em clima mais úmido, os rios são perenes e a leste, intermitentes. Tem-se o Parnaíba servindo de limite entre os rios dos dois regimes. O fluxo regular dos rios é, em parte, garantido pelos solos permeáveis que permitem o armazenamento da água das chuvas. A leste, entretanto, registra-se uma umidade relativa mais baixa, o que ativa a evaporação fazendo desaparecer as águas durante a quadra sêca.

Os rios perenes constituíram no estado do Maranhão uma verdadeira rêde de estradas de

penetração contribuindo sobremaneira para o seu povoamento.

O povoamento do Maranhão e do Piauí teve um sentido geográfico de orientação diversa.

A ocupação do litoral maranhense, tendo como centro de irradiação a ilha do Maranhão, abriu aos primeiros povoadores os vales dos rios Mearim e Itapecuru, permitindo-lhes o acesso ao interior. Depois das tentativas efêmeras do estabelecimento humano, que redudaram nas fundações de Nazaré e da povoação francêsa de São Luís, o domínio lusitano pôde se estabelecer à beira mar e dali se expandir, lentamente, na direção sul. O curso do Itapecuru serviu de eixo de penetração, tendo sido o povoamento baseado essencialmente no aproveitamento agrícola. Para oeste, registrou-se uma ocupação norteada no sentido da coleta de produtos florestais como por exemplo o urucum, a baunilha, o cacau, o cravo do Maranhão e outras "drogas".

O sudeste do Maranhão recebeu povoadores que, ultrapassando os limites do atual Piauí, buscavam as zonas de campos necessárias à expansão da atividade criatória. A fundação de Pastos Bons, no século XVII, representa bem o dinamismo expansionista em que se conjugaram os esforços dos que subiam o Itapecuru e dos povoadores pecuaristas vindos da Bahia.

No Piauí, o devassamento e a exploração começaram pelo interior como um transbordamento da população baiana e, depois, da pernambucana. O expansionismo pecuarista, liderado por alguns sertanistas de contrato, palmilhou o vale sanfranciscano, atingiu os pastos piauienses e, mais tarde, até o extremo sul do Maranhão. Essa irradiação longínqua teve como centro dispersor o latifúndio dos Garcia d'Ávila e ligou, por muito tempo, a ocupação humana do Piauí às correntes sertanejas baianas. Por outro lado, imprimiu à economia do estado o caráter criador, que foi a nota mais sensível da produção local entre os séculos dezessete e dezenove. O vale do Parnaíba foi sendo ocupado de uma forma desordenada graças ao caráter extensivo da pecuária local, o que lhe permitiu fornecer povoadores que, ultrapassando o rio, atingiram o Maranhão.

A diretriz econômica que orientava a ocupação do território não permitiu o adensamento e a funcionalidade no estabelecimento dos núcleos urbanos. A criação de Teresina foi mais um ato corretivo que um reflexo real da situação demográfica piauiense.

A localização da primeira capital no sítio da atual Oeiras, a configuração geográfica presente do estado e a pequena faixa litorânea (obtida do Ceará. no século XIX) testemunham o sentido povoador da ocupação humana do Piauí. A própria aquisição de uma pequena faixa marítima não modificou essencialmente o aspecto comercial-demográfico do estado, onde Parnaíba e Luís Corrêa têm uma posição medíocre no cômputo geral piauiense.

Em ambos os estados, a composição étnica reflete a participação dos estoques raciais primitivos.

As populações indígenas, que ali habitavam, representavam os grupos tupi e gê. Mantiveram, com os colonos europeus e povoadores mestiços, alternativamente, fases de colaboração e de franca animosidade. Os primeiros, culturalmente prestigiados, pelo intercruzamento racial e pela catequese (o "nheengatu" elevado à "língua geral" foi um problema lingüístico até o século XVIII), participaram intensamente da vida econômica e do desenvolvimento demográfico iniciais do Maranhão. Revelaram-se excepcionais nas atividades errantes da coleta das "drogas do sertão" e da pecuária.

O gê, mais abundante nos sertões piauienses, revelou menor capacidade aculturadora incapaz de adaptar a sua pobre cultura às exigências do colono europeu. De uma alternância de massacres e lutas (os apelidos de "bárbaros" e "tapuias" indicam-lhe a irredutibilidade) foram sendo esmagados e dizimados pela expansão latifundiária da criação do gado. Puderam, então, os colonizadores firmar-se no Parnaíba e nas regiões banhadas pelos rios Canindé e Piauí.

Quando a economia agrícola excedeu os limites reduzidos da subsistência para assumir um caráter de exportação, o braço escravo, principalmente tupi, tornou-se imprescindível. Diante disso, as relações de grupo assumiram, na área maranhense, um aspecto de choque e de conflito violento a que a legislação hesitante da Metrópole e a intervenção jesuítica só ofereceram fracos paliativos.

Com a absorção gradativa das atividades coletoras pelas lavouras do açúcar, do algodão e, poteriormente do arroz, evidenciou-se a mediocridade da colaboração agrícola do indígena, introduzindo-se, como já se fizera em outras áreas do litoral nordestino, o africano.

O índio combatido e recalcado para o interior, refugiou-se nas áreas do sudoeste maranhense, quando não emigrou, em larga escala, para o vale amazônico. Seus remanescentes são ainda representados no estado, pelos timbiras, canelas, urubus,

tembés e craós. Sua participação na dinâmica atual da população maranhense é pouco expressiva.

A herança indígena apoiada pela larga mestiçagem colonial é ainda ponderável nos quadros culturais maranhenses, onde se implantou como um dos alicerces que permitiram a fixação da cultura européia. Nos dois primeiros séculos do povoamento, os representantes do complexo cultural euro-cristão estiveram em proporção minoritária diante da larga massa indígena.

Outro tanto não se deu no Piauí, onde os grupos gês permaneceram arredios e hostís. A existência de tipos humanos com características indígenas não pode ser atribuída a união direta com o índio. Antes, deve-se mais a participação de elementos caboclos vindos dos estados vizinhos, principalmente no período pecuarista e, mais tarde, quando a explotação da carnaúba se revelou uma atividade promissora. A tudo isto deve-se acrescentar a ausência de renovação migratória com elementos estranhos aos quadros luso-brasileiros.

O africano adensou-se à medida que a vida econômica o exigia. A sua importação continuada tornou-o um componente expressivo na população maranhense e o seu número permitiu à "Balaiada" assumir, embora, caòticamente, aspectos de reinvidicação social. Estreitamente ligado ao cultivo do algodão, da cana de açúcar e do arroz, o africano perpetuou-se na composição étnica maranhense, dentro e fora do seu grupo.

No Piauí, porém, a atividade criadora não fêz tão necessária a participação do escravo negro. Decorre, daí, a inferioridade numérica do elemento negro em relação ao cabôclo ou ao branco.

Êste, de origem predominantemente lusitana, estabeleceu-se no Maranhão e, em menor proporção, no Piauí. Vindo diretamente da Europa e atualmente em maior escala, dos estados vizinhos, mantém-se como um representante da cultura luso-brasileira que alí predomina absoluta, já que os elementos estrangeiros são insignificantes em proporção.

A maior proximidade de Portugal e o alheiamento do resto do Brasil, impôsto por condições geográficas (a criação do estado do Maranhão no século XVII é um fato muito expressivo), apoiaram uma corrente povoadora branca muito intensa. Houve mesmo um ensaio de colonização dirigida com a transferência, para o norte do Brasil, de vários casais açorianos. A origem lusitana e a lembrança muito próxima de preconceitos europeus permitiram a implantação de uma liderança social brancóide, apoiada na economia agrícola latifundiária e no comércio urbano. A influência do negociante português, poderosa ou suficiente para criar, no Maranhão, dificuldades ao movimento independentista brasileiro, ainda se mantém muito viva.

O têrmo "branco" adquiriu no estado uma significação social que excedia, de muito o sentido restrito de discriminação meramente racial. Conferia, por assim dizer, ao grupo de origem européia uma incontestável liderança sôbre a maioria populacional mestiça. Esta se mantém predominante uma vez que os afluxos imigratórios trazidos pela atração do babaçu e da carnaúba compõem-se de elementos rurais nordestinos ou paraenses.

Sòmente a inferioridade dos núcleos urbanos em face à maioria demográfica rural atenuou esta tendência discriminatória social pela estreita dependência, tão comum no Brasil, da cidade em relação ao campo.

Uma das características demográficas relevantes do Meio Norte é, sem dúvida, o largo predomínio da população rural sôbre a urbana. No estado do Maranhão, em 1950, 82,7% dos habitantes concentravam-se na área rural, enquanto no Piauí essa porcentagem elevava-se a 83,6%.

A predominância dos quadros rurais sôbre os urbanos que é uma característica demográfica brasileira encontra a sua máxima expressão no Meio Norte.

Outro fato que merece ser destacado é a pequena importância populacional dos núcleos urbanos interiores em relação às capitais. A desproporção é flagrante. A cidade de São Luís, que às suas condições de capital administrativa junta as funções de pôrto escoador dos produtos de exportação e principal centro comercial do estado, tem uma população que representa 29% do contingente populacional urbano de todo o estado maranhense.

No Piauí, onde se verifica o desdobramento das funções comerciais entre Teresina, capital administrativa situada no interior, e Parnaíba, concentradora do comércio de exportação por sua posição litorânea, observa-se que êsses dois centros urbanos somam 81.592 habitantes, o que representa 47,8% da população urbana das demais cidades piauienses.

Êste fato mais ressalta a pequena importância dos habitantes urbanos no conjunto do Meio Norte, onde a população rural com as atividades que lhe são próprias, domina largamente o quadro populacional e econômico da região.

O efetivo populacional do Meio Norte tem apresentado um crescimento lento, mas contínuo, fato que pode ser observado no seguinte quadro:

ESTADOS	POPULAÇÃO			
	1890	1920	1940	1950
Maranhão	430 854	874 337	1 235 169	1 583 248
Piauí	267 609	609 003	817 601	1 045 696

Sem bruscos aumentos populacionais, nem crises de despovoamento, os estados integrantes do Meio Norte apresentam um crescimento demográfico bastante equilibrado.

Os 2.628.944[1] habitantes da região apresentam-se muito irregularmente distribuídos, subsistindo vastas áreas pràticamente desabitadas, destacando-se, neste particular, as chapadas que se erguem no sul da região.

A densidade da população regional (4,46 hab./km^2) está bastante aquém da média brasileira (6,10 hab./km^2).

UNIDADES FEDERADAS	POPULAÇÃO (1.º-VII-1950)		Densidade de população (hab/km²)
	Absoluta (hab)	Relativa % do Brasil	
Maranhão	1 583 248	3,05	4,77
Piauí	1 045 696	2,01	4,15

No quadro contemporâneo da distribuição espacial dos habitantes rurais do Meio Norte verifica-se, ainda, como nos tempos coloniais, a influência preponderante da rêde hidrográfica, atraindo e fixando os povoadores rurais. Os rios permanecem como os fatôres maiores de adensamento dos habitantes, quer pela sua utilização como via de circulação, quer pelo aproveitamento para a prática agrícola das terras aluviais das margens.

Enquanto na zona das chapadas interiores, a fazenda de criação de gado constitui a unidade de povoamento responsável pela extrema dispersão dos habitantes, os maiores adensamentos populacionais correspondem às principais áreas agrícolas da região.

No Maranhão são nos cursos médio do Itapecuru, baixo e médio Mearim (onde se destacam Bacabal e Pedreiras), baixo Pindaré e na área de contato dos campos da baixada com as matas de oeste, que se concentra a mais densa população agrícola.

As imigrações de nordestinos (paraibanos, cearenses e riograndenses), para o Mearim e o Pindaré têm sido o fator maior do crescimento populacional dessa área, que hoje se destaca no quadro econômico regional como a mais próspera zona agrícola maranhense, fornecendo a quase totalidade da produção rizícola exportada pelo estado.

No Piauí, o rio Parnaíba com os seus afluentes, tem função semelhante de adensadores da população rural agrícola.

Esta influência da bacia hidrográfica do Meio Norte orientando e fixando a população rural, observa-se também quanto ao estabelecimento das aglomerações urbanas. A maioria das cidades meio-nortistas localiza-se à margem dos rios, tendo crescido quer como centros de convergência e escoamento dos produtos regionais (Floriano, Caxias, Barra do Corda), quer como pontos extremos da navegação fluvial (Colinas, Balsas).

A construção de vias terrestres de circulação veio, algumas vêzes, reforçar a função de entreposto já iniciada pela utilização da via fluvial, como aconteceu com Caxias em referência à Estrada de Ferro São Luís-Teresina e com Floriano pela construção da rodovia que a liga com o Nordeste Oriental.

O Meio Norte tem na economia de coleta, da qual se destaca a explotação do côco babaçu e da cêra de carnaúba, uma das suas maiores fontes de renda.

Na evolução econômica do estado maranhense nos últimos cinqüenta anos o fato capital foi a intensificação da explotação do babaçu. A sua produção passou de 1.607 toneladas em 1915-16 para 66.239 em 1955[2]. Êsse valor representa cêrca de 90% da produção total brasileira e quasi cem por cento do valor da produção extrativa do estado.

Apesar de haver também exploração do babaçu no Piauí, os maiores babaçuais encontram-se no Maranhão. Dos 14 milhões de palmeiras calculadas para os dois estados do Meio Norte, 10 milhões pertencem ao Maranhão.

De produto quase desconhecido, no princípio do século, o babaçu é hoje um dos principais artigos de exportação do Maranhão, constituindo a sua explotação o meio de vida de numerosa população

[1] Censo Demográfico, 1950.

[2] Anuário Estatístico do Brasil — I.B.G.E. — 1956.

rural. Atualmente compete êle com o arroz como produto de maior valor de produção do estado. Em 1955, o valor da produção em Cr$ 1.000,00 de babaçu foi de 416.362 e a de arroz 513.127 [3].

Também no comércio de exportação maranhense, verifica-se a competição entre êsse produto extrativo e o arroz, que desde os tempos coloniais é um dos principais produtos agrícolas locais.

A entrada do babaçu no mercado exportador se fêz modestamente na primeira década dêste século. Com uma produção cada vez maior, êle se destinava, sobretudo, ao mercado internacional onde se destacavam os compradores europeus: Alemanha e Dinamarca. A partir de 1935, aparece o mercado norte-americano a dominar o comércio externo pelos preços mais vantajosos.

Nessa época, a produção do babaçu sofria as flutuações decorrentes de sua condição de produto destinado ao mercado internacional. A baixa de cotação do babaçu que competia com outros produtos oleaginosos, sobretudo a copra, coincidia com a menor exportação.

Após o término da Segunda Guerra Mundial, o mercado interno se firmou como o principal consumidor da amêndoa do babaçu maranhense. Êste fato foi devido ao desenvolvimento da indústria nacional de aproveitamento daquele produto, sobretudo, em São Paulo e Rio de Janeiro. Com o domínio do mercado interno no comércio do babaçu a sua produção tornou-se mais regular pelo fato de não estar mais sujeito à competição de outras oleaginosas e de ter um consumo garantido.

A industrialização do babaçu na região limita-se a pequenas e mal equipadas fábricas de óleo, destinado quase exclusivamente ao consumo regional.

Ao contrário do babaçu que apresenta uma produção sempre crescente, tem-se verificado nos últimos anos uma diminuição apreciável na produção da cêra de carnaúba, outro produto extrativo de importância na economia do Meio Norte. Êsse decréscimo verifica-se não sòmente no Piauí, como nos demais estados produtores. A produção nacional diminuiu de 12.583 toneladas em 1951 para 5.606 em 1955 [4].

A concorrência de produtos sintéticos possìvelmente não é estranha a essa baixa de produção de cêra que se traduz em menor consumo. A diminuição da procura externa refletiu-se na baixa da produção, visto que o mercado interno é, ainda, insuficiente para manter a produção em níveis mais altos.

Da explotação da palmeira babaçu e da cêra de carnaúba vive numerosa população rural, que dado o primitivismo das formas de trabalho, não dispondo de terras próprias e, por isso, sem apêgo a elas, está em constante trânsito de uma região para outra. Subalimentada, sem instrução, vivendo em péssimas condições higiênicas, essa população tem um baixíssimo nível de vida.

Os problemas sócio-econômicos do Meio Norte rural agravam-se com o isolamento determinado pela deficiente rêde de circulação.

As vias fluviais, nas condições atuais, não mais são suficientes para atender às exigências de uma economia em expansão. No campo ferroviário apenas duas estradas de ferro servem a região: a São Luís-Teresina, que liga as duas capitais estaduais do Meio Norte e a Estrada de Ferro Central do Piauí que liga Parnaíba à cidade de Piripiri. Ambas de pequena extensão e com material rodante deficiente não podem atender às necessidades regionais.

As rodovias recentemente construídas no Piauí pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas, ligando Teresina e Floriano ao estado do Ceará, e a capital piauiense a Parnaíba, têm sido fatôres importantíssimos de revigoramento na economia estagnada da metade norte do estado. As facilidades de escoamento dos produtos, o desenvolvimento do comércio e as possibilidades de industrialização decorrentes da abertura dessas vias de circulação terrestre traduzem-se na paisagem regional por u'a mais intensiva utilização da terra, pelo crescimento das cidades e pela melhoria nas condições de vida dos habitantes rurais e urbanos.

O Maranhão, ainda, não sentiu o influxo renovador da estrada de rodagem, pois, na parte central apenas a área de Codó, Pedreiras e Bacabal liga-se a São Luís por rodovia. Outra zona restrita também servida por estrada de rodagem é a de sudeste do estado: Mirador, Colinas, Pastos Bons, São João dos Patos, a qual se liga com Floriano no Piauí. A atividade agrícola muito se desenvolve nas áreas citadas pelas possibilidades que se abriram ao comércio interestadual. No entanto, o problema do transporte ainda surge como o obstáculo máximo ao desenvolvimento econômico e ao aproveitamento dos

[3] Op. cit.
[4] Anuário Estatístico do Brasil — I.B.G.E. — 1955 e 1956.

recursos naturais de todo o vasto sul piauiense e do estado do Maranhão em sua quase totalidade.

Ao estudar-se as paisagens regionais, o Meio Norte será dividido em três regiões: planície, "cuestas" e chapadões.

Constituída por uma zona baixa, a planície é desprovida de acidentes de relêvo proeminentes justificando-se, portanto, sua denominação. Estende-se pelo Maranhão e Piauí, ocupando pequena área dêsse último estado.

A leste, estende-se a região das "cuestas", caracterizada pelo seu relêvo monoclinal que distingue grande parte do Piauí.

Penetrando mais ao sul no domínio dos chapadões — dissecados em mesa, chega-se, finalmente, àquelas formas extensas e monótonas de divisores imperceptíveis que marcam a transição para a região Centro-Oeste.

Traçar um limite entre a planície e as outras zonas é relativamente fácil mas, fazer o mesmo entre as "cuestas" e os chapadões ocasiona sérias dificuldades, por surgirem vários problemas de difícil solução. Verifica-se igual embaraço no contato da região Amazônica com o Meio Norte: forma-se uma longa faixa de transição, de localização imprecisa, apresentando a vegetação características amazônicas, embora haja outros aspectos que se assemelham aos da planície do Meio Norte. Sòmente um longo e acurado estudo poderá indicar com precisão os limites dessa área.

Cada uma dessas regiões será estudada focalizando os seus aspectos geográficos característicos.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA
DIVISÃO DE GEOGRAFIA
MEIO NORTE
DIVISÃO EM REGIÕES NATURAIS
SÃO LUÍS
PARNAÍBA
TERESINA
CONVENÇÕES
CUESTAS
PLANÍCIE
CHAPADÕES
Limite Estadual
Limite entre as antigas grandes regiões
Limite da região Amazônica que figura no Vol. I
ESCALA
50 0 50 100 150 200 250 300 350 km
50°
48°
46°
44°
42°
40°
38°
0°
2°
4°
6°
8°
10°
12°

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA
DIVISÃO DE GEOGRAFIA
SEÇÃO REGIONAL NORDESTE
MEIO NORTE
MAPA HIPSOMÉTRICO
RIO GURUPI
RIO PARNAIBA
LEGENDA
0 a 200 m
200 a 400 m
400 a 600 m
600 a 800 m
ESCALA
50
0
50
100
150 km

I. B. G. E.
CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA
DIVISÃO DE GEOGRAFIA
SECÇÃO REGIONAL NORDESTE
MEIO NORTE
MEIO-NORTE
RELÊVO
CONVENÇÕES
"Cuestas"
Chapadões
"Inselberg"
Planicie
Areia
Campos
ESCALA
Organizado por Celeste Rodrigues Maio
Desenhado por Martinho C. Castro

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA
CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA
DIVISAO DE GEOGRAFIA
SECAO REGIONAL NORDESTE
MEIO NORTE
TIPOS DE CLIMA
(SEGUNDO KÖPPEN)
OCEANO ATLÂNTICO
TURIAÇU
SÃO BENTO
SÃO LUÍS
LUÍS CORREIA
CHAVAL
VIÇOSA DO CEARÁ
TIANGUÁ
UBAJARA
IBIAPINA
PÔRTO
BATALHA
PIRACURUCA
SÃO BENEDITO
GUARACIABA DO NORTE
COROATÁ
BARRAS
PIRIPIRI
PEDRO II
IPUEIRAS
UNIÃO
JOSÉ DE FREITAS
CAMPO MAIOR
CAXIAS
TERESINA
ALTO LONGÁ
CASTELO DO PIAUÍ
IMPERATRIZ
BARRA DO CORDA
GRAJAÚ
AMARANTE
VALENÇA DO PIAUÍ
FLORIANO
PIO IX
OEIRAS
PICOS
CAROLINA
JAICÓS
SIMPLÍCIO MENDES
PAULISTANA
SÃO JOÃO DO PIAUÍ
SÃO RAIMUNDO NONATO
RIO GURUPI
RIO TURIAÇU
RIO PERICUMÃ
RIO PINDARÉ
RIO ZITIUA
RIO GRAJAÚ
RIO MEARIM
RIO MUNIM
RIO PARNAÍBA
RIO ITAPECURU
RIO ALPERCATAS
RIO POTI
RIO SAMBITO
RIO DAS BALSAS
RIO PARNAÍBA
RIO URUÇUÍ PRETO
RIO GURGUÉIA
RIO ITAUEIRA
RIO PIAUÍ
RIO CANINDÉ
RIO ITAIM
CONVENÇÕES
Aw
Aw'
BSh
Limite das Regiões
ESCALA
ORGANIZADO POR: IRNEZ TEIXEIRA GUERRA
DES. RONALDO VIANA

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA
CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA
DIVISAO DE GEOGRAFIA
SECAO REGIONAL NORDESTE
MEIO NORTE
MAPA ESQUEMÁTICO DA VEGETAÇÃO
SÃO LUÍS
PARNAÍBA
TERESINA
CONVENÇÕES
FLORESTA EQUATORIAL
MATA (COM CARÁTER DE TRANSIÇÃO)
CAATINGA
CERRADO
CAMPOS
MANGUESAIS
VEGETAÇÃO DE RESTINGA
LIMITE DUVIDOSO
ESCALA
50 0 50 100 150 km
ORGANIZADO POR: NELSON MOREIRA DA SILVA
DESENHADO POR: NÁJEM RAMOS SIMÕES
(NO PRESENTE MAPA FORAM ABSTRAÍDAS AS ÁREAS DE CULTURA ATUAIS E ABANDONADAS) _1957_

I. B. G. E.
CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA
DIVISÃO DE GEOGRAFIA
SECÇÃO REGIONAL NORDESTE
MEIO NORTE
ATIVIDADES ECONÔMICAS
CONVENÇÕES
Áreas agrícolas
Áreas de criação de gado bovino
Arroz
Algodão
Cana de açucar
Mandioca
Agricultura de subsistência
Carnauba
Babaçu
Farinha de mandioca
Beneficiamento de arroz
Beneficiamento de algodão
Beneficiamento de arroz - Principais centros
Beneficiamento de algodão - Principais centros
Oleo de babaçu
Rapadura e aguardente
Tecidos
Diamante
Sal
Pesca
Areiais
Mangues
ESCALA
Organizado por: Myriam G. C. Mesquita
Desenhado por Nemesio Bonates
1957

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA
DIVISÃO DE GEOGRAFIA
SEÇÃO REGIONAL NORDESTE
MEIO NORTE
VIAS DE TRANSPORTE
OCEANO ATLÂNTICO
PARÁ
MARANHÃO
PIAUÍ
CEARÁ
PERNAMBUCO
BAHIA
GOIÁS
CONVENÇÕES
Rodovias pavimentadas
Rodovias
Estradas temporárias
Rios Navegáveis
Ferrovias
ESCALA
ORGANIZADO POR NEY R. INNOCENCIO
DES. FRANKLIN S. DE AGUIAR

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA
DIVISÃO DE GEOGRAFIA
SEÇÃO REGIONAL NORDESTE
MEIO NORTE
TRÁFEGO AÉREO
OCEANO ATLÂNTICO
SÃO LUÍS
TEREZINA
CAROLINA
PARNAÍBA
CODÓ
CAXIAS
FLORIANO
IMPERATRIZ
GRAJAÚ
BARRA DO CORDA
BALSAS
BENEDITO LEITE
ALTO PARNAÍBA
GILBUÉS
PICOS
JAICÓS
URBANO SANTOS
CHAPADINHA
BREJO
COELHO NETO
CURUPURU
S. BENTO
CONVENÇÕES
Até 2 viagens
3 a 5
6 a 11
17
22
32
ESCALA
ORGANIZADO POR: NEY R. INNOCENCIO
DES. RONALDO

MARANHÃO
(REGIÃO NORDESTE)
CONVENÇÕES
Capital
Cidade
Vila
Limite interestadual
Estrada de ferro
Estrada de rodagem
Escala 1:2 500 000
48°
46°
44°
42°
2°
4°
6°
8°
10°
OCEANO ATLÂNTICO
PARÁ
GOIÁS
PIAUÍ
SÃO LUÍS
Carutapera
Cândido Mendes
Turiaçu
Guimarães
Cururupu
Santa Helena
Alcântara
Pinheiro
Bequimão
Peri-Mirim
São Bento
São Vicente Ferrer
Cajapió
Matinha
Penalva
Viana
Cajari
Monção
Vitória do Mearim
Arari
Anajatuba
Pindaré-Mirim
Icatu
Axixá
Morros
Rosário
Itapecuru-Mirim
Cantanhede
Primeira Cruz
Humberto de Campos
Barreirinhas
Tutóia
Araioses
Urbano Santos
São Benedito do Rio Preto
São Bernardo
Magalhães de Almeida
Santa Quitéria do Maranhão
Vargem Grande
Chapadinha
Brejo
Buriti
Vitorino Freire
Lago da Pedra
Bacabal
Ipixuna
Pedreiras
Coroatá
Timbiras
Codó
Duque Bacelar
Coelho Neto
Caxias
Esperantinópolis
Dom Pedro
Timon
Tuntum
Presidente Dutra
Imperatriz
Barra do Corda
Grajaú
Amarante do Maranhão
Montes Altos
Sítio Novo do Grajaú
São Domingos do Maranhão
Buriti Bravo
Parnarama
Matões
Colinas
Passagem Franca
São Francisco do Maranhão
Porto Franco
Presidente Vargas
Mirador
Paraibano
São João dos Patos
Pastos Bons
Barão de Grajaú
Nova Iorque
São Raimundo das Mangabeiras
Loreto
Sambaíba
Benedito Leite
Carolina
Riachão
Balsas
Alto Parnaíba
RIO TOCANTINS
RIO PARNAÍBA
C.N.G./DC - 1957

PIAUÍ
(REGIÃO NORDESTE)
CONVENÇÕES
Capital
Cidade
Vila
Limite interestadual
Estrada de ferro
Estrada de rodagem
Escala 1:2 500 000
OCEANO ATLÂNTICO
Luís Correia
Parnaíba
Buriti dos Lopes
Cocal
Luzilândia
Matias Olímpio
Esperantina
Pôrto
Piracuruca
Batalha
Miguel Alves
Barras
Piripiri
Pedro II
União
José de Freitas
Campo Maior
Altos
TERESINA
Alto Longá
Castelo do Piauí
Beneditinos
São Miguel do Tapuio
Água Branca
São Pedro do Piauí
São Félix do Piauí
Palmeirais
Angical do Piauí
Elesbão Veloso
Pimenteiras
Regeneração
Amarante
Valença do Piauí
Inhuma
Guadalupe
Floriano
Pio IX
Nazaré do Piauí
Oeiras
Jerumenha
Picos
Fronteiras
Uruçuí
Itainópolis
Jaicós
Ribeiro Gonçalves
Bertolínia
Itaueira
Simões
Simplício Mendes
Conceição do Canindé
Canto do Buriti
Paulistana
São João do Piauí
Cristino Castro
Bom Jesus
São Raimundo Nonato
Santa Filomena
Caracol
Monte Alegre do Piauí
Gilbués
Curimatá
Parnaguá
Corrente
MARANHÃO
CEARÁ
PERNAMBUCO
BAHIA
GOIÁS
SERRA GRANDE
ARARIPE
CHAPADA DO
SERRA DOS DOIS IRMÃOS
SERRA DO CARACOL
SERRA DO URUÇUÍ
CHAPADA DAS MANGABEIRAS
Serra Grande
Rio Parnaíba
Rio São Francisco
46°
44°
42°
4°
6°
8°
10°
W. Gr
C.N.G./DC - 1957

I

PLANÍCIE DO MEIO NORTE

3 — 24 163

COMPREENDE esta planície a porção norte oriental da região em estudos, o "Meio Norte".

Apresenta-se bastante ampla, estendendo-se desde a foz do rio Turiaçu até os limites do Piauí com o Ceará.

Ao sul, confronta-se com a região amazônica. Seus limites correspondem a uma linha que inclui, no Meio Norte, as cidades de Pinheiro, Pindaré, Vitorino Freire e Lago de Pedra. Mais abaixo, ao sul, as cidades de Barra do Corda e Buriti Bravo marcam o contato com a região das chapadas, marcado pela presença dos primeiros remanescentes daquele relêvo tabular.

A leste, a planície penetra em território piauiense, até encontrar os

Município de São Luís — Maranhão *(Foto C.N.G. 3481 — T.J.)*

Aspecto do litoral na ilha de São Luís, no Maranhão. A plataforma de abrasão corresponde à Ponta da Areia que faz parte do nível de 30 metros, dominante na ilha. O trabalho das vagas de encontro a êsse pontão rochoso modelou uma "falésia" cujo solapamento nos arenitos terciários, fá-la recuar gradativamente.

Em último plano, na foto, percebe-se a repetição do mesmo modelado.

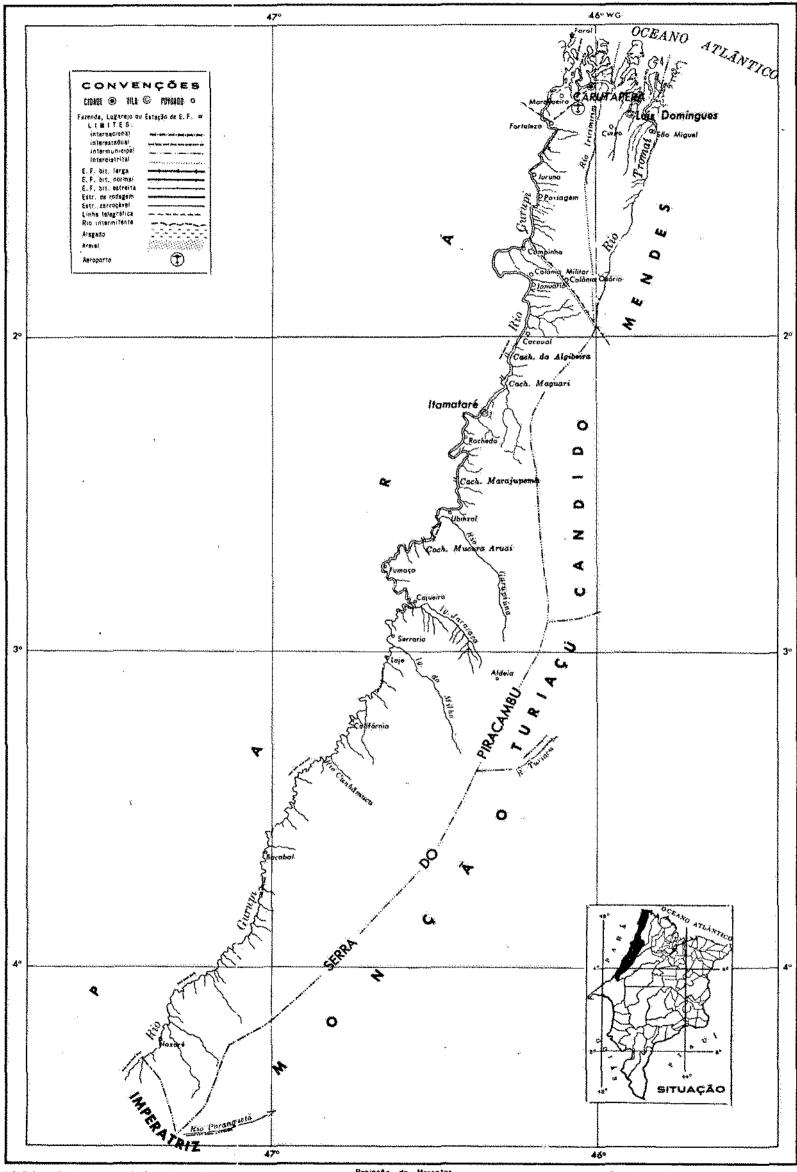
A oscilação da maré proporciona, quando da baixa-mar, o aparecimento dos sedimentos flúvio-marinhos, representado pela vasa.

Trata-se, por conseguinte, de uma paisagem costeira característica de sedimentação cenozóica, em constante modificação. *(Com. C.R.M.)*

primeiros reversos das formas monoclinais da região das "cuestas", incluindo parte dos municípios de Batalha e Barras. Nas proximidades de Palmeirais já se entra, novamente, no domínio das chapadas.

A paisagem da planície do Meio Norte apresenta aspectos variados: litoral baixo, muito recortado, com largos estuários e crivados de lagoas; para o interior uma região rebaixada, alagadiça, recoberta por uma vegetação campestre — o golfão maranhense.

A êstes aspectos sucedem-se os tabuleiros elevados de algumas dezenas de metros sôbre a superfície dos campos. Dominando êste nível dos tabuleiros surgem relêvos residuais, de pequena altitude.

No exame da faixa litorânea, verifica-se, a oeste, a presença de um litoral baixo, muito recortado, podendo-se verificar, ainda hoje, o trabalho de colmatagem da vasa que transforma as áreas marinhas em regiões continentais. Em razão de sua topografia, pouco acidentada, estas zonas são recobertas, em quase totalidade pela gramínea *Cyperaceae* constituindo os "campos baixos" que se tornam alagados na época das chuvas. Daí serem impraticáveis as viagens durante esta quadra. Os rios descrevem caprichosos meandros; além disso, é comum a existência de lagoas alongadas. Para

Projeção de Mercator
ESCALA 1:1 300 000
(1cm = 13 km)

Des. W8. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

explicação dêstes acidentes é necessário reportar-se ao estudo da paleogeografia do local: outrora, provàvelmente no pleistoceno, havia nesta zona um grande golfão no qual desaguavam os rios atuais. Os cursos dágua escavavam seu curso em função de uma cota mais baixa por estar o nível do mar em uma cota bem inferior à atual. Havendo uma transgressão marinha, êstes cursos foram, posteriormente, inundados transformando-se em rias. A sedimentação subseqüente e a colmatagem no golfão resultaram na formação dos "campos baixos" muito importantes para a criação.

Observando-se o trecho ocidental da costa, vê-se um grande número de largos estuários, surgindo um litoral coberto de reentrâncias e de ilhas e recortado por baías alongadas. Tal fato relaciona-se a um movimento relativamente recente do nível de base. Atualmente, ainda se verifica uma retificação do litoral às expensas do mangue que nasce nos baixos cursos dos rios: as raízes respiradoras fixam as partículas de argila e influem na sua deposição. O fluxo e refluxo da maré são de importância capital: por seu intermédio, dá-se a movimentação das partículas de argila. Quando a cor-

Município de São Luís — Maranhão *(Foto C.N.G. 3577 — T.J.)*

Vista da baixada flúvio-marinha de Perizes. Representa ela um remanescente da área do gôlfo que existiu durante o quaternário entre a ilha de São Luís e o continente.

É uma região arrazada, estando em muitos trechos no nível das marés altas. Pode-se ver, ao fundo, na foto, o mangue, vegetação própria das zonas alagadiças.

Esta planície é mais plana que a do Pantanal mato-grossense e mais contínua e homogênea que a Amazônia, devido à ação reguladora das marés. Surge apenas como uma paisagem diversa nas partes internas do golfão.

Nesta extensa planície, a superfície cristalina (Pré formação Perizes) é bastante irregular e, não raro, o cristalino está muito próximo a ela, chegando, em alguns lugares, a aflorar constituindo pequenas elevações. *(Com. M.G.C.H.)*

Município de Rosário — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 537 — T.J.)*

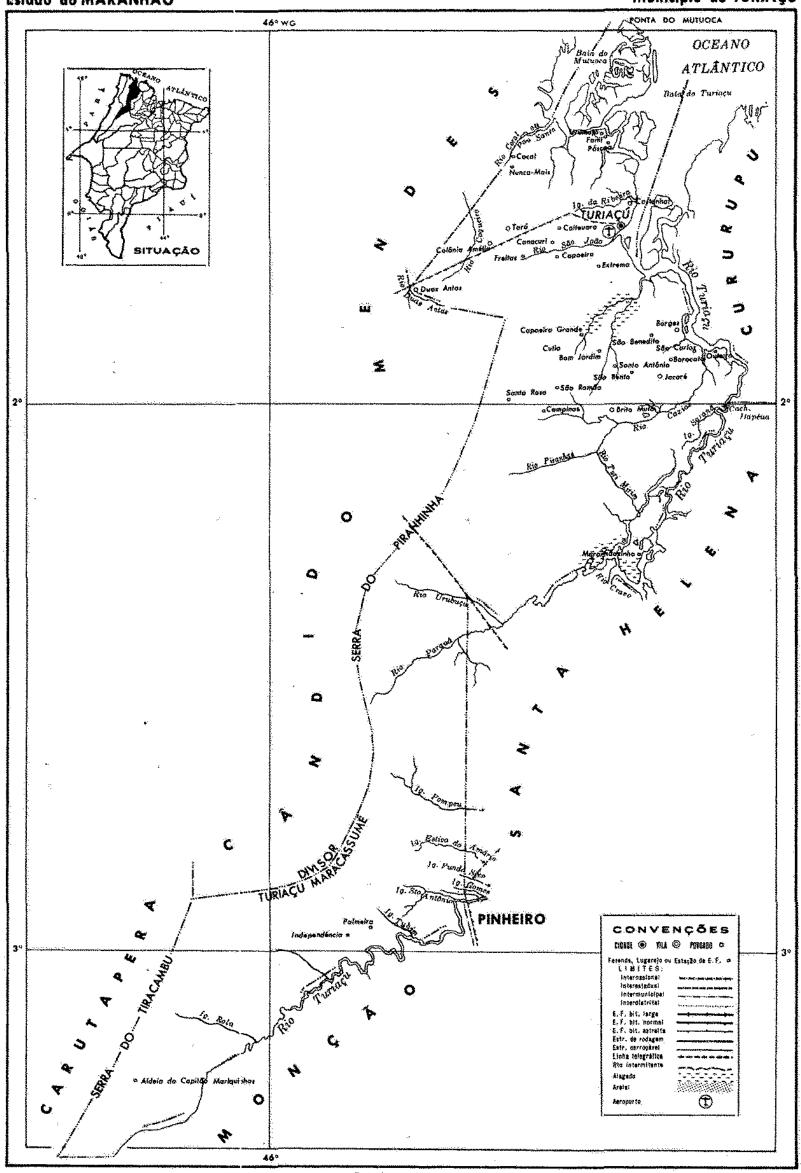
Aspecto dos terraços fluviais do rio Itapecuru o qual é uma importante via fluvial do Maranhão.

Devido a grande devastação da floresta ciliar o babaçu predominou sôbre a vegetação secundária existente. *(Com. A.J.P.D.)*

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 346 — T.J.)*

Paisagem existente nas proximidades da cidade de Caxias, Maranhão, exibindo vários morros isolados. Em certos trechos tornam-se mais freqüentes, ajudando-nos, portanto, a reconstituir a antiga superfície sedimentar, hoje retalhada pelo trabalho erosivo do rio Itapecuru. Estas elevações formadas por camadas horizontais do permo-carbonífero, apresentam-se como pequenos "inselberge". O seu tôpo aplainado é, geralmente, protegido pela canga, cujos fragmentos encontram-se na parte inferior dessas formações. A rodovia que as acompanha foi talhada na zona dos sedimentos. *(Com. C.R.M.)*

rente atravessa a região das raízes respiradouras, perde, em virtude do atrito, em velocidade, ficando com sua capicadade de transporte diminuída. Mais tarde com a colmatagem mais avançada, estabelece-se outro tipo de vegetação com gramíneas e *cyperaceae*. É de todo impossível o aparecimento de uma floresta, isto por causa da quantidade excessiva de água, e, em certos casos, do cloreto de sódio.

Os interflúvios, na planície, são muitas vêzes tão rebaixados que também desaparecem após grandes chuvas sob o imenso lençol que se forma. Finalizando a chuva, o nível das águas desce e o lago converte-se em um rosário de lagoas alongadas que permanecem, em certos lugares, como os únicos mananciais de água utilizada pelo gado. Nota-se que o processo de colmatagem destas lagoas prossegue incessantemente: nas enseadas pode-se comprovar o seu lento trabalho de entulhamento, o que indica a tendência para a extinção destas depressões. Nesta tarefa, influi, de maneira frisante, a vegetação: as plantas natantes apresentam raízes compridas com inúmeros pêlos absorventes, formando um emaranhado muito denso que origina, nas enseadas mais

OCEANO ATLÂNTICO
PONTA DO MUTUOCA
Baía do Mutuoca
Baía do Turiaçu
TURIAÇÚ
PINHEIRO
SERRA DO PIRANHINHA
DIVISOR TURIAÇU MARACASSUMÉ
SERRA DO TIRACAMBU
CARUTAPERA
CÂNDIDO MENDES
SANTA HELENA
MONÇÃO
CURURUPU
Rio Turiaçu
SITUAÇÃO
CONVENÇÕES
46° WG
2°
3°
46°

protegidas, um verdadeiro tapête. Com a oscilação do nível das lagoas ficando as plantas a sêco, dá-se a morte das mesmas e realiza-se, paulatinamente, sua colmatagem.

É comum encontrar-se, todavia, nesta região, outras rochas diversas: para o interior, calcários fossilíferos de formações Pirabas, bem como arenitos que formam o "substratum" de terraços relativamente recentes que documentam a existência pretérita de movimentos a que estêve submetida esta zona do continente brasileiro.

A ilha de São Luís, delimitada pelas baías de São Marcos e São José, é, no meio do litoral, um acidente de considerável interêsse. Apresenta-se com uma topografia de patamares em um nível regular de 35 metros constituída, na maior parte, por sedimentos terciários cujos fósseis permitiram correlacioná-los à formação Pirabas, descrita no estado do Pará. O trabalho das vagas solapou os sedimentos formando plataformas de abrasão e dando origem a falésias típicas, em cujas encostas podem-se entrever, freqüentemente, as argilas e arenitos intercalados. Na superfície elevada encontram-se sedimentos resultantes do entulhamento provocado pelos rios que vinham ter ao litoral. Em miniatura, verifica-se na ilha a cópia dos rios continentais, com um baixo curso, coberto de mangues e sofrendo, periòdicamente, a influência da maré. Por certo, ulteriormente à formação da superfície de 35 metros, que compreende a cota mais elevada, o nível do mar oscilou, alcançando algumas dezenas de metros abaixo do atual, no Monasteriano — quando, possìvelmente, se isolou do continente a ilha de São Luís. Hodiernamente, apesar de abundante sedimentação formada por areias finíssimas e lamacentas, contendo grande quantidade de detritos vegetais, de côr negra nas partes úmidas e pardacentas quando sêcas, é ainda a ilha em questão separada do continente pelo canal do Mosquito. Opinião idêntica tem Ab'Saber que assevera, com referência a esta zona do litoral: "geomorfològicamente, a ilha de São Luís é uma espécie de ilha de Itamaracá ampliada, já que em ambos os casos foi a erosão fluvial pós-pliocênica que as isolou ligeiramente dos terrenos terciários continentais sublitorâneos e os movimentos eustáticos completaram o isolamento. . ."

Município de Caxias — Maranhão *(Foto. C.N.G. — T.J.)*

Apresenta a fotografia um magnífico exemplo de estratificação rítmica do permiano, mostrando-se intensamente perturbados os sedimentos depositados, devido, provàvelmente, às oscilações do nível do mar.

Pode-se notar a existência de plataformas estruturais e na parte mais elevada deposita-se uma lâmina de seixos rolados, de idade recente. A existência de um terraço do rio Itapecuru estaria ligada à presença de tais seixos. *(Com. M.G.C.H.)*

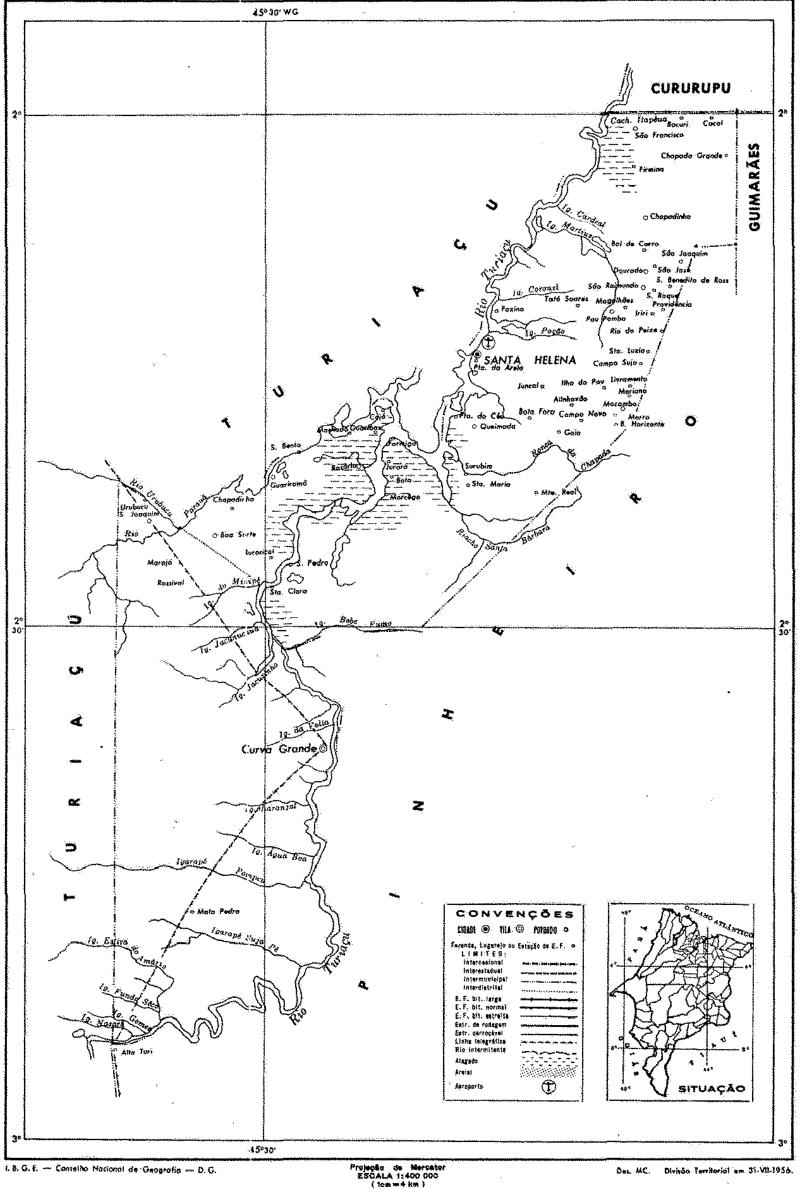
Município de Rosário — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 451 — T.J.)*

O Itapecuru é sem dúvida alguma a principal via fluvial, pertencente ao estado do Maranhão, não só em relação à sua extensão navegada e navegável, mas também porque êste rio, exclusivamente maranhense, percorre uma das zonas mais ricas e mais populosas do estado. Há uma série de terraços que têm importância para a ocupação humana e nêles localizam-se importantes cidades como Rosário, Coroatá, Codó e Caxias, que foram outrora portos fluviais e hoje são importantes municípios do estado. *(Com. T.C.)*

Na ilha de São Luís, o cristalino acha-se recoberto por sedimentos terciários. É freqüente encontrar-se na região dos Campos dos Perizes o embasamento a alguns metros; a superfície modelada do cristalino mergulha suavemente em direção sul sob o pacote sedimentar da bacia do Meio Norte. Em certos pontos da baixada de Perizes surgem pequenas elevações que correspondem a afloramentos de granitos soldadas, ùnicamente, pela grande extensão dos campos.

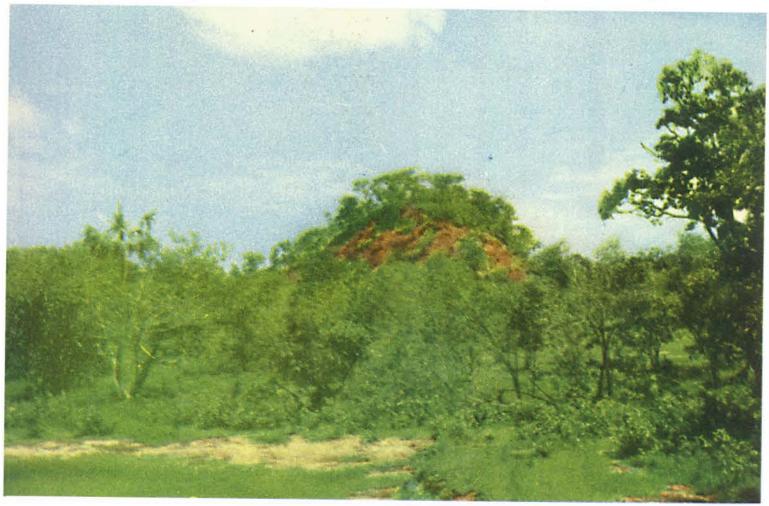
Tanto nos baixos terraços de 20 a 25 metros, quanto nos de 35, ocorrem leitos, cangas pizolíticas de suma importância na morfologia de detalhe. Em virtude da maior porosidade da canga em relação às outras rochas e, sendo mais resistentes à erosão, muito contribui para a conservação dos patamares intermediários. Afigura-se que a canga, ao se formar, recobre uma topografia preexistente. Investigações cuidadosas mostraram que houve vários períodos de formação da crosta laterítica, o que se evidencia pelos fatos verificados no Meio Norte. De grande importância para o homem do Maranhão é a canga, o melhor material para a pavimentação das rodovias maranhenses. Utilizou-se êste material na ligação entre Perizes de Cima e a cidade de São Luís; outrossim, em tôda a pavimentação das centrais maranhenses.

As costas arenosas predominam a leste da ilha de São Luís e contrastam com o litoral de mangues da parte ocidental. Surgem linhas de res-

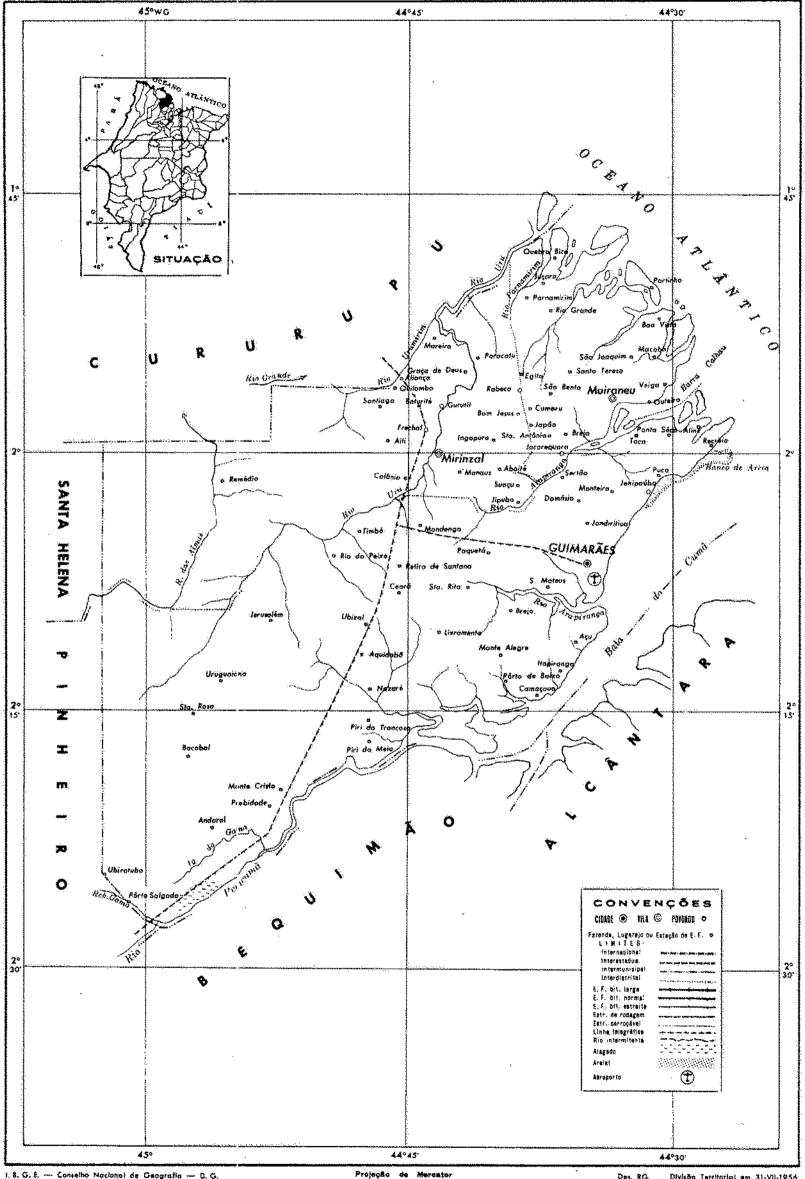
Estado do **MARANHÃO** Município de **SANTA HELENA**

tingas — paisagem típica da região. De quando em quando, dominando as restingas, vêem-se grandes dunas que, com sua coloração clara, se diferenciam dos cordões de restinga bem mais escuros e que apresentam uma vegetação própria. Também as "avenidas" de coloração escura, deprimidas e, por vêzes, alagadas, se distinguem entre os velhos cordões litorâneos. As restingas desenvolvem-se em direção oeste e os rios mostram inflexões que acompanham o litoral por centenas de metros. Algumas vêzes, os riachos não chegam ao oceano; as águas desaparecem no meio dos alagadiços das "avenidas", entre as restingas ou sob a forma de um lençol de infiltração. As areias originam-se da parte oriental do litoral; sem dúvida, são areias trazidas pelo rio Parnaíba que com seus afluentes possui um regime torrencial e carrega grande quantidade de aluviões.

Os ventos que sopram nesta zona ocasionam a formação de dunas que atingem dezenas de metros: avançam em direção ao interior soterrando os alagados e os velhos cordões de areia. As correntes aéreas procedentes do quadrante N.E. provocam a formação de vagas que trabalham ativamente os cordões de areia, fazendo-os deslocar continuamente para W. Isto é tão importante que o delta formado na foz do Parnaíba, que deveria ser aberto simètricamente para o norte, sofre uma forte inflexão para o ocidente, produzindo uma anomalia. As ilhas Grande de Isabel, das Canárias, do Caju, Grande do Paulino e outras situam-se no delta.

Para o interior, sucedendo às planuras alagadas e à baixada arenosa, deparam-se colinas de fraca altitude que, em conjunto, são uma unidade bem caracterizada. Elas copiam, geralmente, a fisiografia do litoral atlântico oriental; suas formas tendem para os tabuleiros havendo níveis aproximadamente iguais aos daquele litoral podendo ser correlacionados. Próximo às áreas alagadas nota-se que, em conjunto, as elevações se distribuem de 10, 20 a 25 metros, sendo estas últimas as mais importantes.

Observa-se no tôpo das colinas a existência de argilas e arenitos de grã muito fina recobertos por uma canga pizolítica acompanhando, em certos casos, a superfície topográfica e, nas encostas de fraca inclinação, permanecendo "sur place", com a retirada do material que se lhe sotopõe.

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 347 — T.J.)*

Mostra a fotografia uma forma típica do relêvo residual, modelado em rochas sedimentares — "inselberg". Êste acidente constitui um testemunho de um clima mais sêco ao qual esta região estêve submetida no pleistocênico. *(Com. M.G.C.H.)*

Estado do **MARANHÃO** Município de **GUIMARÃES**

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 509 — T.J.)*

Sôbre os terrenos triássicos dos arredores de Brejo num corte da Estrada de Ferro São Luís—Teresina encontramos um manto aluvial mais recente. Apresenta uma espessura de alguns metros, encerrando grande quantidade de seixos rolados e outros fraturados.

Estando diante dum material de "rañas" típico das regiões semi-áridas. Os seixos rolados originam-se dos conglomerados dos triássicos aí existentes, e os fraturados indicam a existência de processos morfogenéticos, que tiveram lugar num período de clima semi-árido que, no passado, imperou na região. *(Com. A.J.P.D.)*

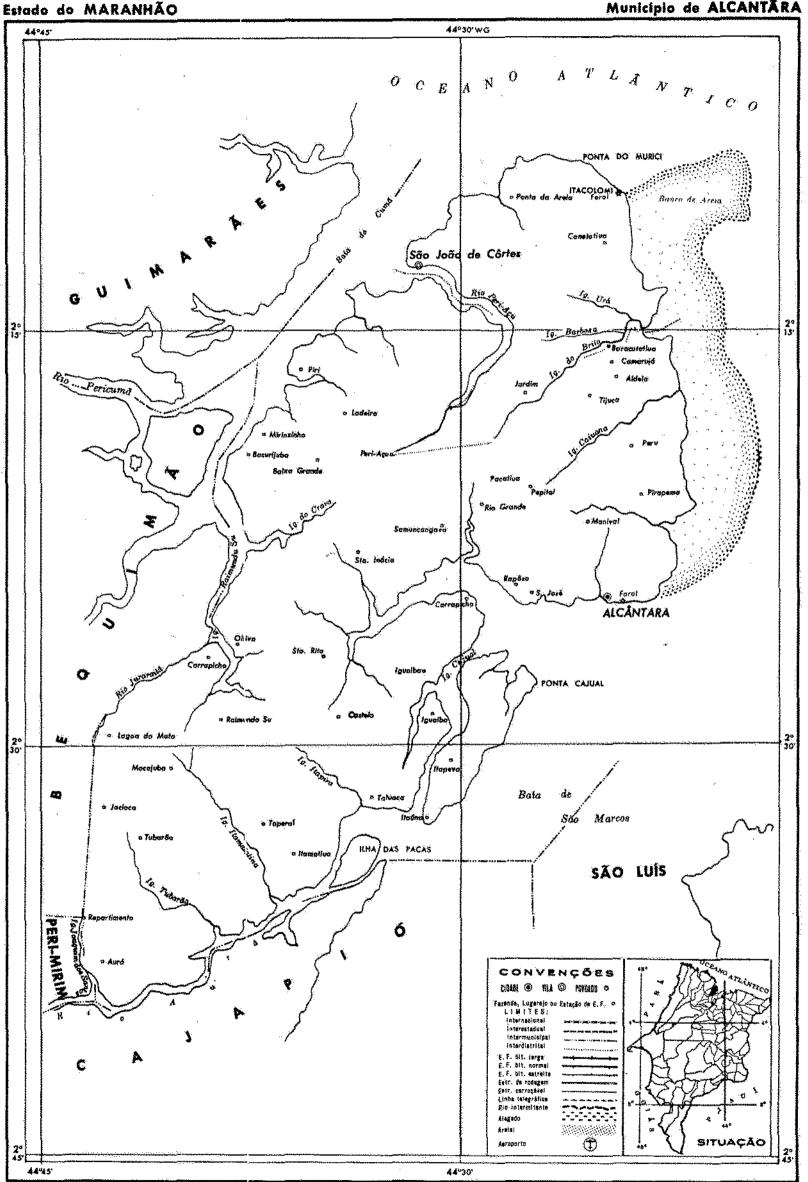
Nos arredores dos rios principais, percebe-se um forte encaixamento ao nível das colinas. A canga é, então retirada totalmente ficando as encostas desprovidas dêste material, o qual parece comprovar a presença anterior de um clima semi-árido com alternância de duas estações: uma sêca e outra úmida favorecendo bastante a concentração de óxido de ferro na superfície. Pode-se verificar, nos interflúvios, a subida progressiva para os níveis mais elevados; assim, em Peritoró, atingem a cota de 70 metros e em Livramento, 90.

Dominando o nível regular das colinas encontra-se uma série de relevos residuais, sem grande expressão topográfica, por revelarem fraco desnível: vê-se, ora, pequenas elevações cônicas prevalecendo na superfície; ora, diminutas formas tabulares modeladas em rochas terciárias pertencentes ao mesmo período das rochas dos níveis mais bai-

Estado do MARANHÃO | Município de ALCANTÂRA

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:250 000
(1cm = 2,5 km)

2,5 0 2,5 5 7,5 10km

Des. LT. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

xos da colina. Estas formas de relêvo foram amoldadas pela erosão durante o período quaternário. Os "glacis", suavemente inclinados no sopé de algumas, o "knick" e os depósitos que se vêem nestes "glacis", mostram serem estas formações fruto de um trabalho de pediplanação e comprovam que a região estêve submetida a um paleoclima mais sêco, responsável pela sua fisiografia atual.

Nestas superfícies repletas de pequenos "inselberge", encontra-se, além da canga de formação mais recente, uma outra formação cuja idade geológica é anterior à canga representada por fragmentos de origem detrítica que chegam a atingir, algumas vêzes, dois metros de potência. Êstes depósitos correspondem a "rañas", material elaborado, também, em um clima semi-árido havendo sofrido um pequeno transporte.

Os grandes rios desta zona encaixam-se no nível das colinas sem apresentarem corredeiras. Assim, a navegação pode ser feita por pequenas embarcações até centenas de quilômetros para o interior.

Geològicamente, não se notam grandes mudanças na topografia, embora se passe da forma-

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 474 — T.J.)*

Nas áreas deprimidas nos arredores de Caxias, o tipo de vegetação predominante, o cerrado, é invadido pelo babaçual.

Região da antiga mata que foi devastada, como se pode deduzir da presença de capoeiras, êste fato possibilitou a formação de uma área mais extensa de babaçu.

Na foto vemos uma região deprimida, com vegetação misturada e uma das principais vias de comunicação que servem ao município de Caxias. ***(Com. J.X.S.)***

Estado do MARANHÃO

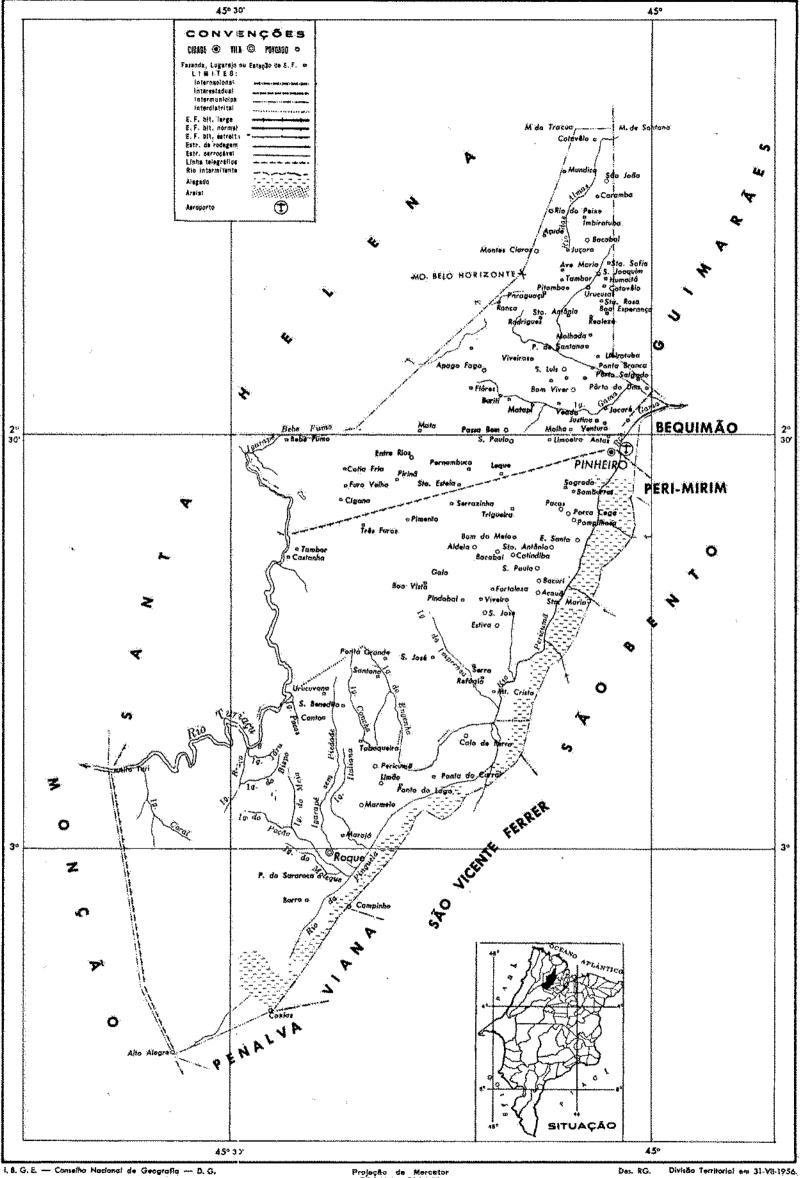
Município de PINHEIRO

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:500 000
(1cm = 5 km)

5 0 5 10 15 20km

Des. RG.

Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Município de Coroatá — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 507 — T.J.)*

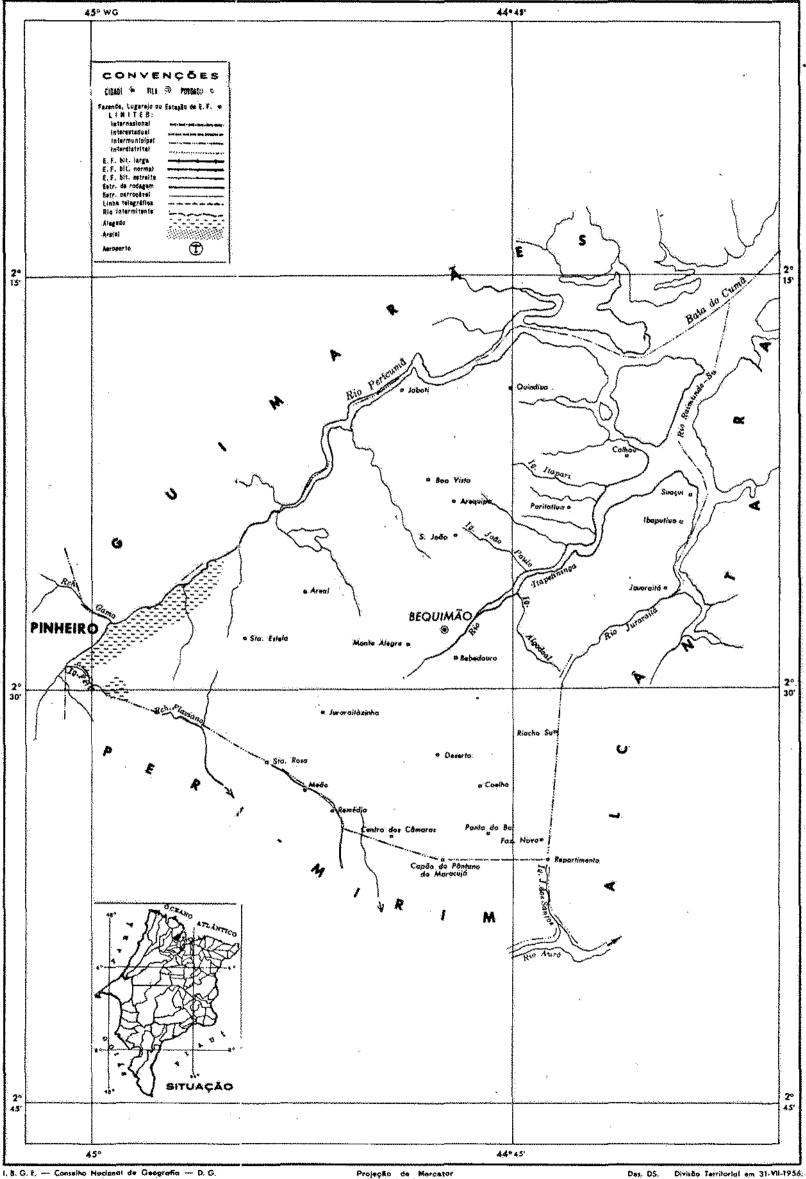
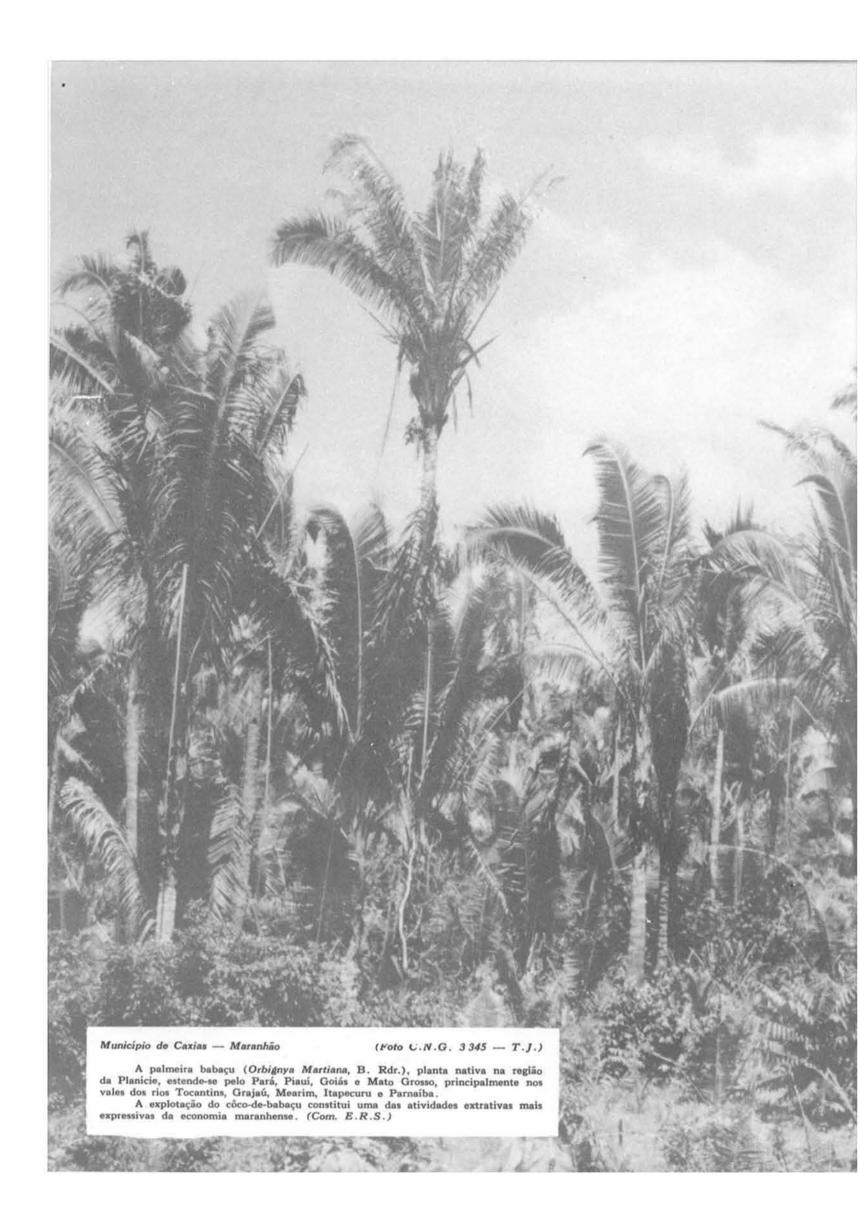
A topografia plana, modelada em arenitos do terciário, abrange uma extensa área do Maranhão, como os municípios de Caxias, Codó, Coroatá e outros. Geològicamente pertence à formação Itapecuru.

Além da topografia plana observamos um trecho da paisagem campestre de Coroatá, onde aparecem a vegetação típica do cerrado e alguns exemplares da carnaúba, cuja utilidade tornou-a tão notória que lhe atribuíram a denominação de "árvore da vida", porque dela tudo é aproveitado.

Úteis também são as gramíneas, sustentáculo da pecuária, que sob a forma extensiva constitui um dos recursos econômicos da região. *(Com. M.C.V.)*

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 345 — T.J.)*

A palmeira babaçu (*Orbignya Martiana*, B. Rdr.), planta nativa na região da Planície, estende-se pelo Pará, Piauí, Goiás e Mato Grosso, principalmente nos vales dos rios Tocantins, Grajaú, Mearim, Itapecuru e Parnaíba.

A explotação do côco-de-babaçu constitui uma das atividades extrativas mais expressivas da economia maranhense. *(Com. E.R.S.)*

Município de Rosário — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 807 — T.J.)*

A foto nos dá um aspecto de uma região de antiga mata que, devastada, possibilitou a expansão do babaçu. Observe-se a capoeira formada entre os elementos do babaçu. *(Com. E.R.S.)*

ção terciária mais recente para o Itapecuru. O contato entre as formações se verifica no litoral ao nível das marés, como em São José da Ribamar e Guarapiranga, na ilha de São Luís e vai-se elevando para o interior. No extremo nordeste do Estado atinge de 250 a 300 metros. Há, portanto, uma superfície de contato entre a Série Barreiras (terciária superior) e a formação Itapecuru (terciário inferior), levemente inclinada para o norte e as duas formações geológicas são cobertas por canga independentemente da idade geológica, permitindo averiguar que sua gênesis efetuou-se em época posterior à deposição da Série Barreiras, e anterior às formações quaternárias que constiuem os terraços fluviais e marinhos mais baixos.

Ulteriormente ao trabalho de pediplanação que modelou a topografia dos pequenos testemunhos, formou-se a canga. Isto se deu com a mu-

dança de um clima semi-árido para um mais úmido, quando se processou, também, a concentração de óxidos de ferro na superfície antiga e levemente ondulada.

A área em tôrno de Urbano Santos e Chapadinha caracteriza-se pela topografia tabular das chapadas. A rêde hidrográfica, porém, segue uma determinada orientação, parecendo estar adaptada a direções mais ou menos rígidas. A hidrografia grosseiramente ortogonal de direção NE-SW e NW-SE, modelada em terrenos terciários poderá ser conseqüência de deslocamentos sofridos em virtude de movimentos do embasamento cristalino ocorridos em épocas não muito remotas. Há semelhança entre êstes fatos e os observados por Sternberg nos sedimentos amazônicos, podendo, entretanto, sucederem no Meio Norte, com maior freqüência, em razão da fraca espessura do pacote sedimentar. Nas imediações de Caxias e de Poços, a adaptação dos rios afluentes do Itapecuru e linhas rígidas e a mudança de direção dêste último, sugerem a ligação a um tectonismo que serviu de movimentação para as camadas permo-carboníferas.

O cotovêlo do Itapecuru, em Caxias, parece demonstrar a existência de uma grande captura, sem que se possa justificá-la pela ausência de elementos convincentes. Esta hipótese é, entretanto, favorecida por não ser a região muito elevada.

Há grande variedade de solos nesta área. Entre êles, os lactosolos são de grande importância, havendo sôbre outros tipos a predominância dos

Município de São Luís — Maranhão *(Foto C.N.G. 3576 — T.J.)*

O açaìzeiro (*Euterpe oleracea* Mart.), conhecida no Nordeste como "jussara", é uma palmácea elegante, delgada e de tamanho mediano. Seu fruto fornece uma deliciosa bebida conhecida como o "vinho de Açaí".

Observe-se, na foto, um açaìzal, próximo a Aracanga, na ilha de São Luís, onde se vêem restos da antiga mata que outrora ocupou a região. *(Com. E.R.S.)*

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 519 — T.J.)*

A vegetação de "cerrado" aparece, no Maranhão, predominantemente na zona das planícies onde existem pequenas chapadas. Neste cerrado situado nas cabeceiras de um afluente do Itapecuru, perto de Caxias, houve a invasão do babaçu, espécie que na grande maioria das vêzes é encontrada nas matas e capoeiras. *(Com. J.X.S.)*

solos avermelhados e amarelados, ricos em hidróxido de alumínio. Em virtude do clima úmido, efetua-se, com o correr do tempo, a liberação e a saída da sílica. As temperaturas elevadas, bem como a pluviosidade intensa, favoreceram de maneira positiva aos processos de laterização.

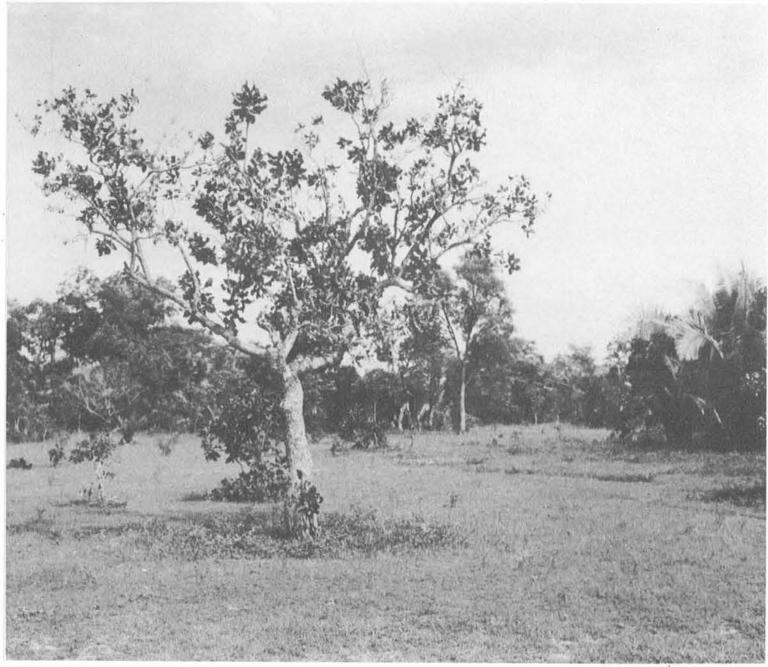
Êstes solos não são ricos. Em certos casos, observam-se aparentes exceções, pois existindo na floresta um horizonte superficial A, relativamente repleto de húmus, se presta às lavouras de bom rendimento. Isto facilitou a utilização intensiva da região no início do povoamento. Mais tarde, efetuou-se, ràpidamente, o empobrecimento com o deparecimento dêstes horizontes, dando-se a diminuição do rendimento das culturas. É o homem obrigado a abandonar as lavouras e deixar criar a capoeira, quando o horizonte pedológico superficial parcialmente se reconstitui podendo ser explorada outra cultura, após quatro ou cinco anos.

Os detritos, as raízes e os troncos das regiões florestais dificultam em excesso a erosão que evoluiu lentamente em forte contraste com a zona dos campos cerrados, onde se nota um clima com duas estações bem delineadas.

Sente-se, nestes campos, uma tendência à formação de concreções, não em profundidade mas em superfície, formulando-se, então, o problema da formação da couraça laterítica que parece, na maior parte dos casos, ter sido elaborada durante um clima mais sêco por que passou a região. Sem grande espessura, alcançando apenas alguns decímetros, geralmente se mostra tôda fragmentada

recobrindo a superfície do solo, pois a região sofreu, em épocas pregressas, a influência de um clima úmido. Contribuiu, não menos, para a sua fragmentação o fato da erosão trabalhar os solos antigos e os horizontes sotopostos provocando a fragmentação da couraça laterítica.

Encontra-se, às margens dos rios, uma baixada fluvial para onde as águas carrearam grande quantidade de aluviões: são solos que possuem maior número de bases trocáveis e, portanto, bastante propícios à prática da agricultura. Os processos de laterização, na baixada, são menos evoluídos do que ocorrem nos solos das superfícies elevadas; nota-se-lhe uma maior variedade de colóides ativos que servem de sustento para a vida dos vegetais do que os solos das partes elevadas. Quando das derrubadas nestes solos, rompe-se o equilíbrio químico operando-se, por perda da carga elétrica, as coagulações, floculações ou precipitações dos colóides. Também, a erosão laminar e a água das chuvas arrastam as bases para a profundidade, empobrecendo-os, ràpidamente: estas últimas, provocando uma lixiviação enérgica e aquela retirando a camada superficial do solo repleta de matéria humosa. Em virtude dêste fato, nos vales do Itapecurú, Mearim e outros, o homem é obrigado a abandonar os terrenos para dar nascimento à capoeira, não podendo praticar uma agricultura intensiva.

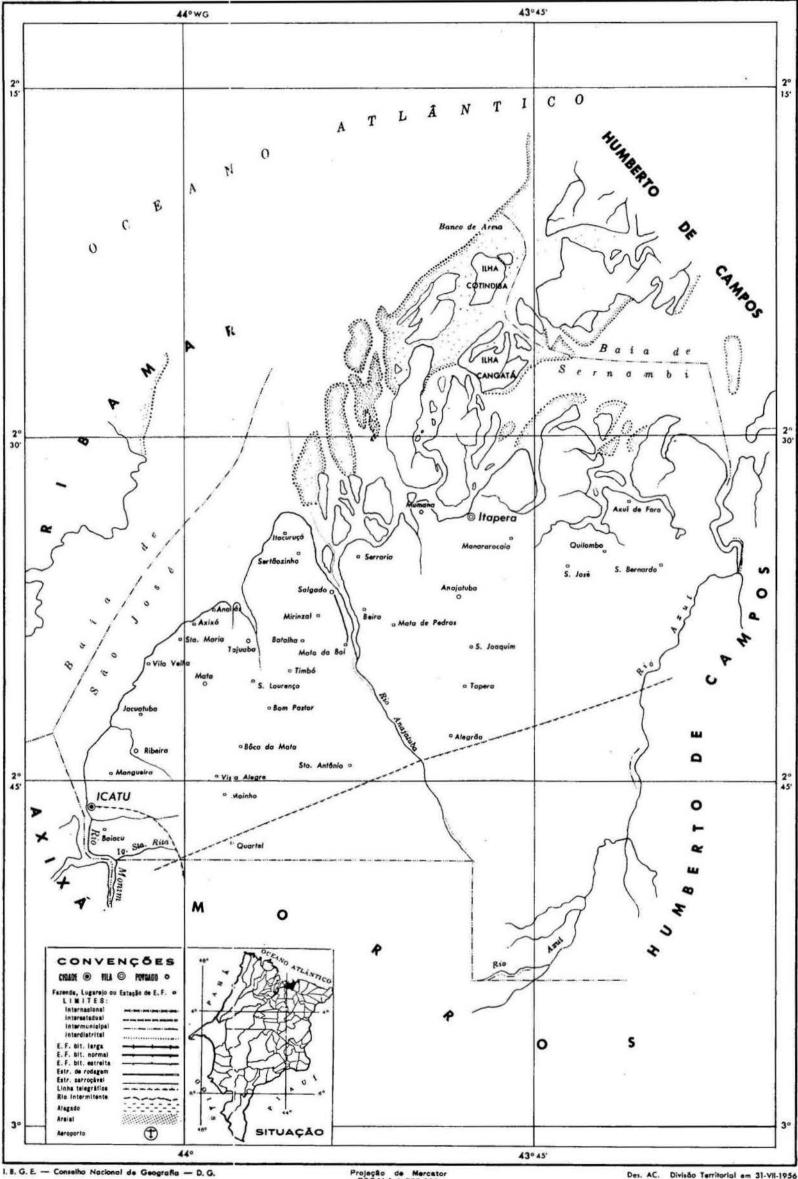
Os solos salgados aparecem na baixada litorânea muito próxima ao mar. Para sua utilização, faz-se mister o emprêgo de uma técnica muito

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3518 — T.J.)*

Muitas vêzes o cerrado apresenta-se mais aberto. Seus elementos arbóreos tornam-se mais distantes uns dos outros; neste caso ocorrem babaçus à direita da foto, indicando ter havido nesta região, no passado, um clima mais úmido, época em que a vegetação de mata avançou pelos rios acima. *(Com. A.J.P.D.)*

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)

5 0 5 10km

Des. AC. Divisão Territorial em 31-VII-1956

Município de Rosário — Maranhão *(Foto C.N.G. — T.J.)*

O mangue, vegetação de larga distribuição no litoral do Meio-Norte, encontra ao norte do município de Rosário, condições ideais para o seu estabelecimento, tais como solos argilosos e periòdicamente sujeitos à ação das marés.

Entre as espécies características desta formação, encontramos o "mangue branco" (Aviccenia sp.).

É interessante notar aqui a curiosa disposição das raízes pneumatóforas, grupando-se em tôrno da sua base. *(Com. E.R.S.)*

avançada, o que dificultou, até hoje, o aproveitamento dos campos baixos, sob o ponto de vista agrícola. Êstes solos, apesar de sua porosidade, possuem água em excesso, urgindo custosos trabalhos de drenagem. Sob o ponto de vista agrícola, os solos silicosos dos tabuleiros e das vertentes são muito pobres em virtude da escassez de bases trocáveis.

Tem o clima nesta região um papel bem importante na gênese dos solos, associado também a rocha matriz, donde provém os mesmos. Atualmente, têm os pedólogos ressaltado sobremaneira a influência do clima em tais processos pedológicos. Assim para o estudo dos solos é necessário o conhecimento dos tipos de clima atuais, tendo sempre em mente que, no correr dos tempos geológicos, houve mudanças climáticas.

Finalmente, pode-se observar que também o relêvo atual só pode ser explicado pelo estudo da evolução das formas, bem como dos depósitos correlativos, os quais são frutos de sistemas morfogenéticos que variam em função dos diversos tipos de clima.

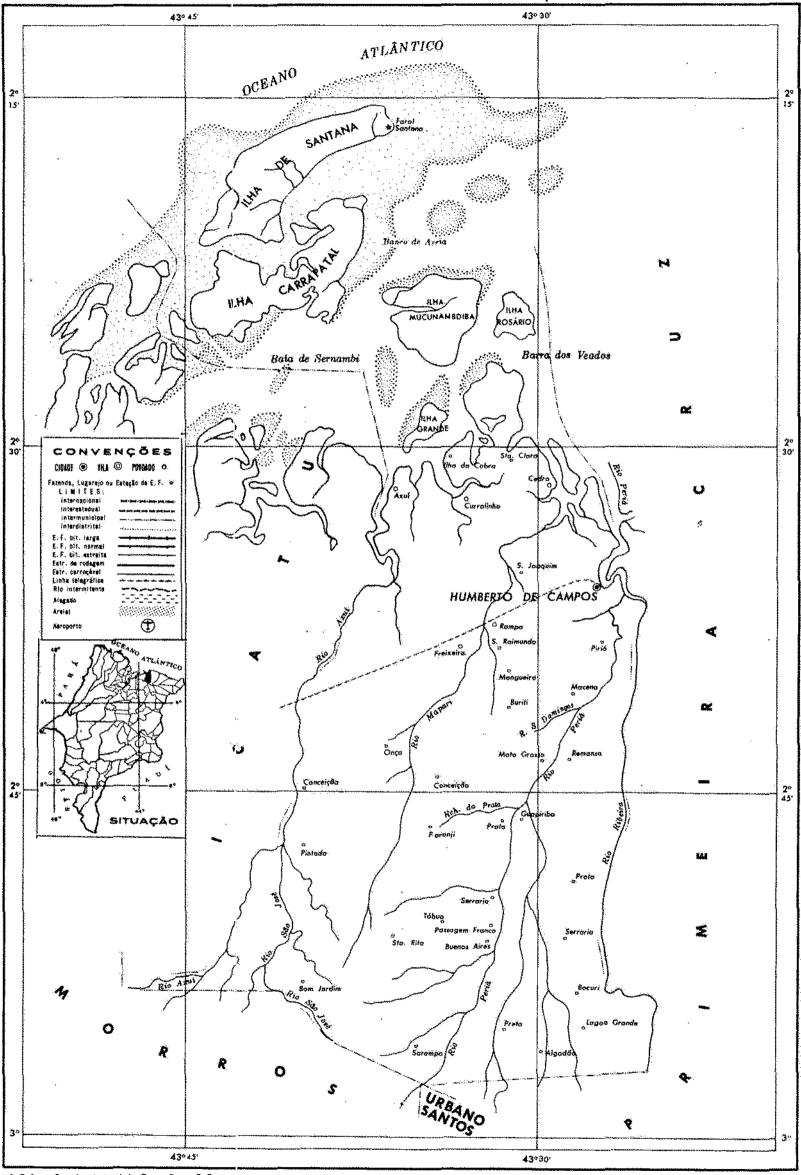
O clima atual da Planície do Meio Norte caracteriza-se por ser um clima quente e úmido com duas estações distintas: a chuvosa no verão e a sêca no inverno, correspondendo ao tipo tropical de savanas na classificação de Köppen.

A oeste, na porção ocidental do Estado do Maranhão, as características não só do ponto de vista climático, como ainda do relêvo e da vegetação se parecem cada vez mais às da Região Amazônica, razão por que esta área é incluída na Grande Região Norte. Assim, à proporção que se avança para leste, a paisagem natural se transforma e passa-se gradativamente por uma zona de transição entre o *Norte*, pròpriamente, e o *Meio Norte*.

Comparando-se, por exemplo, os dados das normas climatológicas de estações do litoral do Pará e do Maranhão neste trecho, verifica-se a semelhança existente quanto aos regimes térmicos e pluviométricos.

ESTAÇÕES	Mês + frio Temperatura média		Mês + quente Temperatura média		Mês + chuvoso Total		Mês + sêco Total		Precipitação anual (mm)
Turiaçu (Ma)....	Abr.	25°.6	Nov.	27°.3	Mar.	434,6	Out.	10,0	2.184,3
Igarapé Açu (Pa)	Abr.	24°.4	Nov.	25°.8	Mar.	482,6	Out.	24,8	2.367,4

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)
5 0 5 10km

Des. NB. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Pode-se reparar pelo quadro acima que a diferença reside, no Maranhão, em uma diminuição da precipitação e em um pequeno aumento da temperatura. Na realidade, a estação sêca é aí mais acentuada e as temperaturas mais elevadas.

A transição para o clima semi-árido do Sertão efetua-se a leste da Região da Planície, na Região das "Cuestas," no Estado do Piauí, onde se observa grande diminuição nos totais anuais de precipitação e um acentuado caráter de xerofitismo na vegetação.

Na extensa Região da Planície, assim delimitada, podem-se notar diferenças no tipo geral de clima quente e úmido com duas estações.

Destarte, enquanto na baixada litorânea do Maranhão e do Piauí, as precipitações se prolongam pelo outono, ocorrendo no mês de março as maiores quedas de chuva (clima AW' — precipitações de verão-outono), na porção mais interior da planície verifica-se o domínio do clima tropical, típico de tôda a área do Planalto Central do Brasil, que se estende ao norte até o Maranhão e o Piauí (clima Aw) distinguindo-se pela existência de duas estações perfeitamente nítidas: a chuvosa, no verão e a sêca no inverno.

A baixada litorânea do Maranhão e Piauí apresenta em tôda sua extensão um mesmo regime pluviométrico com chuvas no período de ja-

Município de Codó — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 593 — T.J.)*

A palmeira de nome "babaçu", que é aí nativa, pertence à espécie Orbignya Martiana, B. Rodr.
A existência dos babaçuais está ligada à maior umidade localizando-se de preferência nos vales fluviais.
O babaçu ainda não encontrou aproveitamento proporcional às grandes possibilidades econômicas, devido a alguns problemas que sua explotação apresenta. *(Com. J.X.S.)*

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 325 — T.J.)*

Aspecto de um cerrado na região próxima a Caxias, no alto de uma chapada. Note-se o solo coberto pelo capim agreste. Registra-se, neste cerrado, a presença de outras espécies, comumente encontradas noutras formações, o que não impede, no entanto, que se mantenha a fisionomia do cerrado. *(Com. J.X.S.)*

neiro a junho, ocorrendo os máximos nos meses de março ou abril, e a estação sêca se prolonga de julho a dezembro, registrando-se em setembro ou outubro a menor precipitação mensal. Não se nota, todavia, a mesma analogia quanto aos totais anuais de precipitação que variam muito na baixada litorânea. Assim, no trecho maranhense os totais são mais elevados, no entanto, a pluviosidade vai decrescendo de WNW para ESE e, já no Piauí é bem menor. Isto se deve à influência que exerce a faixa de calmas equatoriais na zona mais próxima do equador, desta vez de forma mais prolongada. Sua ação para o sul se realiza com menos intensidade, por um tempo muito menor e irregularmente, o que resulta em anos mais chuvosos e anos mais secos.

No que concerne às temperaturas médias, esta zona revela valores anuais bastante elevados, variando em tôrno de 26°. As temperaturas médias se mantêm mais ou menos constantes durante o ano, sendo a amplitude térmica anual sempre inferior a 5°. É, portanto, uma das zonas mais quentes do país.

A estação sêca, estende-se pelos meses da primavera, atingindo às vêzes o início do verão, o que concorre para o maior aquecimento nesse período do ano. Os meses mais quentes são novembro e dezembro, antecedendo o início do período chuvo-

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:400 000
(1cm = 4 km)

5 0 5 10 15km

Des. SS. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Municípi𝔬 de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 508 — T.J.)*

Entre Caxias e Codó encontramos alguns lugares em que a vegetação se resume numa grande área campestre onde encontramos a carnaúba que domina o mesmo.

O solo é muito raso, apresentando uma crosta ferruginosa, a qual aflora a cada instante porque a erosão em lençol carreou a parte superior do solo. Como um testemunho dêste rebaixamento, a carnaúba se encontra sôbre uma área em que os horizontes mais elevados não foram carreados.

Nesta região, tem importância econômica além da explotação da cêra de carnaúba, a pecuária que é praticada sob uma forma extensiva. *(Com. A.J.P.D.)*

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3474 — T.J.)*

O cerrado apresenta grande área de dispersão encontrando-se desde o sul até o norte do país.

Formação arbóreo-campestre, onde os elementos que dão a nota característica a êsse tipo de vegetação se distribuem esparsamente e têm, em geral, porte pequeno, galhos e troncos suberificados, tortuosos e copa reduzida. *(Com. E.R.S.)*

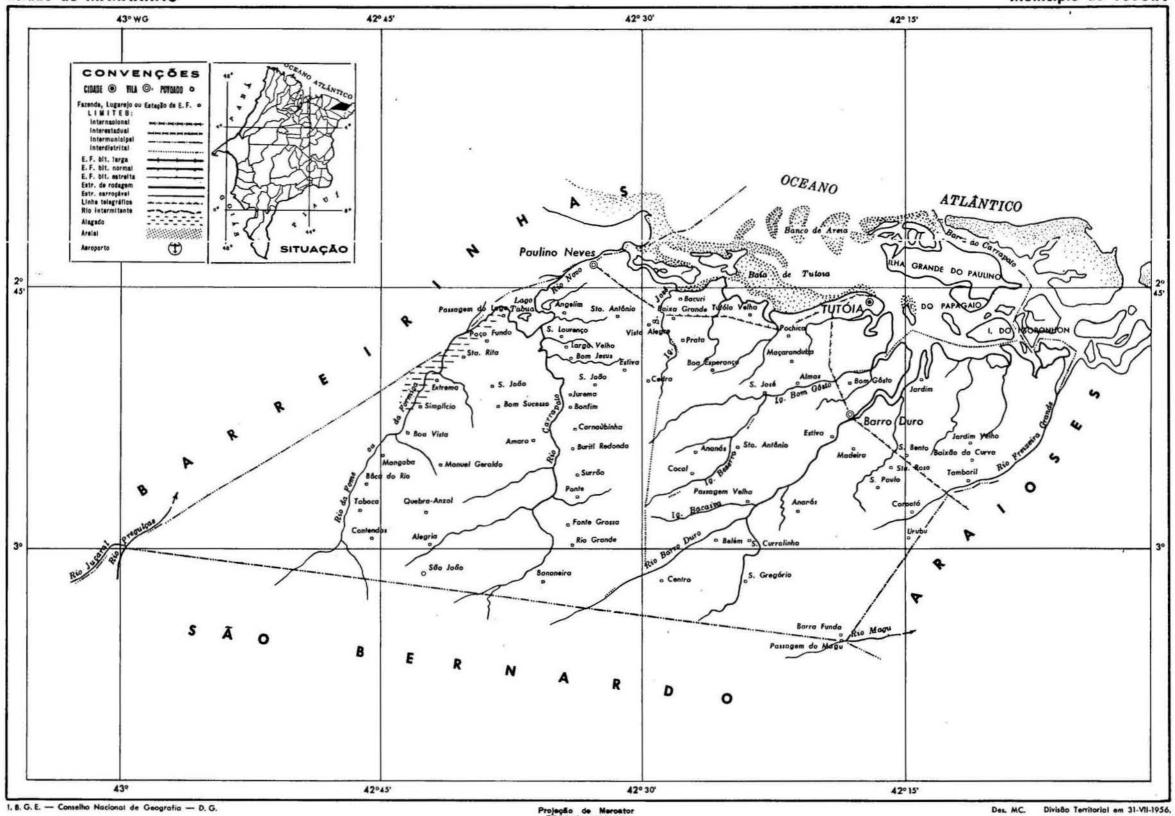
so do verão (g). Quanto ao mês mais frio, assinala-se geralmente na época chuvosa do verão, quando as precipitações abundantes contribuem para amenizar as temperaturas. É quase sempre em março ou abril.

Sujeita às chuvas provenientes dos deslocamentos da massa equatorial norte (formada pelas calmas e pelos alíseos de nordeste do hemisfério setentrional), que tem o seu maior avanço para o sul, no outono, a faixa litorânea norte apresenta um regime pluviométrico com máximos nesta estação do ano, e mínimas na primavera, época em que esta massa de ar quente desloca-se mais para o norte, não atingindo o hemisfério sul. Na baixada maranhense há, portanto, maiores precipitações que na do Piauí, uma vez que a influência da massa equatorial norte já se faz sentir com menor intensidade.

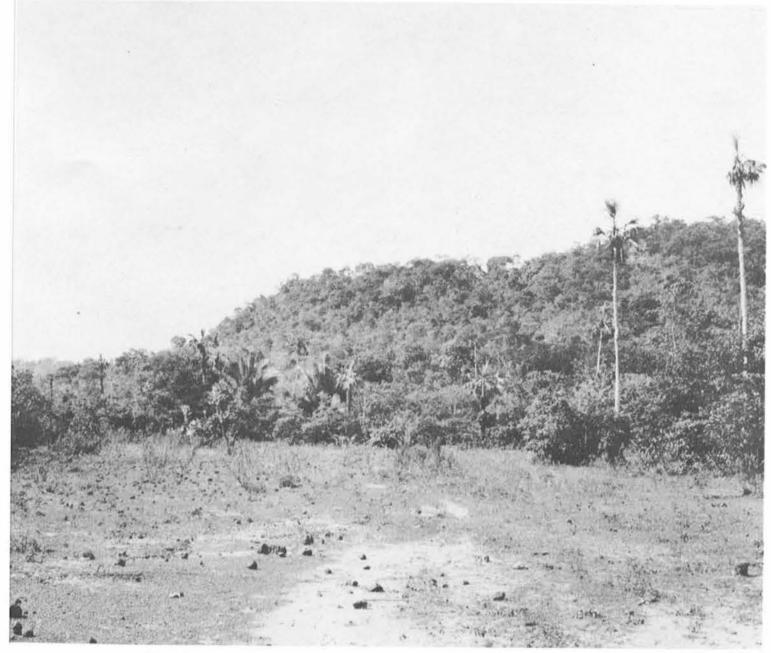
Das estações meteorológicas da planície maranhense, na sua porção litorânea, as temperaturas média anuais são elevadas: São Luís 26°.3 e São Bento 26°.0. Quanto à temperatura média mensal mais alta, em São Luís, atinge 27°.2, em São Bento 26°.5, e a mais baixa desce apenas a 25°.3 em São Luís e 26°.5 em São Bento. A amplitude térmica nêste litoral é portanto, muito reduzida, em virtude da ação regularizadora do oceano: de São Luís, a mais elevada, tem apenas 1°.9. A variação mensal da temperatura média durante o ano prossegue a mesma em todo êste litoral: em abril

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:400 000
(1cm = 4 km)

Des. MC. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

temos o mês mais frio, e novembro e dezembro os mais quentes, antecedendo ao período chuvoso que tem início em janeiro. As chuvas atingem o máximo em março, e continuam no entretanto, até julho. A estação sêca prolonga-se de agôsto a dezembro, porém a estiagem mais rigorosa se verifica nos meses da primavera — setembro, outubro e novembro — quando a massa equatorial norte tem a sua posição mais setentrional, e, portanto, mais distante dêste litoral, dominando na região, a massa equatorial atlântica com os alíseos de sudeste, quentes e secos. As temperaturas mais elevadas registram-se na primavera, quando é maior o aquecimento, não havendo precipitações para amenizá-las. Os totais anuais atingem a 2 083,7 mm em São Luís com um máximo mensal de 440,3 mm em março e um mínimo em outubro de 9,2 mm. Em virtude de São Bento estar um pouco mais para o interior, as precipitações são menos intensas: alcançam o total anual de 1 887,6 mm.

No estado do Piauí, a faixa litorânea de clima quente e úmido com precipitações máximas no outono se alargam para o interior, até aproximadamente o paralelo de 5°.30', atingindo Teresina e Alto Longá. Seguindo para leste, abrange a "Região das Cuestas", prolongando pelo Estado do Ceará.

As médias mensais de temperatura são maiores, isto pelo fato da estação sêca ser mais prolongada, ocasionando maior aquecimento. Em Teresina, por exemplo, a temperatura média mensal mais alta é de 28°.8, registrada em outubro. Durante

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3433 — T.J.)*

Os cerrados ocupam grandes áreas do interior do Brasil, sendo que, no Maranhão, seu sítio predileto são as chapadas.
A foto mostra um tipo de cerrado alto, onde estão ausentes alguns dos elementos mais característicos dêste tipo de vegetação. Pode-se, entretanto, notar a presença de espécies da floresta equatorial, o que indica estarmos numa região de contato entre essas duas formações. *(Com. T.C.)*

OCEANO ATLÂNTICO
Farol
Banco de Areia
ILHA DO CAJU
I. DO CARRAPATO
I. DO BAGRE ASSADO
ILHA COROATÁ DE DENTRO
ILHA DAS CANÁRIAS
ILHA DOS GUARÁS
ILHA DOS POLDROS
Baía das Canárias
Farol Canárias
Canárias
ILHA DO MANGUINHO
ILHA DE STA. CRUZ
Pedrinhas
Carnaubeira
Freicheiras
N.S. da Conceição
ARAIOSES
Rio Freicheira Grande
Igarapé Carnaúbeiras
Buritizinho
Magu
Rio Santa Rosa
ILHA DOS POÇÕES
Rio Magu
Casa Velha
Angico
Lagoa Magu
Cana Brava
Lago do Barro
Baixa Funda
Jequiri
Palmeira
Bacuri
S. Gonçalo
S. José
Santana Velha
C. da Barra
Barra Funda
Passagem do Magu
Várzea Redonda
Vargem Grande
Rio Mariquê
Mamorana
Capim
Alto Bonito
Jandira
I. do Meio
RIO PARNAÍBA
Malhada Grande
Angico
Florzinha
TUTÓIA
SÃO BERNARDO
MAGALHÃES DE ALMEIDA
PIAUÍ
42°15'
42° WG
42°
2° 45'
3°
3° 15'
CONVENÇÕES
CIDADE
VILA
POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
OCEANO ATLÂNTICO
PARÁ
GOIÁS
PIAUÍ
SITUAÇÃO

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 475 — T.J.)*

O cerrado com seus elementos arbóreos de troncos retorcidos e coriáceos, apresentando uma cobertura de gramíneas, corresponde a um tipo de vegetação predominante no nordeste do Maranhão. *(Com. A.J.P.D.)*

tôda a estação sêca a temperatura se mantém elevada, embora bastante amenizadas na época das chuvas, coincidindo a temperatura média mensal mais baixa 25°.8, com o mês mais chuvoso (março). A amplitude térmica é portanto, um pouco maior, atingindo 3°.0.

Quanto às precipitações, mostram-se como já se disse, menos abundantes que na baixada maranhense, porque esta região sofre com menor intensidade a influência da faixa de calmas do equador (massa equatorial norte).

Mais acentuada a estação sêca por um período de maior duração, isto é, de junho a dezembro, com a estiagem mínima de agôsto ou setembro. Caindo as chuvas de janeiro a maio o mês de março oferece maior pluviosidade. Computando-se os dados fornecidos pelos vários postos pluviométricos do Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas, observa-se que os totais anuais variam muito. Assim, no pôsto de Amarração, no município de Luís Correia bem no litoral, é de 1 142,0 mm, todavia, mais para o interior, na estação de Pôrto (na margem do rio Parnaíba) o total é de 1 535,8 mm, em Batalha, 1 515,2 mm em Barras, 1 604,5 mm (total mais elevado desta zona), União 1 545,6 mm, Teresina, 1 512,4 mm e Alto Longá, 1 424,9 mm.

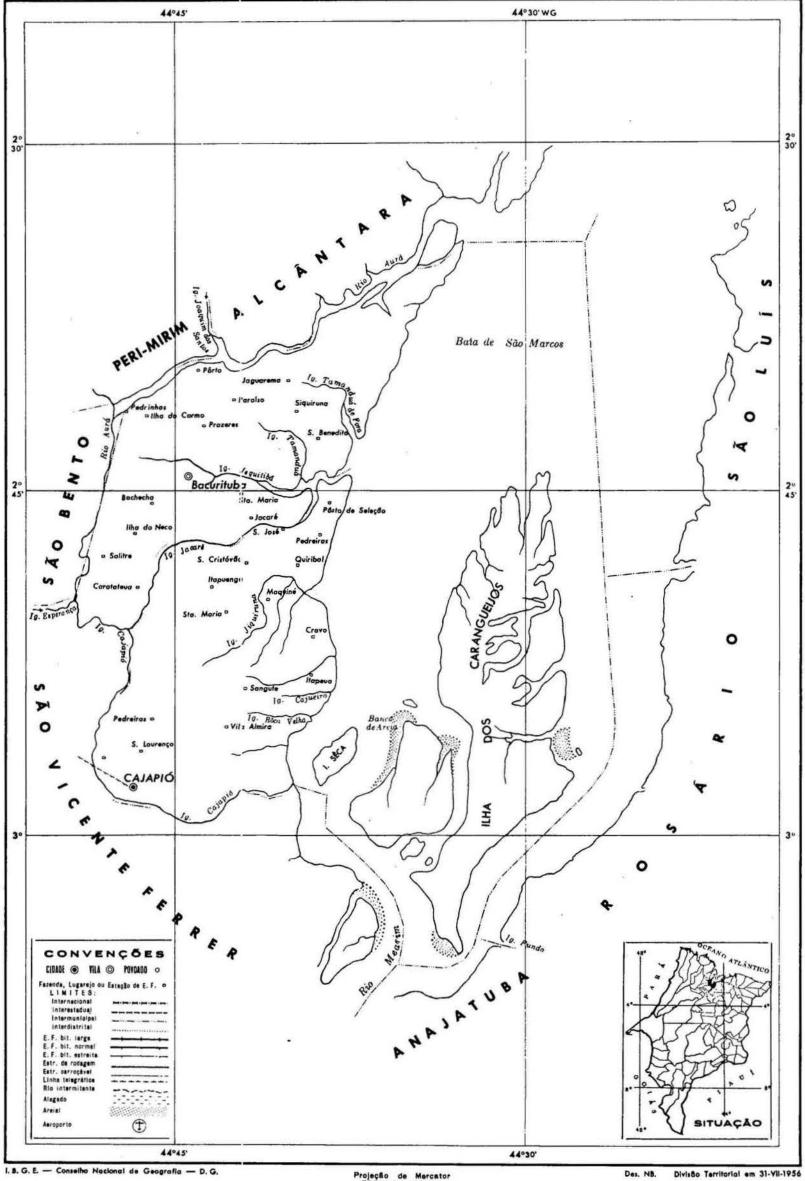
Isto se explica pelo fato da região litorânea do Piauí pouco sofrer influência diminuída da faixa de calmas que produz chuvas abundantes no Maranhão, enquanto mais para o interior já se faz sentir a ação da massa equatorial continental, responsável pelas chuvas intensas no Centro Oeste do país.

Município de Barras — Piauí *(Foto C.N.G. 3 586 — T.J.)*

A carnaúba (Copernicia cerifera, Mart.), pertence à família das palmáceas, sendo uma das mais belas palmeiras pelas fôlhas que se inserem no seu estipe.

Considerando as numerosas utilidades dessa palmeira, Humboldt deu-lhe a denominação de "árvore da vida" e "árvore da providência".

Formam associações densas, principalmente no município de Barras que faz transição para as "cuestas". *(Com. E.R.S.)*

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)
5 0 5 10 km

Apesar dos totais dessa zona serem geralmente inferiores aos das baixadas maranhenses, não se pode deixar de considerar esta faixa de clima quente e úmida do Piauí (Aw') como possuidora de precipitações regularmente abundantes.

Na planície interior domina o clima quente e úmido com chuvas de verão (Aw'), característico do Planalto Central do Brasil. Verifica-se nessa extensa região no período do verão o domínio da massa equatorial continental, determinando então, as chuvas isto por causa do contato com a massa tropical atlântica (frente intertropical). Registram-se ainda nesta área precipitações locais produzidas pelo forte aquecimento de um e a convecção.

De maneira geral, pode-se dizer que os traços do regime pluviométrico da zona interior da planície do Meio Norte, são os mesmos do Planalto Central.

A diferença existente reside num pequeno retardamento da estação chuvosa. Na realidade na área do Maranhão e do Piauí abrangida por êsse tipo de clima, verifica-se um atraso das chuvas, que vão crescendo para o norte, até chegar à baixada litorânea, onde o período chuvoso prorroga-se até o outono, quando se assinala os máximos dando oportunidade ao aparecimento de um subtipo climático (Aw').

As chuvas têm início na planície interior em novembro ou dezembro, porém, sòmente em janeiro se tornam mais intensas, prolongando até abril ou maio. Nos meses de janeiro a abril sobrevém a quadra mais chuvosa do ano, sendo quase sempre março o mês de maior precipitação. Em

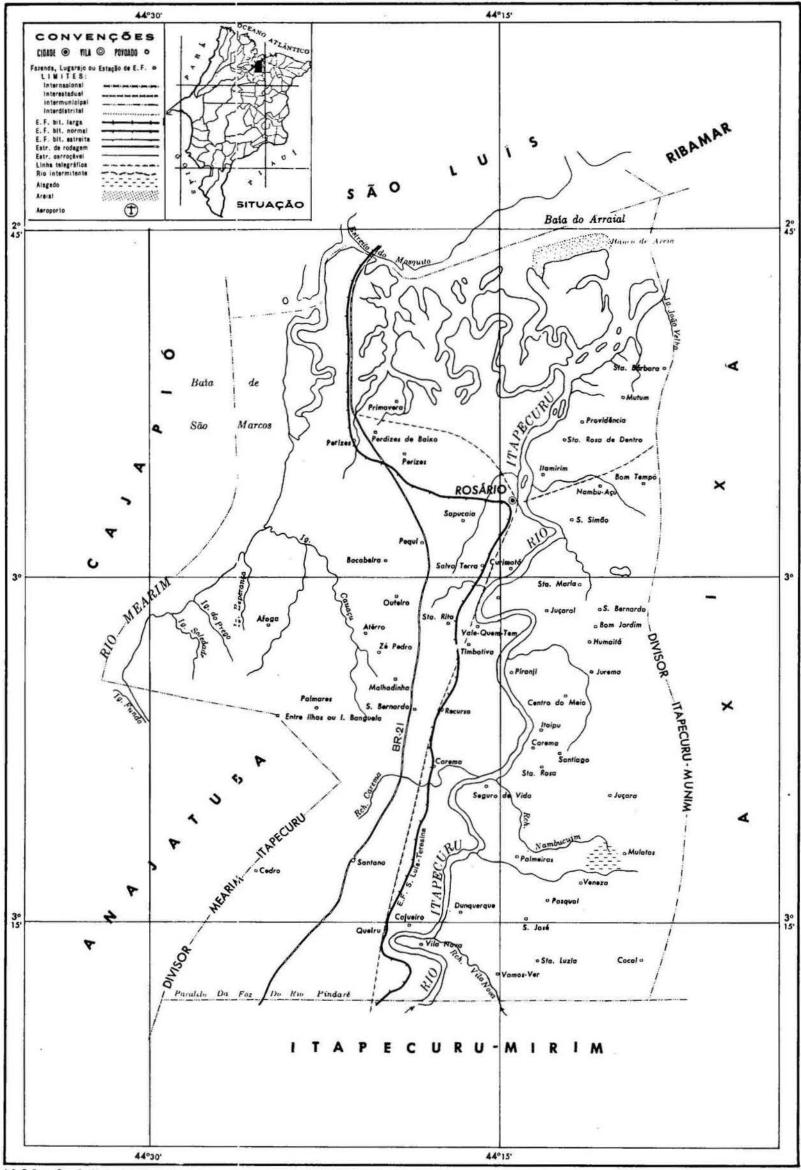
Município de São Luís — Maranhão *(Foto C.N.G. 3422 — T.J.)*

A cidade de São Luís, erguida sôbre tabuleiros terciários, foi fundada em 1612 pelos franceses, lembrando seu nome o de Luís XIII, rei da França.

Cidade construída em dois níveis, possuindo o superior cêrca de 25 metros, está situada entre as embocaduras dos rios Bacanga e Anil. A fotografia ilustra êsse aspecto da capital maranhense. *(Com. E.R.S.)*

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)
5 0 5 10km

Des. AA. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Município de São Luís — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 606 — T.J.)*

A capital maranhense se apresenta como importante centro de exportação dos principais produtos regionais, como o óleo babaçu, o algodão e o arroz. Seu pôrto, porém, deixa muito a desejar, pois o intenso assoreamento das embocaduras dos rios Anil e Bacanga não permite que grandes navios atraquem aos cais.

Na foto vemos a estação da E. F. São Luís—Teresina, única via férrea existente no Maranhão e que apresenta muitos problemas, sendo precário seu estado de conservação e utilização.

Vemos também, ao fundo, o rio Anil, nas margens do qual está situado o cais da Sagração, que, se construído como foi planejado, seria um grande melhoramento para esta importante cidade do Meio-Norte. *(Com. J.X.S.)*

maio já se comprova um razoável decréscimo; a estiagem neste mês, e às vêzes em junho, inicia-se, indo até outubro. Os meses da sêca mais rigorosa são junho, julho e agôsto, não havendo a bem dizer quase nenhuma precipitação nesta época. O mínimo de pluviosidade é registrado em julho ou agôsto.

No semestre de verão (outubro a março) concentra-se pouco mais de 70% da precipitação total do ano, porém, levando-se em conta o período mais chuvoso, pròpriamente dito, isto é, dezembro a maio, a porcentagem se eleva a mais de 80%. Esta é uma característica do clima Aw' típico onde a distinção dos períodos secos e chuvosos é muito nítida.

Também nesta zona as temperaturas se mantém elevadas durante todo o ano: pequena é a oscilação térmica anual, que varia de 1° a 3°, característica das baixas latitudes.

Antecedendo ao período chuvoso de verão, aparece o mês mais quente: setembro ou outubro. Quanto ao mês mais frio, coincide com a estação sêca ocorrendo as médias mais baixas de temperatura em julho, quando se dá geralmente a menor precipitação mensal.

As temperaturas médias anuais pouco variam em tôda a região, oscilando de 25°5 a 26°.5. As temperaturas médias mensais mais baixas não são inferiores a 24° e as mais altas atingem 28°. Não existe portanto, diferença quanto às estações no

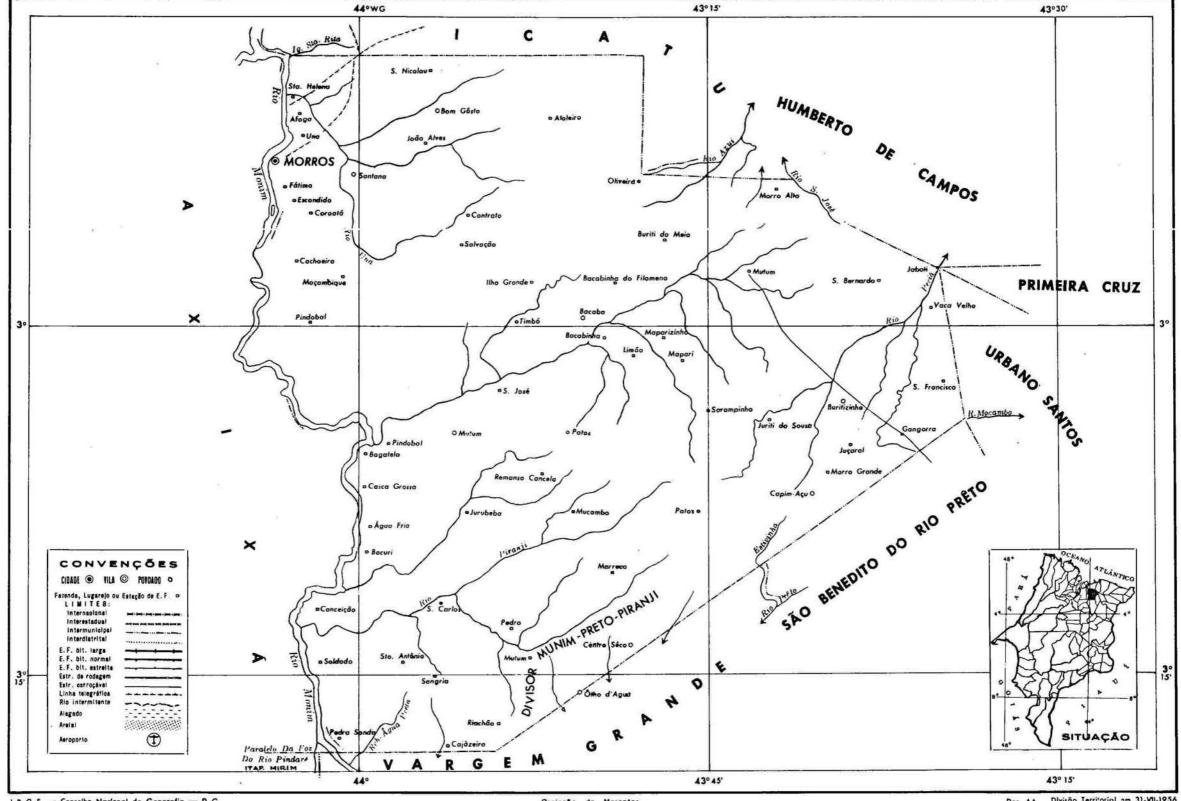
SÃO LUÍS
RIBAMAR
ICATU
MORROS
ROSÁRIO
ITAPECURÚ - MIRIM
VARGEM GRANDE
Baía de São José
Baía do Arraial
Banco de Areia
Braço Oriental Do Rio Itapecuru
Rio Munim
Ig. Sta. Rita
Filipa
Ribeirão
Burgos
Belém
Guaperiba
Veneza
AXIXÁ
S. Benedito
S. José
Boa Fé
P. de Pedras
Rui Vaz
Cach. Grande
Tanque
Bom Jardim
Sumaúma
Cachoeira
Barriguda
Gavião
Sta. Maria
Brandões
Sta. Isabel
Raiz
Hora
Tabaco
Prata
Taquari
Bacabal
Pigói
Bonfim
Barros
Onça
Coelho
Sangrador
Barreira
Juçaral
Lagoinha
S. Raimundo
Estrema
S. Lourenço
Sto. Antônio
DIVISOR - ITAPECURU - MUNIM
Paralelo Da Foz Do Rio Pindaré
44°15'
44° WG
44°
2° 45'
3°
3° 15'
CONVENÇÕES
CIDADE VILA POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
OCEANO ATLÂNTICO
PARÁ
PIAUÍ
GOIÁS
SITUAÇÃO

que se refere às temperaturas, pois, a oscilação durante o ano é muito pequena. Isto se deve não só à baixa latitude como também, ao fato da temperatura máxima anteceder o início das chuvas, sucedendo quase sempre em setembro ou outubro, enquanto, nos meses de verão as temperaturas são amenizadas pela coincidência com o período chuvoso. As médias mais baixas registram-se em julho, coincidindo com a menor altura do sol e muitas vêzes com o mês mais sêco.

Os totais das precipitações anuais, variam muito em tôda a zona da planície interior. Ao sul, próximo ao limite da Região dos Chapadões, a estação de Barra do Corda, situada à margem direita do rio Mearim, na confluência do rio Corda, assinala o total anual mais baixo de todo o estado do Maranhão, ou seja 1 097,3 mm. Aliás, o rio Mearim é considerado o limite oriental da floresta amazônica e também do clima mais úmido. Realmente, a oeste dêste rio, as chuvas são mais copiosas permitindo o desenvolvimento de uma vegetação densa e pujante, a hiléia. Como já se disse, a precipitação nesta região ocidental do estado do Maranhão é mais abundante, decrescendo, entretanto, gradativamente para leste, observando-se como conseqüência uma mudança na paisagem. O aparecimento da hiléia torna-se cada vez mais esporádico, dando formação, à proporção que se aproxima o rio Mearim, a uma vegetação mais semelhante à caatinga. O geógrafo Lúcio de Castro Soares em seu artigo intitulado "Limites Meridionais e Orientais da Área de Ocorrência da Floresta Amazôni-

Município de São Luís — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 531 — T.J.)*

São Luís tem no comércio um dos fatôres de sua existência como cidade. Possuindo uma grande área comercial, vamos encontrar o comércio varejista e as melhores lojas da cidade concentradas na Praça João Lisboa.

A foto acima nos mostra um pequeno trecho dessa praça com os velhos sobrados revestidos de azulejos, em geral, casas comerciais e escritórios. *(Com. E.R.S.)*

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)
5 0 5 10km

Des. AA. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Município de São Luís — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 533 — T.J.)*

A Avenida D. Pedro II, antiga Avenida Maranhense é onde se localiza o centro administrativo da cidade de São Luís.

A fotografia nos mostra êsse logradouro, vendo-se à esquerda o consulado da Inglaterra. Localizam-se, ainda, nessa área, o Palácio do Govêrno, a Delegacia Fiscal, a Capitania do Pôrto, além da Prefeitura Municipal. *(Com. E.R.S.)*

Município de São Luís — Maranhão *(Foto C.N.G. — 3532 — T.J.)*

Palácio do Govêrno, em São Luís, situado à Avenida D. Pedro II, a mais importante da cidade e onde se situa a área administrativa.

O tipo de construção, de estilo neo-clássico, é muito comum no gôsto do chamado "fin de siècle". *(Com. E.R.S.)*

ca, em Território Brasileiro", considera o rio Mearim como limite oriental da floresta amazônica (Revista Brasileira de Geografia, Ano XV, n.º 1, janeiro-março de 1953 — pág. 77).

A razão desta região de Barra do Corda ser bem menos úmida se explica: a influência da massa equatorial continental quente e úmida, formadora de chuvas abundantes em todo o interior do país, aí se faz sentir com menor intensidade. Barra do Corda apresenta regime pluviométrico semelhante ao da zona mais úmida do oeste do Estado conquanto a estação sêca seja mais acentuada.

Na estação de Imperatriz, por exemplo, situada na zona mais úmida, a estiagem tem início em junho e se estende apenas até setembro, pois, em outubro, começam as chuvas embora ainda não muito fortes. Quanto a Barra do Corda, já em maio se observa um decréscimo grande, prolongando-se a estação sêca até outubro, pois, sòmente em novembro as chuvas se iniciam, mas ainda fracas. O mês mais chuvoso é sempre março, porém, a altura da chuva, na zona mais úmida é bem maior: Imperatriz 324,8 mm e Barra do Corda 213,9 mm.

Seguindo-se para nordeste, em direção aos baixos cursos dos rios Mearim, Itapecuru e Parnaíba, a estação sêca torna-se ainda mais acentuada. Os totais anuais são todavia bem elevados, pois, as precipitações são muito abundantes na quadra chuvosa. A estação de Coroatá localizada no baixo vale do Itapecuru registra um total de 1 641,3 mm, notando-se um retardamento maior da estação chuvosa para o outono, o que marca a transição para o clima com precipitações no verão-outono da baixada litorânea (Aw'). A porcentagem de chuvas

45°15'
45° WG
44°45'
3°
3° 15'
45°
S. VICENTE FERRER
Ibipeuara
SÃO BENTO
PINHEIRO
CAJAPIÓ
MATINHA
VIANA
ANAJATUBA
Sta. Rosa
S. Benedito
Outeiro de Maria Justina
Cabeceira
Sto. Inácio
Ipueira
Baixa Grande
Itapecuru
S. Francisco
Mata Praga
Curva
S. Benedito
Contagalo
Bonfim
S. Marçal
Montevidéu
Teles
Loreto
Estrêla
Ôlho d'Agua
Marco do Paulo
Campinho
Pacheco
Rio dos Peixes
S. Marcos
Chega
Juçaral
S. José
Nova Iorque
Taboca
Cafèzal
Cruzeiro
Pedrosa
Vertente
Ubó
S. Benedito
Nazaré
Gameleira
Itaparica
Laranjeiro
Santana
Olinda
Ponta Grossa
Santana
Bebedouro
Rapôsa
Têso do Quiabo
Torreão
Frei Antônio
Cajueiro
Tabaréu
Pinto
Moitas
Ig. Boa Esperança
Rio Aurá
Lago. Cajapió
Ig. Canoas
Ig. Novo
Ig. Ambude
Ig. Pirapendiba
Br. Ocidental
Br. Oriental
I. dos Caranguejos
CONVENÇÕES
CIDADE
VILA
POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
OCEANO ATLÂNTICO
PARÁ
PIAUÍ
SITUAÇÃO

no semestre de verão é bem mais baixa (70.1%), que em Barra do Corda (76.4%), porque, as precipitações atingem os meses de outono, revelando a transição referida. As chuvas iniciadas em dezembro se prolongam até maio. O mês de maior precipitação, março, apresenta um valor normal muito elevado, ou seja, 428,8 mm. Tomando-se em conta os quatro meses de chuvas mais fortes, isto é, janeiro a abril, verifica-se uma porcentagem maior que a do semestre de verão, 76.1%. A estação sêca é, portanto, bastante nítida, de junho a novembro, com o mínimo de precipitação em agôsto (1,8 mm). As temperaturas são altas durante todo o ano na estação de Coroatá, sendo de 3°.2 a amplitude térmica. O mês mais quente é setembro (27°.3), não antecedendo imediatamente a estação chuvosa, que principia em dezembro; O mínimo térmico se registra em julho (24°.1), em plena estação sêca.

Caxias ainda no vale do Itapecuru, porém, situada mais para SE, apresenta um total anual de precipitação inferior ao de Coroatá, ou seja, 1 354,8 mm. O regime pluviométrico é, no entanto, o mesmo, sendo março o mês de maior precipitação (298,1 mm) e agôsto, o de média mais baixa (3,8 mm).

Quanto às temperaturas médias, são um pouco mais elevadas, notando-se em outubro e no-

Município de São Luís — Maranhão *(Foto C.N.G. 3421 — T.J.)*

A cidade de São Luís, em seu conjunto, lembra a de Salvador, pois nela pode ser distinguida uma parte baixa e outra alta.
As ruas da parte antiga da cidade são geralmente estreitas, de traçado irregular, com declives às vêzes fortes, chegando a possuir degraus, como podemos observar nas fotos.
Os sobrados antigos, com dois ou três andares, fazem sentir que o passado ali está presente. *(Com. E.R.S.)*

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:200 000
(1cm = 2 km)

2,5 0 2,5 5 7,5km

Des. ZN. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

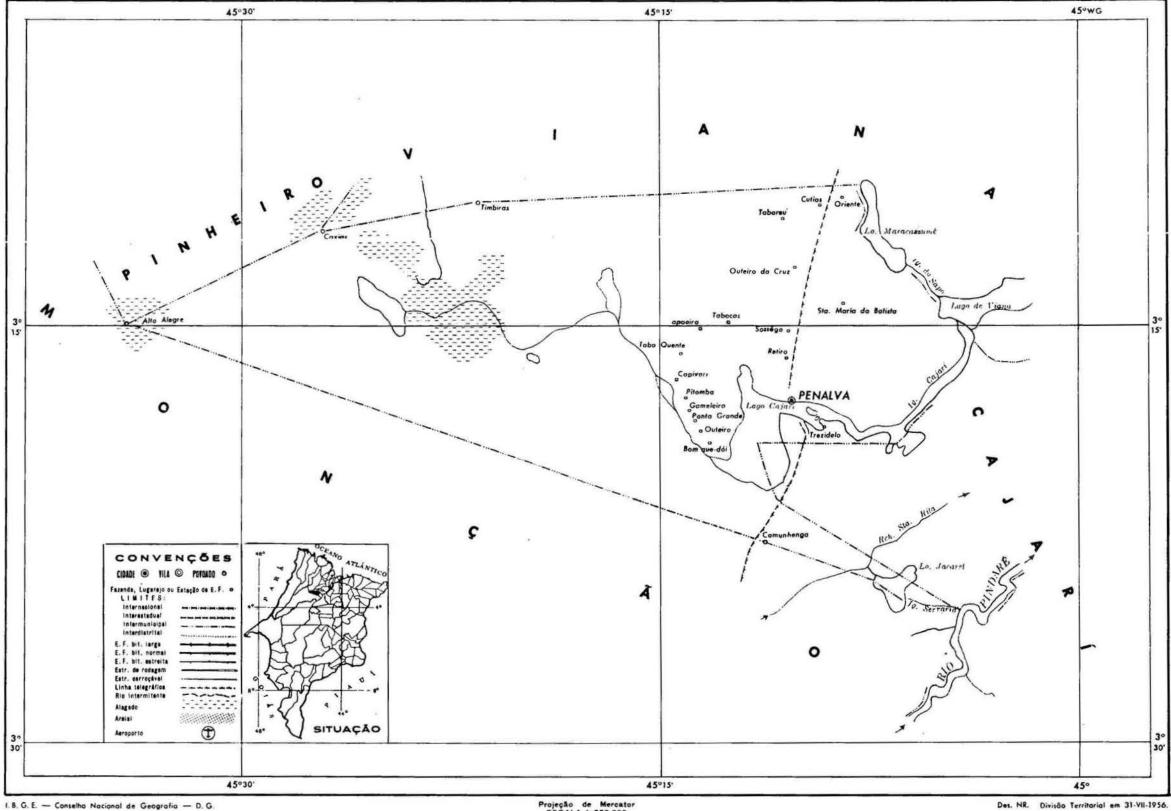
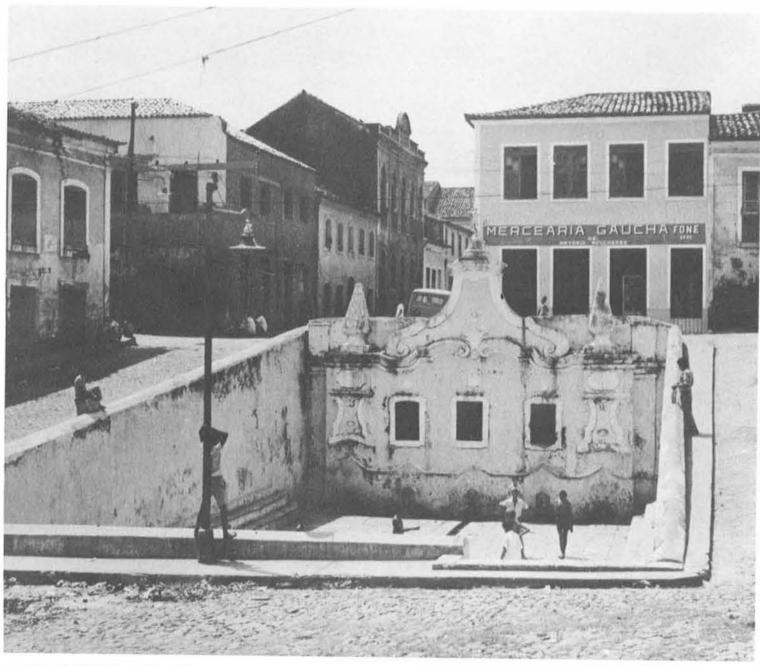
Município de São Luís — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 535 — T.J.)*

Desde o século XVIII São Luís se destacou como centro concentrador e exportador dos produtos da região.
O comércio era dos mais ativos, emprestando à cidade fausto e grandeza, principalmente de 1850 a 1870.
O bairro central da cidade se desenvolveu neste período guardando ainda hoje muito do seu aspecto antigo.
É uma das poucas cidades brasileiras a conservar quase que inteiramente o estilo colonial. São numerosos os sobrados amplos e sólidos com varandas bem trabalhadas em ferro ou com as fachadas em azulejos.
Na fotografia vê-se uma ladeira típica, estreita, ladeada por velhos casarões do tempo da colônia. *(Com. L.C.V.)*

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:250 000
(1cm — 2,5km)

2,5 0 2,5 5 7,5 10km

Des. NR. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Município de São Luís — Maranhão *(Foto C.N.G. 3607 — T.J.)*

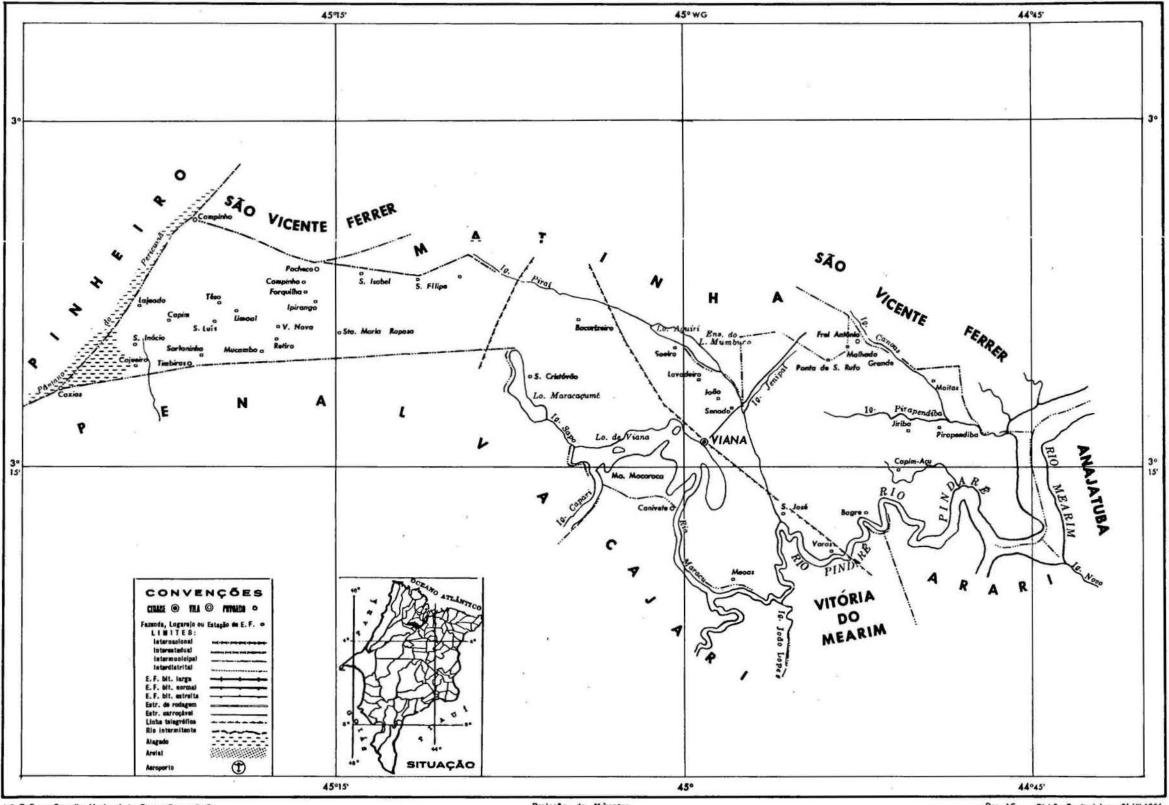
Com as suas volutas e enfeites de gôsto barroco setecentista, o velho chafariz de São Luís é uma lembrança da antiga fisionomia colonial da cidade. *(Com. M.M.A.)*

vembro, os valores máximos (28°.1); a temperatura média mais baixa, a de julho, é também maior que a de Coroatá. (25°.2).

A diminuição progressiva da precipitação que se observa para SE, continua a se processar no Piauí, até chegar ao clima semi-árido que abrange grande parte do leste do Estado.

Finalizando, convém acentuar que na Região da Planície domina um clima quente e úmido com precipitações relativamente abundantes, com duas estações bem marcadas, com variação todavia, do regime pluviométrico. Na porção litorânea, as chuvas de verão-outono, prevalecem enquanto para o interior o semestre de verão, pròpriamente dito, é o período chuvoso.

Êste clima se reflete de maneira acentuada na paisagem da planície, principalmente, quanto à cobertura vegetal. É grande sua influência no regime dos rios, que lá são perenes durante todo o ano, ao contrário do que acontece na Região do Sertão (Nordeste Oriental), onde os cursos d'água "cortam" durante a estação sêca, bem como no modelado do relêvo. Também não é menor, aquela que se exerce na paisagem cultural, permitindo em certos trechos o desenvolvimento da agricultura e da pecuária extensiva, porque, embora existindo uma estação sêca marcante, a quadra chuvosa é pródiga, não prejudicando a economia da região como sucede muitas vêzes no Nordeste Oriental onde o longo período sêco acarreta graves conseqüências à vida regional.

Tendo sido a região submetida, em épocas pretéritas, a uma série de oscilações climáticas e oferecendo, além disto, grandes diversidades de so-

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)

Des. AC. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Município de São Luís — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 668 — T.J.)*

A cidade de São Luís ergueu-se sôbre os tabuleiros terciários que variam de 20 a 30 metros e avançam sôbre as águas da baía de São Marcos sob a forma de escarpa.

O núcleo inicial da cidade por necessidade de defesa teve sua origem neste nível mais alto, expandindo-se ao longo dos espigões e posteriormente ocupando as áreas mais baixas.

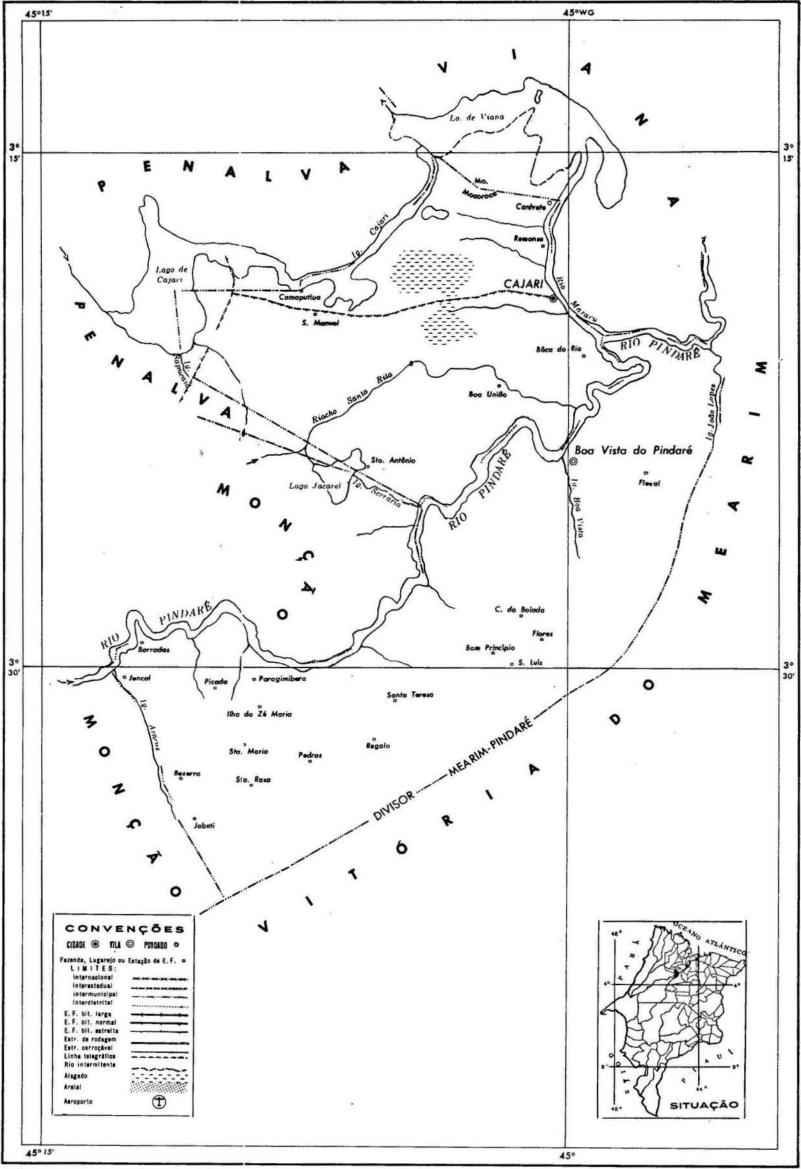
O traçado das ruas adaptou-se da melhor forma possível ao relêvo, o que explica as numerosas ladeiras e as ruas sinuosas freqüentes no traçado urbano.

A presente fotografia tirada na direção sul mostra uma delas, ligando um trecho baixo da cidade, às margens do Bacanga, à parte mais alta. *(Com. L.C.V.)*

Estado do **MARANHÃO** Município de **CAJARI**

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:200 000
(1cm = 2 km)
2,5 0 2,5 5 7,5km

Des. AM. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Município de São Luís — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 608 — T.J.)*

A Catedral de Nossa Senhora da Vitória, em São Luís, é bem representativa do neo-classicismo que imperou na arquitetura brasileira do século XIX. Ao lado da Sé, o Palácio Arquiepiscopal, servindo ambos de fundo à Avenida Pedro II. *(Com. M.M.A.)*

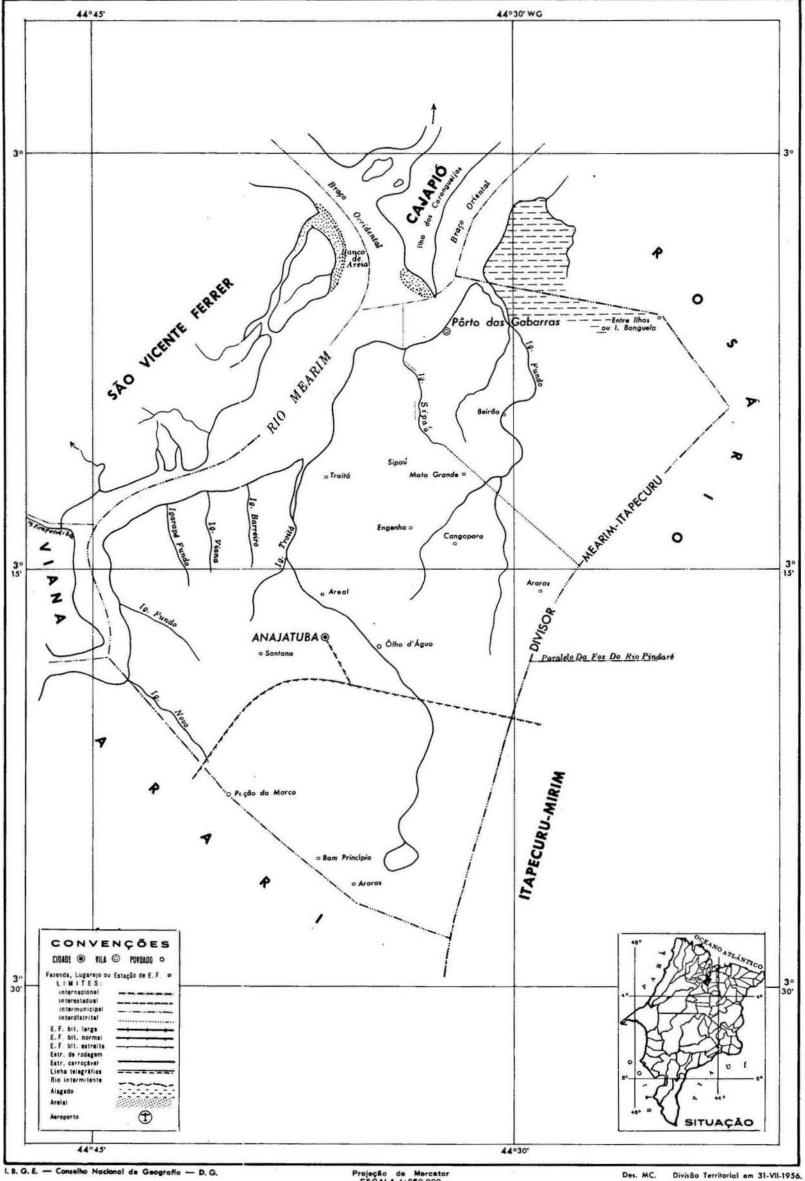
los, isto se refletiu, consideràvelmente, no quadro da distribuição da vegetação original.

Situada entre uma área úmida, predomínio de vasta floresta equatorial e uma zona sêca — domínio da caatinga, em virtude das mudanças de clima verificadas no quaternário, converteu-se, esta região, sob o ponto de vista fito-geográfico, em um verdadeiro emaranhado de formações botânicas.

As diversas formações se interpenetram, por vêzes, surgindo como áreas relíquias, afigurando-se, deslocadas, em função do clima recente. Tal é o caso da ocorrência de áreas campestres nos arredores de Caxias, bem como mais ao norte, atingindo o litoral. Também, o aparecimento de espécies amazônicas, em meio das formações florestais, que emolduram os rios da baixada a leste da planície, vêm refletir a existência de paleoclimas bem diversos do clima atual. Concluindo, diga-se que, a fim de estudar convenientemente a vegetação da planície do Meio Norte, faz-se mister examinar colateralmente as formações florísticas, do seu passado climático, sem o que sentir-nos-emos impossibilitados de encontrar explicações plausíveis para o quadro da vegetação presente da área em estudos.

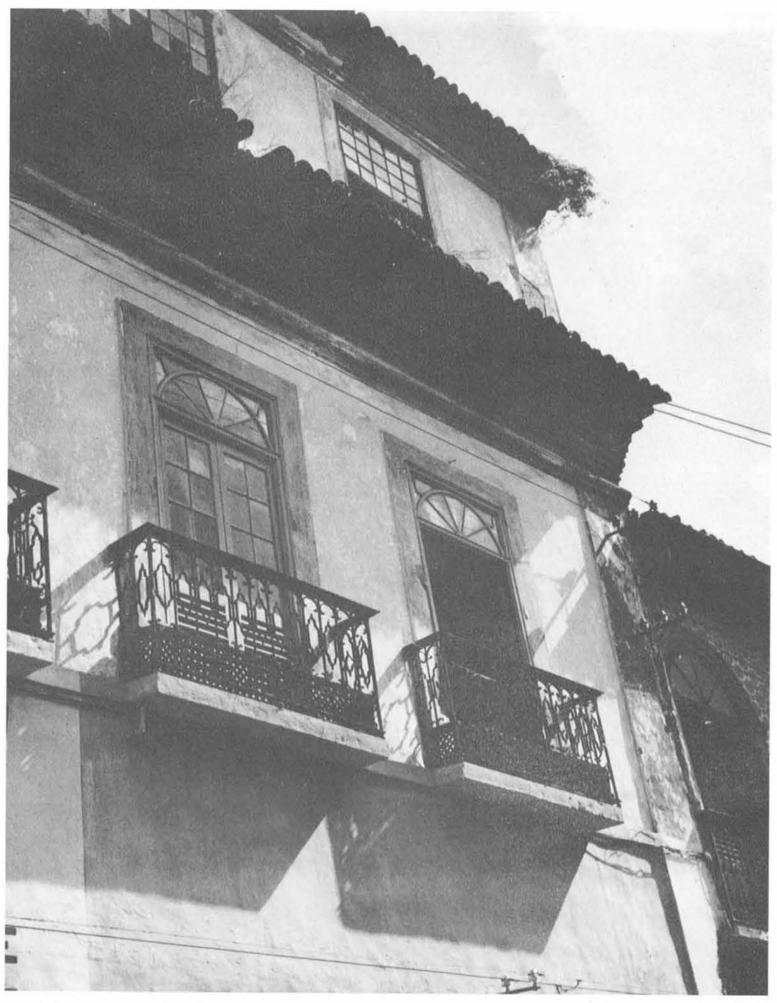
Observando-se o litoral do Meio Norte, vê-se, a oeste, uma região baixa, repleta de reentrâncias: baías, ilhas, furos, etc.

Durante as marés máximas é esta zona parcialmente inundada, constituindo um local propício ao desenvolvimento dos "mangues" — vegetação pioneira do litoral. Localizam-se em águas pouco agitadas e pela sua rápida multiplicação, depressa se expandem no litoral baixo, encimando-se pelos baixos cursos dos rios até onde se efetua a influência da vaga da maré.

Êstes elementos vegetais, coadjuvados com as centenas de raízes respiradoras, contribuem para a retificação do litoral. Funcionam, em virtude do

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:250 000
(1cm = 2,5 km)

2,5 0 2,5 5 7,5 10km

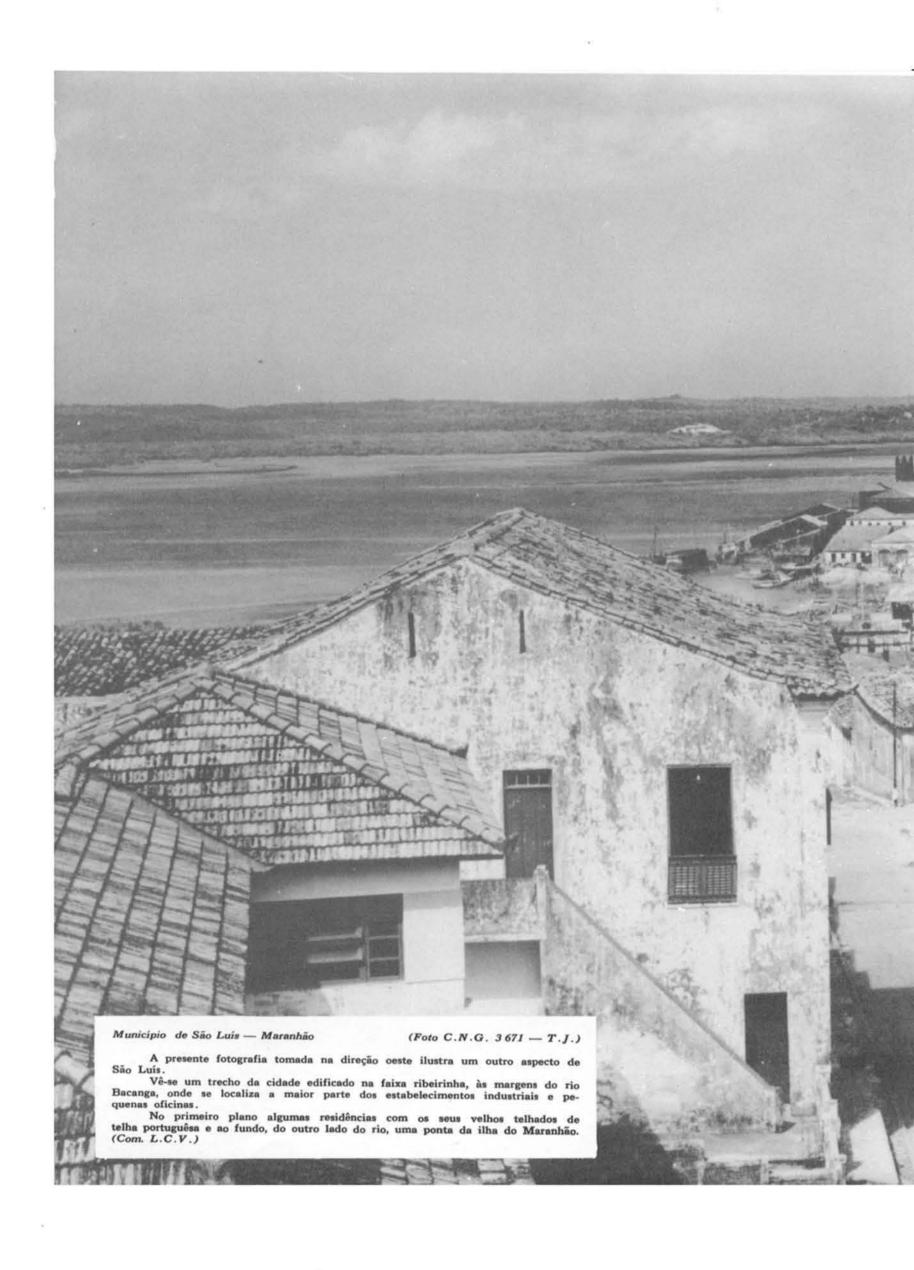
Des. MC. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Município de São Luís — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 536 — T.J.)*

O sobrado permanece na fisionomia urbana de São Luís como uma reminiscência muito viva do gôsto arquitetônico português. Compreende-se que assim seja, quando sabemos da extraordinária influência do elemento luso na ambiência do Maranhão, notadamente no comércio. *(Com. M.M.A.)*

Município de São Luís — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 671 — T.J.)*

A presente fotografia tomada na direção oeste ilustra um outro aspecto de São Luís.

Vê-se um trecho da cidade edificado na faixa ribeirinha, às margens do rio Bacanga, onde se localiza a maior parte dos estabelecimentos industriais e pequenas oficinas.

No primeiro plano algumas residências com os seus velhos telhados de telha portuguêsa e ao fundo, do outro lado do rio, uma ponta da ilha do Maranhão. *(Com. L.C.V.)*

Município de São Luís — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 669 — T.J.)*

A cidade de São Luís tem um aspecto tìpicamente colonial. Suas casas sóbrias, suas ruas sinuosas e irregulares assim a caracterizam, embora tenha esta capital sofrido consideráveis melhoramentos urbanísticos, nestes últimos anos.

Representou a capital do Maranhão um papel importante no povoamento e civilização do norte do país, sendo cognominada a "Atenas Brasileira".

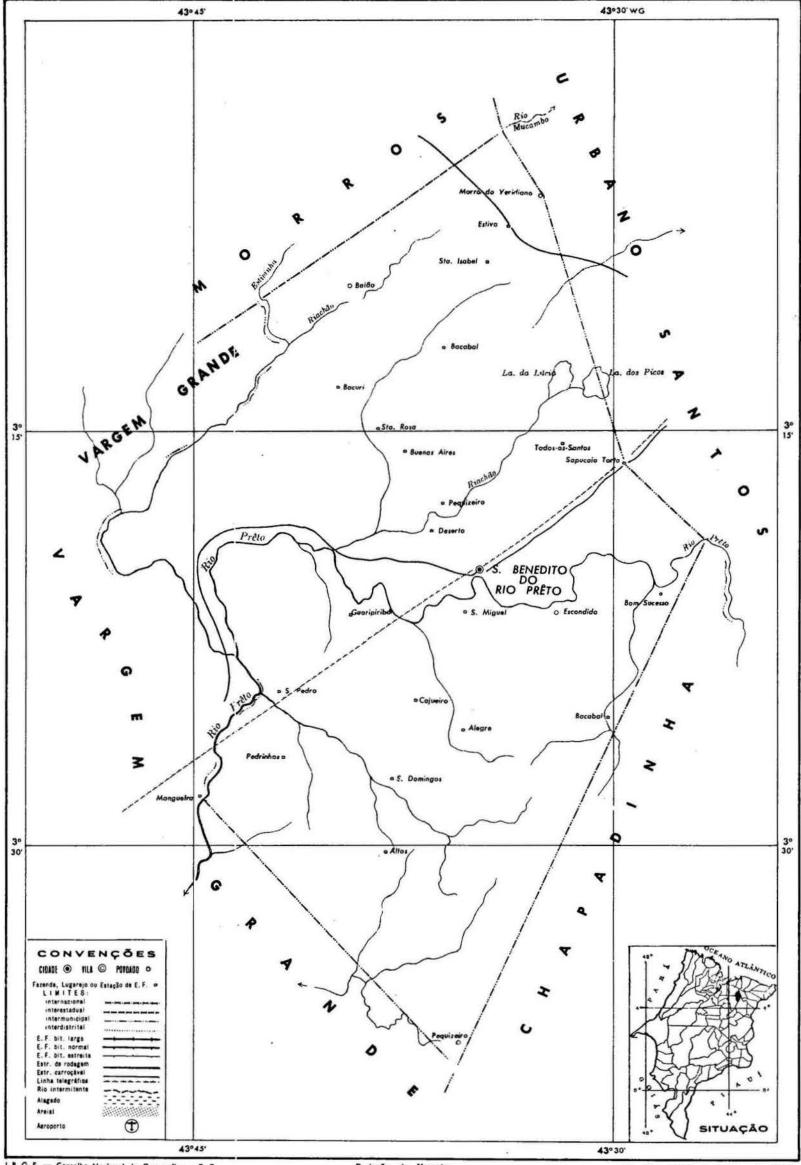
Vemos a parte residencial da classe média da cidade, em foto trada do alto da Igreja de São Pantaleão, em direção norte. *(Com. J.X.S.)*

atrito que sofre a água, como um freio ocasionando a diminuição de velocidade das correntes e contribuindo para aumentar o volume da sedimentação das partículas.

Com o correr dos anos, temos ampliadas as áreas superiores, ajudando à fixação de espécies menos exigentes. Estabelece-se, portanto, inicialmente, o mangue vermelho (Rhizophora mangle) mangue "verdadeiro"; após, surge o mangue "siriba", formado por uma mistura da *Verbenaceae Avicennia nítida* e *A. tormentosa*. Finalmente, em estágio mais evoluído pode ser substituído pelo mangue branco (Laguncularia racenosa). Esta espécie corresponde a área em que o tempo de duração das inundações da maré é menor. Além do mangue aparecer no litoral ocidental surge, também, a oriente, entre a foz do rio Parnaíba e a ponta do Mangue. Envolvendo o golfão e a zona dos mangues e separando da mata do interior, encontramos os campos que se desenvolveram sobremaneira próximos à foz dos rios Mearim e Itapecuru, prolongando-se em direção a Alcântara. Distingue-se pelo seu aspecto uniforme e tendem para a monotonia por cobrirem grande extensão. O viajante, ao percorrê-los, vê contìnuamente, a mesma paisagem, perfeitamente inclinada, ostentando um tapête de *gramíneas,* com alguns brejos onde se insinuam os mangues "siribas". Existem, em certos lugares, aquelas lagoas alongadas já referidas na parte física, possuindo uma flora matante e nas

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:250 000
(1cm = 2,5 km)
2,5 0 2,5 5 7,5 10 km

Des. RG. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

margens, juntos (Cíperaceae) e cebolas d'água que se destacam pelas suas flôres altas. Em certos locais dêstes campos vemos pequenas elevações — localmente chamadas "tesos", que apresentam uma vegetação arbustiva, e que constituem um refúgio da criação por ocasião das águas quando tudo se converte em um grande alagado. Esta vegetação arbustiva, encontra nestas elevações lugar favorável ao seu crescimento, isto por se achar longe do alcance das inundações.

Temos, a leste, uma série de cordões arenosos recobertos pela vegetação típica da restinga que prospera de maneira considerável entre Paulino Neves e Raivosa, interrompida aqui e acolá por dunas, mangues e formações campestres.

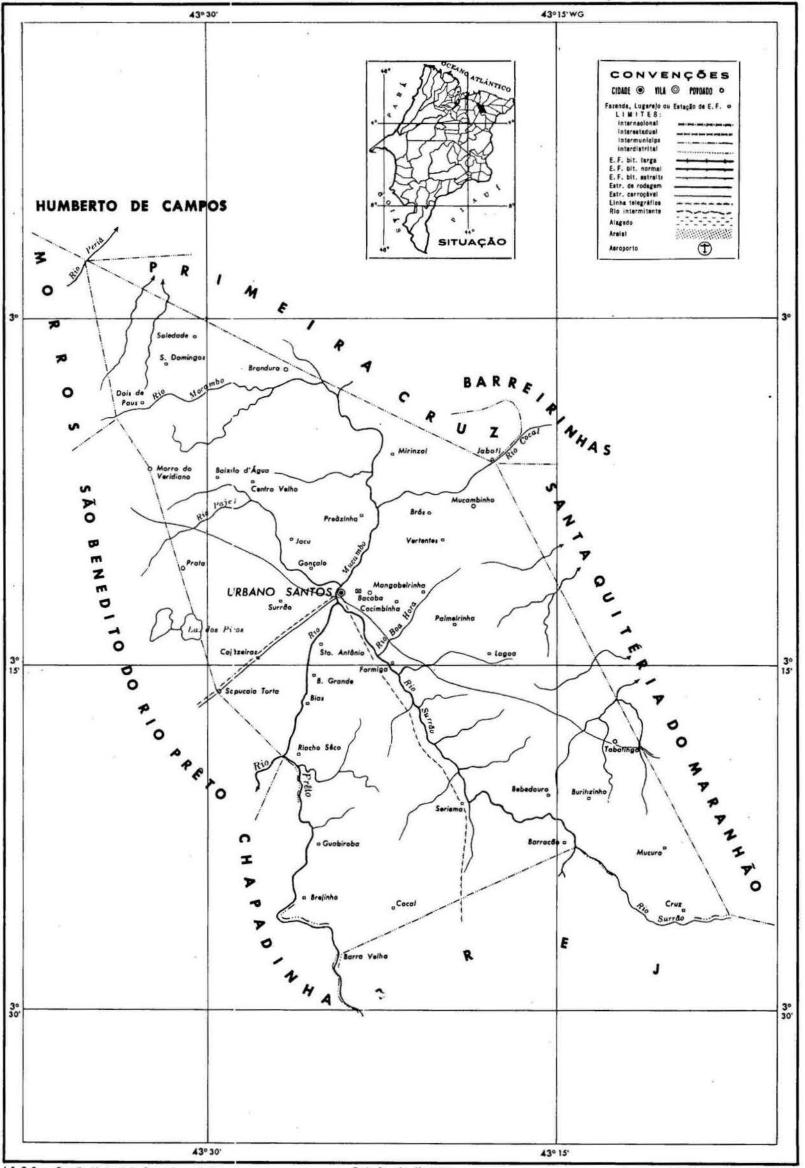
No mapa florístico do Maranhão, de Olímpio Fialho esta área foi denominada de: "vegetação Halófila do litoral cheio de Dunas" e, embora o autor não a tenha descrito ela apresenta os mesmos aspectos das outras áreas de restingas do Brasil.

A restinga ocupa, em linhas gerais, uma estreita faixa ao longo do litoral com maior propagação para o interior, onde os velhos cordões litorâneos serviam de maneira frisante. Os vegetais que constituem esta formação, vivem dependentes dos solos das restingas e, em segundo plano, de suas condições climáticas. Podemos afirmar, então, a importância primordial do solo, revelando esta vegetação halófila certas características. A vegetação de restinga, composta de elementos lenho-

Município de São Luís — Maranhão *(Foto C.N.G. 3480 — T.J.)*

O pôrto de São Luís oferece sérias desvantagens ao grande comércio marítimo. Os navios sòmente podem ancorar ao largo, devido aos bancos de areia que obstruem totalmente o canal de acesso.

O assoreamento é bastante intenso nos estuários do Bacanga e do Anil, exigindo dragagens constantes do canal de acesso, por onde navegam as embarcações intermediárias entre o cais e os navios, levando passageiros e carga.

Na foto vemos navios ancorados ao largo, e em primeiro plano, um banco de areia. ***(Com. J.X.S.)***

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)
5 0 5 10km

Des. FS. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Município de São Luis — Maranhão *(Foto C.N.G. 3534 — T.J.)*

A solução do problema portuário de São Luís constitui condição essencial ao maior desenvolvimento econômico do estado maranhense. Os navios de grande calado não podem atracar no cais do pôrto, sendo obrigados a ancorar ao largo. Deve-se esta situação ao assoreamento constante do ancoradouro dentro da baía de São Marcos.

Passageiros e mercadorias são transportados entre o cais e os navios por pequenas embarcações, o que encarece os produtos, pois requer numerosa mão-de-obra e grande perda de tempo.

Na foto vemos parte do cais da Sagração, com as citadas embarcações intermediárias. *(Com. J.X.S.)*

sos, em alguns lugares mais compactos, produz um verdadeiro emaranhado, que domina um sub-bosque. Aí ocorrem: o gravatá e o coqueiro de praia de mistura com *gramínea* e outras espécies. O contraste entre a vegetação arbustiva e aquela das depressões é forte: nesta, o solo bastante úmido e salgado permite, apenas, o aparecimento das *gramíneas e ciperaceas*.

Durante as grandes marés, algumas destas depressões são alagadas pela água salgada que impossibilita o desenvolvimento da vegetação arbustiva. A vegetação de restinga, em linhas gerais, mostra os mesmos caracteres da flora que se estende pelos cordões litorâneos da Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul.

Outra formação importante na região é a floresta, assinalada por dois tipos principais: a oeste faz-se representar pela floresta equatorial.

A hiléia amazônica, desfronda daquela exuberância que oferece a região amazônica, isto é, provàvelmente, em virtude dos períodos secos por que passou, responsáveis, também, pelo aparecimento de áreas consideràvelmente rarefeitas e de menos porte. Avançando para leste, nos pontos em que ainda viceja, depara-se com outro tipo de mata: mais baixa que a observada à oriente, acha-se, geralmente, transformada de uma sucessão de capoeiras de idades várias, destacando-se a embaúba e o babaçu. Isto se deve ao tipo de explotação agrícola com as derrubadas sucessivas. Esta mata pos-

43°WG 42°45' 42°30' 42°15'

3° 3° 15' 3° 30'

BARREIRINHAS

TUTÓIA

ARAIOSES

MAGALHÃES DE ALMEIDA

SANTA QUITÉRIA DO MARANHÃO

PIAUÍ

Rio Jucaral
Preguiças
Mangueira
Rio
Rio Palmeira
Guarimã
Sto. Antônio
Sta. Luzia
Rio da Fome ou da Formiga
Cambotas
Rio Carrapato
Rio Barro Duro
Pati
Cabeceira
Cedro
S. José
B. G. do Luís
S. Domingos
Buriti Sêco
Rio
Gengibre
Engenho Velho
Canto Grande
Passagem da Canoa
da Onça
Sta. Maria
S. Luís
Sanharó
Arapucá
Rch.
Bacuri
Igrejinha
Arapuca
Coca
Rio Bacuri
Tapera
Morro dos Rodrigues
Pau d'Água
RIO PARNAÍBA
Boa Vista
Coqueiro
Ôlho d'Água
Várzea Redonda
Rio Magu
S. J. das Almeidas
S. J. das Teixeiras
Riachão
Palmeira
Jatobá
Rio Marque
S. Benedito
Mata Velha
Cabeceira
Cajueiro
Bonfim
São João
Lago Santo Perto
Coqueiro
Pedrinhas
Paraíso
Borrachudo
S. Raimundo
S. Caetano
Marrecas
Mororó
Canoa Quebrada
Pé de Galinha
Abreu
S. Lourenço
SÃO BERNARDO
Cocal
Saco
Jabuti
Formosa
Salto de Pedras
Pôrto das Melancias
Pôrto Formoso

CONVENÇÕES

CIDADE ◉ VILA ◎ POVOADO ○

Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F. ○

LIMITES:

Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital

E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto

OCEANO ATLÂNTICO

PARÁ

PIAUÍ

GOIÁS

48° 44° 4° 8°

SITUAÇÃO

43° 42°45' 42°30' 42°15'

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:400 000
(1cm = 4 km)

5 0 5 10 15km

Des. FS. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

sui caráter transicional, pois se encontram elementos da floresta equatorial entre outras árvores que a ela não pertencem. Disseminada entre a mata litorânea, vê-se a palmeira (Orbygnia sp.) procurando, sempre, as margens dos rios e os fundos dos vales.

R. Lopes, em 1931, dava ao babaçu sua posição correta: "O palmeiral de babaçu (Orbygnia sp.) é justamente uma vegetação característica das zonas de interferência entre a Amazônia e o Chapadão, desde o Piauí até Rondônia, alastrando-se, especialmente, nas terras quaternárias e, de um modo geral, nas planícies e vales, mas não no campo alagado, com tantas outras palmeiras, nem no âmago da floresta, nem no chapadão".

Quem percorrer a região observa que os palmeirais não têm uma forma contínua e compacta. De sul para o norte, seguem-se pequenas e esparsas "ilhas" que se localizam à beira-rio; subindo um pouco, uns vinte metros elas desaparecem para surgir outro tipo de vegetação. Retomando-se o nível anterior, nem sempre reaparecem. Portanto as formações florestais ultrapassam em proporção as áreas dos palmeirais. Sòmente após a cidade de Caxias é que se nota um aumento de área do babaçu, ainda em "ilhas".

Município de Parnaíba — Piauí *(Foto C.N.G. 3 485 — T.J.)*

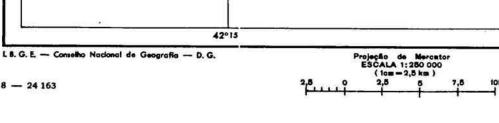
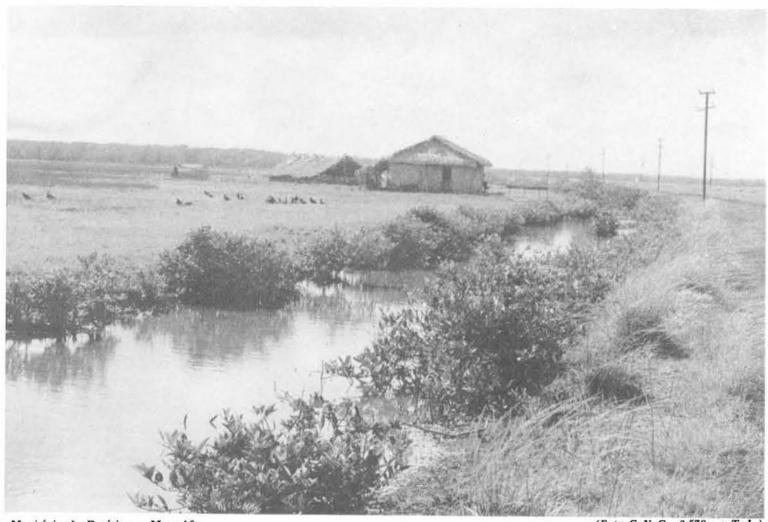
Parnaíba, a segunda cidade do Piauí, está situada em um terraço, na margem esquerda do rio Parnaíba.

Possui traçado regular, com construções novas, demonstrando ser bastante progressista. Esta cidade é o centro de gravitação econômica do estado.

O município é principalmente urbano, pois sua população rural representa apenas 39% do total.

As principais riquezas do município são a cêra de carnaúba e o sal. Sua atividade econômica mais importante consiste nas indústrias de transformação e beneficiamento.

Sua posição preponderante na economia estadual deve-se às facilidades de comunicações, tanto pela E. F. Central do Piauí, como pela via fluvial do Parnaíba, que penetra fundamente no estado.

Vemos na foto um aspecto da cidade, com suas fábricas, suas construções modernas. Ao fundo, temos o delta do Parnaíba e as dunas típicas dêsse trecho do litoral do Meio Norte. *(Com. J.X.S.)*

Município de Rosário — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 578 — T.J.)*

Uma grande área do litoral do Meio Norte caracteriza-se pela ocorrência de mangues.

Na foto, temos uma vista de um trecho englobado nesta zona de mangues. É o Campo dos Perizes, no município de Rosário, Maranhão.

As altas marés da região influenciam grandemente êsses campos, inundando-os e tornando-os salinos. Os locais menos inundáveis se apresentam cobertos por gramíneas.

A economia local é muito precária. Consiste na criação de porcos por arredantários dessas terras, no sistema de meação.

As habitações são construídas, em geral, nos "tessos", que são pequenas elevações dentro dos campos, que ficam a salvo das inundações.

Na foto, vemos uma casa de taipa, com chiqueiro ao lado, ambos cobertos de palha. Em primeiro plano aparecem exemplares de mangue branco, enquanto, ao fundo, observa-se o manguezal, no seu conjunto. *(Com. J.X.S.)*

A planície, muito pouco ondulada, facilita a expansão atual do babaçu de caráter invasor, não existindo um babaçual puro, isto porque se encontra sempre entre capoeiras invadindo terrenos recém-preparados para a agricultura apresentando grande número de palmeiras jovens, localmente intituladas de "pindova".

Freqüentemente aparece, ao lado de bacabas, tucum e embaúbas. Nas margens do rio Itapecuru, entretanto, os babaçuais se mostram mais contínuos. Em alguns pontos, principalmente entre Rosário e Codó as "ilhas" são mais esparsas e menores dando-se isto às margens dos rios — seu *habitat*.

Entre Teresina e Campo Maior, já afastado do rio Parnaíba, em região de antigas matas, encontraram-se exemplares esparsos de babaçu. Não eram novos; porém ao seu redor haviam algumas roças com culturas e outras abandonadas não tendo sido possível identificar nenhum exemplar de "pindova", pois aqui êle, apenas, vivia sem, contudo, reproduzir.

A antiga idéia sôbre a ocorrência de extensas regiões com imensos palmeirais, originou-se das investigações elaboradas em uma fase em que a técnica ainda não se desenvolveu em grau satisfatório: havia deficiência de ordem cartográfica, os transportes eram precários e, na maioria, flu-

Município de São Luís — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 575 — T.J.)*

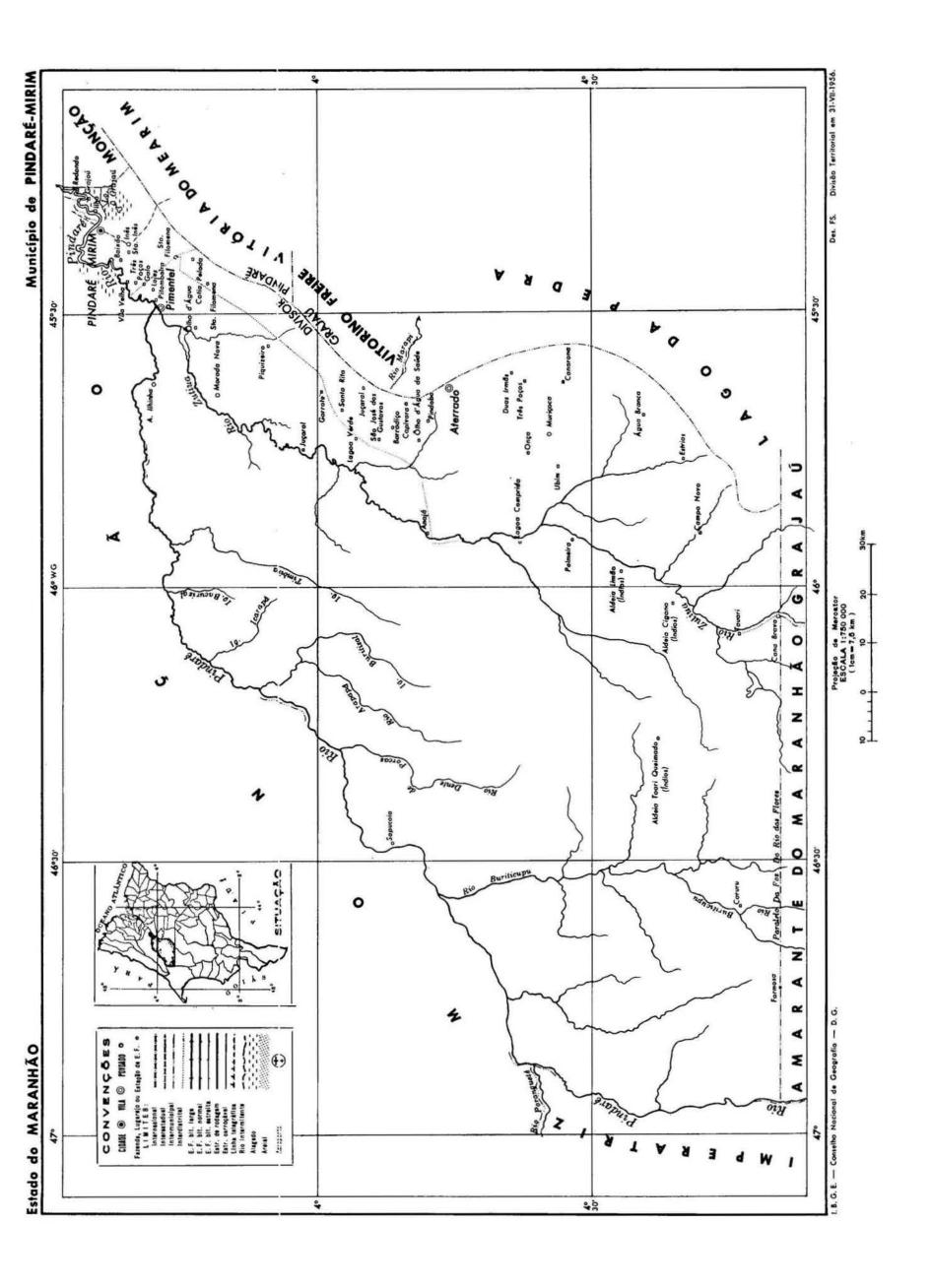
Em Maracanga, na ilha do Maranhão, focalizamos esta habitação rural típica, abrigada por um açaìzal. O açaí figura entre as plantas brasileiras produtoras de óleo. Seu nome científico é *Euterpe oleracea* Mart., sendo como comestível sua principal aplicação industrial. Entretanto, seu índice de saponificação é de 193,3 podendo, assim, também ser utilizada para fabricação de sabão. *(Com. T.C.)*

Estado do MARANHÃO

Município de PINDARÉ-MIRIM

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:750 000
(1cm = 7,5 km)
10 0 10 20 30km

Des. FS. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Município de Coroatá — Maranhão *(Foto C.N.G. 3477 — T.J.)*

À margem da Estrada de rodagem Codó—São Luís, o povoado de Miranda apresenta em suas moradias o exemplo característico da modesta habitação rural maranhense.

As paredes de taipa, a cobertura de palha de babaçu, o telhado em duas águas e a planta retangular constituem as características essenciais da casa rural em todos os numerosos povoados que se sucedem ao longo da rodovia citada e da Estrada de Ferro São Luís—Teresina de Rosário a Codó. De feição linear, êsses povoados agregam uma população, em parte, rural que se dedica à agricultura e à explotação do babaçu. *(Com. T.C.)*

viais. Podia-se, portanto, colher, apenas, observações sôbre o panorama marginal generalizando-as em seguida. Homens extraordinários, dedicados e dotados de profundo amor à ciência estudavam a região, mas careciam das facilidades conferidas pelo progresso. Atualmente existem melhores estradas, aviões e o auxílio valioso da fotografia aérea; agradecemos, portanto, aos pioneiros e aos seus sucessores a possibilidade de ampliar neste sentido os nossos conhecimentos.

Em 1937, quando R. Lopes publicou "O esbôço da vegetação maranhense", notou-se que o autor não deu aos babaçuais um caráter tão contínuo como demonstram os mapas recentes, denominando esta formação de Mata com Cocais (babaçu).

Originàriamente, a freqüência do babaçu entre as matas era fraca. Depois da ocupação da terra pelo homem branco teve possibilidade de se expandir por causa das derrubadas incessantes que processam até nossos dias. Esta ação do homem vem sendo exercida há mais de trezentos anos.

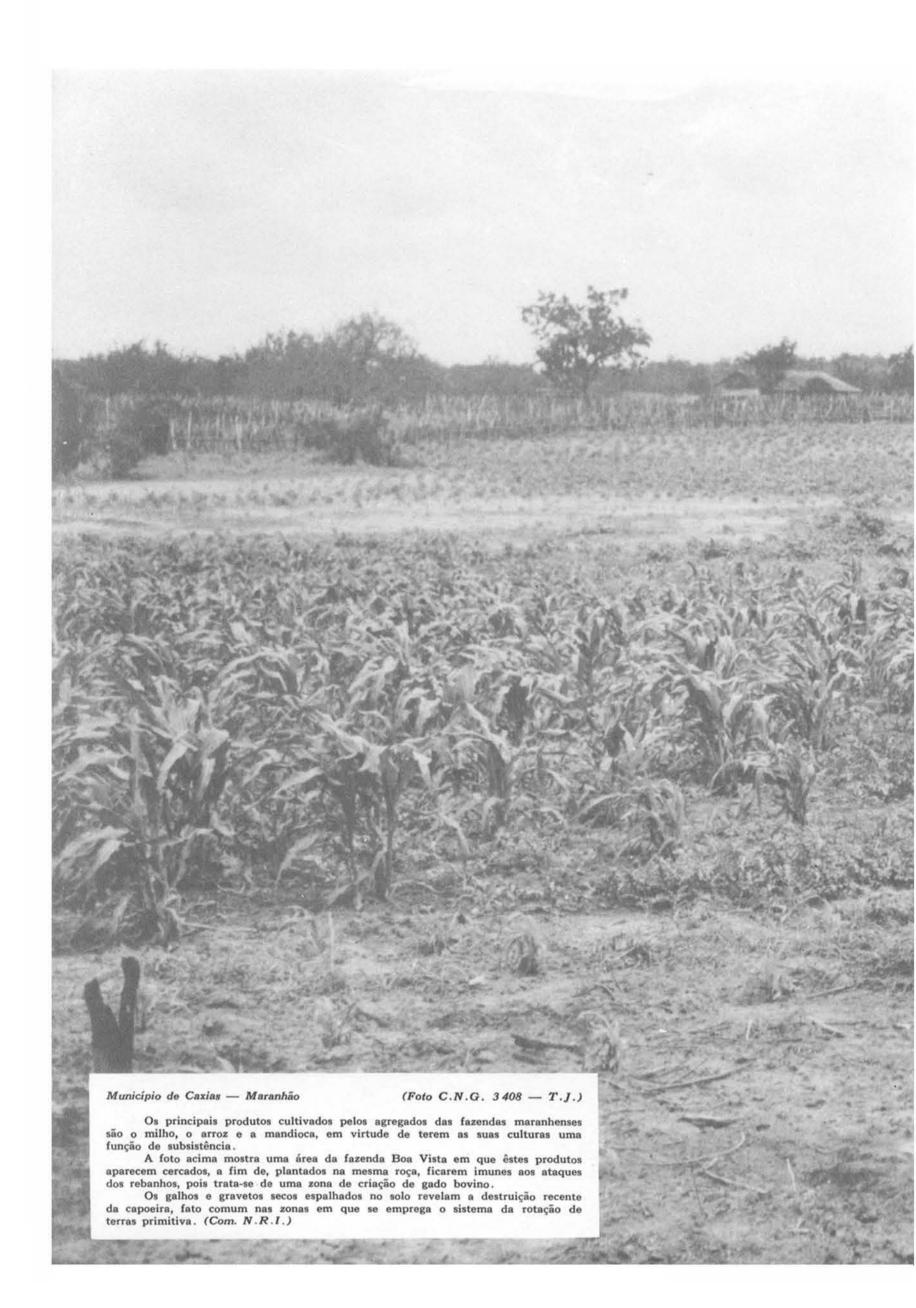
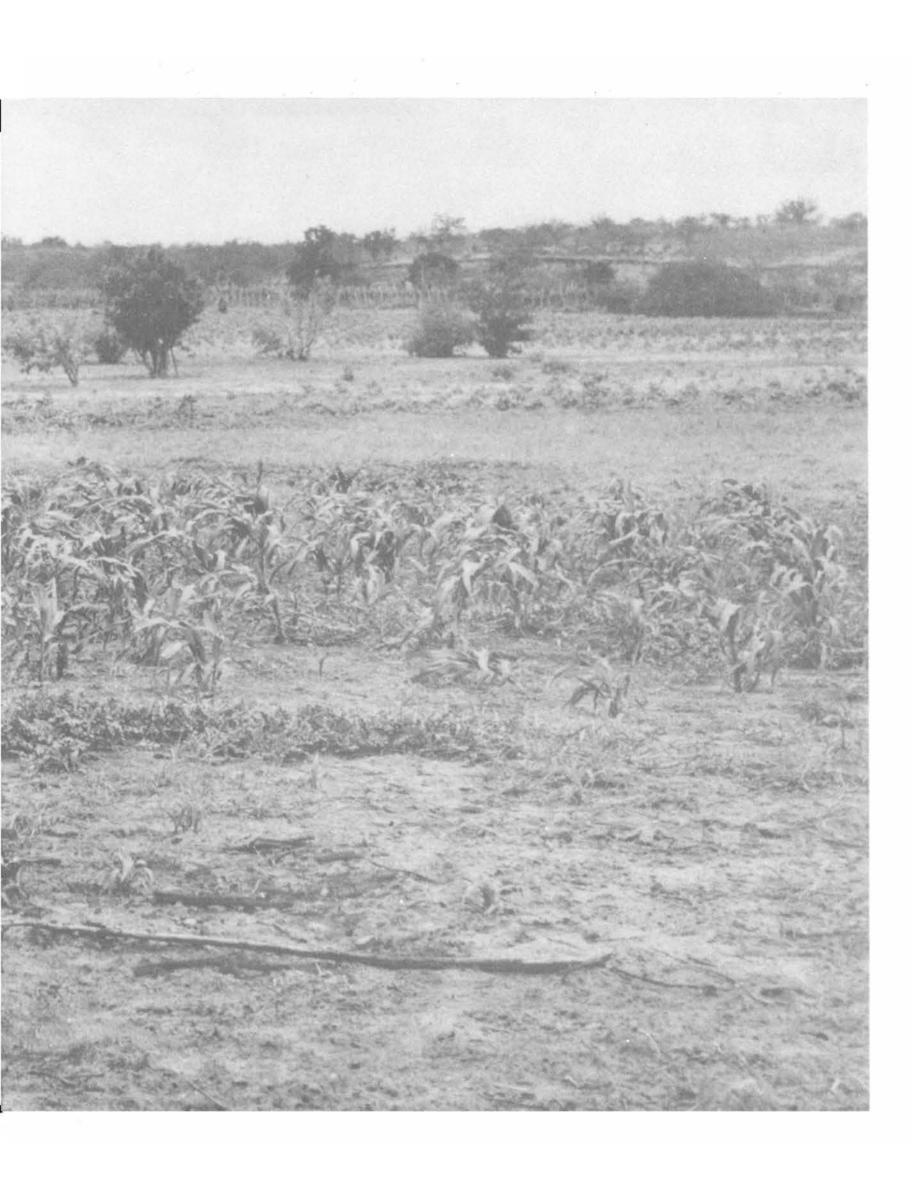
A característica invasora do babaçu constitui um benefício, pois do seu fruto advém uma fonte de renda para o Estado. Sua semente, produzindo em média 66% do seu pêso em óleo é exportada e dêsse óleo, após processos químicos, são produzidos: margarina, manteiga-vegetal e saponáceos.

Ainda se vêem outras palmeiras como bacaba (Oenocenpus sp.), assaí ou jussara (Euterpe sp.), tucum (Astrocaryum sp.), inajá (Maximiliane

Município de Caxias — Maranhão (*Foto C.N.G. 3 408 — T.J.*)

Os principais produtos cultivados pelos agregados das fazendas maranhenses são o milho, o arroz e a mandioca, em virtude de terem as suas culturas uma função de subsistência.

A foto acima mostra uma área da fazenda Boa Vista em que êstes produtos aparecem cercados, a fim de, plantados na mesma roça, ficarem imunes aos ataques dos rebanhos, pois trata-se de uma zona de criação de gado bovino.

Os galhos e gravetos secos espalhados no solo revelam a destruição recente da capoeira, fato comum nas zonas em que se emprega o sistema da rotação de terras primitiva. (*Com. N.R.I.*)

Município de Rosário — Maranhão *(Foto C.N.G. — T.J.)*

Observa-se, na foto, uma plantação de banana sob o babaçual, em zona próxima a capital (São Luís), cuja produção abastece a cidade.

Ocupando regiões de antigas matas, ocorrem geralmente perto dos rios. *(Com. E.R.S.)*

sp.), mas em pequena quantidade. Outro tipo de vegetação da planície é o cerrado que ocupa grandes áreas da região em estudo. Seus detalhes serão examinados, após estudarmos os chapadões onde esta vegetação predomina.

Pesquisando as áreas do cerrado constatamos a existência, prolongando-se próximo a Coroatá, de uma "ilha" nos arredores de Cantanhede: trata-se de um campo cerrado, bastante degradado que sofreu parcialmente a invasão dos elementos da floresta. Isto demonstra mais uma vez que a região teve em épocas passadas um clima bem diverso do atual, quando esta formação atingia o litoral, preservado em virtude de condições climáticas e do solo que sofreu atualmente uma degradação. Posteriormente, com a derrubada, mais uma vez as espécies do cerrado voltaram a prevalecer estendendo-se até mesmo em áreas outrora cobertas por florestas.

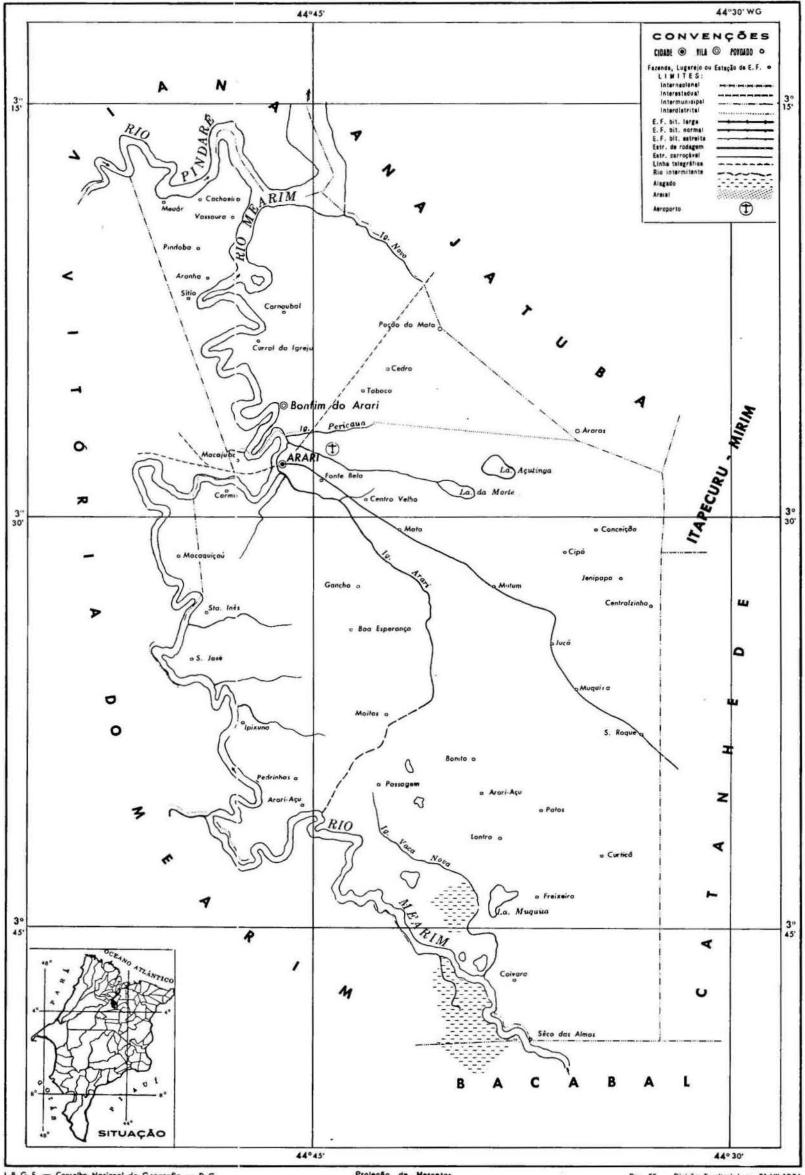
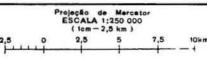
Evidenciando-se a série de oscilações climáticas depara-se em meio do cerrado com o babaçu palmeira típica de vegetação secundária da mata que constitui um remanescente de um clima úmido a que estêve submetida a região, época em que a mata subiu pelos vales. Atualmente, com a mudança de clima, restam as palmeiras babaçu no meio do cerrado.

Outras palmeiras muito comuns no cerrado são: o buriti e a carnaúba. A primeira é típica das regiões alagadas das cabeceiras, enquanto a outra pode ser encontrada nas zonas de solos rasos onde a crosta ferruginosa localiza-se a pouca distância do solo. Ocorre a carnaúba em tufos não chegando a ser uma formação densa como se verifica na região de "cuestas".

Os diferentes aspectos físicos da extensa planície do Meio Norte, apresentados nos seus traços gerais, tiveram influência preponderante na diversificação das atividades econômicas regionais.

A região da planície constitui a unidade mais importante do ponto de vista demográfico e econômico, dentro do conjunto do Meio Norte. Com uma população total de 1 364 702 habitantes, concentra ela cêrca de 51,9% da população total da região.

Do ponto de vista da geografia econômica, caracteriza-se como uma região bem individualizada por suas atividades agroindustriais e extrati-

vas. Dela provém a quase totalidade da produção agrícola do Meio Norte, na qual se destacam como produtos mais valorizados o arroz e o algodão, que são objeto de ativo comércio interestadual.

A economia de coleta do côco babaçu e da cêra de carnaúba tem também aqui os seus maiores centros produtores. Cêrca de 80% da produção de babaçu provêm dessa região: num total de 71 892 319 kg produzidos em 1955, 57 374 924 kg cabem à planície.

Apesar da importância econômica dêsse produto, a explotação se ressente do primitivismo dos processos empregados, em que o objetivo único é a extração das amêndoas. Não há, pràticamente, aproveitamento industrial dessa riqueza regional, podendo citar-se, apenas, pequenas fábricas de óleo cuja produção insignificante não tem importância econômica.

Embora as fábricas tenham se multiplicado nos últimos anos, sobretudo no estado do Piauí, onde a produção tende a superar a do Maranhão, nada representa em face do pequeno consumo de matéria-prima, acrescentando-se o fato de que a produção do óleo vem diminuindo sensìvelmente nos últimos anos.

Realmente, não se verifica o interêsse pela aplicação de capitais na região, objetivando o maior desenvolvimento industrial. A extração da amêndoa do babaçu, assim como da cêra de carnaúba visa exclusivamente a exportação para os

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 808 — T.J.)*

Aspecto parcial da fazenda Engenho d'Água, no município de Caxias.
Vê-se na fotografia a casa do fazendeiro com o jardim lateral fechado por grade, aspecto bem característico.
A loja, que é vista ao lado, destina-se ao abastecimento dos agregados. É elemento constante das sedes de fazendas do vale do Itapecuru. *(Com. M.G.T.)*

44°30' 44°15' 44° WG

3° 30'

ITAPECURU - MIRIM

VARGEM GRANDE

ARARI

BACABAL

COROATÁ

PIRAPEMAS

DIVISOR — ITAPECURU-MUNIM

RIO ITAPECURU

CANTANHEDE

BR 21

Ig. Jundiaí
Jundiaí
Rch. das Moças
Leite
S. Roque
Contendas
Cantinho
Sta. Rosa
S. Raimundo
Sta. Rita
Bifurcação
Cachimbo
Sta. Luzia
Rch. do João
Bacuri
S. Sebastião
E. F. S. Luís-Teresina
Rio Pirapemas
Rio Periforá
S. Francisco
Sta. Rita
Serra
Sono
S. Francisco
Sta. Rita
Pombinhas
Rio Tapuio
Jorge

3° 45'

CONVENÇÕES
CIDADE ◉ VILA ◎ POVOADO ○
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F. ○
LIMITES:
Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto

OCEANO ATLÂNTICO
PARÁ
GOIÁS
PIAUÍ
SITUAÇÃO

44°30' 44°15' 44°

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)
5 0 5 10km

Des. NB. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3472 — T.J.)*

Aspecto da sede da fazenda Engenho d'Água, próxima a Caxias.
No fundo, veem-se as casas de agregados, de taipa e palha, e no primeiro plano a venda, elemento sempre presente nas fazendas maranhenses da região de Caxias.
A venda se destina ao abastecimento em mantimentos, ferragens e roupas, da numerosa população de agregados da propriedade. *(Com. A.S.M.)*

grandes centros industriais do país ou para o mercado internacional. Verifica-se, assim, a evasão da grande riqueza regional, que não proporciona progresso econômico à área de produção.

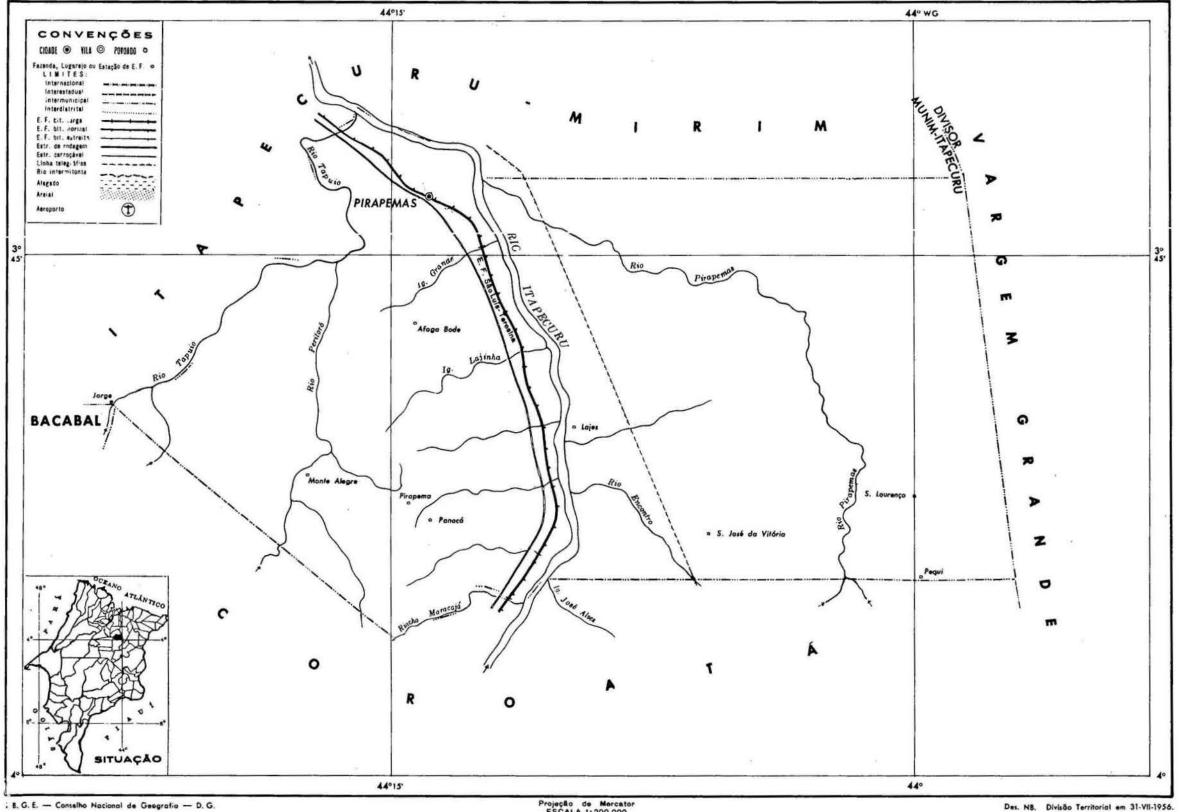
O financiamento bancário contribui para a manutenção dessa situação, desde que é apenas concedido aos grandes proprietários de terras e às firmas compradoras, que garantem o armazenamento e a venda do produto.

O problema do melhor aproveitamento do côco babaçu, equaciona-se nos seguintes aspectos: desenvolvimento regional da indústria de óleos e subprodutos, racionalização da explotação das palmeiras nativas pelo desbaste e pelo plantio e a quebra mecânica do coquilho. A êstes aspectos somam-se os referentes ao problema humano, em que se destacam a necessidade da fixação do homem que procede a coleta, tornando-o proprietário da terra, e o financiamento ao produtor, seja êste pequeno ou grande. Ainda o desenvolvimento maior da lavoura, intercalada nas áreas de explotação extrativa, e da pecuária, viriam completar o quadro do aproveitamento integral dos recursos naturais básicos do Meio Norte.

Estado do MARANHÃO — Município de PIRAPEMAS

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1: 200 000
(1cm = 2 km)
2,5 0 2,5 5 7,5km

Des. NB. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Será examinado, em seguida, o processo de povoamento desta importante região.

Foi o golfão, esta larga reentrância que se recorta no litoral, a via de acesso que se abriu aos primeiros povoadores portuguêses que, pelo mar, demandavam o Maranhão em 1536.

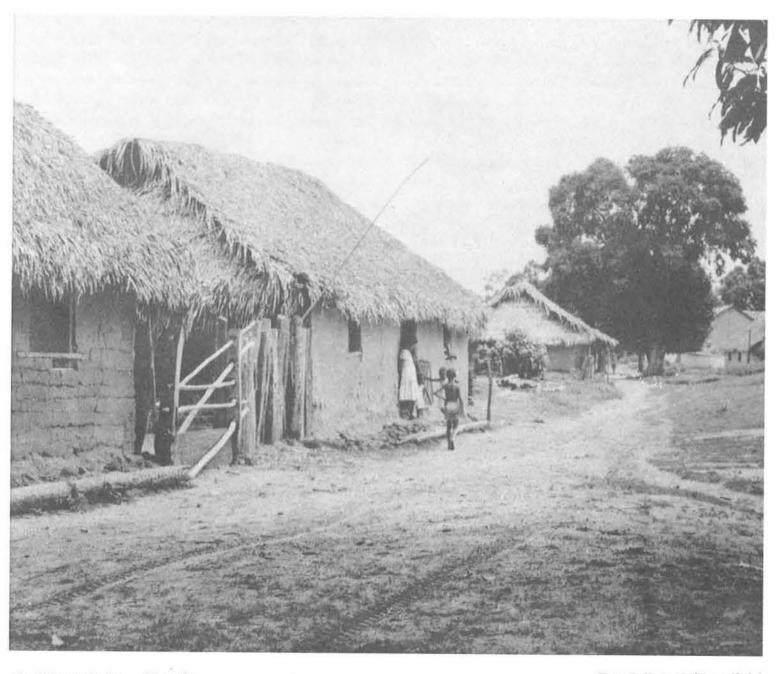
Estabelecidos inicialmente na ilha de São Luís, por êles chamada Trindade, fundaram uma pequena povoação denominada Nazaré. Não foram porém felizes na tentativa. O isolamento em que se encontravam, o desconhecimento da terra e a hostilidade das populações indígenas comprometeram a emprêsa que terminou pelo abandono da região.

O fracasso da iniciativa colonizadora deixou êste largo trecho de nosso território à mercê de estrangeiros ambiciosos, notadamente os franceses.

Possuíam êstes um contacto e uma experiência de assuntos brasileiros que remontavam aos primeiros anos de nossa história. Tornando-se familiares aos índios, de quem fizeram fiéis aliados, os franceses tornaram-se concorrentes à posse do Brasil pelos lusitanos.

A falta de um estabelecimento povoador português no Maranhão estimulou a França a uma tentativa de ocupação, com vistas de posse definitiva, que culminou com a fundação de São Luís, em 1612.

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3436 — T.J.)*

Típico das sedes de fazendas é a loja de abastecimento dos lavradores.
Nesta fotografia da fazenda Piquizeiro temos o exemplo de uma destas lojas, que está no mesmo prédio da residência. *(Com. M.G.T.)*

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 473 — T.J.)*

Aspecto característico do aglomerado das casas de agregados na sede da fazenda Engenho d'Água, próximo a Caxias. As casas dos agregados situadas nas sedes das fazendas, em geral, de taipa, barreadas exteriormente e cobertas de palhas de babaçu têm melhor aspecto e condições melhores de confôrto do que as que se dispersam no meio das roças e que são construídas inteiramente de palha. Vivendo da explotação do côco babaçu e da cultura de cereais, que se destina, sobretudo, a subsistência, os agregados têm um nível de vida muito baixo. *(Com. M.G.T.)*

Inegàvelmente a investida possuía elementos capazes de lhe garantir a sobrevivência. A distância dos núcleos coloniais portuguêses dava à reação dêstes a possibilidade de se envolverem numa aventura guerreira dificultosa pela distância das bases de operações. Por outro lado, apoiavam-nos os ressentidos tupinambás, desalojados de suas terras nordestinas pela expansão portuguêsa. Do ponto de vista econômico, os franceses não descuraram o estabelecimento de bases embrionárias que lhes permitissem, posteriormente, um intercâmbio com a Europa. De um extrativismo inicial de madeiras preciosas, do bálsamo, do âmbar cearense e do jaspe, passaram ao cultivo organizado do tabaco, do algodão e da pimenta. A proximidade da Europa garantindo a facilidade de comunicações e o ressurgimento econômico e político da França conferiram à tentativa francesa uma gravidade que excedia de muito o da simples aventura comercial.

Esta expansão povoadora que pretendia ambiciosamente chegar às regiões ricas em minérios do Peru, não foram além da ilha de São Luís. Três anos após a sua chegada, os franceses foram expulsos e o Maranhão definitivamente integrado na comunidade luso-brasileira. Apesar do curto espaço de sua ocupação, os franceses perceberam a importância dos rios que desembocam no golfão maranhense, como vias de acesso ao interior.

Na base das explorações por êles realizadas nos rios Mearim, Pindaré, Grajaú, Gurupi e Itape-

curu, os portuguêses vencedores puderam tentar uma expansão povoadora baseada na exploração da lavoura canavieira nas aluviões fluviais.

À vitória portuguêsa seguiu-se a divisão das terras fronteiras ao golfão, criando-se capitanias hereditárias — Cumã e Caeté — e sesmarias para intensificar a sua ocupação humana. Por outro lado, criou-se um Estado do Maranhão (1621) separado do Estado do Brasil, em virtude da dificuldade de comunicações do Meio Norte com o restante do país.

Só muito lentamente puderam os colonos abandonar seu isolamento na ilha de São Luís e tentar o povoamento do litoral e da planície fronteiros.

No continente crescia uma floresta densa que, ilusòriamente, fazia pensar em terras férteis e atrás da qual escondia-se o interior desconhecido e hostil.

Os primeiros colonos, que deixaram a ilha pelo continente, tiveram que enfrentar a natureza bruta a que se aliava o selvagem tremembé, assolando os vales do Mearim, do Itapecuru e do Parnaíba.

Num ambiente de extrema penúria ergueram-se os primeiros engenhos, em que se reuniam algumas dezenas de povoadores tentando desenvolver a agricultura da cana-de-açúcar, em meio à insegurança e à tensão causadas pelas sortidas constantes dos selvagens.

A princípio não ousaram abandonar a orla do golfão, onde São Luís e as fortalezas eram uma garantia. Não os apoiava um plano de colonização dirigida. Os reforços povoadores eram medíocres: poucas centenas de casais em mais de meio século.

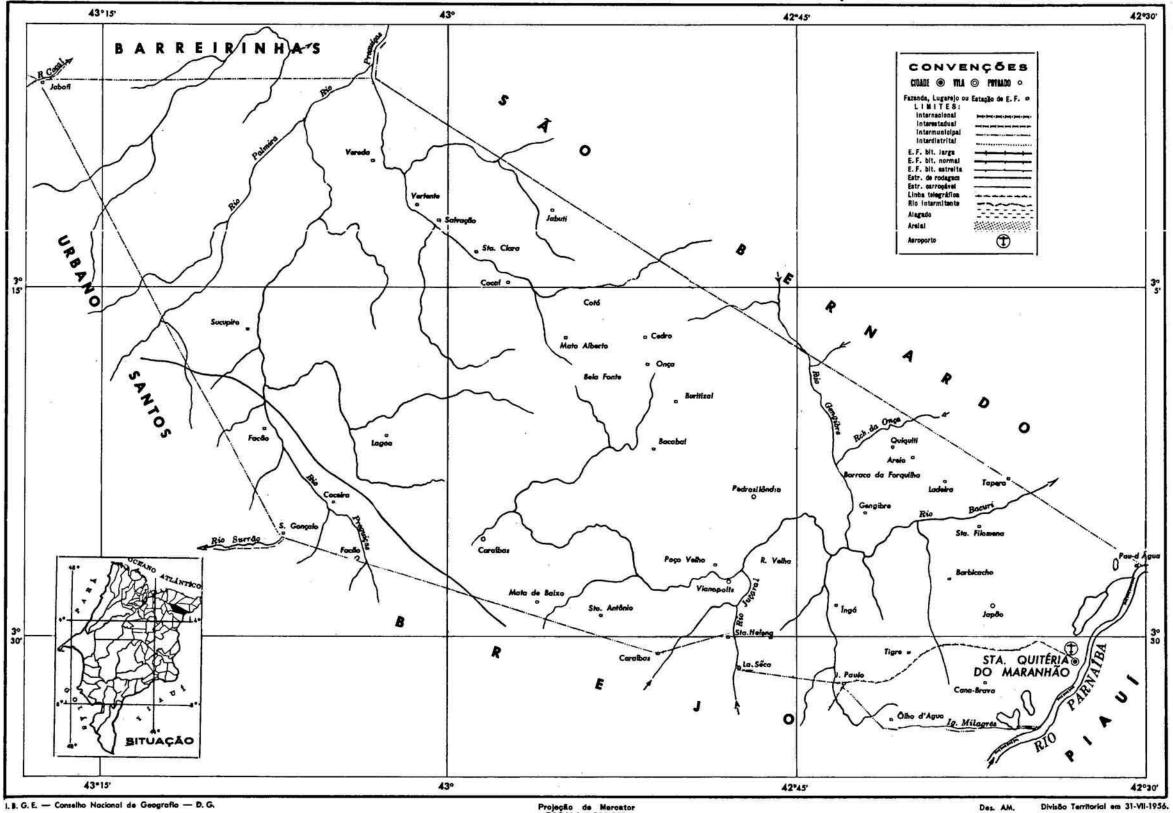
Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 517 — T.J.)*

Casa de agregado da fazenda Canto Alegre, no município de Caxias. Construída de taipa e barreada exteriormente, de dimensões grandes, a casa fotografada situa-se na própria sede da fazenda, próxima à residência do proprietário. A explotação do babaçu e uma pequena lavoura de cereais constituem a atividade essencial do agregado. *(Com. E.R.S.)*

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)

Des. AM.

Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3471 — T.J.)*

A realização da feira semanal nas fazendas da região de Caxias é explicada pelo pequeno número de aglomerados e pela grande dispersão do povoamento.

Os proprietários de fazendas mandam construir barracões para a realização da feira como o ilustrado na fotografia. Aí os lavradores das imediações vendem seus produtos. *(Com. M.G.T.)*

Se os indígenas aterrorizavam o Itapecuru, onde se concentrava maior número de habitantes, o rápido esgotamento do solo e as medidas econômicas da Metrópole desanimavam os colonos, entorpecendo o desenvolvimento local.

Sòmente São Luís, no fim do século XVII possuía uma população mais expressiva: perto de mil habitantes. Fora da capital, apenas Tapuitapera (Alcântara), cabeça de Capitania e Icatu, vegetavam mediòcremente.

Restavam as "missões" religiosas que abasteciam, periòdicamente, as lavouras com o braço escravo indígena. Êste, no entanto, era precário e a legislação caótica da Metrópole não dava uma solução adequada à falta de trabalhadores para a agricultura. O problema da escravidão do índio envenenava as relações entre colonos e jesuítas perturbando ainda mais o ambiente colonial maranhense.

Sem uma vitalidade econômica que lhe permitisse importar o negro, tendo o índio como um motivo constante de atritos, além de se revelar um desajustado no trabalho agrícola, e sem receber nenhuma corrente povoadora ponderável, o Maranhão atravessou todo o seiscentos em condições bastante precárias.

Lentamente, foi-se povoando a planície. Transposta a zona de florestas e aproveitando as vias fluviais os colonos foram ocupando desordenadamente a terra. No Itapecuru, principalmente, criaram-se grandes latifúndios agrícolas explorando o algodão, o tabaco, o arroz e a cana-de-açúcar.

Estado do MARANHÃO

Município de BREJO

43° 30' · 43° 15' · 43° WG · 42° 45' · 42° 30'

3° 30' · 3° 45'

URBANO SANTOS

SANTA QUITÉRIA DO MARANHÃO

CHAPADINHA

BURITI

PIAUÍ

Rio Surrão · Rio Prêto · Rio Parnaíba · Ig. Milagres · Ig. Pouca Vergonha

Centro · Cabeceira de S. Gonçalo · Focão · Buriti Redondo · Barra Velha · Angical · Juçaral · Macacos · Maurão · Japão · Salgado · Caraíbas · Sta. Helena · Lagoa Sêca · Vargem · José Paulo · Olho d'Água · Milagres · S. Tomé de Cima · Tucuns · S. Bento · Arraial · Riachinho · Cláudio · Carnaúba · Fim do Pasto · Água Branca · Vereda · Acampamento · Estrêla dos Anapurus · Roça Velha · Cabaceira · Centro · BREJO · Jenipapo · Sto. Antônio · Repartição · Areias · Pedreiras · Crioula · Pitombeiras · Bôca da Mata · Água Rica · Lagoa · Arraial · Carrapato · Rio Prêto · Tabocal · Bebedouro · Bacaba · Sta. Maria · S. Raimundo · Almas · Caburió · Nu · Eurinda · Almas · Piobas · Cipó · Bom Princípio · Sta. Teresa · Boa Água · Inhaúmas

CONVENÇÕES

CIDADE ◉ VILA ◎ POVOADO ○

Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F. ○

LIMITES:

Internacional

Interestadual

Intermunicipal

Interdistrital

E. F. bit. larga

E. F. bit. normal

E. F. bit. estreita

Estr. de rodagem

Estr. carroçável

Linha telegráfica

Rio intermitente

Alagado

Areial

Aeroporto

SITUAÇÃO

OCEANO ATLÂNTICO · PARÁ · PIAUÍ · GOIÁS

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator

ESCALA 1:400 000

(1cm = 4 km)

Des. MS. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 326 — T.J.)*

No casebre rural do Meio Norte observamos um largo aproveitamento dos recursos locais: a palha e a madeira. Êste tipo de moradia representa bem a adaptação do desenho da casa européia à tradição da palhoça indígena. *(Com. M.M.A.)*

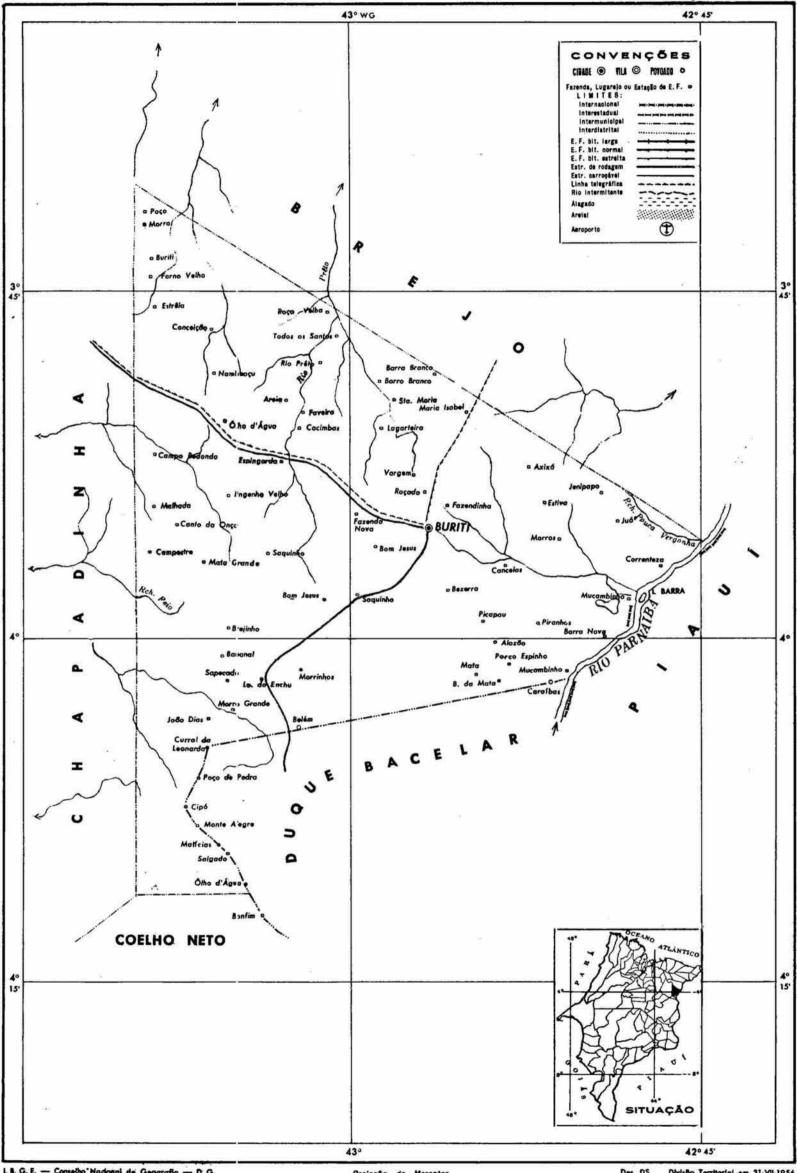
Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 809 — T.J.)*

Paisagem típica duma fazenda na região de Caxias, onde se faz criação extensiva e explotação de babaçu e carnaúba.
O curral visto na foto, notável por sua rusticidade, com cobertura de duas águas, feita de palha de babaçu, é utilizado apenas na época da marcação e da venda do gado. *(Com. M.G.T.)*

A reforma pombalina veio estimular o progresso regional organizando uma migração dirigida de ilhéus e estabelecendo melhores condições de escoamento da produção local. Apesar de libertar os índios permitiu, no entanto, a importação de escravos africanos, amparando melhor a lavoura, até então em absoluta carência de braços.

Por outro lado, a expansão pecuarista, ultrapassando o São Francisco, trouxe novas correntes povoadoras que ocuparam o vale do Parnaíba, pelo interior e, em território maranhense encontraram-se com os colonos do vale do Itapecuru. A fundação de Caxias, por missionários jesuítas e a criação de vários núcleos piauienses baseados na pecuária, vieram minorar a escassez populacional.

Em 1758 separava-se a Capitania de São José do Piauí, a que as atividades criatórias davam suficiente independência econômica. A cidade de Parnaíba fundada para afastar os tremembés e Piracuruca eram os únicos pontos povoados mais densamente no norte da Capitania. Garantiam a livre navegação do rio Parnaíba e mantinham ligações com Tutóia, criada pela expansão litorânea maranhense, liderada pelos jesuítas missionários.

O povoamento disperso e desordenado que caracterizou a ocupação humana do Maranhão e do Piauí manteve-se sem grandes alterações durante o século XIX. Estas áreas estavam isoladas de qualquer corrente imigratória expressiva, e além disso, o trabalho escravo parecia às classes dominantes a única forma de relação de trabalho adequada. Esta mentalidade fechada que resistiu tenazmente às tentativas pré-abolicionistas manteve

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)
5 0 5 10km

Des. DS. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

a economia do Meio Norte sujeita ao trabalho rotineiro e provocou uma revolta de bastante gravidade, conhecida como "Balaiada".

Excetuados os retirantes que fugiam às sêcas nordestinas, a ocupação humana no Maranhão e Piauí limitou-se ao mero crescimento vegetativo, destituída de qualquer orientação colonizadora mais evoluída.

Sòmente em nosso século é que a atração econômica representada pelo babaçu e pela carnaúba veio trazer um contingente maior de população, na sua quase totalidade, oriunda dos estados vizinhos. Se produziu um maior adensamento na ocupação humana da planície, pouco ou nada contribuiu para a melhoria do nível técnico e cultural da região. Juntou-se à massa trabalhadora anônima, mantendo sem alterações os velhos métodos tradicionais de uso da terra e de beneficiamento primário da matéria-prima.

Persistiram nas cidades e no meio rural os quadros culturais luso-brasileiros. Ainda hoje permanecem as características que se observavam no princípio do século: a inexpressividade econômica das cidades, como centros de atração para o homem do interior, pela ausência quase total de indústria, e a absoluta predominância do meio rural sôbre os centros urbanos.

O avanço da ocupação humana, esboçada em largos traços, na extensa planície do Meio Norte, extravasando do golfão, centro de onde se irradiou

Município de Codó — Maranhão *(Foto C.N.G. 3464 — T.J.)*

A economia extrativa do babaçu criou um tipo característico na região, as quebradoras de côco, como ilustra a presente fotografia tomada em Bacabaíba, a seis quilômetros de Codó.

Apesar do incremento que tem tido ùltimamente a explotação do babaçu, ainda a quebra do coquilho constitui o principal problema.

O trabalho nos babaçuais é feito em geral pelas espôsas e filhas dos agregados, nas horas que lhes sobram no trabalho caseiro.

Com sua cesta de palha e machadinha para a quebra do fruto duro, as maranhenses se entregam a êste penoso trabalho. Conseguem de 8 a 10 quilos quando já experientes. *(Com. T.C.)*

Município de Codó — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 465 — T.J.)*

As necessidades da agricultura trouxeram para o Meio Norte um forte contingente de escravos africanos. Misturando-se à população indígena e cabocla deram origem ao "cafuso", mestiço bastante comum no meio rural maranhense. Ainda que êsse intercruzamento, nos dias atuais, tenha pràticamente cessado pelo desaparecimento gradativo do índio, o tipo cafuso se mantém pela falta de renovação dos estoques populacionais.

A fotografia nos mostra uma cafusa, onde os traços somáticos africano-indígenas são bastante evidentes.

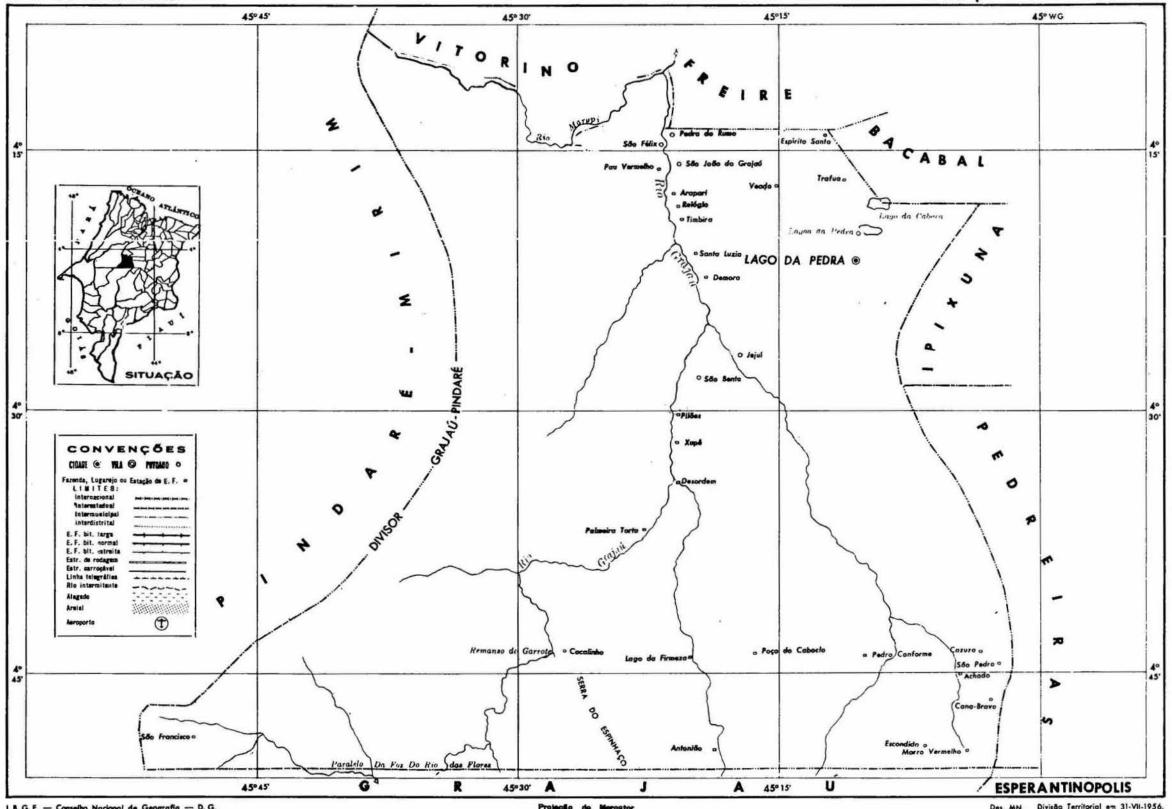
O jacá (reminiscência da técnica de cestaria antiga) e o machado indicam-lhe a atividade de quebradora de amêndoas de babaçu. *(Com. M.M.A.)*

o povoamento, e subindo os rios que se abriam como caminhos à penetração, fêz-se dentro das mais diversas paisagens naturais.

À diversidade das feições físicas observadas na planície do Meio Norte corresponde uma grande variedade de formas de aproveitamento econômico dos recursos naturais básicos, formas estas que imprimem à paisagem suas marcas próprias, traduzindo-se por aspectos diferentes no uso da terra, na estrutura agrária, nos tipos de povoamento rural e nas diferentes características dos aglomerados urbanos. Daí a diversidade observada também nas paisagens humanas regionais.

Iniciando as observações pela faixa litorânea verifica-se, de logo, o contraste no povoamento entre as faixas costeiras situadas a oeste e a leste do golfão maranhense. O trecho litorâneo que se estende da foz do Turiaçu à baía de São Marcos concentra uma população relativamente numerosa, que com suas pequenas e primitivas casas de palha se dispõem de forma dispersa e contínua ao longo da faixa costeira.

Ao abrigo das numerosas enseadas e pequenas baías dessa costa profundamente articulada encontram-se também os povoados, cujos habitantes têm na pesca seu melhor recurso de subsistência.

O emaranhado de furos e canais permitiu também o desenvolvimento de uma ativa cabotagem costeira abrigada, onde as pequenas embarcações navegam com rara segurança até a costa pa-

Projeção de Mercator
ESCALA 1:400 000
(1cm = 4 km)

5 0 5 10 15km

Des. MN. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3418 — T.J.)*

Na explotação econômica do babaçu, dois trabalhos preliminares merecem destaque, a quebra de coquilhos e o transporte das amêndoas.

A primeira etapa é de grande importância, merece cuidados especiais para que as amêndoas fiquem intactas. Êste trabalho é realizado principalmente por mulheres; os homens a êle se dedicam quando as suas roças de arroz e algodão fracassam.

A outra fase, ilustrada pela fotografia, é a do transporte das amêndoas, acondicionadas em sacos, para os pontos de beneficiamento ou de exportação. *(Com. A.S.M.)*

45° WG 44°30'

VITÓRIA DO MEARIM

ARARI

CATANHEDE

COROATÁ

VITORINO FREIRE

LAGO DA PEDRA

IPIXUNA

BACABAL

RIO MEARIM

Rio Ipixuna

Rio Grajaú

Ig. Salgado

Ig. Grande

Ig. da Anta

Rio Tapuio

BR 21

BR 22

Pedra de Rumo · S. Raimundo · Macaco · Sumaúma · Boa Vista · S. Raimundo · Cabo Verde · Barraquinha · Pinheiro · Satuba · Fortaleza · Brejo Grande · S. Miguel · Raça Grande · Francelina · Limoeiro · Velosiano · Juçaral · Sto. Antônio · Ildefonso · Juçaral do Cosme · Guaribas · Deus-Quer · Tatu · Pilão Sentado · São Domingos · Dendê · Salgado · Cajá · Morcego · Santana · Lombada · Serraria · Paraisinho · Ipixuna-Açu · Casimiro · Campo Novo · Sêco da Mulata · Gamela · Pau de Cima · Cuxá · Sta. Fausta · Manguelra · Freixeira · Sêco das Almas · Laje · Cocal · Vai-Quem-Quer · Afipio · Lombada · Marfim · S. José das Verdades · B. Queimada · Altamira · Laranjeira · Jenipapo · L. Limpo · Alto de Pedra · Alto de Santo · Lagoa · Sto. Antônio · Saco das Mulatas · Inglês · Mangueira · Flecheira · Pau de Cinza · Bela Vista · Água Fria · Juçaral · Sincorá · Lírio · Bela Vista · Morro de Pedra · Contagalo · Embaúba · São Benedito · Mundo Grande · Pampílio · C. do Zèzinho · Soledade · Alto Fogoso · Açude · Pinto-Achado · Mutum · Morro da Pedra · Belmonte · S. Joaquim · Paraíso · Glória · Belém · Catua · Colonião · Salobro · Bacuri · Madaleno · Sítio Novo · S. Raimundo · Comboio · Cajueiro · Sta. Rosa · Canadá · S. Raimundo · S. Sebastião · Cajueirinho · Deus-Ajuda · Cajapió · Estirão · Sapucaia · Bom Lugar · Bode · Abundância · Lago Limpo · Bacuri · Conceição · Bacuri · Sta. Cruz · C. do Bernardo · C. do Juvêncio · Feliz Lembrança · Água Preta · Pau Sêco · Mondengo · Guaraciaba · Paulo Ramos · Jirau · Poção · Santa Luzia · Esp. Santo · Boa Vista · S. Vicente · Marajá · Centro do Batista · Taco · Mata · Cajueiro · Ôlho d'Água · Sta. Maria · Piratininga · L. dos Pássaros · Cigana · Cutia · Pau Ferrado · Marajó · Urubu-Rei · C. do Meio · Santa Teresa · Pau Santo · Lago da Cabaça · Mutõe · Belém · Gapó · Codòzinho · Bom Jesus · S. Joaquim · Permuta · Conduru · Canaã · Capiongo · Laguinho · Morada Nova · Sto. Antônio · Boa Hora · Pinto Teixeira · Morro · Vila Velha

4° 4°

CONVENÇÕES

CIDADE ◉ VILA ◎ POVOADO ○

Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F. ●

LIMITES:

Internacional

Interestadual

Intermunicipal

Interdistrital

E. F. bit. larga

E. F. bit. normal

E. F. bit. estreita

Estr. de rodagem

Estr. carroçável

Linha telegráfica

Rio intermitente

Alagado

Areial

Aeroporto

OCEANO ATLÂNTICO · PARÁ · PIAUÍ · GOIÁS

SITUAÇÃO

45° 44°30'

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G

Projeção de Mercator
ESCALA 1:400 000
(1cm = 4 km)

5 0 5 10 15km

Des. MC. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Município de Coroatá — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 504 — T.J.)*

A Estrada de Ferro São Luís—Teresina é a principal via de transporte do vale do Itapecuru que constitui o centro de povoamento mais antigo do Maranhão e a mais importante área econômica do estado. A deficiência de seus serviços não permite, no entanto, suprir de forma satisfatória as necessidades de transporte dos produtos regionais. A fotografia mostra um trecho dessa estrada nas proximidades de Coroatá, em que se pode observar o mau estado de conservação da via férrea. *(Com. A.S.M.)*

rense. A circulação fácil foi um dos fatôres para o povoamento disperso e contínuo ao longo dêsse trecho do litoral maranhense, prolongada, muitas vêzes, pelos estuários acima.

A navegação feita nos mais diferentes tipos de embarcações permite o desenvolvimento de um comércio interno significativo entre as cidades e vilas aqui situadas e São Luís.

Na faixa litorânea de leste, as dunas que formam os extensos "lençóis" e as restingas que retificam a linha de costa fizeram desaparecer aquelas condições favoráveis ao estabelecimento de uma população litorânea densa. A inexistência de abrigos ao longo dêsse litoral retilíneo foi fator repulsivo à formação de núcleos de pescadores e a um maior desenvolvimento da navegação costeira. As raras aberturas fluviais é que concentram o elemento humano extremamente rarefeito.

Já nas proximidades da baía de Tutóia, excelente surgidouro aberto nesta costa regularizada, e no delta do rio Parnaíba a população litorânea novamente se adensa.

É extrema a pobreza agrícola da zona costeira do Meio Norte. Em suas terras arenosas a atividade agrícola se reduz à plantação da mandioca, largamente consumida pelas populações regionais sob a forma de farinha sêca e farinha dágua.

No entanto, a pesca constitui apreciável fonte de recursos para a população litorânea, que tem também na explotação das salinas mais uma forma de atividade produtiva.

45° WG — 44° 45' — 44° 30'

4° 15'

BACABAL

LAGO DA PEDRA

DIVISOR GRAJAÚ-MEARIM

COROATÁ

PEDREIRAS

Paralelo de V. Velha

Mocós, S. B. do Vale, Morada Nova, Vila Velha, Pindoba, Cigana, Olho d'Água, Humaitá, Meão, Rosa, Conceição, Floresval, São Pedro, Berê, Canaã, Aninga, Lima Nova, S. Joaquim, RIO, Boa Esperança, IPIXUNA, Monte Cristo, Eldorado, L. Onça, Altamira, Fortaleza, Boas Lonas, Sta. Filomena, Bacabal, Primavera, Igarapé Ipixuna, Igarapé Grande, Cancela, Mutambal, Engenho, Jatobá, MEARIM, Três Poços, Sêco, Duas Irmãs, Santa Rita, Mofumbo, Campelo, São Bento, Marajá, Água Branca, São Lourenço do Ipixuna, Pau Real, Patrocínio, São João, S. Raimundo, Rio Tapuio, Guaribas, Velaso, Bom-Gôsto, Paralelo Da Foz Do Rch. Insono, Monte Alegre, Rch. Insono, Montevidéo

4° 30'

CONVENÇÕES

CIDADE ◉ VILA ◎ POVOADO ○

Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.

LIMITES:

Internacional

Interestadual

Intermunicipal

Interdistrital

E. F. bit. larga

E. F. bit. normal

E. F. bit. estreita

Estr. de rodagem

Estr. carroçável

Linha telegráfica

Rio intermitente

Alagado

Areial

Aeroporto

OCEANO ATLÂNTICO

PARÁ

PIAUÍ

GOIÁS

48° — 46° — 44° — 4° — 8°

SITUAÇÃO

45° — 44° 45' — 44° 30'

Projeção de Mercator

ESCALA 1:300 000

(1cm = 3 km)

5 0 5 10km

Des. MS. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

A pesca é a atividade mais importante no litoral oeste, pelos motivos já expostos, embora também seja praticada no litoral oriental. Mas em tôda a costa do Meio Norte assume o mesmo aspecto de atividade realizada sem nenhuma orientação técnica, dentro do maior empirismo e rotina.

A embarcação característica do pescador maranhense é o "bastardo", canoa de construção simples, tôda aberta, provida de uma vela triangular. São embarcações ligeiras, mas muito perigosas, pela sua fragilidade.

A pesca do peixe e do camarão — muito abundante nas áreas de mangues — é realizada durante o ano todo. Como em outros núcleos de pescadores do litoral oriental do Brasil, a pesca é feita por parceria dividindo-se o produto entre o proprietário do "traste" (canoa e rêdes), o "patrão da pescaria" (encarregado) e os pescadores. Também no seu material de trabalho os pescadores do Meio Norte não se distinguem dos demais companheiros de profissão espalhados na extensa linha de costa brasileira. Do mesmo modo os processos são semelhantes. Trabalham êles com as rêdes de arrasto, as zangarias (rêdes de cêrco), as tainheiras, os espinhéis e mais as linhas e os arpões para a pesca de peixes. O uso de "currais" de varas uni-

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 447 — T.J.)*

A ligação rodoviária entre Caxias e São Luís, é feita, ainda, por estradas de condições precárias, sendo quase impossível o tráfego entre essas importantes cidades do estado, por ocasião do "inverno", isto é, na estação chuvosa.

A região, que apresenta boas possibilidades econômicas precisava ser melhor dotada em matéria de vias de transporte. A exploração do babaçu, não encontra, sequer, o estímulo de um fácil e rápido escoamento da produção. O aproveitamento desta riqueza é, assim, dos mais precários.

Na foto vemos um trecho da estrada de rodagem recentemente aberta e ainda não terminada, a cêrca de 8 quilômetros de Caxias. *(Com. J.X.S.)*

45° WG
44°30'
4° 30'
5°

I P I X U N A

C O R O A T Á

C O D Ó

D O M P E D R O

P R E S I D E N T E D U T R A

E S P E R A N T I N Ó P O L I S

L A G O D A P E D R A

GRAJAÚ

BARRA DO CORDA

CAXIAS

DIVISOR MEARIM-GRAJAÚ

Paralelo Da Foz Do Rch. Insono

Paralelo Da Foz Do Rio Flores

RIO MEARIM

Rio Grajaú

Rch. Insono

Rio Topuio

Rio Flores

Ig. Marimbondo

Ig. Telha

Igarapé

BR-21

PEDREIRAS

Igarapé Grande

Ôlho d'Água Grande

Marianópolis

Lagoa dos Porcos
C. do Meio
Pau Real
Bôca da Mata
Catendó
Grajaú
São Pedro
Cantinho
Angical
Lagoa do Boi
Marajó
São Domingos
Soares
Sta. Rosa
S. José
Riachuelo
Matão
Forquilha
S. José
Bernardo
Boa Vista
La. do Meio
S. Domingos
La. de Dentro
Poço de Dentro
Encantadinho de Baixo
Raiz
Mururu
Pé da Serra
S. João
Lagoinha
S. Paulo
S. Francisco
Sto. Antônio
Baixão
Mururu
La. do Baiano
Poção de Pedra
Metal
Macacos
Sumaúma
Cajàzeira
La. Bonita
Três Lagoas
S. Bento
Poço Bonito
Bispo
Vão da Serra
Sta. Luzia
Marajá
Açude
Bom Princípio
Pregos
Salvação
Rancho Fundo
Boa Esperança
Mandi
Indu
Três Bôcas
Minas
Veado
Sta. Amélia
N. Nova dos Caboclos
Copacabana
Água Boa
Bagaço
Canafístula
Lucindo
Clemente
Cipoal
Dutra
Jatobá
Simplício
Bazar
Sta. Emília
Pregos
Sanganhão
Conceição
Transval
Cocalinho
Fago
Barbosa
Sta. Cantilla
Jabuti
Olho d'Água
Munduri
Três Irmãs
M. Grande
Meio
Guanabarra
Paraíso
S. Joaquim
Edvirges
Cocalo
Baixão
Demanda
Sta. Cruz
Criali
S. Raimundo
Boa Idéia
Belém
S. José
B. do Rosa
Junco
Baixão
Santana
Barriguda
Mandu
Rodrigues
Laguinha
Canas
Cabaço
Água Prêta
Livramento
La. Grande
Laguinho
S. José
S. João
Alívio
S. Bento
Sta. Isabel
Montevidéu
Tibério
Armazém
Cel. Lima Campos
Salvador
Jatobá
Gervásio
Barrigudo
Bom Jesus
Sta. Maria
Arpeira
Angical
Boa Esperança
Garrancho
Nova Luz
Calabar
Velho Silvino
Sto. Antônio
Solobro
Espírito Santo
Matinha
Sta. Rosa
Matões
Bom Jardim
Patrocínio
Pé da Ladeira
Capinal
Estévão
Califórnia
Lagoinha
Liberdade
Tanguinho
Tamarindo
Centrinho
Nonato
Bonfim
João Joaquim
Joel
Sto. Antônio dos Lopes
Arojás
Tocaia
Epifânio
Mundicuinha
Sapucaia
Sossêgo
Cancela
Segredo
Sto. Antônio

CONVENÇÕES
CIDADE ◉ VILA ◎ POVOADO ○
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E.F. ○
LIMITES:
Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital
E.F. bit. larga
E.F. bit. normal
E.F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto

OCEANO ATLÂNTICO
PARÁ
PIAUÍ
GOIÁS
SITUAÇÃO

45°
44°30'

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3349 — T.J.)*

A foto nos mostra uma região plana, alagadiça, por onde passa a rodovia Codó—Caxias, cuja circulação é precária, devido à grande quantidade de areiais aí existentes, originados da desagregação do arenito permocarbonífero.

A vegetação à margem da estrada é arbustiva encontrando-se carnaúbas esparsas. *(Com. E.R.S.)*

das por cipós, construídos nos "lavados" (grandes coroas à beira dos canais) é outro recurso que o maranhense utiliza na faina da pescaria.

Para a pesca do camarão, que assegura largos proventos ao pescador pela sua abundância nas extensas áreas cobertas de mangues do litoral ocidental e do golfão maranhense, utiliza as puçás de arrasto e as de "muruada" (pesqueiros em que são fincados moirões, aos quais são prêsas as puçás).

Esta atividade pesqueira fornece o peixe e o camarão, tanto fresco como sêco, sobretudo, para São Luís e as outras cidades litorâneas do Meio Norte. Ainda se faz pequena exportação de camarão sêco para os estados vizinhos, pois, que êsse produto é largamente utilizado na dieta alimentar nortista.

A explotação das salinas constitui outro recurso econômico dos municípios litorâneos, destacando-se, neste particular, os de Tutóia (21 531 000 kg), Luís Correia (8 215 000 kg), Parnaíba (3 290 000 kg), Humberto de Campos (2 275 000 kg) e Cururupu (1 607 200 kg) [1].

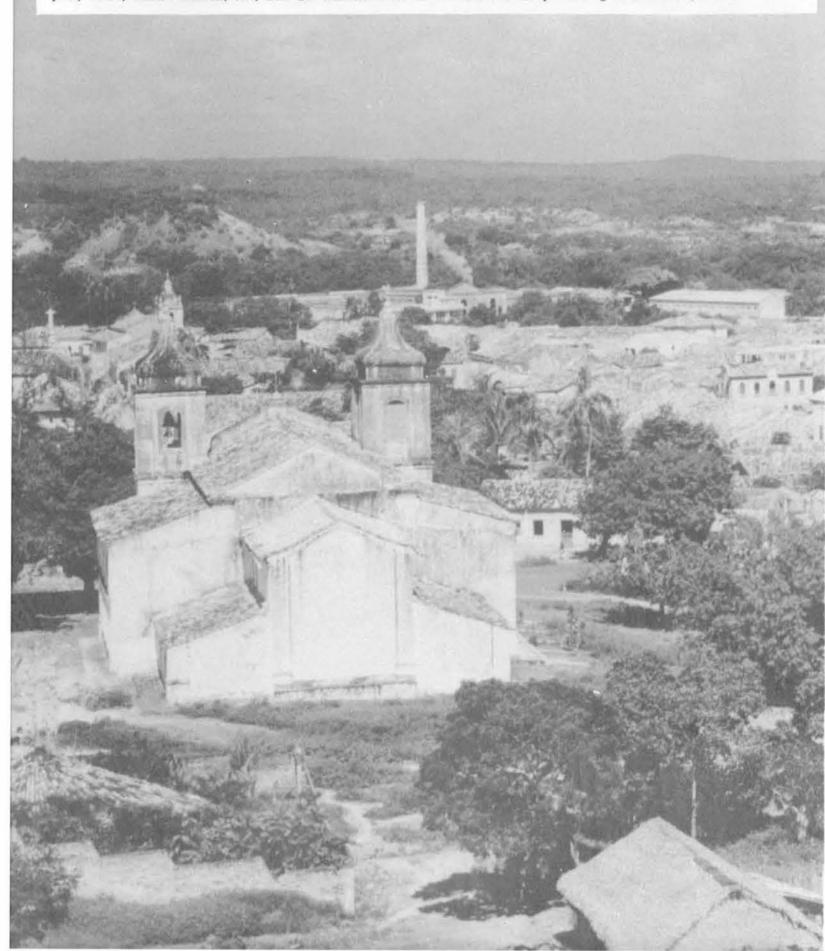
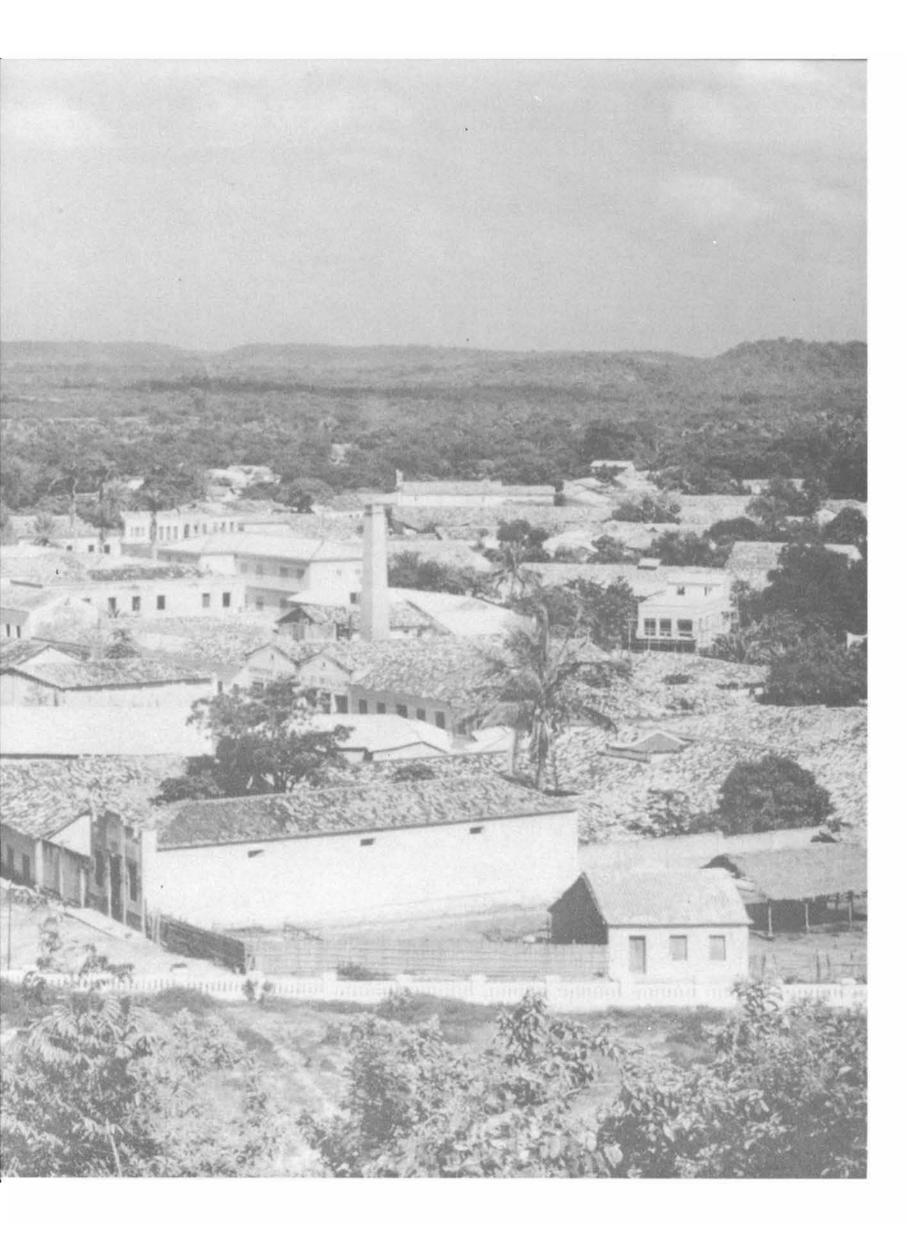
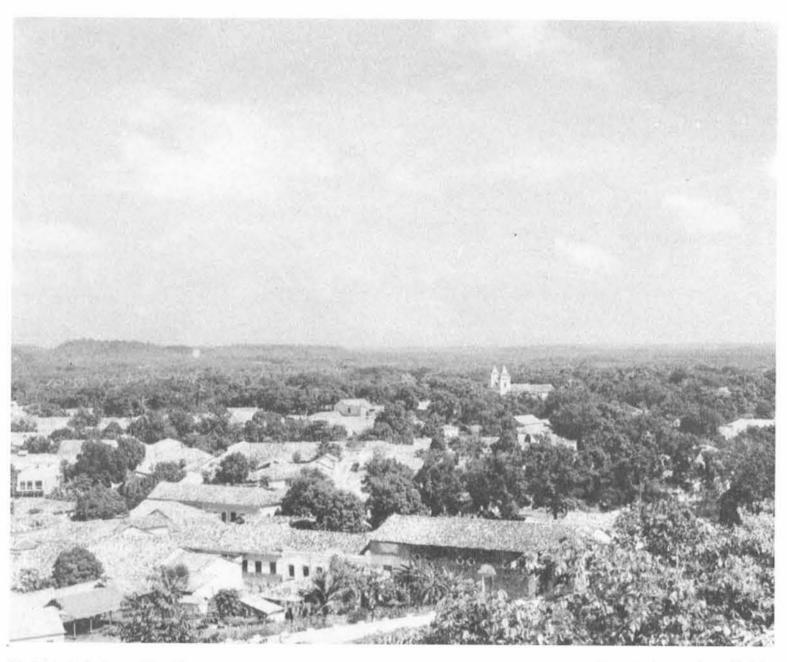
Também a produção do sal se ressente do primitivismo dos processos empregados. Com um total de 217 salinas, sendo 176 em produção, o Maranhão (200) e o Piauí (17) se avantajam neste particular, a outros estados produtores.

O Rio Grande do Norte, por exemplo, tem apenas 95 salinas, com uma área de cristalização

[1] Dados estatísticos fornecidos pelo Instituto Nacional do Sal e referentes ao ano de 1955.

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 452 — T.J.)*

Caxias é a mais importante cidade do vale do Itapecuru e a segunda do Maranhão em população (14 445 habitantes). Acha-se ligada pelo seu movimento comercial ao Piauí e ao Nordeste Oriental, graças à estrada de ferro que a liga a Teresina. O fato de estar em contato com os vales médio e superior do Itapecuru contribui para aumentar sua importância regional.

Caxias é também importante centro industrial com fábricas de tecidos de algodão, cuja produção destina-se aos mercados pouco exigentes do Norte e Nordeste. Industrializa-se na cidade, ainda, o óleo de côco babaçu e são também numerosas as fábricas de calçados, móveis, bebidas. mosaicos, etc., além dos estabelecimentos de beneficiamento dos produtos agrícolas. *(Com. J.X.S.)*

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 453 — T.J.)*

Vista parcial de Caxias, a segunda cidade maranhense em população e em importância econômica. Está situada às margens do rio Itapecuru, tendo-se desenvolvido como têrmo de navegação regular no rio. A construção da Estrada de Ferro São Luís—Teresina pelo vale interrompeu todo o tráfego fluvial.

Caxias é o centro regional da região itapecuruense, no entanto, tem visto diminuir sua importância comercial, desde que Floriano e Teresina, pela construção de rodovias, estão capturando as relações comerciais de muitas cidades do sertão maranhense.

Caxias é também o primeiro centro industrial do interior do Meio Norte, destacando-se, na cidade, as indústrias têxteis. *(Com. L.C.V.)*

de 10 156 480 m^2, enquanto que as 217 salinas do Meio Norte cobrem uma área de apenas, 2 362 640 m^2. A sua produção anual é muito baixa — 38 293 toneladas de sal — o que representa apenas 5,1% da produção nacional (580 818 t.).

A má instalação e os processos atrasados de explotação das salinas do Meio Norte são responsáveis por essa produção pequena e pela qualidade inferior do produto.

As maiores salinas da região considerada estão na ilha Igoronhon, em Tutóia, e em Parnaíba (salina Belamina) e são as melhores aparelhadas de todo o litoral. A Igoronhon possui armazéns e trapiches para o embarque do produto. Destaca-se nela também a indústria do subproduto, sendo aí fabricado o sulfato de magnésio.

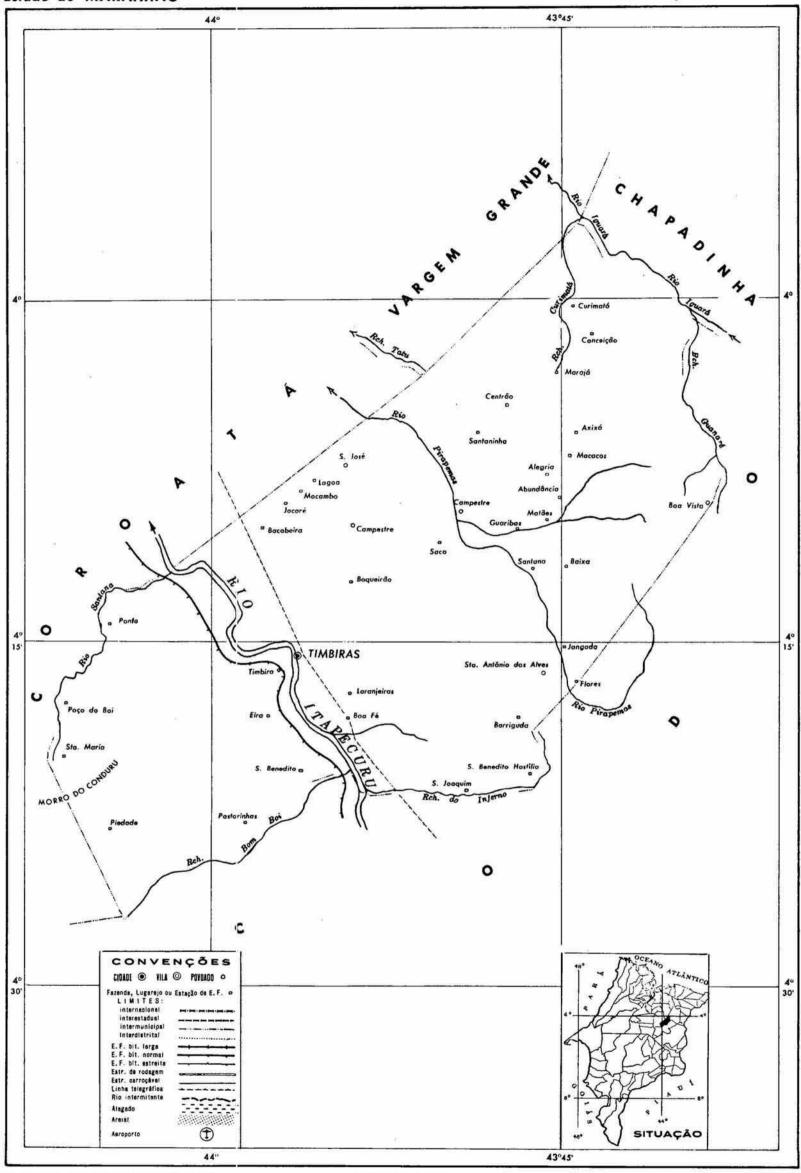
Os salineiros desta região são, geralmente, indivíduos de poucos recursos e incapacitados econômicamente para a instalação de melhor aparelhamento. Em geral, os trabalhadores das salinas são assalariados ou empreiteiros que juntam à atividade salineira realizada no período de estiagem (agôsto-dezembro) o trabalho nas roças na estação chuvosa.

O processo de instalação de uma nova salina é dos mais rudimentares: escolhido um local baixo, lavado pelas águas do mar no "apicum", é êste cercado por um grande paredão de pau-a-pique e

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)

5 0 5 10km

Des. AM. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

terra, tendo uma entrada para as águas. Para encher os cristalizadores, às vêzes, são necessárias três ou quatro marés altas. Dos cristalizadores a água é dirigida por encanamentos para os chocadores e depois de três ou quatro dias para os baldes de cristalização. Completada a evaporação, o sal é quebrado e transportado para os depósitos, os "paióis". Após a "cura" é transportado em barcos a vela para os centros consumidores e para os centros de exportação: São Luís, Tutóia e Luís Correia.

Além dos municípios citados, de modo geral, todos os situados na faixa litorânea produzem sal: Turiaçu, Primeira Cruz, Araioses, Alcântara e Luís Correia.

Do total produzido, cêrca de 30 600 t. são destinadas à exportação interestadual: Pará e São Paulo são os maiores compradores.

O Maranhão com os seus extensos "apicuns" ainda inexplotados tem possibilidade de satisfazer às necessidades dos mercados nortistas, desde que organize a sua produção em bases mais racionais.

Torna-se, sobretudo, necessária a substituição das primitivas salinas, responsáveis por um produto cheio de impurezas, por emprêsas modernas, onde os processos de extração mais aperfeiçoados tornem o produto do Meio Norte de qualidade aceitável pelos mercados consumidores.

Os núcleos urbanos da faixa litorânea da região em estudo, afora a capital do Maranhão e Tutóia, têm pequena importância econômica e demográfica. Na exígua faixa costeira piauiense sòmente se destaca Parnaíba.

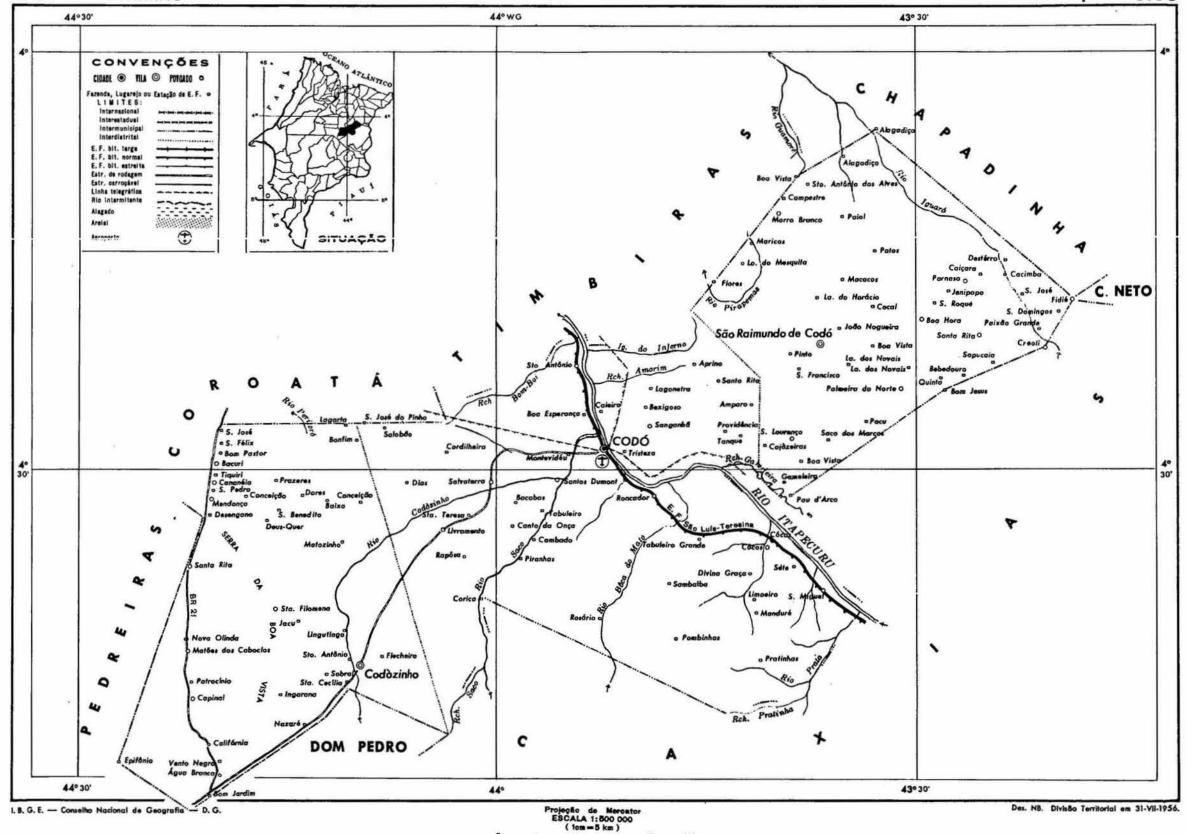
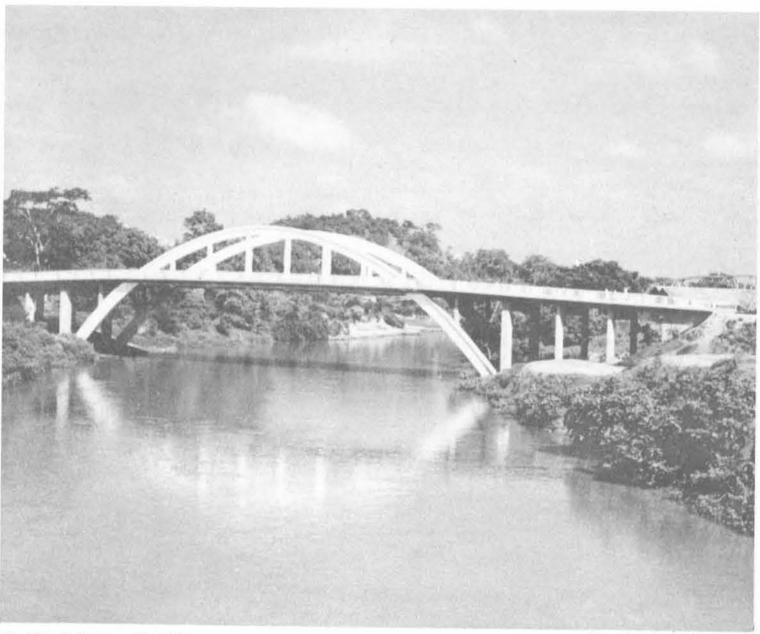
No Maranhão merece também ser citada a cidade de Alcântara, a antiga Tapuitapera, capital da capitania de Cumã, pelo que significou, graças

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 449 — T.J.)*

O símbolo da religiosidade brasileira não poderia deixar de existir na cidade maranhense de Caxias. Esta antiga igreja está localizada na praça central, da segunda cidade maranhense. *(Com. T.C.)*

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:500 000
(1cm = 5 km)
5 0 5 10 15 20km

Des. NB. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Município de Caxias — Maranhão *(Foto C.N.G. 3450 — T.J.)*

A facilidade de acesso, quer pelo Itapecuru, quer pela Estrada de Ferro São Luís—Teresina, fêz da cidade de Caxias um movimentado centro. Como maior entreposto da região, Caxias serve aos sertões do Parnaíba e do Itapecuru.
A fotografia mostra a ponte da estrada de ferro sôbre o rio Itapecuru na cidade de Caxias. *(Com. T.C.)*

ao seu comércio, no Maranhão dos séculos XVIII e XIX.

É sabido que a convergência dos grandes rios que descem do interior maranhense para a grande abertura do litoral onde se abrem as baías de São Marcos e São José foi fator precípuo para a concentração da vida econômica regional no recôncavo que envolve a ilha do Maranhão. Foco inicial do povoamento que subiu os rios, caminhos abertos à penetração, foi também aí que se estabeleceram as primeiras fazendas que iniciaram a atividade agrícola que fêz a riqueza do Maranhão colonial, primeiro pela cana-de-açúcar depois pelo algodão e o arroz.

O centro de recepção dos produtos interiores, primitivamente escoados exclusivamente por via fluvial, e dos produtos do recôncavo foi naturalmente São Luís, situada na ilha do Maranhão, dentro das baías citadas.

Alcântara, gozando as vantagens de posição semelhante e contando também com a proximidade da importante zona agrícola que se desenvolvia na área baixa de oeste do golfão foi durante algum tempo a rival de São Luís. Os capitais dos senhores de engenho, que se contavam às centenas na região, ergueram na velha cidade de Alcântara belos sobrados coloniais, ricas igrejas, em ruas amplas e bem traçadas. Era a cidade aristocrata da Província maranhense. Era a intermediária até meados do século passado entre a capital e tôda a vasta área agrícola da margem oeste da baía de São Marcos, então a mais próspera da Província.

O deslocamento posterior do centro agrícola mais ativo para os baixos Mearim e Itapecuru,

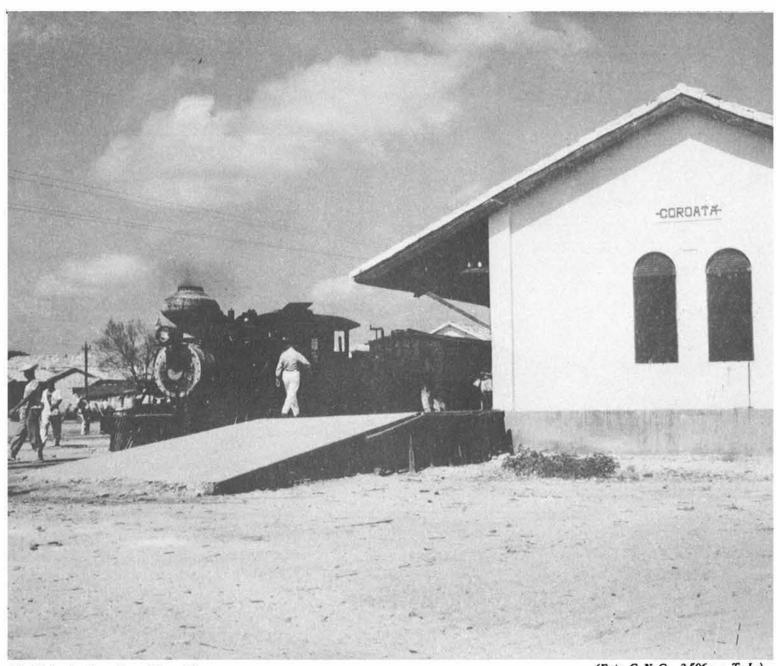
mais a lei abolicionista e as comunicações diretas que passaram a ter alguns satélites de Alcântara com a capital foram os fatôres principais da decadência dessa cidade e da extinção completa de sua atividade comercial.[2]

Hoje, a cidade de Alcântara nada mais é que monumento nacional tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico Nacional.

São Luís, capital do estado, pelo contrário, teve sempre mantida a função comercial que foi uma das causas primeiras de seu desenvolvimento.

[2] Lopes, Raimundo — "O Torrão Maranhense".

É fora de dúvida que a ligação ferroviária com Teresina pela Estrada de Ferro São Luís—Teresina, apesar das suas deficiências técnicas e insuficiência de material rodante, e mais as rodovias que a ligam com Codó, Coroatá, Pedreiras, Bacabal, Dom Pedro e Presidente Dutra, são fatôres de manutenção de sua atividade comercial atual.

Graças à sua posição, São Luís viu desde cedo desenvolver-se, o comércio externo, bem situada como estava em relação aos mercados europeus. Tal fato determinou a instalação na cidade, já desde a época colonial, de uma classe preponderante de comerciantes portuguêses. É preciso frisar que a

Município de Coroatá — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 506 — T.J.)*

Entre os municípios importantes localizados no vale do Itapecuru, destaca-se o de Coroatá. Como Codó, Caxias e outras, a cidade de Coroatá é servida pela Estrada de Ferro São Luís—Teresina (471 km).

Se esta estrada de ferro trouxe algum desenvolvimento à região, maior será o benefício quando estiver concluída a ligação de Teresina com Paulistana no extremo sudeste do Piauí, atual ponta de trilhos da E. F. Leste Brasileiro.

O ramal férreo que ligará a linha-tronco aos vales do Mearim e do Grajaú, já está em construção, estando terminado o trecho de Coroatá a Peritoró.

A posição chave da cidade de Coroatá em relação ao Mearim, atualmente a principal zona agrícola maranhense, é fator essencial para o desenvolvimento de suas atividades comerciais. A cidade de Coroatá por sua posição geográfica está, sem dúvida, fadada a se tornar o principal centro comercial da região. *(Com. T.C.)*

Estado do MARANHÃO
Município de COELHO NETO
43°20'
43°10'
43°WG
4° 10'
4° 20'
CHAPADINHA
BURITI
DUQUE BACELAR
CODÓ
CAXIAS
PIAUÍ
TIMON
COELHO NETO
RIO PARNAÍBA
Rio Munim
Rio Iticara
Rch. São Félix
Rio Corrente
Ilha das Queimadas
Ilha da Macaúba
Brejinho
Salobro
Bonfim
Posse
S. Lourenço
Belágua
Tabocas
Degrêdo
Itapirema
Vermelho
S. Domingos
Deserto
Brejo
Fidié
Sta. Teresa
Vai-Quem-Quer
Madeira
Açude
Pindoré
Ôlho d'Água Grande
CONVENÇÕES
CIDADE VILA POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
OCEANO ATLÂNTICO
PARÁ
GOIÁS
PIAUÍ
SITUAÇÃO
43°20'
43°10'
43°
I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.
Projeção de Mercator
ESCALA 1:200 000
(1cm = 2 km)
2,5 0 2,5 5 7,5km
Des. FS. Divisão Territorial em 31-VII-1956.
11 — 24 163

Município de Coroatá — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 505 — T.J.)*

A cidade de Coroatá está situada numa zona rica em babaçuais à margem esquerda do Itapecuru, servida pela linha férrea São Luís—Teresina.

Zona já importante, econômicamente, foi mais valorizada, ainda, durante a primeira Grande Guerra, quando era grande a necessidade de óleos vegetais.

O aspecto da cidade não condiz com a riqueza regional. Suas ruas sem calçamento, na época das chuvas transformam-se em lamaçais e nas sêcas são verdadeiros areões.

A fotografia nos mostra a Praça 28 de Julho, onde podemos ver o prédio do Grupo Escolar. *(Com. M.G.T.)*

agricultura maranhense durante séculos teve tôda a característica colonial, votada exclusivamente ao fornecimento para mercados externos de algodão e arroz nos séculos XVIII e XIX.

Esta dependência dos mercados estrangeiros ainda na segunda e terceira décadas do século atual se mostrou preponderante nas relações comerciais do Maranhão com a exportação das amêndoas de babaçu, a grande riqueza regional.

Embora hoje o mercado interno domine nas transações do babaçu, consumido pelo parque industrial de São Paulo e Rio de Janeiro, a economia maranhense guarda ainda aspectos de economia colonial, pois que produz essencialmente matéria-prima para exportação, sendo pràticamente nulo o aproveitamento industrial dentro de sua área. Os lucros advindos do aproveitamento dessa riqueza regional não beneficiam a área de produção.

Dentro do quadro da exportação maranhense ainda se destacam outros produtos oriundos da economia de coleta: a cêra de carnaúba, o tucum, além do óleo de babaçu, o arroz e o algodão.

É, sobretudo, o pôrto de São Luís que garante o escoamento, embora não de forma satisfatória, dêsses produtos básicos do Meio Norte maranhense.

São sobejamente conhecidas as deficiências do pôrto de São Luís, responsável pela decadência do comércio maranhense e pela estagnação econômica do Meio Norte. Um bom pôrto para São Luís é a velha aspiração do povo maranhense desde o período colonial.

O problema mais urgente é o do assoreamento dos rios Bacanga e Anil, provocando a obstrução do ancoradouro anterior. O entulhamento resulta do movimento de areias produzido pelas correntes marinhas e pelo vento.

Já desde 1718 foram assinaladas por Bernardo Pereira de Berredo, governador e capitão-general da Província, as dificuldades de acesso ao ancoradouro de São Luís "tendo os pilotos que vencer os obstáculos de um banco de areia no canal de entrada, diante do qual os navios eram compelidos a parar quando as águas das marés não lhes permitiam montá-lo".[3]

O assoreamento cada vez maior tornava dia a dia de mais difícil acesso o canal navegável.

Em 1832, o govêrno imperial determinou a construção de dois cais, um da ponta de São Francisco ao Igarapé de Jansen, na margem direita do Anil, e o outro do Baluarte de Palácio a ponta dos Remédios, na margem esquerda, como primeira medida de melhoramento do pôrto.

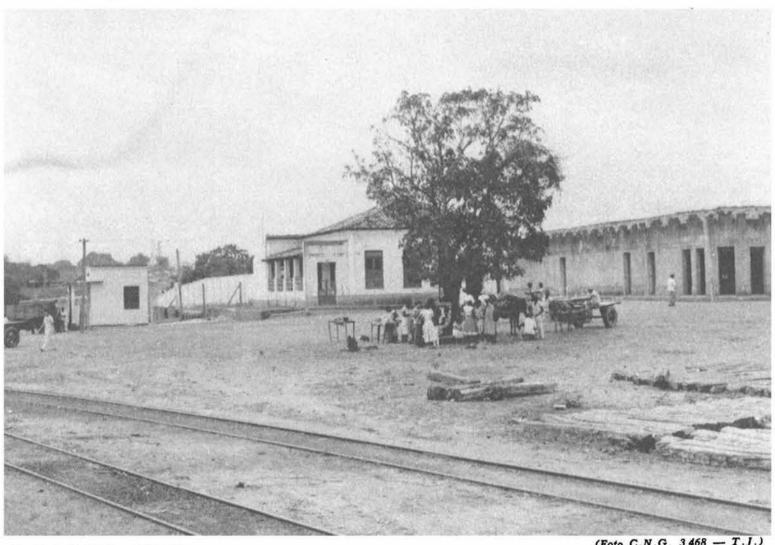
Entretanto, em 1841, foi resolvido que se construísse um só cais — da Sagração — que envolveria a cidade pela margem esquerda do rio Anil e pela direita do Bacanga. O cais, no entanto, continua até hoje inacabado, tendo sido feita apenas a parte que margeia o Anil do Baluarte às proximidades do bairro dos Remédios.

A desobstrução dos canais de acesso e dos ancoradouros do pôrto foi sempre necessidade repetidamente ressaltada em relatórios e estudos. Porém, a dragagem insuficientemente praticada e com prolongados intervalos foi a única medida tomada. Até hoje o trabalho todo de melhoria do pôrto se resume nisso...

Sucederam-se em todo o século passado e primeira metade dêste os estudos, projetos e planos para a solução do problema portuário, sem que nada se fizesse de positivo. A construção do pôrto na enseada de Itaqui é medida que tem sido indicada por alguns técnicos como a melhor solução para o problema portuário do Maranhão.

Porém, até hoje não se deu solução prática e eficiente à questão, fato que vem prejudicando

[3] Soares, Wilson — "O pôrto de São Luís".

Município de Codó — Maranhão *(Foto C.N.G. 3468 — T.J.)*

Codó, situada às margens do Itapecuru, em seu trecho médio, apresenta-se em posição de relativa importância no panorama econômico da região. O município possui boa produção de arroz e algodão, que são produtos de exportação, juntamente com a amêndoa de côco babaçu.

A indústria de maior vulto de Codó é a de tecidos, existindo uma fábrica no município. Existem também curtumes e alguns estabelecimentos de beneficiamento de arroz e algodão.

O município de Codó é servido pela Estrada de Ferro São Luís—Teresina, a principal via de transportes da região do Itapecuru. *(Com. J.X.S.)*

DOM PEDRO
CODÓ
CAXIAS
PEDREIRAS
PRESIDENTE DUTRA
SÃO DOMINGOS DO MARANHÃO
DIVISOR MEARIM-ITAPEC
BR 21
Sta. Cecília
Nazaré
Vertente
Rio Gurguéia
Rio Codózinho
Rch. Saco
Curuzu
S. Raimundo
Lagoinha
Alto da Cruz
Oriente
Mandioré
Mata Virgem
Epifânia
Bom Jardim
São Benedito
Valparaíso
Canela
Segrêdo
Sombeiro
Pão de Ouro
Encruzilhada
Baixão
Centrado Bessa
São Paulo
Ouro Prêto
Ricardo
Soledade
Mangabeira
São José
Camará
Cruzeiro
Sto. Antônio
Mata da Onça
Sta. Maria
Centro Bernardino
Ôlho d'Água
Poço Verde
Centro da Noite
44°30'
44°15' WG
44°15'
4° 45'
5°
CONVENÇÕES
CIDADE VILA POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
SITUAÇÃO
OCEANO ATLÂNTICO
PARÁ
PIAUÍ
GOIÁS
I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.
Projeção de Mercator
ESCALA 1:200 000
(1cm = 2 km)
2,5 0 2,5 5 7,5km
Des. NB.
Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Município de Codó — Maranhão *(Foto C.N.G. 3 467 — T.J.)*

A economia regional do Maranhão é grandemente prejudicada pela falta de um bom sistema de transportes.

A precariedade da única via férrea que serve a região, a Estrada de Ferro São Luís—Teresina, de cêrca de 471 km, é geral e notória. Seu material rodante é muito deficiente e o tráfego irregular. Os vagões de passageiros, em número insuficiente, trafegam sempre superlotados.

Por essa estrada escoa-se, para o Piauí e o Nordeste Oriental, parte da produção regional, especialmente o arroz, o algodão, o óleo de babaçu e a cêra de carnaúba, produtos de destaque na economia maranhense.

Na foto, vemos um armazém da estação de Codó, Maranhão, notando-se a simplicidade das instalações, o que atesta o pequeno movimento de transportes. *(Com. J.X.S.)*

enormemente o maior desenvolvimento do Meio Norte e que constitui mesmo o problema básico da economia regional.

Embora São Luís se encontre em excelente posição geográfica na confluência dos grandes rios maranhenses para se tornar o escoadouro natural dos produtos regionais; as dificuldades locais de construção do pôrto, como foi visto, muito prejudicaram a função comercial que estava na base do estabelecimento da cidade.

Ergueu-se São Luís sôbre os tabuleiros terciários que avançam sôbre as águas da baía de São Marcos entre os rios Bacanga e Anil. É bem visível a estratificação horizontal dos arenitos que constituem êsses tabuleiros e se apresentam em escarpa, frente ao mar, com uma altura de 20 a 30 metros.

O núcleo inicial da cidade fundada pelos franceses em 1612, por necessidade de defesa, teve sua origem no nível mais alto de 25 metros, junto ao mar. Posteriormente, expandiu-se, mais para o interior, ao longo dos espigões retalhados nesse nível regular. A ocupação do fundo dos vales e da área baixa vizinha ao mar fêz com que o traçado das ruas, se afeiçoando ao relêvo diferenciado, tomasse feições tortuosas e quebradas, subindo em ladeiras ou em escadarias íngremes para o nível alto, o que faz lembrar, em miniatura, a fisionomia urbana da cidade do Salvador com os seus dois andares.

O núcleo urbano do século XVII circunscrevia-se à atual avenida D. Pedro II, descendo daí até o bairro do Destêrro, à beira-mar. Êste bairro onde se conservam os mais velhos sobradões colo-

Município de Campo Maior — Piauí *(Foto C.N.G. 3 510 — T.J.)*

Nos numerosos sítios que aparecem ao longo da estrada que liga Teresina a Campo Maior, repete-se o primitivo sistema da rotação de terras, bastante difundido no interior brasileiro.

A foto acima, apresenta largo trecho de um dêsses sítios onde a utilização de tal sistema pode ser comprovada. No primeiro plano, vemos uma baixada com cultura associada de milho e mandioca, e ao fundo pequenas "cuestas" cobertas de capoeiras em diferentes estágios de desenvolvimento. *(Com. N.R.I.)*

niais, as casas baixas e pequenas dos primeiros séculos de ocupação, os estreitos becos que sobem em ladeiras e a sua igreja de estilo antiquado, constitui, no dizer de Raimundo Lopes, uma relíquia da cidade colonial.[4]

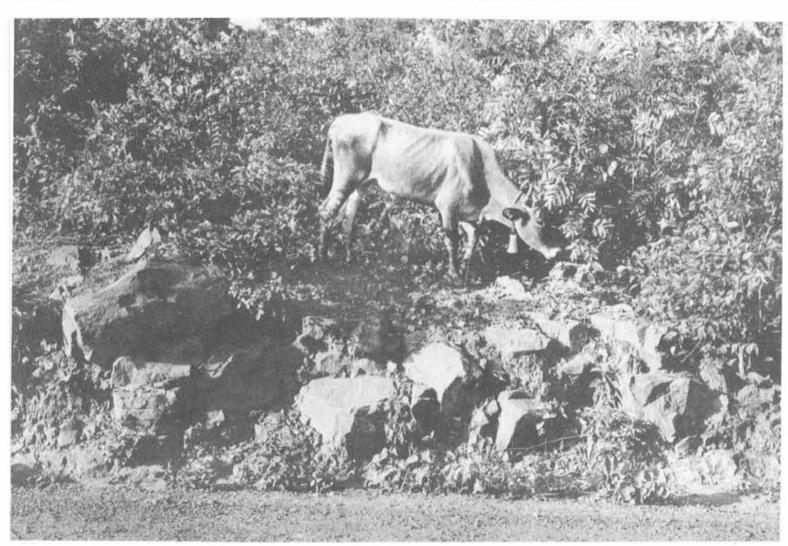
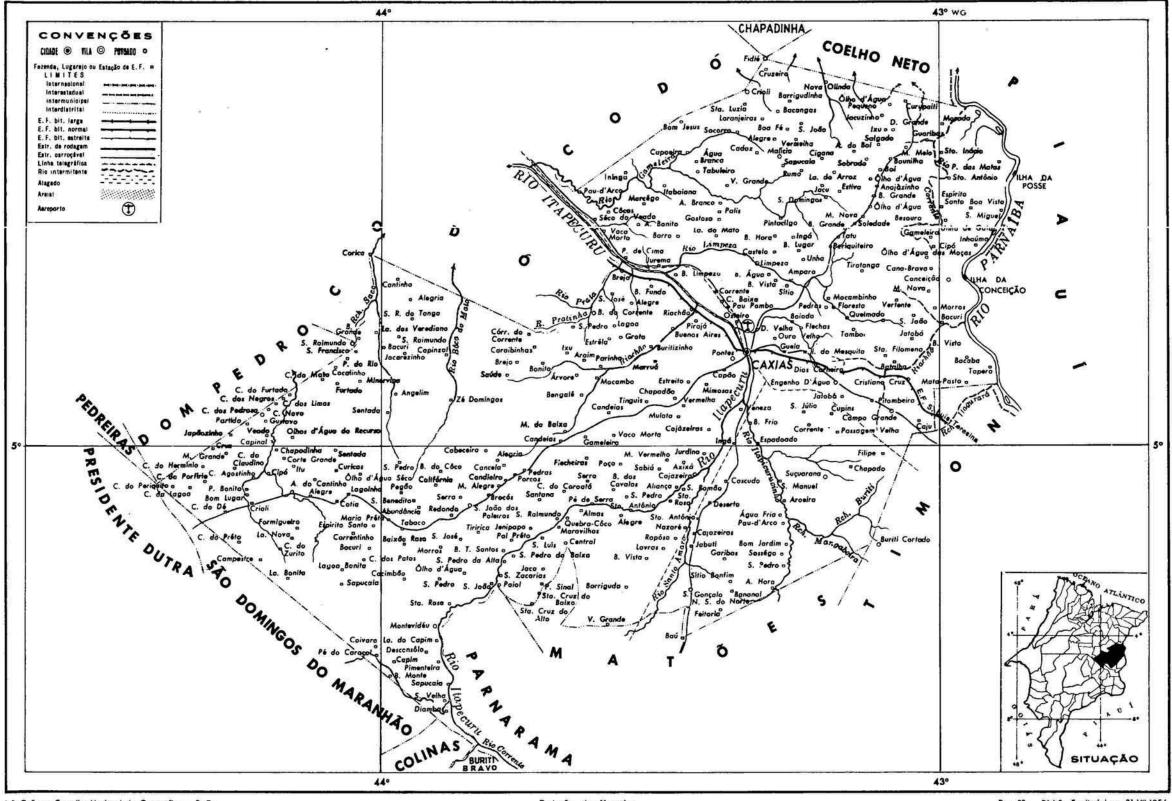
O bairro central formou-se no fim do século XVIII e primórdios do XIX, tendo apenas se desenvolvido os bairros exteriores em fins do século XIX e no século XX. Atualmente a cidade se expande ao longo da estrada de rodagem que ganha o interior da ilha em direção ao continente.

A lentidão do crescimento urbano de São Luís é um traço marcante da vida da cidade. O exame de uma planta do século XVII mostra que São Luís levou dois séculos para duplicar a sua área urbana.[5] Com 10 000 habitantes em fins do século XVII, contava São Luís, dois séculos depois, apenas 35 000, o que mostra ter sido concomitante com a lenta expansão da área urbana, o pequeno crescimento demográfico. Atualmente, a cidade conta com uma população de 149 596 habitantes.[6]

O crescimento atual maior da cidade tem sido nos bairros pobres localizados nas partes baixas marginais aos rios Bacanga e Anil.

A expansão desordenada nessas áreas insalubres, em parte sujeitas à influência das marés, tem criado graves problemas, dos quais, ressaltam os referentes à habitação popular e à deficiência dos serviços de utilidade pública. As casas construídas de pau-a-pique, com sua cobertura de palha, chão de terra, sem serviço de águas nem de esgotos, abrigam a parte da população de São Luís que representa o extrato muito numeroso dos econômicamente fracos. O estado de pauperismo dessa população se coaduna bem com a precariedade das habitações.

A paisagem urbana dos bairros pobres de Diamante, Baixinha, Céu, Codòzinho, Alto do Bode, Vila Operária, Vila das Macaúbas retrata os problemas sociais, econômicos e sanitários da cidade

[4] Lopes, Raimundo — Op. citada.
[5] Azevedo, Aroldo de, e Dirceu Lino de Mattos "Viagem ao Maranhão".
[6] Estimativa para 1957 do I.B.G.E.

Município de Barras — Piauí *(Foto C.N.G. 3 379 — T.J.)*

Tipo de cerrado encontrado em Barras, Piauí. Nestes campos cerrados se encontram elementos de uma vegetação de mata, podendo-se notar que esta região foi muito devastada.
Os campos cerrados dessa região são utilizados para a criação extensiva de gado crioulo. *(Com. T.C.)*

Projeção de Mercator
ESCALA 1:750 000
(1cm = 7,5 km)

Des. FS. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Município de São Pedro do Piauí — Piauí *(Foto C.N.G. 3 503 — T.J.)*

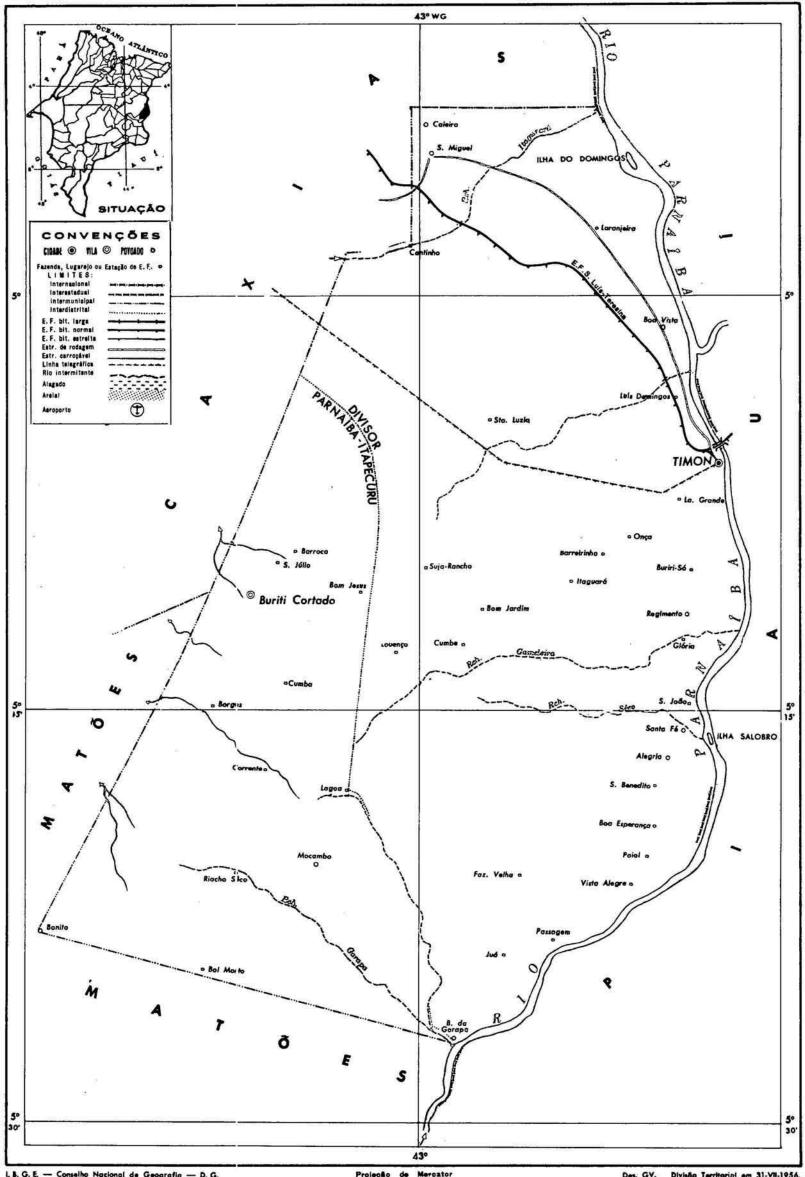
Na área próxima a São Pedro do Piauí é freqüente a paisagem de canaviais plantados entre os carnaubais e babaçuais. Destinam-se aquelas plantações à produção de rapadura e cachaça nos numerosos engenhos primitivos da região. Nas áreas das propriedades destinadas aos agregados cultivam-se também o arroz e o milho.

A preservação da vegetação natural é decorrente da importância que possui a explotação extrativa do babaçu e da carnaúba na região. *(Com. N.R.I.)*

de São Luís, problemas êstes sempre agravados pelo contínuo afluxo de habitantes das pequenas cidades do interior e mesmo da zona rural maranhense que vêm buscar na capital melhores condições de existência.

Às suas funções comercial e administrativa junta São Luís também uma atividade industrial que a torna o maior centro de indústrias do estado com 72% do valor total da produção estadual (em Cr$ 1 000 — 760 565).[7]

À indústria têxtil (6 fábricas) que tem a primazia somam-se as fábricas de derivados do babaçu, de artefatos de couros, de produtos alimen-

[7] Produção industrial — 1954 — I.B.G.E.

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:250 000
(1cm = 2,5 km)

2,5 0 2,5 5 7,5 10km

Des. GV. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Município de Barras — Piauí *(Foto C.N.G. 3 579 — T.J.)*

A explotação da cêra de carnaúba em sua fase primária se apresenta como trabalho dos mais penosos, e de rendimento relativamente pequeno.

As fôlhas, após riscadas e postas a secar, são batidas dentro de barracões como o que vemos fotografado. Sendo o pó desprendido da palha, bastante fino, penetra pelas narinas dos homens encarregados dêsse trabalho, prejudicando-lhes a saúde.

Na foto, vemos, além do barracão citado, homens espalhando a palha ao sol para secar e, à frente da cabana o resíduo da extração da cêra que é aproveitado como adubo vegetal. *(Com. J.X.S.)*

tares, de sabões, de vestuários e de fumo para completar o quadro da atividade industrial de São Luís.

A área industrial da cidade localiza-se na parte sul, nas margens do Bacanga, nas proximidades do desembarcadouro. Os grandes navios permanecem ao largo na baía, sendo o transporte de mercadorias feito por alvarengas, o que onera extraordinàriamente os produtos e cria grandes entraves às relações comerciais do estado.

Por último, deve-se fazer referência à função cultural desta cidade tradicional, função que lhe valeu no passado o cognome de "Atenas Brasileira". Com seus estabelecimentos de ensino secundário e superior, seus jornais e bibliotecas, suas instituições de caráter científico e técnico ela conserva, ainda, no Meio Norte a primazia cultural, avantajando-se de muito, neste particular, sôbre a outra capital estadual meio-nortista.

São Luís com seus belos e imponentes sobrados de azulejos multicoloridos, coroados pelos mirantes, com sua fisionomia urbana "onde o passado ainda está presente" é, sem dúvida, a metrópole do Meio Norte.

Com Tutóia situada na bôca do Parnaíba, divide São Luís a função de escoadouro dos produtos regionais. Êsse pôrto maranhense, serve, sobretudo, ao comércio do Piauí pois que o pôrto de Luís Correia por suas más condições técnicas não permite a entrada de navios de grande calado. Quase a totalidade da produção do vale do Parnaíba converge para Tutóia, o que o faz ultrapassar não raro a tonelagem de exportação de São Luís.

Ainda na faixa litorânea do Meio Norte destaca-se como importante aglomerado urbano a cidade de Parnaíba, a segunda do estado do Piauí em população (30 174 hab.).

Situada à margem direita do Igaraçu, um dos braços do sinuoso Parnaíba, em uma planície extensa e baixa, a cidade fica a 15 quilômetros do pôrto marítimo de Amarração, hoje Luís Correia. Situa-se a 77 quilômetros de Tutóia por onde é

Estado do MARANHÃO
Município de MATÕES
43°45'
43°30'
43°15'
43°WG
5° 15'
5° 30'
5° 45'
CAXIAS
TIMON
PIAUÍ
PARNARAMA
Rio PARNAÍBA
Central
P. Sinal
Paiol
Sta. Cruz do Baixo
Sta. Cruz do Alto
Trabalhosa
Bartolomeu
V. Grande
Sublante
Rio Santo Amaro
Sta. Antônio
Baú
Pedreiras
L. Grande
Ferrão
B. Aires
Jenipapo
Sta. Maria
Mandacaru
Sentada
Rio Itapecuruzinho
Jatobá
Mangabeira
Tempera
N. Olinda
Bonito
S. do Côco
M. Olinda
S. Júlio
Buzinho
Espera
Olaria
Chiqueiro
Sta. Lúcia
Limoeiro
Rch. Garapa
Rch. Buriti
Varjota
B. da Vereda
Bebedouro
Brejinho
Ribeira
Canabrava
Matões
Mangueira
Brejão
União
Barra
Jaca
S. Luis
M. Vieira
Boa Esperança
Veado
Marajó
Paraná
Serra
MATÕES
Chiqueiro
S. Pedro dos Matões
CONVENÇÕES
CIDADE VILA POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
OCEANO ATLÂNTICO
PARÁ
GOIÁS
PIAUÍ
SITUAÇÃO
43°45'
43°
43°
43°
I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.
Projeção de Mercator
ESCALA 1:400 000
(1cm = 4 km)
5 0 5 10 15km
Des AM. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

feito, como foi dito, a maior parte do movimento comercial do Piauí, embora com grandes dificuldades.

A posição geográfica de Parnaíba, à margem de um rio navegável de profunda penetração no interior, e que foi em épocas passadas a principal via de escoamento dos produtos regionais, fêz dessa cidade o centro de gravitação econômica do estado.

Apesar do desenvolvimento comercial de Teresina, ainda Parnaíba conserva a primazia nesse setor. A importância de sua atividade comercial se traduz no número expressivo de seus estabelecimentos atacadistas (21) e varejistas (537). As principais firmas de exportação e importação do Piauí têm aí seus estabelecimentos com filiais e representantes que se estendem por todo o vale do Parnaíba a montante. Algumas delas realizando a primeira transformação dos produtos originários das atividades extrativas, como a refinação da cera de carnaúba, a produção de óleo de babaçu, de óleo de oiticica e de tucum têm na exportação dêsses produtos, seja para mercados estrangeiros, seja para consumidores nacionais, o seu maior movimento comercial. Além de produtos já beneficiados, Parnaíba exporta também amêndoas de babaçu, nozes de tucum, sementes de mamona, algodão, couros e peles.

Enquanto a exportação da cêra de carnaúba, do tucum, da oiticica e da mamona se faz, sobretudo, para os Estados Unidos, o babaçu quer como amêndoa ou óleo, assim como o algodão se destinam ao mercado nacional.

Daí se constata que a principal atividade industrial da cidade de Parnaíba está intimamente ligada à sua função de concentradora dos produtos regionais, pois, nas suas operações industriais ela trabalha, sobretudo, com os produtos provenientes da interlândia piauiense.

A concentração da produção regional se faz tanto por via fluvial, quanto pelas rodovias que

Município de Barras — Piauí *(Foto C.N.G. 3 581 — T.J.)*

O método de extração da cêra de carnaúba, nas regiões onde floresce a carnaubeira, ainda é de um primitivismo notável.

As fôlhas retiradas das palmeiras são trabalhadas, inicialmente, por mulheres e crianças, que as "riscam", isto é, cortam, com facas. Estas fôlhas são depois postas ao sol para secar. Após a evaporação de grande parte da umidade nelas contida são guardadas dentro de barracões construídos de troncos e palhas de carnaúba também, onde são "batidas", retirando-se a cêra em forma de pó.

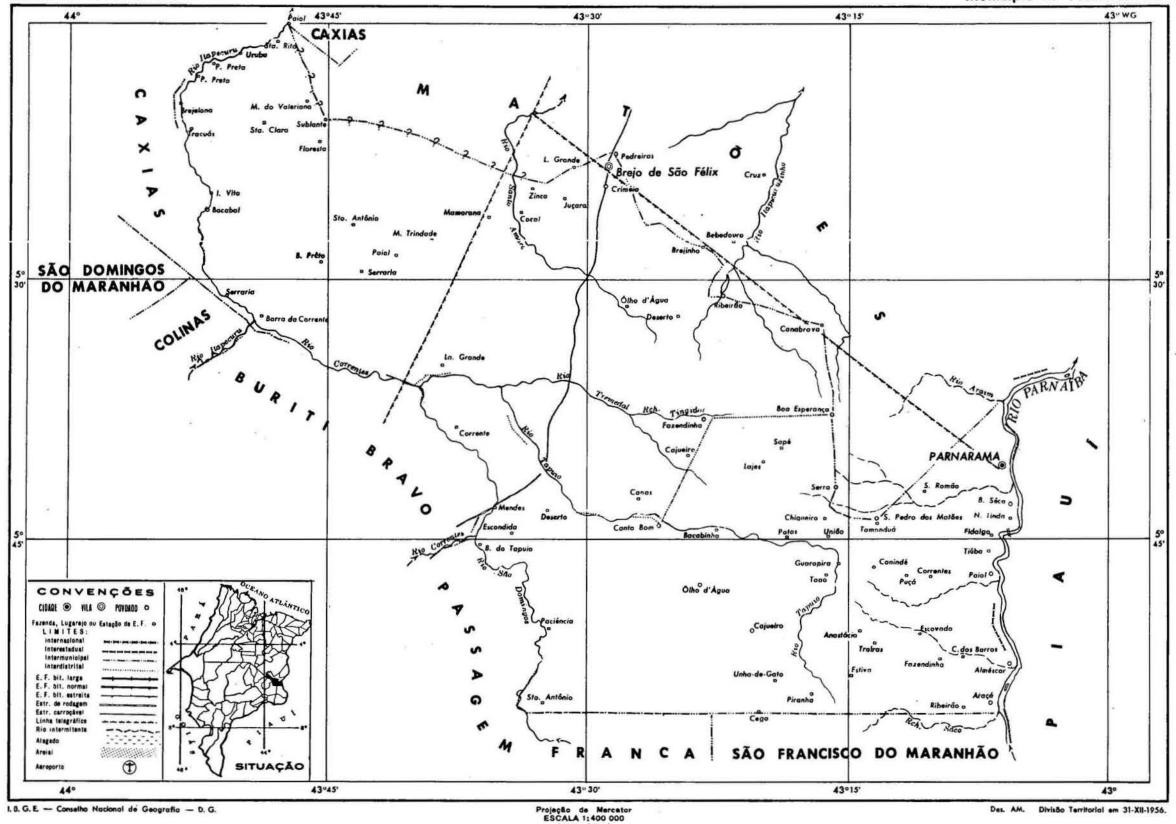
Na foto vemos a fase de "riscar" as fôlhas, vendo-se também o barracão de troncos e palha de carnaúba onde se faz a "batida" das fôlhas. *(Com. J.X.S.)*

Estado do MARANHÃO — Município de PARNARAMA

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:400 000
(1cm = 4 km)

5 0 5 10 15km

Des. AM. Divisão Territorial em 31-XII-1956.

Município de Barras — Piauí . *(Foto C.N.G. 3 580— T.J.)*

Família de rendeiro, empenhada nos trabalhos preliminares de beneficiamento da carnaúba. As fôlhas são levadas para uma barraca onde são cortadas a faca. Nesse trabalho, na maioria das vêzes feito por mulheres e crianças, selecionam-se as fôlhas mais tenras chamadas "do ôlho", que dão melhor cêra, das outras de onde se extrai cêra inferior. Na foto, observa-se o corte das primeiras, mas, aparecem, também, fôlhas mais velhas.

Depois dessa operação, as palhas são expostas ao sol para secar.

Nota-se que a barraca é inteiramente construída de carnaúba. *(Com. A.S.M.)*

daí partem para as diversas cidades do norte do estado e Teresina, e pela Estrada de Ferro Central do Piauí que de Parnaíba atinge Piripiri.

Parnaíba é também servida por várias companhias de navegação aérea que a põem em contacto com outras cidades brasileiras e a capital piauiense: Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul Ltda., Panair do Brasil S.A., Consórcio Real-Aerovias S.A. e Emprêsa de Transportes Aéreos Norte do Brasil S.A.

O desenvolvimento de tôda essa rêde de circulação terrestre, fluvial e aérea trouxe, sem dúvida, contribuição de inestimável valor à expansão do seu comércio, função essencial e característica dêsse importante núcleo urbano piauiense.

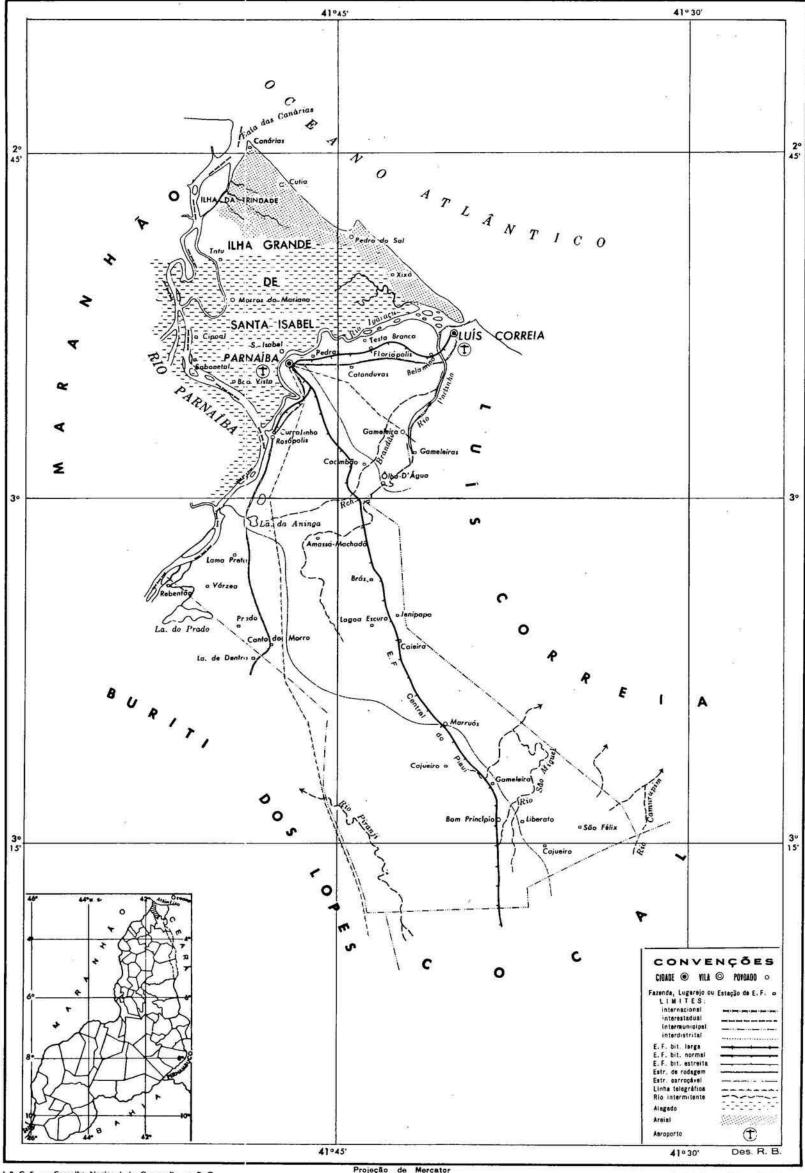
Tendo examinado em suas linhas gerais as feições humanas e econômicas da faixa costeira do Meio Norte, passemos a considerar as diferentes paisagens humanas encontradas na área baixa que se estende do litoral atlântico de Turiaçu e Guimarães, em direção sul, até as margens florestais do Pindaré, Mearim e Itapecuru.

As feições físicas desta zona extensa em área e variada no aspecto, condicionam formas de ocupação humana diferenciadas que criam paisagens geográficas contrastantes dentro da parte oeste da grande planície do Meio Norte.

Os campos da baixada que circundam o golfão maranhense de Santa Helena aos baixos cursos dos rios Pindaré, Mearim e Itapecuru, sujeitos à invasão periódica das águas que os inundam por ocasião dos "invernos", como que rechaçam as populações agrícolas para os limites com a grande mata do oeste. Aí se aglomeram os habitantes rurais, aí se ergueram povoados, vilas e cidades. E a atividade dos homens se divide entre os campos pastoris da baixada e as terras agrícolas da mata ocidental.

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)
5km 0km 5 10km

Divisão Territorial em 31-VII-1956

Desde o setecentismo aberto ao povoamento e à ocupação pelo colonizador branco, a zona que tinha como centro regional a cidade de Alcântara e que abrangia Guimarães, Cururupu, o vale do Pericumã, os baixos Pindaré e Mearim, viu erguerem-se, às centenas, os engenhos de açúcar, dos quais saía abundante produção de açúcar, aguardente e mel de cana. Trabalhada por numerosa escravaria negra, a terra também fornecia largamente colheitas de arroz e algodão, produtos valorizados na economia maranhense dos séculos XVIII e XIX.

Alcântara escoava para São Luís tôda a produção regional e essa área pela sua proximidade da capital era a abastecedora, por excelência, dos gêneros de primeira necessidade. Fatôres diversos concorreram para sua decadência agrícola e econômica, decadência que se reflete na estagnação dos núcleos urbanos.

Ainda subsistem poucos e velhos engenhos, herdeiros da indústria açucareira do período colonial e que com sua maquinaria antiquada, seus métodos rotineiros de trabalho lançam no mercado de consumo regional o açúcar de qualidade inferior e a aguardente. Os municípios de Cururupu, Guimarães, Penalva, Anajatuba; Peri-Mirim, Pinheiro, são os que se destacam regionalmente na produção de açúcar de engenho, sendo que em Guimarães e Cururupu estão instaladas duas usinas.

No Maranhão não se verificou como nas demais áreas açucareiras do país a transformação dos antigos engenhos em modernas usinas, a evolução dos processos arcaicos e primitivos de produção em técnicas industriais aperfeiçoadas. As duas usinas citadas, pela modéstia de suas instalações, não chegam a criar a paisagem agroindustrial, característica das áreas canavieiras do Nordeste Oriental.

Os engenhos, muitos ainda movidos a animais, representam uma indústria tìpicamente rural caracterizada pela fabricação de um produto impuro, por preços de custo elevados e por um volume de produção modesto. Na paisagem rural êstes aspectos correspondem a um aproveitamento pouco intensivo das terras: as capoeiras alternam-se com os canaviais de proporções sempre reduzidas.

A baixada maranhense não conheceu, portanto, o processo de evolução que substituiu o antigo engenho pela moderna usina. Na economia

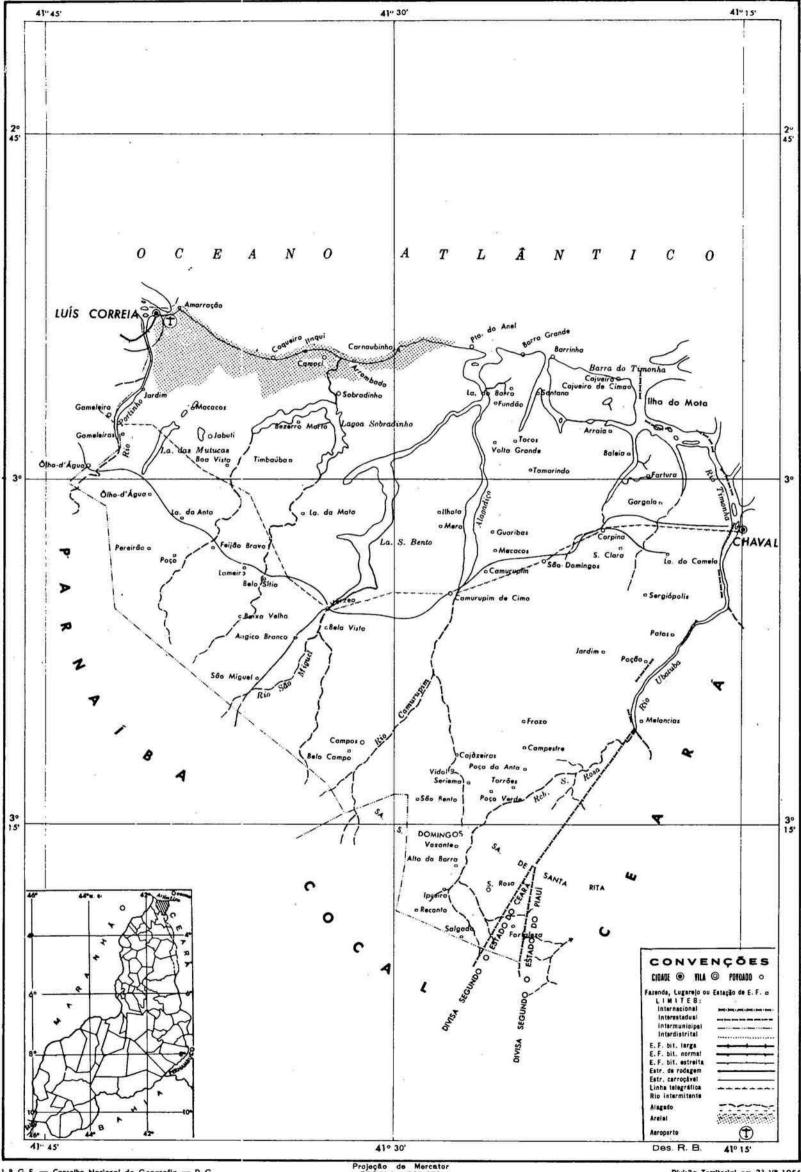
Município de Barras — Piauí *(Foto C.N.G. 3 585 — T.J.)*

No trabalho de extração do pó da carnaúba, a primeira fase é o corte das fôlhas, feito por mulheres e crianças. Segue-se a secagem ao sol e o armazenamento. Quando a tarefa de corte e secagem é concluída, realizam a batida da palha para a retirada do pó. Concluindo a operação, passam a palha por uma máquina simples onde o resto do pó é extraído. Na fotografia observa-se, no segundo plano, o local onde a máquina é instalada. *(Com. A.S.M.)*

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)

5km 0km 5 10km

Divisão Territorial em 31-VII-1956

Município de Barras — Piauí *(Foto C.N.G. 3582 — T.J.)*

Outro aspecto da secagem da palha de carnaúba. Depois de sêca ela é transportada em molhos para o barracão onde é empilhada ainda em feixes à espera da "batida". Êste trabalho é exclusivamente feito pelos homens enquanto às mulheres cabe o trabalho de "riscar" e depois tecer a palha transformando-a em esteiras, chapéus, bôlsas, etc. *(Com. L.C.V.)*

regional a produção de açúcar tem hoje pequeníssima expressão.

De modo geral, em tôda a área considerada a economia agrícola, acha-se em acentuada decadência. Uma atividade de coleta fornece atualmente o produto de maior significação na balança comercial, o babaçu.

A técnica agrícola de rotação de terras primitiva com o seu acompanhamento clássico da derrubada e queimada introduz a agricultura itinerante com todos os seus aspectos de economia depredadora dos recursos naturais básicos.

A paisagem rural reflete êste sistema agrícola tradicional: as áreas de capoeira em diferentes estágios de evolução entremeiam-se com as roças em que as lavouras de arroz, milho, mandioca e feijão se misturam de forma caótica e desordenada.

Pela reduzida fertilidade dos solos impera o maior nomadismo nas roças que ocupam as terras apenas por um ano. Em um deslocamento constante em busca de terras novas de mata e de terras de capoeiras desenvolvidas, as roças arrastam consigo o "agregado" que nelas trabalha. O caráter instável dessa ocupação quase nômade se reflete não só nos contratos de trabalho que não excedem de um ano pela necessidade de sempre plantar em terras novas, como ainda com mais vigor nas habitações rústicas, verdadeiras choças de pindoba, testemunhas de um sistema agrícola dos mais primitivos, em que tudo se tira do solo sem nada lhe dar em troca.

Sem nenhum apêgo à terra que não lhe pertence, volta-se agora o "agregado" com maior interêsse para a atividade extrativa do babaçu, produto de maior valor comercial e de mais fácil explotação. O grupo familiar colabora eficientemente nesta coleta, o que garante maiores recursos à família no seu conjunto.

O problema da falta de braços para o trabalho agrícola generalizado em tôda a região, mais se agravou nos últimos anos com o desenvolvimento dessa atividade de coleta. A imigração dos elementos mais ativos e mais empreendedores para a capital do Estado e para a zona agrícola do Mearim, é outro fator para a decadência da vida agrícola regional.

Não há dúvida que a organização comercial que não facilita ao pequeno lavrador o crédito ne-

BURITI DOS LOPES
MAGALHÃES DE ALMEIDA
BATALHA
LUZILÂNDIA
ESPERANTINA
PIRACURUCA
COCAL
MARANHÃO
PARNAÍBA
Rio Longá
CONVENÇÕES
Des. W. S. M.

Município de Barras — Piauí *(Foto C.N.G. 3584 — T.J.)*

Segunda etapa do beneficiamento da carnaúba: as palhas são transportadas ao terreiro para secagem e, daí, reconduzidas à barraca onde os molhos ficam amontoados até o teto.

A fotografia mostra a coleta da palha sêca, trabalho realizado exclusivamente por homens. Ao fundo, o carnaubal. *(Com. A.S.M.)*

cessário para "tocar a lavoura", para a compra de sementes e de utensílios agrícolas, para qualquer empreendimento destinado à melhoria das técnicas agrícolas, não pode dar ensejo a um aperfeiçoamento das condições da agricultura na região.

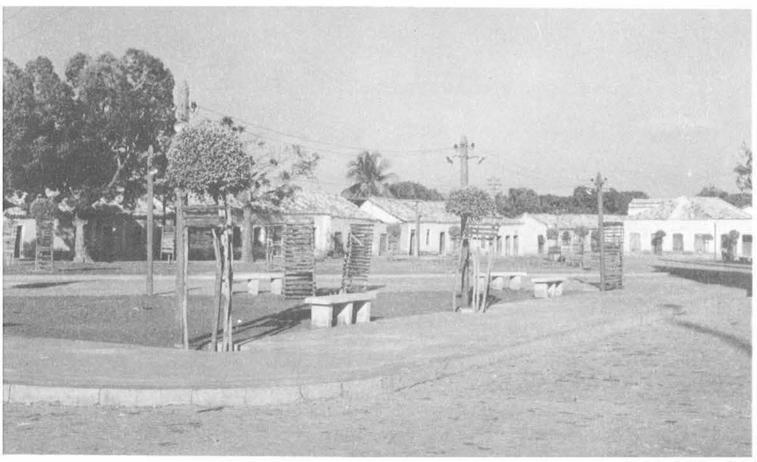
Sem amparo oficial no tocante a financiamentos agrícolas, sem orientação técnica na explotação agrária, o lavrador desta região, como o do Meio Norte, em geral, permanece no maior atraso e pauperismo. Eternamente dependentes dos comerciantes locais ou dos exportadores de gêneros que lhes fornecem o crédito necessário, a êles os lavradores são sempre obrigados a vender as suas safras e com êles estão sempre endividados. Sem noção dos seus direitos submetem-se passivamente a exploradores pouco escrupulosos.

A permanência dêsse sistema comercial, herdado dos tempos coloniais, não possibilita a valorização integral dessa vasta região brasileira, a explotação e o aproveitamento de suas riquezas potenciais.

As deficiências da organização agrícola e comercial, na área em foco, têm, sem dúvida, uma de suas causas no isolamento a que está votada a região oeste do estado maranhense. A falta de meios de transporte e de vias de comunicação não só dificultam e oneram o escoamento dos produtos regionais, como impedem todo o contacto com áreas econômicas e culturalmente mais evoluídas. Esta situação é, ainda, consideràvelmente agravada pelas precárias condições de saúde e educação do habitante rural. Com um índice de produtividade individual muito baixo, o lavrador maranhense para sua recuperação, para sua integração como elemento atuante de valor no desenvolvimento econômico das regiões subdesenvolvidas do Meio Norte, exige como medida preliminar a solução do problema humano que se equaciona em assistência financeira, técnica, educacional, médica e sanitária da mais urgente necessidade.

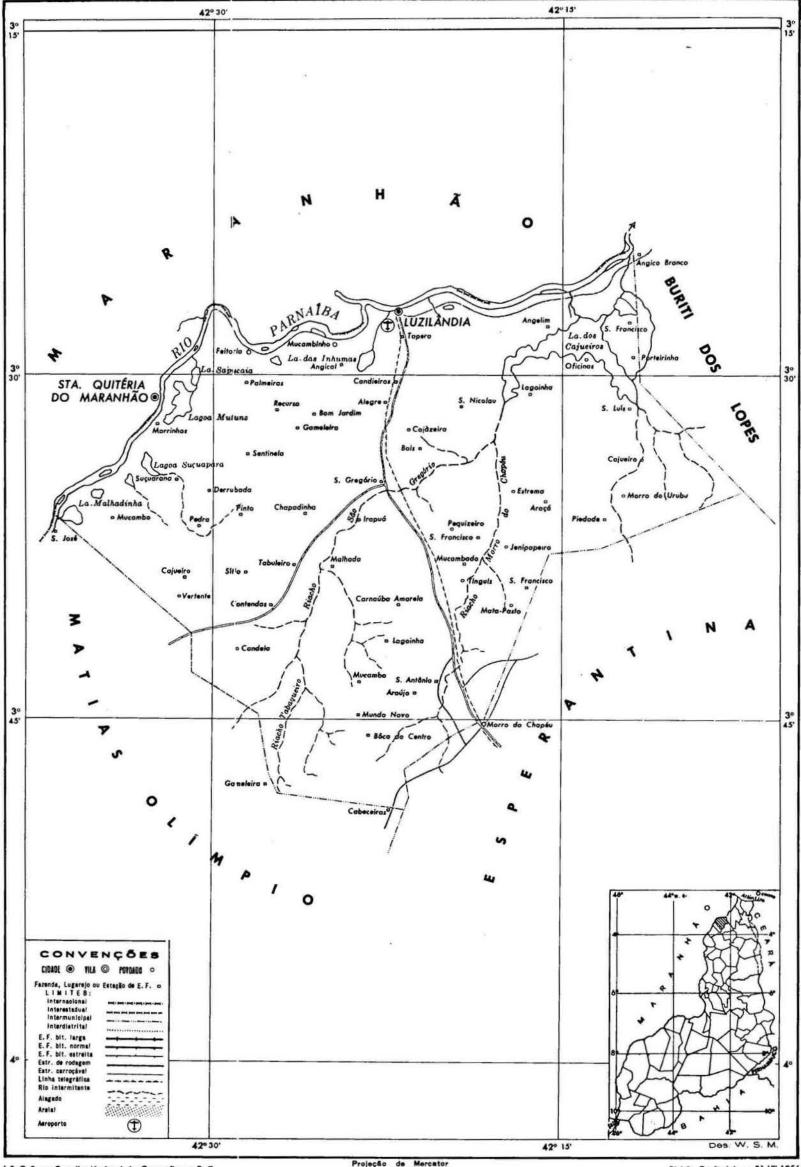
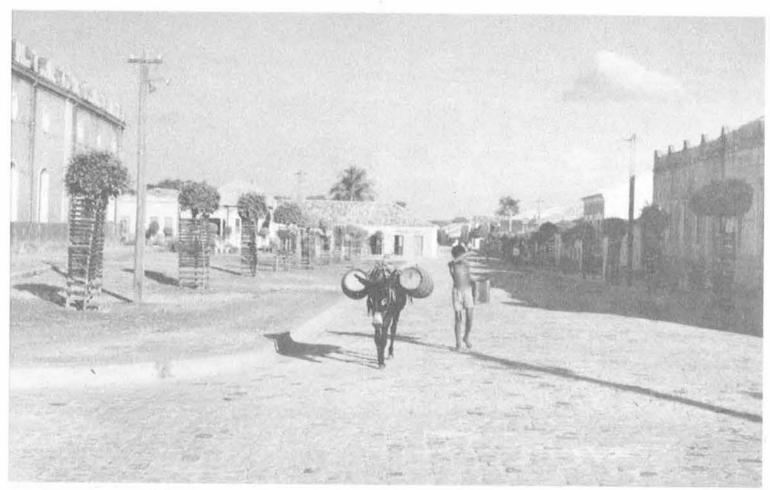
O quadro das atividades econômicas regionais se completa pela criação de gado feita nos campos da baixada.

Os extensos campos aluviais da baixada maranhense, salpicados de lagoas, cortados por rios de drenagem incerta, com numerosos igarapés, com alagadiços e brejos, lembra na distribuição caótica de terras e águas a paisagem amazônica.

A alternância das estações, a chuvosa (dezembro-maio) e a estiagem, que transforma a paisa-

Município de Barras — Piauí *(Foto C.N.G. 3 457 — T.J.)*

As origens da cidade de Barras remontam ao século XVIII, apesar de só em 1870 ter sido elevada à categoria de cidade. Seu nome advém do fato de estar situada entre a barra de seis cursos d'água, sendo o maior dêles o Maratoan.
Possui um comércio bastante progressista e mantém ativo intercâmbio com os municípios vizinhos, principalmente Batalha, Piripiri, Campo Maior e mesmo a capital do estado, não só pela rodovia Teresina—Fortaleza como também pelas estradas carroçáveis.
No fotografia, um aspecto da cidade, a praça Senador Joaquim Pires. *(Com. L.C.V.)*

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)
5km 0km 5 10km

Divisão Territorial em 31-VII-1956

Município de Barras — Piauí *(Foto C.N.G. 3456 — T.J.)*

Barras, situada na bacia do rio Longá, é uma cidade pequena porém de aspecto bastante agradável com suas ruas largas, calçadas e limpas, o que se pode observar neste aspecto da praça Senador Joaquim Pires.

Na rua, um dos tipos característicos do Nordeste, o aguadeiro. Os "corotes" contendo a água, são carregados pelo "jegue", animal que com sua energia e mansidão, presta valiosos serviços em tôda a região. *(Com. A.S.M.)*

gem regional, reflete-se na diversificação das atividades sazonárias do habitante rural.

Nas invernias longas, quando os lagos transbordam, quando os rios extravasam de seus leitos e os campos desaparecem sob o lençol líquido, o gado bovino afastado de suas pastagens de verão vai se refugiar nos campos de têso, como são os de Cajapió ou invernar nos campos de chapada de Santa Helena ou, ainda, nos campos de Vitória do Mearim, de Arari e de Cantanhede.

É êsse o período crítico da atividade criatória. A acumulação dos animais em âmbitos restritos produz a propagação de doenças, como o carbúnculo, e o afogamento e atolamento das reses.

Em junho os campos enxutos reverdecem e o gado acompanhado pelos vaqueiros volta a ocupá-los. É, então, que a baixada se povoa com os pescadores que se instalam, à borda das lagoas e rios, em ranchos de palha, para a pesca e a salga do peixe. Fazem as "tapagens", barragens de terra para reter o pescado e impedir o escoamento por demais rápido das águas; fazem as "cêrcas" que se abarrotam de peixes às centenas: curimatás, surubis, mandubés.

Faz parte dessa paisagem o "boi-cavalo", novilho manso, com as ventas trespassadas por um cabresto de corda e que presta relevantes serviços como a montaria do homem da baixada durante os "invernos". Fazem, ainda, parte dessa paisagem as casas penduradas sôbre os giraus que as põem a salvo das águas de inundações. Feitas de palha ou de barro, com seu assoalho de troncos de pequenas palmeiras a elas se encostam as canoas e igarités quando insuladas e suspensas sôbre as águas no "inverno".

O gado criado nessa área tem em São Luís o principal mercado consumidor para onde segue em embarcações especiais, as "gabarras".

As vilas e cidades aqui se instalaram, quer em pontos de trânsito fluvial, no início ou têrmo, de navegação, pois ainda a circulação pelos rios é a mais freqüente, ou então, no contato dos campos com as matas.

Viana é um exemplo típico da posição preferida pelas cidades da baixada: "à beira de um famoso lago abundantíssimo de peixe, junto às campinas e às boas terras de lavrar"[8].

[8] Lopes, Raimundo — Op. cit.

CONVENÇÕES
CIDADE VILA POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
internacional
interestadual
intermunicipal
interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
42° 30'
3° 30'
3° 45'
4°
MARANHÃO
LUZILÂNDIA
PORTO
ESPERANTINA
RIO PARNAÍBA
S. José
Aroeiras
Lagoa Ininga
Duvidosa
Barro
Formosa
Barrinha
Repartição
Lagoa
Pedrinhas
Faveira
MATIAS OLÍMPIO
Riacho Agarapos
Mata do Saco
Alagadiço
Agarapos
S. Luzia
Catumbi
Rio dos Baixões do Catumbi
Salsas
Gameleira
Cabeceiras
S. Raimundo
S. Rosa
Des. W. S. M.

Município de Barras — Piauí *(Foto C.N.G. — T.J.)*

Barras, cidade da planície do Meio Norte, tem o seu nome ligado aos seis cursos dágua que a circundam: Maratoan, Ininga, Gentio, Riachão, Corrente e Santo Antônio. Foi elevada à categoria de cidade pela Lei de 28 de dezembro de 1889, devido ao desenvolvimento comercial, industrial e ao crescimento da população.

As fotos são da praça Senador Joaquim Pires, onde está a Igreja Matriz. Em tôrno, agrupam-se casas residenciais e comerciais. *(Com. M.C.V.)*

Embora muito numerosas as aglomerações urbanas, nenhuma se destaca especialmente, quer do ponto de vista demográfico — não ultrapassam 5 500 habitantes — quer econômico ou cultural.

Outra paisagem humana, outras formas de aproveitamento econômico vamos encontrar na parte média dos vales do Pindaré, Mearim e Itapecuru. Na paisagem regional destacam-se como as áreas econômicamente mais prósperas do Maranhão. Com uma densidade de população rural apreciável aí se encontram também as maiores cidades maranhenses, desenvolvidas pela atividade industrial e pela função comercial. A construção de vias terrestres de circulação foi fator primordial no progresso econômico da área considerada, que é conhecida regionalmente como Baixo-Sertão.

As superfícies baixas, onduladas em colinas de pouca altitude, e pequenos "inselberge", caracterizam a paisagem natural, dominando no revestimento vegetal as matas entremeadas de babaçu.

A região do Pindaré-Mearim, centralizada por Pedreiras tem na agricultura sua principal atividade produtiva, enquanto que o Itapecuru tem visto se desenvolver cada vez mais a economia de coleta, em que o côco babaçu é o principal produto. Esta maior importância da atividade extrativa se faz em detrimento da vida agrícola. O problema da mão-de-obra para a agricultura, generalizado em todo o vale, ainda mais se agrava pela atração incontestável que exerce a economia coletora sôbre a população regional, dada a maior facilidade do trabalho, os menores riscos e o alto valor comercial do produto: a amêndoa de babaçu.

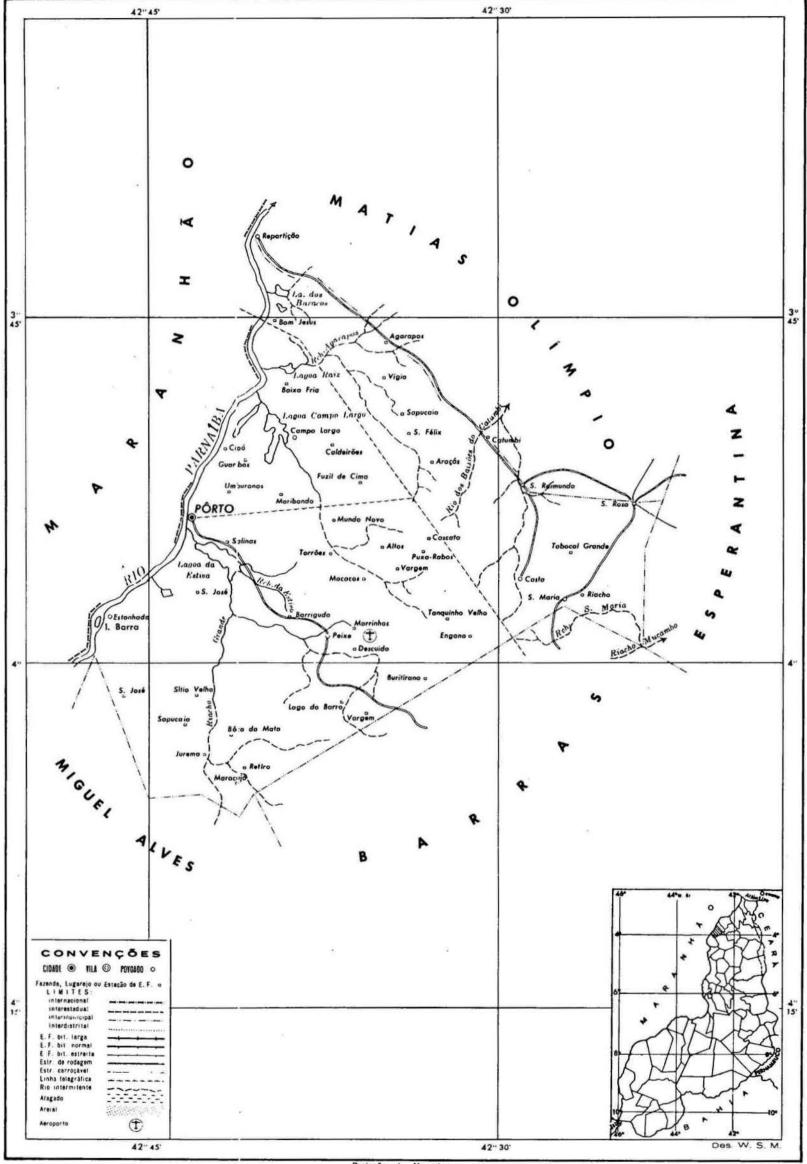
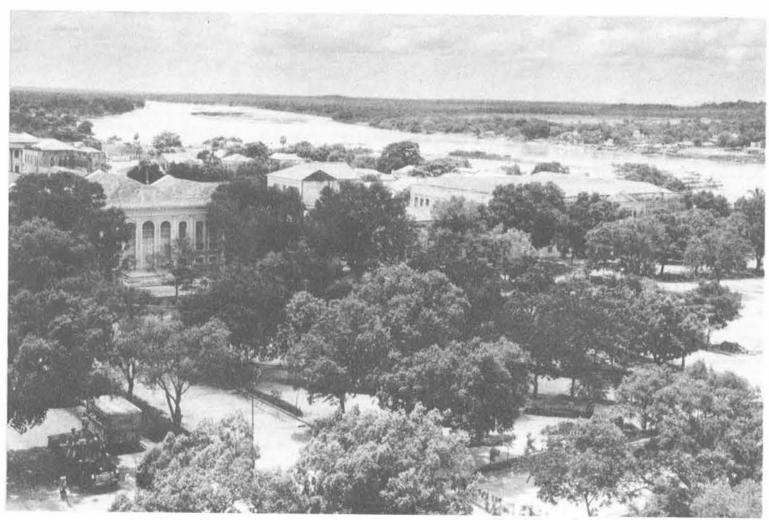
Dêste modo, a explotação dos babaçuais vai se tornando a fonte maior de riquezas para os municípios itapecuruenses que já tiveram na agricultura do algodão, do arroz e da cana-de-açúcar a base de sua vida econômica.

Embora nos vales do Pindaré e Mearim também a coleta do babaçu alargue o horizonte de trabalho das populações rurais, a atividade agrícola cada vez mais se firma como base econômica regional.

A vitalidade de sua vida econômica se revela ainda na situação demográfica, das mais favorá-

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)

Divisão Territorial em 31-VII-1956

Município de Teresina — Piauí *(Foto C.N.G. 3 544 — T.J.)*

A cidade de Teresina localiza-se em terraços da margem direita do Parnaíba, próximo à foz do rio Poti.
As árvores que entremeiam o casario urbano, como se vê na fotografia, dão à fisionomia da cidade um aspecto característico que lhe valeu o cognome de "cidade verde". Ao fundo, vê-se o rio Parnaíba, que ainda representa papel importante no escoamento dos produtos regionais. *(Com. M.G.T.)*

veis do Estado. Os municípios integrantes dessa zona: Vitória do Mearim, Pindaré Mirim, Bacabal, Pedreiras, Ipixuna e Vitorino Freire apresentam altos valores de crescimento populacional, tanto nos quadros urbanos quanto nos rurais. O aumento relativo apresenta valores dos mais expressivos em todo o Meio Norte.

MUNICÍPIOS	CRESCIMENTO			
	Absoluto (20-40)	Relativo % (20-40)	Absoluto (40-50)	Relativo % (40-50)
Bacabal	30 931	77	14 534	36
Ipixuna	—	—	9 127	45
Pedreiras	23 564	55	16 346	38
Pindaré Mirim	—	—	1 307	13
Vitória do Mearim	—	—	9 797	49

A subdivisão territorial com a criação de quatro novos municípios: Vitorino Freire, Lago da Pedra, Dom Pedro e Esperantinópolis, posteriormente a 1950, é outro índice do desenvolvimento econômico da área considerada.

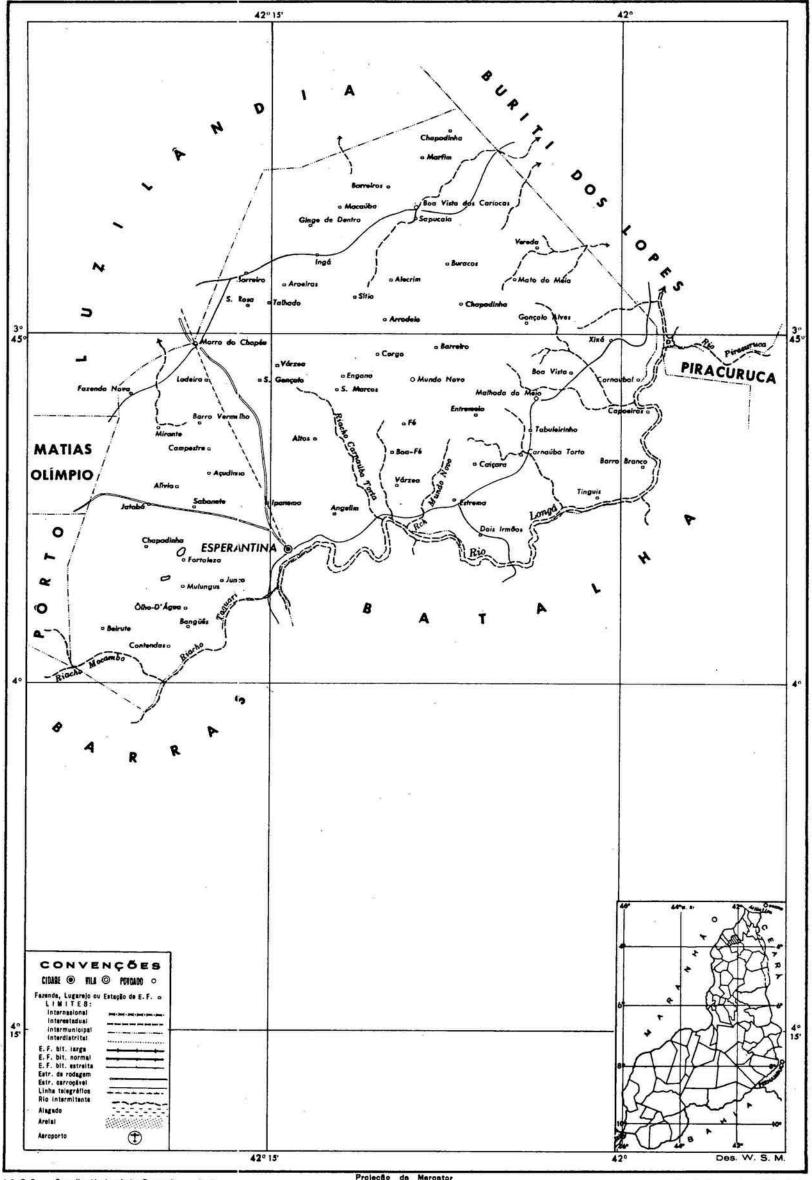
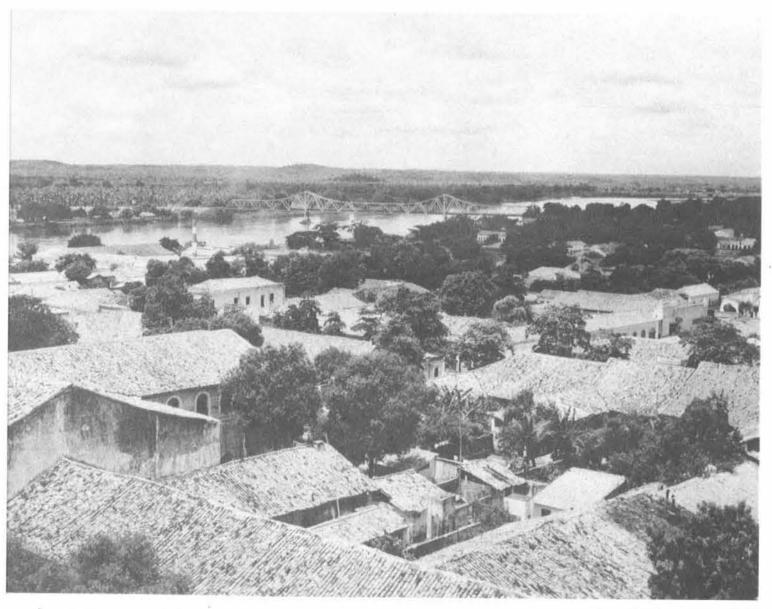
O incremento populacional está se verificando, sobretudo, pelas correntes imigratórias nordestinas (Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco e do vizinho Estado do Piauí) deslocadas em conseqüência das sêcas.

A região do Mearim, livre da inconstância climatérica, coberta de densas matas, com bons solos agrícolas e, sobretudo, possuidora de vastas áreas de terras do Estado tem se tornado centro de atração para os grupos nordestinos, que acossados pelas sêcas e levados por sua instabilidade natural, possuem recursos mais limitados ou menos espírito de aventura que aquêles que buscam no sul do país os meios de uma existência melhor.

Maranhenses de municípios que contam com recursos naturais mais limitados, com maiores dificuldades de explotação e de aquisição de terras, têm migrado para a zona do Mearim. A existência de terras pertencentes ao Estado é, seguramente, fator de atração para os lavradores modestos e os "agregados" das fazendas de outras áreas que têm aí a possibilidade de instalar suas roças em terras que poderão futuramente pertencer-lhes, assim como desfrutar de maior liberdade nas relações

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)
5km　0km　5　10km

Divisão Territorial em 31-VII-1956

Município de Teresina — Piauí *(Foto C.N.G. 3 545 — T.J.)*

Aspecto da cidade de Teresina, vendo-se, ao fundo, a ponte sôbre o rio Parnaíba, projetada, em 1918, pelo engenheiro Jurandyr Pires Ferreira. A ligação ferroviária com o estado do Maranhão através da Estrada de Ferro São Luís—Teresina deslocou parte do movimento comercial de Caxias para a capital piauiense, que hoje se destaca como importante centro comercial do Meio Norte. *(Com. I.B.)*

comerciais. Até mesmo o vale do Itapecuru fornece elementos que vêm aumentar o efetivo humano do Mearim. Muitos nordestinos avançam por etapas, do Itapecuru deslocando-se para o Mearim e Pindaré.

A ocupação desordenada das terras banhadas pelo Mearim e seus afluentes tem criado freqüentemente sérios problemas quanto à posse da terra. Essa ocupação está se fazendo não só nas áreas do Estado, mas também em terras particulares. O fato de não estarem, ainda, demarcadas as propriedades particulares gera uma série de conflitos que tendem a se tornar cada vez mais graves com o afluxo constante de novos elementos.

O incremento populacional tem acarretado o desenvolvimento da atividade agrícola, fato que se exprime pelo crescente aumento da área cultivada e os mais altos valores de produção. Do mesmo modo, se desenvolve a atividade comercial e o trabalho industrial de beneficiamento dos produtos da agricultura.

Como produto agrícola valorizado destaca-se o arroz que não só serve ao consumo regional, como é largamente exportado para São Luís, Teresina e Fortaleza, destinado ao abastecimento do Nordeste. Esta área fornece cêrca de 31% do total da produção maranhense de arroz.

O algodão é também importante cultura comercial da região do Mearim. Os municípios de Bacabal e Pedreiras têm boa produção de algodão arbóreo, enquanto Ipixuna é o maior produtor de algodão erbáceo do Estado. O algodão erbáceo é, sobretudo, consumido nas fábricas de fiação e tecelagem estaduais, enquanto o arbóreo, pela sua utilização na fabricação de tecidos finos, é exportado para São Paulo e Rio de Janeiro. Cêrca de 61% da produção algodoeira do Estado provém da região do Mearim. Como ainda foi dito, a ati-

BURITI DOS LOPES
ESPERANTINA
PIRACURUCA
BARRAS
PIRIPIRI
BATALHA
Esperantina
Rio Longá
Riacho do Saco
Rio dos Matos
Riacho da Conceição
Riacho D'Anta
Rio Piracuruca
Barra
S. Maria
Carnaubal
Capoeiras
Barro Branco
Várzea Redonda
Tinguis
Formosa
Jenipapeiro
Tamboril
Ôlho-D'Água
Queimadas
Pitombeira
Tucuns
Remanso
Estreito
Caiçara
Ovos de Ema
Jucá
Sapucaia
Independência
Há-Mais-Tempo
Côcos
Brejo
Sanharó
Bom-Assunto
Araioses
Vaca Morta
Lagoa do Saco
Cartume
Exu
Simpatia
Anajá
S. Félix
Boa Vista
Brejinho
Lázaro
Boqueirão
Canto do Macambira
Alagoinhas
Passagem
Monte Alegre
Buritizinho
Partido Liberal
Juàzinho
Palmeira
Cantagalo
Amarela
Fervedor
S. Domingos
Suçuarana
S. Luzia
Araçás
Macambira
Buriti Grande
Lagoa do Porto
Lagoa Preta
Campo Grande
Morros
Baixa Grande
Águas Livres
Patrimônio
Lagoa Sêca
Buriti Redondo
3° 45'
4°
4° 15'
42°15'
42°
MARANHÃO
CEARÁ
BAHIA
PERNAMBUCO
Oceano Atlântico
CONVENÇÕES
CIDADE
VILA
POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
Des. W. S. M.
Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)
5km 0km 5 10km

vidade de coleta não está ausente do quadro econômico regional, verificando-se apreciável exportação de amêndoas de babaçu.

MUNICÍPIOS	Arroz (saco 60 kg)	Milho (saco 60 kg)	ALGODÃO	
			Arbóreo arrôba	Herbáceo arrôba
Bacabal	600 000	320 000	610 000	—
Ipixuna	194 900	4 500	—	390 300
Pedreiras	260 000	80 000	190 000	—
Pindaré Mirim	12 800	7 000	—	9 900
Vitorino Freire	—	—	—	—

MUNICÍPIOS	Feijão (saco 60 kg)	Mandioca (toneladas)	Cana-de-açúcar (toneladas)
Bacabal	13 700	10 550	12 500
Ipixuna	1 950	21 450	21 000
Pedreiras	16 000	4 750	43 200
Pindaré Mirim	1 500	5 845	890
Vitorino Freire	—	—	—

FONTE: Serviço de Estatística da Produção, Ministério da Agricultura. Dados de 1953.

A alta produção agrícola é o resultado do trabalho não só dos fazendeiros com seus "agregados" como principalmente de numerosos posseiros das terras estaduais.

O sistema de rotação de terras é a forma generalizada de exploração da área agrícola. Como na outra zona estudada, após um ano de cultivo, as terras são abandonadas à capoeira que se reconstitui nos 5 a 6 anos subseqüentes.

O dinamismo e a rapidez de ocupação de muitas das áreas florestais das margens do Mearim tem tôdas as características do avanço pioneiro em outras regiões do Brasil. Os troncos queimados misturam-se nas roças com as lavouras associadas de cereais, mandioca e algodão enquanto nas proximidades, erguem-se as rústicas casas de palha dos posseiros.

A ocupação se adensa mais ao longo dos rios que, ainda, não perderam sua importância como meio de ligação entre os lavradores dispersos e os centros de comércio.

O principal centro regional é Pedreiras (7 185 hab.). Servida por boa rodovia que a põe em comunicação com o vale do Itapecuru e daí com as capitais dos dois estados do Meio Norte, ela concentra grande parte da produção local para o beneficiamento. A cidade conta com cêrca de 40 usinas de descascar arroz, numerosos descaroçadores de algodão, além de uma fábrica de óleo de babaçu e de sabão.

Com uma agência do Banco do Brasil e numerosas firmas de compras de gêneros agrícolas, Pedreiras centraliza também as atividades comerciais regionais. O crédito indispensável à instalação das explotações agrícolas é fornecido pelo Banco e, em muito maior escala, pelas firmas comerciais. A cidade reflete na sua atividade, o progresso e a vitalidade desta área agrícola do Mearim.

Bacabal, Ipixuna e Vitorino Freire devem também ser citadas, pois, participam, pelo seu comércio e por suas indústrias de beneficiamento, do progresso regional.

Outra paisagem é a do vale do Itapecuru, onde a marca da ocupação humana se imprime com menos vigor. Ainda se conservam as grandes propriedades remanescentes das sesmarias dos tempos coloniais e que concorreram, pelo trabalho dos seus negros escravos, para a prosperidade agrícola do Maranhão dos séculos XVIII e XIX.

Hoje praticando a explotação de côco babaçu, tem a agricultura como atividade secundária, assim como a criação de gado bovino. As grandes fazendas que se espalham em forma dispersa pelas colinas e "inselberge" cobertas de cerrados de Caxias e Codó reúnem em suas sedes pequenos aglomerados de população rural.

Sempre situada nas proximidades dos rios e riachos onde crescem densos babaçuais, e onde os solos são melhores, a sede da propriedade é um pequeno núcleo de população concentrada. A casa do fazendeiro, no mais das vêzes absenteísa, habitante de Caxias, São Luís ou Teresina, é construída em alvenaria e coberta de telhas de canal, sempre ampla e cômoda, com pequeno jardim ao lado e pomar ao fundo. A "loja", onde funciona a venda que fornece aos "agregados" além de mantimentos, as roupas, os utensílios e as ferragens, e mais a casa do administrador fazem parte do conjunto melhor edificado da fazenda.

O curral, de proporções modestas, o barracão de taipa e palha onde se realizam as feiras dominicais e, por fim, as numerosas casas dos "agregados", extremamente pobres, também de taipa e palha completam o conjunto residencial da fazenda itapecuruense, que sempre forma um núcleo aglomerado de população.

Ainda pelo meio dos babaçuais agrupam-se outras casas de "agregados", pois não estão tôdas na sede, e aqui situam-se próximos às roças. Elas sempre se aglomeram, pois, a necessidade de auxílio mútuo obriga-os a viverem em grupos de vizinhança. Na sua extrema pobreza, impossibilitados de pagar qualquer assalariado, recor-

PORTO
BARRAS
MARANHÃO
UNIÃO
RIO PARNAÍBA
MIGUEL ALVES
COELHO NETO
Riacho das Piranhas
Arroio Grande
Riachão
I. do Marinho
I. das Queimadas
I. da Macaúba
Areia Branca
S. José
Mocambinho
Pé-do-Morro
Marinho
Conceição
Tamanduá
Paiol Velho
Urucu
Belícia
Porções
Quem-Quiser
Marabá
Pedra de Fogo
S. Maria
Alazão
Exu
Lembrança
Estreito
Santana
Junco
Vermelha
Torrões
S. José
Sarampo
Tabuleiro
Jenipapo
Belém
Forno Velho
Cristos
Pau-D'Arco
Sítio Novo
Nova Olinda
Corredeira
Fim do Rastro
Jenipapeiro
Copim
Bonfim
Chibanso
Centro
Monte Sinai
Santarém
Cabeceira
Jabuti
Todos-os-Santos
S. Filomena
Cuité
S. José
Pintados
Poços
Bom-Sucesso
Designio
Angelim
Lustosa
Fazendinha
S. Maria
Cajueiro
Rochedo
Matões
Liberdade
Simpatia
Boa Vista
Santiago
Cupins
S. Félix
Alto da Cruz
43°
42°45'
42°30'
4°
4° 15'
4° 30'
CONVENÇÕES
CIDADE VILA POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
MARANHÃO
CEARÁ
BAHIA
PERNAMBUCO
Des. R. B.

rem ao "adjunto", à troca de dias de serviço, em que o beneficiado apenas fornece a refeição do dia e se obriga a prestar também um dia de serviço aos companheiros.

Comumente, as roças são abertas dentro dos babaçuais, erguendo-se as palmeiras do meio das plantações de arroz, milho, mandioca, algodão que se misturam na maior desordem. A localização das roças dentro da paisagem é sempre a mesma: ocupam as várzeas e as margens de rios, por sua maior fertilidade. O alto das colinas e os pequenos "inselberge", com as suas formações de cangas e os depósitos de "rañas" permanecem, como áreas de criação extensiva de gado.

O uso da terra é pago pelo "agregado" em produto, geralmente o arroz, por seu maior valor comercial.

Como os solos empobrecem ràpidamente, a roça só ocupa a terra um ano, como nas outras áreas estudadas, deslocando-se dentro da propriedade no maior nomadismo. Disto resulta uma instabilidade acentuala para o "agregado", que tem com o proprietário apenas contratos anuais. Plantando, sobretudo, para subsistência, o proprietário é o comprador obrigatório do excedente dos gêneros agrícolas produzidos.

É o "agregado" também que explora a palmeira babaçu sempre presente na paisagem. Com ela constrói a sua precária habitação, em geral, tôda de palha, com ela faz as cêrcas de talos para suas roças, dela tira o óleo para alimentação, o óleo para alumiar, e dela vem a sua maior fonte de renda: a amêndoa. Todo o grupo familiar coopera na explotação do côco.

Feita durante o ano todo, a coleta mais se intensifica nos meses da estiagem de julho a novembro. Amontoado o côco em meio aos babaçuais ou trazido para a casa é êle quebrado, geralmente, pelas mulheres, "as quebradoras de côco", figura sempre presente nas regiões de babaçu com seu saco de palha, o machado e o macête às costas.

A quebra do côco é feita de forma ainda muito rudimentar, o que prejudica freqüentemente a integridade das amêndoas. Colocado o côco sôbre o gume do machado é êle quebrado por um golpe do macête.

As crianças também colaboram nesse serviço fazendo o amontoamento das amêndoas e ajudando no ensacamento ou no acondicionamento em cofos.

Os "agregados" vendem obrigatòriamente sua produção ao dono da terra que, naturalmente, paga menores preços que os comerciantes locais. Vivendo uma vida de extrema miséria, está sempre em débito para com o patrão, que lhe fornece adiantamento para instalar a roça, débito que nunca consegue saldar, pois, também na sua "loja" é que se abastece pelo sistema de vales. Os produtos de sua maltratada lavoura e de sua economia de coleta não são suficientes para libertá-lo econômicamente.

Vivendo em condições extremamente precárias, morando pèssimamente, sujeitos ao impaludismo, ainda, endêmico no vale, sem escolas, sem assistência religiosa, sem assistência médica, subalimentados, constituem uma população miserável e de baixo índice de produtividade.

Faz parte, ainda, da população das fazendas itapecuruenses que praticam a criação de gado, o vaqueiro que com seu "uniforme" de couro: o gibão, as perneiras, os chinelos e o chapéu completam os tipos humanos regionais. Como no Nordeste recebe êle, ainda, pelo sistema de "sorte", de quatro bezerros que nascem um lhe pertence.

Na região já está se verificando a introdução do zebu, numa tentativa de melhoria dos rebanhos de gado crioulo. O gado criado na área em estudo abastece não só os numerosos núcleos urbanos aí situados como também São Luís.

Na economia regional, o algodão tem também importância, sendo os municípios de Codó e Caxias os maiores produtores. Quase tôda a produção do vale é consumida pelas fábricas de fiação e tecelagem situadas naquelas cidades.

Também o arroz é outro produto agrícola que é objeto de ativo comércio no Itapecuru. Caxias é o segundo produtor maranhense.

Regime diferente domina nas áreas de terras do Estado. A explotação se fraciona entre os posseiros, indivíduos sempre de poucos recursos. A população se adensa consideràvelmente e se aglomera em numerosos povoados rurais, chamados em algumas áreas de "centros". É o que acontece em parte do município de Caxias, no município de Dom Pedro, na área florestal vizinha a Coroatá, em Conceição, e em Pau de Estôpa. Além da explotação do babaçu praticada por todos os posseiros, avulta a produção agrícola, aparecendo sempre o arroz como produto mais valorizado.

Como no Mearim, o arroz além de atender ao consumo regional, atinge valores elevados de exportação para São Luís, Teresina e Fortaleza.

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:400 000
(1cm = 4 km)

Divisão Territorial em 31-VII-1956

Município de Teresina — Piauí *(Foto C.N.G. 3543 — T.J.)*

Teresina, uma das mais novas capitais do Brasil, foi fundada no ano de 1852, substituindo Oeiras, a antiga capital da província.

Situada na chapada do Corisco, de relêvo suavemente ondulado, a cidade foi construída sôbre um terraço fluvial a salvo das cheias, na margem direita do rio Parnaíba.

A fotografia ilustra um aspecto do centro comercial da cidade. É servida pela Estrada de Ferro São Luís—Teresina e por boas estradas de rodagem que a ligam a diversas cidades do Piauí e mesmo aos estados vizinhos. *(Com. L.C.V.)*

A SAMARITANA
A IMPERATRIZ
CENTENARIO

MUNICÍPIOS	Arroz (saco 60 kg)	Algodão (arrôba)	Milho (saco 60 kg)	Cana (toneladas)	Feijão (saco 60 kg)	Mandioca (toneladas)
Caxias	341 300	113 900	66 300	6 530	57 300	4 991
Codó	240 750	140 000	18 320	3 650	2 540	20 532
Coroatá	134 600	20 900	109 400	1 440	23 300	14 260
Itapecuru-Mirim	170 000	7 500	85 000	1 500	1 000	21 620
Timbiras	35 000	500	8 000	1 100	669	1 805

FONTE: Serviço de Estatística da Produção, Ministério da Agricultura Dados de 1953.

Pelas facilidades de exportação, graças a um sistema de transportes considerado razoável para os quadros regionais, o vale do Itapecuru apresenta possibilidades de maior desenvolvimento econômico, embora as técnicas de produção se ressintam do espírito rotineiro e predatório que caracterizam a sua economia.

A Estrada de Ferro São Luís—Teresina (471 km), serve o vale na sua parte intermédia entre as duas capitais do Meio Norte. Essa estrada foi construída por partes sendo a primeira inaugurada a que liga Caxias à margem do Parnaíba em Timon (antiga Flores). Êsse trecho data dos primeiros anos da República (1895).

O trecho São Luís—Caxias foi sòmente completado em 1920, sendo que a ponte sôbre o Parnaíba que liga os dois estados do Meio Norte só foi construída muito mais tarde.

O traçado da ferrovia, seguindo o fundo do vale do Itapecuru, limitou extremamente a sua função e encareceu, sobremodo, o custo de construção pela necessidade de se erguerem dezenas de pontes sôbre os numerosos afluentes, assim como tornou o leito sujeito a inundações nas grandes enchentes do rio.

Outra teria sido a importância econômica desta estrada se tivesse sido construída sôbre o divisor Itapecuru-Mearim (como fôra inicialmente projetada) de modo a complementar a navegação fluvial realizada nesses dois rios.

Às suas deficiências de ordem técnica somam-se a insuficiência e a precariedade do material rodante.

Apesar dessas restrições, numa área inteiramente destituída de vias de transporte, a São Luís—Teresina tem alguma importância na vida econômica regional.

No setor rodoviário, apenas uma estrada recentemente construída em boas condições técnicas, liga Codó a São Luís. O trecho dessa mesma rodovia que vai de Codó a Teresina e que está ainda em construção, permite o tráfego de caminhões que se processa já de forma regular.

Tôdas as cidades do vale acham-se também ligadas às duas capitais por linhas aéreas: Consórcio Real-Aerovias S.A. e Emprêsa de Transportes Aéreos do Brasil S.A. Por sua posição geográfica entre as duas capitais, o vale do Itapecuru, está fadado a um futuro promissor.

O grande desenvolvimento da atividade de coleta do babaçu, base de sua economia, teve, sem dúvida, causa nessa possibilidade maior de exportação da amêndoa. Cêrca de 50% da produção total da planície cabe ao vale do Itapecuru.

Essa área apresenta também uma vida urbana mais importante que as demais zonas maranhenses. Nas cidades aí situadas vamos encontrar uma atividade industrial relativamente desenvolvida, sobretudo no setor da indústria têxtil, que, juntamente com a produção agrícola de arroz e algodão, a atividade pastoril e a explotação do babaçu, já estudadas, formam os elementos básicos da economia itapecuruense.

Entre os aglomerados urbanos, Caxias é, incontestàvelmente, o mais importante, podendo ser considerado como a capital regional do vale. Devem ser citadas também as cidades de Coroatá e Codó, de importância equivalente.

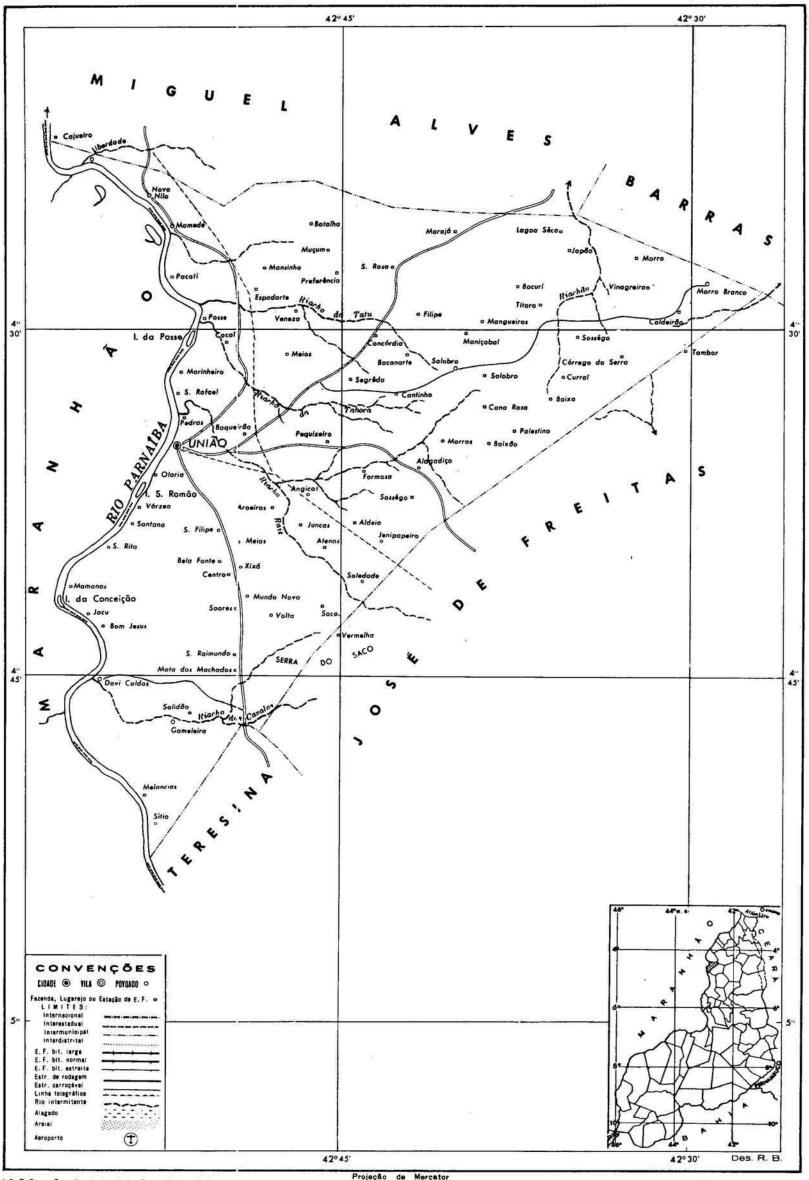
Caxias (14 445 hab.), situada à margem direita do Itapecuru, adquiriu grande destaque na região, graças à sua posição como nó de comunicação, que a fêz concentradora dos produtos regionais. Situa-se ela também no têrmo da navegação franca no Itapecuru. Antigamente, a navegação regular que se fazia nesse rio tinha Caxias como ponto final.

Hoje a navegação a jusante de Caxias desapareceu, porém, a circulação fluvial ainda se faz entre Caxias e Colinas, na direção de montante.

Naquela cidade se dá o transbordamento das mercadorias descidas pelo rio, para a estrada de ferro. Originou-se ela de aldeiamentos de índios Timbiras ou Gamelas, tendo os jesuítas no século XVII aí instalado os núcleos missionários de São José e de Nossa Senhora da Conceição das Aldeias Altas, que constituíram o aglomerado inicial que deu origem à cidade atual. Já em 1811 foi-lhe dada a prerrogativa de vila, passando a cidade em 1836.

A função comercial logo se desenvolveu como uma das bases da vida urbana, comércio que se fazia com as cidades do sertão maranhense, com o Piauí e mesmo com o extremo norte de Goiás no início do século atual.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)

Divisão Territorial em 31-VII-1956

As novas vias terrestres de circulação abertas a partir de Teresina e Floriano em direção do Nordeste capturaram grande parte do comércio das cidades sertanejas integrantes da zona de influência comercial de Caxias. Êste fato veio, sem dúvida, prejudicar o maior desenvolvimento da cidade. No entanto, ela ainda é o mais importante centro comercial do vale.

A atividade industrial é outro aspecto fundamental da cidade. Nas duas últimas décadas do século passado, pela proximidade da matéria-prima, foram instaladas nada menos de quatro fábricas de tecidos na cidade e seus arredores: a Industrial Caxiense (1883), a União Caxiense (1889), a Manufatora (1893) e a Sanhoró (1893), das quais subsistem três.

Essas fábricas consomem o algodão produzido no vale, sobretudo, em Colinas, Buriti Bravo, Passagem Franca e no próprio município. Recebendo-o em estado bruto, o beneficiamento é feito nas próprias fábricas. Ainda com maquinaria antiquada os produtos elaborados são de tipo grosseiro: brins, riscados, morins, algodõesinhos e se destinam principalmente aos mercados do Pará e Amazonas. Também para o Ceará são exportados os tecidos caxienses, porém, em menor escala.

O quadro das indústrias de Caxias se completam com uma fábrica de óleo de babaçu e sabão, fábricas de calçados que trabalham com solas e couros preparados, em parte, nos curtumes do município, fábricas de bebidas, móveis, mosáicos, além dos estabelecimentos destinados ao beneficiamento dos produtos agrícolas locais: usinas de arroz e de milho e descaroçadores de algodão.

A atividade industrial na cidade luta com sérios obstáculos, dos quais ressaltam os da energia e da mão-de-obra. Devido à escassez da energia elétrica tôdas as fábricas procuram solucionar o problema com a instalação de geradores próprios. Quanto à mão-de-obra o problema se apresenta sob tríplice aspecto: escassez, inabilidade e inconstância. Tais óbices não possibilitam um maior desenvolvimento da atividade industrial na cidade e dificultam mesmo a manutenção das fábricas já estabelecidas.

Sua posição como nó de comunicações provocou também o desenvolvimento de funções secundárias, como a função cultural e a sanitária. No entanto, a função comercial embora muito menos importante que no passado, é ainda hoje a principal da cidade, mantida como é por uma agência do Banco do Brasil, uma casa bancária e numerosas firmas compradoras de babaçu e gêneros agrícolas.

Coroatá (4 970 hab.) é outra cidade do vale que se desenvolve, sobretudo, por sua atividade comercial, à margem do Itapecuru e da via férrea.

Por sua posição, como ponto de partida das ligações entre os vales do Itapecuru e do Mearim, Coroatá certamente terá cada vez mais firmada a sua condição de importante núcleo comercial.

Já a estrada de rodagem que a liga a Pedreiras e Bacabal, no Mearim, está canalizando parte da produção agrícola dessa próspera área para o beneficiamento e a exportação em Coroatá de onde parte com destino aos mercados consumidores do Piauí e do Nordeste, pela ferrovia.

Quando se concretizar a construção da estrada de ferro que deverá ligar Coroatá, no vale do Itapecuru, a Pedreiras no Mearim, depois ao Grajaú e ao vale do Tocantins — antigo anseio dos que labutam pelo progresso maranhense — mais se firmará Coroatá na posição de entroncamento de estradas, garantia certa de estabelecimento de um grande centro comercial. Já a ligação de Coroatá com Peritoró por via férrea está terminada, embora não ainda em tráfego.

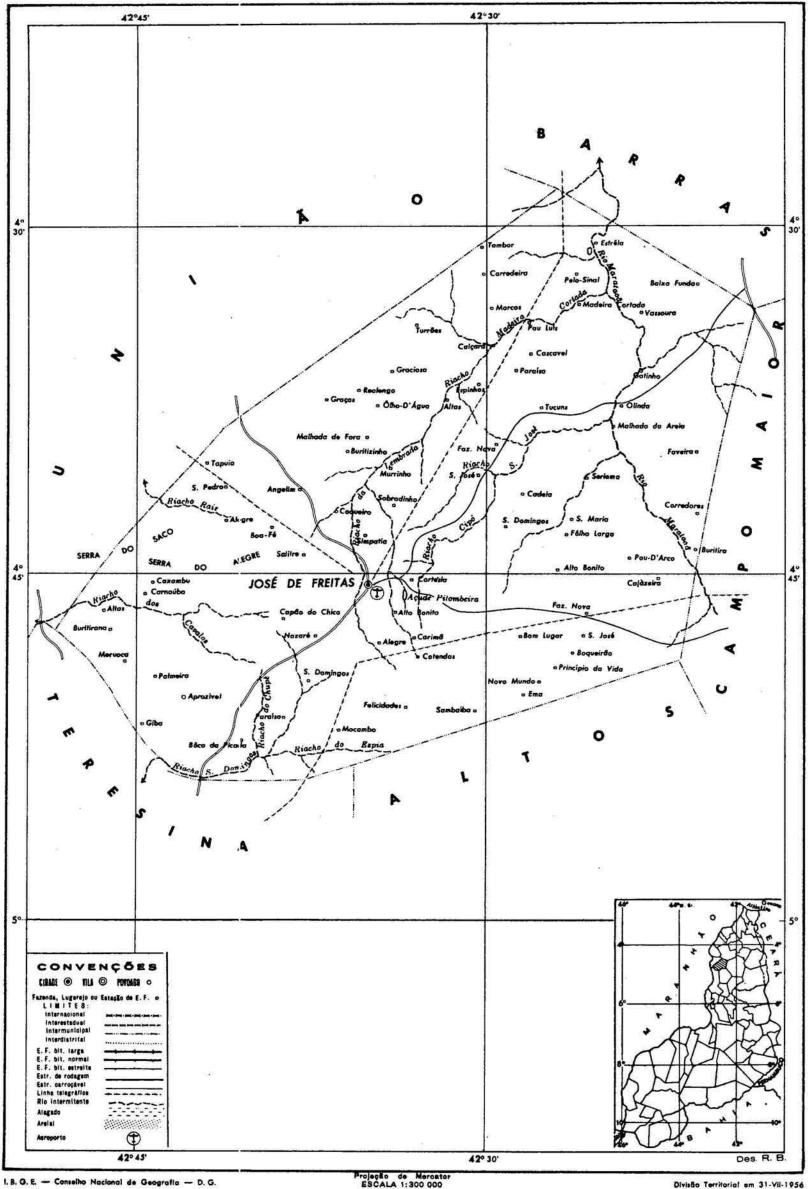
As vias de circulação existentes garantem a Coroatá o contrôle do abastecimento em produtos manufaturados de vasta área do Itapecuru e Mearim, assim como a concentração da produção de amêndoa de babaçu e de produtos agrícolas da região, vizinha, destinados à exportação.

Ainda uma referência deve ser feita a Codó, outro núcleo urbano importante do vale do Itapecuru. Também tem uma função comercial significativa e foi mesmo essa atividade que deu origem à cidade. Sua primeira construção foi um depósito de mercadorias, destinado ao armazenamento dos produtos agrícolas e pastoris, procedentes do interior e que deviam ser conduzidos por via fluvial para a capital e outras cidades ribeirinhas. O incremento do tráfego fluvial levou ao crescimento da novel povoação que foi elevada a vila em 1853 e a cidade em 1896.

Além de um comércio bem desenvolvido tem a cidade também uma atividade industrial, sendo a indústria de maior vulto a têxtil, de propriedade da Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão. Criada na mesma época que as de Caxias essa fábrica também produz apenas tecidos grosseiros, destinados aos mesmos mercados já referidos.

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)

Divisão Territorial em 31-VII-1956

A área que se estende do rio Itapecuru para o norte, ou seja, a parte nordeste do Maranhão, caracteriza-se pela topografia tabular das chapadas baixas, onde a vegetação de campos cerrados domina a paisagem vegtal. Emoldurada pelos vales dos dois grandes rios: o Itapecuru e o Parnaíba e pelo oceano, essa área forma uma paisagem distinta dentro da planície maranhense.

Com solos muito arenosos e localizada numa zona onde a menor pluviosidade e a acentuação da estação sêca prenuncia a proximidade do Nordeste, não oferece as mesmas possibilidades de aproveitamento agrícola que as outras áreas consideradas. Daí, a maior rarefação da ocupação rural e a pequena importância econômica dos aglomerados urbanos.

A atividade extrativa é, ainda aqui, a base da economia regional. Além do babaçu, cuja explotação é feita sempre pelos mesmos processos rotineiros considerados, dominando nos vales do Munim e de seus afluentes: Prêto e Iguará, a cêra de carnaúba já aparece nesta área como produto de ativa coleta. A sua dominância na economia coletora acentua-se à medida que se avança para o vale do Parnaíba.

A agricultura quase sempre praticada nos vales e baixões, de solos mais úmidos e argilosos, tem um caráter de subsistência, destacando-se o arroz como o produto mais cultavdo, desde que êsse cereal constitui a base da dieta alimentar maranhense.

Nos tabuleiros arenosos, próximos ao litoral, no interior dos municípios de Tutóia, Barreirinhas, Primeira Cruz, Humberto de Campos e Icatu, a farinha de mandioca apresenta valores expressivos de produção, servindo não só ao abastecimento local, como sendo objeto de exportação para a capital do estado e, ainda, para o Piauí e o Ceará.

Nas extensas chapadas planas, a criação extensiva de gado bovino é feita exclusivamente para o consumo da população local.

No seu conjunto, essa área tem pequena expressão econômica dentro do Meio Norte.

Como última zona a destacar dentro da planície do Meio Norte surge o vale do Parnaíba, onde a baixada que ladeia o rio desde Amarante até o delta, apresenta-se apertada entre as elevações da serra de Ibiapaba, a leste, e as chapadas baixas do Maranhão, a oeste.

Na planície parnaibana do Piauí, aparecem como principais afluentes do grande rio, o Longá e o Poti, que com seus cursos intermitentes, correndo numa área de clima mais sêco, dão característicos distintos à ocupação humana nas margens piauiense e maranhense do Parnaíba.

Na margem piauiense, por imposições dêsse clima sêco, a distribuição das casas rurais e das culturas é sempre a mesma: ocupam as baixadas e as margens aluviais dos rios e ribeirões, onde os solos mais úmidos e mais argilosos podem ser postos em cultura. São estas as áreas mais humanizadas dentro da paisagem monótona dos cerrados que caracterizam o revestimento vegetal da região. Outro fator, ainda, a determinar a localização dos habitantes rurais nas áreas mais baixas é a presença invariável, aí, dos carnaubais.

A sua explotação constitui uma das atividades de maior importância na planície parnaibana.

Na margem maranhense, condições de clima mais úmido tornam perenes todos os afluentes do Parnaíba e libertam a ocupação humana da localização exclusiva nas áreas baixas. A explotação do babaçu ainda domina no quadro da coleta vegetal.

No baixo curso do Parnaíba, no lado maranhense, a baixada se alarga muito para oeste com rios extensos como o Bacuri, o Marique e o Magu, que se expandem nas proximidades do rio principal em bacias lacustres extensas. As lagoas, os rios perenes e as zonas alagadiças, dão aspecto diferente a uma e outra margem.

A acentuada horizontalidade dos sedimentos faz com que a planura ainda seja aqui a feição topográfica dominante na paisagem.

Apesar de ser uma área pouco extensa, a planície parnaibana, pela importância que teve o seu rio durante mais de século, penetrando profundamente nos chapadões interiores das terras do Meio Norte e servindo como artéria vital nas comunicações, goza de situação preponderante no conjunto do estado. As condições acima apontadas fizeram com que aí crescessem as duas principais cidades piauienses: Parnaíba, importante centro comercial na zona litorânea, ao qual já foi feita referência, e Teresina, construída para capital administrativa, função esta trazida de Oeiras, cidade inteiramente excêntrica em relação ao eixo de circulação vital da Província no século passado.

Realmente, o vale do Parnaíba não se destaca dentro dos quadros econômicos estaduais por altos valores de produção agrícola ou pastoril.

É o próprio rio o principal fator a caracterizar a zona pela sua função como escoador das riquezas regionais. Mesmo, nos nossos dias, em que a aber-

43°
42° 45'
42° 30'
5°
5° 15'
5° 30'
5° 45'
UNIÃO
JOSÉ DE FREITAS
MARANHÃO
ALTOS
BENEDITINOS
PALMEIRAIS
SÃO PEDRO DO PIAUÍ
ÁGUA BRANCA
TERESINA
TIMON
RIO PARNAÍBA
RIO POTI
BR-22
BR-52
E. F. São Luís-Teresina
SERRA DO LONGÁ
SERRA DO CANTINHO
SERRA VELHA
I. do Domingos
S. Domingos
S. Vicente
Cajaíba
Gandu
Ôlho-D'Água do Coroatá
Cacimba Velha
Lagoa da Mata
Lagoa de Dentro
S. Teresa
S. João
Calengue
Caminho Novo
Trapiá
Baixão
Chapadinha
Lago da Taboca
S. Maria
S. Pedro
Gurupá
Alegria
Árvores Verdes
Socapo
Mocambinho
S. Rita
Lago dos Morros
Pôrto do Centro
Centro
Pau Sêco
Palestina
Três Paus
Atalaia
S. Joaquim
Panorama
S. Félix
S. Isabel
Catarina
Domicilio
Lagoa do Gamba
Santana
Torrões
Areias
Angelim
Cantinho
Nova Olinda
Capela
Ângela
Limoeiro
Penudas
S. Helena
Brejo
Remanso
I. Salobro
Salobro
Junco
Boqueirão
Lagoinha
Estrema
Chapadinha
Pau-D'Arco
Bacuri
Taboca
Ôlho-D'Água
Nazária
Buriti
Mutum
Morrinho
Brejos
S. Rita
Carraque
Pico dos Antônios
Bom Jardim
Cajueiro
Alto Bonito
Viçosa
Saco
Riacho da Vaca
Bacuri
Mamuí
Aldeia
Bananeira
Barreiros
Santa Fé
S. Rosa
Passagem da Serra
Pereira
Buriti
Caiteiu
Terra Nova
Lagoa da Cruz
Pilões
Lagoa Redonda
Jenipapeiro
Urubu
Piaçaba
Bom Futuro
Lagoa do Barro
Candeia
Belo Horizonte
Altamira
Açude Monte Alegre
Maracujá
Contendas
Brejo
Fazenda Nova
Boa Vista
Cruzes
S. Maria
Bolívia
Natal
Gado Bravo
Lagoa Nova
Bonito
Belo Monte
Angelim
Vista Alegre
Gaviãa
S. Cecília
Monte Belo
Água Boa
Bom Lugar
Patos
Morro Vermelho
Elegância
Currolinho
Laranja
Baixão do Luís
Goiabeira
Caldeirão
Mocambo
Casa Forte
Trindade
Baixão
Estaca Zero
Riacho do Caiçara
CONVENÇÕES
CIDADE VILA POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
MARANHÃO
CEARÁ
BAHIA
Des. R. B.

tura de caminhos terrestres de circulação criou novas condições de transportes, ainda a navegação no Parnaíba é feita com regularidade.

No seu alto curso, como será referido mais adiante, êle ainda é o caminho natural de escoamento dos produtos exportados. Na planície parnaibana a pequena agricultura (cereais, cana, fumo) destina-se ao consumo regional, assim como a criação de gado bovino serve, sobretudo, ao abastecimento dos aglomerados urbanos locais, dos quais sobressaem Teresina e Parnaíba como grandes mercados de consumo. Desta forma não atingem valores capazes de destacar econômicamente a zona.

Sòmente a economia de coleta dá à planície do Parnaíba produtos comerciais de exportação: a cêra de carnaúba, as nozes de tucum e, ainda, as amêndoas de babaçu, mais abundantes nos municípios maranhenses.

Sob o ponto de vista demográfico esta área apresenta um certo equilíbrio. Se há alguma emigração para a zona agrícola do Mearim verifica-se, por outro lado, um incremento populacional resultante do afluxo de cearenses por ocasião das grandes sêcas. O crescimento vegetativo que alcança valores altos assegura à zona, em aprêço, um saldo favorável no total populacional.

É geral o predomínio dos quadros rurais sôbre os urbanos. Excetuando-se as duas cidades citadas, as demais aglomerações não ultrapassam os 4 500 habitantes, sendo que muitas delas são funcionalmente de natureza mais rural que urbana.

O quadro abaixo mostra a situação por domicílio da população da planície parnaibana, segundo o recenseamento de 1950.

MUNICÍPIOS	População urbana e suburbana	População rural
PIAUÍ		
Altos	3 645	14 774
Barras	2 197	27 091
Batalha	1 482	11 434
Beneditinos	751	14 351
Buriti dos Lopes	578	26 251
Esperantina	2 331	14 967
José de Freitas	1 971	13 790
Luzilândia	2 063	22 628
Miguel Alves	4 426	17 392
Palmeiras	554	8 065
Pôrto	813	9 194
São Pedro do Piauí	1 653	21 681
Teresina	51 418	39 305
União	3 198	24 286
MARANHÃO		
Brejo	2 551	13 455
Buriti	1 325	14 825
Coelho Neto	610	15 595
Parnarama	540	21 701
Santa Quitéria do Maranhão	913	11 430
São Bernardo	872	9 849
Timon	2 760	11 575

Como se vê, as áreas rurais apresentam valores populacionais dominantes em todos os municípios. Conseqüentemente, as atividades exercidas por essa população mais numerosa domina no quadro econômico regional.

A economia coletora, como tem sido assinalado para outras áreas da grande planície do Meio Norte, é também aqui a atividade que fornece os produtos mais valorizados comercialmente.

No entanto, prevalece sôbre a explotação do babaçu até então dominante, a extração da cêra de carnaúba. As características climáticas regionais, em que a estação sêca se acentua, até criar, por vêzes, problemas quanto à economia de água para as atividades agrícolas, para a manutenção dos rebanhos e para o abastecimento das populações, fazem aparecer na paisagem vegetal a carnaubeira, elemento de riqueza para essa área e, de modo geral, para todo o Piauí.

Se não é na planície piauiense que vamos encontrar os mais altos valores de produção do estado, alguns municípios apresentam totais elevados, como José de Freitas (127 900 kg), Luzilândia (44 895 kg), Batalha (35 238 kg) e Barras (32 819 kg).

O sistema mais freqüente de explotação da cêra de carnaúba consiste no arrendamento dos carnaubais, pagando o rendeiro determinada quantidade de arrôbas pelo total explotado. Geralmente de cinco arrôbas, três pertencem ao proprietário das terras.

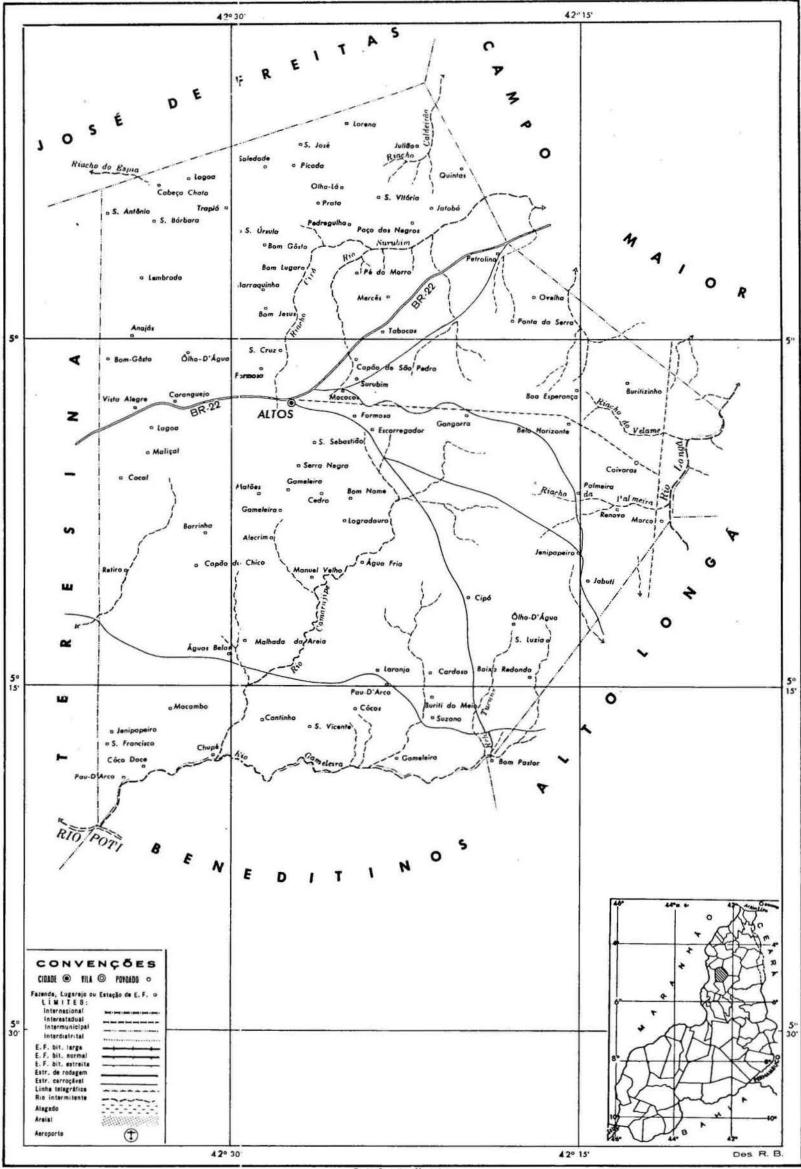
Para o corte das palhas (fôlhas) serviço pesado e, às vêzes, perigoso, são comumente, contratados assalariados.

Nas outras fases de preparo da cêra todo o grupo familiar coopera. Os menores, freqüentemente, colaboram no trabalho de "riscar" as palhas com pequena faca, preparando-as para a secagem. O trabalho de espalhar as palhas para secar ao sol em terrenos adrede preparados é geralmente feito por adultos, assim como o amontoamento das palhas sêcas em feixes e o transporte para o barracão.

Êste, construído todo em palha, é feição característica das áreas de explotação dos carnaubais. Com um pequeno puxado aberto na frente, onde trabalham ao abrigo do sol os que "riscam" a palha, tem o barracão na parte posterior fechada por tapumes, o compartimento onde amontoam até o teto os feixes de palhas sêcas. Logo à entrada, em pequena área ladrilhada, é onde se procede a ba-

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)

Divisão Territorial em 31-VII-1956

tida para a extração do pó. Primeiro é batido o pó do "ôlho" (fôlhas mais novas) depois o da palha.

A cêra proveniente do "ôlho" tem muito maior valor comercial, por sua melhor qualidade. Geralmente a "cêra flor" é preparada nas "fábricas", enquanto a "cera parda" das palhas é preparada pelos próprios extratores em rústicos aparelhamentos ou por negociantes — lojistas, compradores da mercadoria.

No mais das vêzes, as fábricas de prensagem da cêra pertencem a donos de carnaubais. O valor atual da "cêra flor" é de 1 800 cruzeiros, enquanto a "cêra parda" atinge sòmente 650 cruzeiros por arrôba nesta área.

De modo geral, a explotação da carnaúba assume um caráter mais organizado e menos improvisado que a do babaçu. É uma explotação que exige maior dispêndio de trabalho, maior organização na distribuição das tarefas e alguma disponibilidade em dinheiro para a instalação do barracão, onde muitas vêzes, são utilizadas máquinas para a extração do pó, e as prensas.

Como "tiradores de palha" são, quase sempre, contratados os "agregados" das fazendas próximas, assim como pequenos proprietários que não tendo trabalho a executar nas suas roças, conseguem com a atividade de coleta, na safra de cêra, aumentar um pouco suas rendas.

A atividade extrativa estende-se de outubro a fim de fevereiro, dividida em dois períodos: o primeiro corte, de outubro a dezembro e a "soca", de fevereiro a março.

Embora o rendeiro dos carnaubais tenha maior liberdade na venda do seu produto extrativo aos comerciantes, em muitas propriedades é êle obrigado, como no caso do babaçu, a vender exclusivamente ao proprietário, sempre por preços inferiores aos cursos normais.

Os tucunzais que são objeto também de ativa coleta são explotados da mesma forma por rendeiros.

São estas atividades de coleta e, mais a do babaçu, que asseguram a maior renda aos municípios da planície parnaibana.

A atividade agrícola sempre feita pelo processo de rotação de terras, comum em todo o Meio Norte, ocupa a área cultivada apenas por um ano com as roças, em que as lavouras de milho, feijão, mandioca e arroz se misturam desordenadamente.

Como a criação de gado bovino tem aqui maior importância que em outras áreas estudadas, é comum deixarem-se os campos em repouso como pastagem para os animais da propriedade, pois, que na sua quase totalidade as fazendas praticam ao mesmo tempo a agricultura e a pecuária, mas não como atividades associadas. As roças dominam nas áreas das matas marginais aos rios, sendo também aí mais numerosas as habitações rurais melhor construídas e de aspecto mais confortável que as do Maranhão.

O gado em criação extensiva tem os cerrados como a sua maior área de pastagens.

O tipo de habitação rural característico é a casa de taipa (pau-a-pique) freqüentemente, barreada na parte exterior e com a palha da carnaúba usada exclusivamente para a cobertura.

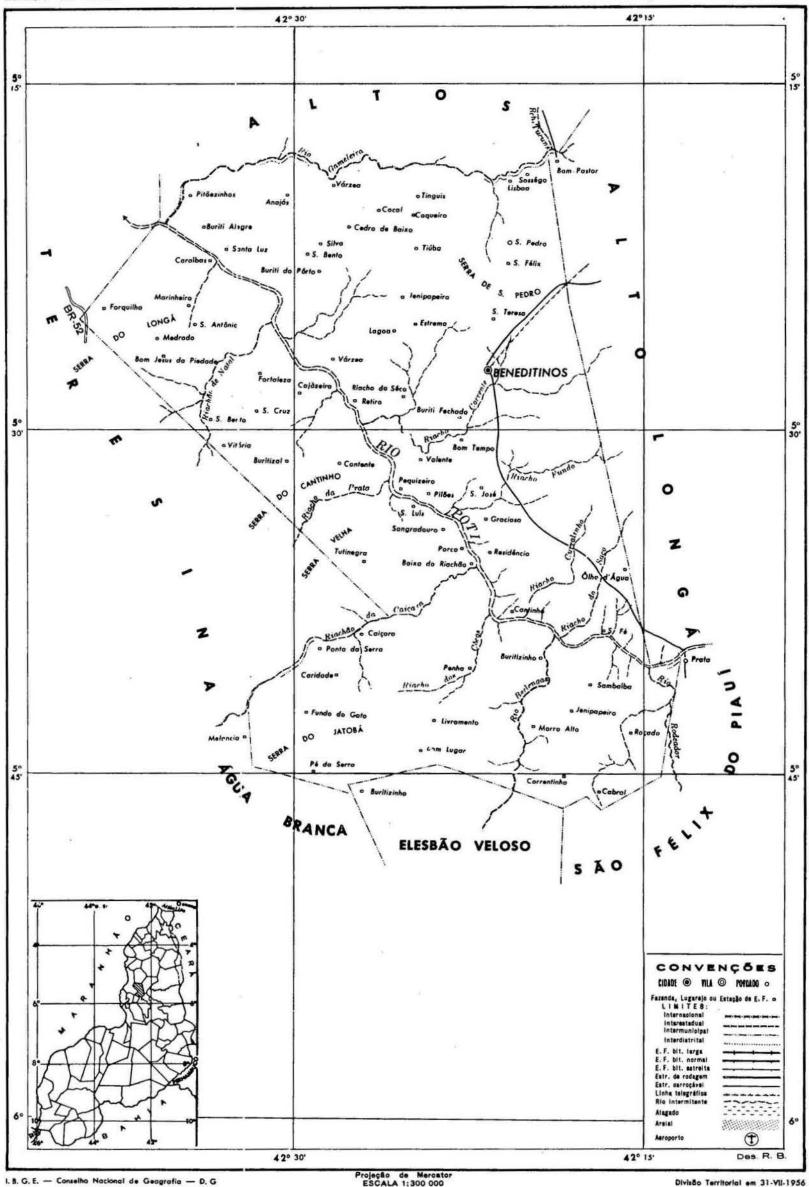
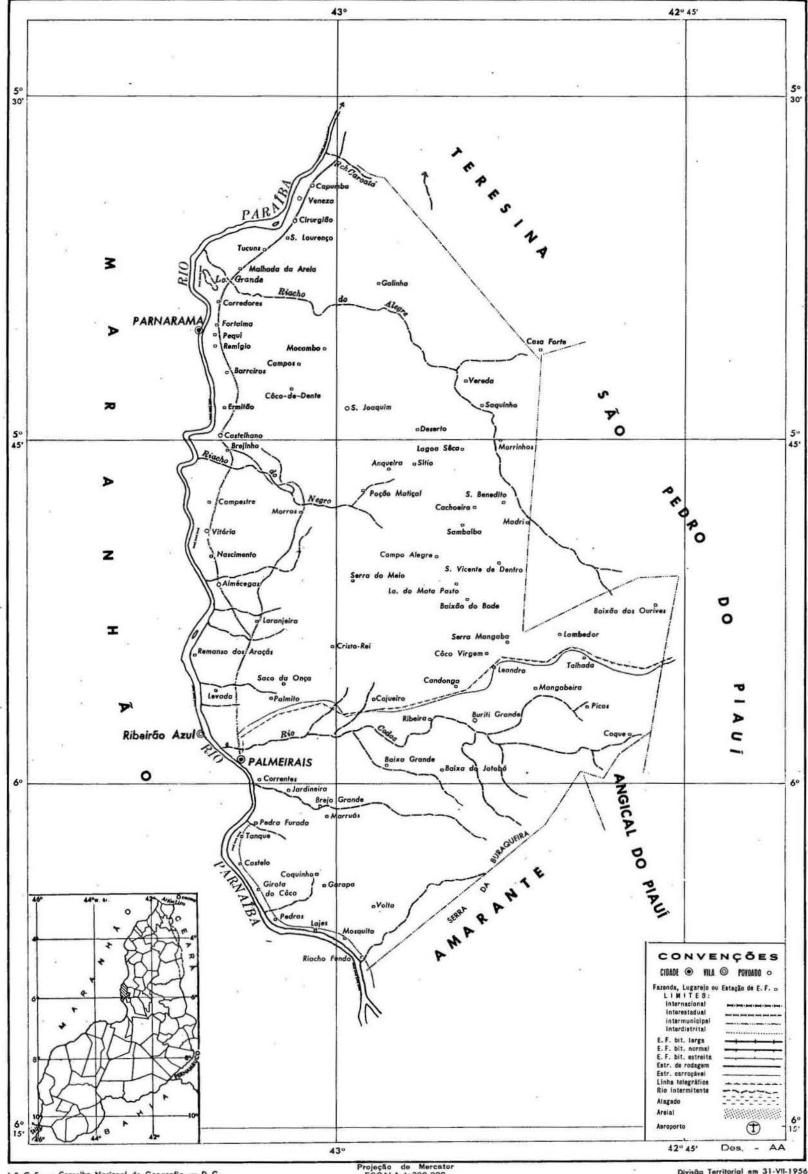
As funções agrícolas nas propriedades da planície parnaibana são exercidas em menor número pelos arrendatários e mais comumente pelos "agregados" e "moradores". Os primeiros pagam a renda em espécie, enquanto os agregados o fazem em produtos (uma quarta de 33 kg de legumes por "linha" de roça) (3 025 m²). Freqüentemente, as condições de agregacia exigem que o lavrador trabalhe determinados dias nas roças do patrão como assalariado. Os que pagam a renda em dinheiro são mais independentes no tocante à comercialização dos produtos da lavoura, que podem ser vendidos a intermediários, enquanto os "agregados" obrigatòriamente o fazem ao proprietário, sempre com diferença nos preços.

É geral na região a necessidade de crédito agrícola para o maior desenvolvimento das culturas. O dinheiro necessário ao custeio da lavoura, à compra de sementes e ferramentas e à alimentação é sòmente fornecido por comerciantes e compradores de gêneros agrícolas, aos quais os lavradores estão sempre presos, pois, nunca conseguem saldar suas dívidas. A ausência de financiamento por parte de órgãos governamentais, a falta de assistência técnica são, em grande parte, responsáveis pela pobreza agrícola regional.

Na área estudada, verifica-se que, para montante de Teresina, em São Pedro do Piauí, Água Branca e Amarante, a agricultura se apresenta com mais altos valores de produção, sendo freqüentes na paisagem as roças que se sucedem, muitas sob os carnaubais e babaçuais. A população rural se adensa bastante e, muitas vêzes, se aglomera em pequenos povoados.

Além das culturas citadas, a cana-de-açúcar ocupa maior extensão na área cultivada. As lavouras de cana trabalhadas em meiação têm o seu

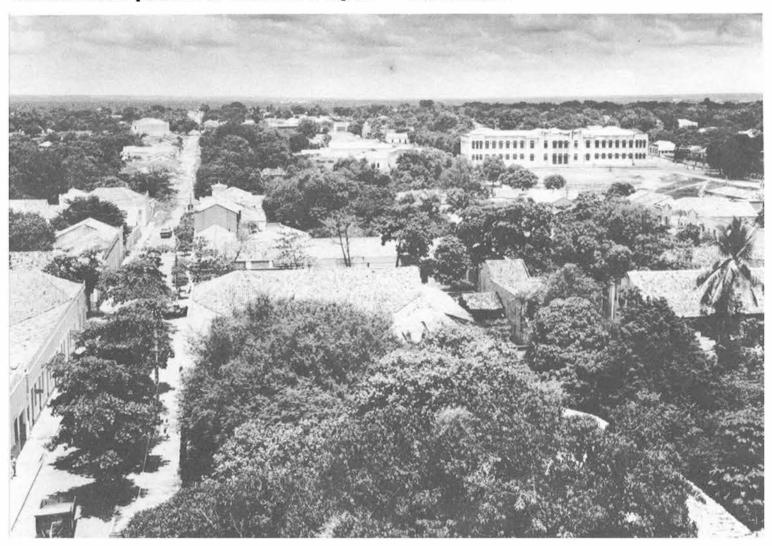
Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)
5km 0km 5 10km

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)

produto destinado à transformação em rústicas engenhocas, a maioria, ainda de tração animal. A rapadura e a aguardente são divididas entre o meeiro e o dono da terra que possui também o engenho. Apenas para o consumo local são destinados êsses produtos.

Tendo apresentado em largos traços as características da economia regional, resta fazer uma referência aos núcleos urbanos aí situados. Em geral, as pequenas cidades da região têm importância apenas local. Nelas se instalaram as indústrias de beneficiamento dos produtos vegetais, entre os quais os mais importantes são as usinas de descascar arroz e as prensas de cêra de carnaúba. Algumas delas bem servidas por estradas carroçáveis destacam-se nessa função, como Barras (2 197 hab.), Luzilândia (2 063 hab.) e São Pedro do Piauí (1 653 hab.).

Na planície parnaibana situa-se a capital estadual do Piauí, Teresina. O seu local foi especialmente escolhido para nêle se estabelecer a capital da então Província em 1851. Juntamente com Belo Horizonte e Goiânia, são as únicas cidades do Brasil especialmente construídas para capitais.

A necessidade de transferência da capital situada em Oeiras, antiga vila da Mocha, se fizera patente já aos primeiros governadores da Capitania do Piauí. A desvantagem da localização da capital em tão grande distância do mar, a cêrca de 30 léguas do rio Parnaíba, que se tornara o eixo econômico da então Província, e mais a sua localização numa região de difícil acesso e relativamente pobre em recursos naturais, impôs a sua transferência.

Foi lembrada, inicialmente, a cidade de Parnaíba, muito bem situada em relação ao comércio marítimo e já próspero centro comercial. Porém, a sua grande distância do extremo sul fêz com que não prevalecesse na escolha. Lugares situados mais no interior foram considerados, como Amarante. Mas a lei que autorizara a mudança não teve execução.

Município de Teresina — Piauí *(Foto C.N.G. 3 825 — T.J.)*

Teresina, especialmente construída para ser capital, é a principal cidade do Piauí e seu maior entreposto comercial, não apenas por sua condição de capital mas pela situação que desfruta como ponta de trilhos da Estrada de Ferro São Luís—Teresina e pôrto de escala da navegação regular do Parnaíba. Para ela convergem os produtos do interior e saem os que se destinam à exportação.

A população da cidade tem crescido bastante, o que se verifica pela comparação dos recenseamentos de 1940 e 1950 que assinalaram, respectivamente, 34 695 e 51 418 habitantes. *(Com. A.S.M.)*

TERESINA
PALMEIRAIS
ÁGUA BRANCA
ANGICAL DO PIAUÍ
REGENERAÇÃO
SÃO PEDRO DO PIAUÍ
SERRA DO GRAJAÚ
BR-52
Estaca Zero
Passagem Funda
Paraíso
Córrego D'Alma
S. Joaquim
Cancela
Feitoria das Vidas
Lagoa
Serra Azul
Malta
Tôrres
Mangabeira
Perdido
Boi Morto
Buraco
Buraco D'Água
Centro
Bacuri
Feitoria
Macacos
Pitombeiras
Madri
Riacho do Alegre
Riacho Fundo
Riachão
Caminho Novo
Mambira
Lagoa Redonda
Lagoa Sêca
Maribondo
Baixão
Pedras
Tinguis
Lambedor
Iscas
Riacho Vaca Morta ou S. Pedro
Mundo Novo
Poço
Caiçara
Côco Redondo
Rio Cadoz
Tamanduá
Sobradinho
Lagoinhas
Tabocas
42°45'
5° 45'
6°
CONVENÇÕES
CIDADE VILA POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
Des. R. B.
MARANHÃO
CEARÁ
BAHIA
Oceano Atlântico
PERNAMBUCO
Projeção de Mercator
ESCALA 1: 200 000
(1cm = 2 km)
2,5km 0km 2,5 5 7,5km

42°30'
TERESINA
BENEDITINOS
Estaca Zero
Passagem Funda
Riachão
Melancia
JATOBÁ
Aguardente
SERRA DO
Brejão
Morros
Canto dos Côcos
SERRA DO PELADINHO
Chapada
BR-52
Riacho
S. José
Desejado
Barro Duro
Mucambo
Aç. Velho
Sítio Novo
Côcos
Baixão do Côco
Cantinho
Jurubeba
Soledade
ÁGUA BRANCA
Riacho Buriti
Buriti
Roçado
Brejo
SÃO PEDRO DO PIAUÍ
ELESBÃO VELOSO
Chiqueiro
Tanque
S. Luís
Rio Berlengas
Riacho Vaca Morta ou S. Pedro
Floresta
REGENERAÇÃO
5° 45'
6°
CONVENÇÕES
CIDADE
VILA
POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
MARANHÃO
CEARÁ
BAHIA
Des. - AL

Município de Barras — Piauí

A cidade de Barras, malgrado sua sociedade constituída por fazendeiros explotadores de cêra de carnaúba, muito tem cuidado pela assistência médica, principalmente à infância como bem demonstra a foto acima. É importante uma assistência à classe menos favorecida para diminuir a mortalidade infantil. — *(Com. I.B.C.)*

Busto do Marechal Pires Ferreira na cidade de Barras. Trata-se de figura de alto relêvo entre os vultos do Estado do Piauí, pela trajetória de sua vida pública. Define-se a sua carreira pelos atos de bravura na Guerra do Paraguai e a sua representação do Estado do Piauí, na Constituinte de 1891 e na Câmara Alta da República, onde deixou trabalhos de extraordinário sentido na vida política da Nação. Faz parte de uma família cheia de benemerência ao Estado do Piauí e ao próprio país, representando um orgulho de sua cidade natal. Entre os seus membros mais destacados salienta-se ainda o Senador Joaquim Pires, que representou seu Estado no Parlamento Nacional desde a primeira legislatura após a Constituição de 1891.

Sòmente com o declínio do prestígio político do Visconde de Parnaíba residente em Oeiras, a idéia da mudança da capital foi novamente ventilada e abertamente prestigiada pelas influências políticas do norte da Província.

A mudança da capital foi finalmente concretizada na administração do Dr. José Antônio de Saraiva, então Presidente da Província que, apoiado pela Lei n.º 140, de 1.º de dezembro de 1842, autorizava a transferência da antiga vila do Poti, onde fôra decidida a instalação da capital, para um lugar próximo que oferecesse condições melhores aos habitantes. Assim foi fundada Teresina com o nome de Vila do Poti em 20 de outubro de 1851.

A Lei de 21 de julho de 1852 elevou a nova vila à categoria de cidade com o nome de Teresina, em homenagem à Imperatriz Teresa Cristina.

Saraiva escolheu pessoalmente o local onde devia ser fundada a nova vila do Poti, instalando-a numa fazenda situada na Chapada do Corisco, à margem do rio Parnaíba.

A nova cidade logo se povoou, tornando-se um núcleo populoso pela grande afluência de habitantes dos arredores animados com a perspectiva de desenvolvimento da capital.

Teresina que logo se tornou ativo pôrto fluvial acha-se bem situada em relação à interlândia piauiense, comunicando-se com o extremo sudoeste do estado através das águas do Parnaíba e com a parte norte e leste por boas rodovias.

Ràpidamente a cidade cresceu, pois, apenas com 49 habitantes em 1851 já na segunda década de fundação contava com 963 casas e mais de 8 000 habitantes.[9] Em 1858 foi fundada em Teresina a Companhia de Navegação do Rio Parnaíba que mais ainda veio incrementar o desenvolvimento da cidade, principalmente, no tocante às atividades comerciais.

A expansão comercial acompanhou em ritmo acelerado o crescimento populacional e o aumento da área urbana. A expansão da área urbana tem conservado sempre o traçado regular que caracteriza a planta da cidade, tendo maior extensão as ruas que se desenvolvem perpendicularmente ao rio Parnaíba.

[9] Chaves, Pe. Joaquim — "Teresina, subsídios para a história do Piauí".

Atualmente a cidade se expande em direção às margens do Poti, onde se estabelece a vasta zona suburbana em que predominam as modestas casas de barro e palha da população mais pobre.

Atualmente, à sua função político-administrativa, Teresina, graças à sua posição geográfica, junta importante função comercial que a faz um dos principais centros comerciais do Estado.

Além de se achar ligada ao interior estadual pelas "centrais", rodovias construídas pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas, estas estradas a põem em comunicação também com os estados vizinhos de Pernambuco e a próspera região do Cariri, no sul cearense. É a estrada de rodagem BR-24 de Oeiras e Picos que assegura essa ligação. Ainda outra rodovia liga-a a Fortaleza por Campo Maior e Piripiri (BR-22). Desta forma, a capital piauiense vê cada vez mais desenvolver-se o comércio interestadual. Ainda no setor rodoviário acha-se em comunicação com Parnaíba, na zona costeira, por uma estrada de ótimas condições técnicas.

Linhas aéreas comerciais ligam-na com a capital do país e outras cidades brasileiras.

Não há dúvida de que foi a facilidade de comunicações que tem feito desenvolver-se na cidade a função comercial que é hoje a mais importante. Por suas ligações diretas com o Nordeste tem capturado o movimento comercial de numerosas cidades do sertão maranhense que antes tinham Caxias como seu centro econômico. A ligação ferroviária com o estado do Maranhão pela Estrada de Ferro São Luís—Teresina foi fator importante para essa captura econômica. Teresina por ter sido uma criação artificial reflete êsse característico na fisionomia urbana, onde as ruas largas, arborizadas e retas cruzam-se em ângulos retos e onde as construções de linhas modernas dominam o casario urbano.

Com uma população estimada em 1957 de 110 154 habitantes, a capital piauiense apesar de não ter destaque na produção industrial apresenta-se como cidade de futuro promissor, sobretudo, no setor comercial.

II

REGIÃO DAS "CUESTAS"

DOMINANDO quase tôda a superfície do estado do Piauí, a paisagem de "cuestas" do Meio Norte, por si só, expressa a grande diversidade geográfica mantida por essas terras e as unidades circunvizinhas. O relêvo monoclinal que a caracteriza acha-se limitado, irregularmente, pelas divisões interestaduais. A leste e ao sul, em grande hemiciclo, interpõem-se as serras Grande ou Ibiapaba e a de Bom Jesus do Gurgueia que, no Piauí, contrastam com a topografia do Nordeste Oriental. Temos, portanto, um modelado diferente onde as "cuestas" apresentam as vertentes escarpadas voltadas para o exterior da bacia. Em direção ao seu centro, ocupado pelo rio

Município de Jaicós — Piauí *(Foto C.N.G. 3 526 — T.J.)*

A região apresentada na foto está englobada na extensa zona de "cuestas" que abrange quase todo o estado do Piauí.

O relêvo é tabular, apesar de serem encontradas pequenas formas assimétricas, que estão, porém, ligadas à movimentação das camadas de sedimentos. Corresponde a área dissecada pelo rio Canindé e seus efluantes.

A vegetação, que é do tipo cerrado, apresenta espécies de mata infiltradas especialmente na parte mais baixa dêstes vales.

As estradas desta região não são boas. Deveriam ser criadas novas e melhoradas as condições das atuais, para melhor integração da vida econômica daquela parte do nordeste brasileiro. *(Com. J.X.S.)*

Parnaíba, as camadas que constituem estas serras mostram um fraco mergúlho. Nos bordos da bacia, aparecem formações neríticas: arenitos conglomeráticos, arenitos calcários e folhelhos que evidenciam a existência no Meio Norte de grande transgressão devoniana, quando se formou uma vasta depressão. As serras Grande e Bom Jesus do Gurgueia representam as abas desta nova forma de relêvo. A oeste, os outros limites situam-se entre os rios Turiaçu e Gurupi, no meio da floresta equatorial. Demonstrando os estratos das diversas formações um declive médio superior a 1°, aparece também, uma acentuada inclinação nos bordos da sinclinal. Devido a forma da bacia, verifica-se uma variação na direção geral das camadas. Assim, a série Serra Grande — base de formação devoniana — tem orientação norte-sul, enquanto nos arredores de São Raimundo Nonato sofre uma inflexão para oeste, completando um grande anfiteatro.

De um modo geral, pode-se comparar esta grande bacia à de Paris ou à da Gondiwana do sul do território brasileiro.

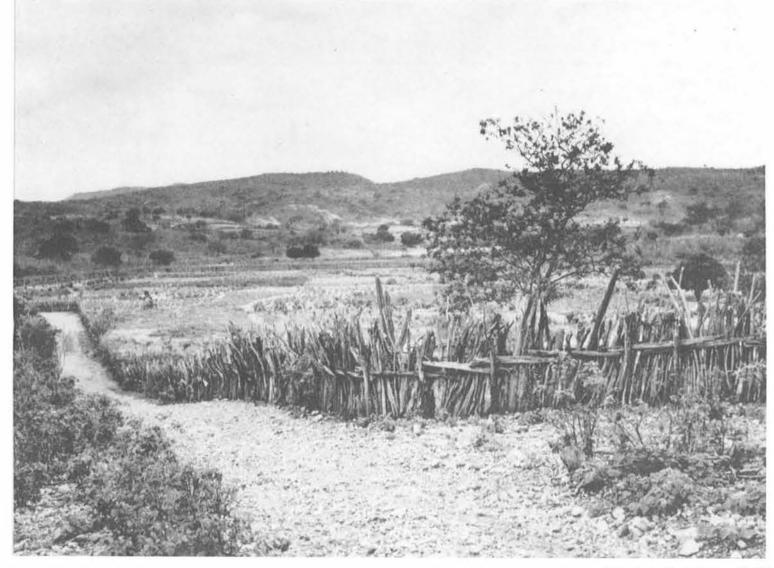
Examinando-se as formações geológicas sedimentares, fortalecemos a opinião supra, constatando-se que as mesmas parecem faixas longitudinais-paralelas delimitadas a noroeste pelas planícies cujos terrenos rebaixados de origem recente não sofreram perturbações como os a que anteriormente nos referimos, desaparecendo nos seus domínios aquela topografia monoclinal da região das

"cuestas". Êstes acidentes surgem pelo comportamento desigual das camadas à erosão fluvial e ao escoamento difuso.

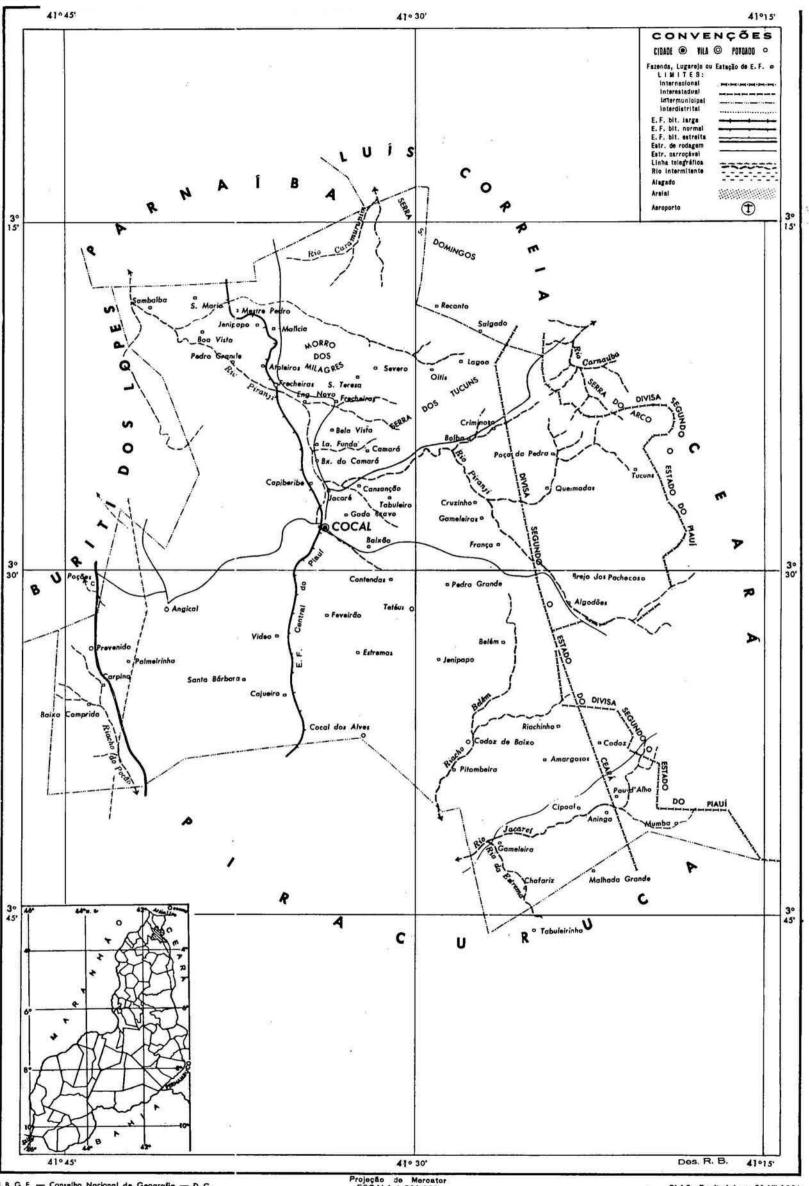
Pode-se observar, possìvelmente por estarmos diante de uma ampla região, a situação diferente dos estratos, dependendo do lugar examinado: proeminentes na serra Grande e na de Bom Jesus do Gurgueia, ao sul de Picos foram totalmente carreados, pela influência de processos morfogenéticos de um clima semi-árido, quando a fragmentação associada ao trabalho de erosão em lençol desempenhou relevante importância. Há, portanto, na região de Oeiras e Simplício Mendes um relêvo rebaixado por uma série de rios, com regime torrencial, que fluem sòmente durante alguns dias por ano. Ao sul reaparecem, novamente, as grandes escarpas e "cuestas" imponentes.

Correspondendo em grande parte a rios conseqüentes (Canindé, Poti, Piauí), as principais correntes fluviais deslocam-se em direção ao centro da bacia. Os cursos dágua, ao sul, afiguram-se subordinados em sistema mais ou menos ortogonal pelo aparecimento de uma hidrografia típica das "cuestas" — rios conseqüentes, subseqüentes, obseqüentes e resseqüentes.

Ao norte, as correntes seguem outras direções, dependendo da presença das fraturas e de outras linhas estruturais que cortam as camadas. Testemunhos isolados encontram-se em grande número, de permeio a essa extensa superfície de "cuestas". Nas encostas e nos sopés, com seu perfil característico, pode-se entrever os "glacis", próprios às regiões semi-áridas. Aparecem aí pedimentos com depósitos superficiais denominados "rañas", que provam a existência anterior de um clima mais sêco.

A fim de entendermos o relêvo atual seremos obrigados a estudar sua evolução em função dos

Município de Paulistana — Piauí *(Foto C.N.G. 3 351 — T.J.)*

Fotografia expressiva da paisagem do Piauí, próxima aos limites com Pernambuco. Trata-se, portanto, de topografia marcada pelas rochas cristalinas, onde a erosão já conseguiu retirar completamente a antiga cobertura sedimentar. Os gnaisses, trabalhados pelos agentes erosivos, oferecem, atualmente, ao observador, silhuetas levemente onduladas, conforme se vê ao fundo da foto. Os seixos encontrados nessa região semi-árida, indicam duas procedências: do conglomerado basal cretáceo — os rolados — e pela fragmentação em função dum clima sêco originaram-se as "rañas".

Ao centro, um baixão é aproveitado para agricultura. *(Com. C.R.M.)*

Estad

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)
5km 0km 5 10km

Divisão Territorial em 31-VII-1956

15 — 24 163

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. 3 381 — T.J.)*

Exemplo de região cristalina onde, observando-se com detalhe, percebemos as encostas inclinadas, muito características. Em virtude da retomada da erosão e resistência desigual das camadas, evidenciaram-se os afloramentos de algumas rochas metamórficas. Daí, o aparecimento das pequenas cristas. Os vales, nesta região, caracterizam-se pela maior riqueza dos seus solos, possibilitando melhor aproveitamento agrícola. Está localizada na periferia de região sedimentar, entre Picos e Paulistana. *(Com. C.R.M.)*

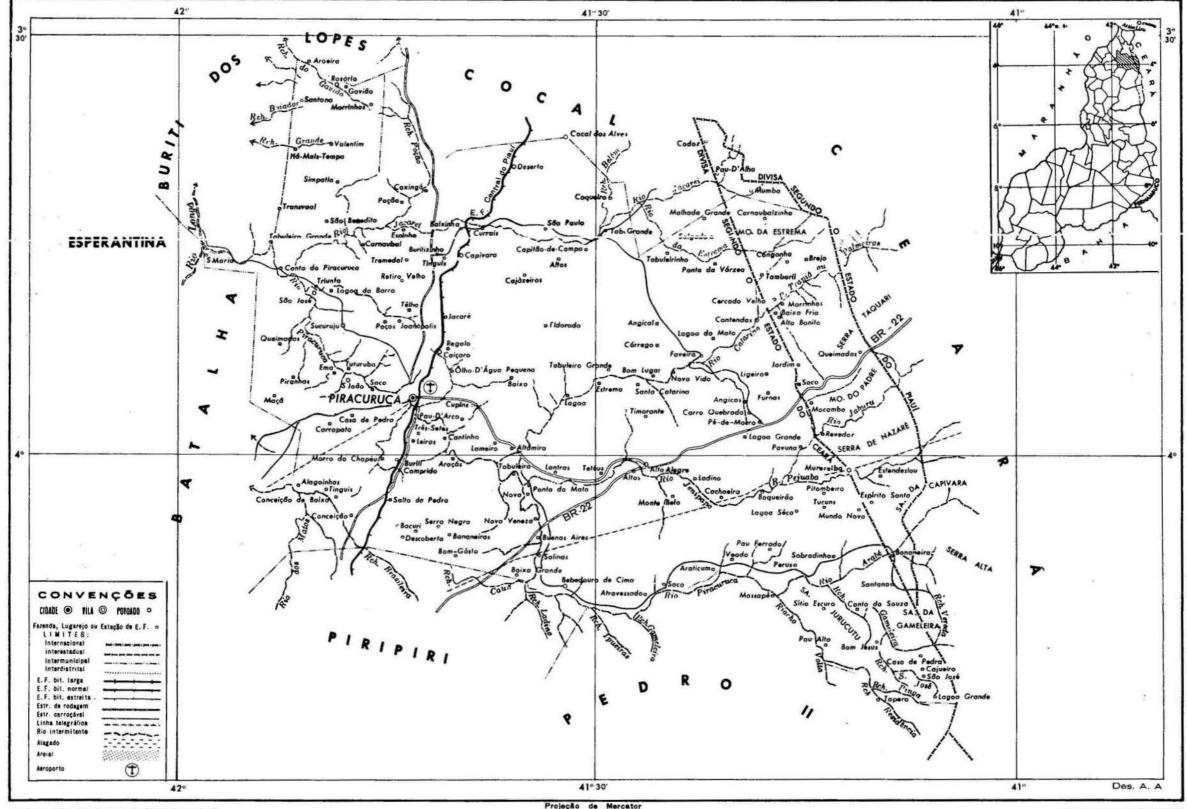
climas antigos, sem os quais não nos será possível explicar também a presença das depressões periféricas e semi-áridas e das formas residuais elaboradas ulteriormente.

A sucessão de ciclos e epiciclos de erosão ocorrida no passado desgatou profundamente o Nordeste Oriental, provocando um acúmulo dos produtos dêste trabalho na grande depressão, situada a oeste, isto é, nos terrenos do Meio Norte.

Em princípios do quaternário, fenômeno gliptogênicos de várias épocas reavivaram as depressões preexistentes, ampliando-as consideràvelmente. Daí, considerarmos, neste caso, alguma analogia entre o Meio Norte e o Nordeste Oriental.

Em suma, o relêvo das "cuestas" pode ser especificado em função dos seguintes fatôres que muito contribuíram para a formação da atual topografia: a direção geral nordeste-sudoeste tomada pela bacia, aliada à evolução geomorfológica da região. Também a estrutura sedimentar, onde existem camadas de diversas resistências à erosão, permite compreender sua configuração.

Entre os flancos pré-devonianos da Serra Grande, que parecem servir de alicerce à construção da grande bacia sedimentar do Meio Norte, e o rio Parnaíba, ergue-se um modelado caracterizado por um desnivelamento suave em direção àquele rio. No Piauí, o dobramento é marcado, segundo Wilhelm Kegel em "Água subterrânea no Piauí", principalmente, por uma "superfície descontínua de anticlinais e sinclinais". A topografia encerra, em verdade, muitas vêzes ao lado das "cuestas", plataformas estruturais tais como as encontradas, por exemplo, nas cidades de Oeiras e Jaicós.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:500 000
(1cm = 5 km)
5km 0km 5 10 15 20km

Sobressaem, ainda no que tange às diferenciações morfológicas os relevos residuais, representados por "inselberge" que comprovam o trabalho erosivo por que passou a região.

Concernente à desigualdade dos níveis, mostra-se a própria Serra Grande, ao norte, com, aproximadamente 950 metros, altitude esta, que perde expressão mais ao sul.

Nos limites com o estado de Goiás, a serra da Tabatinga atinge 700 metros e na serra de Bom Jesus os terrenos triássicos que a constituem atingem 650 metros. Alcançando 800 metros, o nível eleva-se novamente na Chapada das Mangabeiras.

Em meio a essas altitudes, encontramos outros níveis mais baixos que com aquêles se escalonam. Acham-se, neste caso, os altiplanos da serra de Parnaguá com 500 metros e de Gilbués (de 500 a 550 metros).

Fazendo transição para os baixos níveis da planície depara-se à margem direita do rio Poti, com testemunhos de 250 a 300 metros. Atingindo 700 metros, a serra de Pedro II, nesse trecho, constitui exceção, pois que a sua vertente sudoeste (arredores da cidade de Valença) acha-se preservada pelas intrusões de "sills" de diabásio, freqüentes no estado do Piauí.

O trabalho erosivo elaborado por aquêle rio, conseguiu, aliado ao efetuado pelo rio Canindé, esculpir, no seu curso médio, formas localizadas entre os dois rios que oscilam entre 500 e 550 metros, formando a Chapada Grande, Chapada Batista, Serra da Missão, nomes que aqui recebem as "cuestas".

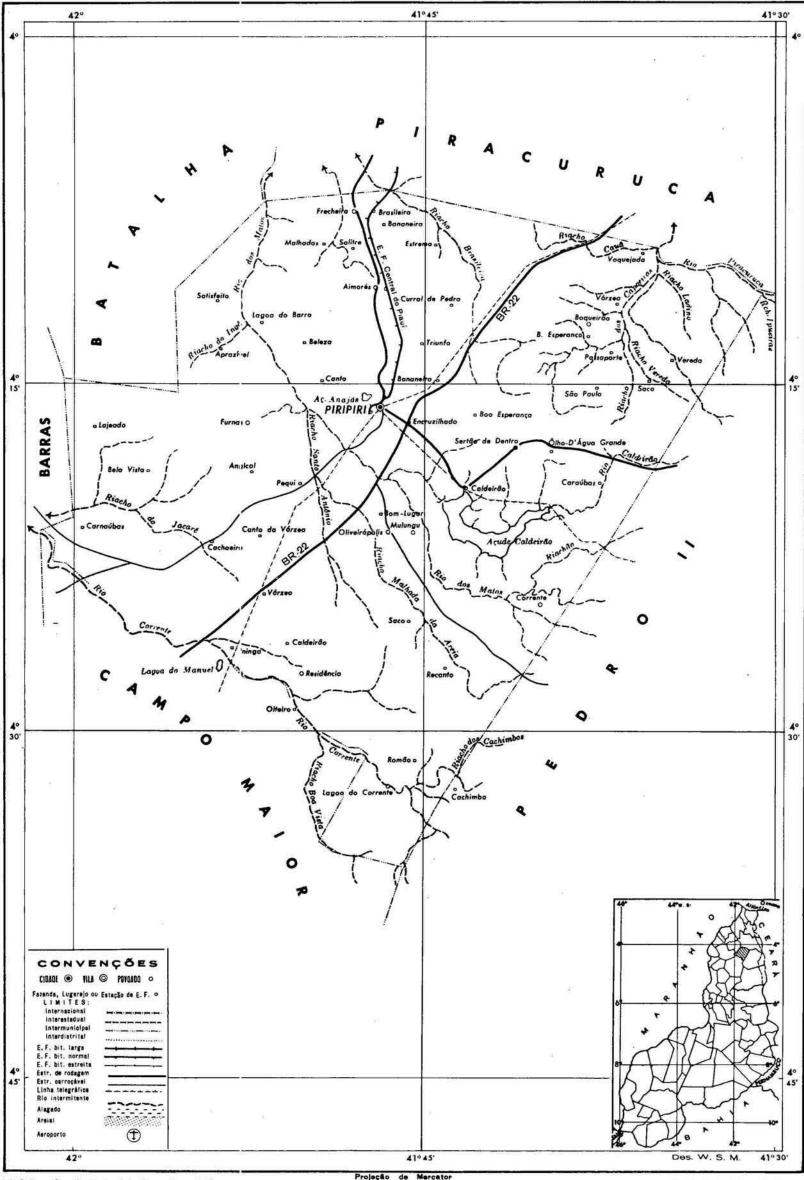
Município de Simplício Mendes — Piauí *(Foto C.N.G. 3 558 — T.J.)*

Relêvo típico da região de "cuestas" do Piauí, vendo-se, ao fundo, a "cuesta" arredores de Simplício Mendes. Pode-se perceber bem na fotografia uma extensa depressão e o vale subseqüente.

Em primeiro plano, nota-se a existência da "raña", material desagregado das elevações, que é transportado e depositado nas zonas mais baixas. *(Com. M.G.C.H.)*

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)
5km 0km 5 10km

Divisão Territorial em 31-VII-1956

Município de Fronteiras — Piauí *(Foto C.N.G. 3 530 — T.J.)*

A zona de transição entre a área cristalina e a sedimentar não possui relêvo imponente, nas proximidades de Fronteiras, Piauí. Há predomínio de uma topografia plana sem grandes desníveis. Passa-se do cristalino levemente ondulado para uma região sedimentar bastante horizontal, início da faixa de "cuestas" que abrange quase todo o Piauí. As camadas sedimentares destas "cuestas" se apresentam com uma ligeira inclinação em direção oeste.

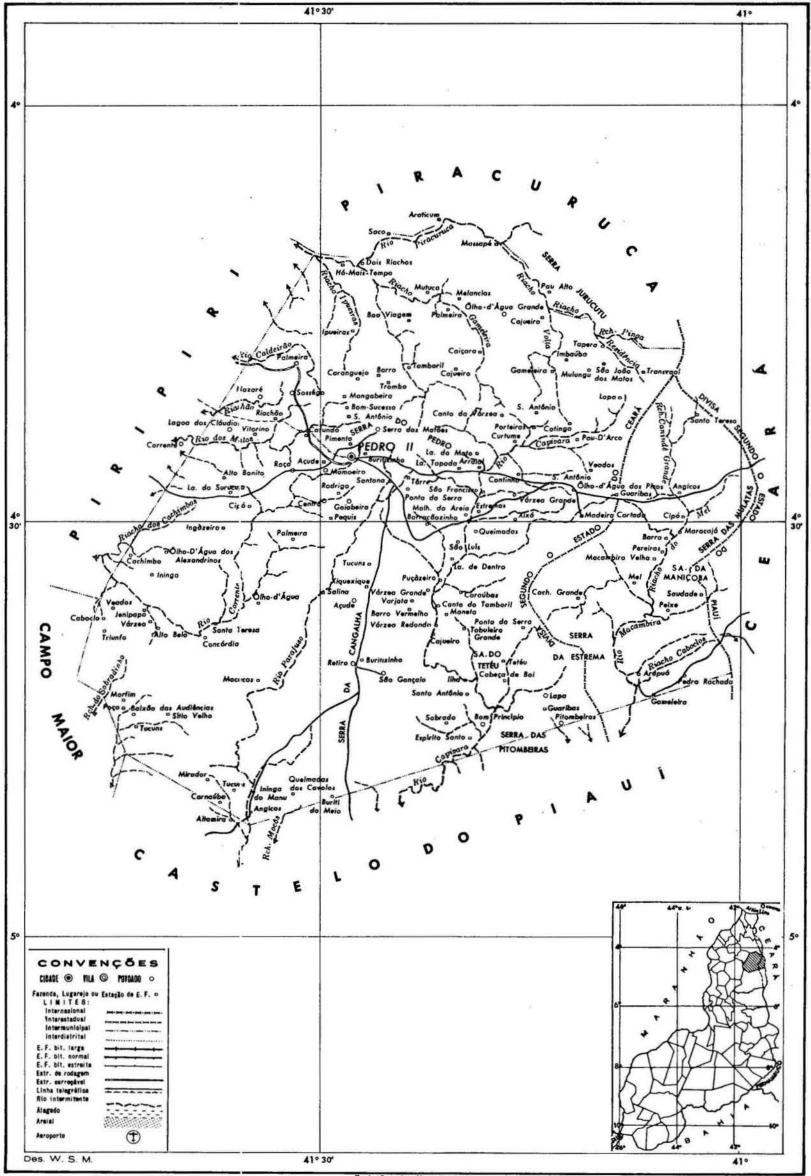
A vegetação predominante desta região é do tipo cerrado.

Vê-se também a rodovia chamada "Central" do Piauí, que possui relativa importância sob o ponto de vista das comunicações estaduais. *(Com. J.X.S.)*

A diferença entre os níveis da região de "cuestas" parece provir, em parte, das fôrças tectônicas que atuaram em fase posterior ao preenchimento da bacia. Isto é comprovado pelo decréscimo generalizado das altitudes de leste para oeste e de norte para o sul, deixando à parte as exceções já citadas num dos exemplos. Por outro lado, também os movimentos não deveriam ter alcançado grande amplitude, conseguindo apenas formar dobras largas, como as representadas pelos arenitos da formação Cabeças — Devoniano médio — com 200 a 300 metros de largura, denominadas por Kegel: "dorso de bôto". É sabido que, se a região fôra abalada por dobramento intenso, as camadas, em conjunto apresentariam, por certo, dobras muito cerradas entre os respectivos bordos. Isso faz lembrar, perfeitamente, a hipótese de que o Meio Norte estêve alheio aos movimentos causadores do soerguimento dos Andes, refletidos sim nas terras amazônicas. Êsse argumento pode ser reforçado pelas camadas paleozóicas marcadas por estruturas levemente monoclinais. Por conseguinte, essas dobras de fraca inclinação, oriundas da instabilidade da crosta, colocaram-se fàcilmente, com o perpassar do tempo, à favor do trabalho fluvial, predispondo-se à elaboração de sucessivas "cuestas".

Percebe-se que êsse tipo de relêvo, embora predominante em tôda a extensão paleozóica, limita-se com paisagens piauienses muito diversas. Despontam-se-nos, então, razões explicativas da acidentação do relêvo: ao norte do conjunto formado pelas "cuestas", dispõem-se terrenos sedi-

Projeção de Mercator
ESCALA 1:500 000
(1cm = 5 km)
5km 0km 5 10 15 20km

Divisão Territorial em 31-VII-1956

Município de Conceição do Canindé — Piauí *(Foto C.N.G. 3621 —T.J.)*

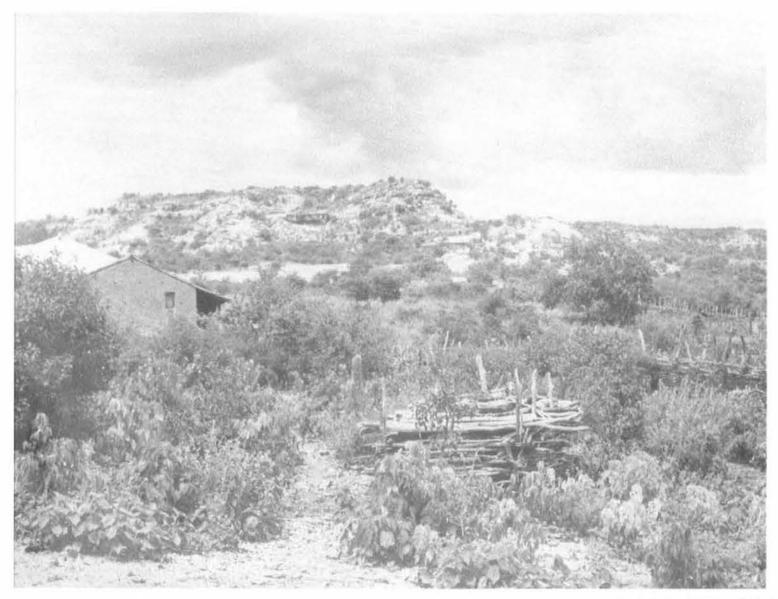
Aspecto tomado das primeiras "cuestas" que aparecem no Piauí, quandc se vem de Pernambuco. Ainda em plena região semi-árida, porém em terrenos do devoniano inferior, a paisagem difere daquela do nordeste oriental, observando-se as camadas muito levemente inclinadas para o eixo do rio Parnaíba. A fotografia tomada para o norte, focaliza um vale subseqüente envolto pelos festões de uma "cuesta", avançando contra a depressão semi-árida.

Na parte inferior estão os xistos argilosos e no alto, a canga que constitui uma crosta.

A vegetação da caatinga domina a região de pedimentos. *(Com. C.R.M.)*

mentares cenozóicos com uma estreita faixa de topografia plana. Desempenha um papel de recomposição das digitações formadas, certamente, pelas disposições das formas paleogeográficas que aos poucos se foram justapondo. Estas formações penetram pelos vales a dentro na região das "cuestas" muitos quilômetros para montante.

Nos limites entre os Estados do Piauí e Pernambuco repetem-se as formas peculiares ao sertão semi-árido do Nordeste Oriental, estando presentes aquelas depressões semi circulares, recobertas por lençóis de seixos e intercaladas por "inselberge". Isto se verifica porque a depressão periférica é fortemente trabalhada por processos erosivos que assinalam um clima semi-árido reaparecendo, então, aquela topografia do Nordeste Oriental.

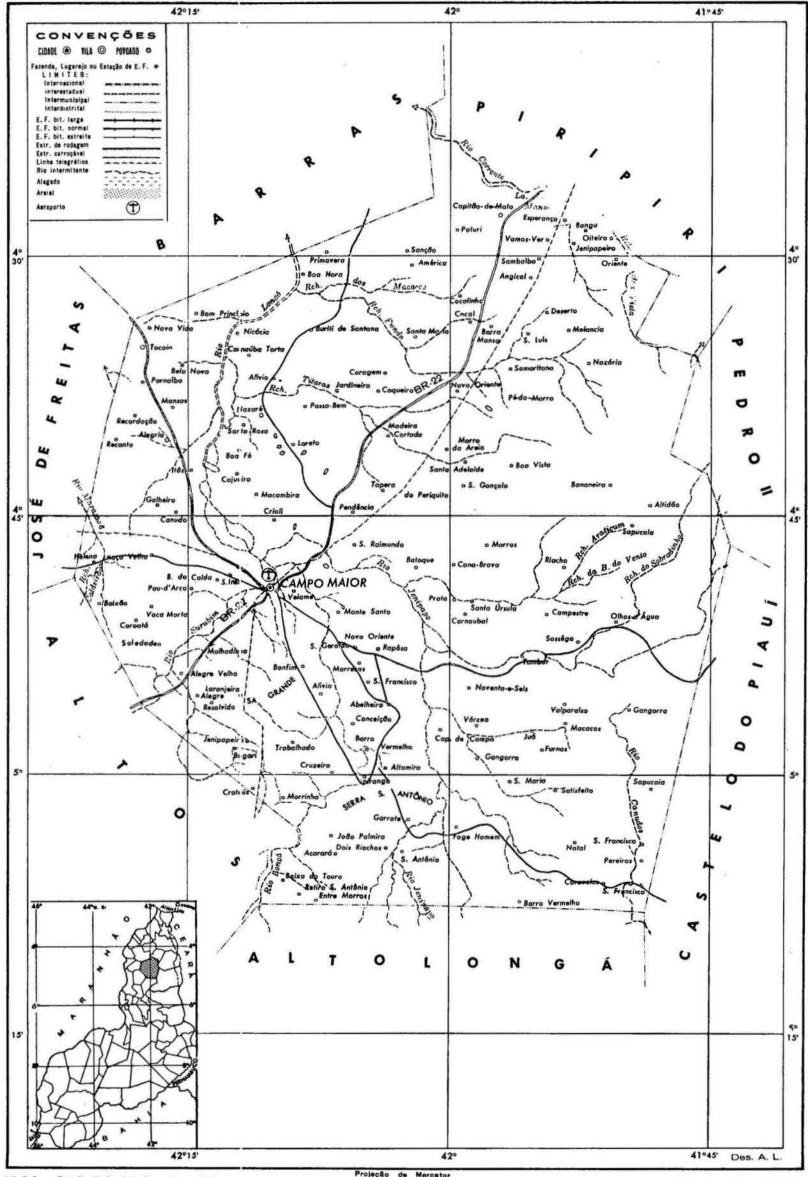
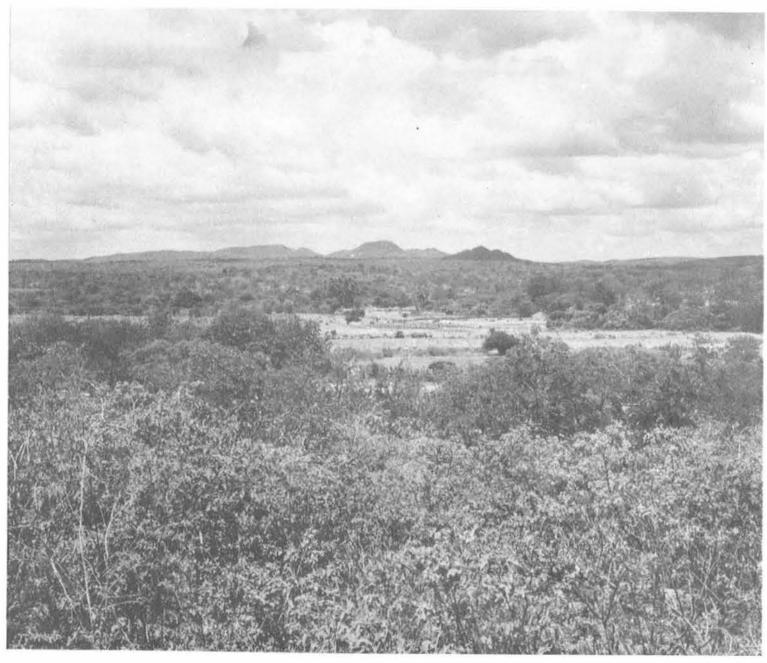
É a partir dessa última topografia e a oeste da Serra Grande, em extensões que seguem no sentido dos meridianos, que se encontram diversas faixas de relêvo, cujas irregularidades das formas, altitudes e geologia, atestam o seu passado. Poder-se-ia dizer, inicialmente, que a sedimentação, beneficiando-se de um firme ponto de apoio no cristalino, foi elaborando, através de sucessivos períodos geológicos, o trabalho de entulhamento sôbre uma superfície fracamente acidentada. Essas diferenciações existentes, em meio à característica geral geomorfológica, têm feito surgir hipóteses controvertidas acêrca da origem da bacia. Há argumentos baseados em fôrças que talvez tenham agido tangencialmente, formando dobras, operando-se a sedimentação pela acomodação às camadas pré-existentes.

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. 3617 — T.J.)*

Tem-se nesta fotografia um bom exemplo do relêvo monoclinal do devoniano inferior, percebendo-se a suave inclinação das camadas areníticas para oeste. Os cursos dágua ao escavarem seus vales conseqüentes para oeste colocaram em evidência a estrutura levemente inclinada das camadas. Na região próxima a Picos, existem conglomerados intercalados com as camadas do devoniano inferior.

Em primeiro plano, a ocupação humana no fundo do vale, é evidenciada pela presença de uma habitação à esquerda da fotografia. *(Com. M.G.C.H.)*

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G

Projeção de Mercator
ESCALA 1:400 000
(1cm = 4 km)
5km 0km 5 10 15km

Divisão Territorial em 31-VII-1956

Município de Paulistana — Piauí *(Foto C.N.G. 3 354 — T.J.)*

Fotografia da zona que antecede a região sedimentar no Piauí. Trata-se, ainda, do completo cristalino, onde a erosão dissecou a superfície regular, fazendo destacar uma série de cristas alongadas, cuja cobertura cretácea representa os remanescentes de uma sedimentação, outrora, contínua à serra do Araripe. Alguns relevos residuais, despontam, dominando a planura, são os "inselberge".

Nesta região deprimida, nas áreas mais úmidas, o elemento humano pratica agricultura itinerante, em moldes primitivos. Contornando-a, a vegetação da caatinga, desenvolveu-se. *(Com. C.R.M.)*

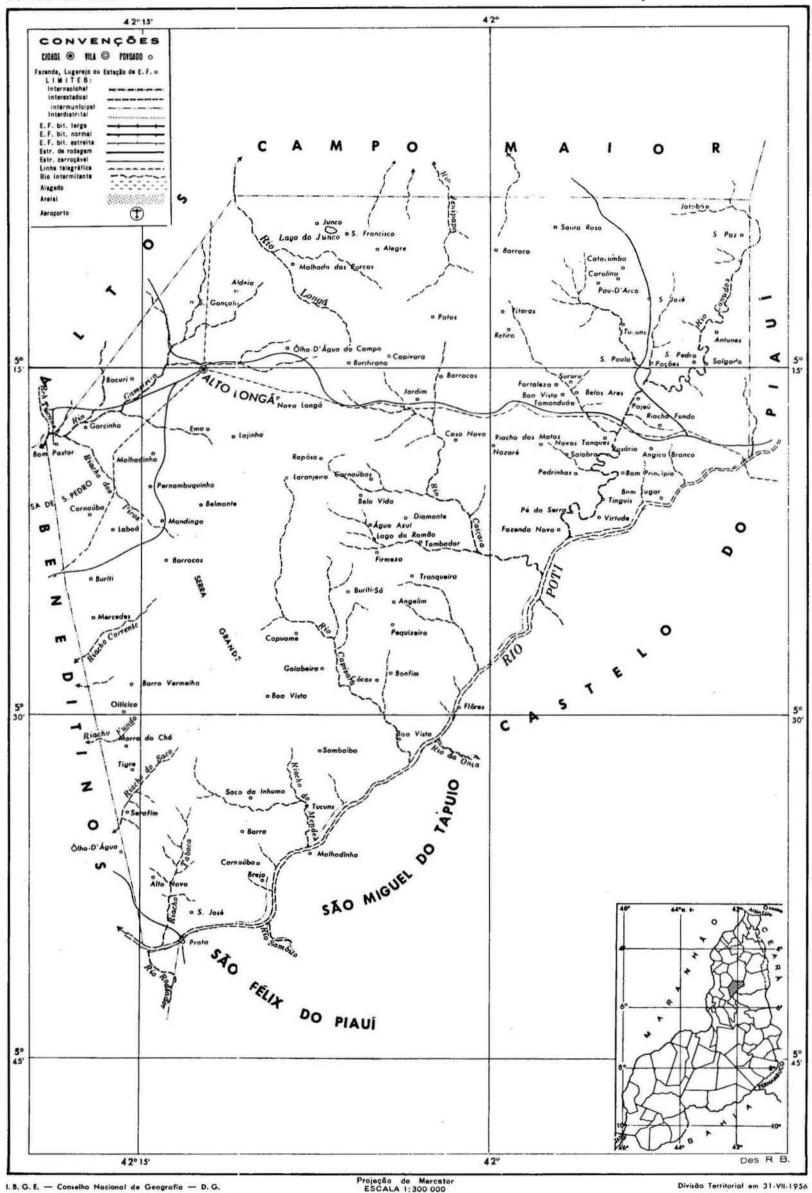
Conseqüentemente, a grande bacia sedimentar do Meio Norte, explicar-se-ia pela fossilização de uma superfície acidentada tal como a pré-permiana, exemplificada na bacia de Paris, onde se sucedem os mesmos exemplos. Algumas deformações das camadas na bacia, poderiam também ser explicadas, não como provenientes das fôrças tectônicas, mas como acomodações dos estratos sedimentares à topografia acidentada da superfície fóssil.

O acidente mais importante que marca de norte a sudeste a paisagem é, sem dúvida, a Serra Grande ou Ibiapaba. No sul da região, a serra de Bom Jesus do Gurgeia é separada da dos Dois Irmãos por uma depressão modelada no cristalino onde despontam alguns "inselberge". Pode-se, atualmente, comprovar como era acidentada a antiga superfície fóssil, pelo contacto entre os sedimentos e o cristalino.

A sedimentação do eo-devoniano, motivou o entrecruzamento de camadas, intercaladas, algumas vêzes, por acamamento lentiforme dos seixos. Tais fenômenos provam a pequena modificação que tem sofrido a própria série da Serra Grande.

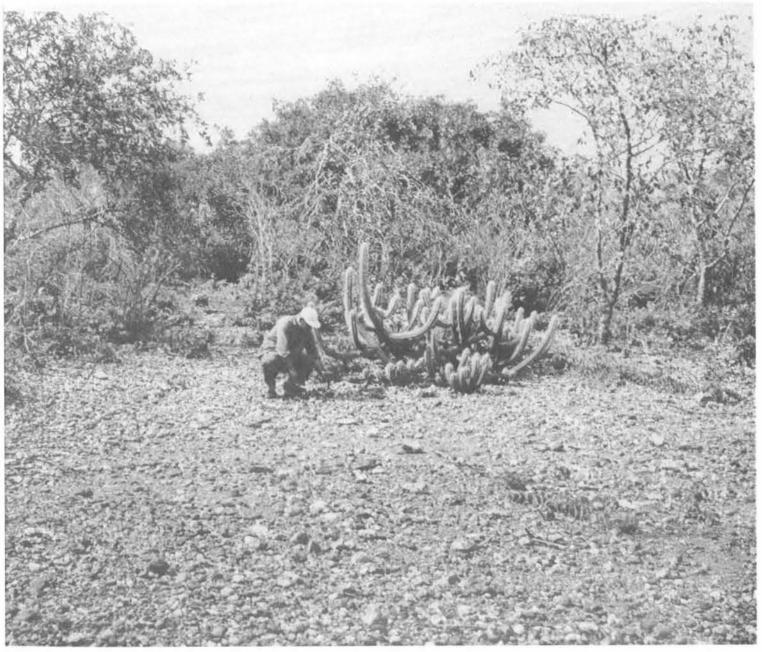
Quanto à origem dos terrenos devonianos, podemos afirmar que se formaram das várias transgressões e regressões marinhas, ligadas ao dobramento Caledoniano, iniciado no Cambriano inferior e terminado no Downtoniano, portanto post-Serra Grande. Por outro lado, o movimento que afetou o Devoniano inferior atingiu as terras do Meio Norte

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)

Divisão Territorial em 31-VII-1956

quando elas ainda se achavam, provàvelmente, prêsas ao continente africano. Nessa época, dominava, inicialmente, por todo aquêle conjunto de terras, um clima desértico caracterizado por excessiva aridez. Daí o predomínio das formações arenosas sôbre as outras.

Houve, então, um levantamento muito amplo e a primeira transgressão marinha devônica, ocorrida no Coblentziano, não alcançou as extensões a oeste e a sudoeste do atual Piauí. Isto só foi conseguido quando do devoniano médio, nos andares Eifeliano e Givetiano da formação Cabeças.

Tratando-se ainda da Serra Grande, supõe Donald Campbell e Luís de Almeida, em "Relatório Preliminar sôbre a Geologia da Bacia do Maranhão" ser a referida Serra marcada na sua vertente leste por uma escarpa de falha modificada pela erosão. Êste fenômeno observado faz-nos supor um movimento relativamente recente ao longo dessa linha de falha, responsável pela acentuação do mergulho das camadas para oeste, aí verificado, originando-se aquela imponente escarpa.

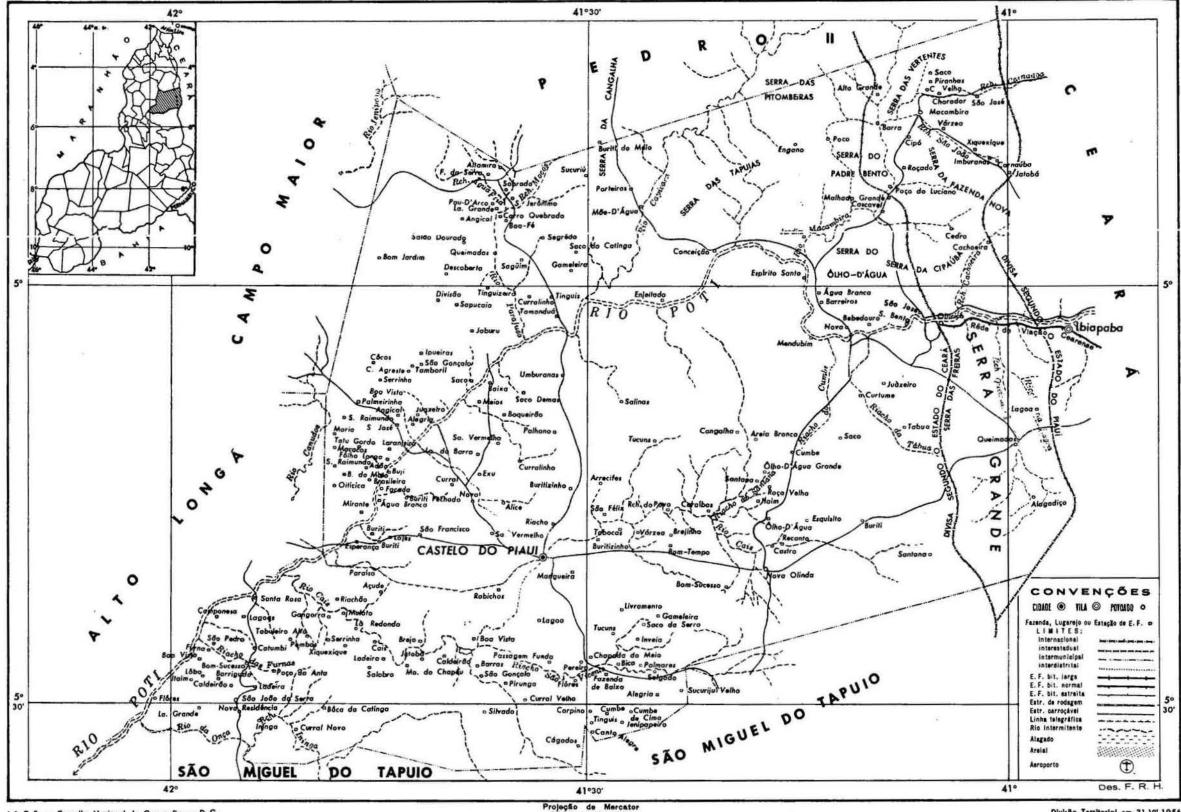
Ao grande "front" da Serra Grande, caracterizado por superfícies muito festonadas, segue-se, a oeste, uma paisagem de sucessivos relevos monoclinais, iniciados pelo aparecimento da formação Pimenteiras, de arenitos amarelo-castanhos ou cinza-arroxeados, contendo mica. A sudoeste do estado, entretanto, ainda se nota o relêvo dissecado cristalino aparecendo as "cuestas" a ocidente, um

Município de Paulistana – Piauí *(Foto C.N.G. 3 525 — T.J.)*

Paisagem muito freqüente na região semi-árida do Piauí, próximo aos limites com Pernambuco. Trata-se de extensa superfície recoberta por seixos, dominando, inclusive, por dentro da vegetação. Êsses sedimentos dispõem-se próximos a alevações, de cujo local certamente provieram. Um clima muito mais sêco que o atual, numa fase pleistocênica explica êsse fenômeno. Em tais condições os lençóis de escoamento difuso desempenharam um papel relevante na dinâmica regional. O material, assim disposto, próximo a Pau Ferro, é fragmentado e muito anguloso. A vegetação dominante é representada pela caatinga, que reflete perfeitamente as condições ecológicas. *(Com. C.R.M.)*

Estado do Piauí

Município de **CASTELO DO PIAUÍ**

Projeção de Mercator
ESCALA 1:500 000
(1cm = 5 km)
5km 0km 5 10 15 20km

Divisão Territorial em 31-VII-1956

Município de Paulistana — Piauí *(Foto C.N.G. 3 356 — T.J.)*

Superfície recoberta por material de origem mista, isto é, seixos provenientes de uma rocha matriz relativamente próxima, em mistura com outro material que sofreu maior transporte. Parece, êste último, corresponder a seixos oriundos do conglomerado basal do cretáceo. São, respectivamente, seixos fragmentados em mistura com seixos rolados. Em conjunto é um material de "raña" muito local, Domina a estrada que comunica Pernambuco a Paulistana, no Piauí.

A vegetação local é representada pela caatinga. *(Com. C.R.M.)*

pouco mais distantes e ficando a parte nordeste do Piauí incluída no Nordeste pròpriamente dito.

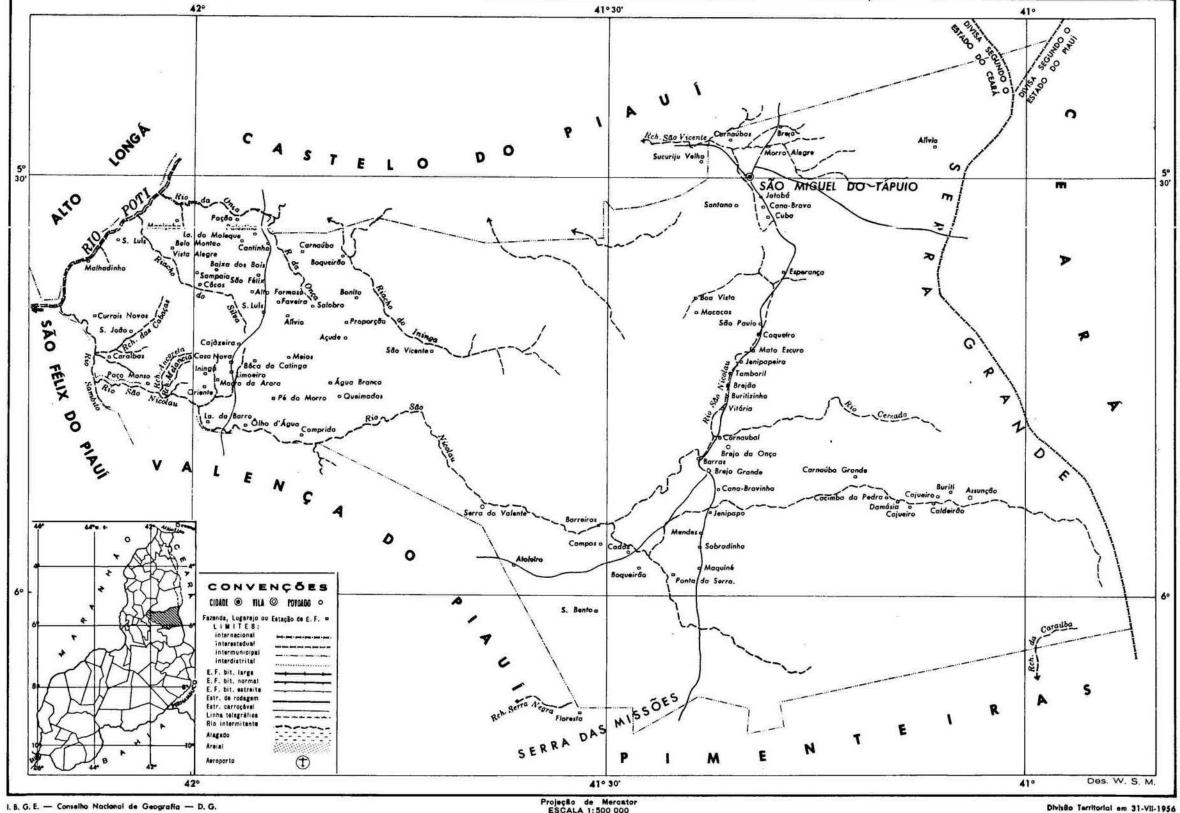
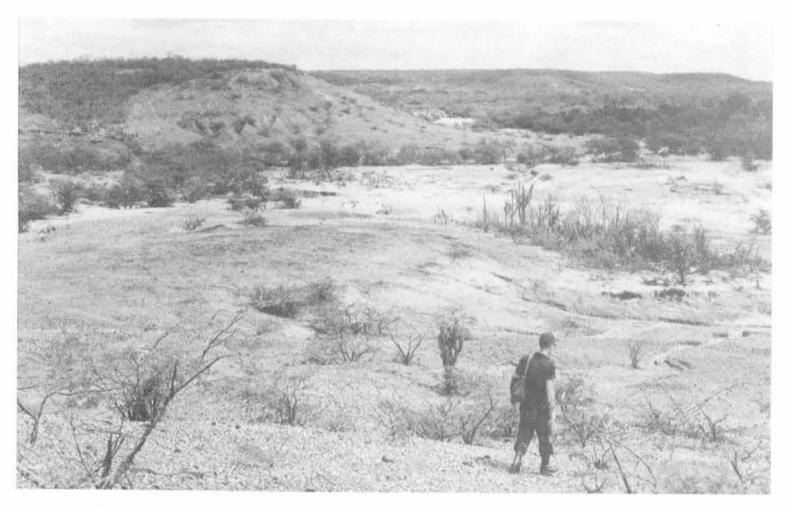
A superfície que nesta região, antecede ao devoniano, é assinalada pela semi-aridez do sertão nordestino. Nas imediações da cidade de Paulistana, por exemplo, os "gnaisses" leucrocáticos apresentam uma direção N. 75 W., inclinados de 25° para nordeste. Também os xistos sericitosos muito perturbados com direção N. 52 E. mostram-se como intercalações em meio às camadas de quartzitos, "gnaisses" lenticulares, etc.

Após o povoado de Pintadinho aparecem as primeiras "cuestas" cujos arenitos estão orientados segundo N. 5° E. e inclinados de 10° para o norte.

A própria Formação Pimenteiras — devoniano inferior — cobre grande área do interior expondo um modelado bem diversificado. Assim, ao sul da cidade de Picos, o rio Itaim encaixou-se em bancos espessos de arenito micáceo, pertencente ao membro Pimenteiras inferior que toma o mesmo nome do rio. Contrastando com essa topografia, no membro "Picos" — Pimenteiras superior — há uma série de "cuestas" que mostram, a meia encosta, plataformas estruturais. Afastados dêsse trecho, relevos ruiniformes, marcados por arenitos de grana média foram submetidos a certos esforços. As falhas e diaclases tomam várias direções. Conseqüentemente elas e a própria estrutura predispõem êsse modelado aos agentes erosivos que originam formas curiosas lembrando ainda no Brasil aquelas ocorridas nos arenitos da cidade de Vila Velha no Paraná. Algumas fotografias dêste vo-

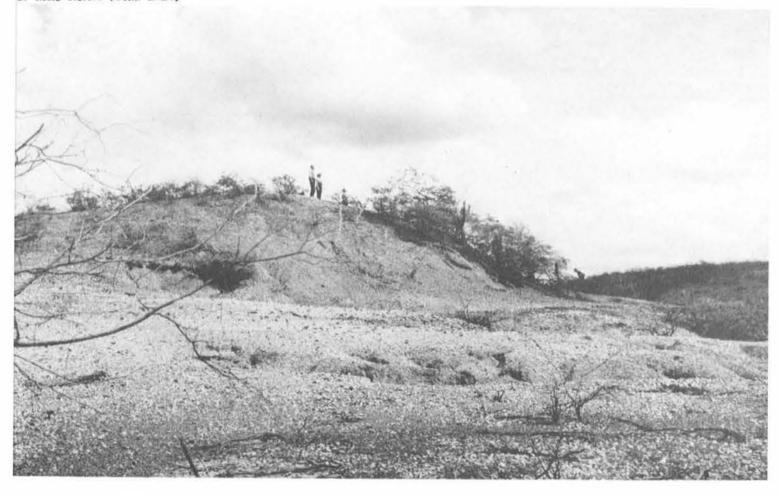
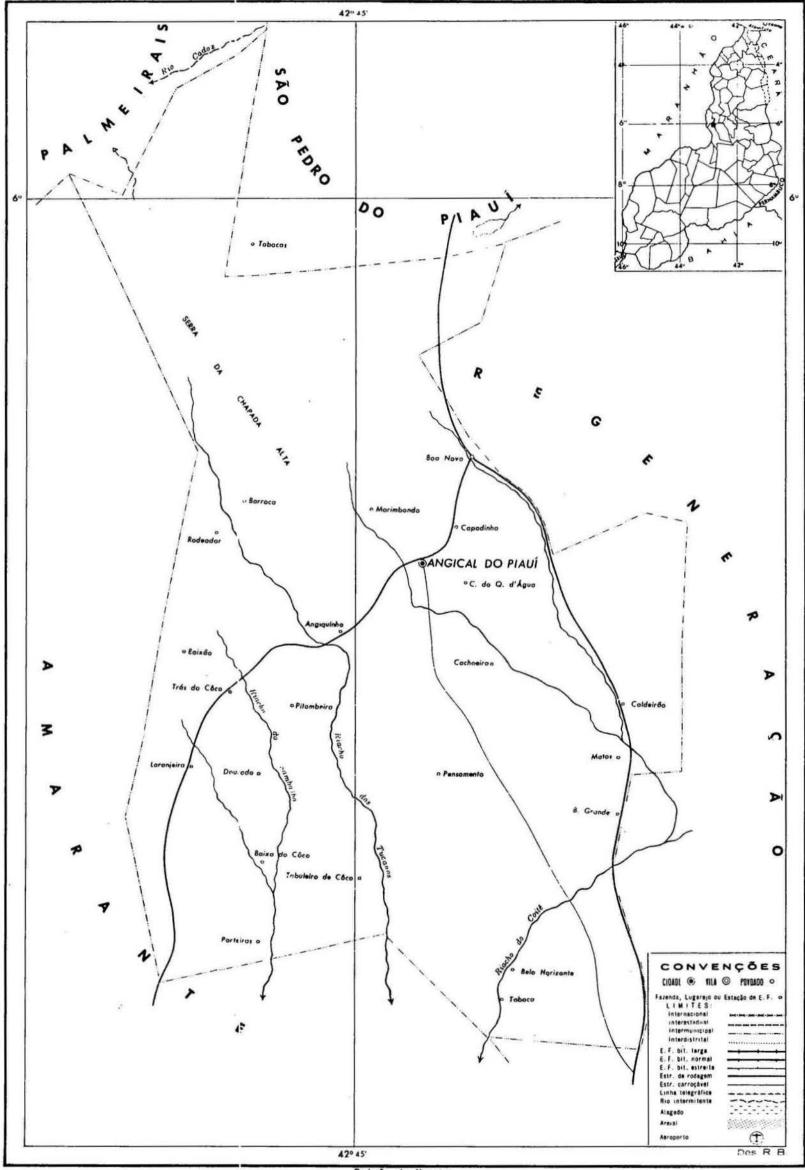
Município de SÃO MIGUEL DO TAPUIO

Projeção de Mercator
ESCALA 1:500 000
(1cm = 5 km)
5km 0km 5 10 15 20km

Divisão Territorial em 31-VII-1956

Município de Simplício Mendes — Piauí *(Fotos C.N.G. 3 551 e 3 620 — T.J.)*

Simplício Mendes acha-se na região do devoniano inferior constituído, de um modo geral, por arenitos e folhelhos, com predominância daqueles. Localmente, podem ser encontrados calcáreos, conglomerados e concreções ferruginosas na superfície. A erosão diferencial tem como resultado a formação de "cuestas" e plataforma estruturais. Na região de Simplício Mendes, estas "cuestas" de modelado suave com mergulho para oeste, são capeadas por um conglomerado, cuja desagregação dá em resultado um solo de seixos, muito típico do Meio Norte. *(Com. L.B.)*

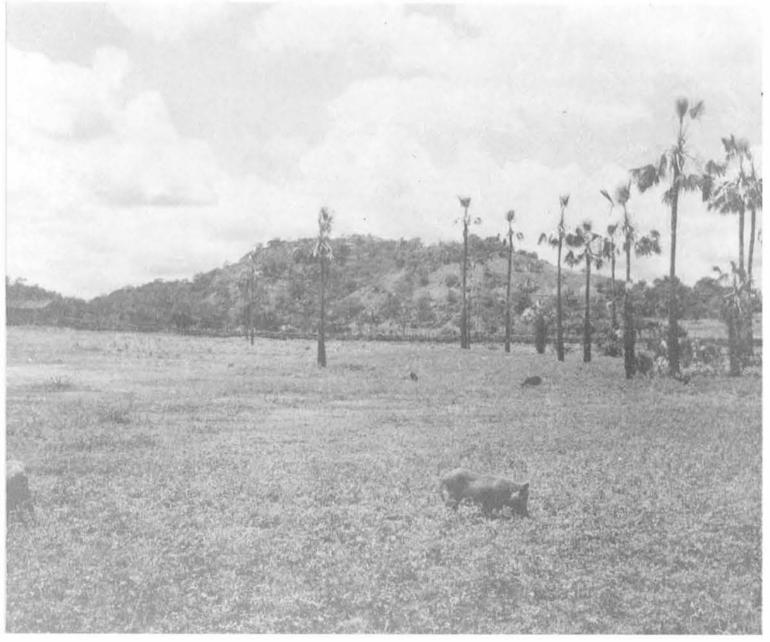
Projeção de Mercator
ESCALA 1: 100 000
(1cm = 1 km)
1km 0km 1 2 3 4km

Divisão Territorial em 31-VII-1956

lume expressam bem essa paisagem que justifica a denominação tomada pela formação Picos, de suma importância para a reconstituição do passado piauiense. Nos seus arenitos intercalados a folhelhos, sílticos arroxeados, inserem-se alguns fósseis (trilobitas, gastrópodos, lamelibrânquios).

Temos, então, argumentos suficientes para supormos que o mar deveria entrar livremente nessa parte do Piauí, por ocasião do devoniano inferior e mesmo no início do médio. Os nódulos hematíticos, muito disseminados entre essas rochas, comprovam-nos a existência de fase climática quente que permitiu a concentração do óxido de ferro. Como é fácil perceber, a sedimentação efetuou-se de leste para oeste, do devoniano inferior (Serra Grande) ao permo carbonífero (limites com o eixo do Parnaíba).

Nas regiões de Piripiri, Pedro II e Valença do Piauí, o modelado monoclinal intercala-se com testemunhos cujos arenitos resistentes e silticos alternam-se com bancos menos espêssos contendo poucos folhelhos. Estas são as características da formação Cabeças — devoniano médio.

A estratificação dessa maneira apresentada nos terrenos do Piauí favorece, sobremodo, à evolução do modelado. Se a alternância é mais homogênea, surgem plataformas estruturais entalhadas nas encostas e outras elevações separadas pela erosão constituindo "inselberge" — numerosos na região que se estende a leste de Teresina, projetando-se entre êles as depressões semi-áridas.

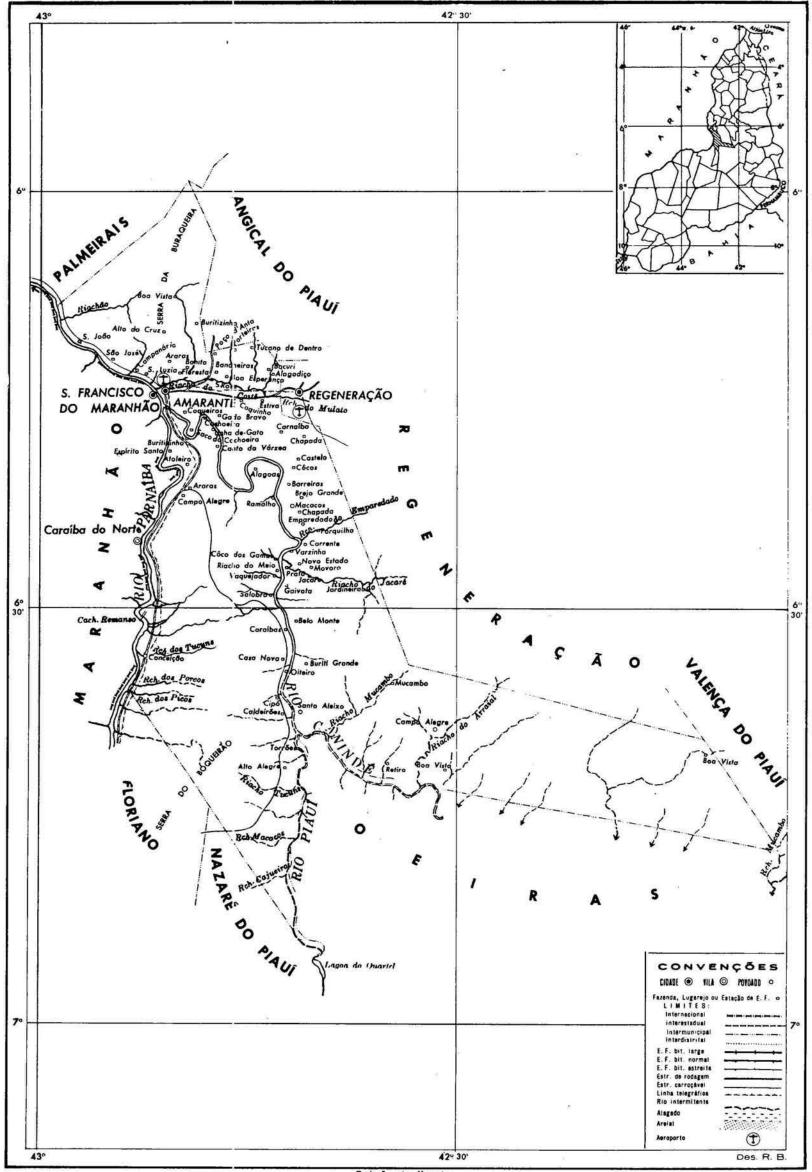
Recobrindo o tôpo das elevações sedimentares há uma carapaça ferruginosa que proporciona nas encostas o aparecimento de cornijas, cujo perfil

Município de Simplício Mendes — Piauí *(Foto C.N.G. 3385 — T.J.)*

Em primeiro plano, observa-se um vale bastante amplo de fundo chato, aproveitado como pasto. Cobre-o uma vegetação ruderal, restando algumas carnaúbas como resquícios da vegetação primitiva.

Ao fundo, um relêvo tabular, na sua parte mais alta, reflexo da estrutura sub-horizontal, constituindo um "inselberg" modelado nos sedimentos. Nesta região mais elevada instalou-se uma vegetação de cerrado. *(Com. M.G.C.H.)*

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:500 000
(1cm = 5 km)

Divisão Territorial em 31-VII-1956

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. — T.J.)*

Entre Picos e Jaicós o relêvo se apresenta bastante dissecado pelos afluentes do rio Canindé. É uma região de "cuestas", podendo-se perceber a suave inclinação das camadas para oeste.

Quanto ao aspecto da vegetação, predomina, no alto da superfície, o cerrado, enquanto que na parte inferior ocorrem elementos da caatinga e do cerrado, em mistura. *(Com. M.G.C.H.)*

abrupto, revela o efeito da erosão diferencial nessas formações.

Tal como explicamos com referência às depressões e aos "inselberge", a presença da canga só pode ser entendida pelas condições climáticas de épocas anteriores. As escarpas nítidas formadas por arenitos e folhelhos, em estratificação entrecruzada na formação Passagem do devoniano médio, caracterizam a paisagem entre as cidades de Picos e Oeiras. O fácies petrográfico observado nos arredores da primeira cidade refere-se, como já tratamos, à parte inferior do devoniano médio, pois os vales que se aprofundam permitem a ocorrência de folhelhos e arenitos interestratificados. Surgem nestes vales, relevos assimétricos.

No sopé dos relevos monoclinais há plataformas formadas por "sills" de diabásio onde se pratica alguma agricultura.

A região de Oeiras também se apresenta, nos relevos tabulares, coberta pela crosta de limonita formando cornijas nítidas. A própria cidade acha-se localizada parcialmente em uma plataforma estrutural, observando-se nas encostas, em seu derredor, folhelhos interestratificados no arenito.

O trabalho erosivo do rio Canindé que modificou essa antiga superfície contínua, esculpiu, também, ao longo de seu leito, terraços de diversas altitudes. Entre êles, o de dez metros é de grande importância, recoberto por leitos de seixos rolados, quase exclusivamente constituídos por quartzo.

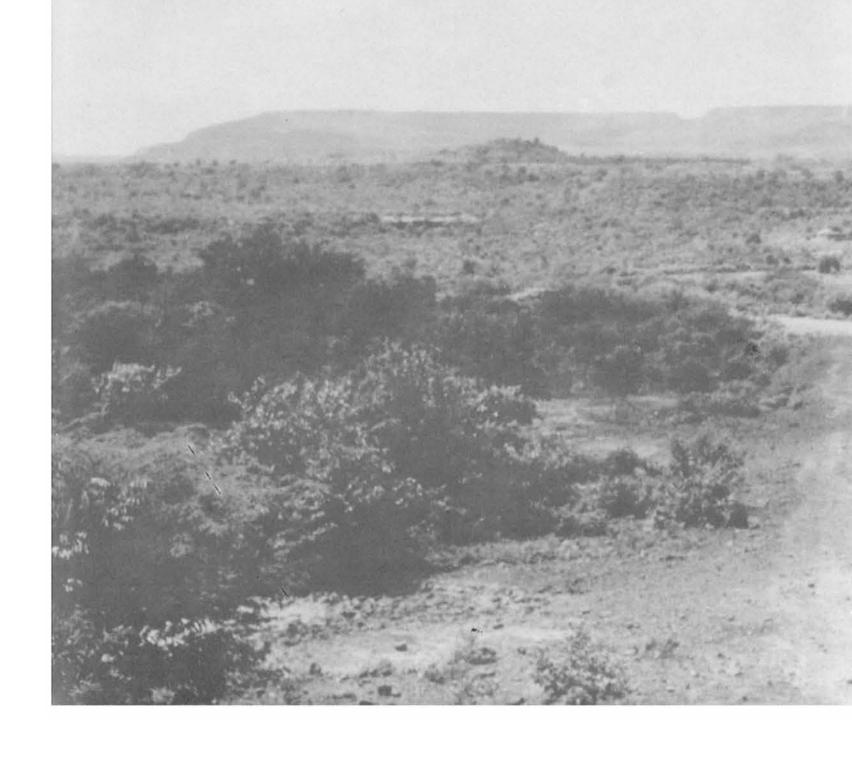
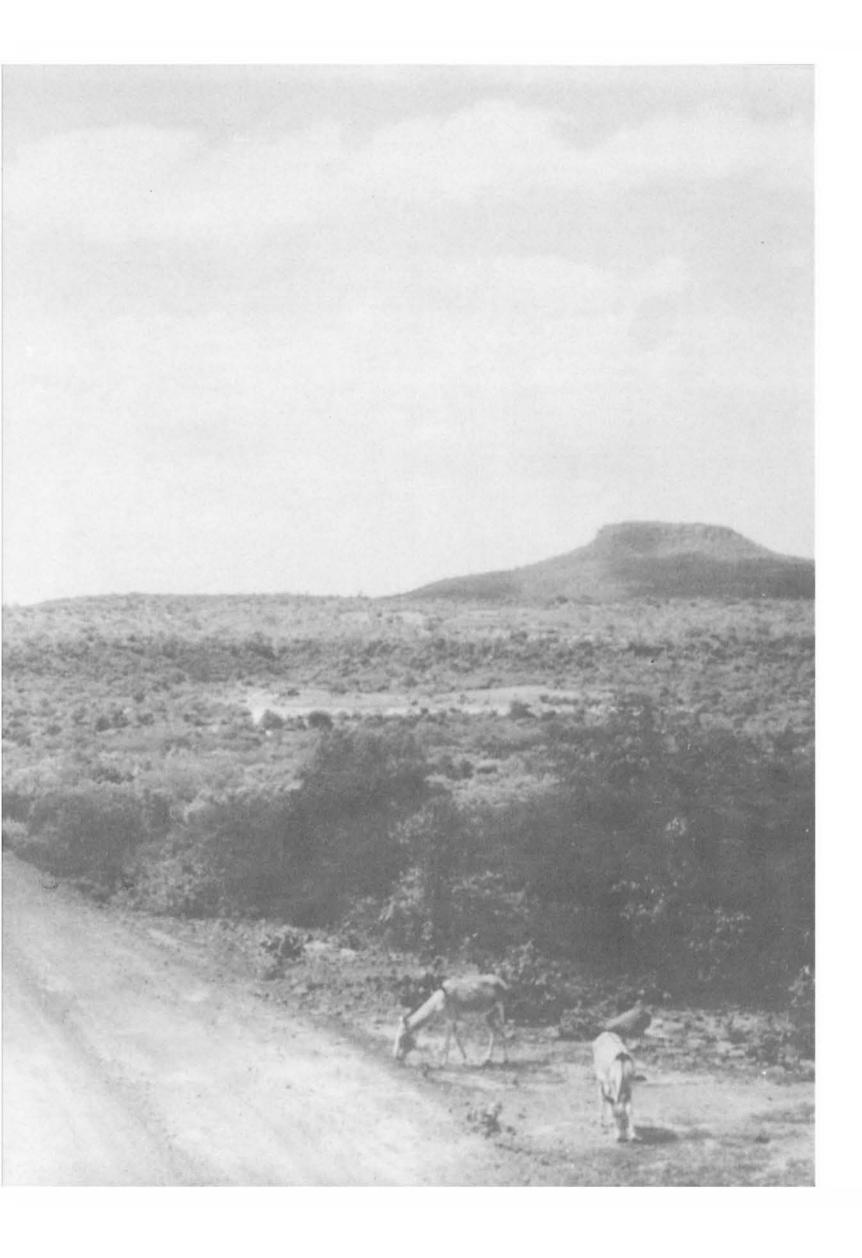
Sôbre essas camadas da formação Passagem — início do devoniano médio — distinguem-se outras de estratificação curvada, com diques de areia, atestando a sedimentação sob condições instáveis. É o chamado membro Oeiras.

O membro Ipiranga — parte superior da formação Cabeças — constitui formas topográficas que lembram chapadas em cujos flancos surgem arenitos Oeiras. A erosão conseguiu aprofundar-se através dessas camadas, ressaltando a formação anterior. As rochas que constituem o membro Ipiranga são de grã fina com intercalações de siltitos menos resistentes que os do membro Oeiras, o que resultou em áreas deprimidas quando a erosão modelou os siltitos.

ÁGUA BRANCA
SÃO PEDRO DO PIAUÍ
ANGICAL DO PIAUÍ
ELESBÃO VELOSO
VALENÇA DO PIAUÍ
AMARANTE
REGENERAÇÃO
CHAPADA GRANDE
CONVENÇÕES
CIDADE VILA POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
internacional
interestadual
intermunicipal
interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
Des. A. L.

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. 3413 — T.J.)*

O pequeno morro em forma de mesa e a chapada que aparecem em último plano, na fotografia, constituem os remanescentes da alta superfície, resultado da dissecação levada a efeito pelos cursos dágua que cortam a região.

A fotografia deixa ainda entrever um outro nível, onde ocorrem afloramentos e derrames de diabásio, responsáveis pela existência de solos férteis que oferecem melhores possibilidades a um maior aprovitamento agrícola. *(Com. M.G.C.H.)*

A sedimentação Devoniana culmina com a formação Longá, também de arenitos de estratificação entrecruzada, intercalados por siltitos e folhelhos.

A passagem do Devoniano para o Carbônico é assinalada por hiatos, inconformidades que indicam as perturbações no ritmo da sedimentação nesta época. O material de origem marinha, lacustre e terrestre, revezados, determinou no Piauí, por essa ocasião, as transgressões e regressões marinhas. Não obstante, ocorreu uma paralização da sedimentação entre o Devoniano e o Carboniano, época em que se processou o período erosivo. Pela erosão ora predominavam os processos típicos de um clima equatorial úmido, ora, desérticos. Nesta alternância depositaram areia e outros materiais sôbre os terrenos pré-existentes. Os sedimentos que, por certo, se foram acamando fossilizaram uma topografia e eram provàvelmente oriundos de regiões orientais e meridionais.

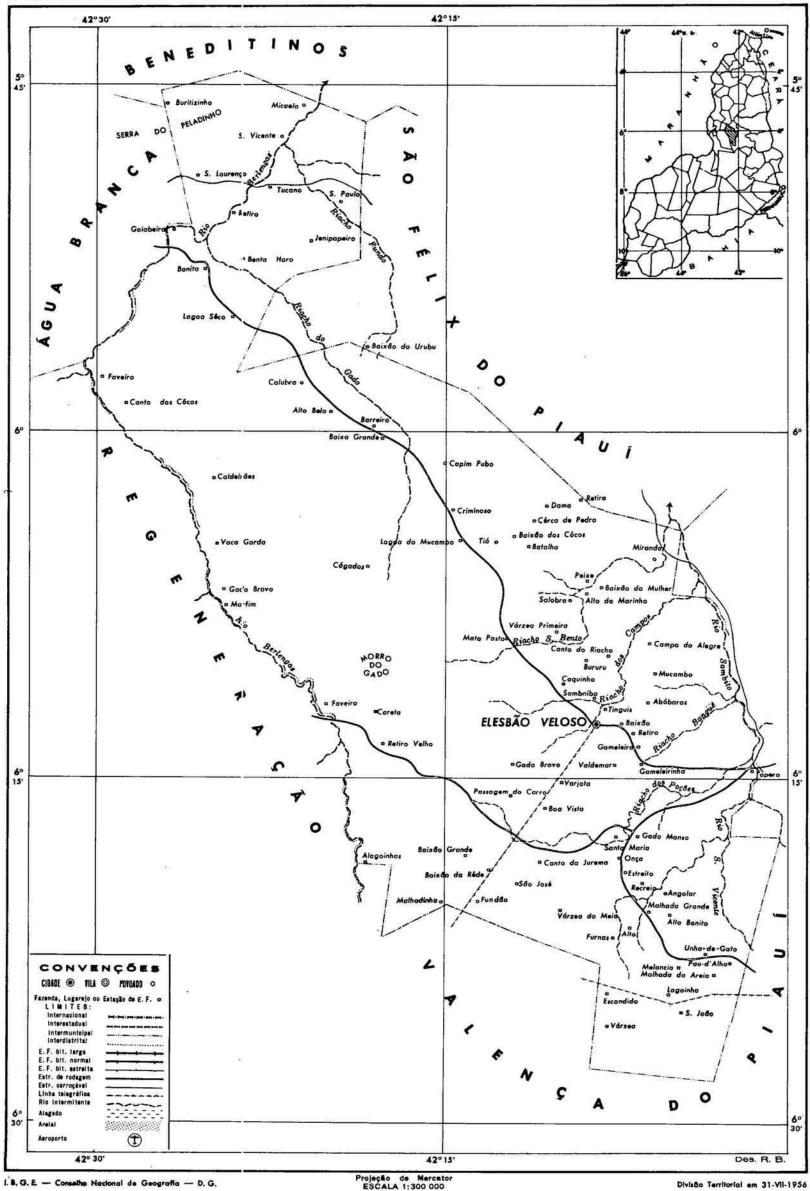
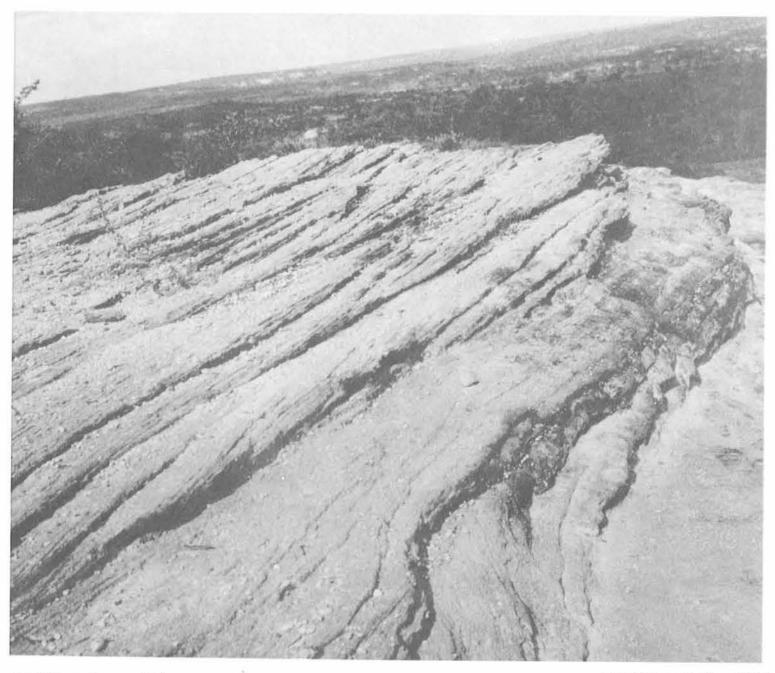
Após a deposição verificada no Devoniano, o pacote sedimentar, em virtude do seu pêso, provocou afundamentos de leste para oeste, constituindo deformações no fundo da bacia e confirmando, por conseguinte, o que já falamos acêrca do decréscimo dos níveis nessa direção. Tal fato foi na região, o responsável pelas anomalias das camadas, isto por causa dos movimentos tectônicos que influíram nos dobramentos e que, durante o Carbonífero, foram muito fracos. As transgressões marinhas, deram-se no Piauí, durante o Dinanciano e Uraliano. A última transgressão foi de menor importância, em virtude da ocorrência de dobramentos Hercinianos que originaram dobras de fraco raio de curvatura. Posteriormente, verificou-se

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. 3378 — T.J.)*

A oeste da cidade de Picos, a localidade de Mimoso é caracterizada pela presença de rochas sedimentares dispostas em camadas quase horizontais. Elas inclinam-se em direção ao eixo do rio Parnaíba, tal como as demais formações paleozóicas da região de "cuestas", do Piauí.

A formação Pimenteiras (devoniano inferior), nesse local se faz representar, em seu andar inferior, pelo membro "Itaim", onde o arenito é avermelhado. Em virtude da grana muito fina, êle se torna coeso, responsabilizando-se, portanto, aí, pelas esfoliações e diaclases em várias direções. *(Com. C.R.M.)*

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)
5km 0km 5 10km

Divisão Territorial em 31-VII-1956

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. 3 361 — T.J.)*

Afloramento de arenito conglomerático Riachão. As camadas têm inclinação fraca, achando-se recobertas e intercaladas por leitos de seixos. Segundo Wilhelm Kegel essa formação revela um caráter costeiro. O último plano da fotografia mostra vários níveis tabulares que foram trabalhados pelo rio Riachão. *(Com. C.R.M.)*

uma grande regressão marinha e um consecutivo rejuvenescimento da rêde hidrográfica. Neste período, na foz dos rios, desenvolveram-se vegetais responsáveis pelos depósitos de carvão existentes na região.

Os terrenos permo carboníferos, pela sua fraca movimentação, ocasionaram formas de fraca inclinação, lembrando chapadas como aquelas observadas a leste de Teresina. Atualmente, a rêde hidrográfica, em função de um nível de base mais baixo, entalhou fortemente êstes terrenos, isolando uma série de formas de relêvo que dominou a paisagem circunvizinha e que lembram aquêles "inselberge" observados na região da planície, com o "kinck" característico. Tais acidentes se encontram nos arredores de Campo Maior e Barras.

Em Amarante, cidade piauiense, localizada sôbre terraços do rio Parnaíba, em uma de suas gargantas, aparece uma série de testemunhos de chapadas. Nesta região as camadas pouco perturbadas determinaram suas formas características, entrevendo-se nos fundos dos vales a estrutura levemente perturbada das formações inferiores que caracterizam as cuestas.

Portanto, a sedimentação nos terrenos do Piauí parece ter sido acomodada sôbre o embasamento cristalino. O entulhamento paleozóico rebaixou a antiga extensão e foi iniciado com os terrenos marinhos Devonianos, culminando no triássico e limitando-se pelo eixo da então formada bacia sedimentar. Movimentos que causaram o desnível geral em direção oeste, após a elaboração da geosin-

CONVENÇÕES
CIDADE VILA POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
internacional
interestadual
intermunicipal
interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
42°15'
42°
5° 45'
6°
6° 15'
ALTO LONGÁ
RIO POTI
SÃO MIGUEL DO TAPUIO
BENEDITINOS
VALENÇA DO PIAUÍ
ELESBÃO VELOSO
SÃO FÉLIX DO PIAUÍ
Prata
S. Carlos
Cana-Brava
Fervedor
Rodeador
Tabuleiro Grande
Santa Luz
Futuro
Boa Nova
Cercado da Égua
Boa Água
Buriti da Cruz
Cantinho
Brejinho
Buenos Aires
S. Luís
S. José
Côco Redondo
Santana
S. Vicente
S. Luís
Tabocas
Baixa da Carnaúba
Nazaré
Canto do Riacho
Côcos
Unha-de-Gato
Alto Belo
Lagoinha
Buena
Francisca
Saledade
Pequizeiro
Elegância
Taco
Sarra Negra
Baixão do Urubu
Urubu
Catumbi
Belo Horizonte
Gamela
Côcos
S. Bárbara
Passagem
Monte Carmo
Várzea
Chapadinha
Mimosa
Salobro
Canto Alegre
Cabritos
Rancharia de Cima
Cap. de Campo
Bela Veneza
Mato Escuro
Baixão do Homem
Pedrês
Rio Rodeador
Rio Sambito
Riacho Cipó
Riacho Fundo
Riacho do Gado
Riacho das Cabeças
Riacho da Areia
Riacho Tábua
Rio Sambito
Riacho S. Bento
MARANHÃO
CEARÁ
BAHIA
Des. R. B.

clinal, foram também responsáveis pelos falhamentos. Embora as falhas não sejam muito numerosas, são mais freqüentes no curso inferior do rio Poti, na direção noroeste. Na estrada de Campo Maior para Castelo, talhada na formação Longá, o diaclasamento volta-se para nor-nordeste e este-nordeste aproximadamente. A ocorrência de perturbações geológicas, nesse trecho, assinala, inclusive, a presença de um "sill" de diabásio com orientação idêntica a da diáclase.

Próximo a Teresina observam-se diáclases que cortam os arenitos e têm orientação N. 35 W. com influência local na rêde hidrográfica. Nas proximidades de Morrinhos, na serra do mesmo nome, há uma ligeira sinclinal moldada nos estratos superiores de siltito e folhelhos. A dissimetria verificada entre seus flancos provém das falhas aí existentes, que demarcam as escarpas de orientação N 65º E.

Outros exemplos de falhas são encontrados em pequenos blocos; assim entre Pedro II e Castelo há uma escarpa com um desnível aproximado de 200 metros. Trata-se de uma escarpa de falha voltada para o nordeste.

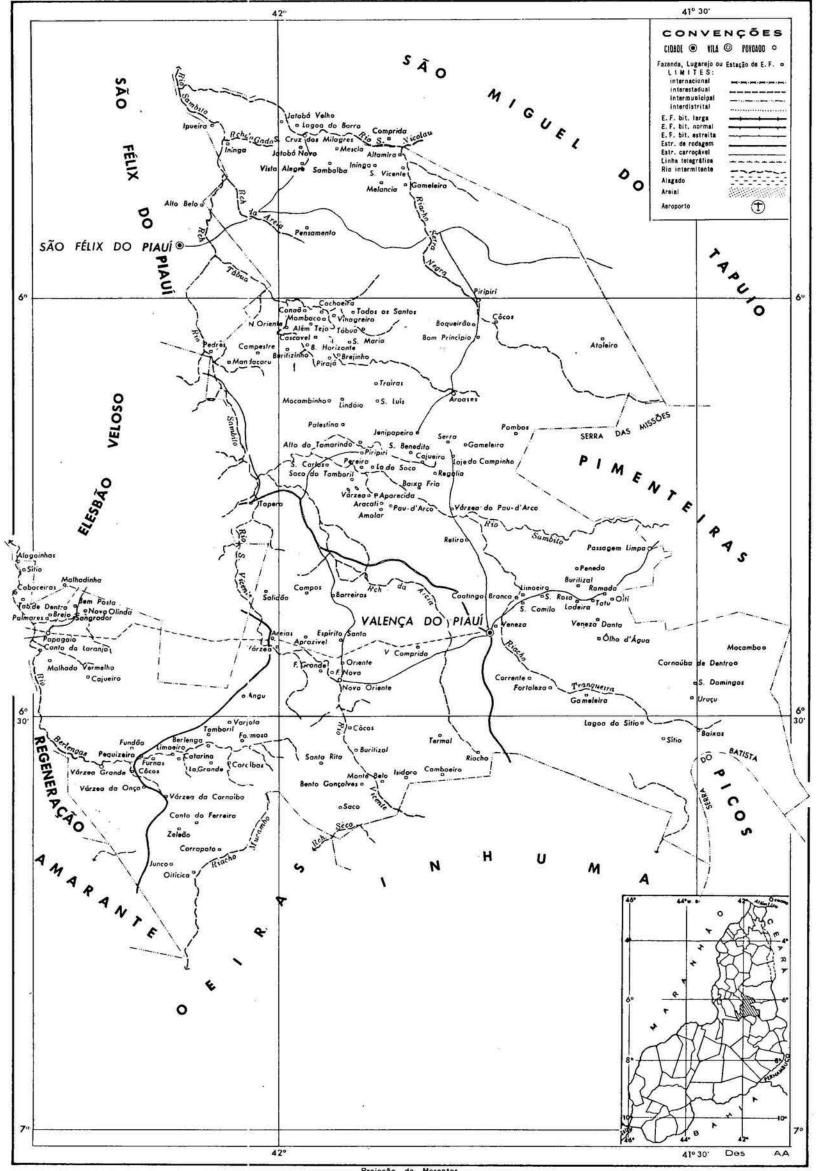
Nas proximidades de Piracuruca, na estrada Piauí—Ceará, vê-se novamente outro exemplo de escarpa de falha.

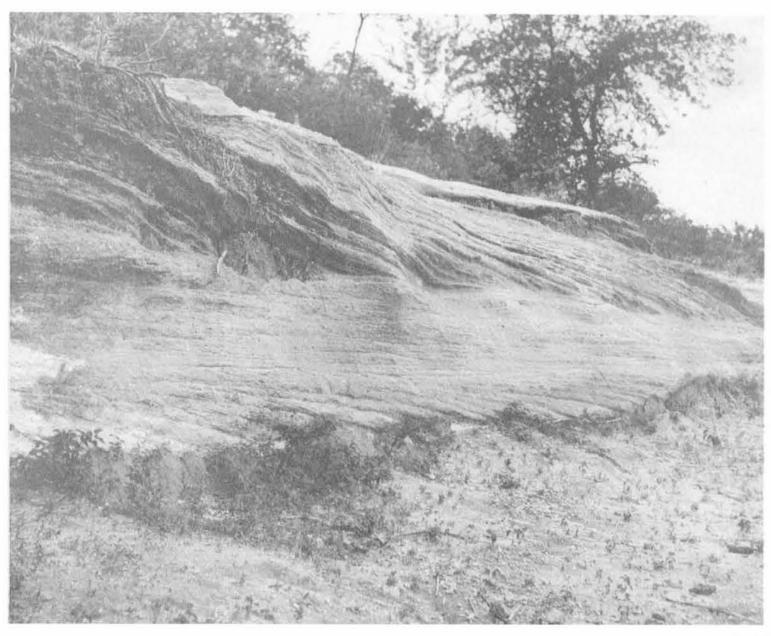
As falhas mais numerosas acham-se nos terrenos pós-devonianos, enquanto que os dobramentos são próprios do Devoniano, principalmente, da formação Pimenteiras. As sinclinais e anticlinais alargam-se, da Serra Grande em direção ao centro, onde se fazem representar os pequenos dobramentos, nos estratos permo carboníferos.

A região da bacia sedimentar paleozóica do Meio Norte, no Piauí, apresenta-se como uma região de subsidência que lhe dá uma individualidade estrutural.

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. 3415 — T.J.)*

Mostra a fotografia um aspecto do relêvo entre as cidades de Picos e Oeiras. É uma região de "cuestas", onde a alta superfície, levemente inclinada para oeste, encontra-se bastante dissecada pelos vales fluviais, que se apresentam, em conseqüência, muito encaixados.

Quanto ao aspecto da vegetação, ocorre neste trecho o "cerrado". *(Com. M.G.C.H.)*

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Divisão Territorial em 31-VII-1956

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. 3360 — T.J.)*

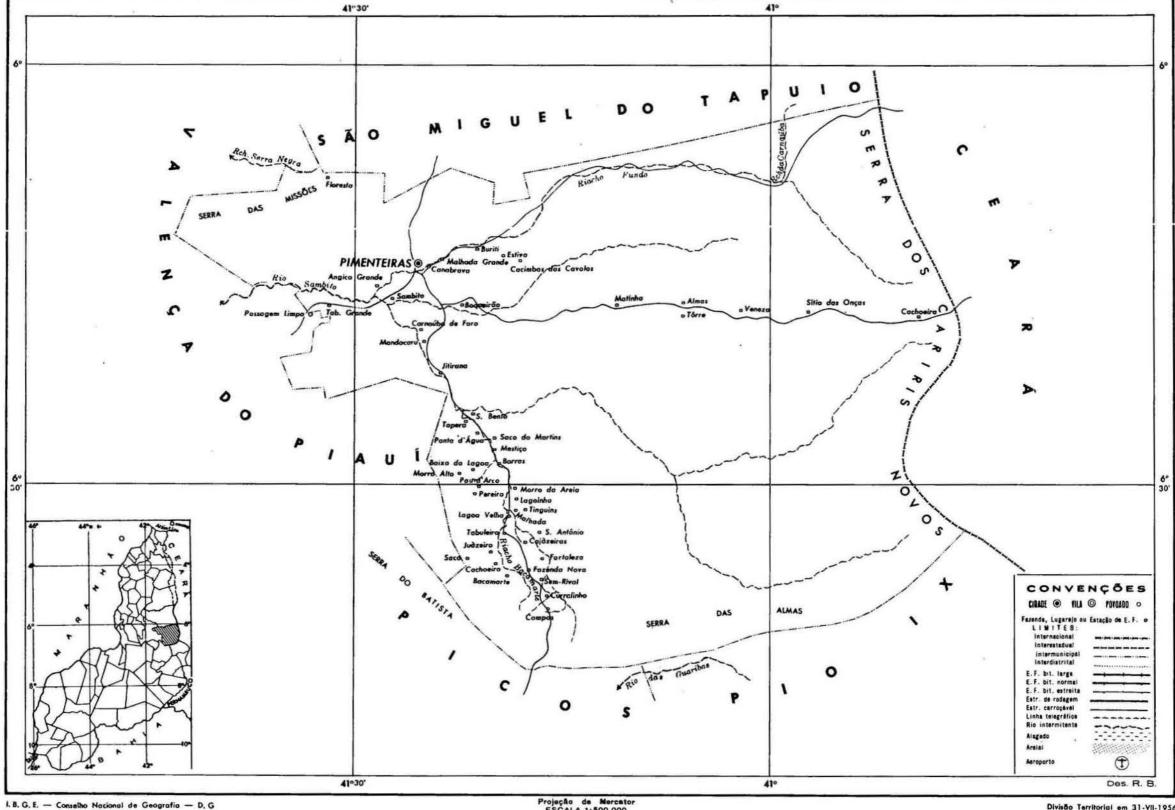
Exemplo típico de estratificação entrecruzada no arenito Riachão. As camadas tomam posições oblíquas e acham-se repletas de seixos de quartzo. Êste fácies característico de zona costeira permite-nos a reconstituição do passado geológico e o entulhamento progressivo que se verificou na bacia sedimentar do rio Parnaíba. *(Com. C.R.M.)*

Como conseqüência da sucessão de climas e das rochas há na região uma série de "cuestas", cortadas por rios que fluem em direção oeste, constituindo importantes boqueirões. O aspecto das "cuestas" entretanto não é mesmo em tôdas as regiões, pois, mercê das variações da geologia e da série de climas diversos, a topografia destaca-se com algumas variações.

Nas áreas próximas ao contato com o cristalino, como na Serra Grande e de Bom Jesus do Gurgueia, cujas inclinações das camadas são mais acentuadas, aparecem formas nìtidamente monoclinais. Mais distante, porém, dêsse local, como nos arredores de Picos e Valença, as inclinações enfraquecem aproximando-se de 1°. As formas de relêvo tomam então aspectos de chapadões. Observando-se mais cuidadosamente, certificamo-nos serem levemente monoclinais. Nota-se, também, que os rios conseqüentes, cortando as formas geológicas do devoniano médio abandonam a grande depressão, moldada no devoniano inferior.

Na parte sudeste do estado do Piauí, as "cuestas" perdem a sua importância. Despontam aí, apenas, algumas elevações de fraca altitude, podendo-se reconhecer as formas monoclinais. A explicação que encontramos para isto é baseada no fato de a região corresponder a uma área de clima mais sêco, onde os processos de desagregação foram mais enérgicos. Conseqüentemente, desapareceram aquelas serras imponentes, restando, apenas, o relêvo rebaixado.

O homem ùtilizou esta topografia menos acidentada para o traçado das vias de comunicações, no plano da ligação ferroviária da capital piauiense com a Bahia.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:500 000
(1cm = 5 km)

As Serra Grande e a de Bom Jesus do Gurgueia funcionam como grandes centros dispersores da drenagem que constituíram mesmo o ponto de partida para o erosão da região. Na primeira a erosão profunda do rio Poti esculpiu um grande boqueirão tendo capturado as cabeceiras do rio Acaraú. Nessa área a erosão ampliou consideràvelmente por processo de pediplanação a área arasada, onde podem se entrever alguns "inselberge". Após correr na depressão periférica moldada no cristalino, o Poti passa a ser o rio conseqüente. Seus afluentes perpendiculares erodiram fortemente a região, constituindo depressões subseqüentes onde podemos ver escarpas que copiam a forma da Serra Grande. A Ibiapaba é separada das outras "cuestas" por depressões amplas que evoluíram em função de climas que se sucederam. Assim, a região de Picos apresenta, a leste, uma grande depressão, dissecada por afluentes do rio Guaribas. As rochas desta escarpa são representadas por arenitos e xistos, intercalados por um "sill" de diabásio, que constitue uma importante plataforma estrutural a meia encosta.

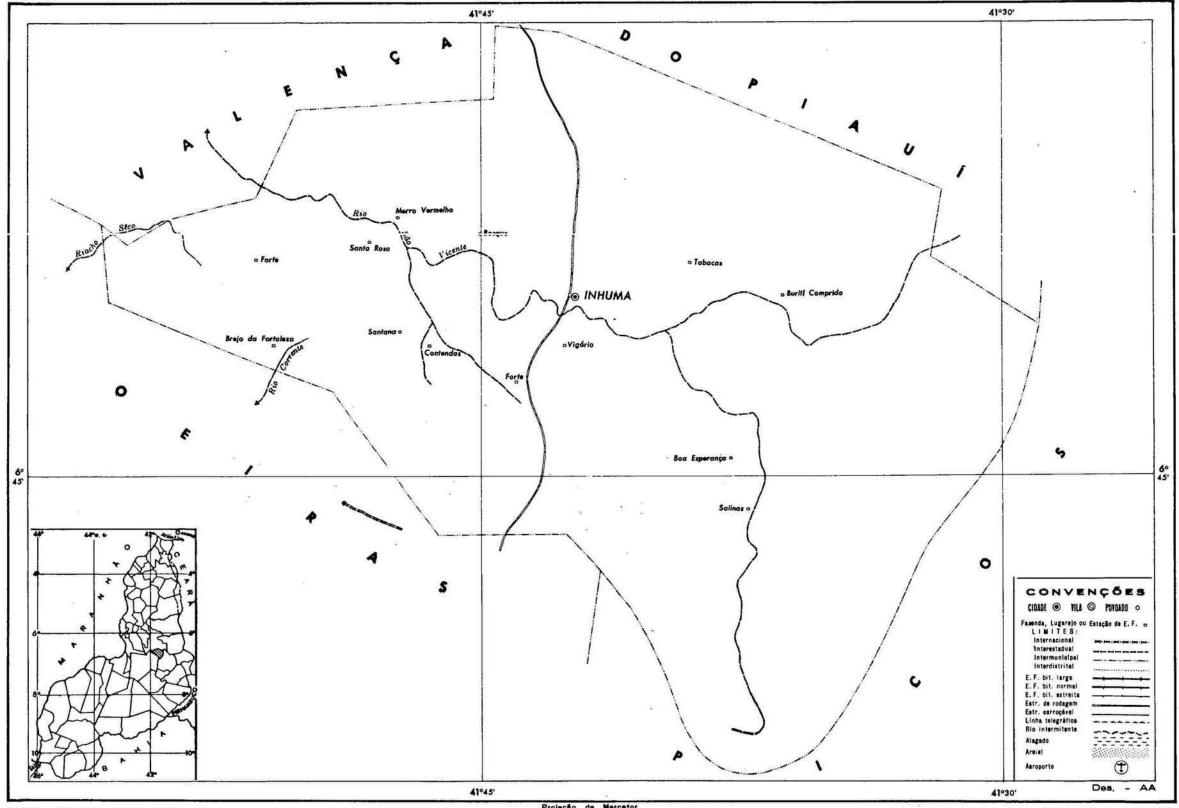
Outras vêzes, as "cuestas" são constituídas por arenitos conglomeráticos de estratificação entrecruzada, tais como as observadas nos arredores de Oeiras.

A presença da carapaça ferruginosa concorreu, no mais úmido período recente, para a preservação das escarpas que, oferecendo grande resistência à erosão, contribuíram, também, para a conservação das "cornijas".

As linhas estruturais que favoreceram ao trabalho erosivo dos rios, permitiram, outrossim, a

Município de Oeiras — Piauí *(Foto C.N.G. 3 397 — T.J.)*

A paisagem da região próxima a Oeiras, conhecida como Brejo de Santo Inácio, é caracterizada por uma série de "inselberge" modelados em rochas sedimentares. A superfície mais elevada é formada por uma crosta de limonita formando uma cornija.

Na base dêstes pequenos "inselberge" existem detritos que formam uma lâmina de vários metros de espessura e que constituem o material de "raña".

A grande depressão do Brejo de Santo Inácio representa uma planura evoluída por pediplanação em função de um clima anterior mais sêco, onde os vales acham-se suavemente encaixados. *(Com. J.X.S.)*

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1: 200 000
(1cm = 2 km)
2,5km 0km 2,5 5 7,5km

Divisão Territorial em 31-VII-1956

Município de Oeiras — Piauí *(Foto C.N.G. 3 627 — T.J.)*

Na região próxima à cidade de Oeiras, predomina uma topografia sub-horizontal, notando-se o aparecimento de uma pequena plataforma estrutural. Há intrusão de diabásio nas encostas, evidenciada na existência de uma vegetação mais densa. *(Com. M.G.C.H.)*

ascenção de lavas básicas dando origem a solos mais ricos sob o aspecto agrícola.

O passado paleoclimático da região sudeste ajudou o esfacelamento das "cuestas" verificado na parte central da região. Sòmente mais a oeste observa-se a passagem para um clima mais úmido quando a erosão fluvial tomou vulto entalhando as formas monoclinais. Os rios da região possuem todos caráter torrencial, fluindo, ùnicamente, durante uma quadra do ano. Além disto correm em direção ao Parnaíba — grande coletor fluvial — localizado na parte ocidental da região.

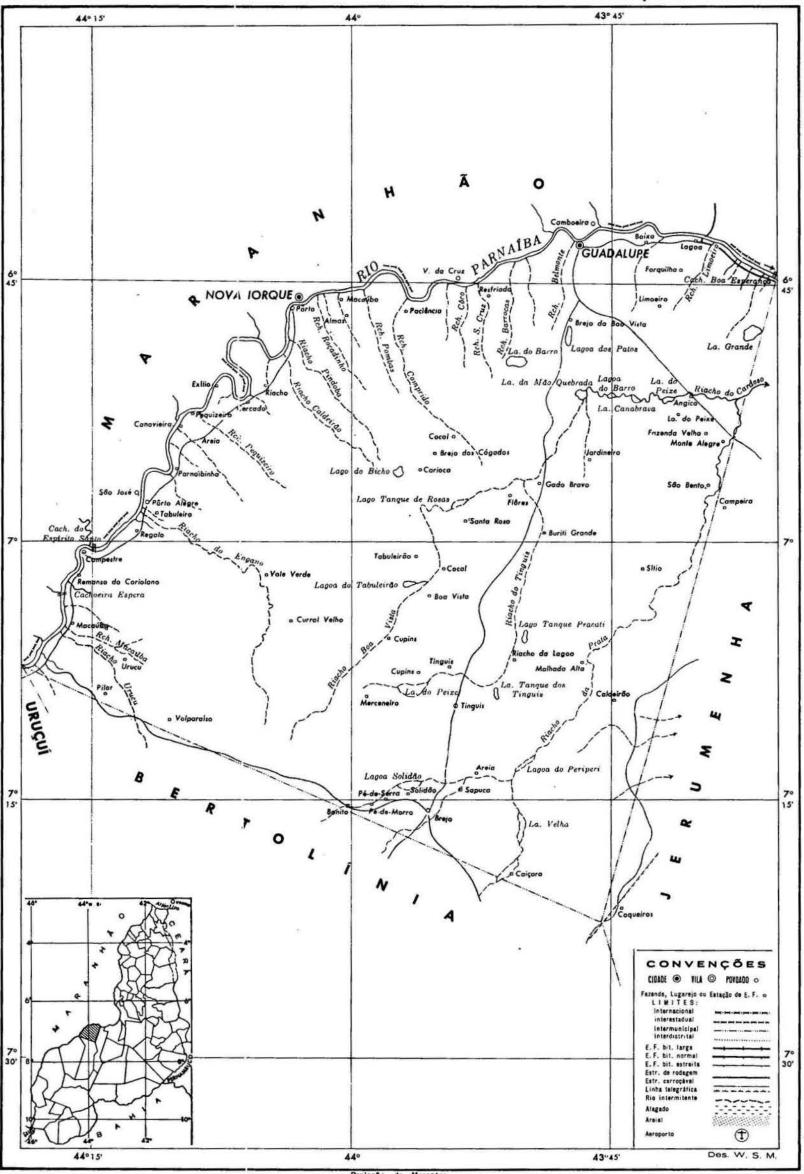
Temos aí rios conseqüentes importantes, tais como: o Poti, Canindé, Piauí, Gurgueia que seguem direções variadas conforme sua localização na região.

Os rios meridionais correm em direção norte como o Gurgueia, o Itaueira e o Piauí; outros, como o Canindé, fluem em direção nordeste, adaptando-se à estrutura regional. Existem algumas adaptações importantes dos rios à linhas rígidas. Assim, o rio Poti apresenta-se segundo a direção nordeste-sudoeste e, após a localidade de Prata, inflete para nordeste. O mesmo fato repete-se noutros afluentes dêstes rios e certamente estão subordinados a fraturas que cortam as camadas.

Na área que abrange as cidades de São Raimundo Nonato e Caracol, no Sul do Estado, aparece a escarpa de uma "cuesta", com inclinação levemente dirigida para noroeste. Domina, geològicamente, uma região cristalina, caracterizada pela presença de vários "inselberge". A depressão pe-

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:400 000
(1cm = 4 km)

Divisão Territorial em 31-VII-1956

riférica, no caso apontado, foi delineada, posteriormente, em condições climáticas úmidas que sucederam a climas desérticos, quando se ampliaram, por processos de pediplanação, as planuras.

As "cuestas" nesta região têm direção leste-oeste, aproximadamente, com um desnivelamento, mais ou menos de 200 metros, deixando perceptíveis algumas plataformas estruturais.

Os afluentes do rio Piauí são responsáveis pela dissecação profunda dessa depressão periférica. Atravessam a frente da "cuesta" por uma imponente garganta na cidade de São João do Piauí.

Em direção a oeste da grande região de "cuestas", nos trechos que se aproximam do eixo do Parnaíba, como já nos referimos, as "cuestas" perdem, gradativamente, a sua predominância. Verifica-se, aí, então um domínio topográfico entregue mais a relevos residuais resultantes dos trabalhos efetuados pelo mesmo rio e seus afluentes através dos vários ciclos paleoclimáticos e atuais.

Conclui-se, por conseguinte, que a região de "cuestas", situada à margem oriental do grande geosinclinal do Meio Norte.

Os agentes que a modelaram foram, de certa forma, os mesmos atingidos pelo Nordeste Oriental. Entretanto, com exceção feita à geologia, aquela conseguiu um modelado monoclinal, de fraca inclinação, característica esta que se perde à medida da aproximação do centro da referida bacia.

Ciclos e epiciclos passados e recentes que afetaram essas terras, deram também como na região do sertão nordestino, aparecimento das depressões, dum material de "rañas" e da canga.

Por outro lado, apoderou-se, também, pouco a pouco, uma rêde fluvial com característica de

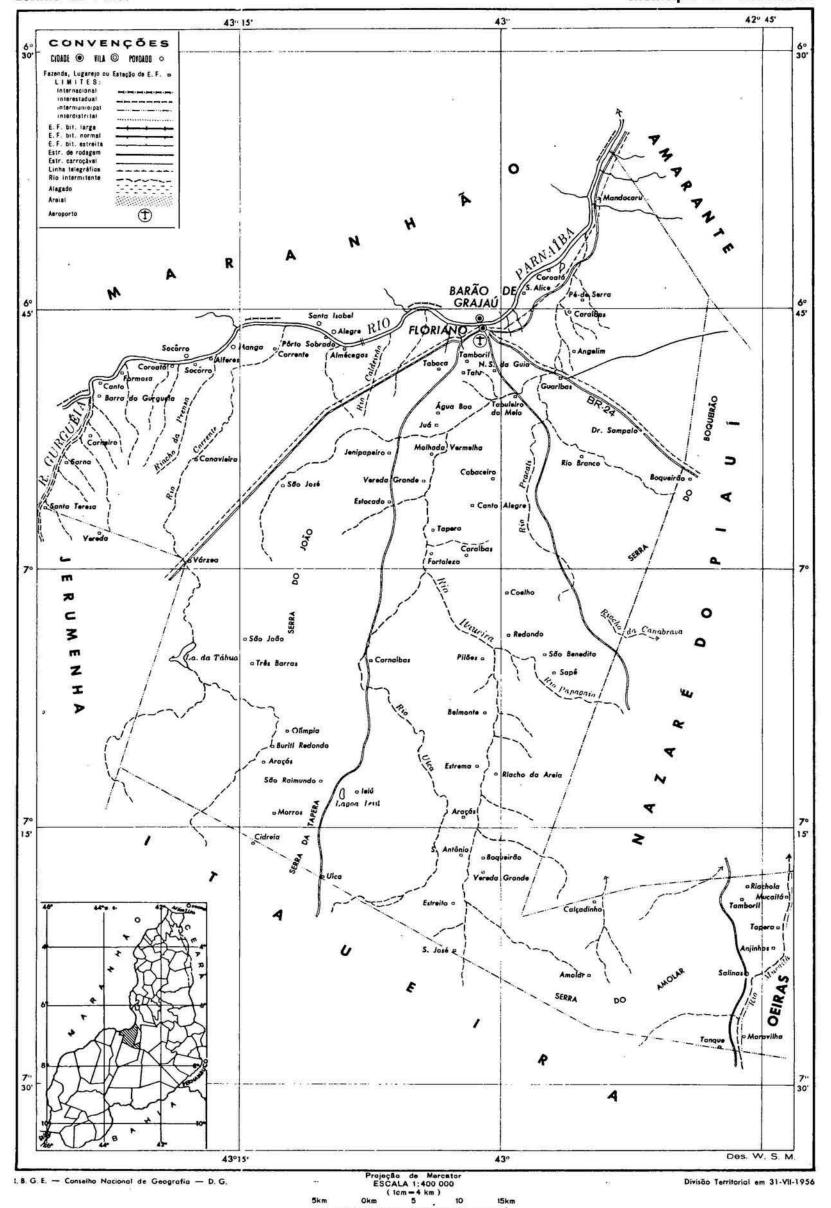
Município de Oeiras — Piauí *(Foto C.N.G. 3 628 — T.J.)*

A fotografia mostra ainda um aspecto do relêvo próximo a Oeiras, domínio do Devoniano Médio. É uma região de modelado tabular, vendo-se ao fundo os remanescentes da "cuesta" primitiva. *(Com. M.G.C.H.)*

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

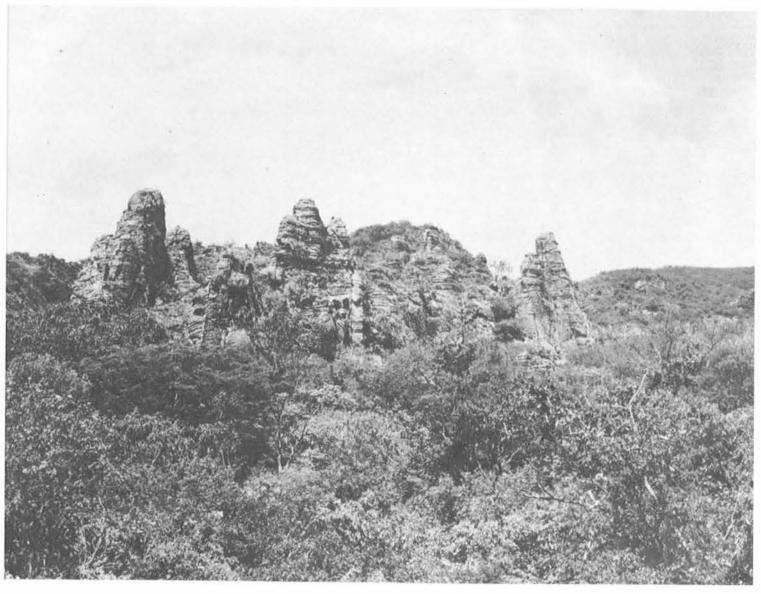
Projeção de Mercator
ESCALA 1:400 000
(1cm = 4 km)

Divisão Territorial em 31-VII-1956

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. 3426 — T.J.)*

Nesta vista panorâmica dos arredores de Picos tem-se um belíssimo exemplo do aspecto do relêvo de uma região de "cuestas" no devoniano médio.

A fotografia mostra uma extensa "cuesta", com um degrau intermediário, marcado pela presença de numerosas roças. A ocupação do solo é mais intensa nestes trechos devido a existência de afloramentos de diabásio, que dão origem a solos férteis. Esta circunstância foi, sem dúvida, uma das causas do desenvolvimento da cidade de Picos, nome que foi inspirado nas formas de erosão dos bordos da "cuesta" aqui focalizada.

Em primeiro plano, observa-se uma vegetação de transição que marca a passagem da caatinga para o cerrado, típica da região de chapadas. *(Com. M.G.C.H.)*

Município de Oeiras — Piauí *(Foto C.N.G. 3417 — T.J.)*

Relêvo ruiniforme, peculiar aos terrenos do devoniano inferior e médio, encontradiço, respectivamente, entre as cidades de Jaicós e Picos e entre esta última e a cidade de Oeiras.

Distingue-se por um modelado curioso contrastante das superfícies planas ou levemente inclinadas circunvizinhas.

O caráter local tomado por essas formas decorre das manifestações tectônicas, aliada à estrutura geológica que, posteriormente, facilitaram-na à erosão.

Tal como ocorreu, em parte, nos arenitos da cidade de Vila Velha, Paraná, essa topografia aos poucos se divide, vindo a constituir, formas isoladas, tomando cada uma delas um aspecto diferente. Observando-se a fotografia com detalhe, percebe-se alguns blocos tendendo a se isolar do restante do modelado.

Na base das elevações, a vegetação da caatinga domina o solo arenoso, advindo da desagregação dos arenitos. *(Com. C.R.M.)*

regime torrencial que culminou com o quadro geográfico piauiense nìtidamente marcado por uma extensa paisagem de "cuestas".

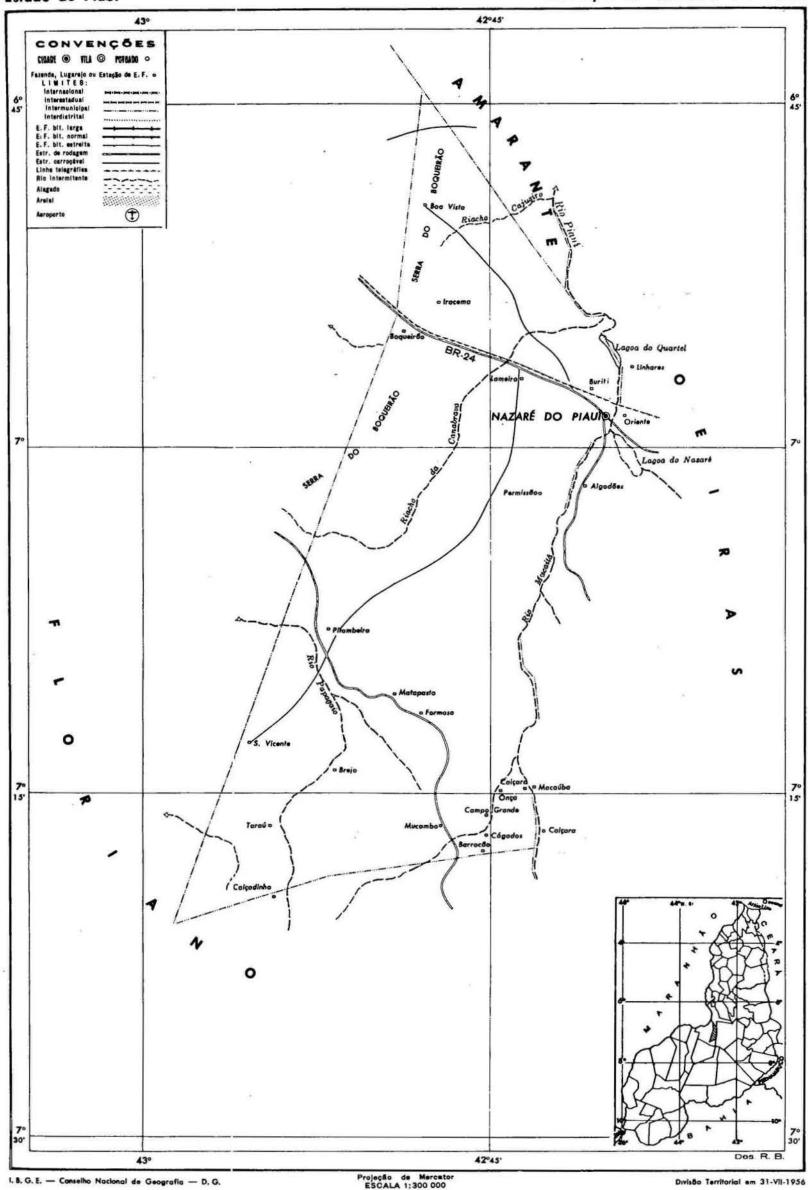
Nos altos níveis cujo basculamento em direção ao eixo da direção da bacia evoluiu à mercê da rêde fluvial, encontram-se superfícies rasas, limitadas pelo reverso das "cuestas" ou pelos "inselberge". Constituem também depressões que, segundo vários autores, formaram-se no decorrer da evolução hidrográfica. Apresentam-se com características próprias, dependendo do trecho em que se formaram, isto é, em razão das condições locais geológicas e climáticas.

Abrangendo apenas a região de ligação entre o sudoeste de Piauí e o nordeste oriental acham-se as depressões periféricas. De fato, elas se desenvolvem no sopé dos escarpamentos, ocupando áreas amplas, principalmente a sudeste do Piauí onde o clima é mais forte. Assim as depressões periféricas localizadas próximas aos limites dessas duas regiões, dominam vários quilômetros de diâmetro, existindo, entretanto, outras que têm um diâmetro, aproximado de 300 metros, ocupadas por água durante certo período do ano.

Observa-se, nestas depressões, uma diferença no material que as cobre, entre os bordos cobertos de argila e o centro, com areias. Dir-se-ia tratar-se de um efeito de carreação da própria argila causado pelo lençol de escoamento difuso. No fundo de algumas, êsse fenômeno é muito acentuado verificando-se o aparecimento de um solo poligonal fôfo. Tais tipos, demasiadamente argilosos, são mais fre-

Estado do Piauí **Município de NAZARÉ DO PIAUÍ**

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)
5km 0km 5 10km

Divisão Territorial em 31-VII-1956

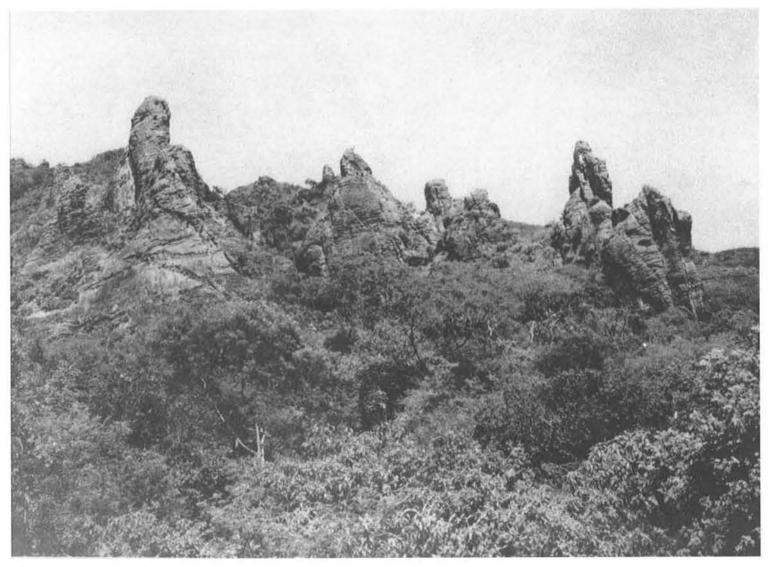
qüentes no membro inferior do devoniano inferior — o membro "Itaim". Rico em arenitos sílticos de grã fina e folhelhos, fornece muita argila, diferenciando-se assim do membro "Picos".

Geralmente as depressões periféricas, acham-se totalmente recobertas nos sopés das elevações pelas "rañas" que relacionadas à semi-aridez apresentam-se como lençóis espessos e contínuos, contendo fragmentos de limonita. A presença desta última reforça-nos a hipótese de uma alternância de clima e a existência de uma estação sêca anterior àquela responsável pela formação das "rañas".

Em virtude das condições atuais não poderem modelar as depressões periféricas, estas só se explicam por um trabalho executado no passado, quando as condições climáticas assim permitiram: provàvelmente, durante o pleistoceno.

Semelhante com o ocorrido no Nordeste Oriental quanto à Borborema — centro dispersor paleo fluvial — a Serra Grande, a serra dos Dois Irmãos, a serra Tabatinga, constituem os pontos de divergência das diferentes caudais. Como tivemos oportunidade de verificar nas páginas anteriores, há indícios, na Serra Grande, de mudança de regime e direções dos rios, em épocas geológicas passadas.

É difícil, sem dúvida, precisar a época em que surgiram as primeiras depressões periféricas, porém é possível que tenha sido no permiano.

Acompanhando-se a modificação dos climas regionais, nos cursos dos períodos geológicos, através de sucessivos mapas, paleoclimáticos, temos ocasião de perceber que o equador terrestre oscilou, motivando uma sucessão de climas úmidos e áridos. No pleistoceno, as depressões periféricas que esboçaram-se as atuais, foram palco de ações climáticas diversas que conduziram a região à sua topografia atual.

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. 3425 — T.J.)*

Formas grotescas, ponteagudas, por vêzes, destacam-se em meio à paisagem caracterizada pelo relêvo monoclinal, no Piauí. Justificando, assim, o nome que recebeu — Picos — êsse membro superior da formação Pimenteiras (devoniano inferior) tem sido modelado pelos agentes erosivos eóleos e pluviais.

Aproveitando as linhas estruturais menos resistentes, do arenito de grã média, as suas formas vão se acentuando. As camadas de estratificação horizontal apresentam-se, em alguns pontos, com grande perturbação. Nessas formações ocorrem alguns fósseis de animais marinhos (gastrópodos, lamelibrânquios, trilobitas), que nos fornecem elementos para se afirmar a existência de transgressão marinha, pelo menos, nessa época do devoniano. *(Com. C.R.M.)*

AMARANTE
VALENÇA DO PIAUÍ
INHUMA
PICOS
ITAINÓPOLIS
SIMPLÍCIO MENDES
SÃO JOÃO DO PIAUÍ
CANTO DO BURITI
ITAUEIRA
FLORIANO
NAZARÉ DO PIAUÍ
OEIRAS
BR-24
CONVENÇÕES
CIDADE VILA POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
MARANHÃO
CEARÁ
BAHIA
Des. - AA

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. 3 332 — T.J.)*

Como exemplo ainda do relêvo na "paisagem de picos" estão as elevações de topo abaulado, contrastando com as formas ponteagudas, fornecidas pelos arenitos. A fotografia mostra os dois exemplos muito aproximados, a 25 quilômetros da cidade de Picos. As camadas mantêm-se ligeiramente inclinadas, dispostas na formação à esquerda da foto. Não obstante a superfície eriçada, contígua à anterior, expressa através da estratificação entrecruzada, as falhas de pequenos rejeitos, conseqüentes dos movimentos tectônicos de fraca intensidade dão, às vêzes, um caráter muito local à topografia do devoniano, no Piauí. *(Com. C.R.M.)*

As depressões semi-áridas correspondem a regiões, outrora planas e altas, submetidas, ulteriormente, ao clima úmido. ocasionando o aprofundamento dos vales. No pleistoceno, as condições endoreicas, em. uma das fases de acentuada semi--aridez, determinaram a ampliação das áreas que foram rebaixadas por processos de pediplanação. Formou-se uma carapaça, constituída pela canga, que às vêzes alcança um metro e meio de espessura, que sofreu, posteriormente, a ação de condições climáticas úmidas que a fragmentaram, na parte superior, em blocos esparsos. Conseqüentemente, surge, na parte inferior, um solo integrado pela canga pisolítica.

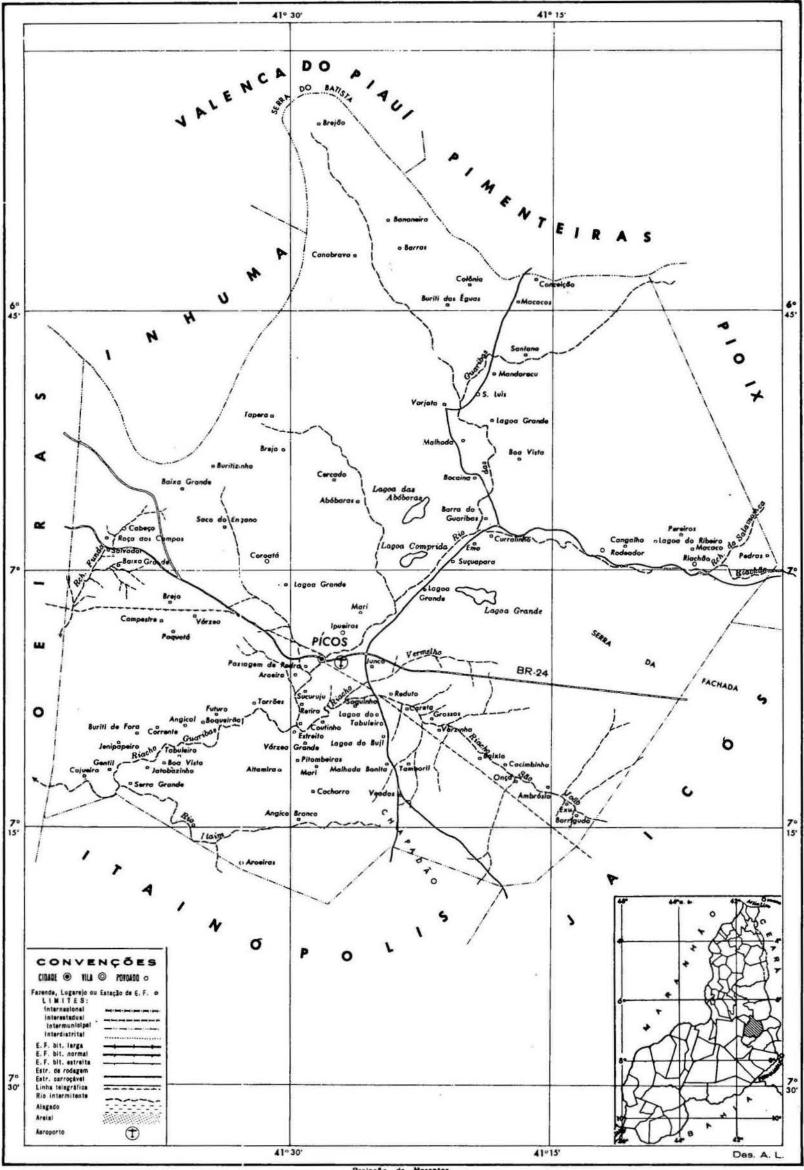
Formam, pois, essas superfícies, enormes anfiteatros, rodeados por elevações sedimentares, balizadas por escarpas verticais com alternância de camadas de arenito e folhelhos, onde se vêem plataformas estruturais marcadas por visíveis rupturas de declive. E o que se verifica na região drenada pela bacia do Piracuruca, abrangendo a cidade do mesmo nome, em tôrno da região de Piripiri, Canto do Buriti, Campo Maior e Barras.

Êsses trechos deprimidos no Piauí apresentam-se também recobertos pelo material de "rañas" que ocupa grande extensão.* A disposição dos seixos tem explicação na hidrografia e nos climas pretéritos. Formaram-se, principalmente, em função da mudança de regime de precipitações. As condições climáticas favoreceram a destruição superficial das rochas, desagregando-as, formando seixos e deslocando-os até depositá-los numa superfície mais baixa.

Antes de sua formação, o modelado da região deveria ser diferente daquele que hoje se observa.

* Palavra corruptela de uma denominação africana "rag" — formação freqüente no "continente negro" Na Península Ibérica, essas formações se repetem e a palavra foi pluralizada para "rañas", através da língua espanhola.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:400 000
(1cm = 4 km)

5km 0km 5 10 15km

As "rañas" provieram da destruição das elevações, que se depositaram no sopé das encostas, desenvolvendo-se até as partes mais baixas. Seu material ficou distribuído segundo suas dimensões: localizando-se os mais finos longe das elevações. Deve-se ao trabalho do vento, carregado de grãos de areia, a eolização dos seixos, o que se efetivou quando o clima deveria ser árido.

Percebe-se, abaixo do depósito das "rañas", o trabalho da erosão em lençol, que, carreando a argila, deixa na superfície uma grande quantidade de seixos, disseminados em grande extensão no Meio Norte.

As "rañas" ocupam regiões muito amplas nos arredores de Campo Maior e Piracuruca, havendo depressões locais formadas por êste material. Um elemento ferruginoso bastante trabalhado surge em suas margens esboçam-se pequenos desabamentos locais que são denominados "terrenos rañizos".

Pode-se dizer que êstes últimos depósitos de "rañas" característicos do Centro e do Norte do Piauí são muito espessos, formando verdadeiras carapaças e além disso se mostram recobertos localmente pela argila e canga pizolítica.

Formam-se muitas vêzes nas "rañas" bolsões que acumulam um material muito grosseiro. Êsse exemplo, pode ser observado nas regiões meridionais do Piauí, onde o material se apresenta com uma estratificação pouco nítida.

Verifica-se em outras regiões, uma superposição de "rañas", reforçando as conclusões sôbre os ciclos climáticos. A circulação da água nas "rañas" provoca a deposição da limonita que culmina com a formação de uma verdadeira couraça. Neste caso, os seixos apresentam superficialmente côr avermelhada por causa da impregnação do óxido de ferro, tal como os encontrados nos arredores de Campo Maior. Além disto são de grande importância para o homem porque nelas, por vêzes,

Município de Floriano — Piauí *(Foto C.N.G. 3 442 — T.J.)*

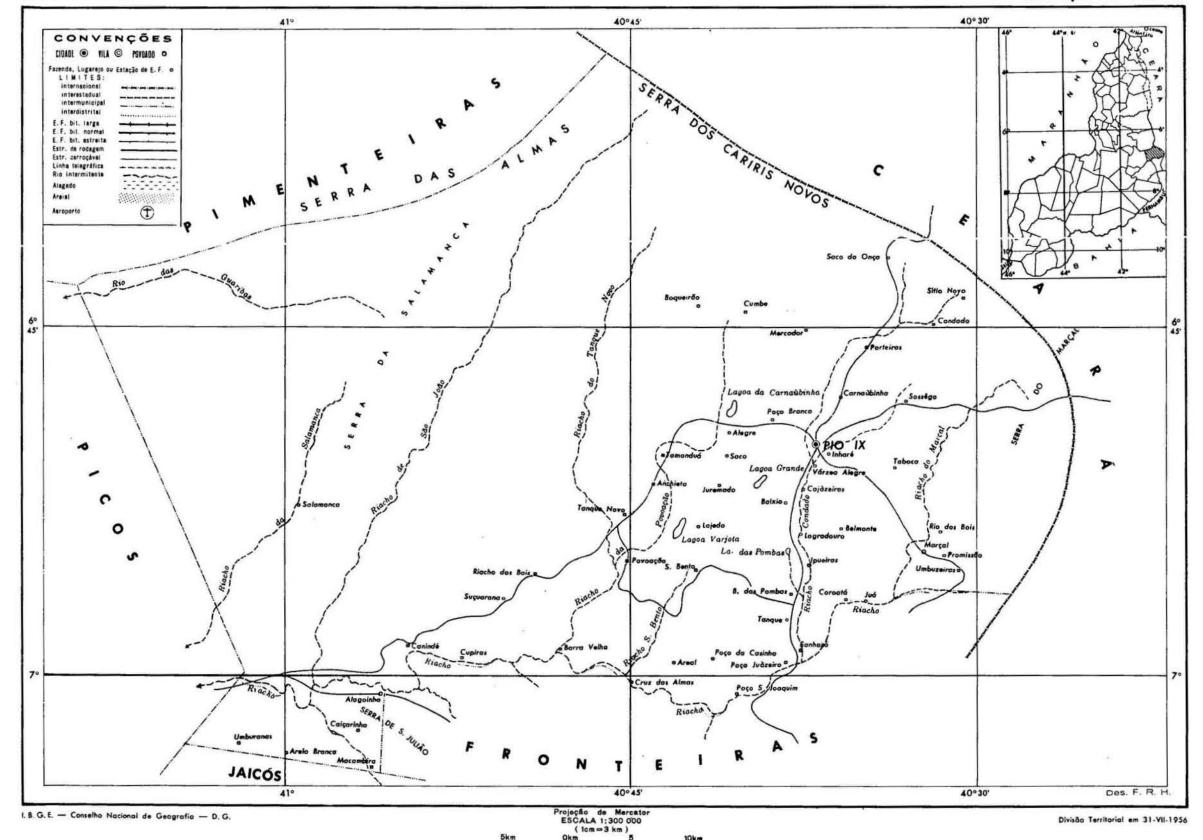
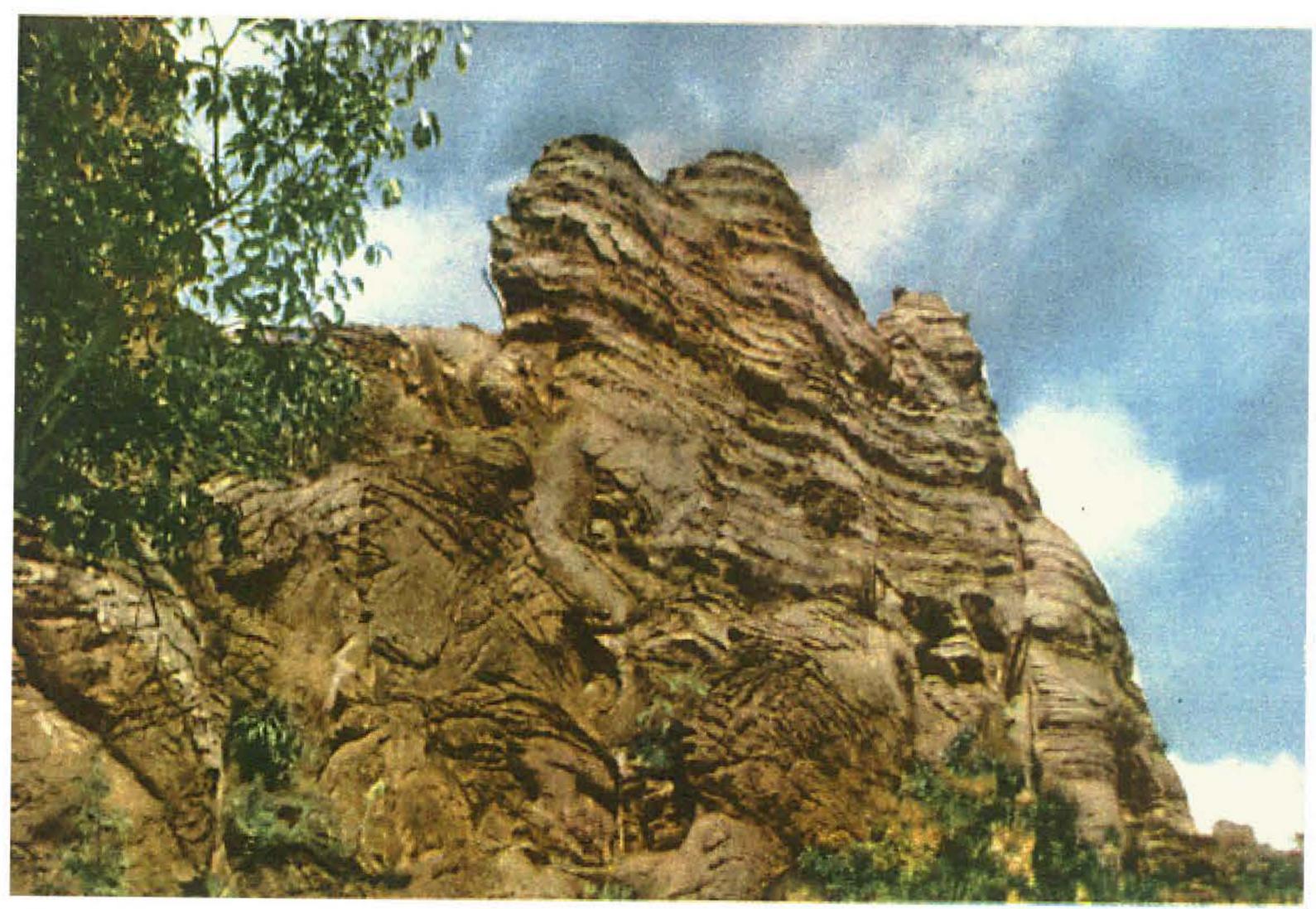
A 20 quilômetros depois de Oeiras, próximo à cidade de Floriano há exemplo vivo de erosão antrópica. Com a retirada da vegetação nos arredores, a água pluvial expande-se sôbre a argila, esculpindo estranhas formas. Na foto, percebemos, os canais formados por ocasião das últimas chuvas. Elas costumam provocar sérios danos às rodovias, obrigando o homem à trabalhos de proteção das mesmas. *(Com. C.R.M.)*

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)

Divisão Territorial em 31-VII-1956

18 — 24 163

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. — T.J.)*

Forma de erosão nas vertentes de um vale afluente do Canindé. As camadas de arenito devoniano se apresentam bastante perturbadas, com pequenas dobras e fraturas. Estas últimas facilitaram bastante o trabalho de erosão pluvial, surgindo as formas ruiniformes características. *(Com. A.J.P.D.)*

desenvolvem-se solos cujas propriedades físicas favorecem a prática da agricultura.

Quanto ao clima, a Região das "Cuestas" apresenta três tipos, conforme se pode observar no mapa. Na porção norte, domina o tropical quente e úmido com precipitações de verão — outono, Aw', registrando-se os máximos pluviométricos nesta última estação. Êste tipo de clima não se limita, no Meio Norte, à Região das "Cuestas" pois abrange uma faixa que se inicia na parte litorânea da Região da Planície e prolonga-se pela Grande Região Nordeste nos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.

Para o sul o clima é o mesmo Aw encontrado em grandes extensões do Planalto Central Brasileiro tendo o período chuvoso no verão, pròpriamente dito, e a estiagem no inverno. Êste é o tipo de clima da parte meridional da Região da Planície, e, provàvelmente, de tôda a Região dos Chapadões.

Ainda na Região das Cuestas verifica-se a transição para o clima semi-árido, BSh, que, também, aí, já se faz sentir. Embora seja característico do Sertão na Grande Região Nordeste, abrange grande parte do sudeste do estado do Piauí, avançando, portanto, pela Região das Cuestas.

No estudo pormenorizado de cada uma dessas áreas climáticas, que será feito a seguir, notar-se-á maior abundância de dados pluviométricos, o que se explica pelo fato de a maioria dos postos aí existentes, bem como em todo o Nordeste, pertencerem ao D.N.O.C.S. Êste órgão, tendo como função primordial o problema das sêcas, preocupa-se especialmente com os dados referentes às chuvas instalando apenas pluviômetros.

A parte norte da Região das Cuestas apresenta um regime pluviométrico com chuvas no período de janeiro a maio, ocorrendo os máximos nos meses de março ou abril. A estação sêca prolonga-se de junho a dezembro, sendo que geralmente nestes meses extremos as chuvas ainda se fazem sentir embora bem menos intensas. Registra-se em agôsto ou setembro a menor precipitação mensal. Quanto aos totais anuais, não se observa a mesma semelhança, variando em tôda esta área de clima Aw' desde 1854.7 mm em Periperi, no Piauí até 897.4 mm em Ibiapaba, no Ceará. De

PIO IX
JAICÓS
SIMÕES
PERNAMBUCO
CEARÁ
SERRA DE S. JULIÃO
SERRA DO GAVIÃO
CHAPADA DO ARARIPE
FRONTEIRAS
BR-24
BR-26
Galinhas
Alecrim
Volta do Rio
Morrinhos
Mercador
Piauí
Queimada
Macacos
Recanto
Pombo
Varzinha
Braúnas
B. do Recanto
Lagoa Sêca
Salgado
S. Julião
Socorro
Soares
Tamboril
Pocinhos
Faveira
Frade
Poço dos Veados
Jardim
Rch. S. João
S. Gonçalo
Maurício
Malhada Alta
Campos
Vidal
Boa Vista
Alegrete
La. do Meio
Catolé
Salitre
Junco
Poço Comprido
Curimatá
Tanque
Pau Ferro
Retiro
Caboclos
Beriengas
Tamboritzinho
Caldeirão Grande
Mulungus
Bertoleza
Lagoinha
Riacho
Riacho São Julião
Rio Socorro
Riacho do Gavião
Riacho dos Soares
Riacho Catolé
Riacho das Favelas
Riacho Curimatá
41°
40°45'
40°30'
7°
7° 15'
7° 30'
CONVENÇÕES
CIDADE VILA POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
MARANHÃO
CEARÁ
BAHIA
Des. F. R. H.

uma maneira geral, a pluviosidade vai decrescendo da Região da Planície para as Cuestas, o que se deve, como foi dito, à influência mais prolongada que exerce a faixa de calmas equatoriais na zona mais próxima do equador. Sua ação se faz sentir cada vez mais fraca, na direção do sul, por um tempo menor e sem regularidade, ocasionando anos mais chuvosos e anos mais secos.

A temperatura apresenta, neste trecho, médias mensais mais elevadas, devido ao fato da estação sêca ser mais prolongada, ocasionando, portanto, maior aquecimento. Durante tôda, estiagem as temperaturas se mantêm elevadas sendo, no entanto, bastante amenizadas na época das chuvas, coincidindo a média mensal mais baixa com o mês mais chuvoso (março ou abril).

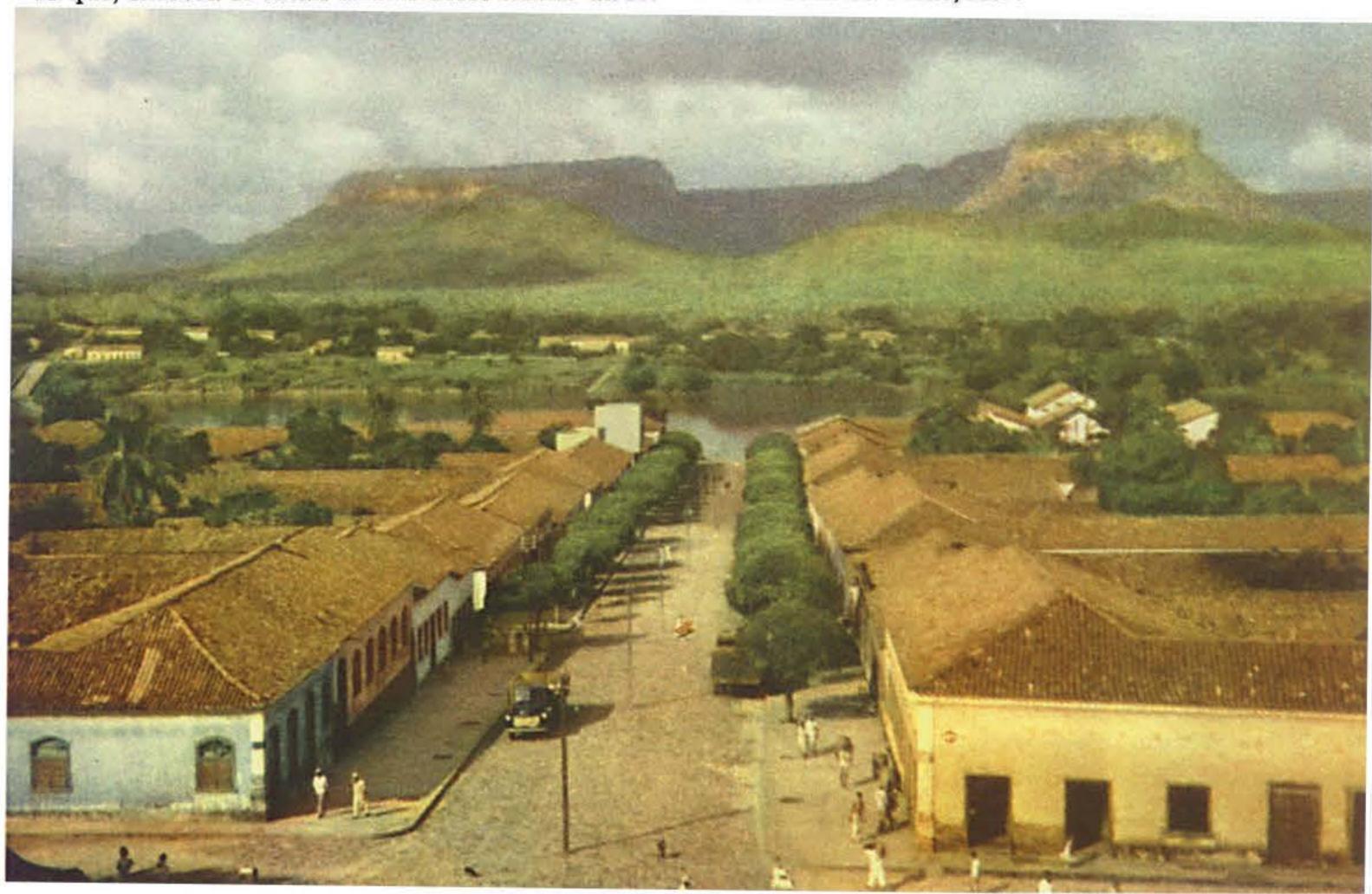
A amplitude térmica é um pouco maior que na Região da Planície, embora ainda inferior a 5°C. Explica-se isto pelo fato de a Região das Cuestas estar mais afastada do equador, não sofrendo também como a planície litorânea a ação reguladora do oceano.

Examinando-se os dados pluviométricos, nota-se que, embora os totais anuais dêsse trecho da Região das Cuestas não sejam tão elevados quanto os da planície litorânea maranhense, que recebe com mais intensidade a influência da faixa de calmas do equador (massa equatorial norte), não se pode deixar de considerar esta faixa de clima quente e úmido Aw' como possuidora de precipitações, em geral, abundantes.

Assim, no estado do Piauí, do norte para o sul tem-se:

	Altura anual da precipitação
Piracuruca	1415.0 mm
Piripiri	1854.7 "
Pedro II	1134.3 "
Campo Maior	1311.5 "
Castelo do Piauí	1055.6 "

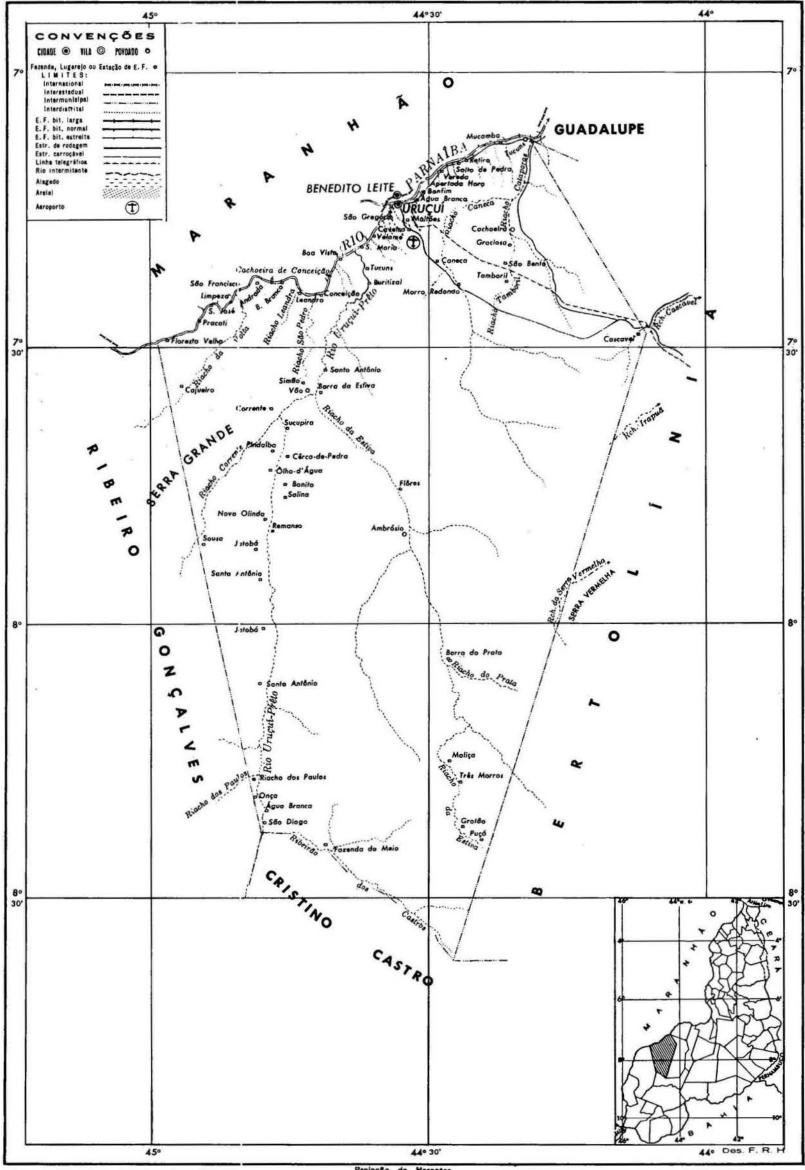
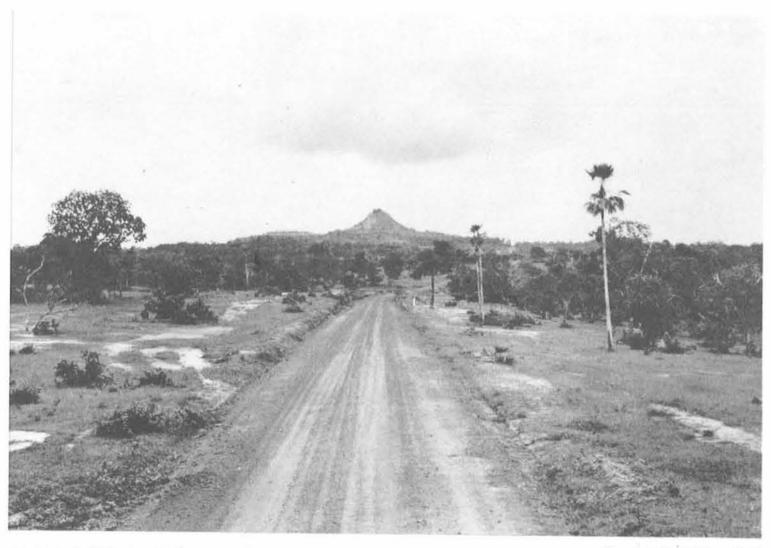
Nessas estações o período chuvoso estende-se de janeiro a maio, embora já em dezembro as chuvas tenham início.

Em Castelo do Piauí o mês de dezembro é mais chuvoso que o de maio, o que assinala a transição para o clima quente e úmido com estação chuvosa no verão, Aw.

Município de Amarantes — Piauí *(Foto C.N.G. — T.J.)*

A cidade de Amarante, no Piauí, aproveita-se dos terraços da margem direita do rio Parnaíba, livre do alcance das inundações. O sítio desta cidade, foi estudado primitivamente, como um dos prováveis para a localização da capital do Piauí. Entretanto, a exigüidade da extensão dos terraços não permitiu tal hipótese. O relêvo que emoldura a cidade apresenta-se dissecado em uma série de mesas e pequenos morros testemunhos. Nas encostas, percebemos as camadas horizontais do permo-carbonífero. *(Com. C.R.M.)*

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:750 000
(1cm = 7,5 km)
10km 0km 10 20 30km

Divisão Territorial em 31-VII-1956

Município de Floriano — Piauí *(Foto C.N.G. 3 561 — T.J.)*

Mostra esta fotografia um "inselberge", forma de relêvo típica de regiões que estiveram sob a influência de um clima sêco. O estado do Piauí, localizado entre uma região de clima úmido e outra de clima sêco, estêve sujeito em diferentes épocas a climas diversos. Justamente no quaternário registraram-se períodos climáticos sêcos, que teriam dado origem a formas de relêvo bastante originais, conhecidas como "inselberge", dos quais a presente foto constitui um bom exemplo. *(Com. M.G.C.H.)*

Por tal motivo, a linha que limita êstes dois tipos climáticos passa próximo a Castelo do Piauí.

O quadro abaixo com a distribuição mensal das precipitações, confirma o que se disse:

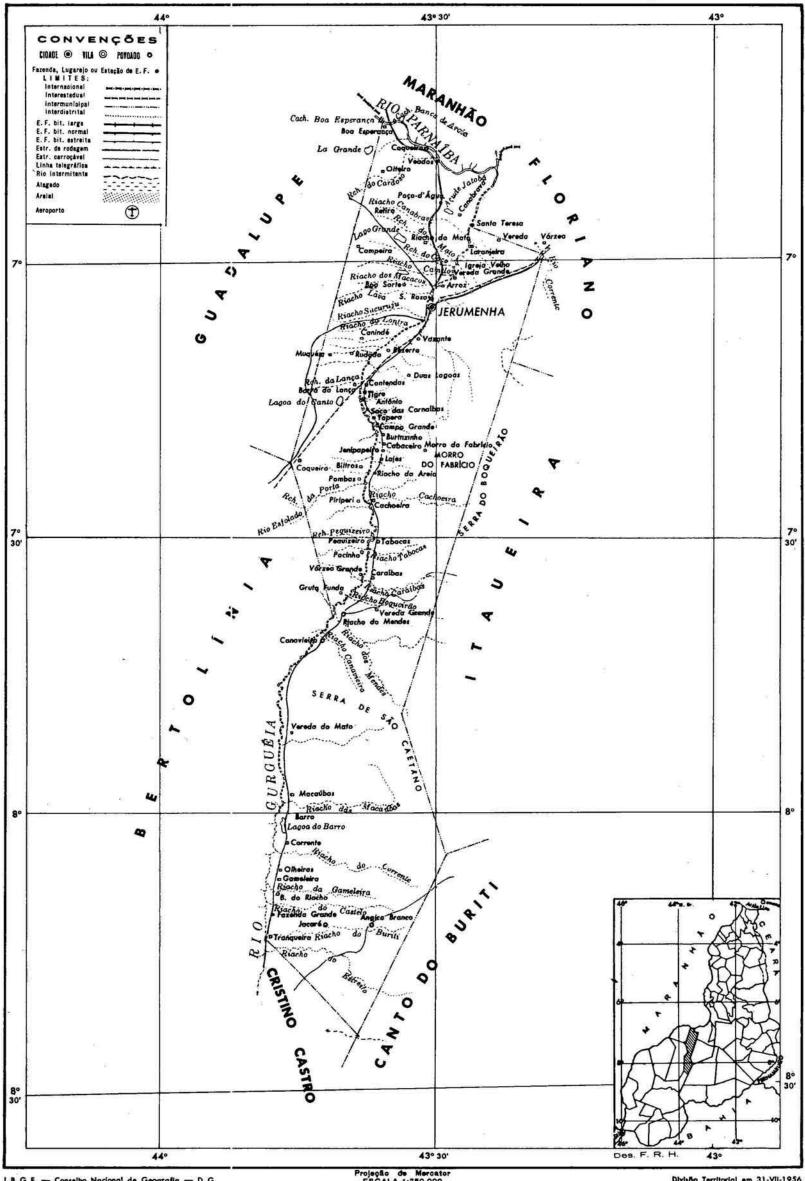
ESTAÇÕES	jan.	fev.	março	abril	maio	junho	julho	agôsto	set.	out.	nov.	dez.
Piracuruca	176.7	247.2	325.9	310.3	143.3	28.7	21.1	13.3	14.9	18.7	35.6	79.2
Piripiri	192.0	335.8	445.1	388.7	196.4	55.6	24.4	23.5	17.4	31.8	57.3	86.7
Pedro II	123.1	227.4	286.6	243.6	82.3	17.4	14.5	7.3	7.6	18.4	34.2	71.9
Campo Maior	191.0	248.3	308.9	241.2	87.7	22.6	14.1	10.0	13.7	32.3	48.0	93.7
Castelo do Piauí	152.7	211.9	231.8	196.6	65.2	15.7	8.2	16.8	10.0	23.7	48.9	74.1

Transformando êsses dados em números percentuais tem-se o seguinte:

ESTAÇÕES	janeiro/junho %	julho/dezembro %
Piracuruca	88	12
Piripiri	88	12
Pedro II	87	13
Campo Maior	84	16
Castelo do Piauí	83	17

O primeiro semestre do ano é o período realmente chuvoso concentrando quase 90% de tôda a precipitação anual. No entanto, a partir de Campo Maior para o sul, observa-se a transição para-o clima Aw, a qual se torna mais nítida ao sul de Castelo do Piauí, como já se disse linhas atrás.

A parte do estado do Ceará incluída na Região das Cuestas, compreende a Serra da Ibiapaba que possui precipitações relativamente abundantes. Convém aqui frisar a importância do relêvo na distribuição das chuvas, pois, sempre que há regiões serranas em meio ao sertão registra-se maior pluviosidade. Comparando-se os totais anuais de algumas estações situadas nas planuras do sertão

Município de Floriano — Piauí *(Foto C.N.G. 3 445 — T.J.)*

Nas proximidades de Floriano há trechos em que o relêvo se apresenta ondulado, como mostra a fotografia. A dissecação desta superfície levada a efeito pelo rio Parnaíba, é responsável pelo modelado suave do relêvo.

A cobertura vegetal destas pequenas elevações é de natureza mista, encerrando alguns elementos de mata junto a outros do cerrado. *(Com. M.G.C.H.)*

com outras existentes nas serras, verifica-se a maior precipitação que ocorre nessas últimas.

Na Serra da Ibiapaba o total anual de chuvas mais elevado é o de São Benedito (550 metros de altitude) com 1765.2 mm. As várias estações aí situadas também apresentam precipitações abundantes:

	Altura anual da precipitação
Viçosa do Ceará	1436.4 mm
Tianguá	1223.8 "
Ubajara	1404.3 "
Ibiapina	1557.2 "
Guaraciaba do Norte ..	1390.8 "
Ipueiras	1012.3 "
Ibiapaba	897.4 "

Esta precipitação anual ocorre especialmente no primeiro semestre do ano, quando chove quase 90% ou mais do total anual, restando, portanto, menos de 10% que se distribuem pelos meses de julho a dezembro.

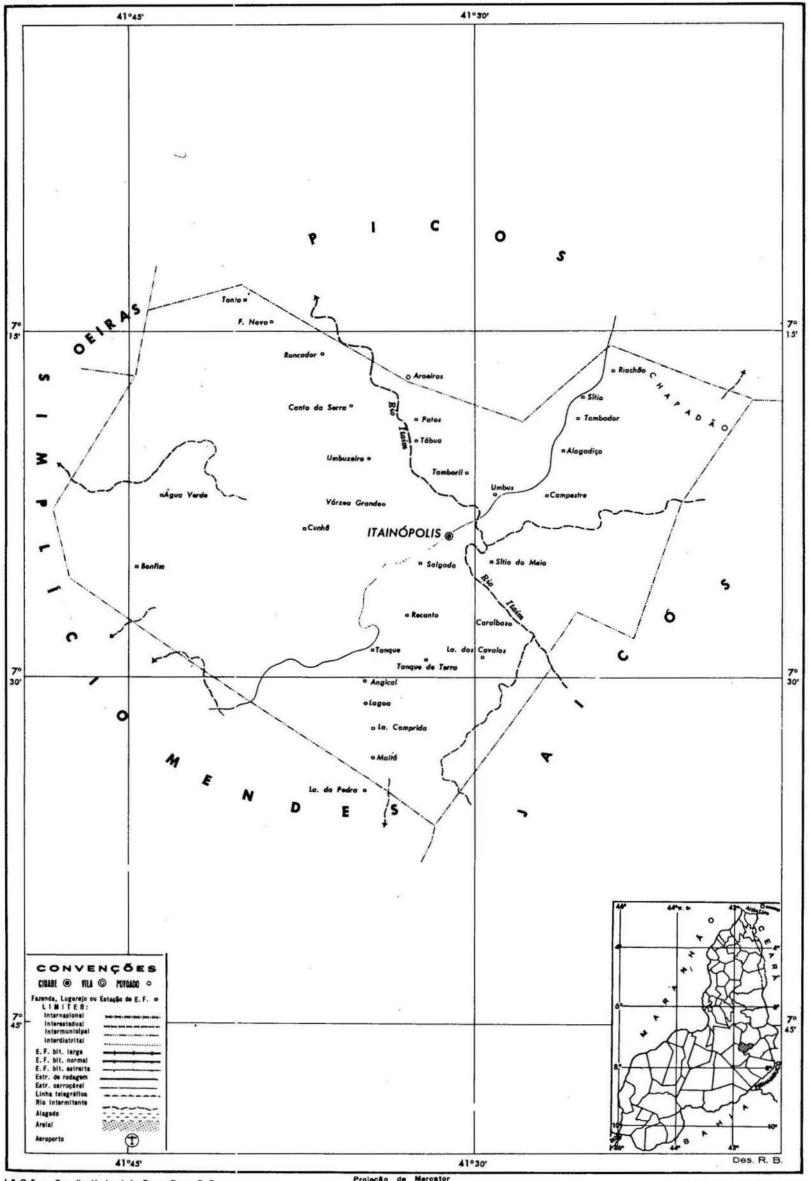
Porcentagem dos semestres chuvoso e sêco das estações da Serra da Ibiapaba:

ESTAÇÕES	janeiro/junho %	julho/dezembro %
Viçosa do Ceará...............	92	8
Tianguá.....................	89	11
Ubajara......................	90	10
Ibiapina......................	88	12
São Benedito..................	86	14
Guaraciaba do Norte...........	87	13
Ipueiras......................	86	14
Ibiapaba......................	85	14

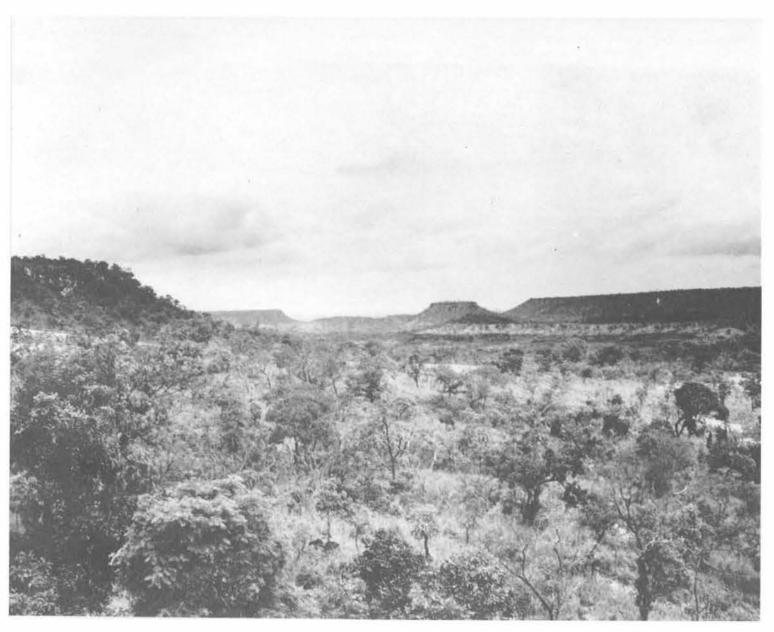
Analisando minuciosamente a distribuição mensal das chuvas nessas várias estações, nota-se que nos meses mais chuvosos, fevereiro, março e

Município de Floriano — Piauí *(Foto C.N.G. 3546 — T.J.)*

Pode-se observar, no segundo plano da fotografia, o boqueirão de uma "cuesta" entre os rios Itaueira e Parnaíba, do Devoniano superior. À meia encosta, instalou-se o "cerradão".

Em primeiro plano, a rodovia que liga Floriano ao estado de Pernambuco, é ladeada de uma vegetação ruderal. *(Com. M.G.C.H.)*

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)
5km 0km 5 10km

Divisão Territorial em 31-VII-1956

Município de Amarante — Piauí *(Foto C.N.G. 3 563 — T.J.)*

A serra da Arara, localizada entre as cidades de Floriano e Amarante, no Piauí, representa um remanescente de relêvo que lembra os dos chapadões. A dissecação que redundou no aparecimento dessas séries de mesas-testemunho, foi elaborada pelo rio Parnaíba, que corre nas proximidades. Protegendo o alto de tais elevações, existe uma verdadeira couraça, oriunda da concentração da limonita. Esta fotografia foi tomada próximo ao contato com a região dos chapadões. *(Com. C.R.M.)*

abril, os totais mensais são superiores a 200 mm enquanto nos meses mais sêcos, agôsto ou setembro, chegam a atingir, às vêzes, menos de 2 mm, como no caso de Viçosa do Ceará — agôsto 1.9 mm.

O quadro a seguir dá uma idéia geral da distribuição das chuvas pelos vários meses do ano nos diversos postos instalados pelo D.N.O.C.S. na Serra da Ibiapaba:

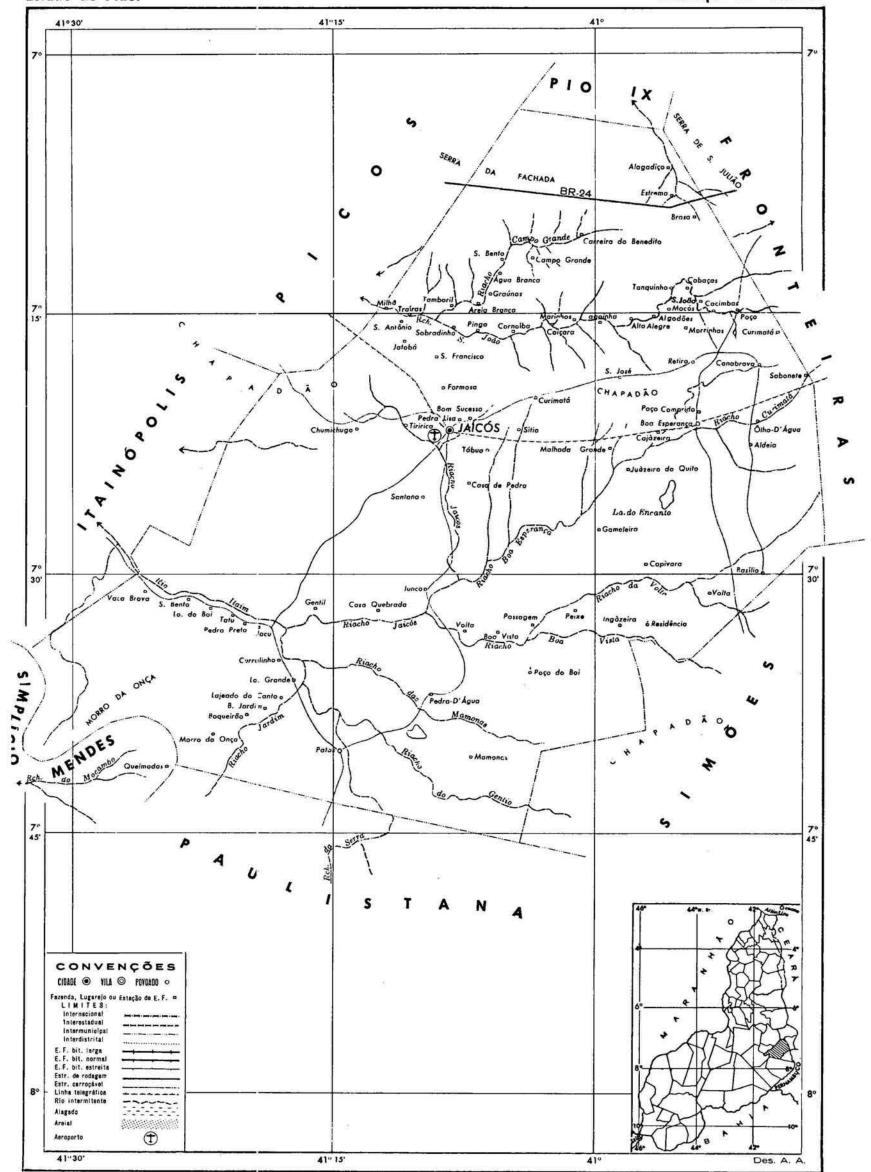
ESTAÇÕES	jan.	fev.	março	abril	maio	junho	julho	agôsto	set.	out.	nov.	dez.
Viçosa do Ceará	148.2	287.8	360.5	316.8	152.6	63.2	17.7	1.9	5.1	9.8	20.3	52.3
Tianguá	118.1	221.7	308.4	261.7	146.6	34.9	27.2	11.6	6.5	17.0	21.1	49.0
Ubajara	132.1	263.9	345.3	342.2	197.4	76.7	28.9	17.0	8.3	14.9	27.9	49.7
Ibiapina	152.1	268.4	349.9	347.6	191.7	75.2	28.5	18.3	13.1	18.5	32.0	60.9
São Benedito	162.9	285.9	380.6	392.6	217.2	90.8	46.5	26.3	23.5	30.6	35.4	73.6
Guaraciaba do Norte	128.2	200.0	321.5	321.9	166.7	72.1	35.7	18.9	5.4	12.0	41.9	66.5
Ipueiras	91.6	167.9	234.3	236.3	105.3	33.0	16.4	21.1	7.0	10.5	47.3	41.6
Ibiapaba	94.1	160.4	218.1	172.9	89.0	23.4	12.0	4.8	7.7	12.5	45.4	57.1

As precipitações, conforme se pode observar, são abundantes neste trecho do Ceará, ultrapassando em tôdas as estações a 1200 mm anuais, com exceção de Ipueiras e Ibiapaba. Estas duas últimas já estão situadas no sopé da encosta da serra a pouco mais de 200 metros de altitude, não se beneficiando tanto como as outras da influência do relêvo.

Hilgard Sternberg em seu trabalho "Aspectos da Sêca de 1951, no Ceará", ressalta bem o valor das serras apresentando alguns dados que evidenciam a importância do fator altitude para a preci-

I. B. G. E — Conselho Nacional de Geografia — D. C.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:400 000
(1cm = 4 km)
5km 0km 5 10 15km

Divisão Territorial em 31-VII-1956

pitação, demonstrando que, sempre que há relêvo de certo destaque, há condensações mais fortes. Salienta, todavia, Sternberg que: "o efeito orográfico não resulta apenas em acréscimo de pluviosidade mais ou menos proporcional a altitude. A dinâmica dos flúidos mostra que as massas aéreas são forçadas a elevar-se, antes mesmo de atingirem uma barreira montanhosa: chuvas orográficas podem cair à frente da serra ou chapada responsável por sua produção. Outrossim, sabe-se que, por vêzes, chuvas ocasionadas pela ascenção do ar em virtude de acidentes do terreno caem a sotavento dêstes obstáculos."

Comparando-se os dados dessas estações da serra da Ibiapaba, bem providas de chuvas com os de Sobral, por exemplo, situada a 75 metros de altitude, na Região do Sertão, com apenas 885 mm de precipitação anual, confirma-se a importância do relêvo.

Num estudo de classificação de clima, leva-se em conta as normais que nada mais são que a média das observações de um longo período. No entanto, examinando-se ano por ano os dados fornecidos, verifica-se a grande irregularidade, pois, há anos bastante chuvosos em Sobral e outros inteiramente secos. Destaca-se, ainda, o fato de que parte considerável das chuvas cai com forte intensidade, sendo mesmo algumas torrenciais.

A serra da Ibiapaba constitui portanto, do ponto de vista pluviométrico, uma das regiões do Ceará bem providas de chuvas; não obstante, para o sul como provam os dados de Ipueiras e Ibiapaba, as precipitações diminuem, pois o relêvo torna-se progressivamente mais baixo. A sudeste desta região já se observa a transição para o clima semi-árido.

O segundo tipo climático da Região das "Cuestas" é o tropical quente e úmido com estação

Município de Floriano — Piauí *(Foto C.N.G. 3 560 — T.J.)*

Aspecto de uma região de pedimento, focalizando um pequeno morro, forma de erosão recente. Apresenta-se êle recoberto por "rañas", testemunho de que imperou um clima mais sêco que o atual, num passado próximo.

Observa-se também, na foto, a vegetação de cerrado, em parte devastado para pasto. *(Com. M.G.C.H.)*

45° 30'
45°
7° 30'
8°
8° 30'
9°
RIBEIRO GONÇALVES
Cach. Sucuriú
Pindaíbas
Serragem
La. do Estêvão
Bom Lugar
Teixeiras
Varandado
Taboeas
Ôlho-d'Água
José Quito
Pio X
Consôlo
Patizal
Veredão
Poço do Garrote
Vereda Limpa
Lagoa
Baixa Grande
Retiro
Maliça
Mirador
Volta Grande
Cacimba
Travessia
RIO PARNAÍBA
Trindade
Vereda Comprida
Samambaia
Cach. Pedra do Puga
Riachão
Corrientes
Poços
Tranqueira
Coroa
Pracati
Aloleiro
Buritizinho
Vaca Morta
Forquilha
Mata Grande
Engasgo
Buritizinho
Brejão
Mata
Cumbaúba
Barro Alto
Forquilha
Bacaúba
Papagaio
Barro Alto
Jacu
Papagaio
Angelim
Sete Lagoas
La. Sete Lagoas
Sumidouro
Mo. d'Água
Rch. Mo. d'Água
Rio Uruçuí-Prêto
Rch. Brejo do Sucuruju
Vereda do Meio
Bx. do Valério
Altos
Cruz
Jacu
Rch. da Pedra
Uruçu
Riacho da Lagoa
Rch. da Lagoa
Morros
Uruçuí
Mata dos Côcos
Tucuns
Formosa
Riacho das Formosas
Colheres
Riacho dos Paulos
Onça
Rio Corrente
Riachão
Riacho Galeota
SERRA GRANDE
M A R A N H Ã O
U R U Ç U Í
CRISTINO CASTRO
BOM JESUS
GILBUÉS
SANTA FILOMENA
CONVENÇÕES
CIDADE VILA POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
Des. F. R. H.

Município de Floriano — Piauí *(Foto C.N.G. 3 594 — T.J.)*

Próximo a Floriano, as camadas de arenito apresentam um desnível muito fraco. Como conseqüência, a erosão isolou formas que lembram em linhas gerais, chapadas. No primeiro plano pode-se observar as camadas de um arenito de grana finíssimo cortadas por planos de diaclase que facilitaram seu trabalho pelo homem. *(Com. C.R.M.)*

chuvosa no verão, Aw. Estende-se pelo sul da Região não abrangendo apenas a faixa a sudeste, de clima semi-árido.

Nessa extensa área climática há grande carência de postos meteorológicos, conforme se pode ver no mapa, onde sòmente quatro estações estão assinaladas: Amarante e Floriano nas margens do Parnaíba, Valença e Oeiras, no interior do estado, tôdas pertencentes ao D.N.O.C.S. não possuindo portanto observações de temperaturas.

Quanto às características pluviométricas desta zona são as mesmas da porção meridional da Região da Planície, onde domina o mesmo tipo de clima, Aw. As chuvas têm início, portanto, em novembro ou dezembro, tornando-se mais intensas a partir de janeiro e prolongando-se até abril. Constitui, pois, esta quadra, a mais chuvosa do ano. No mês de maio já se observa grande decréscimo nas precipitações, tendo início neste mês ou no seguinte a estiagem, que se estende até outubro. Os meses mais secos são julho e agôsto.

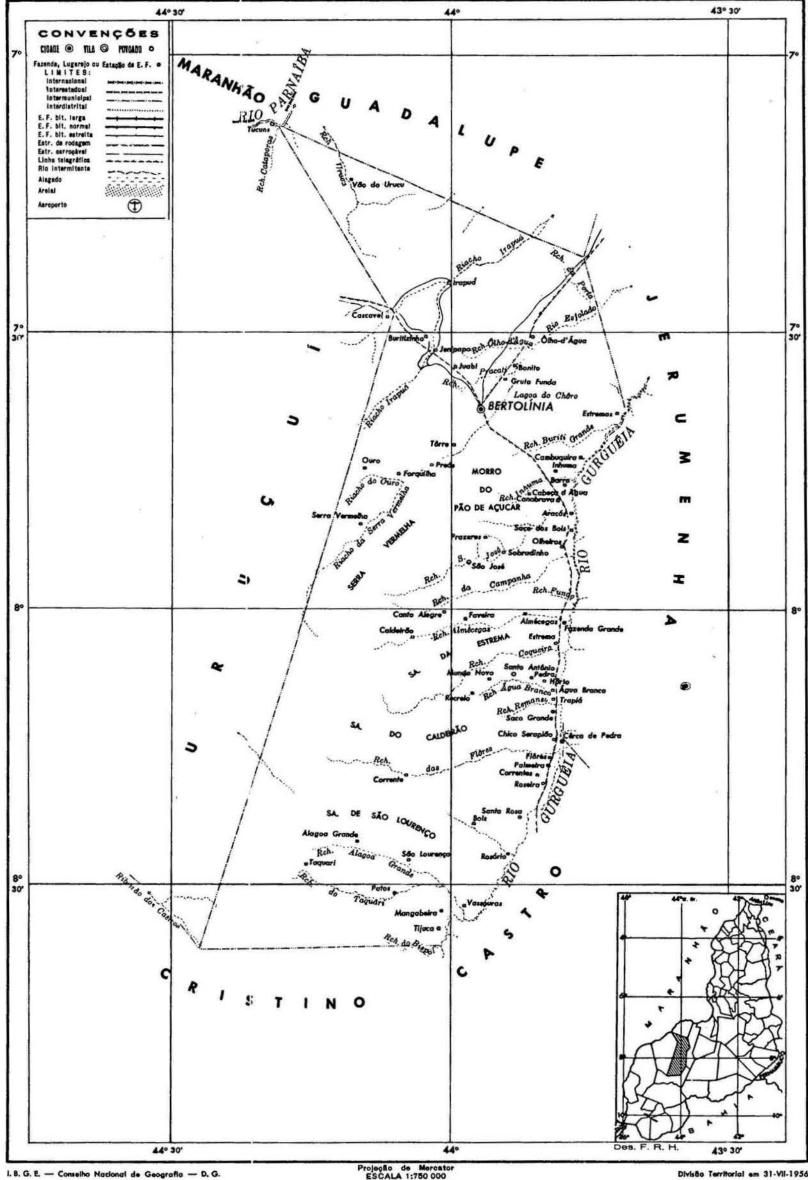
Quanto aos totais anuais, nota-se uma diminuição no Piauí em relação ao Maranhão. Aliás êste decréscimo, de WNW para ESE foi ressaltado quando se estudou o clima da Região da Planície.

O rio Parnaíba separa a zona mais pluviosa, do lado maranhense, da menos pluviosa, do lado do Piauí. Como conseqüência, os seus afluentes da margem esquerda (Maranhão) são quase todos perenes, enquanto os da margem direita (Piauí) são temporários. Verifica-se assim, uma grande influência do clima na rêde hidrográfica dêstes dois estados.

As duas estações existentes no vale médio do Parnaíba, Amarante e Floriano, apresentam ainda

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:750 000
(1cm = 7,5 km)

Divisão Territorial em 31-VII-1956

precipitações relativamente abundantes, 1493.0 e 1033.3 mm respectivamente, enquanto as do interior, Valença e Oeiras, possuem totais anuais bem inferiores, 952.3 e 924.7 mm demonstrando a transição para o clima semi-árido.

No qúadro a seguir verifica-se a distribuição das precipitações nas diversas estações dessa zona climática, bem como a diminuição progressiva na direção de sudeste até chegar ao clima mais sêco (BSh).

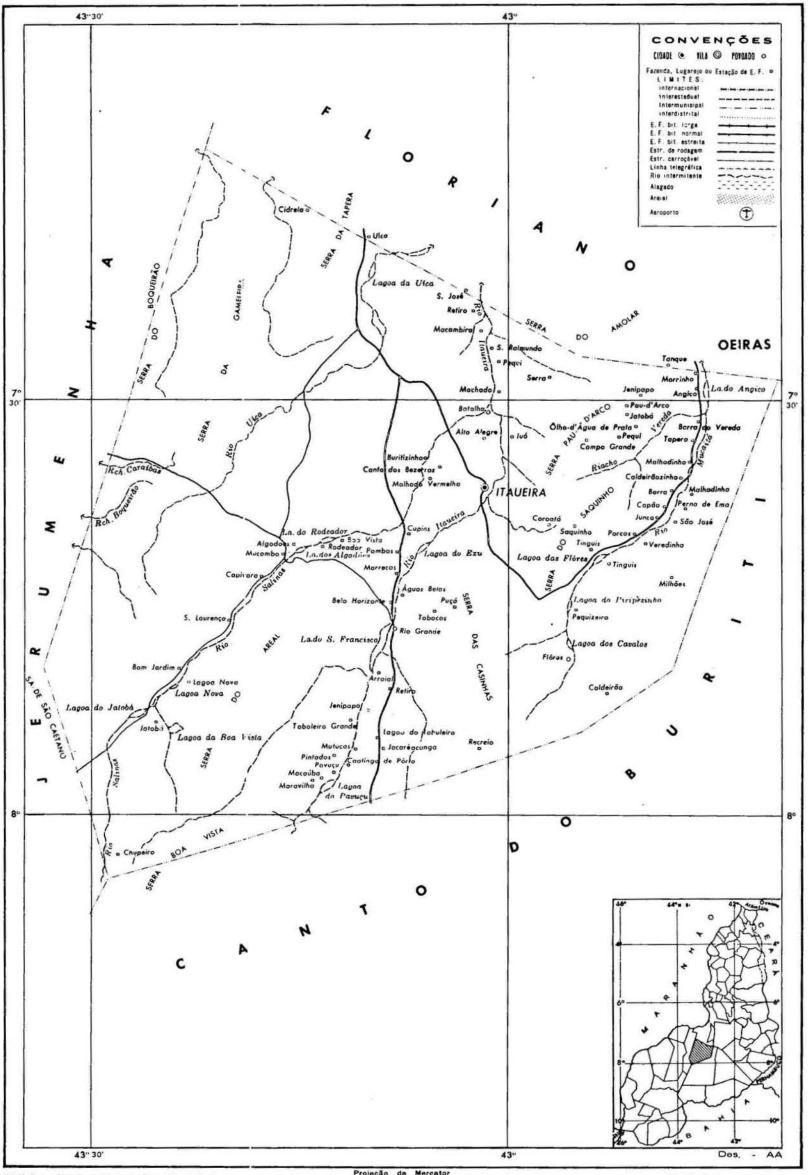
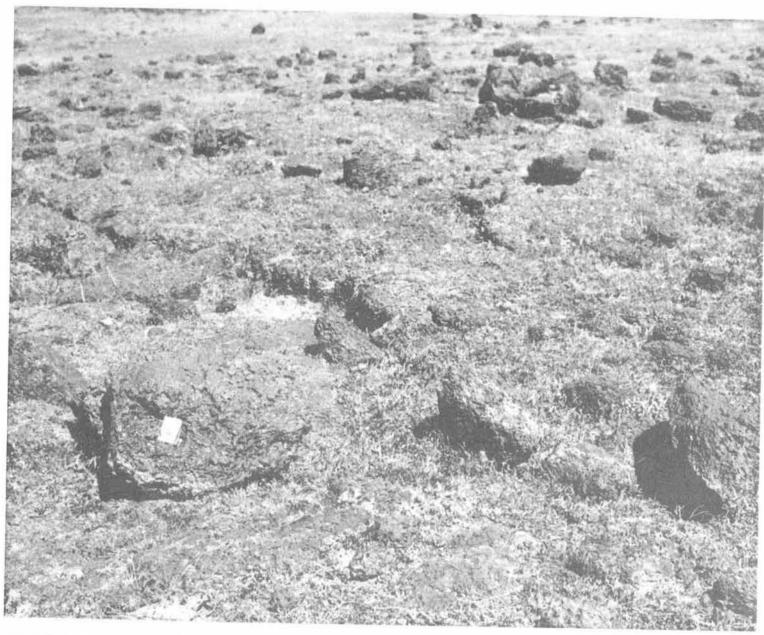
A região do vale médio do Parnaíba é ainda relativamente bem servida de chuvas. A estação piauiense de Amarante, situada próximo ao limite das Regiões da Planície e dos Chapadões apresenta o total anual de chuvas, 1493.0 mm, mais elevado. O período chuvoso estende-se de outubro a maio, com o máximo em março (271.0 mm), restringindo-se a estação sêca a apenas quatro meses do ano — junho a setembro, com o mínimo em julho (11.8 mm). A porcentagem da precipitação no

ESTAÇÕES	jan.	fev.	março	abril	maio	junho	julho	agôsto	set.	out	nov	dez.	Anual
Amarante............	204.8	256.4	271.0	214.0	105.3	22.3	11.8	15.5	21.8	72.5	124.9	172.7	1 493.0
Floriano.............	160.6	183.9	192.5	107.8	42.7	21.0	8.6	9.1	24.1	67.8	127.7	146.0	1 033.3
Valença.............	150.4	166.6	227.7	129.7	43.9	12.4	7.3	6.8	16.8	43.5	65.9	81.3	952.3
Oeiras...............	156.3	170.0	165.5	89.5	28.2	7.0	1.1	8.8	14.3	48.5	104.5	117.5	924.7

Município de Floriano — Piauí *(Foto C.N.G. 3547 — T.J.)*

A superfície tabular bem visível no segundo plano da foto, constitui um remanescente de "cuestas" do Devoniano superior. A chapada domina uma região plana, modelada em xistos e arenitos tenros.

Quanto ao tipo de vegetação, domina o "cerradão" na base da chapada, já revelando a transição para uma vegetação de mata. *(Com. M.G.C.H.)*

Projeção de Mercator
ESCALA 1:500 000
(1cm = 5 km)
5km 0km 5 10 15 20km

Município de Campo Maior — Piauí *(Foto C.N.G. 3335 — T.J.)*

Região inteiramente descampada nos arredores de Campo Maior. O solo superficial, representado por uma contínua crosta de canga, indica a existência de condições climáticas diferentes, ocorridas em épocas pouco anteriores à atual. Trata-se, portanto, de um páleo-solo. Atualmente, a erosão, mediante um clima mais úmido, trabalhou sôbre esta crosta, provocando o solapamento e a desagregação em blocos. Em detalhe, percebemos a vegetação rala de gramíneas, predominantes nestes campos.

Esta fotografia faz parte de uma série de grandes depressões em anfiteatro, em função das quais se processa a erosão dessas carapaças ferruginosas. *(Com. C.R.M.)*

semestre de verão (outubro a março) atinge 74% do total anual. As chuvas, no entanto, prolongam-se um pouco pelo outono (abril 214.0 mm e maio 105.3 mm), pois, embora fracamente, ainda se faz sentir aí, a ação da massa equatorial norte que produz precipitações abundantes em todo o litoral durante esta época do ano.

Em Floriano, situada um pouco mais ao sul, no vale do Parnaíba, a precipitação anual é menor, 1033.3 mm, sendo a estiagem mais prolongada, isto é, de maio a outubro.

Para o interior a estação sêca torna-se mais acentuada, demonstrando Valença e principalmente Oeiras, a passagem para o clima semi-árido. Nesta última estação o mês mais chuvoso é fevereiro e não março e o mais sêco é julho. As chuvas têm início em novembro e vão só até março, pois em abril já há um decréscimo grande.

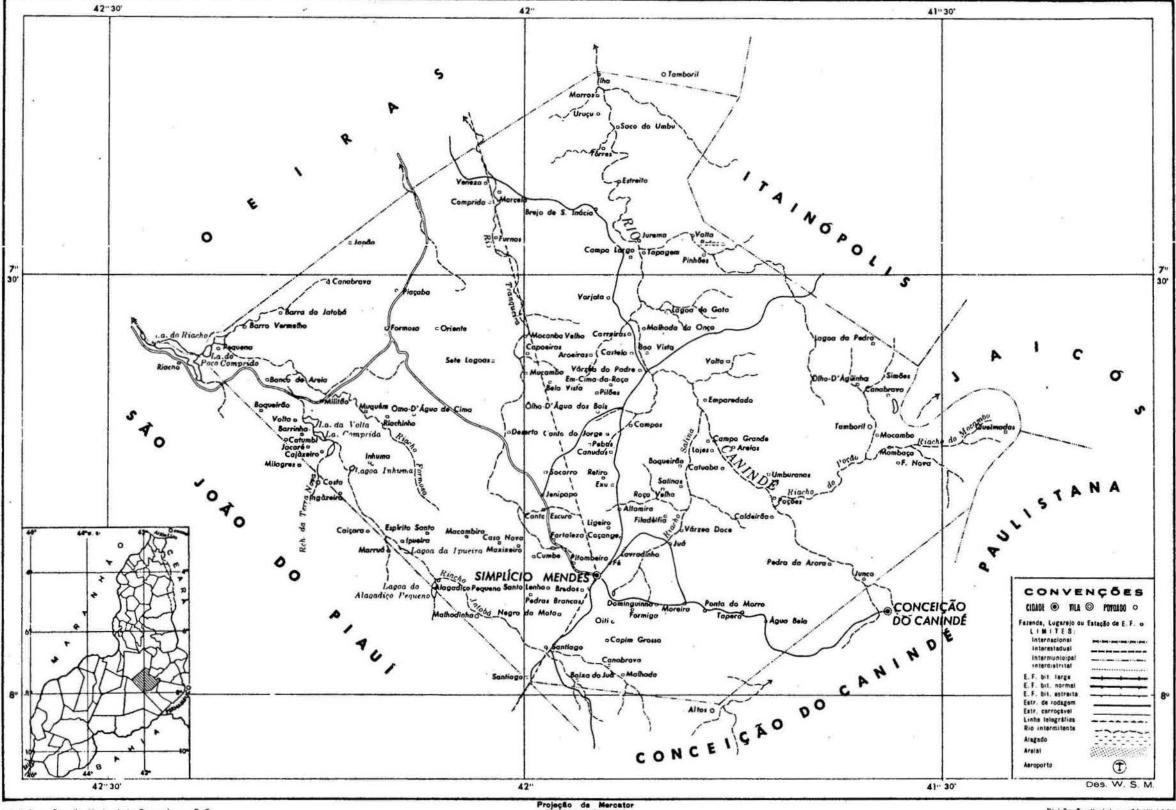
As precipitações escasseiam portanto para sudeste, a estação sêca acentua-se, passando-se gradativamente para o clima semi-árido que domina em pequena parte da Região das Cuestas, numa zona de transição para a Região do Sertão.

Finalmente o terceiro tipo, o clima semi-árido, BSh, estende-se além da Região das Cuestas, pelo sudeste do Piauí, o sudoeste do Ceará, grande parte do Rio Grande do Norte e Paraíba, o interior de Pernambuco, o oeste de Alagoas e Sergipe, prolongando-se pelo Norte da Bahia.

Caracteriza-se pela insuficiência de precipitações, temperaturas elevadas e conseqüentemente por forte evaporação.

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:500 000
(1cm = 5 km)

Divisão Territorial em 31-VII-1956

A pequena precipitação observada no Nordeste semi-árido é devida ao fato de a região estar situada numa zona de transição, onde a influência das diferentes massas de ar se faz sentir de modo pouco intenso.

A precipitação além de pouco abundante, distingue-se por uma grande irregularidade. O período chuvoso, "inverno" como é chamado na região, pode atrasar-se ou mesmo ser de precipitações muito escassas. A faixa de baixa pressão do equador deslocando-se para o sul, provoca muitas vêzes chuvas no Nordeste, porém isto se verifica com grande irregularidade, resultando anos chuvosos e anos secos.

De modo geral, a escassez de chuvas restringe-se a um ano, não sendo raro alcançar o período de dois ou mais anos, haja vista as grandes crises já registradas. Nesses casos surgem as secas calamitosas, de conseqüências incalculáveis que acarretam grandes prejuízos, trazendo miséria para tôda a região.

Analisando a precipitação anual das diversas estações de clima semi-árido, na Região das Cuestas, durante o período de 1940/1950, verifica-se que realmente há anos em que as chuvas são abundantes, enquanto em outros, há grande escassez.

PRECIPITAÇÃO ANUAL (mm)

ANOS	São João do Piauí	Picos	Jaicós	Simplício Mendes
1940.........	555.0	1 007.0	935.1	905.4
1941.........	465.0	484.5	469.9	583.8
1942.........	514.6	626.7	668.5	640.8
1943.........	876.5	666.1	578.1	628.2
1944.........	547.0	268.2	624.8	836.9
1945.........	686.2	580.0	612.3	817.5
1946.........	726.0	154.5	720.4	690.4
1947.........	1 158.6	652.6	753.1	917.1
1948.........	692.0	278.5	412.9	553.4
1949.........	594.6	531.4	294.1	576.8
1950.........	361.0	371.4	271.5	707.1

Município de Simplício Mendes — Piauí *(Foto C.N.G. 3 388 — T.J.)*

Afloramento de diabásio pertencente à série de grandes patamares, próximos à localidade de Campos, no Piauí. Como se observa na fotografia, há também enorme quantidade de seixos rolados em mistura aos fragmentos. O solo muito raso dessa região permite apenas o estabelecimento da vegetação campestre. *(Com. C.R.M.)*

Município de Paulistana — Piauí *(Foto C.N.G. 3 567 — T.J.)*

Trecho de uma grande degressão situada a 20 km antes da cidade de Paulistana, Piauí. Localizada em área de forte secura do sertão, ela testemunha, também, junto ao material que a forma, as severas condições páleo-climáticas ocorridas no pleistoceno.

Evidenciando uma seleção natural dos materiais, encontra-se, a sua periferia, recoberta pela areia, permitindo o domínio da caatinga, como se vê no último plano da fotografia. No centro, no entanto, o solo é revestido pela espêssa camada argilosa, favorecendo o aparecimento do solo poligonal. Aos poucos, a argila está sendo carreada pelos agentes do intemperismo, fazendo aparecer os seixos. Seu diâmetro aproximado é de 300 metros. *(Com. C.R.M.)*

Município de Paulistana — Piauí *(Foto C.N.G. 3 573 — T.J.)*

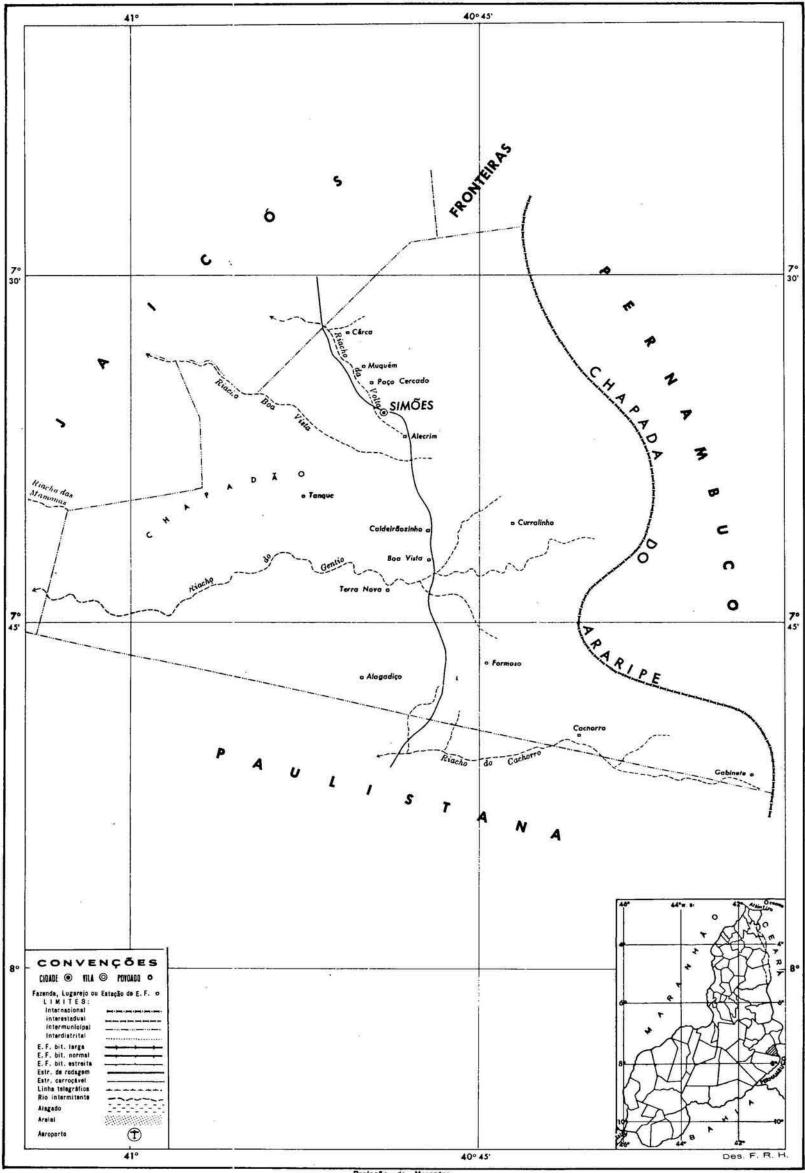
Fotografia tirada nos arredores da cidade de Paulistana, domínio dos xistos cristalinos. Nesta região o gnaisse parece ter sido fortemente flexurado. À esquerda da fotografia, na parte superficial, há uma camada de vários metros de espessura, com fragmentos de rocha misturada à argila. Êste material constitui uma típica "raña" de encosta, ou melhor, "raís de raña". *(Com. C.R.M.)*

Quanto ao regime pluviométrico do sudeste do Piauí é o mesmo do sudoeste do estado, de clima Aw, havendo diferença, apenas no total das precipitações. A estação chuvosa tem início em novembro, embora neste mês as precipitações ainda não sejam muito intensas, e se estende até o mês de abril, registrando-se o total mais elevado em março. Quanto à estação sêca, tem início em maio, prolongando-se até outubro; o mês mais sêco é julho ou agôsto.

ESTAÇÕES	jan.	fev.	março	abril	maio	junho	julho	agôsto	set.	out.	nov.	dez.	Anual
Picos	108.4	141.9	188.7	78.4	35.6	10.7	7.2	11.3	13.0	36.5	62.1	78.1	771.9
Jaicós	116.4	154.3	160.2	81.2	22.9	4.4	5.4	3.6	5.8	24.3	48.2	82.1	708.8
Simplício Mendes	116.3	148.9	172.6	69.3	25.3	3.2	2.1	1.7	12.1	38.9	73.1	87.8	751.3
São João do Piauí	115.7	137.4	143.7	76.4	25.8	5.9	0.0	3.1	20.1	42.6	114.9	101.8	787.4

Comparando-se êsses dados de chuva com os das estações de clima quente e úmido, Aw do sul do Piauí, observa-se a semelhança existente.

A influência da massa equatorial continental quente e úmida que ocupa no verão a região do Planalto Central, provocando chuvas freqüentes e abundantes nesta época, se faz sentir até a região semi-árida, do alto sertão pernambucano, embora com menor intensidade. Observa-se no entanto aí, um atraso da estação chuvosa, que tem início no mês de novembro prolongando-se até abril. As chuvas nesses meses são, às vêzes, intensas, porém, devido a uma série de fatôres, tais como temperaturas elevadas, solos pouco profundos, etc., a água

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)
5km 0km 5 10km

não pode ser aproveitada convenientemente. A estação sêca, por sua vez é muito rigorosa, havendo meses de nenhuma precipitação.

A pluviosidade vai se tornando cada vez mais reduzida do Piauí para Pernambuco, ocorrendo no alto sertão dêste estado, precipitações anuais inferiores na maioria das vêzes, a 500 mm. A estação de Paulistana, no Piauí, situada mais próximo ao estado de Pernambuco apresenta 643.1 mm de precipitação anual, enquanto Ouricuri já nesse último estado, apresenta 574,2 mm.

Sintetizando pode-se dizer que na Região das Cuestas, o clima quente e úmido Aw', que domina na sua porção norte, possui precipitações mais intensas. Para o sul o clima quente e úmido Aw apresenta chuvas menos abundantes. A pluviosidade continua diminuindo gradativamente, como se observa nos dados apresentados, até o sudeste da Região das Cuestas, onde ocorre o clima semi-árido.

O Cerrado e a Caatinga são as paisagens botânicas que dominam na Zona das "Cuestas" do Meio Norte brasileiro. Cada uma dessas formações ocupa, aproximadamente, a metade dessa área, fato êsse já assinalado em princípios dêste século por Luetzelburg quando escreveu "quanto mais se manifesta, com regularidade a vegetação agreste do Norte do estado do Piauí e da caatinga do Sul, dividindo-a

Município de Simplício Mendes — Piauí *(Foto C.N.G. 3 395 — T.J.)*

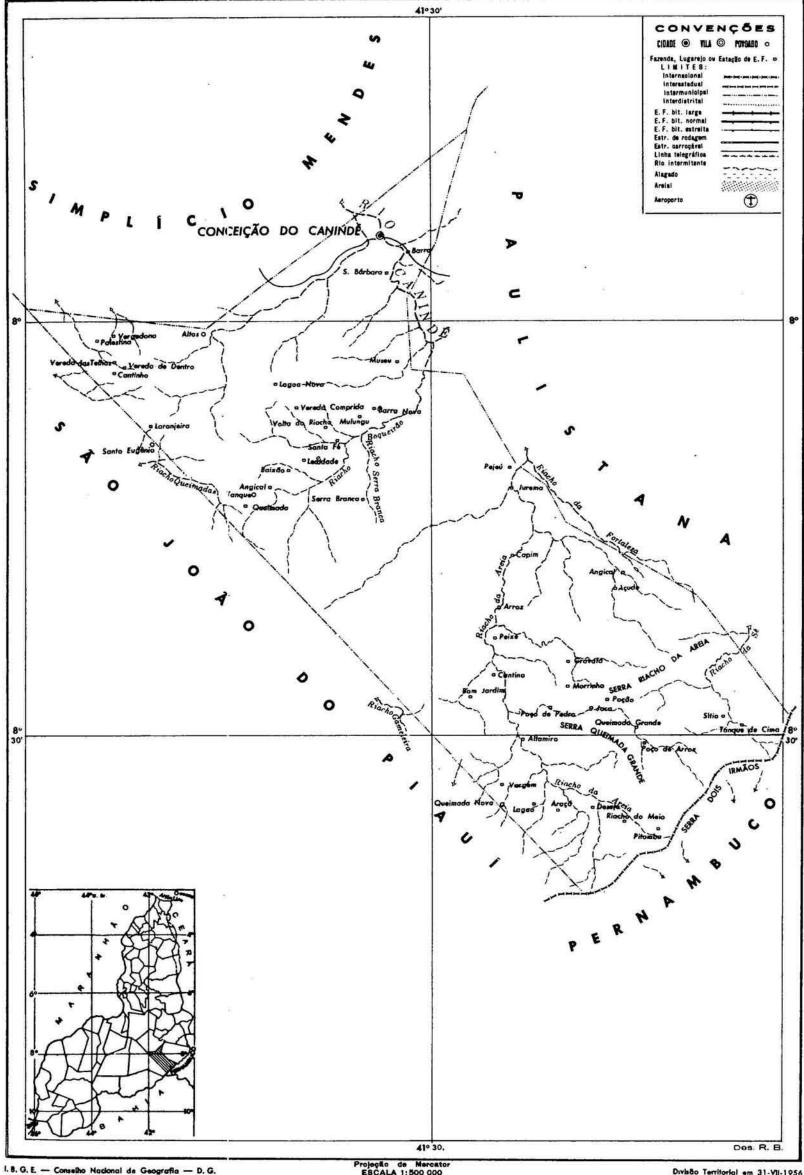
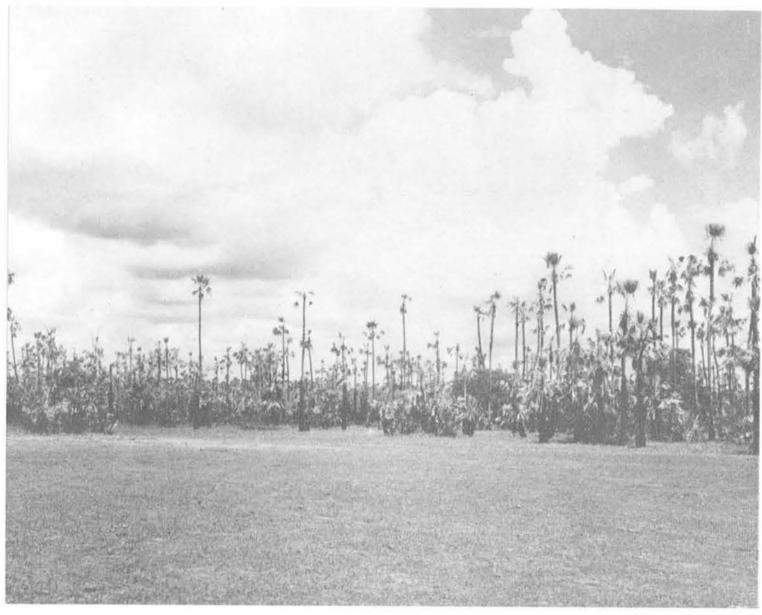
As carnaubeiras têm uma tendência a formar aglomerados, tendência essa que se apresenta como uma vantagem para sua explotação.

A esbelta *Copernicia cerifera*, Mart., é uma palmeira que possui, de altura, em média, 20 metros e, no máximo. quarenta.

Sua explotação se faz visando, principalmente, o aproveitamento da cêra de suas fôlhas, que representa, para a planta, uma proteção contra a excessiva perda de umidade por efeito do clima sêco e quente, do seu "habitat".

Possui êste vegetal, porém, variadas aplicações, sendo totalmente aproveitável, da raiz às fôlhas. Seus frutos e fôlhas novas servem de alimento para o gado, seu tronco é de boa madeira, suas fôlhas, após a extração da cêra, servem para a cobertura de casas e como matéria-prima para confecção de cordas, sacos, esteiras, chapéus, bôlsas, sandálias etc. Esta última aplicação já se encontra algo desenvolvida, havendo exportação de fibras extraídas das fôlhas e pecíolos para serem trabalhadas em São Paulo e no Distrito Federal. *(Com. J.X.S.)*

Projeção de Mercator
ESCALA 1:500 000
(1cm = 5 km)
5km 0km 5 10 15 20km

Divisão Territorial em 31-VII-1956

Município de Simplício Mendes — Piauí *(Foto C.N.G. 3384 — T.J.)*

De modo geral, o Piauí apresenta amplas regiões de planícies, principalmente nas zonas do mimoso. Localizam-se estas na bacia do Canindé, continuando para o sul, até Parnaguá. Ocupa também alguns trechos de campos no norte. Êste terreno plano é salpicado de carnaubeiras que demonstram preferência pela região. Dos campos naturais do Brasil, os do Piauí se destacam entre os mais belos, daí a expressão de Gardner ao percorrer a região no inverno, de que julgava atravessar um jardim inglês.

Êstes campos são bastante aproveitados pelos criadores de gado, pois são muito nutritivos, embora resistam menos a sêcas que os do agreste.

A fotografia nos mostra um dêsses campos piauienses a que nos referimos. *(Com. T.C.)*

em duas partes fitogeográficas distintas, tanto mais irregulares se tornam as condições fitogeográficas na estreita zona do extremo sueste". Parece fora de dúvida que a vegetação descrita por êsse autor sob a denominação de "agreste" nada mais é do que o próprio Cerrado, pois pela descrição de sua fisionomia e mesmo pela composição florística não acreditamos que corresponda a outra formação. É verdade, podemos acrescentar, que sendo o Meio Norte uma região de transição entre os climas equatorial da Amazônia, semi-árido do Nordeste e megatermal do Planalto Central e, além disto, uma zona de contato entre as formações vegetais típicas destas três regiões, é natural que os Cerrados aí se apresentem mesclados, principalmente, com elementos arbóreos da Caatinga e também com algumas espécies da própria Hiléia.

Assim, a porção norte da Zona das "Cuestas", compreendendo as Chapadas que limitam os estados do Piauí e Ceará e tôda a zona dissecada que se estende entre as serras Grande e dos Cariris e o vale do Parnaíba, sem alcançar, entretanto, a calha do rio, é o domínio absoluto do Cerrado. Êste, ao sul, é limitado grosseiramente por uma linha que, tendo início ao sul de Floriano, intercepta o Piauí de oeste para leste, passando ao norte de Oeiras e de Picos, seguindo até o limite com o Ceará, pouco acima da cidade de Fronteiras.

Certas áreas de Cerrado se desenvolvem também mais ao sul de Floriano, abrangendo o sudoeste e o sul. Registra-se, também, outra ocorrên-

OEIRAS
ITAUEIRA
JERUMENHA
CASTRO
CRISTINO
CARACOL
SÃO RAIMUNDO NONATO
SÃO JOÃO DO PIAUÍ
CANTO DO BURITI
CHAPADÃO
SERRA DO PINGA
SA. BOM JESUS DA GURGUÉIA
SA. DO MATO GROSSO
SA. BOA VISTA
SA. DE CAETANO
Rio Piauí
Rio Itaueira
Riacho Santa Marta
Rio Fundo
Tapera
Lajão
Saco
Jatobá
Trindade
Pedras
Uruçu
Lagoa Nova
Baixas
Umburanas
Bom Retiro
Tanque Novo
Brejo
Mundo Novo
Nova Olinda
Caiçara
Peripiri
Loranjeiras
Caraíbas
Roçado
Pé da Serra
Saco dos Bois
Calçara
Cajàzeiras
Amparo
Carnaíbas
Caatinga do Porco
Ingongo
Gameleira
Paulista
Exu
Cachoeira
Santo Antônio
Pajeú
Trempes
Feitoria
Russo
Brejinho
Brejo de S.João
Santa Fé
Bom Jardim
São Benedito
Barra
Recurso
Baixa Grande
43°30'
43°
7° 30'
8°
8° 30'
9°
CONVENÇÕES
CIDADE
VILA
POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
internacional
interestadual
intermunicipal
interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
Des. - AA
I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.
Projeção de Mercator
ESCALA 1:750 000
(1cm = 7,5 km)
10km 0km 10 20 30km
Divisão Territorial em 31-VII-1956

cia à margem esquerda do rio Parnaíba, em tôrno da cidade de Barão de Grajaú.

O sul e sul-oriental das "Cuestas" do Meio Norte acham-se recobertos pela Caatinga; todavia, não são as duas únicas paisagens fitogeográficas que aí aparecem: palmeirais e matas-galerias estão inclusas nessas formações.

A grande permeabilidade dos solos dessa região que, na maioria dos casos, resulta da alteração de arenitos e xistos, ligada a condições climáticas caracterizadas, principalmente, pela existência de dois períodos perfeitamente distintos: o chuvoso que se verifica no verão e o sêco, no inverno, além de outras condições relativas ao relêvo e mesmo a climas do passado, parece ser a responsável pelo aparecimento de Cerrados, conhecidos localmente sob a denominação de "chapadas", expressão que, ao lado da acepção de formação botânica, apresenta o significado geomorfológico.

Indagando-se do habitante local o nome dado à vegetação que cobre os divisores de água desta região, a resposta invariàvelmente será: a "Chapada", significando "um tipo inferior de agreste" e que seria o "equivalente piauiense do "tabuleiro" de Minas e da Paraíba. São planuras estéreis, continuação das serras de arenito sedimentário, providas de vegetação quase exclusivamente xerófila. A relva do solo é dura, agrupada em touceiras, imprópria para a alimentação do gado. As árvores são de pequeno porte, vicejando na estação das

Município de Simplício Mendes — Piauí *(Foto C.N.G. 3 633 — T.J.)*

A carnaubeira aparece, em grande parte do Piauí, geralmente, em aglomerados pouco extensos, principalmente em locais de maior umidade.

É uma planta nativa no Brasil, não tendo tido sucesso as esporádicas tentativas de seu cultivo sistemático.

A extração da cêra de suas fôlhas pode ser considerada atividade básica da população do interior de alguns estados do Nordeste, principalmente Piauí e Ceará. *(Com. J.X.S.)*

OEIRAS
SIMPLÍCIO MENDES
CONCEIÇÃO DO CANINDÉ
SÃO RAIMUNDO NONATO
CANTO DO BURITI
PERNAMBUCO
BAHIA
SÃO JOÃO DO PIAUÍ
CHAPADA DO POÇO
CHAPADA DE SÃO MIGUEL
CHAPADA DA BOA VISTA
CHAPADA DA PALMEIRA
CHAPADA DA SOLEDADE
SERRA DO PINGA
SERRA DA GAMELEIRA
SERRA DO BOQUEIRÃO
SERRA DA FARINHA
MORRO DA BOA VISTA
MORRO S. JOÃO VERMELHO
Rio Piauí
Rio Itaguatiara
Rio Fundo
Santiago
Lagoa do Alagadiço Grande
Lagoa dos Martyras
Lagoa do Boqueirãozinho
Lagoa da Serra
Lagoa do Niquel
MARANHÃO
CEARÁ
BAHIA
CONVENÇÕES
CIDADE ◎ VILA ◎ POVOADO o
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F. ▫
LIMITES:
Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
43°
42°30'
42°
41°30'
41°
7° 30'
8°
8° 30'
Des. F. R. H.

Município de Amarante — Piauí *(Foto C.N.G. 3 562 — T.J.)*

A primitiva vegetação da região ribeirinha, no município de Amarante, Piauí, era a mata, hoje substituída por uma cobertura vegetal secundária, a "capoeira".

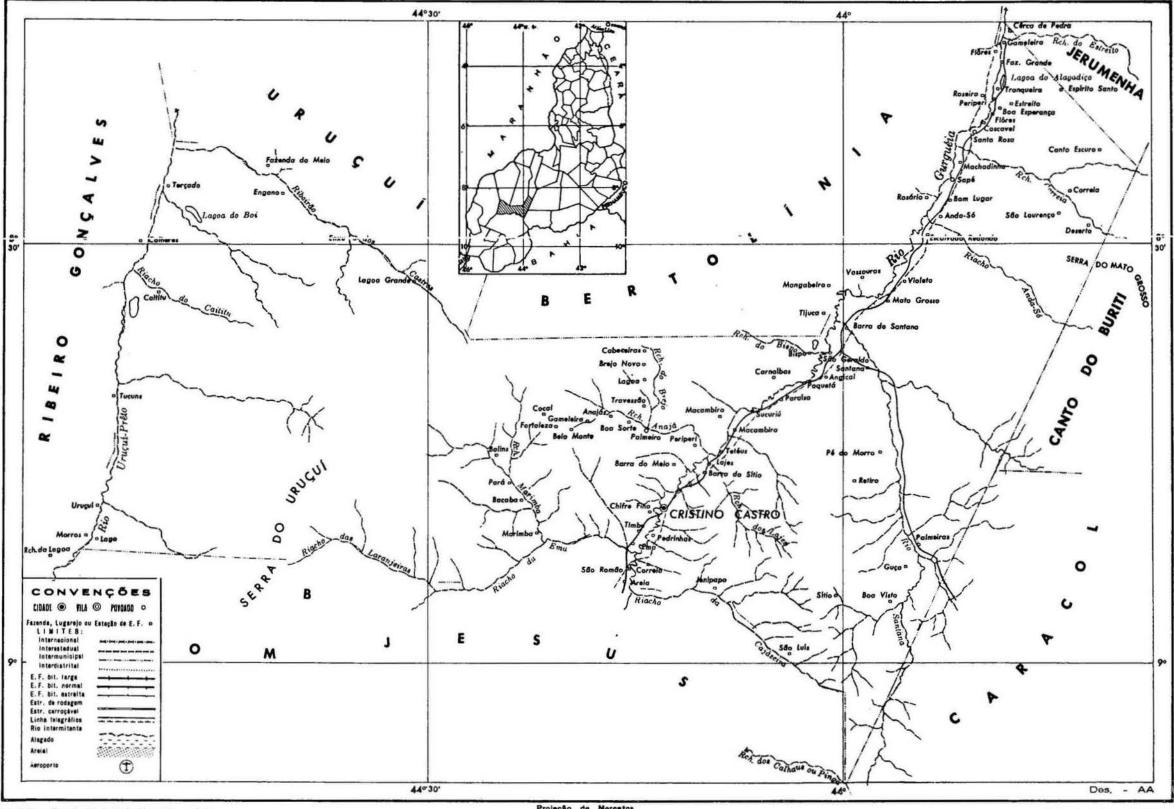
Tal substituição deve-se ao abandono das terras após o esgotamento do solo, o que se dá ràpidamente pelo uso das técnicas agrícolas pouco avançadas, como a das "queimadas".

Nos locais de maior umidade, aparecem, comumente, as carnaubeiras, especialmente nos fundos de vale, como as que vemos na foto, que estão em local próximo à foz do rio Canindé.

Nas partes elevadas de solo silicoso encontramos o cerrado que nas encostas se apresenta entremeado por elementos de mata. *(Com. J.X.S.)*

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:500 000
(1cm = 5 km)

Divisão Territorial em 31-VII-1956

chuvas, para sofrer considerável atrofiamento nas sêcas. A chapada característica do Piauí se prolonga do município de Oeiras até as proximidades do mar, cortando grande parte do Estado." Assim descreve esta paisagem Carlos Eugênio Pôrto.

Luetzelburg, referindo-se ao assunto, diz: "Convém, pois, saber, se a palavra "Chapada" terá de caracterizar uma vegetação típica ou uma fácies geológica ou topográfica. O têrmo chapada, quando é empregado pelo nordestino para definir a vegetação ou formação desta, significa um tipo semelhante ao dos tabuleiros mineiros...".

De acôrdo com F.M. Schmidt em seu trabalho "Fatôres ecológicos e meios de acomodação dos vegetais observados no estado do Piauí", publicado pelo Ministério da Agricultura (1936), predominam nas chapadas do Piauí, entre outras, as seguintes espécies: Cereus jamacaru (mandacaru), Cereus squamosus (faxeiro), Pilocereus gounelli (xique-xique), Melocactus sp. (coroa-de-frade), Bromeliáceas do gênero Neogloziovia, Caryocar villosum (piqui), Hancornia speciosa (mangabeira), Terminalia brasiliensis (capitão do campo), Tecoma chrysostrycha (pau-d'arco), Anacardium ocidentale (cajueiro), Anacardium humile (cajuí), Parkia platicephala (faveira), Combretum leprosum (mofumbo), Bombax gracilipes (embira), Stryphnodendrom polyphollum, Bowdichia speciosa (sucupira prêta), Counarus cymosus (mata-cachorro), Enterolobium timbauba (tamburil), Hymenaea courbaril (jatobá), Schinus aroeiro (aroeira), Copernícia cerifera (carnaúba), Panicum equinolaena (capim do campo), Paspalum brasiliensis (capim branco), e outras. Como podemos

Município de Oeiras — Piauí *(Foto C.N.G. 3441 — T.J.)*

O cerradão é uma variação do cerrado, onde as árvores possuem, em geral, o porte elevado, motivo pelo qual êle toma, algumas vêzes o aspecto de mata. *(Com. E.R.S.)*

Estado do Piauí
Município de BOM JESUS
CRISTINO CASTRO
GONÇALVES
RIBEIRO GONÇALVES
GILBUÉS
MONTE ALEGRE DO PIAUÍ
CORRENTE
CURIMATÁ
CARACOL
BAHIA
SERRA DO PONTAL
SERRA DO URUÇUÍ
SERRA DO QUILOMBO
SERRA SEMITUMBA
BOM JESUS
Riacho da Lagoa
Capitões de Campo
Arueira
Riacho do Quilombo
Rio Uruçuí-Prêto
Murici
Sumidouro
Riachão
Lagoa do Riachão
Rch. da Conceição
Riacho das Laranjeiras
Riacho do Pirajá
Pirajá
Meladas
Corrente
Tabuleiro
São Romão
Conceição
Brejo dos Altos
Areia
Cajàzeiras
Escalvado
La. dos Altos
Altos
Currais
Gruta
La. da Inhumas
Inhumas
Riacho da Cajàzeira
Riacho da Ema
Riacho da Palmeira
Barracão Grande
Flôres
Buriti
Pinga
La. do Barracão
Rch. Barracão
Barracão
Riacho dos Calhaus ou Pinga
Quebra-Anzol
Baixão
Lagoa Cercada
Olho-d'Água do Pinga
Cedro
Santa Alice
Riachão
Rosadia
Boa Esperança
Angical
Matões
Escalvado
São Gonçalo
Riacho Estreito
Soledade
Ilha
Alto da Cruz
Barra do Estreito
Riacho dos Matões
Novo Horizonte
Lagoa das Caraíbas
Bebedouro
Lagoa do Ribeirão
Governador
Salgadinho
Conceição
Couves
Areias
São Francisco
Riacho São Francisco
Rio Gurguéia
La. do Barro
Riacho do Barro
Riacho dos Bois
Boa Esperança
Curral
Riacho da Tábua
Sumidouro
Lagoa
São Manuel
Tábua
Lagoa da Tábua
Tapera
Santa Teresa
Canavieira
Curral do Rama
Tabocas
Conceição
São Sebastião
Faveira
São José
São Félix
Sete Lagoas
Riacho dos Aipins
Riacho do Bamburral
Riacho do Saco
Saco
Caatinga
Rebeca
São Geraldo
Buriti Grande
Santa Maria
Rio
Brejinho
Almécegas
Mesquita
Redução
Bois
Barro Vermelho
Duas Barras
Riachão
Brejão
Buriti Grande
Riacho Barro Vermelho
Rio Paraim
Curral Velho
Rio Rangel
MARANHÃO
CEARÁ
BAHIA
CONVENÇÕES
CIDADE VILA POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
internacional
interestadual
intermunicipal
interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
Des. W. S. M.
45° 30'
45°
44° 30'
44°
9°
9° 30'
10°
I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.
Projeção de Mercator
ESCALA 1:750 000
(1cm = 7,5 km)
10km 0km 10 20 30km
Divisão Territorial em 31-VII-1956

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. 3 383 — T.J.)*

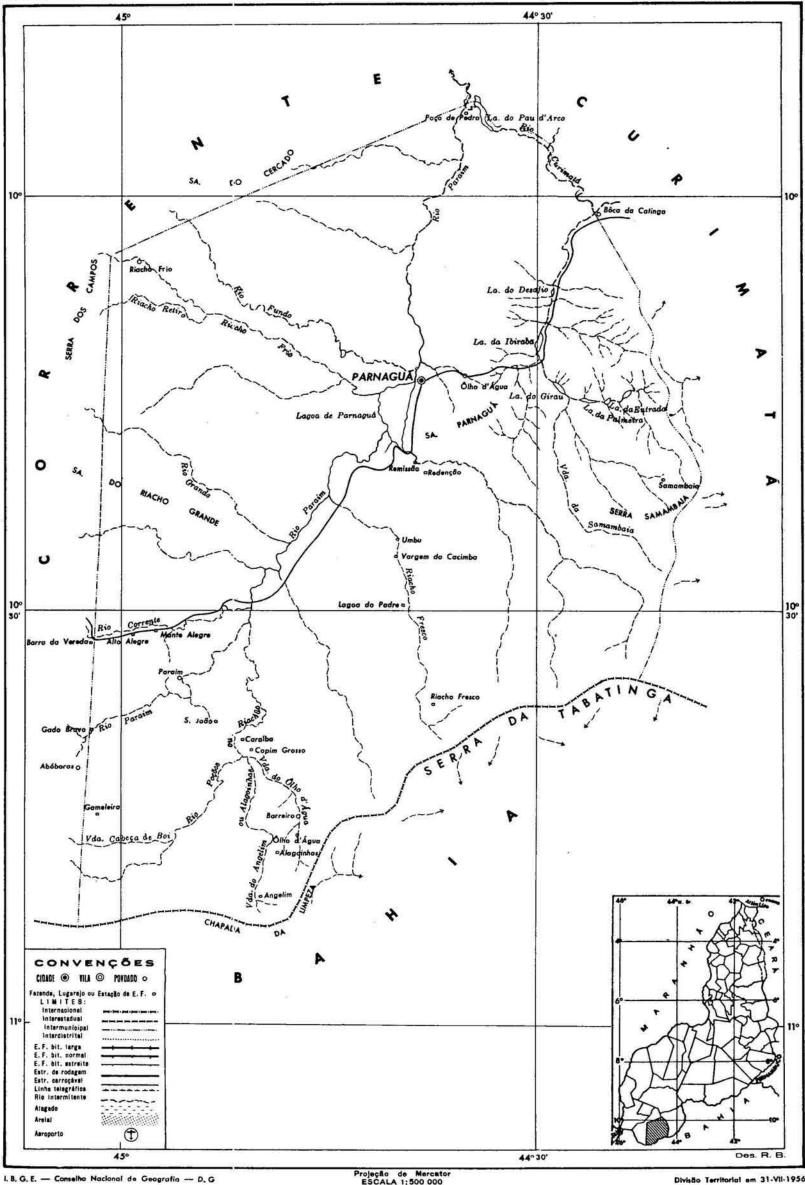
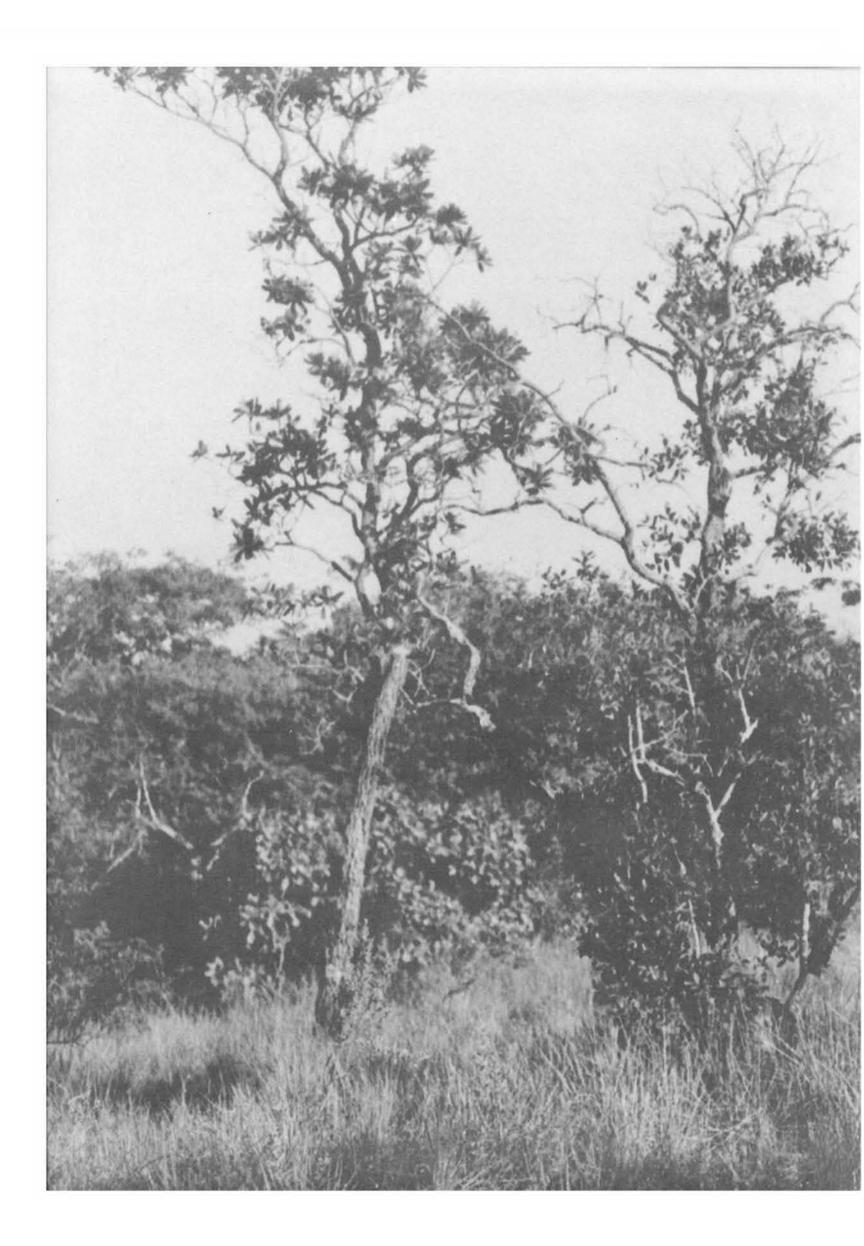
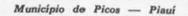
A foto nos dá um aspecto do cerrado perto de Picos, onde se vê, no primeiro plano, o "capotão" ou o "pau de colher de vaqueiro" (Salvertia convaliodora), comum em quase todos os tipos de cerrado. *(Com. E.R.S.)*

ver, esta formação inclui um grande número de espécies da Caatinga e do Cerrado o que indica haver uma combinação de elementos desas duas formações. Fisionômicamente, contudo, o aspecto aproxima-se muito mais do Cerrado.

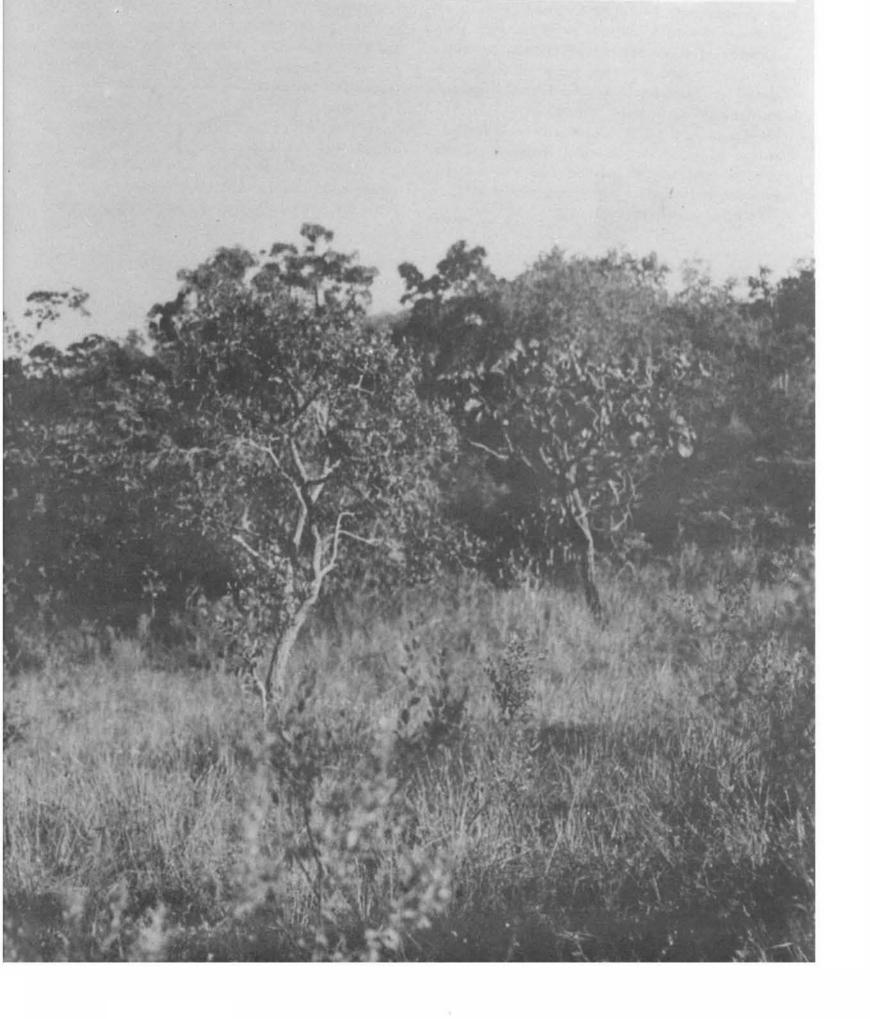
Loefgrem, que percorreu uma parte da área citada, observa: "uma grande parte do centro desta chapada (referência à serra Grande) e alguns outros lugares, principalmente para o lado da vertente do Piauí é bastante arenosa e ali se desenvolveu uma vegetação especial na qual entram muitas das espécies características dos cerrados gerais do Brasil. Encontramos ali: o Stephnodendrom barbatimão e Smilax. Até o Eremanthus sphaerocephalus, Psychotria rigida, Miconia albicans, uma Escallonia e uma Styrax, todos habitantes dos cerrados mineiros e paulistas".

Enquanto ao Norte as formações campestres dominam, a Caatinga no sul e sul-oriental da Zona em estudo empresta à paisagem o seu aspecto hostil.

Todo o sudeste do Piauí apresenta um clima semi-árido quente caracterizado por uma fraca e irregular pluviosidade aliada a temperaturas elevadas e, por conseqüência, a uma evaporação muito alta. As chuvas do litoral que ocorrem no outono decrescem. Simultâneamente, as chuvas de verão do Planalto Central, já por si escassas, típicas por sua irregularidade, diminuem, pois muitas vêzes não se observa o período chuvoso que coincide com o verão. Tais condições climáticas aliam-se a solos relativamente rasos, pois não há condições razoàvelmente boas para a sua evolução, já que predomina aí não o processo da decomposição, mas sobretudo o de desagregação das rochas. Durante os três ou quatro meses das chuvas, quase sempre torrenciais, dá-se uma grande lavagem dos

Projeção de Mercator
ESCALA 1:500 000
(1cm = 5 km)
5km 0km 5 10 15 20km

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. 3 382 — T.J.)*

O cerrado assemelha-se ao campo arborizado, onde as árvores se distribuem esparsamente e apresentam características peculiares.

A foto nos dá um aspecto do cerrado limitando-se ao fundo, com o cerradão. Encontramos aí, da esquerda para a direita, as seguintes espécies: o vinheiro (*Vochysia* sp.) o pau-terra (Qualea grandiflora) e o pau-de-colher-do-vaqueiro (Salvertia convaliorodora) também chamado bate-caixa ou capotão. *(Com. E.R.S.)*

sais minerais da superfície. É verdade que a intensa evaporação pode proporcionar u'a migração dêsses sais novamente à superfície; entretanto, devemo-nos lembrar que a constituição geológica dessa região pode proporcionar uma infiltração considerável das águas enriquecidas por sais solúveis, roubando à vegetação os elementos necessários à vida. Essa precariedade de condições coadjuvada à situação em relação à caatinga do Nordeste e, possìvelmente, a condições paleoclimáticas determinam o aparecimento nessa parte da Zona das "Cuestas" do Meio Norte de uma vegetação predominantemente xerófita — a caatinga.

Martius, em 1819, e Luetzelburg, aproximadamente um século depois, foram os pesquisadores que mais contribuíram para o conhecimento da vegetação dessa região, cuja fisionomia e composição florística descreveram.

Luetzelburg assinala nessa área do Piauí vários tipos de caatinga. Assim, a "caatinga baixa" seria a dominante nas "chapadas e planaltos", constituída mormente por Mimosas, Cesalpináceas, Euphorbiáceas (Croton, Jatropha, Euphorbia e Manihot) de vegetação densa, não havendo claros ou espaços entre os indivíduos "os quais impedem o desenvolvimento de bromeliáceas e cactáceas de pequeno porte, dominando a paisagem elementos arbustivos e de ramificação espraiada". A "caatinga alta", rica em elementos arbóreos ocupa em particular "os vales largos entre as serras e colinas" onde "o solo é menos duro, sêco e pedregoso", e "parece ser o tipo mais comumente encontrado...", isto também de acôrdo com Luetzelburg.

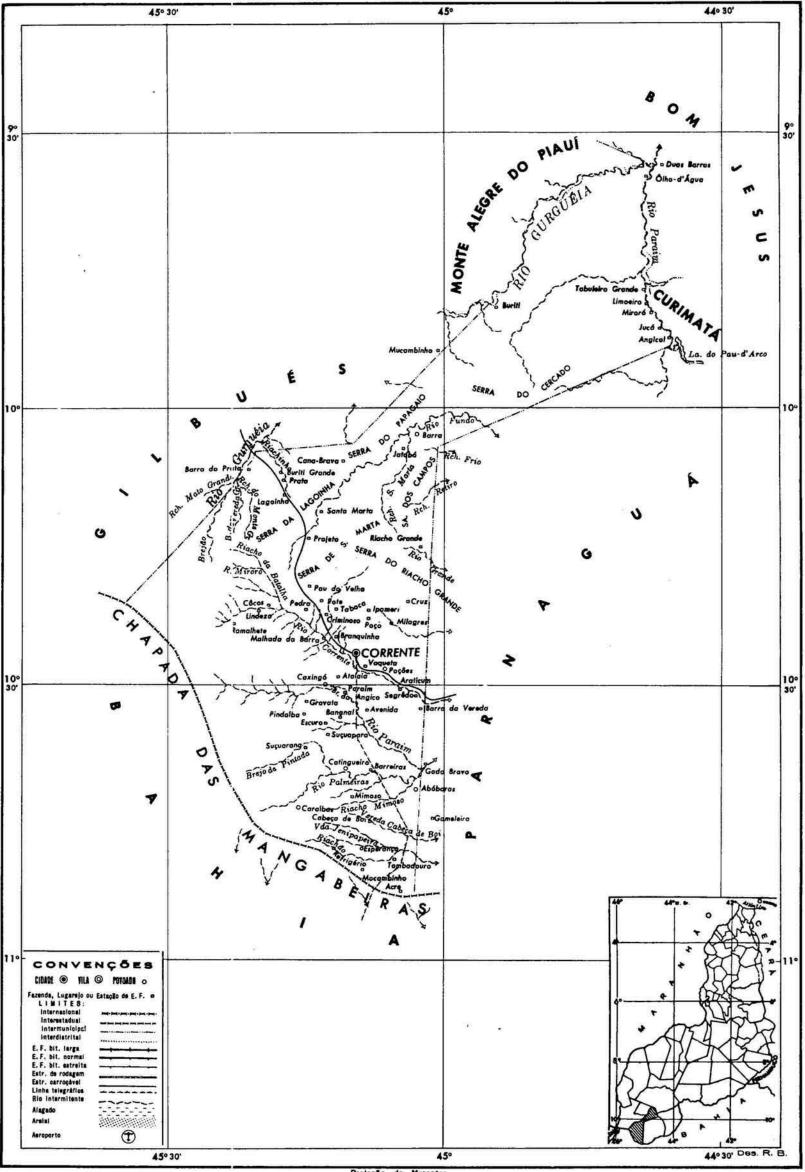
Aí as cactáceas e bromeliáceas diminuem bastante, enquanto os elementos arbóreos atingem por vêzes 5 a 6 metros; nestas caatingas segundo Luet-

Município de Oeiras — Piauí *(Foto C.N.G. 3619 — T.J.)*

A foto deixa entrever um aspecto do relêvo perto de Oeiras. Sobressaem as formas assimétricas e as camadas levemente perturbadas do Devoniano médio. Nas vertentes sêcas localiza-se o "cerradão", vegetação mais espêssa que a do "cerrado" típico enquanto nas zonas mais baixas, ocorre a carnaúba. *(Com. M.G.C.H.)*

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:750 000
(1cm = 7,5 km)

Divisão Territorial em 31-VII-1956

Município de São Pedro do Piauí — Piauí *(Foto C.N.G. 3 443 — T.J.)*

Êste aspecto de cerrado grupado lembra os capões, pois acha-se separado por grandes espaços recobertos por gramíneas, embora os capões sejam grupamentos arbóreos cujo conjunto se apresenta mais isolado. A vegetação rasteira que o circunda é utilizada na criação extensiva do gado.

Êste tipo de cerrado serve de transição para tipos xerófitos e provàvelmente é remanescente de um páleo-clima. Esta vegetação com espécies de cerrado, formando capões, encontra correspondente nos tabuleiros do litoral de Sergipe e Alagoas. *(Com. M.C.V.)*

zelburg, predominam as leguminosas, representadas particularmente pelas mimosaceas e cesalpinaceas que "alcançam superioridade sôbre tôdas as outras, constituindo 60% da vegetação total".

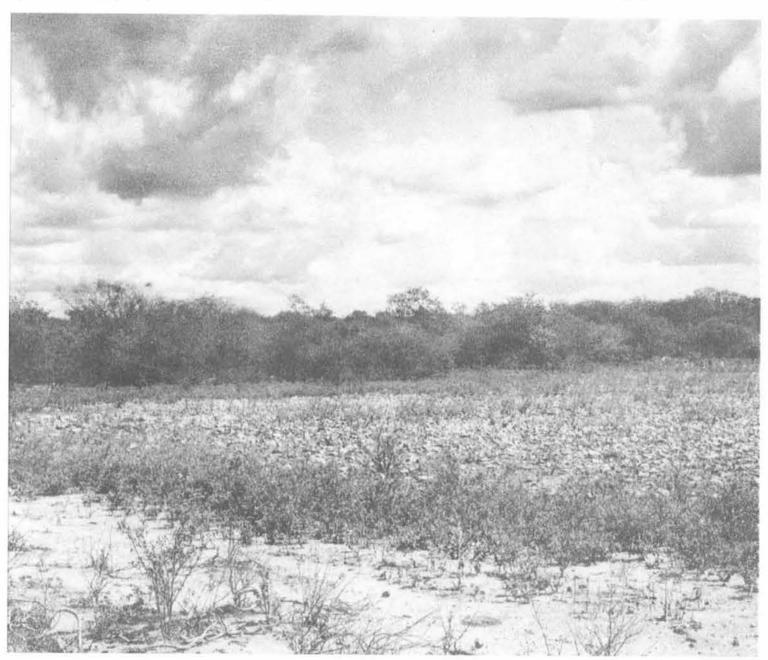
Assevera Luetzelburg: "A composição destas caatingas percorridas constituía-se de pau-de-rato (Cesalpinia pyramidalis), pau-ferro (Cesalpinia ferrea), imburana (Torrensia cearensis), fedegoso (Crotallaria spec.), Mata-pasto (Cesalpinia spec.), veludo (Crotton spec.), Imbu (Spondias tuberosa), barricudinho (Boerhavia spec.), pião (Jatropha) ribifolia), pau-de-casco (Cesalpinia spec.) jurema preta (Mimosa aspera), bico-de-papagaio (Mimosa spec.), canela-de-velho (Mimosa spec.), Paratudo (Gomphrena Pohlii), Maniçoba (Manihot piauhyensis), como também de diversas espécies de malpigiáceas, compsitas, malváceas e Opumtias".

Ao lado destas se alinham ainda os angicos (diversas Piptadenias e Pithecolobiuns), a aroeira (Schinus, várias espécies), a faveleira (Jatropha phyllacantha), a baraúna (Schinopsis brasiliensis), o juàzeiro (Ziziphus joazeiro), o marmeleiro (Crotton sp.), a catingueira (Cesalpinia sp.), a barrigu-

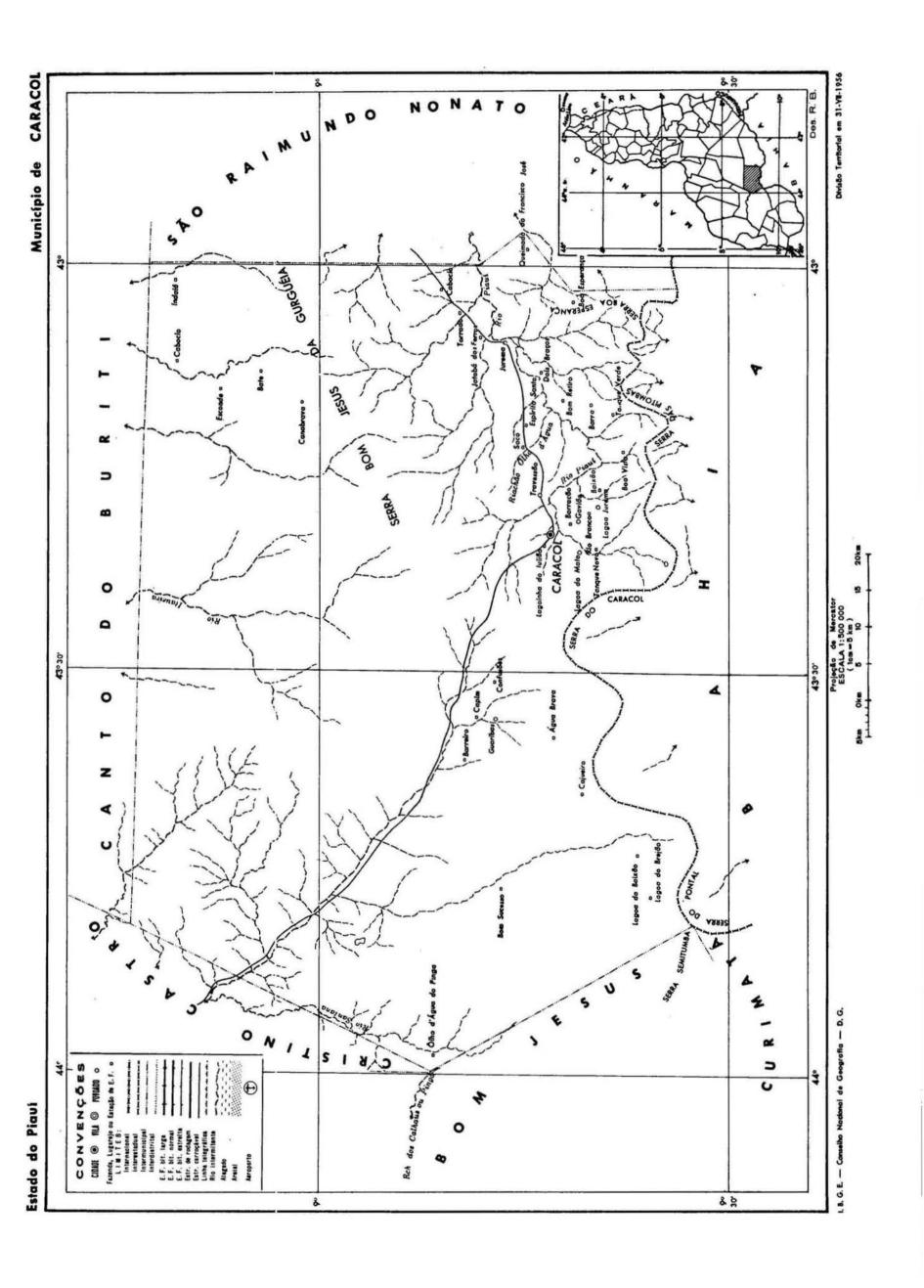
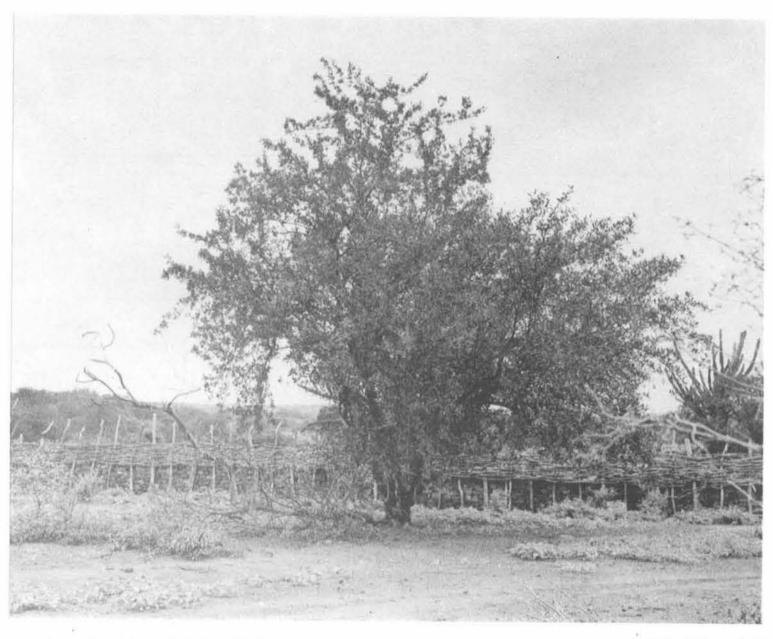
CONVENÇÕES
CIDADE VILA POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
BOM JESUS
CARACOL
SERRA DO PONTAL
CORRENTE
PARNAGUÁ
BAHIA
SERRA VERMELHA
VÁRZEA DA CRUZ
SERRA DA TABATINGA
SERRA SAMAMBAIA
CURIMATÁ
Rio da Tábua
Rio Rangel
Rio Curimatá
Cabeça-no-Tempo
Lagoa do Arroz
Caldeirões
Consolação
Nova
Viração
Cruz
Lagoinha
Conceição
Volta do Riacho
Tamanduá
Lagoa dos Veados
Novo Vista
Vargem Bela
Vista Nova
Ruínas
Tanque
Largo
Pau-d'Arco
La. do Pau-d'Arco
Bôca da Catinga
Bonfim
La. Bonfim
Canto
Brejo Grande
La. Ipueira
La. Água Branca
Pedrinha
Amparo
Delícia
Caraíba
Alto Alegre
Espinhos
Carnaubinhas
Poço Fundo
Tamburi
Poço
Comprido
Jatobá
União
S. Rosa
Loucos
Mocó
Paço do Jirau
Sítio Novo
La. do Gruguzim
Matinha
Vereda da Mata
S. João
Carnaubinha
Bela Vista
Mucambo
Campo Novo
Cômodo
Alívio
S. Francisco
La. do Aleizo
S. Antônia
Bôca da Vereda
Lagoado
Vacas
44° 30'
44°
9° 30'
10°
10° 30'
Dos. R. B.
MARANHÃO
CEARÁ
PERNAMBUCO
BAHIA

da (Corysia sp.), e cactáceas como o facheiro (Cereus squamosus ?), o xique-xique (Cereus gounellei (Weber), Luetz.), a coroa-de-frade (Melocactus sp.) e várias Bromeliáceas, entre as quais as mais comuns são a macambira (Bromelia laciniosa) e o caroá (Neoglaziovia variegata); tudo isso recobrindo um solo raso predominantemente silicioso e por vêzes coberto por um manto espêsso de seixos angulosos e blocos de quartzo. Essa cobertura do solo é encontrada até mesmo sôbre os que resultam de uma rocha matriz de natureza sedimentar ou mesmo metamórfica, como são os arenitos e xistos que aí prevalecem. Por outro lado, não é raro a ocorrência dêsses leitos de seixos na superfície do solo e mesmo de concreções ferruginosas que indicam, provàvelmente, variações climáticas que a região teria sofrido em Períodos geológicos anteriores e que evidentemente influenciaram na história da ocupação florística desta área. Os fatos acima são relativamente comuns em todo o Meio Norte e reclamam estudos mais acurados que poderiam de muito contribuir para a compreensão de diversos aspectos ainda obscuros da fitogeografia regional.

Os carnaubais, os buritizais e os babaçuais são encontrados na Zona das "Cuestas" sob a forma de "ilhas" de maior ou menor extensão.

A carnaúba (Copernicia cerifera) prefere locais onde os solos sejam razoàvelmente profundos e alcalinos e surge quase sempre em baixios, mas "não foge de terrenos mais sêcos das regiões semi-áridas" e "cobre em forma de grupos ou em exem-

Município de Paulistana — Piauí *(Foto C.N.G. 3 566 — T.J.)*

Aspecto da caatinga do Piauí, nas proximidades de Paulistana. A vegetação apresenta-se com folha e mais fechada por ser época das chuvas.

No primeiro plano, nota-se a devastação da caatinga, motivada pela explotação de lenha, consumida principalmente pela Viação Férrea Federal Leste Brasileiro, ramal Petrolina—Teresina, que alcança Paulistana. *(Com. A.S.M.)*

Município de Conceição do Canindé — Piauí (Foto C.N.G. 3556 — T.J.)

A caatinga, vegetação característica do interior dos estados nordestinos, engloba grande número de formações e associações vegetais. Dentre as árvores que comumente ocorrem na caatinga encontramos a faveleira (*Cnidosculus phyllacanthus* M.), árvore tôda coberta de espinhos, até nas fôlhas; tem, comumente, 2 metros de altura. A que aparece na foto, é de grande porte chegando a atingir 6 metros. Seu látex é combustível e balsâmico. (*Com. E.R.S.*)

plares, isolados, freqüentemente, o centro e o norte do Piauí", segundo Carlos Eugênio Pôrto. Assim, em áreas relativamente contínuas e de maior extensão, e, outrossim, na região de Campo Maior sucede com muita freqüência. Avança para o litoral, surgindo dentro das áreas de caatinga ou cerrado. "Ao sul do estado do Piauí, no rio Gurguéia, a carnaúba ocorre alternadamente co mo buriti" e "transpondo o rio Parnaíba, para entrar no território do Maranhão", conforme assinala Luetzelburg, cede sua importância a outra palmeira de grande significação para a economia regional: o babaçu.

O babaçu (Orbygnia speciosa), ao contrário da carnaúba, necessita de clima quente e úmido, tem preferência por solos que apresentem à superfície uma camada arenosa de mais ou menos cinqüenta centímetros e disponham de um subsolo rico em matéria orgânica. Isto, entretanto, não impede que êle seja encontrado em regiões de caatinga como no vale do rio Canindé, ao sul do Piauí. Seu aparecimento verifica-se, geralmente, em depressões e ao longo dos vales mais úmidos misturado com a mata que acompanha sempre o rio Parnaíba e outros rios mais importantes da região.

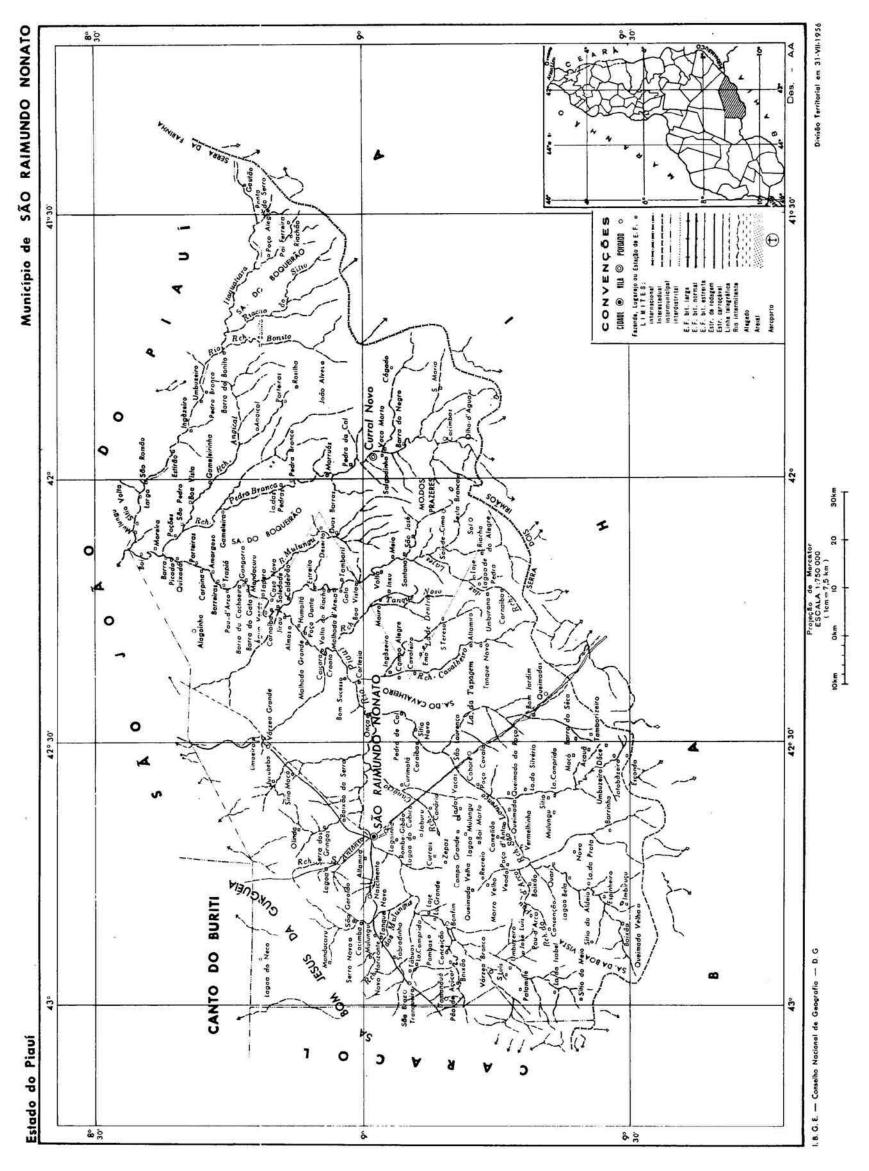
Apesar da existência do babaçu, também, na Zona das "Cuestas", êle não desempenha aqui, tanto fisionômica quanto econômicamente o mesmo papel que a carnaúba, cuja significação é muito mais acentuada na Planície.

Da mesma maneira, o buriti, embora surja, esporàdicamente, às margens de algumas lagoas tem papel mais destacado na fitofisionomia dos cha-

Município de SÃO RAIMUNDO NONATO

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G

Projeção de Mercator
ESCALA 1:750 000
(1cm = 7,5 km)

Divisão Territorial em 31-VII-1956

padões, onde é espécie quase obrigatória nas cabeceiras dos numerosos rios que drenam os chapadões do Piauí e principalmente do Maranhão, o mesmo não acontecendo na extensa área das caatingas da Zona das "Cuestas". Torna-se, entretanto, mais freqüente, nas áreas de cerrado desta região.

A região das "cuestas" abrange o estado do Piauí em sua quase totalidade. Apenas a pequena área marginal ao rio Parnaíba, da cidade de Amarante para baixo, enquadra-se na vasta planície do Meio Norte, e uma limitada zona no alto Parnaíba pertence ao domínio das chapadas.

As "cuestas", como foi visto, constituem a feição fisiográfica dominante na região em estudo. No entanto, os aspectos geográficos diferentes que podem ser observados nesta vasta área, não só quanto ao relêvo, mas sobretudo, com respeito ao clima, à vegetação e aos solos determinam uma ocupação humana particular, com formas de utilização da terra e gêneros de vida característicos.

Uma distinção nítida impõe-se, de início, entre a metade norte e a sul do Estado dividida, grosso modo, pelo paralelo de 7° lat. S. Ao norte dêsse paralelo situam-se as áreas econômicamente mais

Município de Simplício Mendes — Piauí *(Foto C.N.G. 3554 — T.J.)*

A mestiçagem intensiva tornou a etnia do Meio Norte das mais complexas do país. Tornam-se, pois, difíceis as classificações de tipos, como o apresentado na foto, onde se conjugam traços indígenas, africanos e mesmo brancóides. *(Com. M.M.A.)*

Município de Campo Maior — Piauí *(Foto C.N.G. 3482 — T.J.)*

A zona de pastagem do capim mimoso é das mais belas do Piauí. Caracteriza-se por extensas áreas planas por êle cobertas, onde aparecem árvores esparsas e carnaubais.

O aspecto dêsses pastos é o de prados verdejantes e floridos, semelhantes a parques cuidadosamente tratados, como se observa na fotografia, tirada nas proximidades de Campo Maior, município essencialmente criador. *(Com. A.S.M.)*

desenvolvidas onde um bom sistema de ligações rodoviárias e a única ferrovia da região, a Estrada de Ferro Central do Piauí, têm sido os fatôres essenciais do progresso e do maior adensamento demográfico aí constatados.

A possibilidade de fornecimento a um mais vasto mercado de consumo constituiu a causa precípua do incremento observado na economia agrícola e do desenvolvimento maior das atividades ligadas às indústrias rurais. A rêde rodoviária, por ser de data relativamente recente, não foi capaz, ainda, de criar núcleos urbanos, que por suas funções de concentradores da produção da área circunvizinha e de distribuidores dos produtos importados, reunindo as atividades comerciais, industriais, bancárias, educacionais e sanitárias se destaquem como capitais regionais.

No entanto, já algumas cidades piauienses da área estudada, lançam-se nesse caminho promissor, graças à sua posição geográfica: Campo Maior, a meia distância entre Parnaíba e Teresina, os dois grandes centros comerciais estaduais, situa-se à margem da rodovia por onde se faz o mais intenso tráfego entre a capital do Piauí e Fortaleza. Picos na rodovia federal Br-24 comanda todo o escoamento da produção para o sul do Ceará e Pernambuco e finalmente Floriano, sôbre o rio Parnaíba, ligada por excelente rodovia aos estados nordestinos, cresce na sua importância regional de centro coletor da produção de vasta área do vale parnaibano. Nessas cidades, o grande número de casas comerciais, de firmas exportadoras de gêneros diversos, a instalação de usinas de beneficiamento, o desenvolvimento de uma pequena indústria, as

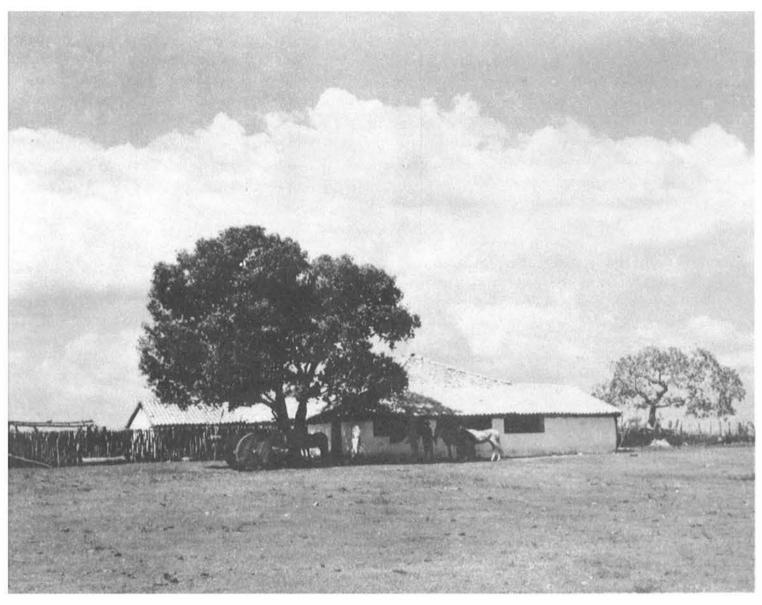
emprêsas de transporte que se multiplicam são elementos indicadores de sua vitalidade econômica. E a própria fisionomia urbana, se transmuda de pacata cidade provinciana em ativo centro comercial.

Os meios de comunicação estabelecidos abrem novos horizontes à população regional pelo contacto fácil com áreas econômicamente mais evoluídas. De uma economia agrícola fechada, feita exclusivamente em função da subsistência local, evolui a região para o estabelecimento de culturas destinadas à indústria, como o algodão, e de lavouras de produtos de consumo alimentar visando a exportação para áreas vizinhas, como acontece com o arroz, a cana-de-açúcar (rapadura), o alho, a cebola e a farinha de mandioca.

A paisagem rural do norte piauiense contrasta profundamente com a do Maranhão. Enquanto esta, em seus traços gerais, caracteriza-se pela pouca humanização, pela marca frágil da ocupação humana na paisagem natural, pelo pauperismo extremo dos habitantes rurais denunciado em suas miseráveis choupanas de palha e baixíssimo nível de vida, aquela mostra com mais vigor o trabalho fecundo de domesticação da terra pelo homem, na melhor utilização do espaço agrícola, nas técnicas de cultura menos primitivas e nas habitações rurais mais confortáveis.

Aquela servidão do "agregado" em relação aos grandes proprietários, em geral, chefes políticos locais, que gera um sentimento de revolta latente contra os "senhores", não se observa na zona ru-

Município de Campo Maior — Piauí *(Foto C.N.G. 3514 — T.J.)*

Êstes campos naturais, onde aparecem algumas árvores de carnaúba esparsas, estão nas proximidades de Campo Maior, no Piauí. Com o terreno geralmente plano, êste município é essencialmente criador, uma vez que suas terras oferecem condições vantajosas pela abundância das pastagens. Se o gado foi um dos fatôres principais no povoamento do Piauí, representa ainda uma das fortes atividades econômicas do referido estado. *(Com. T.C.)*

Município de Barras — Piauí *(Foto C.N.G. 3 336 — T.J.)*

A varanda fechada é típica das sedes de fazendas do norte piauiense, e temos um exemplo na casa grande da fazenda Boa Vista. Residindo em Teresina o dono da fazenda deixa a propriedade entregue ao vaqueiro.
Fazenda de criação extensiva, tem nos carnaubais, existentes nas suas terras, objeto de ativa explotação pelos rendeiros. *(Com. M.G.T.)*

ral do norte piauiense onde prolifera nas áreas agrícolas uma numerosa população de pequenos proprietários. Os "agregados" aqui aparecem também, porém num caráter menos servil.

Enfim, os próprios aglomerados urbanos mostram diferenças flagrantes. Mesmo as mais populosas cidades maranhenses (a exceção de Caxias) pela precariedade de suas instalações urbanas, as suas ruas lamacentas e esburacadas, a pobreza do seu casario mostram uma vida urbana medíocre, enquanto as cidades piauienses da área considerada, embora ainda pequenas no contingente demográfico, denotam uma organização mais avançada na vida citadina, sendo bem característico nelas o traçado urbano regular, as ruas amplas e calçadas, as praças ajardinadas, as ruas arborizadas, as casas limpas e bem construídas.

Não há dúvida de que o fato geográfico essencial a diversificar a paisagem foi um fato econômico: a instalação dos meios de comunicação que abriram a região ao influxo do progresso.

A parte sul do Estado, ao contrário, vegeta no maior atraso. As condições sociais e econômicas de sua população são semelhantes às da região maranhense.

O mandonismo dos "coronéis" ainda é fato corrente, a estreiteza de vistas que combate as modernas vias de circulação como fator capaz de provocar o êxodo da população mais ativa, afugentada pelas condições de vida difícil, num meio natural pouco favorável, como fator capaz, ainda, de abrir a região à penetração de elementos estranhos susceptíveis de perturbar a estrutura social dominante, são aspectos todos denunciadores de uma situação social deprimente.

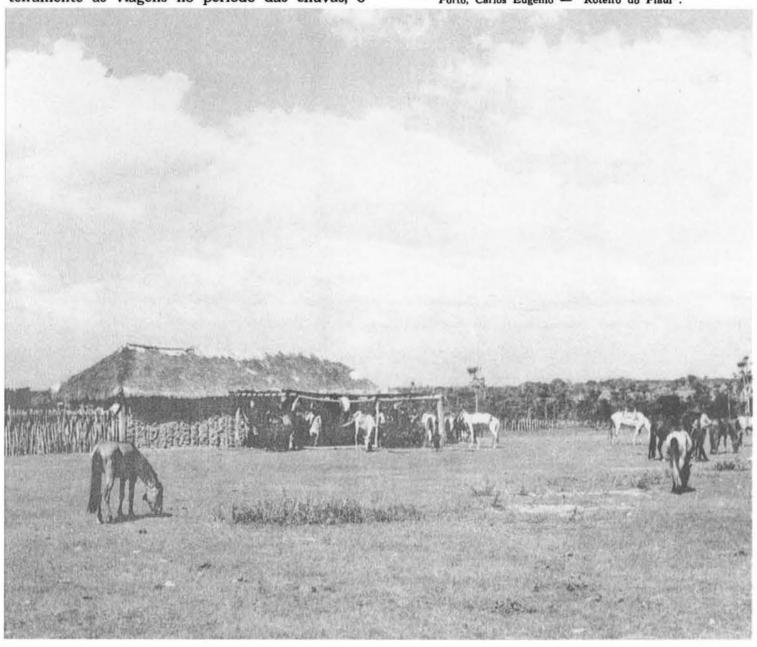
Sob o ponto de vista econômico, o sul piauiense caracteriza-se também pelo menor desenvolvimento. A economia de coleta, economia essa ba-

seada na apropriação direta dos recursos naturais, em grande parte da região é a maior embora precária fonte de riqueza, na dependência como está dos mercados externos. A cêra de carnaúba, as amêndoas de babaçu, a borracha da maniçoba, as peles silvestres constituem a base dessa economia pobre. Completada pela criação de gado na sua forma mais extensiva, capaz de fornecer apenas animais de pouco rendimento, essa parte do Meio Norte pouco representa na balança comercial da região.

O problema maior da área sul piauiense se equaciona na questão dos transportes. Com caminhos, que não são nem estradas carroçáveis, de livre trânsito apenas nos meses de estio e fechados inteiramente às viagens no período das chuvas, o sul piauiense permanece sob êsse aspecto com condições semelhantes às de séculos atrás.

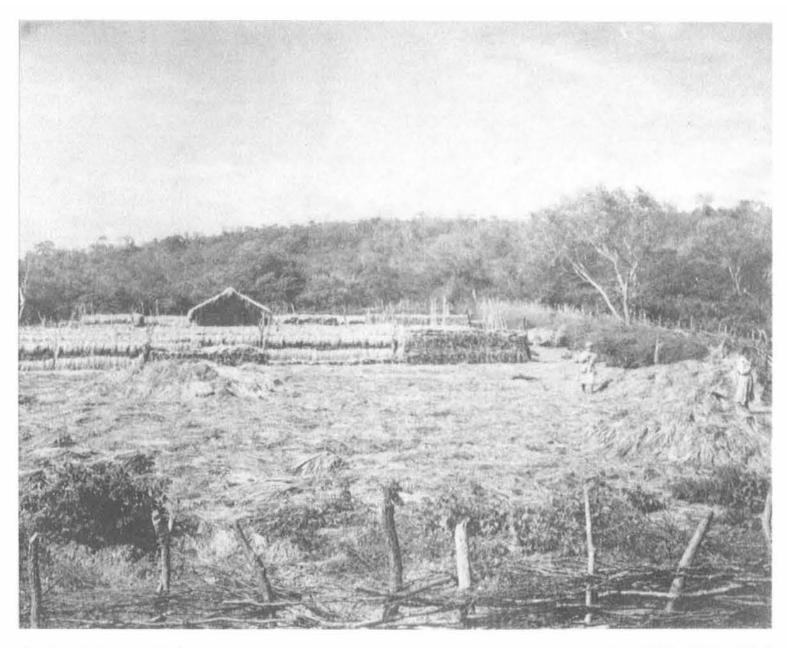
O fato do menor desenvolvimento demográfico, econômico e social do sul parece ainda mais paradoxal se considerarmos que foi esta a primeira área aberta ao povoamento, que no Piauí, teve uma orientação diversa das demais regiões brasileiras. Foi êle conquistado e povoado, como foi visto, do centro para a periferia, em evidente contradição à história litorânea das penetrações brasileiras [1].

Embora a antigüidade do povoamento pudesse predeterminar um maior adensamento demográfico, as circunstâncias em que se processou a ocupação do sul piauiense e a forma de povoa-

[1] Porto, Carlos Eugênio — "Roteiro do Piauí".

Município de Barras — Piauí *(Foto C.N.G. 3812 — T.J.)*

Aspecto da fazenda Boa Vista no município de Barras.

Reunidos em frente da venda, que é também casa de moradia, vaqueiros e suas montarias acabam de regressar de uma vaquejada. O gado foi todo reunido no curral para a apartação, pois pertence a diferentes donos.

A casa é construída em taipa com grandes blocos de arenito e de canga misturada ao barro, o que torna a construção mais durável. A coberta é feita de carnaúba com telhado em quatro águas. *(Com. M.G.T.)*

Município de Oeiras — Piauí *(Foto C.N.G. 3654 — T.J.)*

Aspecto de um "barracão" de extração do pó da carnaúba nas proximidades de Oeiras. Dentro do barracão hermèticamente fechado faz-se a "batida" do pó, enquanto a frente serve para abrigar os que trabalham na operação de "riscar" as fôlhas. Devido à exigüidade do espaço, a palha é aqui posta a secar em giraus. *(Com. E.K.)*

mento então adotada, assim como a economia estabelecida, eram de molde a agir como fatôres negativos ao crescimento populacional.

Se não vejamos. O fato da concessão de vastíssimas sesmarias aos primeiros penetradores Domingos Afonso Mafrense e Julião Serra que, em 1676, recebiam de parceria com Francisco Dias de Ávila, senhor da Casa da Tôrre, e Bernardo Pereira Gago, vinte e uma léguas de terras em quadro no vale do Gurguéia foi o fator primeiro do estabelecimento no sul piauiense de enormes latifúndios que permaneceram mais de século incompletamente explotados.

A essa primeira doação juntou-se cinco anos depois a concessão de outras sesmarias de dez léguas, para cada um, nas margens do Parnaíba, "outorgando-se nesse mesmo ano todo o território entre os rios Itapicuru e Gurguéia". Ainda completando concessões tão vultosas foram-lhes concedidas doze léguas de terras contadas do rio Parnaíba até a serra do Araripe a cada um dos citados sesmeiros.

A criação de gado instalada nessas imensas áreas de terras se constituiu no móvel essencial da ocupação da terra piauiense, determinando a grande dispersão do seu povoamento. Encontrando aí condições favoráveis ao seu crescimento, os rebanhos piauienses, nos primeiros séculos do povoamento, foram abastecer as largas áreas de consumo representadas pelas regiões mineradoras de Minas Gerais, as áreas canavieiras da Bahia e do Nordeste úmido, as zonas agrícolas do Ceará e do Maranhão.

Porém, se a densidade do rebanho bovino alcançava valores expressivos o mesmo não acontecia com o elemento humano. É sabido que a ativida-

Município de Paulistana — Piauí *(Foto C.N.G. 3410 — T.J.)*

O vaqueiro é figura inseparável da paisagem humana do Piauí. Sua importância local data do século XVII, quando a pecuária apoiou e orientou o devassamento da região sul do estado. O desenvolvimento da criação acabou por criar um complexo cultural-econômico de grande influência, sobretudo, nas populações rurais piauienses.

A foto nos permite aquilatar a estreita ligação do elemento humano com as atividades criadoras. O couro aparece como material básico do vestuário do vaqueiro, sobretudo no peitoral, nas luvas e no chapéu. É também largamente empregado na confecção de arreios e objetos vários, onde as pequenas indústrias e manufaturas regionais apresentam um apuro técnico artesanal a par com uma inegável sensibilidade artística.

Como tipo étnico, o vaqueiro representa bem a convergência de traços culturais e somáticos luso-brasileiros conservados no Piauí, como uma decorrência de um povoamento que, desde a origem, se tem conservado isento de influências estranhas. *(Com. M.M.A.)*

de criatório não exige mão-de-obra numerosa para o seu exercício.

É interessante transcrever o que diz o padre Miguel do Couto sôbre a organização das fazendas na "Descrição do sertão do Piauí": "em cada uma vive um homem com um negro e em algumas se acham mais negros, e também mais brancos, mas no comum se acha um homem branco só; vivem êstes moradores de arrendamento destas fazendas de gados, de quatro cabeças que criam lhe toca uma (sistema de pagamento adotado até hoje para o vaqueiro nas fazendas piauienses) ao depois de pagos os dízimos, são obrigados quando fazem partilhas a entregarem ao senhor da fazenda tantas cabeças como acharam nela quando entraram e o mais de parte ao quarto comem estes homens só carne de vaca com laticínios e algum mel que tiram pelos paus, a carne ordinariamente se come assada, porque não há panelas em que se coza, bebem água de poços e lagoas sempre turva e muito salitrada, os ares são muito grossos e pouco sadios, desta sorte vivem estes miseráveis homens vestindo couros e parecendo tapuia".[2]

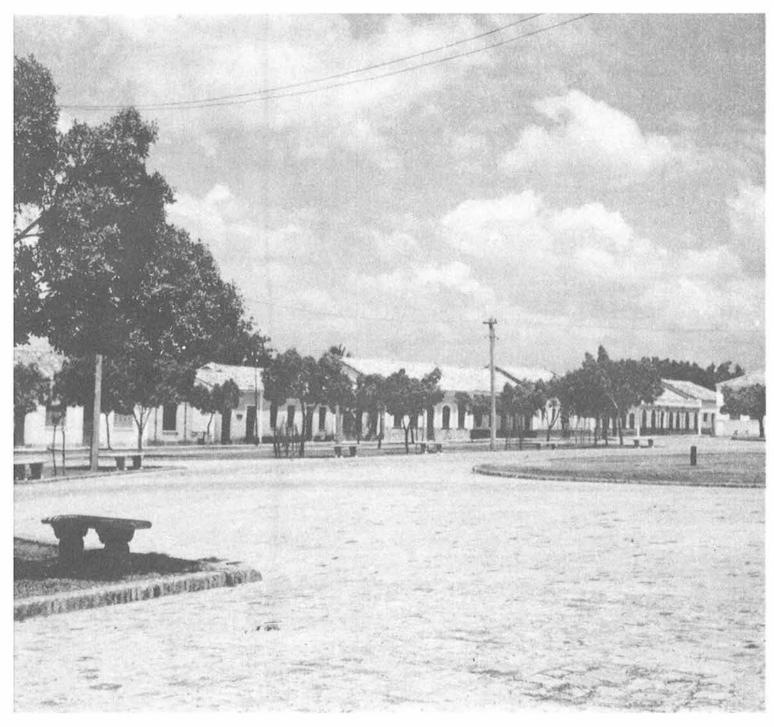
---

[2] Ennes, Ernesto: "As guerras nos Palmares", citado por Carlos Eugênio Porto em "Roteiro do Piauí".

Município de Campo Maior — Piauí *(Foto C.N.G. 3512 — T.J.)*

Campo Maior está localizada numa região de topografia regular, cercada de campos utilizados na criação de gado, uma das atividades que mantém a cidade; é banhada pelo rio Surubim, um dos afluentes do Longá.

É entroncamento rodoviário; por ela passam, além da estrada que liga Fortaleza a Teresina, outras pequenas vias de acesso ao interior.

A fotografia focaliza um trecho da estrada Fortaleza—Teresina, não pavimentada, mas de tráfego permanente. *(Com. A.S.)*

Município de Campo Maior — Piauí *(Foto C.N.G. 3516— T.J.)*

Campo Maior é uma das mais progressistas cidades do norte piauiense. Criada no século XVII devido ao desenvolvimento da pecuária como freguesia de Santo Antônio do Surubim, foi feita vila em 1762 e elevada à categoria de cidade em 1889.

Nos arredores da cidade encontramos a criação de gado, que tem se desenvolvido muito ùltimamente graças à introdução de reprodutores zebuínos, e, à carnaúba, que mantém econômicamente a região.

Campo Maior caracteriza-se por um traçado regular, com amplas praças e ruas espaçosas; a fotografia nos mostra um trecho da praça principal da cidade.

O censo de 1950 dá para o município 39 927 habitantes, sendo que 6 992 viviam na sede. *(Com. A.S.)*

No entanto, nenhum dêsses povoadores, dêsses criadores de gado anônimos, foram os donos das terras. Os verdadeiros proprietários dessas numerosas glebas, os sesmeiros, nunca tentaram participar da árdua tarefa de ocupação e valorização do sertão piauiense. Deixaram-se ficar na capital da Colônia, na cidade da Bahia, a auferir apenas os foros pagos pelos ocupantes de suas terras.

O mesmo padre Miguel do Couto relaciona na sua obra perto de 153 donos de fazendas que não eram proprietários da terra.

Esta situação iria provocar as mais violentas revoltas dos posseiros, como não as conheceram região nenhuma do Brasil. As reclamações numerosas levaram o próprio soberano português a tomar providências, ordenando por Cartas Régias a redução das áreas das sesmarias a serem concedidas e determinando, em 1699, que os possuidores de terras no Piauí que as não cultivassem pessoalmente ou por intermédio de agregados perderiam os direitos de posse em favor de quem os denunciasse. Outra Carta Régia (1702) em vista da revolta cada

vez mais veemente, ordenava que todos os sesmeiros, donatários e povoadores do Piauí demarcassem as suas terras no prazo de dois anos, sob pena de ficarem as mesmas devolutas.[3]

Mais expressivo ainda da situação verdadeiramente insustentável criada pela ocupação generalizada por posseiros sem terras de todo o vasto sertão piauiense, ocupação esta centrada no gado, é o documento constante de uma representação da Câmara da Vila de Môcha (Oeiras) enviada ao Conselho Ultramarino e que dizia o seguinte: "são extraordinários os danos espirituais e materiais que têm havido, e atualmente se experimentam nesta capitania, originados da sem razão e injustiça com que os governadores de Pernambuco, nos princípios da povoação daqueles sertões, deram por sesmaria nêles e indevidamente grande quantidade de terras a três ou quatro pessoas particulares moradores na cidade da Bahia, que cultivando algumas delas deixaram a maior parte devolutas sem consentirem que pessoa alguma as povoasse, salvo quem a sua custa e com risco de suas vidas as descobrisse e defendesse do gentio bárbaro, constrangendo-lhes depois a lhes pagarem dez mil réis de renda por cada sítio em cada um ano; pedimos a V.M. seja servido que os ditos intrusos sesmeiros não possam usar dos ditos arrendamentos, nem pedir renda aos moradores desta capitania dos sítios,

[3] Porto, Carlos Eugênio — Op. cit.

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. 3 431 — T.J.)*

A existência de "sills" de diabásio na região situada abaixo da "cuesta" de Picos proporcionou a existência de um solo fértil. Daí o aspecto que se vê na fotografia que é o de uma vasta área densamente ocupada onde o aproveitamento agrícola é intenso. O povoamento rural caracteriza-se pela dispersão.

Enquanto nesta baixada as culturas são permanentes, na encosta que aparece ao longe constata-se a prática da rotação de terras, vendo-se a alternância de áreas com roças e com capoeiras em crescimento. *(Com. N.R.I.)*

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. 3 430 — T.J.)*

A região situada abaixo da "cuesta" de Picos apresenta numerosos sítios intensamente cultivados, sendo o arroz, o milho, o feijão e a cana os principais produtos. Entre estas culturas aparecem carnaubeiras cuja explotação é de regular importância. *(Com. N.R.I.)*

que com tanto risco e trabalho descobriram a sua custa, mas antes se sirva ordenar, que cada uma das ditas fazendas contribua em cada um ano com algum limitado fôro, atendendo à muita pobreza dêstes moradores, a metade para o aumento da real fazenda, e a outra metade para o rendimento do Conselho e Câmara daquela Vila, para que o provedor da Fazenda e ouvidor da dita capitania faça averiguação das fazendas que há nelas pelo modo que for mais suave, fazendo-as numerar em um livro por êle numerado e rubricado, ficando desta forma as terras das sobreditas fazendas pertencendo "in solidem" aos ditos possuidores delas, sem em que tempo algum se possa converter e disputar em juízo escusa alguma a respeito do domínio das ditas terras, porque só desta sorte poderão cessar tão injustos pleitos e o contínuo desassossêgo que experimentam os referidos moradores e o universal clamor e queixa que há naquela capitania sôbre esta matéria".[4]

Algumas provisões datadas de 1753 mandavam cassar, abolir e anular tôdas as datas, ordens e sentenças relativas ao dissídio em que estavam envolvidos os antigos e novos possuidores da terra no Piauí.

Durante oitenta anos os vales, os campos e as chapadas do sul piauiense foram palco do trabalho enérgico, corajoso e tenaz de conquista dos posseiros, que "por amor à terra e aos rebanhos, realizaram a tarefa quase impossível de demolir a poderosa máquina das sesmarias." Foram os vaqueiros humildes e anônimos os verdadeiros conquistadores do Piauí.

A imensa área de terras recebida por Domingos Afonso Mafrense em sesmarias foi, por ocasião de sua morte, em 1711, legada aos jesuítas em um conjunto de trinta fazendas.

Aumentado posteriormente êsse número para 39, de que faziam parte 50 sítios arrendados a particulares, foram as fazendas seqüestradas aos jesuítas, em 1758, pelo governador do Piauí, João Pereira Caldas, por ordem do marquês de Pombal. Procedeu êsse governador a um cuidadoso arrolamento das fazendas, então, divididas em três departamentos ou inspeções sob os nomes de Nazaré, Canindé e Piauí. Foram nomeados administradores e designados muitos vaqueiros para serviços auxiliares.

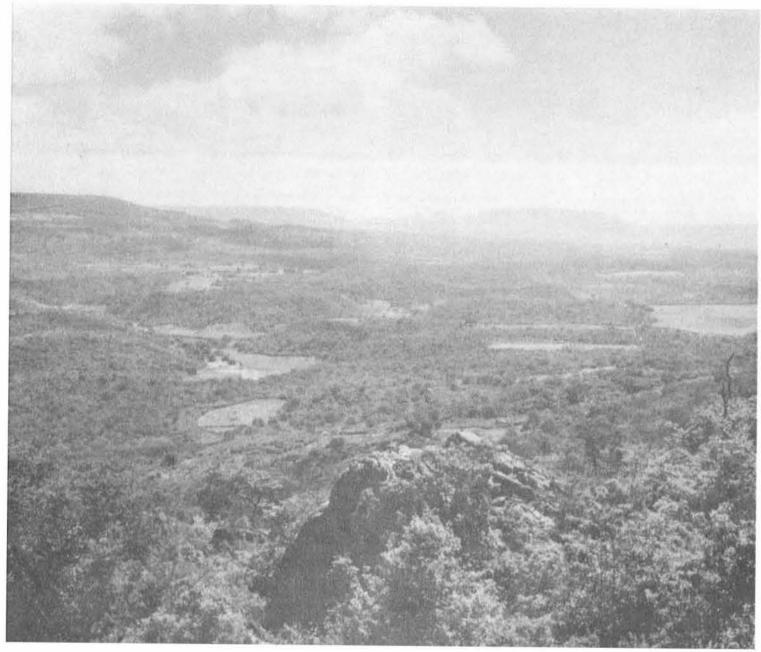
[4] Porto, Carlos Eugênio — Op. cit.

Num inventário feito pelo ouvidor Luís de Oliveira, em 1811, essas inspeções compreendiam trinta e cinco fazendas, servidas por 498 escravos e com um rebanho de 1 010 cavalos, 1 860 bêstas e 50 760 cabeças de gado bovino. Em outro inventário realizado, em 1852, foi determinada para essas fazendas uma área de 145 léguas de extensão por 75 de largura, com um total de 49 264 cabeças de gado vacum.

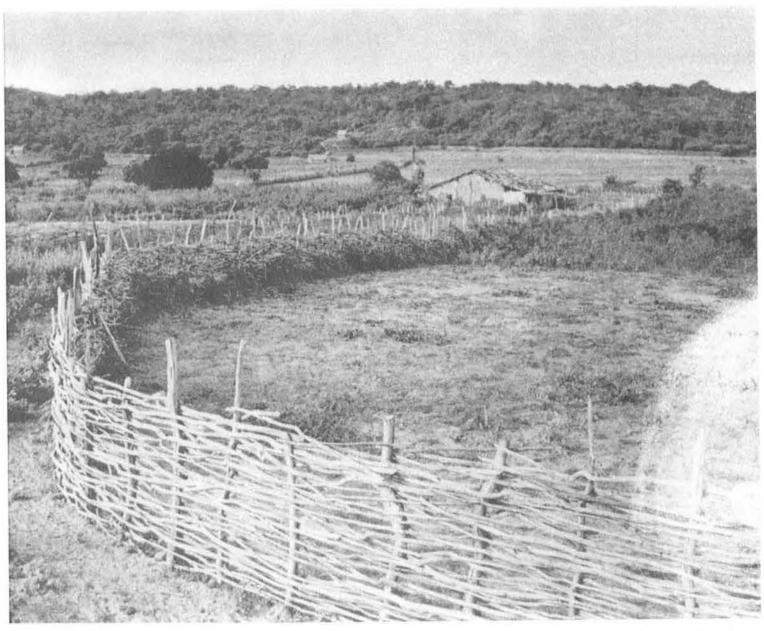
Êsses enormes rebanhos, como foi dito, abasteciam as zonas agrícolas de tôda a parte norte do Império brasileiro.

Aos poucos, as extensas Fazendas Nacionais, passaram a ser desmembradas. Primeiramente, tôdas as fazendas da inspeção do Canindé, passaram a integrar o dote da princesa Januária, irmã do Imperador, depois nova mutilação se deveu à criação da Colônia Agrícola de São Pedro de Alcântara, em 1873, ocasião em que foram desmembradas mais cinco fazendas da inspeção de Nazaré, que ficou então reduzida a uma área de 75 léguas de extensão por 51 de fundo.

Em duas diferentes oportunidades cogitou-se da venda das Fazendas Nacionais, em 1809 e 1877, venda esta que não foi, entretanto, efetivada.

Afinal, em 1878, as fazendas integrantes das inspeções do Piauí e Nazaré foram arrematadas pelo major Políbio Rodrigues Fernandes, durante um período de nove anos, por uma quantia de doze contos anuais. Entrava êle na posse de tôdas as fazendas e retiros que então possuíam 19 508

Município de Oeiras — Piauí *(Foto C.N.G. 3 331 — T.J.)*

O aspecto que se descortina no caminho de Oeiras para Picos é o de uma seqüência de "cuestas" na frente das quais aparecem baixadas intensamente cultivadas em virtude da fertilidade dos seus solos que é decorrente da decomposição dos "sills" de diabásio que aparecem no sopé das referidas "cuestas".

Conforme se pode ver na foto, o sistema agrícola empregado é o da rotação de terras primitiva. *(Com .N.R.I.)*

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. 3 330 — T.J.)*

A fertilidade do solo em certas áreas entre Oeiras e Picos é dada pela presença de "sills" de diabásio que possibilitam o aproveitamento agrícola da terra.

Nesta área multiplicam-se as pequenas propriedades, adensando-se o povoamento. A paisagem é caracterizada pela multiplicidade de casas cercadas de roças.

Podemos notar, no primeiro plano, a terra preparada para o plantio e ao fundo a mata que ainda não foi destruída. O sistema agrícola adotado é o de rotação de terras primitiva. *(Com. M.G.T.)*

cabeças de gado de espécies diversas e representavam um valor de Cr$ 492 225,00. Tendo sido assassinado, em 1879, pouco depois de assumir a administração das fazendas, Políbio nada pôde fazer. Novamente o Govêrno Imperial mandou vendê-las em hasta pública, transação que, no entanto, não se efetuou. Êsse imenso patrimônio encontrava-se em situação bastante decadente, com os seus rebanhos extremamente reduzidos.

Até que, em 1889, foi realizado um contrato de arrendamento com o engenheiro Antônio José de Sampaio, também pelo prazo de nove anos pelo preço de vinte contos anuais. Com êsse novo arrendamento visava-se um aproveitamento econômico mais completo do imenso patrimônio legado por Mafrense.

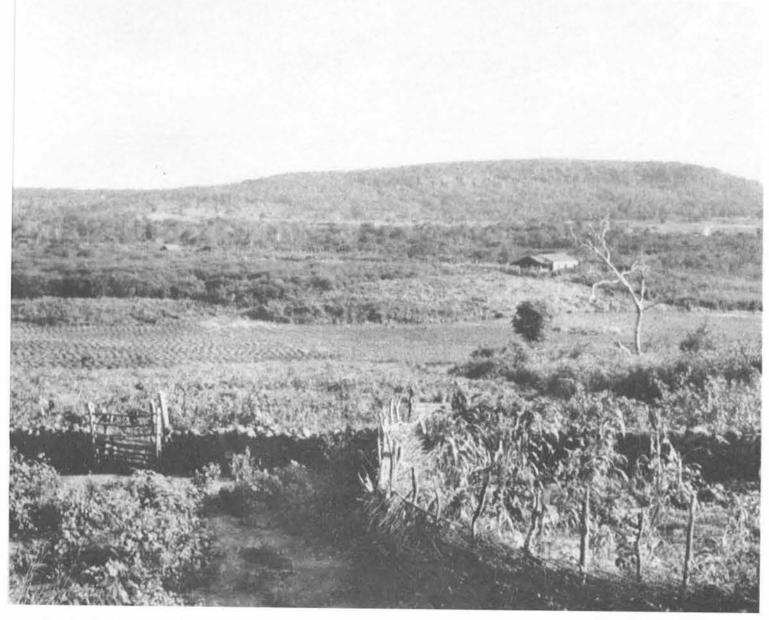
O arrendatário obrigava-se "a fundar nas ditas fazendas um ou mais núcleos coloniais, formados de nacionais e estrangeiros, sendo metade pelo menos de estrangeiros, mantendo à sua custa o estabelecimento rural de São Pedro de Alcântara, com o fim de acolher libertos menores e dar-lhes instrução, cessando todo e qualquer encargo para o govêrno, quanto a êste estabelecimento; criar e manter à sua custa uma estação meteorológica, desenvolver em larga esscala a criação de gado lanígero e introduzir nas ditas fazendas tipos especiais das melhores raças de gado vacum, lanígero, cavalar e muar; montar o maquinismo necessário para o fabrico do queijo, manteiga, leite condensado e outros produtos pelos processos modernos e aperfeiçoados; mandar vir da Europa às suas ex-

pensas, pessoal habilitado para o preparo de produtos laticínios; montar um estabelecimento para abater gado e preparar carne sêca e mais produtos congêneres, logo que as fazendas tenham suficiente quantidade de gado e que convenha explorar semelhante indústria; desenvolver a lavoura de cereais, e com especialidade a plantação de cacau e cultura do bicho-da-sêda."

O govêrno, por sua vez, era obrigado a "vender as ditas fazendas ao arrendatário, no fim do seu contrato ou antes mesmo, contanto que tenha cumprido as suas condições pela quantia de quatrocentos contos; a fornecer ao arrendatário 500 famílias de imigrantes; a entrega das fazendas será feita logo que se apresentar o arrendatário solicitando da Tesouraria da Fazenda, que deverá mandar proceder a contagem do gado de diversas espécies existentes nas fazendas e organizar os respectivos inventários".

O inventário realizado, em 1889, dava para as fazendas da inspeção do Canindé um total de 19 565 cabeças de gado bovino e 8 745 cabeças de cavalar. As das inspeções do Piauí e Nazaré estavam reduzidas apenas às terras, pois, todo o gado fôra vendido.

As fazendas que constituíam o patrimônio do Estabelecimento Rural de São Pedro de Alcântara passaram a ser administradas pelo Ministério da Agricultura.

O plano proposto era por demais ambicioso e não chegou a ser executado em todos os seus pormenores, sobretudo, porque o arrendatário lu-

Município de Floriano — Piauí *(Foto C.N.G. 3 380 — T.J.)*

A serra do Boqueirão, localizada no município de Floriano, é um belo exemplo de "cuesta", a qual pode ser vista em parte na foto.

No sopé, distingue-se, claramente, o "sill" de diabásio que faz com que se localizem nessa área numerosas roças, uma vez que a decomposição do mesmo dá margem ao aparecimento de um solo fértil.

Além disso, a existência de olhos dágua sôbre o nível de diabásio também contribui para a ocupação densa dessa área.

Podem-se distinguir, na foto, as culturas de milho, arroz e mandioca. *(Com. N.R.I.)*

Município de Floriano — Piauí *(Foto. C.N.G. 3 548 — T.J.)*

Na região de "cuestas", próxima a Floriano, aparecem numerosas pequenas propriedades localizadas nos "baixões", mais úmidos e de melhores solos. Pratica-se aí uma agricultura de subsistência, baseada no sistema de rotação de terras, o que revela o precário nível de vida dos lavradores. Vê-se no primeiro plano da foto uma plantação de milho. *(Com. N.R.I.)*

tava contra o rancor de pessoas interessadas nos lucros das fazendas.

A colonização tentada com italianos redundou no maior fracasso, não só porque não estavam habilitados a realizar o trabalho para o qual se destinavam, ou seja, os laticínios, como também não conseguiram se aclimatar na região. A indústria que Sampaio pretendeu estabelecer importando maquinaria de alto preço, resultou também no maior desastre, estando hoje relegada ao abandono e à inatividade.

A fábrica de laticínios estabelecida no pequeno povoado de Campos ergue-se como um elemento estranho, isolado numa paisagem rural, da qual se encontra completamente desligada. A sua utilização atual é como depósito da cêra de carnaúba produzida na região.

Não há dúvida de que um dos fatôres primaciais que votaram ao fracasso o empreendimento de Sampaio foi o completo isolamento da região, onde apenas caminhos de difícil trânsito ligavam-na às maiores cidades piauienses, situadas mais para o norte e que na época não passavam de insignificantes aglomerados populacionais, incapazes de constituir um mercado de consumo apreciável para o vulto dos empreendimentos programados. A pecuária parecia ser mesmo em vista da situação precária da região quanto a transportes e mercados, a atividade econômica mais indicada.

22 — 24 163

O empreendimento de Sampaio, levado ao fracasso em face de tantas circunstâncias adversas, agravadas ainda pela má situação financeira do arrematante, em conseqüência dos prejuízos sucessivos, foi inteiramente abandonado.

Essas fazendas posteriomente têm sido, ora, administradas diretamente pelo govêrno, ora, arrendadas a particulares sujeitos à fiscalização oficial. A criação de gado foi quase que completamente abandonada, sendo hoje a explotação dos carnaubais a única fonte de renda.

As fazendas pertencentes primeiramente à União, passaram definitivamente ao domínio do estado do Piauí pela Constituição de 1946.[5]

[5] As informações relativas às Fazendas Estaduais foram extraídas da obra de Carlos Eugênio Pôrto "Roteiro do Piauí".

Atualmente as Fazendas Estaduais acham-se arrendadas ao prefeito de Oeiras que faz sòmente a explotação dos carnaubais. Os lavradores instalados nessas terras pagam um fôro anual ao govêrno pela explotação agrícola e uma determinada quantia de acôrdo com o número de cabeças de gado. A criação efetuada hoje em dia, no entanto, não se compara com a realizada na época de grande prosperidade da administração jesuítica. Desde que essas fazendas passaram ao domínio oficial, a desorganização levou-as à completa decadência.

De modo geral, o panorama da pecuária piauiense em todo o Estado é de franco declínio. Um dos fatôres dessa decadência foi a perda dos principais mercados consumidores, representados

Município de Simplício Mendes — Piauí *(Foto C.N.G. 3351 — T.J.)*

Na foto vemos um "baixão" cultivado no município de Simplício Mendes. As culturas que nêle se fazem aparecem protegidas por uma cêrca em virtude da criação de gado que se desenvolve nos morros adjacentes. É uma agricultura atrasada, feita em região de caatinga, baseada no sistema de rotação de terras primitiva. *(Com. N.R.I.)*

Município de Simplício Mendes — Piauí *(Foto C.N.G. 3 353 — T.J.)*

O abastecimento dágua representa um dos mais importantes problemas para a economia do Piauí, nos trechos em que as condições geográficas são semelhantes às do Nordeste. Aí, o homem realiza muitas vêzes inauditos esforços a fim de obter o máximo aproveitamento do pouco que a natureza lhe proporciona.

A foto acima dá uma idéia dêsse esfôrço humano visando preservar a existência da água por mais longo tempo e, dêsse modo, evitar a ruína total da lavoura.

Vemos, numa bacia natural do terreno, um pequeno açude cujas águas são vasadas lentamente para a jusante do rio, onde no seu leito, se desenvolve uma cultura de arroz.

Neste trecho, são improvisadas pequenas barragens de areia e pedra, que impedirão o rápido escoamento da água e tornarão o solo alagadiço, condição ideal para a cultura do arroz. Açude da fazenda Sítio. *(Com. N.R.I.)*

nos séculos XVII e XVIII pelas zonas mineradoras de Minas Gerais e pelas áreas agrícolas do Nordeste úmido, que, passaram a ser abastecidas pelo gado criado em zonas mais próximas e produtoras de animais de melhor qualidade.

A crise ocasionada com a perda dêsses mercados e a manutenção de técnicas atrasadas e rotineiras capazes de produzir, apenas, animais de pequeno pêso e de qualidade inferior de carne, foram os fatôres essenciais a contribuir para a decadência assinalada.

As condições naturais do território piauiense onde o problema da escassez de chuvas assume, às vêzes, o aspecto de calamidade com sêcas desastrosas, como a famosa estiagem que durou três anos sucessivos de 1791 a 1793, não são de molde a propiciar maior e melhor desenvolvimento da pecuária. Para isto necessário se torna adotar medidas tendentes a uma melhoria do sistema de criação, que é aqui inteiramente extensivo, a um aprimoramento das raças locais com a introdução de reprodutores finos e à formação de pastagens artificiais destinadas a suprir a mediocridade das naturais. Só assim se poderá conseguir um aperfeiçoamento das condições da atividade pastoril no Estado, de forma que venha a pecuária a ter nova-

mente o papel destacado que gozou nos séculos passados na economia piauiense.

O sul do Piauí apesar de sua maior antigüidade no desbravamento e na ocupação perdeu logo a primazia de área mais próspera, deslocado o eixo econômico que foi para o rio Parnaíba.

Os povoadores passando dos vales do Canindé e do Piauí, primeiramente ocupados, para o vale do Parnaíba não encontraram facilidades nessa penetração.

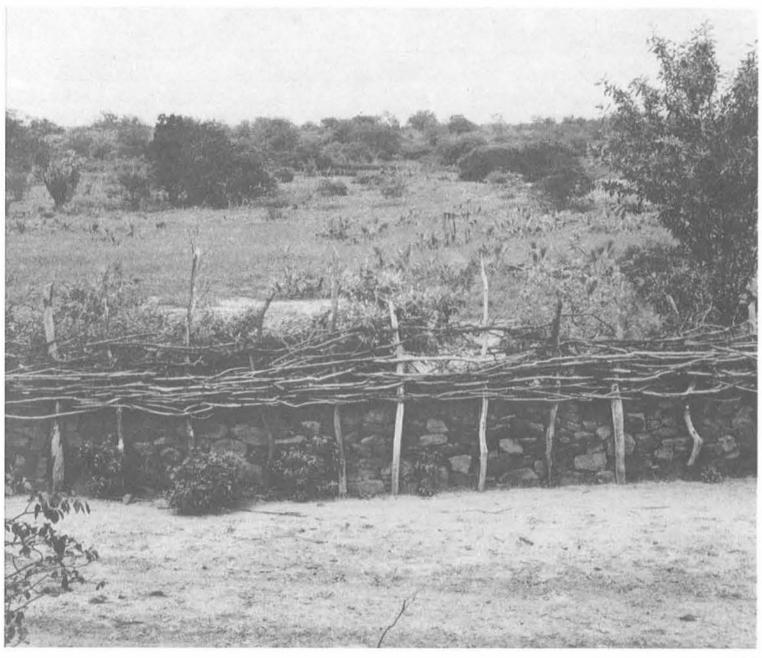
Os grupamentos indígenas malgrado a inferioridade cultural possuíam para favorecê-los o efetivo humano e o conhecimento da região. Nessas condições os primeiros povoadores tiveram que sustentar uma luta árdua que terminou pela quase total extinção dos selvagens. Alguns poucos, já destribalizados, aceitaram a coexistência com os povoadores sertanejos adaptando-se às lides criatórias.

Em virtude do seu baixo nível cultural e dos massacres de que foram vítimas, os indígenas tiveram pouca influência no povoamento piauiense. Os elementos aborígenes encontrados na ambiência do Piauí, mais do que uma herança direta, representam uma importação de modalidades culturais indígenas já aceitas e incorporadas em outras áreas brasileiras. Para isso concorriam enormemente as expedições bandeirantistas, integradas por elementos mestiços.

A penetração para o Norte tendo como eixo principal o Parnaíba não encontrou obstáculos maiores, uma vez que os indígenas haviam sido de-

Município de Simplício Mendes — Piauí *(Foto C.N.G. 3 557 — T.J.)*

Pequeno sítio situado numa várzea onde são cultivados cereais, cana e algodão, segundo um sistema de rotação de terras primitiva. Do lado esquerdo da casa, pode-se ver um pequeno curral para vacas enquanto, ao fundo, estão as roças.

A casa reflete o aspecto característico da habitação rural piauiense, com um puxado no fundo, neste caso, construído com "pedra sêca", onde estão a despensa e a cozinha. *(Com. A.S.M.)*

Município de Simplício Mendes — Piauí *(Foto C.N.G. 3 555 — T.J.)*

O uso de cêrcas de pedras sêcas com pequena altura, é típico nesta região do Piauí. Visando aumentar a altura das mesmas, colocam-se varas pouco distanciadas e que acima do nível das pedras são entrecruzados por galhos e ramos de árvores.

Essas cêrcas destinam a defender as plantações feitas no seu interior, do gado bovino.

A inexistência de qualquer plantação no interior da cêrca que aparece na foto acima, tem como causa o sistema agrícola empregado que é o da rotação de terras. *(Com. N.R.I.)*

finitivamente afastados. Nem por isso o Piauí se povoou ràpidamente. A atração das minas no século XVIII desviou as correntes migratórias para Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Por outro lado, o povoamento disperso à base da pecuária não era de molde a formar núcleos urbanos ponderáveis.

Percebendo o que representavam as fazendas do Piauí como elemento potencial de riqueza e desejando, ao mesmo tempo, estimular-lhes o progresso, o Govêrno Português resolveu em 1758 criar a Capitania de São José do Piauí, ligada ao Maranhão.

Nessa época apenas Oeiras (fundada no século XVII, pelos primeiros povoadores) elevada à capital, possuía pouco mais de três mil habitantes. Valença, Campo Maior, Parnaguá e Piracuruca que mal atingiam os dois mil indicavam a exigüidade populacional e a distribuição desequilibrada da população pelo território piauiense. Ao norte, Parnaíba apresentava a estimativa desanimadora de dezenove habitantes.

No entanto, hoje o norte piauiense avantaja-se de muito sôbre a metade sul com um desenvolvimento demográfico apreciável, para o que concorreu também uma corrente migratória cearense. Aí se encontram os maiores núcleos urbanos, os mais importantes centros comerciais e uma vida econômica mais estável e mais rica. Um dos fatôres essenciais determinantes dêste incremento po-

pulacional e econômico é, sem dúvida, a expansão acelerada de um programa rodoviário que põe essa parte do Estado em ligação direta com o Ceará e Pernambuco, de um lado, e com o Maranhão, de outro. Enquanto isso a rarefação populacional é a característica demográfica essencial do sul piauiense e com ela a decadência acentuada de alguns municípios e cidades que foram em épocas passadas centros da vida política e econômica do Estado.

As deficiências do sistema de transportes nessa área, onde as estradas podem ser apenas utilizadas na época da estiagem, como já foi referido, constituem outro fator a entravar o desenvolvimento local pelas dificuldades de relações com a capital estadual.

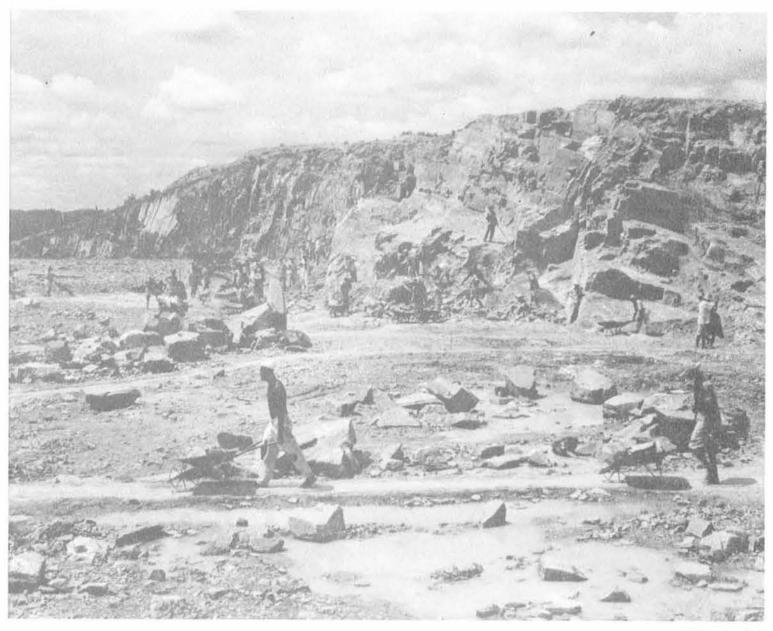
Ao considerarmos as diferentes paisagens humanas da região das "cuestas" temos que distinguir, dentro do conjunto, áreas diferenciadas por suas atividades econômicas e pelos gêneros de vida.

A primeira região a ser estudada é a banhada pelos afluentes da margem direita do rio Longá, e que se estende para leste dêsse rio, até o alto da "cuesta" da Ibiapaba.

Nessa área em que as formas topográficas não se distinguem por relêvos de maior altitude, com rios que retalham o reverso da grande "cuesta" de direção norte-sul, a paisagem humana individualiza-se pelo povoamento disperso das fazendas de gado. A pecuária que caracterizou a na-

Município de Amarante — Piauí *(Foto C.N.G. 3496 — T.J.)*

A localidade de Vargem está situada no vale do Parnaíba, onde a agricultura é praticada de maneira intensa, dando margem ao aparecimento de numerosos sítios. Nestes, os proprietários têm a seu lado os "agregados" que, em troca das áreas que recebem para plantar, são obrigados a lhes dar parte da produção. Cultivam principalmente o milho, o arroz e o algodão.

As casas dos proprietários são feitas de adobe e cobertas de telhas, enquanto as dos "agregados", construídas por êles mesmos, são de taipa e cobertas com palhas de babaçu. *(Com. N.R.I.)*

Município de Paulistana — Piauí *(Foto C.N.G. 3572 — T.J.)*

Trabalho de construção do açude Ingàzeira, no Piauí, serviço do Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas.

A rocha trabalhada é o gnaisse de grana fina, repleto de clivagem. Essa região tem ausência de camada de decomposição, recobrindo a rocha. O solo reduz-se a uma pequena película.

O represamento do rio Canindé constitui aí uma grande superfície de evaporação que é prejudicada, sensìvelmente, por estar, também, na região semi-árida, característica do sertão nordestino. *(Com. C.R.M.)*

tureza da conquista empreendida pelo elemento colonizador é ainda hoje a base de economia local.

Gado Bovino

Municípios	Número de Cabeças
Campo Maior	129 700
Cocal	2 300
Pedro II	15 700
Piracuruca	26 000
Piripiri	24 500

Fonte: Serviço de Estatística da Produção, Ministério da Agricultura. Dados de 1955.

O panorama econômico se completa, ainda, com uma atividade de coleta que encontra aqui alguns dos municípios maiores produtores de cêra de carnaúba.

Cêra de Carnaúba

Municípios	Quantidade (kg)
Campo Maior	47 700
Cocal	12 515
Pedro II	48 624
Piracuruca	30 715
Piripiri	4 800

Fonte: Serviço de Estatística da Produção, Ministério da Agricultura. Dados de 1953.

Nessa área de clima mais sêco, numa perfeita adaptação às condições naturais, o gado expan-

Município de Amarante — Piauí *(Foto C.N.G. 3 497 — T.J.)*

Como acontece em todo o estado do Piauí, os proprietários dos numerosos sítios localizados na região de Vargem, cedem as áreas de baixada a um determinado número de "agregados" que aí fazem plantações de milho, arroz e algodão principalmente. Êste último é o produto comercial dos pequenos sitiantes.

O pagamento das áreas cedidas aos "agregados" é feito em produto e varia de acôrdo com a quantidade de "linhas" (medida agrária usada no estado) cultivadas. *(Com. N.R.I.)*

diu-se imprimindo na paisagem marcas diferentes das que caracterizam as áreas agrícolas e florestais do Meio Norte.

Domina em tôda a região uma paisagem aberta de horizontes vastos onde os campos de capim mimoso, com os tufos de árvores e os carnaubais aglomerados nas baixas, assemelham-se a paisagens de parque, que se alternam com os campos cerrados das áreas mais elevadas e mais areentas, mais monótonas e menos verdes.

Nesta área de criação as roças fecham-se para fugir ao ataque dos animais.

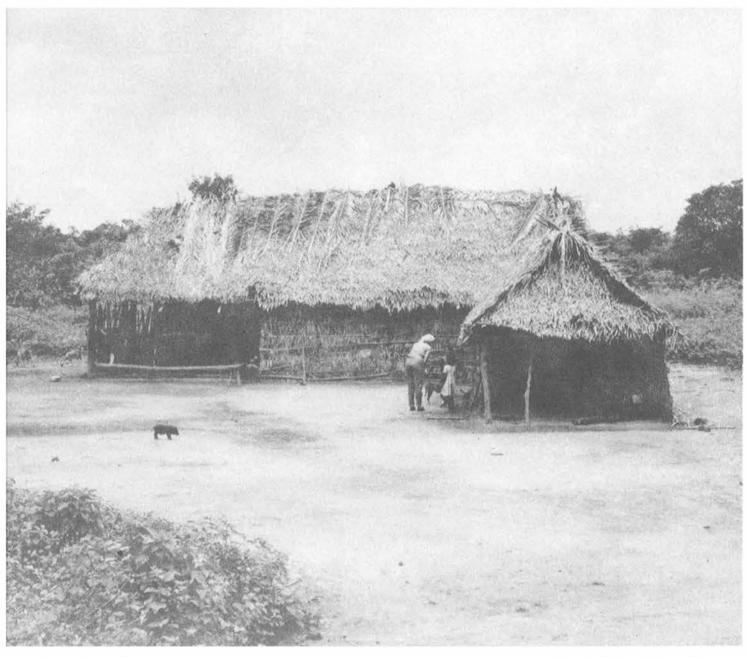
Os campos de mimoso, com sua cobertura contínua de um verde muito tenro, cobrem as áreas de solo raso, onde a canga se espalha em largas extensões. Os altos arenosos são o domínio dos cerrados, com sua característica vegetação de árvores baixas e tortuosas.

Numa grande dispersão as fazendas de criação situam-se sempre nas referidas baixas, muito amplas e muito abertas, onde os solos mais úmidos e mais espessos fazem crescer os carnaubais e as lavouras, aqui com um caráter exclusivo de subsistência. Êste tipo de propriedade não forma nunca um núcleo de povoamento aglomerado.

Geralmente, o fazendeiro é absenteísta, habitando a capital ou as pequenas cidades próximas. Ao vaqueiro, fica entregue a direção da propriedade, fazendo as vêzes de administrador.

Embora os proprietários rurais nesta área possuam profundas tradições agrícolas, pois, em geral têm suas terras como herança de antepassados, deslocaram-se êles para as cidades, compelidos seja pela necessidade de se entregarem a atividades mais rendosas, seja para gozarem as vantagens de viver em centros mais adiantados, onde a famí-

Município de Paulistana — Piauí *(Foto C.N.G. 3 571 — T.J.)*

Outro detalhe da construção do açude Ingàzeira, no Piauí. É região do alto Canindé, onde se percebe a barragem do sangradouro. *(Com. C.R.M.)*

Município de Amarante — Piauí *(Foto C.N.G. 3 502 — T.J.)*

Mostra a fotografia, em primeiro plano, um tipo de habitação de "agregado", construída com fôlhas de palmeira babaçu. A disposição dos cômodos é simples: vê-se, no lado esquerdo, a sala aberta onde o mobiliário se reduz a mesa e rústicos bancos. No centro, na parte fechada, acha-se o quarto. O puxado, na frente, serve de cozinha, a qual, geralmente, não faz parte do corpo da habitação, como medida de prevenção contra incêndio. *(Com. M.G.T.)*

lia se beneficiasse de maiores facilidades educacionais e melhores contactos culturais.

Embora, hoje, não se interessem em restituir às suas fazendas a prosperidade que gozaram no passado, a elas se sentem intimamente ligados, pois que constituem "bens de raiz", garantias de uma situação econômica e social estável e sólida.

É bem característico o aspecto das fazendas de pecuária do norte piauiense: as casas dos proprietários, brancas e acachapadas na paisagem aberta e vazia, têm sempre o mesmo aspecto com suas varandas fechadas em tôrno das fachadas fronteira e laterais e com seu telhado em quatro águas.

Não muito longe ergue-se a casa do vaqueiro, muito mais rústica e pobre na sua construção de barro em que se misturam os blocos de canga para lhe dar maior resistência. Elemento, ainda, sempre presente é o curral, sólido cercado onde se reúne o gado para a apartação e a "ferra". Aí também o gado leiteiro é guardado para a ordenha.

O curral é o traço característico da paisagem do criatório.

Disseminadas em meio aos carnaubais, estão as casas de taipa e palha dos "moradores", que fazem o serviço das roças e trabalham na extração da cêra de carnaúba nas diferentes fases de seu preparo. A precariedade das habitações reflete bem a instabilidade da ocupação de uma terra que não lhes pertence e que, por vêzes, têm que abandonar.

A fazenda norte piauiense nunca é exclusivamente criadora. Sempre reúne o trabalho do gado com o trabalho da cêra. E por isso é freqüente

Município de Oeiras — Piauí *(Foto C.N.G. 3 814 — T.J.)*

A palmeira babaçu é também encontrada na região das "cuestas" do Meio Norte.

Não se pode dizer que a explotação do babaçu constitua um gênero de vida típico no Brasil, apesar do progresso verificado na referida explotação. Isto porque o trabalhador rural não é desviado totalmente das culturas de arroz, mandioca e algodão para trabalhar nos babaçuais. O "agregado" complementa a sua atividade agrícola com a explotação do babaçu, na qual participa todo o grupo familiar.

Embora no Piauí a economia coletora tenha na cêra de carnaúba seu principal produto, também se processa a explotação do babaçu. *(Com. J.X.S.)*

aparecer o barracão de extração da cêra, erguendo as suas toscas instalações de palha, nas proximidades da casa principal.

Vejamos agora, em largos traços, a organização do trabalho agrícola nessas fazendas.

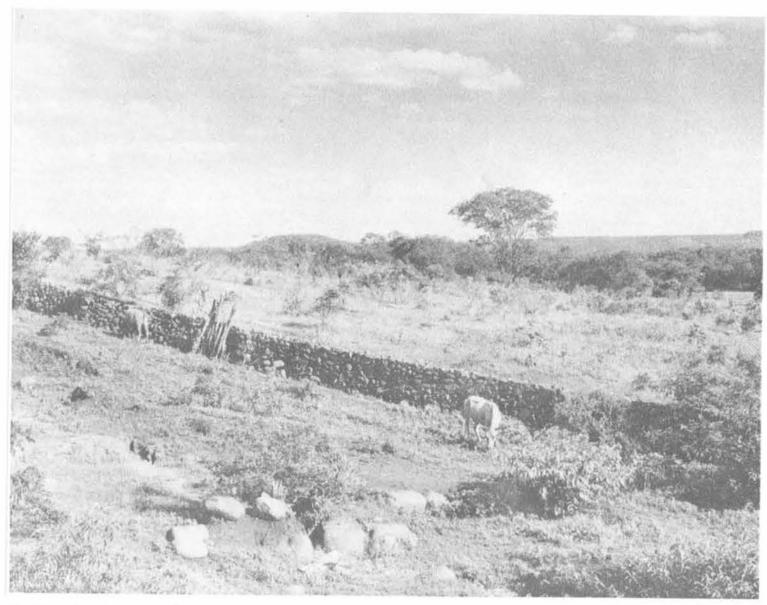
O gado criado de forma extensiva tem nas áreas de mimoso e nos cerrados os seus campos de pastagem. É o vaqueiro a figura típica do Meio Norte pecuário, com o seu "uniforme" de couro de veado mateiro, em que o "gibão" comprido a lhe bater nas coxas, distingue-o do seu congênere do Nordeste sêco. É êle o encarregado de zelar pela gadaria do patrão, o que faz com o máximo desvêlo e dedicação. Ganhando, ainda, pelo tradicional sistema de "sorte", de quatro bezerros, um é seu, mistura as suas poucas cabeças com o rebanho comum. No entanto, a valorização do gado está levando os proprietários a lhe pagar em dinheiro, embora esta forma de remuneração não seja considerada interessante pelo vaqueiro, que do outro modo tem a "semente".

Os "campeiros", trabalhadores assalariados, são os seus auxiliares nos trabalhos de conservação das cêrcas e das pastagens.

Os anos de estiagem mais rigorosa obrigam a retirada do gado dos campos secos de mimoso para os cerrados de Castelo do Piauí e Valença, onde o capim agreste, mais resistente, lhe proporciona alimentação suficiente completada pela faveira, leguminosa que constitui ótima forragem para o

Município de Amarante — Piauí *(Foto C.N.G. 3 589 — T.J.)*

Nas áreas onde ocorre o babaçu, o "agregado" utiliza êsse material na construção de suas habitações que revelam o baixo nível de vida em que vive essa população.

Próximo à casa fazem pequenas roças de subsistência, sendo a explotação do babaçu a sua principal atividade econômica. *(Com. L.C.V.)*

Município de Oeiras — Piauí *(Foto C.N.G. 3 659 — T.J.)*

Bem típico das áreas de culturas no Piauí é a cêrca de pedra, construída com blocos de canga e seixos, que se encontram na superfície. Estas pedras são apenas colocadas umas sôbre as outras sem argamassa que as una.

Nesta zona a agricultura é feita pelo processo de rotação de terras primitiva. A terra quando em repouso, que leva 5 a 6 anos, é utilizada como pastagem para o gado bovino. *(Com. M.G.T.)*

gado. Uma atividade característica da época sêca é a venda nas cidades, por cearenses flogelados, de favas catadas nos "agrestes".

Uma tentativa de melhoria dos rebanhos regionais se manifesta na introdução de reprodutores zebus que mestiçados com o gado "pé duro" estão contribuindo para a produção de um gado de melhor qualidade e pêso.

Já alguns proprietários também visando a melhoria do gado estão procedendo à instalação de pastos artificiais de "capim de planta", para garantir aos animais boa alimentação nos meses de estiagem. No entanto, tal iniciativa aparece de forma muito restrita e não chega, ainda, a modificar a paisagem, nem a técnica tradicional de criação.

É interessante ressaltar que a prática agrícola assume aqui um caráter de suplementação à atividade criatória. Êsse fato está patente nos contratos de arrendamento dos "moradores", com duração sòmente de sete a oito meses, tempo suficiente para a plantação, o crescimento e a colheita das lavouras temporárias de milho, feijão e arroz. A "palhoça" pertence ao dono das terras que nela solta o gado durante a estação sêca. Dessa cultura realizada pelo "morador" recebe o fazendeiro um quinto da produção quando apenas fornece a terra, correndo todo o trabalho agrícola e mais a aquisição de sementes e ferramentas por conta do rendeiro. Se o proprietário fornece a roça cercada receberá um quarto dos mantimentos colhidos.

Os "moradores" neste sistema não podem cultivar lavouras de ciclo vegetativo mais longo, como a mandioca, a cana-de-açúcar e o algodão, pois, ao proprietário não interessa um contrato que ultrapasse o período de uma safra. O seu objetivo

é ter as roças abertas prontas para receber o gado quando se inicia a estiagem.

Portanto, a razão precípua dessa forma de arrendamento é uma imposição das condições climáticas. Os "moradores" constituem para os fazendeiros um viveiro de mão-de-obra, pois, quando necessitam de trabalhadores avulsos para as lidas da fazenda são êles contratados como diaristas não permanentes.

Outra classe de trabalhadores rurais na área estudada é a dos "meeiros" que trabalham com a cana-de-açúcar, lavoura permanente, nas áreas úmidas, próximas aos rios e riachos. A meiação se verifica na produção da rapadura e da aguardente, preparadas no engenho do patrão que fornece também os bois de serviço.

Ainda, sob outro aspecto verifica-se a associação da criação de gado com a lavoura: é na utilização generalizada do estrume de curral e de bode na fertilização das roças. Sobretudo, as culturas de cana-de-açúcar é que se beneficiam com a adubação, prática também observada na parte cearense da serra de Ibiapaba.

Mesmo as áreas de campos e de cerrados são passíveis de aproveitamento agrícola, o que é feito no sistema da formação de "cercados", onde a terra pobre é fertilizada com o estrume e com a palha de carnaúba, depois de extraído o pó.

As palhas espalhadas nos "cercados", de modo a cobrir o solo, protegem-no contra a evaporação excessiva e enriquecem-no com matérias orgânicas e sais minerais.

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. 3616 — T.J.)*

A fotografia apresenta uma vista geral de Riachão, povoado situado em região de relêvo subtabular, no vale do Riachão. Ao fundo, pode-se ver as planuras cobertas de cerrado para onde se dirige a população na época das chuvas, quando trabalham nas vacarias. *(Com. M.G.T.)*

Município de Picos — Piauí (*Foto C.N.G. 3 357 — T.J.*)

O povoado de Riachão apresenta um aspecto de abandono quando a população que é em sua maioria constituída de agricultores, se retira para as chapadas próximas, onde planta mandioca e feijão de corda e trabalha nas vacarias. Esta mudança é feita na época das chuvas, em dezembro.

Na época da estação sêca, nas vazantes do rio que banha o povoado, é feita plantação de alho e cebola, ocasião em que a população agrícola reside no povoado. (*Com. M.G.T.*)

Os "cercados" são geralmente plantados com milho e feijão e pertencem sempre ao fazendeiro. Também aí é sôlto o gado na época sêca.

De tôdas as formas se procura remediar o problema representado pelas sêcas na manutenção do rebanho bovino. Numerosos açudes têm sido construídos por particulares e alguns pelo Departamento Nacional de Obras contra as Sêcas.

O maior açude público da região é o do Caldeirão, construído por aquêle órgão federal no rio dos Matos a nove quilômetros da cidade de Piripiri. As terras úmidas do açude são sempre arrendadas em lotes de 1 800 metros quadrados, ao preço de vinte cruzeiros anuais. As terras sêcas ou altas são arrendadas, geralmente, por um período de dois anos, para a cultura da mandioca, ao preço de quinze cruzeiros o hectare.

Um aspecto ainda que merece referência no tocante à atividade agrícola é o que diz respeito à rotação de terras predominante em tôda a área. Dado o sistema de utilização das antigas roças para pastos, o problema do esgotamento dêsses solos porosos, originados de rochas sedimentares, não apresenta a mesma importância que em outras áreas do Meio Norte. No entanto, o uso da terra limitado a um ano em cada roça prende-se, sobretudo, às necessidades do gado de dispor dos restolhos das plantações como pastagem. E mais ainda, o período de pousio das terras agricultáveis não é função da recuperação da fertilidade perdida e

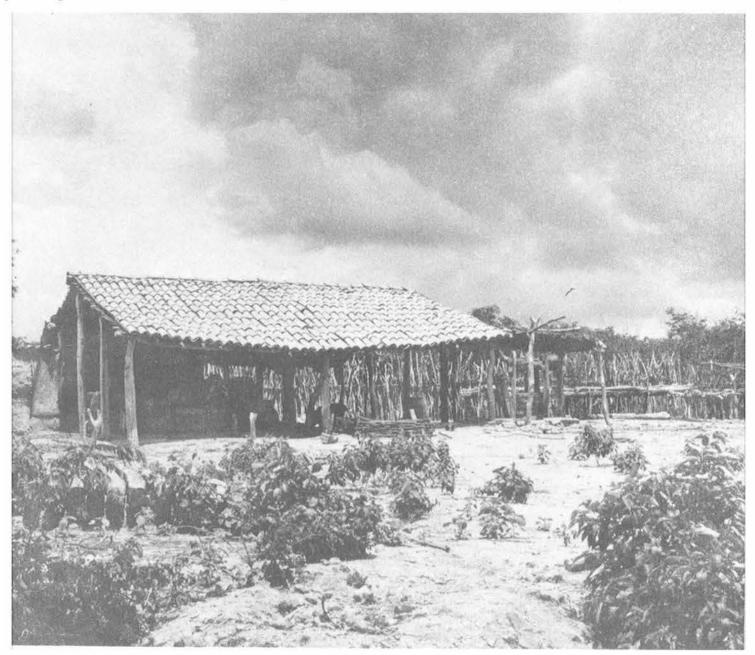
sim do tempo necessário ao crescimento de uma capoeira capaz de fornecer madeira em condições de ser utilizada na construção de cêrcas. Êsse descanso varia de cinco a oito anos.

A atividade extrativa da cêra de carnaúba, como foi dito, constitui outra apreciável fonte de renda para a região. Essa economia de coleta, dado o alto valor da cêra vem prejudicando a agricultura, por lhe subtrair braços.

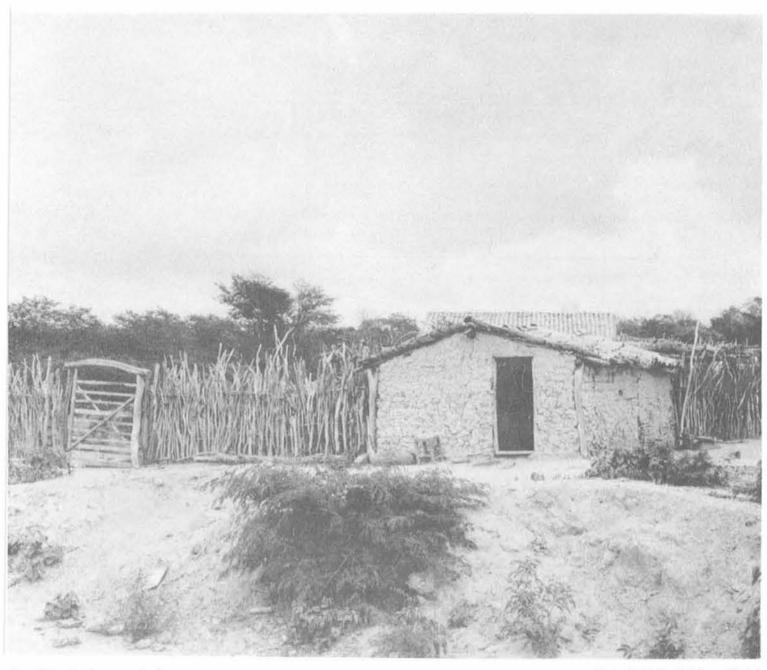
Os carnaubais são explotados por rendeiros que apenas arrendam as palmeiras e nunca as terras, pagando a explotação em produto.

Para as diversas operações da extração: o "corte", o trabalho de "riscar" as palhas, a secagem e, por fim, a "batida", os rendeiros pagam diaristas que são geralmente, os "moradores" das grandes fazendas e os pequenos donos de terras. Também colabora nesse trabalho o grupo familiar, tanto mulheres quanto crianças.

No trabalho do "corte", que é operação sempre perigosa e realizada duas vêzes ao ano, são cortadas em média 25 palhas. O "ôlho" central tem que ser deixado no mínimo com duas fôlhas para não prejudicar a palmeira. A grande valorização do produto tem levado, no entanto, ao abuso inconsiderado. As carnaubeiras submetidas à verdadeira mutilação, numa economia depredadora, têm morrido aos milhares, além de se verificar acentuado decréscimo na produção.

O rendimento do trabalho de "corte" depende da densidade do carnaubal, de sua limpeza e da altura das palmeiras. Um bom "palheiro" pode cor-

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. 3615 — T.J.)*

Em pequenas propriedades, nas proximidades de Picos, é comum êste tipo de aviamento de farinha.
Sob o telheiro fica o forno e o local onde a mandioca é raspada, serviço êste feito por mulheres.
A pequena construção à esquerda é o paiol de mandioca e à direita fica a prensa. Ao fundo, vê-se o "barcão" onde é posta a secar a goma da tapioca.
O aviamento é muito rústico, sendo todo o serviço manual. *(Com. M.G.T.)*

23 — 24 163

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. 3 614 — T.J.)*

A plantação de mandioca faz com que uma parte da população de agricultores se desloque das margens dos rios para o alto das chapadas, no início da estação chuvosa (dezembro), quando se faz êsse plantio.

A casa de taipa coberta de telhas é a residência temporária dos que vêm para a farinhada e para o plantio, deixando por algum tempo as casas dos povoados e das roças das baixadas. Ao fundo vê-se o aviamento de farinha.

Observa-se que o barro usado na construção das casas é misturado com seixos, o que dá maior durabilidade à habitação. *(Com. M.G.T.)*

tar até 5 000 fôlhas em oito horas de trabalho. Num carnaubal já velho êsse rendimento é menor, dada a sua altura.

É bastante variável a produção de cêra por palha, que atinge, em média, 4 gramas. Daí ser necessário o corte de 2 500 fôlhas para a obtenção de uma arrôba de cêra.

De acôrdo com as condições do carnaubal êsse número pode oscilar de 1 300 a 9 000 palhas[6].

Sòmente a partir dos 25 anos é que as carnaubeiras atingem o seu máximo rendimento. O tipo superior de cêra é extraído dos "olhos", assim chamadas as palmas ainda fechadas.

[6] Porto, Carlos Eugênio — Op. cit.

É difícil se avaliar o rendimento de cêra por hectare, pois que os carnaubais apresentam uma densidade vegetativa muito variável. Em virtude dos processos rotineiros de explotação não há uma extração integral do pó produzido, calculando-se uma perda de cêra de cêrca de 1,5 gr por palha.

A segunda operação a que chamam de "riscar" ou "ripar" as fôlhas consiste em fazê-las passar em pequenas lâminas afiadas, montadas num cepo afim de cortar as palhas. Êste trabalho pode ser também feito com facas, como foi dito no capítulo anterior.

As tiras finas são levadas a secar em um terreno sêco de barro. Às vêzes, a secagem faz-se

também em giraus armados nas proximidades do barracão.

Neste processo primitivo de secagem ao sol, que leva geralmente dois dias, verifica-se também um grande desperdício da cêra levada pelo vento e, por vêzes, irremediàvelmente deteriorada por chuvas repentinas.

Dentro do barracão hermèticamente fechado, as palhas são batidas para a extração do pó, trabalho êsse que constitui a operação mais penosa da explotação.

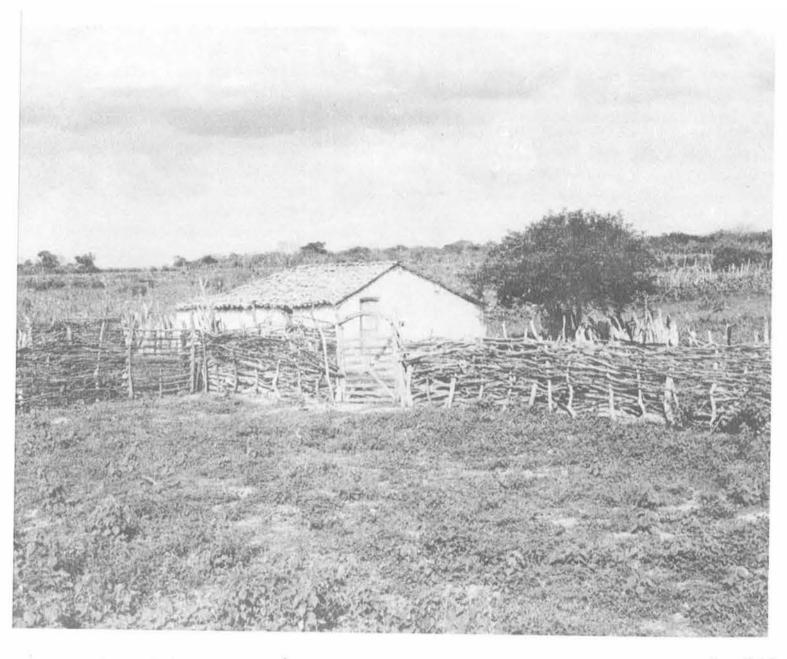
Apesar de terem sido feitas numerosas experiências com extratores mecânicos, ainda, nenhum tipo satisfaz inteiramente.

O pó é depois recolhido em tachos de metal, em vasos de barro ou em latas de querosene, onde misturado com um pouco de água é levado ao fogo para derreter. Após a fusão faz-se a "coagem" em panos grossos ou prensas de madeira, quando então se retira parte das impurezas.

Êsse processo obsoleto prejudica a qualidade da cêra em sua contextura e coloração, pois, não

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. 3364 — T.J.)*

Vê-se na foto a sede da fazenda Lagoa, na serra da Porta. As paredes são de adobe com o telhado de duas águas em telha portuguêsa; vê-se nìtidamente o prolongamento do telhado sôbre o puxado destinado à cozinha. Junto à casa ergue-se o curral tôscamente cercado por cêrca de varas.

A casa situada no alto da chapada é habitada temporàriamente pelo agricultor que aí se instala na época de chuvas para realizar o cultivo da mandioca e do feijão de corda, e "invernar" o gado nos "retiros", a fim de proceder ao amansamento dos bezerros e ao aproveitamento do leite em uma modesta indústria caseira de queijo e manteiga de garrafa. *(Com. L.C.V.)*

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. 3 363 — T.J.)*

Situada na serra da Porta esta propriedade dedica-se ao cultivo da mandioca, em roças cercadas que se vêem ao fundo, e à criação extensiva de gado. O tosco curral com cêrca de varas que se vê ao lado da casa de moradia serve para a reunião do gado leiteiro, por ocasião do "inverno", quando se faz o aproveitamento do leite numa indústria de laticínios muito modesta e se procede ao amansamento de vacas e bezerros.

A propriedade só é habitada nessa época, sendo a casa de moradia permanente do agricultor aquela que se situa no povoado de Riachão, junto às roças de "baixa". *(Com. E.K.)*

permite regular a temperatura exata da fusão. O resíduo da coagem constitui a "cêra de bôrra". Despejada em fôrmas, após a fusão, a cêra resfria ràpidamente.

A descrição feita do beneficiamento da cêra permite avaliar o primitivismo das técnicas empregadas que não se modificaram substancialmente desde a época das primeiras exportações.

Urge que as técnicas de produção sejam aperfeiçoadas, a fim de se obter não só um produto de melhor qualidade, como também para se evitar o enorme desperdício da matéria-prima desde a primeira fase da operação.

Apenas uma firma do Piauí, instalada em Parnaíba, está empregando técnica mais moderna e avançada no preparo da cêra com solvente. Nessa usina o aproveitamento da cêra eleva-se a 98%, depois que os produtos mais puros são extraídos. Mesmo a "bôrra", comprada a produtores que usam processos antiquados, tem sido trabalhada para o aproveitamento da cêra ainda existente [7].

A classificação dos diferentes tipos de cêra é baseada em dados empíricos relativos à côr, granulação, ao tato, ao som e outros aspectos semelhantes.

Por Decreto de 25 de junho de 1941 foram estabelecidos cinco tipos de cêra para efeitos de classificação. Os tipos 1 e 2 referem-se às cêras provenientes de pó extraído do "ôlho", com tolerância máxima de impurezas de 1%. Os tipos 3, 4

[7] Informações contidas no Relatório da Carteira de Importação e Exportação do Banco do Brasil de 1949 e citado por Carlos Eugênio Porto.

e 5 são as cêras provenientes de pó extraído da "palha" apresentando uma tolerância máxima de impurezas de 2%.

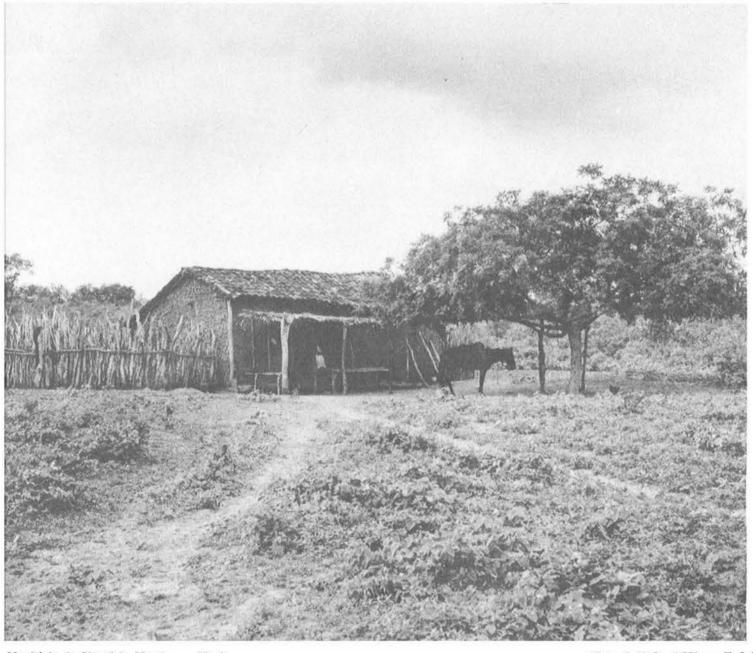
O trabalho de classificação é realizado pelo Serviço de Economia Rural, tendo também os comerciantes exportadores do produto os seus próprios técnicos, chamados "quebradores"[8].

Os preços alcançados pelos dois principais tipos de cêra, em janeiro de 1957, são de Cr$ 1 750,00 a arrôba de cêra flor e Cr$ 720,00 a parda. Quanto ao pó de "ôlho" o seu valor atinge Cr$ 1 300,00 por arrôba e o de "palha" Cr$ 540,00.

[8] Porto, Carlos Eugênio — Op. cit.

Atualmente é o estado do Piauí o maior produtor nacional com total de 1 380 714 kg produzidos em 1955.

Constituindo a cêra de carnaúba, a maior fonte de rendas para o Estado, da sua cotação nos mercados externos, que são os maiores consumidores, depende a boa situação financeira do Piauí. A queda de preços, como a ocorrida após o término da segunda guerra, leva a economia estadual ao desequilíbrio e à crises da maior gravidade.

Daí terem sido solicitados, em diferentes oportunidades, empréstimos ao Govêrno Federal para os produtores de cêra ou a sua aquisição pelo Banco do Brasil. As medidas governamentais têm, des-

Município de Simplício Mendes — Piauí *(Foto C.N.G. 3552 — T.J.)*

Vemos fotografada uma casa de vaqueiro, de construção de pau-a-pique.

Esta habitação reflete as condições de vida dêste tipo de homem do campo, que é das melhores entre os habitantes do Meio Norte.

O título de vaqueiro confere ao seu possuidor, um lugar de destaque na pequena sociedade rural sertaneja. É êle o administrador da fazenda de gado do patrão, sendo bem conhecida a sua criteriosa e honrada ação neste mister. Suas obrigações são totais para com o proprietário, que muitas vêzes habitando a cidade, sòmente recebe o proveito de suas posses e nada mais.

O vaqueiro é pago com parte da produção, em geral um quarto da mesma. Êste pagamento é efetuado por ocasião da "ferra", quando, de cada quatro animais nascidos, um passa a pertencer ao vaqueiro. *(Com. J.X.S.)*

Município de Simplício Mendes — Piauí *(Foto C.N.G. 3 667 — T.J.)*

Nas zonas de caatinga o vaqueiro tem necessidade de se proteger dos espinhos, dos galhos retorcidos e sêcos, quando na sua corrida desenfreada atrás de uma rês que desembestou.

O uso generalizado de uma vestimenta resistente faz com que os seleiros procurem as peles de veado especialmente apropriadas para o "uniforme" do vaqueiro.

Êste uniforme é comprado por Cr$ 3 000,00, quase sempre uma única vez na vida, dada a resistência do material e freqüentes remendos.

Os seleiros, além de selas rústicas para vaqueiros, fabricam também obras de selaria de fino acabamento.

Na foto, um vaqueiro típico: usa a calça chamada "perneira", o "gibão" que é o casaco, luvas, o chapéu característico e vê-se ainda a sela acima mencionada. Sua montaria é de pequeno porte, porém muito resistente. *(Com. L.C.V.)*

sa forma, contribuído para uma maior estabilidade do mercado da cêra de carnaúba.

Outros produtos extrativos são, ainda objeto de explotação no norte piauiense: o babaçu e o tucum.

O comércio da cêra, assim como dêsses outros produtos de coleta, é centralizado em Campo Maior. Parte da produção, no entanto, é diretamente vendida a Parnaíba, de onde é escoada para os mercados consumidores.

Enquanto a produção agrícola destina-se tôda ao consumo local, o gado bovino é abatido, seja para o abastecimento da cidade de Parnaíba, seja para o dos pequenos núcleos urbanos aí situados. Verifica-se, também, uma pequena exportação de bovinos, feita pela estrada de rodagem em caminhões, para o vizinho estado do Ceará.

A região estudada não tem problemas referentes ao transporte, pois que as principais cidades se ligam por boas rodovias, cujo tráfego realizado por caminhões, atende às necessidades de escoamento da produção regional.

A região é atravessada pela Br-22 que põe em ligação a cidade de Teresina com Fortaleza, passando por Campo Maior e Piripiri. De tráfego apreciável, essa rodovia, de muito boas condições técnicas, açambarca progressivamente o movimento de escoamento dos produtos piauienses para os

estados do Nordeste e para o sul do país. Sua função, ainda, cresce mais de importância na importação de produtos manufaturados cujos altos preços compensam os elevados fretes rodoviários.

O comércio piauiense realizado até recentemente, de modo exclusivo, por via marítima através do pôrto maranhense de Tutóia e de Luís Correia, no território do Piauí, vê-se incentivado pelo mais fácil acesso aos grandes mercados consumidores sulistas, graças a expansão de uma política rodoviária, devida ao gigantesco trabalho de recuperação das áreas assoladas pelas estiagens, realizado pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas.

No setor ferroviário, encontra-se aqui a única ferrovia piauiense: a Estrada de Ferro Central do Piauí que de Parnaíba estende seus trilhos até Piripiri. Objetiva ela atingir a capital do Estado, estando já em construção o trecho entre aquela cidade e Campo Maior.

Entre os núcleos urbanos situados no norte piauiense merecem especial referência os de Campo Maior (6 992 habs.), Piripiri (4 357 habs.) e Piracuruca (3 407 habs.).

Apesar de modestos do ponto de vista populacional, apresentam aspecto agradável com suas largas ruas calçadas, as praças arborizadas e o casario bem construído.

Tiveram essas cidades uma origem comum, testemunhas que são dos fundamentos da economia piauiense na época da colonização: a pecuária.

A fazenda de gado que representa a marca do conquistador na paisagem virgem, evoluiu algumas vêzes no sentido de se tornar um aglome-

Município de Oeiras — Piauí *(Foto C.N.G. 3389 — T.J.)*

Vista parcial de um campo natural no município de Oeiras, no Piauí. Já tendo sido sede de comarca, antiga capital da província, teve sua decadência precipitada com a mudança da capital em 1851.

A base econômica do município é a pecuária, graças às suas grandes extensões de capim mimoso. Aspecto tirado nas Fazendas Estaduais. *(Com. T.C.)*

Município de Simplício Mendes — Piauí *(Foto C.N.G. 3 352 — T.J.)*

Aspecto típico de uma propriedade na área de caatingas da região das "cuestas". A casa de moradia situa-se na encosta de pequeno morro, tendo junto as casas de "agregados" e a venda. No baixio vêem-se, separadas por cêrcas de pau-a-pique, as lavouras de subsistência, milho e feijão na parte mais baixa, e algodão com mandioca nas áreas mais sêcas. Nos lugares embrejados cultiva-se a cana-de-açúcar. Vê-se no canto, à direita da fotografia, a engenhoca que é movida a animais e junto a ela o aviamento de farinha. Árvores frutíferas esparsas e coqueiros erguem-se no meio das roças. Aspecto da fazenda Sítio. *(Com. E.K.)*

Município de Simplício Mendes — Piauí *(Foto C.N.G. 3646 — T.J.)*

Nas partes altas das "cuestas" do Piauí pratica-se a criação de gado.
A foto acima mostra um aspecto desta atividade que se desenvolve numa fazenda de criação perto de Campos, na área das Fazendas Estaduais.
Observa-se a boa construção do curral anexo à casa de moradia. A casa construída de barro misturado com seixos e coberta de palha, tem a cozinha e depósito em dependência separada do corpo principal, devido ao perigo de incêndio. *(Com. M.G.T.)*

rado populacional e daí, por diferentes circunstâncias, erigiu-se em núcleo urbano. Essa foi a gênese das três cidades consideradas.

A mais importante delas é Campo Maior que, graças à sua posição, cedo evoluiu como centro comercial.

Originou-se ela da fazenda de gado do português D. Francisco da Cunha Castelo Branco que tendo chegado ao Maranhão em 1693 daí transferiu-se para o Piauí. Fixou residência em terrenos da freguesia de Santo Antônio do Surubim. Em 1713, a freguesia já gozava das regalias de residência de um comissário geral de cavalaria do Piauí. A vila foi instalada a 8 de agôsto de 1762 e elevada à categoria de cidade em 1889.

A cidade tem se desenvolvido mais, depois da construção da rodovia Teresina — Fortaleza, fato que contribuiu para a maior importância de sua atividade comercial. Tornou-se o centro coletor da produção das áreas circunvizinhas, contando para o beneficiamento dos produtos vegetais com máquinas de descascar arroz e numerosas prensas de cêra de carnaúba.

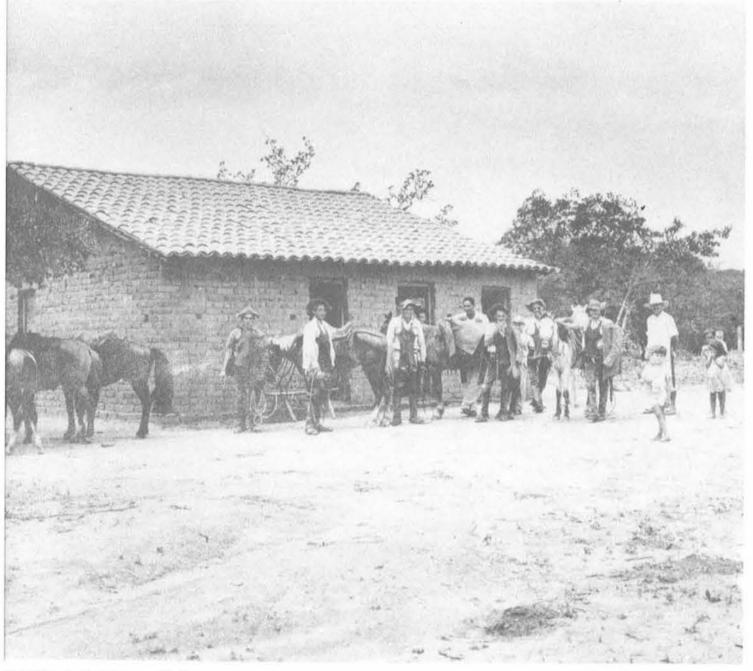
A vitalidade comercial é patente no número de casas atacadistas (9), varejistas (178) e nas firmas compradoras de produtos agrícolas e extrativos (5). Uma função cultural se esboça com a fundação desde há oito anos de uma escola secundária, de iniciativa particular, que atrai alunos de Barras, União e José de Freitas.

Piripiri apresenta também um movimento comercial apreciável pelo fato de se ter tornado ponta de trilhos da Estrada de Ferro Central do Piauí em 1932. Esta circunstância fêz crescer a cidade, que teve origem na fazenda de gado do padre Domingos de Freitas e Silva, estabelecida em 1844, na função de núcleo concentrador da produção regional, visando o escoamento pela ferrovia. Os produtos que mais procuram a estrada de ferro são a cêra de carnaúba, as nozes de tucum e as amêndoas de babaçu.

Além da atividade comercial, na qual se destacam as firmas exportadoras, a cidade conhece um início de vida industrial com os beneficiamentos de arroz, as fábricas de mosaicos e de aguardente, assim como exerce alguma influência no tocante à parte educacional graças à Escola Normal Regional já com quatro anos, e que conta além dos alunos locais, com estudantes provenientes de Batalha e Pedro Segundo.

Piracuruca reproduz, em menor escala, as atividades referidas para as outras duas cidades.

A situação demográfica dos núcleos urbanos estudados revela um crescimento equilibrado e contínuo, sem bruscos aumentos nem grandes decréscimos.

Êste fato, aliás, reflete bem o panorama demográfico de tôda a área, pois, se se verifica um êxodo de habitantes rurais para a região agrícola do Mearim, no Maranhão, por outro lado, corren-

Município de Paulistana — Piauí *(Foto C.N.G. 3409 — T.J.)*

A fazenda Boa Vista situada numa região de criação de gado, tem nesta atividade sua principal fonte de economia. O grupo de vaqueiros visto na fotografia, regressa de uma vaquejada, e vem reunir-se na "venda". O prédio construído de adobe sem revestimento e coberto de telha serve a um só tempo de casa de negócio e residência. *(Com. M.G.T.)*

Município de Paulistana — Piauí *(Foto C.N.G. 3412 — T.J.)*

O traje do vaqueiro é uma verdadeira armadura, feita para protegê-lo dos espinhos e pontas de vegetação. Na sua confecção é usado o couro de veado mateiro.

Sôbre a camisa êle veste um colete justo e, para resguardar as pernas, as "perneiras" (calça) articuladas nos joelhos, que vão até à cintura; mãos e pés são protegidos por luvas e guarda-pés. Caracteriza ainda a vestimenta do vaqueiro do Meio Norte, o "gibão" de couro curtido. *(Com. M.G.T.)*

tes imigratórias cearenses vindas através da Ibiapaba compensam a emigração havida, de modo a assegurar um aumento populacional.

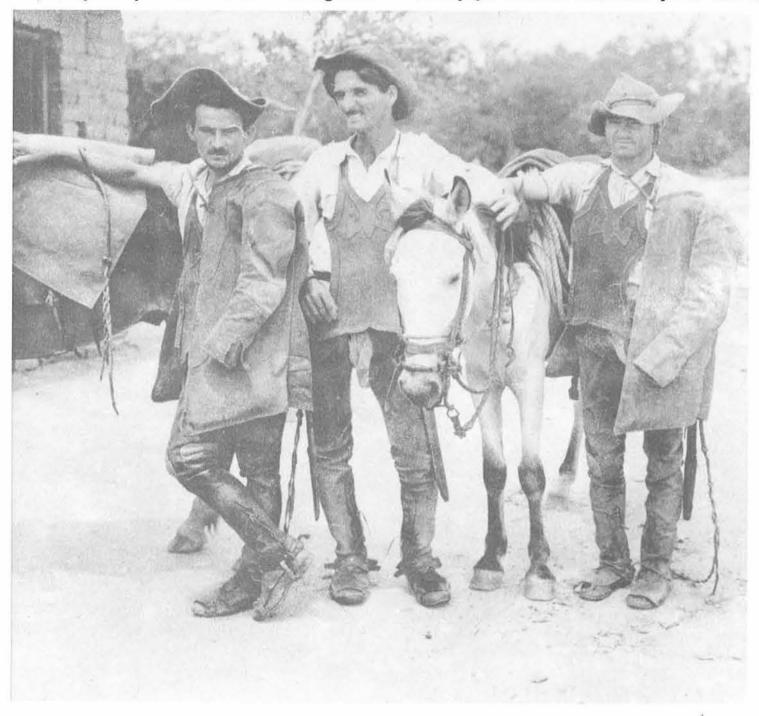
Uma paisagem distinta, com uma ocupação humana particular, apresentando pequenas diferenciações locais, adaptadas quer a fatos de ordem física, quer a influências de fatos humanos é a que se pode observar nos vales do Poti e seus afluentes e subafluentes São Nicolau e Sambito, de um lado, e nos vales do Canindé e seus afluentes Itaim e Piauí, de outro

O fato físico primacial a criar certos aspectos que vão ser decisivos na configuração da paisagem humana é a ocorrência freqüente de diques e "sills" de rochas eruptivas cortando as rochas sedimentares.

Como conseqüência a parte central do estado do Piauí tem, em algumas áreas, zonas relativamente extensas onde a agricultura encontra o máximo desenvolvimento. Um exemplo excelente dessa paisagem temos nos arredores de Picos onde a depressão que antecede a grande frente da "cuesta"

voltada para leste, assim como os vales dos pequenos rios e riachos que a dissecam são fertilizados pelo extenso "sill" de diabásio, que aí ocorre, multiplicando-se naquela terra vermelha, rica e generosa, as lavouras as mais variadas de milho, feijão, arroz, algodão e cana-de-açúcar, entremeadas por carnaúbas esparsas.

O povoamento se dispersa, vendo-se as pequenas casas de tijolos e telhas, cercadas por fruteiras, pontilharem a paisagem em meio às suas roças, aspecto que lembra o das áreas agrícolas mais ocupadas do Brasil sul. O verde da cobertura vegetal, o maior adensamento demográfico, o intenso labor agrícola ainda mais surpreendem, pois que o viajante percorre quilômetros de estradas dentro sempre das monótonas formações de cerrados e caatingas que recobrem superfícies regulares, vazias da marca humana.

Em muito menor escala, os baixões e os vales dos rios e ribeirões que cortam os relevos monoclinais desta região reproduzem o aspecto descrito na ocupação humana. Mas desde que os "sills" de

Município de Paulistana — Piauí *(Foto C.N.G. 3411 — T.J.)*

O vaqueiro representa um tipo regional bastante característico. Vivendo em intensa luta em região dominada pela caatinga, tornou-se homem intrépido, com um modo de vida e um tipo humano particulares.

Resultante do cruzamento do branco com o índio, adaptou-se às condições do meio em que vive e mostra grande habilidade na criação de gado.

A fotografia nos mostra alguns vaqueiros trajando roupas que os protegem da rude vegetação. O casaco comprido, regionalmente conhecido como "gibão", não é comumente encontrado no Nordeste, sendo um traço próprio da indumentária regional do vaqueiro do Meio Norte. *(Com. M.G.T.)*

Município de Simplício Mendes — Piauí *(Foto C.N.G. 3 386 — T.J.)*

A casa de adobe sem revestimento, coberta por telha de canal é a residência do pequeno agricultor nas Fazendas Estaduais do Piauí.

Uma característica da casa rural piauiense é o puxado na parte de trás, onde estão a cozinha e o depósito. *(Com. M.G.T.)*

diabásio, com os seus férteis solos aparecem e que as baixadas se alargam, a intensidade do trabalho agrícola volta a dominar. É esta a paisagem também do Boqueirão, nas proximidades de Floriano, onde as fontes numerosas que minam da base dos arenitos sôbre as rochas diabásicas ainda mais cooperam para o adensamento dos agricultores, que vão erguer nas suas proximidades as casas de moradia.

No seu conjunto tôda a área, como foi visto, teve um povoamento iniciado na base da criação de gado realizada em imensas sesmarias. As melhores terras agrícolas viram-se, no entanto, cada vez mais divididas, graças a substituição da criação pela agricultura, o que se deu não só em conseqüência do aumento da população, como também pela fragmentação devida a heranças e a vendas pela maior valorização dessas terras.

É interessante uma referência ao modo pelo qual se processa a venda de imóveis na área em que as propriedades ainda não se acham demarcadas e divididas. E isto acontece em grande parte do estado do Piauí.

A venda, então, é feita por posses. Um proprietário que possua, por exemplo, 20 cruzeiros de terras pode vender uma posse de 5 cruzeiros, que

representará um quarto de sua propriedade quando esta for delimitada e demarcada. A posse é sempre vendida nas áreas de lavoura, nas baixas e margens de rios. A caatinga e o cerrado constituem o "comum", onde todos criam indistintamente e onde não há interêsse em adquirir terras de difícil aproveitamento, dadas as condições climáticas de estiagens rigorosas, o atraso técnico das populações inermes ante as hostilidades do meio ambiente e, freqüentemente, a inexistência de meios de transporte que estimulem a valorização econômica da área.

Desta forma, enquanto as zonas passíveis de aproveitamento agrícola se dividem, se fragmentam, os altos revestidos de cerrados, caatingas e carrascos permanecem indivisos.

No caso da compra efetivada, é passada uma escritura particular que será devidamente legalizada quando da demarcação e julgamento da fazenda.

Nessas áreas agrícolas o lavrador é geralmente dono de suas terras, sempre de áreas muito reduzidas; vivem, freqüentemente, em uma economia quase fechada porque auto suficiente, ven-

Município de Simplício Mendes — Piauí *(Foto C.N.G. 3652 — T.J.)*

Brejo de Santo Inácio, na região das "cuestas", é um belo exemplo de povoamento aglomerado, situando-se o povoado nas Fazendas Estaduais.

As fontes perenes existentes no local são o fator preponderante da existência desta aglomeração de função tìpicamente rural. *(Com. de L.C.V.)*

Município de Simplício Mendes — Piauí *(Foto C.N.G. 3 653 — T.J.)*

Aspecto do Brejo de Santo Inácio, povoado tìpicamente rural que reúne 30 famílias, distribuídas pelas cinqüenta casas do lugar. Possui quatro vendas, que negociam com gêneros, ferragens e roupas, duas bodegas e uma pensão, estando, tôdas as construções dispostas em tôrno de uma grande praça retangular; numa extremidade da praça a capelinha e a Escola Primária Estadual ao lado. *(Com. L.C.V.)*

dendo o pequeno excedente da produção nas feiras locais. O arrendamento a dinheiro desaparece, prevalecendo o rendeiro que paga a quarta ou a quinta parte da produção por tarefa (3 025 m²) de roça cultivada.

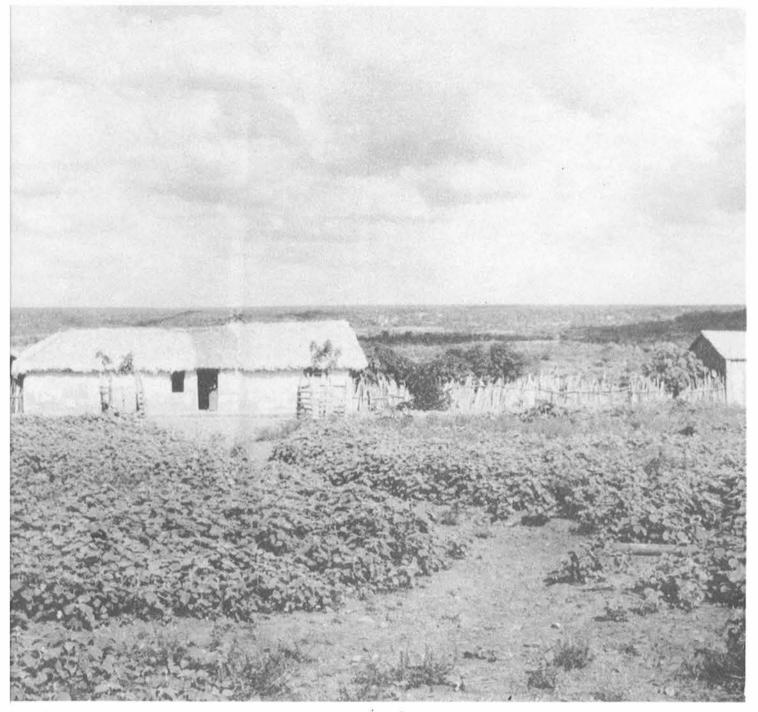
É freqüente a troca de dias de serviço entre êsses proprietários pobres que impossibilitados de pagar diaristas nas épocas de grande trabalho agrícola têm no empréstimo de seu trabalho o meio de obter o "ajutório" necessário.

Nas regiões mais úmidas ou de maiores possibilidades de exportação vê-se desenvolver nessas zonas agrícolas, com predominância a cana-de-açúcar, que vai alimentar uma indústria tìpicamente rural de rapadura e aguardente. É o que acontece no vale do Parnaíba na região de Regeneração, Amarante e São Pedro do Piauí, com os seus primitivos engenhos de ferro e de pau, e onde também o arroz tem expressão comercial exportado para Teresina. Do mesmo modo, Valença do Piauí em suas numerosas mas pouco extensas áreas agrícolas vê crescer a cana-de-açúcar, com freqüência ricamente adubada com estrume de curral e de bode, cana esta que vai servir de matéria-prima nos numerosos engenhos destinados à produção de rapadura mandada para o Ceará.

Mais interessante, ainda, é o exemplo dos municípios de Picos e Oeiras que atravessados por uma rodovia federal, a BR-24 vêm cada vez mais ampliar-se sua área agrícola e tornar-se progressivamente mais complexa a organização do seu espaço rural.

Não só a área agrícola expande-se com as culturas praticadas nos altos das chapadas arenosas: o feijão-de-corda e a mandioca, como também introduz-se novos elementos numa economia agrícola primitivamente exclusiva de subsistência: o algodão, cultura industrial e o alho e a cebola, culturas alimentares comerciais.

O estabelecimento dessas novas culturas levou a uma modificação sensível na estruturação dos trabalhos agrícolas e uma repartição característica do habitat rural.

Como as partes elevadas dos relevos monoclinais que caracterizam a região são pobres em água e em solos, a população agrícola inicialmente fugiu ao estabelecimento de suas moradias e dependências de serviço nestas áreas, onde imperava a criação de gado bovino feita de forma extensiva. Sòmente as baixas ricas e férteis atraiam os campos agrícolas, onde as casas também se estabeleciam, obedecendo ao determinismo da água. Foi fre-

Município de Simplício Mendes — Piauí *(Foto C.N.G. 3651 — T.J.)*

Vê-se aqui, com mais detalhe, duas casas do povoado de Brejo de Santo Inácio construídas de adobe e cobertas com palha ou telha. Esta população dedica-se à lavoura, saindo diàriamente de casa para as suas roças, situadas no máximo a uma légua de distância do povoado. Alguns lavradores ainda explotam a carnaúba o que lhes dá maior rendimento pecuniário.

As casas não estão muito próximas umas das outras e o intervalo que as separa é ocupado por pequena roça ou curral como pode se observar na fotografia. *(Com. L.C.V.)*

24 — 24163

Município de Oeiras — Piauí *(Foto C.N.G. 3 387 — T.J.)*

A zona englobada pelos municípios de Paulistana, Simplício Mendes e Oeiras no sudeste do Piauí tem como principal obstáculo ao seu desenvolvimento econômico as más condições da circulação terrestre. A estrada fotografada liga Simplício Mendes a Oeiras e atesta a precariedade das vias de comunicação na região citada.

Na foto, vê-se um trecho da estrada carroçável que possui tráfego reduzido e pequena função econômica, atravessando uma região de "cuestas" do devoniano médio, de plataformas suavemente inclinadas para oeste. Note-se, também, a vegetação de cerrado e a presença de seixos rolados, que são provenientes do rio Canindé e atestam a existência de um terraço fluvial nesse trecho. *(Com. J.X.S.)*

qüente, nesta primeira forma de habitat a disposição sob o tipo disperso. Uma tendência à aglomeração se observava, no entanto, com a aproximação das casas pela divisão das propriedades por herança ou por compra.

Muitas vêzes, a necessidade de auxílio mútuo levou os habitantes rurais a se aglomerarem nos grupos de vizinhança com as casas muito próximas umas das outras.

Numerosos povoados rurais se constituiram quando a dispersão das parcelas cultivadas, o desejo de maiores contactos sociais e as necessidades de comércio levaram os habitantes rurais a se aglomerarem.

O aproveitamento das terras arenosas dos relevos subtabulares levou, ainda, a u'a maior dispersão dos campos cultivados, possuindo os lavradores além de parcelas dispersas nas baixas também roças de mandioca e feijão nos altos.

A criação de gado que já era praticada nas áreas mais altas de cerrados foi, ainda, mais desenvolvida, verificando-se um aproveitamento do leite

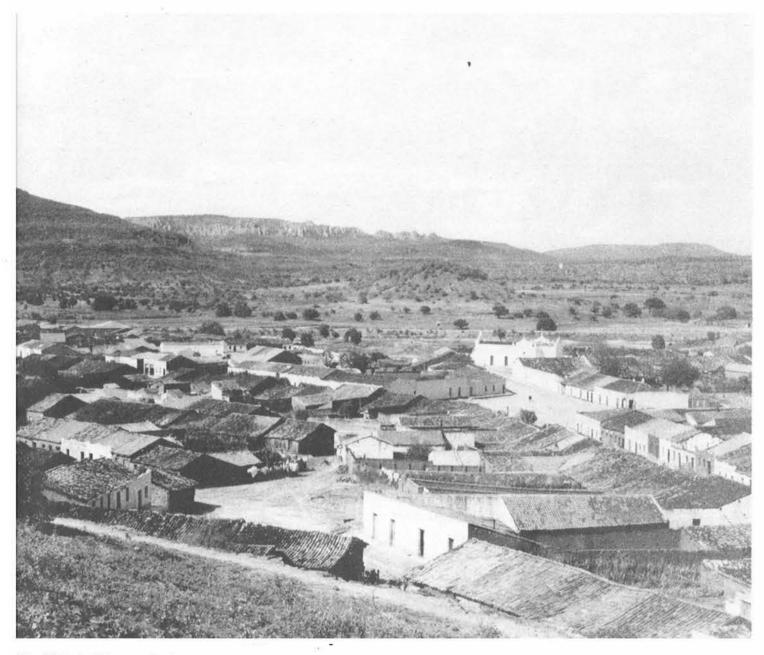
para uma indústria caseira de laticínios, cujos produtos encontravam fácil consumo entre a população agrícola sempre em aumento.

Essa nova organização da economia rural obrigou o desdobramento do habitat e a diversificação do trabalho agrícola dividido entre os campos das baixas e os dos altos arenosos.

Um exemplo característico do que foi dito é dado pelo povoado Riachão, situado no vale do rio do mesmo nome, no município de Picos.*

Nos meses correspondentes à estação chuvosa o chamado "inverno", isto é, de dezembro a abril a população agrícola sobe para as zonas arenosas de chapada onde realiza o plantio da mandioca e do feijão-de-corda e, ao mesmo tempo, ocupa-se em "invernar" o gado nos "retiros". Esta tarefa consiste em recolher aos currais as vacas leiteiras e em amansar os bezerros, a fim de aproveitar o leite numa indústria caseira de queijo e manteiga de garrafa. É comum dizer-se que o "povo sobe para as vacarias".

Em um tipo de povoamento disperso as casas de construção rústica geralmente de adobe e telhas, se espalham desordenadamente, tendo sempre como elementos característicos da explotação, o curral para o gado e os aviamentos para a prepa-

* Em julho de 1957 será feita a instalação da cidade.

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. 3492 — T.J.)*

A cidade de Picos está situada no sopé do "front" de uma "cuesta", que é a chapada Batista, e às margens de um rio subseqüente, o rio das Guaribas, cujas cabeceiras se acham situadas nas proximidades.

A localidade, pròpriamente, está entre terrenos do devônico inferior existentes na planura e do devônico médio encontrados na escarpa.

A cidade possui uma parte mais velha afastada da rodovia, notando-se o crescimento dela, graças às novas construções, em direção da estrada de rodagem. *(Com. J.X.S.)*

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. 3491 — T.J.)*

Picos situa-se na base do "front" de uma "cuesta" de estratos levemente inclinados para oeste.

A escarpa desta "cuesta" está voltada para oriente, dominando uma extensa planura. Encontra-se bastante trabalhada pela erosão, que isolou uma série de formas subtabulares.

O município é beneficiado pela presença de solos ricos provenientes de "sills" diabásicos, que se prestam muito bem para diversas lavouras e que lhe dão maior riqueza. *(Com. J.X.S.)*

ração da farinha de mandioca. Ainda, nessa região em que a água constitui um problema é comum a construção de açudes e barreiros para dessendentar o gado nas épocas sêcas.

Nesta área encontram-se também rendeiros de terras para o cultivo daqueles produtos e que se empregam como diaristas com os proprietários nas épocas de maior labor agrícola e na "farinhada" que se realiza em agôsto. O uso da terra é pago com a "meia" na farinha de mandioca preparada no aviamento do proprietário.

A habitação permanente desta população é o povoado situado na margem do Riachão que tem no "inverno" o aspecto de cidade morta, com suas casas tôdas fechadas. Numa distância no máximo de uma légua situam-se os campos baixos de cultura, geralmente em parcelas dispersas. Nestas áreas são feitas as roças de milho, feijão e algodão logo no início da estação chuvosa, procedendo-se à colheita em abril, maio e junho.

As vazantes do Riachão na época mais sêca são largamente aproveitadas na cultura do alho e da cebola, as culturas comerciais por excelência da região, juntamente com a farinha de mandioca que possuem compradores no povoado.

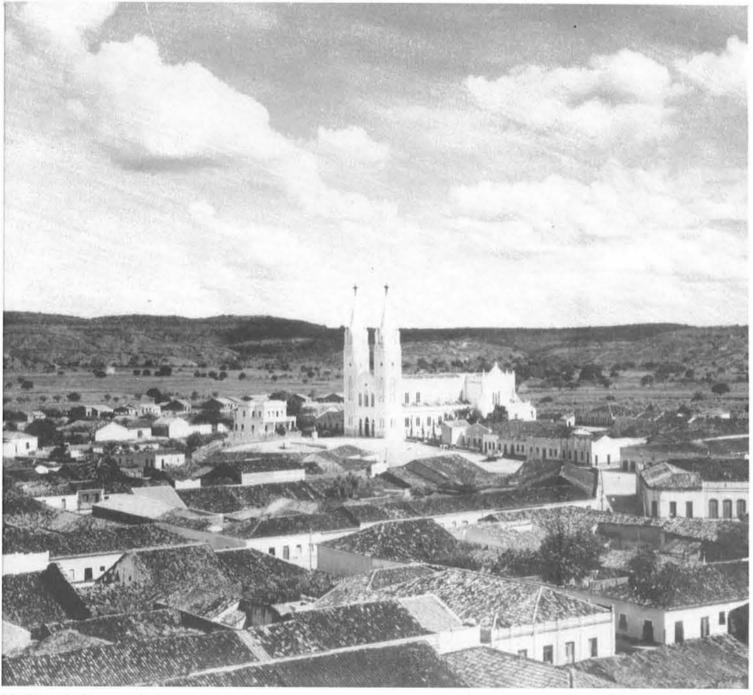
No cultivo daqueles produtos é usada comumente a adubação vegetal constituída pelo mufumbo e por galhos e fôlhas de outras plantas.

A "palhoça" das roças é utilizada como pastagem para as vacas paridas e as reses doentes na época da estiagem. Além de beneficiar o gado com essa prática, as áreas agrícolas lucram com a adubação.

No arrendamento das terras baixas para a lavoura verifica-se, também a limitação do contrato sòmente ao período da safra, a fim de que o proprietário possa soltar o seu gado na roça dos rendeiros.

É preciso ressaltar que a utilização citada dos campos arenosos situados nas partes altas dos relevos monoclinais só se faz onde não ocorrem a crosta laterítica e os fragmentos limoníticos provenientes daquela, e que em largas extensões recobrem as formas topográficas referidas. Neste caso, o aproveitamento econômico se restringe ao pastoreio extensivo do gado.

De modo geral, em tôda a região compreendida pelos vales do Poti, Canindé, Piauí e afluentes se pratica a criação de gado bovino, feita em caráter extensivo. Ao primitivo gado "pé duro" veio mestiçar-se já o zebu, numa tentativa de melhoria da qualidade do rebanho regional, para a produção de carne.

O escoamento dêsse gado se faz para o Ceará, sobretudo, Iguatu e Crato, e, em muito maior escala, para o mercado de Araripina, em Pernambuco.

Município de Picos — Piauí *(Foto C.N.G. 3 432 — T.J.)*

Vista geral de Picos, localizada na base de uma "cuesta". Desenvolve-se esta cidade numa plataforma alongada seguindo a direção S—N onde está a catedral.

Observa-se em tôrno da cidade, a baixada ocupada pelas roças. E mais ao fundo, uma grande depressão regular, modelada nos sedimentos do devoniano inferior. *(Com. T.C.)*

Município de Jaicós — Piauí *(Foto C.N.G. 3 329 — T.J.)*

Aspecto da feira semanal de Jaicós, que se realiza na praça da Igreja, junto ao Mercado Municipal. Observe-se a quantidade de jumentos, único meio de transporte usado para os produtos e o uso generalizado do chapéu de palha de carnaúba.

Feira pobre que, freqüentada por lavradores das zonas próximas da cidade, vende como produtos principais: feijão, milho, rapadura, farinha, objetos de palha e louça de barro. Não há legumes, verduras, nem frutas. *(Com. E.R.S.)*

GADO BOVINO

Municípios	*Número de Cabeças*
Amarante	6 600
Castelo do Piauí	70 000
Floriano	26 800
Jaicós	76 000
Oeiras	42 000
Picos	44 000
Regeneração	16 000
São Miguel do Tapuio	18 500
Simplício Mendes	22 000
Valença do Piauí	43 500

Fonte: Serviço de Estatística da Produção, Ministério da Agricultura. Dados de 1953.

A importância de Araripina como mercado de gado deve-se à construção da rodovia BR-26, que aí chegando em 1945 deu origem a uma feira que se realiza semanalmente e onde vêm negociar compradores de Caruaru, Arcoverde e Limoeiro. O gado é daí transportado em caminhões para as feiras situadas mais próximas aos principais mercados consumidores.

O movimento maior de animais verifica-se de março a julho, quando o gado engordado após a estação das chuvas é encaminhado da região criadora, onde vão comprá-lo os boiadeiros, para a feira de Araripina.

Também na área em foco já se iniciou a plantação de carnaubais, que em pequenas roças, são plantados de mistura com os mantimentos: feijão e milho. O carnaubal começa a produzir com dez anos de cultivo, alcançando o máximo rendimento depois de vinte anos. O lugar sempre esco-

lhido para essas roças que nunca atingem grandes áreas são as baixas.

Na generalidade, os carnaubais são aqui explotados no sistema de "meiação", recebendo o meeiro a sua parte em espécie e não em produto. Alguns dos maiores produtores piauienses estão aqui situados como Castelo do Piauí e Oeiras.

PRODUÇÃO DE CÊRA DE CARNAÚBA

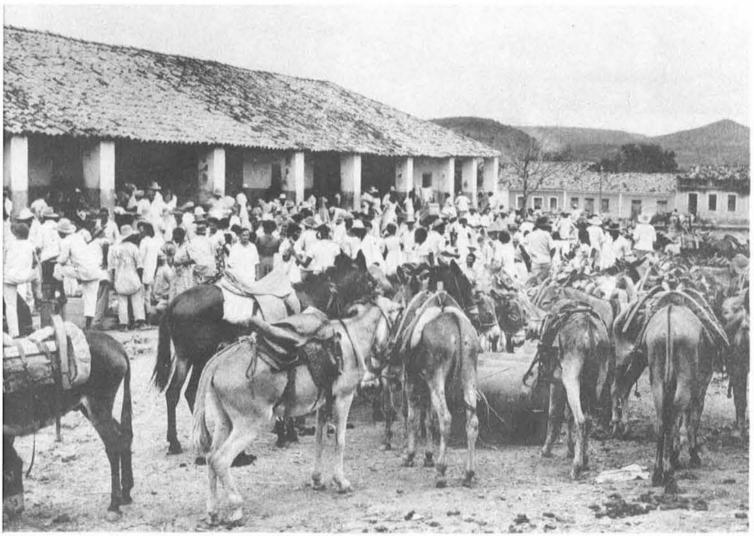
Municípios	*Quantidade*
Amarante	835
Castelo do Piauí	148 335
Floriano	68 521
Jaicós	17 539
Oeiras	137 541
Picos	65 640
Regeneração	1 800
São Miguel do Tapuio	35 130
Simplício Mendes	60 550
Valença do Piauí	20 110

Fonte: Serviço de Estatística da Produção, Ministério da Agricultura. Dados de 1955.

É na região das "cuestas" que se encontram as Fazendas Estaduais que abrangem grandes áreas dos municípios de Simplício Mendes, Oeiras, Nazaré, Amarante e Floriano, nos vales dos rios Piauí e Canindé.

Como foi dito, essas fazendas acham-se arrendadas para a explotação dos carnaubais. Nelas o aproveitamento agrícola e a criação de gado são feitas por moradores que pagam um fôro anual pelo uso das terras e uma quantia variável com o número de cabeças de gado criadas.

A pecuária encontra nelas condições favoráveis à sua prática, pois que a faixa de campos de capim mimoso que se estende de Simplício Mendes a Amarante, cortando o estado de leste a oeste, abrange grande parte dessas fazendas.

Da mesma forma que nas outras áreas estudadas, as lavouras e com elas as casas estão sempre situadas nas baixadas, mais úmidas. A toponímia dos lugares habitados, neste particular, é bem expressiva: Várzea do Padre, Várzea da Ema, Varjota. O adensamento maior da população leva

Município de Simplício Mendes — Piauí *(Foto C.N.G. 3629 — T.J.)*

Os dias de feira transformam a vida calma e quieta da cidade de Simplício Mendes, aí acorrendo lavradores de tôda a redondeza. Em malas de couro ou sacos de caroá, chegam, transportadas por jumentos, feijão, milho e farinha de mandioca. Não há legumes, frutas ou verduras, pois o município, localizado em área onde predomina a caatinga, tem pouco desenvolvimento agrícola. *(Com. M.G.T.)*

Município de Jaicós — Piauí *(Foto C.N.G. 3 527 — T.J.)*

Jaicós está situada junto ao ribeirão Oitizeiro, afluente do rio Jaicós.

Cidade muito antiga, seu nome lembra o dos índios, que aí se estabeleceram devido à existência de fontes perenes.

Localizando-se, o núcleo original, às margens do ribeirão, expandiu-se, depois para a plataforma estrutural baixa, onde estão, atualmente, situadas a maior parte das casas e a igreja.

Jaicós, cidade pequena, concentra a produção da área agrícola vizinha cujos produtos, algodão e cêra de carnaúba, são exportados para Picos. Atualmente o comércio se beneficia com a construção da rodovia que liga Jaicós a Picos. *(Com. E.R.S.)*

Município de Simplício Mendes — Piauí *(Foto C.N.G. 3 630 — T.J.)*

Êste aspecto de Simplício Mendes recorda sua origem que vem da feira do Barreiro Branco, na fazenda Formiga, chamada "feira de maniçoba", onde se reuniam extratores e compradores de borracha. O desenvolvimento rápido dêste local levou-o a transformar-se em povoado, mais tarde vila e depois cidade.

Hoje a feira se realiza no Mercado Público, e serve a todos os moradores da redondeza. *(Com. M.G.T.)*

também aqui à formação de povoados rurais, típicos exemplos de habitat aglomerado. Brejo de Santo Inácio, situado na estrada de Simplício Mendes a Oeiras, em local onde fontes perenes deram origem à formação do núcleo, tem uma população formada exclusivamente de lavradores e explotadores de carnaúba. Mesmo os proprietários das "vendas", que fornecem à população gêneros de primeira necessidade, são também agricultores.

As casas construídas distantes umas das outras têm, às vêzes, as roças contíguas à habitação, outras vêzes pequenos currais. O povoado possui também pequena capela e escola primária.

De modo geral, os campos dos agricultores estão situados a uma distância nunca superior a uma légua, de modo a permitir o trabalho diário sem grandes caminhadas.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA

MUNICÍPIOS	Arroz (saco de 60 kg)	Algodão (arrôba)	Cana-de-Açúcar (t)	Feijão (saco de 60 kg)	Mandioca (t)	Milho (saco de 60 kg)
Amarante	30 000	2 300	5 500	3 160	1 400	600
Castelo do Piauí	300	300	3 580	950	348	1 400
Floriano	1 150	9 400	4 560	1 235	5 185	3 100
Jaicós	—	10 000	200	1 400	1 600	—
Oeiras	11 000	2 900	8 150	13 800	14 000	2 800
Picos	7 000	59 000	4 100	18 600	6 700	13 400
Regeneração	14 000	24 500	14 000	1 800	12 250	7 000
São Miguel do Tapuio	220	—	1 255	340	930	290
Simplício Mendes	21	1 600	850	2 050	1 440	1 100
Valença do Piauí	2 572	7 000	26 500	28 000	8 900	25 000

FONTE: Serviço de Estatística da Produção, Ministério da Agricultura. Dados de 1953.

A área considerada dos vales do Canindé, Itaim e Piauí tem nas cidades de Picos (4 568

habs.), Oeiras (3 748 habs.) e Floriano (9 101 habs.) seus principais centros comerciais.

Picos situada, à margem do rio das Guaribas, no contacto entre o devoniano médio e o inferior, na depressão fronteira à grande frente de "cuesta" graças à sua posição, tornou-se o principal centro comercial da região. Desde 1945 servida pela rodovia BR-24 que a põe em comunicação com o sul do Ceará e Pernambuco vê cada vez mais fortalecida essa atividade comercial.

Situada em uma próspera zona agrícola, concentra não só a produção local destinada à exportação em que se distinguem o algodão, a farinha de mandioca, o alho e a cebola, como também suas firmas exportadoras adquirem o arroz do vale do Mearim (Bacabal e Pedreiras) e do vale do Parnaíba (São Pedro do Piauí, Água Branca e Regeneração) para distribuí-lo aos mercados consumidores do Ceará (Crato, Campos Sales) e de Pernambuco (Recife).

Na cidade reune-se semanalmente a maior feira de todo o Estado, a qual comparecem cêrca de 1 500 a 2 000 lavradores a fim de venderem seus produtos. Proprietários de caminhões e interme-

Município de Oeiras — Piauí *(Foto C.N.G. 3636 — T.J.)*

Quando em 1758 o território do Piauí foi elevado à Capitania, a vila da Mocha foi designada para sede da administração, recebendo, então, o nome de Oeiras, em homenagem ao conde dêsse nome, mais tarde marquês de Pombal.

Com a transferência da capital para Teresina, parte da população de Oeiras emigrou. entrando a cidade em decadência.

A principal fonte econômica do município é a cêra de carnaúba. O feijão, milho, arroz e mandioca produzidos têm consumo local, sendo parte da produção exportada para os municípios vizinhos de Simplício Mendes e São João do Piauí.

O censo de 1950 dá para todo o município 44 560 habitantes e para a sede 8 748. *(Com. M.G.T.)*

Município de Oeiras — Piauí *(Foto C.N.G. 3638 — T.J.)*

A Catedral de Oeiras data do século dezoito e se inclui entre as construções mais antigas do Piauí.

Tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional o templo passa, atualmente por uma restauração cuidadosa, visando restituir-lhe a pureza primitiva dos traços arquitetônicos.

Observe-se ao lado da igreja o sobrado de gôsto colonial, residência atual do bispo. *(Com. M.M.A.)*

diários afluem dos estados do Ceará, Pernambuco e Paraíba trazendo produtos para vender e comprando os da região.

Os principais artigos comerciados são o feijão, a farinha e a goma de mandioca, o alho e a cebola.

A cidade, ainda, concentra a produção do pó de carnaúba explotado no próprio município e em Oeiras, Valença do Piauí e Simplício Mendes, processando o seu beneficiamento nas prensas para depois exportar a cêra por via rodoviária para Parnaíba, Fortaleza e Salvador.

Há também exportação direta de gado bovino em caminhões para Caruaru. Os animais aqui vendidos são provenientes de Oeiras, Valença do Piauí e do próprio município.

A esta importante atividade comercial acrescenta-se uma vida industrial, ainda, incipiente com fábricas de calçados, de mosaico, beneficiamentos de algodão, de arroz e prensas de cêra de carnaúba.

Uma influência cultural exerce a cidade através do seu ginásio estadual atraindo alunos de Jaicós, Itainópolis, Valença do Piauí e Inhuma. Picos também possui o único hospital da região.

A antiga cidade de Oeiras não tem a mesma importância comercial que Picos. Tendo caído em profunda decadência após a transferência da capital para Teresina, em meados do século passado, ela atravessa atualmente uma fase de recuperação graças à construção da rodovia (BR-24) que data de 1950.

Oeiras, a mais antiga cidade do Piauí, teve origem na fazenda Cabrobó fundada por Domingos Afonso Mafrense, onde residiu por muito tempo. Os vestígios de um antigo prédio existente no bairro denominado Alto do Rosário são apontados pela tradição como a residência de Mafrense.

O povoado que se formou recebeu o nome de Mocha, do riacho que aí corre, com capela filiada à freguesia de Cabrobó da Diocese de Pernambuco e que foi feita vila em 1712. Em virtude da Carta Régia de 29 de julho de 1758, criando a Capitania do Piauí, foi a vila do Mocha, que era então o maior núcleo da Província, designada para sede do novo Govêrno obtendo o título de cidade pela Carta Régia de 19 de junho de 1761, época em que foi também mudado o nome para o de Oeiras.

Município de Oeiras — Piauí *(Foto C.N.G. 3639 — T.J.)*

A fachada da Catedral de Oeiras é um belo exemplo do barroco jesuítico. Tardio embora, se considerarmos a data da construção do templo (1733) compreende-se que fôsse o preferido quando sabemos da grande influência exercida pelos inacianos na vida piauiense.

Observe-se a rudeza intencional dos lavores de pedra bem de acôrdo com o conjunto severo e simples da arquitetura. *(Com. M.M.A.)*

Município de Oeiras — Piauí *(Foto C.N.G. 3625 — T.J.)*

Nesta igreja antiga de Oeiras pode-se observar o barroco de transição entre a severidade do gôsto jesuítico e a fase posterior mais requintada, com preocupação maiores de volutas e outros ornamentos. Observe-se o frontão curvo guarnecido de frades de pedra bem ao caráter setecentista. *(Com. M.M.A.)*

Conserva, ainda, a cidade vestígios de seu passado de capital: belas igrejas e sobradões coloniais.

Com a mudança da capital, Oeiras sem nada que apoiasse uma vida comercial ou industrial, afastada como estava do eixo econômico de então, o vale do Parnaíba, e interiormente isolada, entrou em grande decadência ainda mais acelerada com a emigração de numerosas famílias.

A rodovia que atualmente a põe em comunicação com a capital estadual e o vale do Parnaíba, de um lado, e com os estados vizinhos do Ceará e Pernambuco, de outro, tem sido fator de maior progresso urbano, sobretudo, no referente ao estabelecimento de uma vida comercial mais ativa.

O mais importante centro comercial da região das "cuestas" é, sem dúvida, Floriano que por sua excelente posição geográfica, no médio Parnaíba, comanda todo o movimento do comércio efetuado no vale para montante, no sudeste do Maranhão e no sudoeste do Piauí.

A cidade originou-se do Estabelecimento Rural de São Pedro de Alcântara, fundado em 1873,

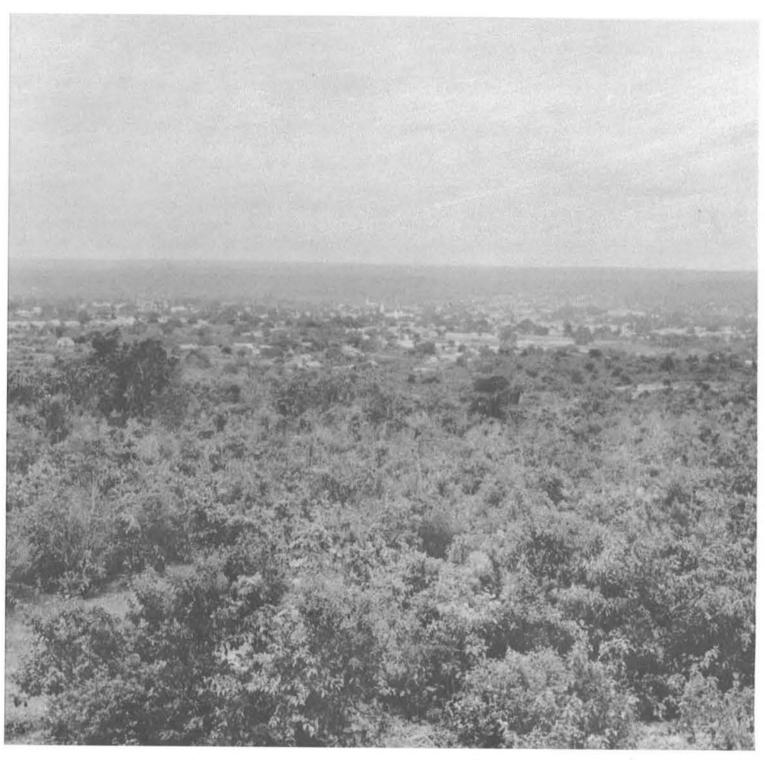
nas terras das Fazendas Nacionais com o fim de estudar as condições da criação de gado no Piauí.

As primeiras barcas carregadas de sal que ancoraram no seu pôrto, em 1890, vindas de Parnaíba, marcaram o seu destino. Foi o primeiro passo da navegação fluvial que conquistou para a Colônia de São Pedro de Alcântara, a categoria de vila em 19 de junho de 1890. Foi o comércio que lhe deu origem, foi o comércio que a fêz desenvolver-se.

O rio Parnaíba foi durante dezenas de anos a via mais importante que servia ao sistema comercial centralizado em Floriano. Por êle se escoava tôda a produção concentrada nessa cidade.

A construção da rodovia BR-24, em 1953, e que corta o Estado de oeste a leste, servindo ainda Oeiras e Picos, como foi visto, foi o principal fator a acelerar o desenvolvimento comercial da cidade. A sua zona de influência, primeiramente, limitada à área servida por rios navegáveis, expandiu-se apreciàvelmente, abrangendo os municípios maranhenses de São João dos Patos, Pastos Bons, Mirador, Colinas, Passagem Franca que antigamente mantinham relações comerciais mais assíduas com

Município de Oeiras — Piauí *(Foto C.N.G. 3635— T.J.)*

Em Oeiras são comuns as construções religiosas datando do período colonial.
A igreja vista na foto representa bem o barroco simples bastante vulgarizado no interior do país. O frontão triangular caracteriza a fase do chamado "estilo jesuítico". *(Com. M.M.A.)*

Município de Floriano — Piauí *(Foto C.N.G. 3559 — T.J.)*

Vista geral da cidade de Floriano, situada à margem do Parnaíba, na zona das "cuestas". Floriano é o principal entreposto comercial da região, graças à sua posição favorável quanto às vias de comunicação pois é ponto terminal da navegação no médio Parnaíba e inicial da rodovia que liga o sertão do Piauí ao estado do Ceará.

A cidade tinha, segundo o recenseamento de 1950, 9 101 habitantes. *(Com. A.S.M.)*

Caxias. A estrada de rodagem que está sendo aberta de Barão de Grajaú em direção ao Balsas e daí ao Tocantins, garante a Floriano um futuro ainda mais promissor no tocante ao crescimento comercial.

O comércio regional de abastecimento em produtos manufaturados está centralizado na cidade, assim como a concentração dos produtos exportados dos municípios alto-parnaibanos: Santa Filomena, Alto Parnaíba, Benedito Leite, Uruçuí, Ribeiro Gonçalves e Guadalupe.

Os principais produtos agrícolas aí reunidos são arroz, algodão, farinha de mandioca, além de babaçu, couros de boi, peles de cabra e peles silvestres. Ao lado desta atividade comercial estabeleceram-se usinas de beneficiamento de arroz e algodão, fábricas de óleos vegetais e mais algumas fábricas de calçados.

O movimento comercial se faz tanto para Teresina, à qual Floriano se liga por boa rodovia construída ao longo do vale, como para os Estados do Nordeste. O grande número de emprêsas de trans-

portes já estabelecidas na cidade, sendo que duas com sede em São Paulo, são índices seguros de sua vitalidade econômica.

A área estudada abrangida pelos rios Poti, Canindé e Piauí revela um aumento populacional razoável, embora se verifique uma emigração constantemente mantida para os grandes centros de atração das correntes migratórias internas: São Paulo e Paraná. Parece que a construção de rodovias ligando o Piauí aos estados nordestinos tem incrementado o êxodo para o sul, o qual segundo opinião generalizada é devido aos rigores climáticos que dificultam um maior progresso das atividades agrícolas.

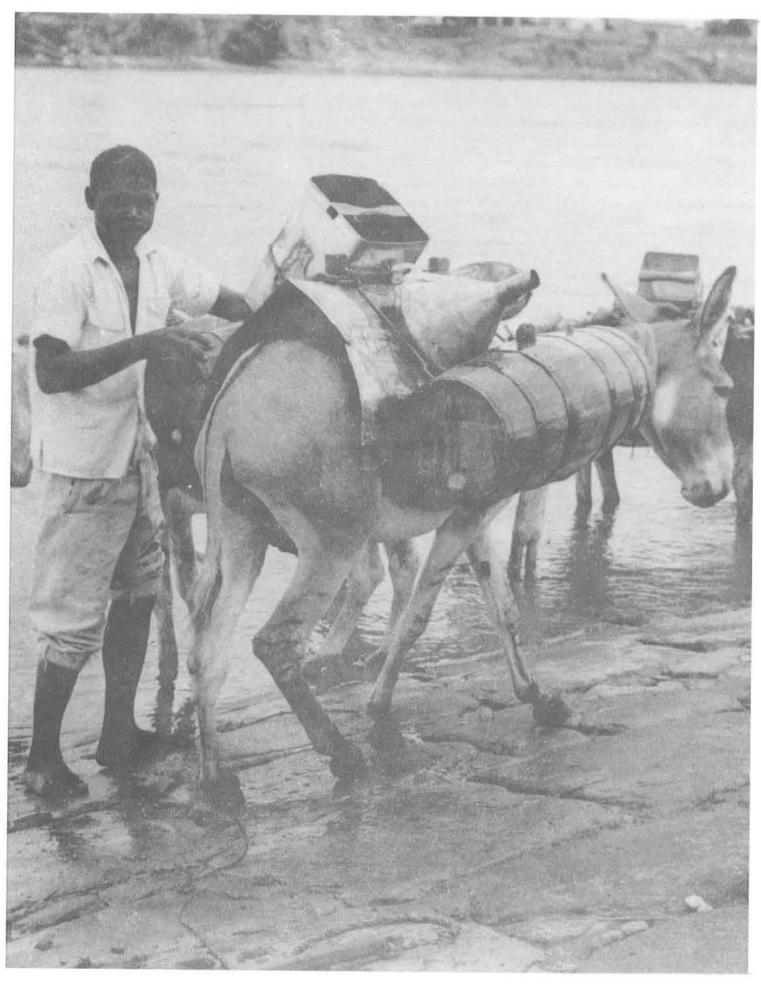
VARIAÇÃO DA POPULAÇÃO

MUNICÍPIOS	Absoluta 1920-1940	Relativa 1920-1940 (%)	Absoluta 1940-1950	Relativa 1940-1950 (%)
Alto Longá	— 2 024	— 20	1 993	24
Amarante	555	4	3 112	19
Canto do Buriti	3 882	56	909	8
Castelo do Piauí	— 4 254	— 26	5 877	49
Floriano	6 027	31	8 081	31
Jaicós	— 1 506	— 7	7 202	34
Oeiras	13 837	56	6 160	16
Picos	13 141	48	14 299	35
Regeneração	— 3 299	— 21	1 042	8
São João do Piauí	— 762	— 4	7 087	43
São Miguel do Tapuio	—	—	2 268	22
Simplício Mendes	1 658	18	4 786	44
Valença do Piauí	5 906	17	10 938	27

Considerando-se os valores da variação populacional na área estudada verifica-se uma grande

Município de Floriano — Piauí *(Foto C.N.G. 3 598 — T.J.)*

Outro aspecto da cidade de Floriano, vendo-se a sua rua principal, calçada e arborizada.

25 — 24 163

Município de Floriano — Piauí *(Foto C.N.G. 3 604 — T.J.)*

As cidades piauienses não possuem serviços de água e esgotos, razão pela qual o abastecimento dágua é feito por meio de poços ou pelos aguadeiros.

Êstes aguadeiros da cidade de Floriano vão até o rio, enchem as latas dágua, para depois despejá-la dentro do corote com o auxílio de um funil que se vê na fotografia.

As pipas dágua são vendidas a fregueses certos. *(Com. L.C.V.)*

melhoria na situação demográfica da região, pois que muitos municípios deficitários no período 1920-1940, acusam um crescimento apreciável de 1940 a 1950.

Não há dúvida de que êsse fato liga-se ao maior desenvolvimento econômico da região, conseqüente à abertura nesse período de boas vias de circulação terrestre.

Sob o ponto de vista demográfico, a parte sudoeste da região das "cuestas" que compreende a bacia do Gurguéia, apresenta uma situação pouco favorável, com decréscimos populacionais em diversos municípios e aumentos insignificantes em outros. Apenas Parnaguá teve um crescimento relativo apreciável, 39% de 1940 a 1950.

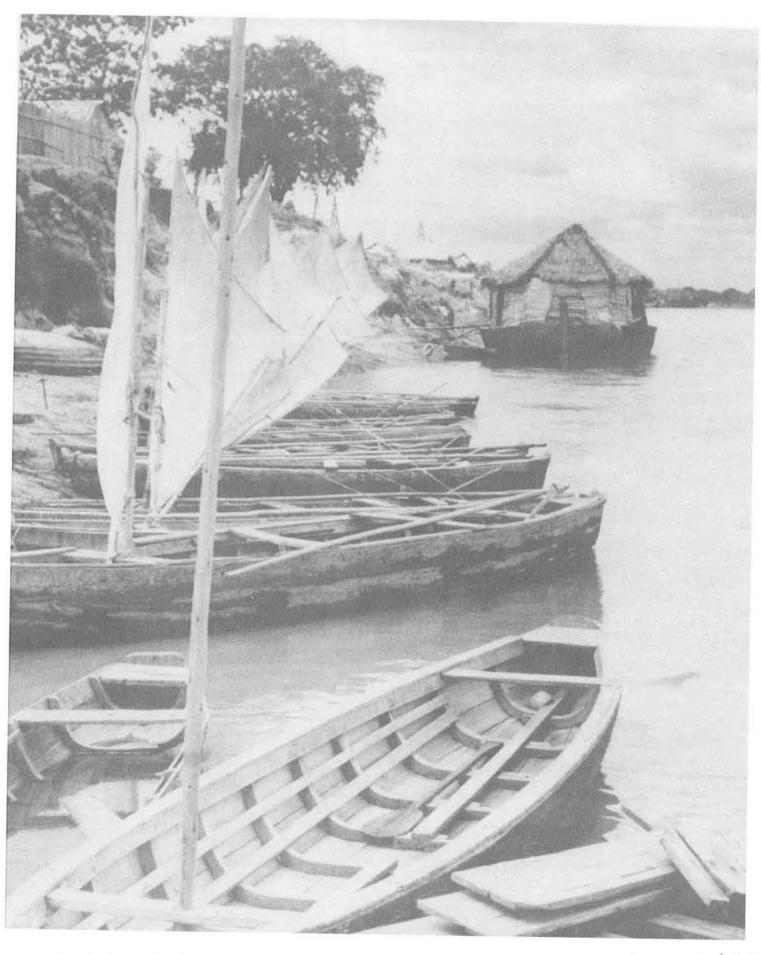
Essa situação de deficit populacional se explica pela emigração grande dirigida para Gilbués, devido à atração da garimpagem de diamantes. Além disso é freqüente também a saída de pessoas para a região tocantina de Goiás.

Município de Floriano — Piauí *(Foto C.N.G. 3 603 — T.J.)*

O carregador dágua ou aguadeiro é um tipo bem conhecido.

Geralmente, o aguadeiro é encontrado nas aglomerações urbanas, onde, mediante retribuição, se encarrega da distribuição da água à população.

O meio de transporte por êle empregado é o jumento, o "jegue" nordestino, pequeno e forte, dócil e resistente.

Na fotografia aguadeiros e jegues às margens do Parnaíba, vendo-se do outro lado do rio a cidade de Barão do Grajaú, no estado do Maranhão. *(Com. L.C.V.)*

Município de Floriano — Piauí *(Foto C.N.G. 3 602 — T.J.)*

A cidade de Floriano possui uma vida comercial bastante intensa. Realiza ela uma função centralizadora da produção da região situada à montante do Parnaíba, principalmente de arroz e mandioca, couros e peles, que vêm dos municípios de Alto Parnaíba, Benedito Leite, Nova Iorque e outros.

Êsses produtos descem o rio em lanchas e barcos a motor e mesmo em balsas de buriti e são escoados de Floriano para o Ceará e Pernambuco pela estrada de rodagem que passa na cidade.

Na foto, vêem-se pequenos barcos a vela e remo, usados para transportar passageiros e alguma carga, em geral, entre Floriano e a cidade de Barão do Grajaú, situada na margem maranhense. Vê-se também um barco de maiores dimensões, no centro da foto, destinado ao transporte a maior distância. *(Com. J.X.S.)*

VARIAÇÃO DA POPULAÇÃO

MUNICÍPIOS	Absoluto 1920-1940	Relativo 1920-1940 (%)	Absoluto 1940-1950	Relativo 1940-1950 (%)
Bertolínia	—	—	— 2	0
Bom Jesus	4 365	42	449	3
Caracol	—	—	8 147	—
Corrente	—	—	1 012	13
Guadalupe	—	—	— 1 561	— 17
Jurumenha	— 5 651	— 46	3 893	60
Parnaguá	1 936	30	3 341	39
Ribeiro Gonçalves	—	—	— 510	— 7
São Raimundo Nonato	5 757	25	1 566	5
Uruçuí	— 756	— 17	98	1

É zona de economia pobre onde à atividade coletora do babaçu e da maniçoba soma-se uma criação de gado realizada de forma extensiva nos altos arenosos das "cuestas", domínio do campo cerrado ou da caatinga. Apenas nos "baixões", por vêzes, muito extensos, se realiza uma agricultura de subsistência.

A falta de meios de transportes impossibilita o maior desenvolvimento econômico da região, excêntrica em relação aos principais centros econômicos do Estado. Apenas caminhos, no mais das vêzes, transitados por tropas de muares, cortam a região.

A navegação fluvial realizada no Parnaíba, apesar de ser de primacial importância para a área, cada vez se torna mais problemática, pois, o desmatamento inconsiderado das suas margens tem dado lugar a freqüentes quedas de barreiras que prejudicam enormemente as condições de navegabilidade do rio.

Êsses fatôres têm concorrido para desarticular quase completamente as relações dessa área com outras partes do Estado, o que faz com que alguns dos municípios situados na periferia do território, mantenham relações comerciais mais freqüentes com os Estados limítrofes, como São Raimundo Nonato em relação à Pernambuco, Parnaguá e Corrente em relação à Bahia.

III

REGIÃO DOS CHAPADÕES

PENETRANDO-SE ao sul do Maranhão e ao sudoeste de Piauí, alcançamos o domínio dos chapadões. Surgem, primeiramente, topos aplainados com encostas abruptas — formas isoladas que, por ostentarem grande porte, contrastam com as colinas da planície. O nível geral dos chapadões mostra-se, em regra, sobremaneira dissecado e profundamente entalhado pelos vales dos rios existentes nesta área. Encontramo-nos, portanto, diante de uma sucessão de formas tabulares que convertem a região em um verdadeiro "mar de mesas testemunhas". Desprovido daquela continuidade observada nos chapadões do Brasil Central que ocupam várias dezenas

46° 45° 30'

8° 30'

9°

9° 30'

MARANHÃO

RIBEIRO GONÇALVES

GILBUÉS

Atoleiro
Cach. do Caititu
Banja
Brejo da Porta
Rch. da Lagoa
Piracuruca
Buritizinho
Morro Vermelho
Rch. Cortado
Zelândia
Cach. Pedra da Veneranda
Nova Olinda
Por-Enquanto
Riachinho
Rch. da Zelândia
Rch. Remanso do Cacula
Rch. Remanso Velho
Rch. Nova Olinda
Barraca
Rch. Mucuri
Riozinho
Fortaleza
Bonito
Remanso Grande
RIO PARNAÍBA
Taji
Rch. Vertente
SERRA DA FORTALEZA
Rch. Sucuruju
Malhadinha
Engo. Dodt
Rch. Sêco
Inhumas
Rch. dos Angicos
Baia Funda
Passagem da Areia
Rch. dos Porcos
Riachão
Cach. Apertada-Hora
Cach. d'Areia
Melosa
Rch. da Areia
Pedra Preta
Riozinho
SA. DO RIACHÃO OU DA BANJA
Cab. do Riachão
Pedrinhos
Rch. Contrariado
ALTO PARNAÍBA
Atalaia
SANTA FILOMENA
Recreio
Estrema
Águas Belas
Rch. Taquara
Salto
Rch. da Bacaba
Morro do Arara
Refresco
Matas
Mte. Alegre
Bacabal
Picos
Sete Lagoas
Rch. da Rapadura
Ponta da Serra
Cachoeira
Côcos
Rch. da Areia
Alegre
Rch. da Aldeia
Rio Parnaibinha
Belo Banho
Guaribas
Suçuapara
SERRA DAS GUARIBAS
SERRA DO OURO
Rio Uruçuí Prêto
Cach. Pedra de Amolar
Rio Parnaíba
Riachuelo
Rch. Riachuelo
Passagenzinha
Lagoa Félix
Barra do Mosquito
S. Félix
Lagoa Félix
Ouro
Rio Uruçuí-Vermelho
Rio do Ouro

MARANHÃO
CEARÁ
PERNAMBUCO
BAHIA

CONVENÇÕES

CIDADE ◉ VILA ◎ POVOADO ○

Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F. ○

LIMITES:
Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital

E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto

Des. W. S. M.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:500 000
(1cm = 5 km)

5km 0km 5 10 15 20km

RIBEIRO GONÇALVES
BOM JESUS
SANTA FILOMENA
MONTE ALEGRE DO PIAUÍ
MARANHÃO
CORRENTE
GOIÁS
BAHIA
CHAPADA DAS MANGABEIRAS
GILBUÉS
MONTE ALEGRE DO PIAUÍ
Curupá
RIO PARNAÍBA
SERRA DO CARACOL
SA. DOS PATOS
SA. DOS DOIS IRMÃOS
SA. DO MANDACARU
SA. DO PAPAGAIO
Rio Uruçuí-Prêto
Rio Gurguéia
Lagoa Félix
S. Félix
Caracol
Lagoa Arcada
Barra Alta
S. Maria
Xingu
Boa Vista
Conceição
Passagem da Taboca
Boqueirão
S. Teresa
Brejão
Limoeiro
Marmelada
Cabana
Pindaíba
Buriti
Saltões
Gavião
Voqueta
Canto do Roçado
Palestina
Lagoa
Angical
Malhada Alta
Monte Alto
Jurubeba
Veados
Isabel
Alecrim
Meios
Pedras
S. Rosa
Caraíbas
B. Esperança
Prata
Largo
Urutuzal
Araras
Barra do Brejo
Cacimbas
Pedro
Pote
Monte Alegre
Fortaleza
Saco
S. Cruz
Maravilha
Barracão
Queimadas
Barrinha
Mamoneira
Saco Novo
Sequinho
Enseada
Pôrto
Macaco
Boqueirão
Papagaio
Pereiro
Nova Olinda
Castanheiro
Alegre
Saco Fundo
Currais
S. Francisco
Mucambo
Ananás
Saco
Caraíbas
Resfriado
Remanso
Riachão
Patos
Lagoa Salinas
Surumbi
CONVENÇÕES
CIDADE VILA POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
Internacional
interestadual
Intermunicipal
Interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
46°
45° 30'
45°
9°
9° 30'
10°
10° 30'
Des. - AA

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000

Divisão Territorial em 31-VII-1956

de quilômetros em extensão, o relêvo apresenta-se, no Meio Norte, com o aspecto movimentado, podendo-se entrever, ao fundo da paisagem, planícies fluviais insinuando-se entre as "mesas testemunhas".

A transição das colinas de 80 a 100 metros para uma série de espigões alongados e achatados nos seus cimos, oscilando entre 150 a 200 metros, marca os limites entre a planície e os chapadões. Ocorrem, à proporção que se transpõe esta região, relevos mais elevados, chapadas de maior amplitude que se distribuem em tôrno dos níveis de 300 a 400 metros. Os vales oferecem maior encaixamento na parte central desta zona, esboçando-se, também, uma rêde hidrográfica retangular.

O domínio das grandes chapadas — característica frisante da região Centro-Oeste — só é atingido nas proximidades dos divisores de água com os afluentes do Tocantins, quando as altitudes ultrapassam a 600 metros.

Estudando-se a sucessão de níveis, encontramos, delineada nos chapadões, aquela topografia em plataformas estruturais, que assinala a existência de um relêvo tabular onde se sucedem camadas de diversas resistências.

Depositados quando haviam cessado os movimentos de conjunto, os terrenos dos chapadões conservam uma horizontalidade quase perfeita. Notam-se-lhe, porém, algumas perturbações na estratificação, em virtude de reajustamentos locais. Predominam os terrenos de idades permiana, jurássica, cretácea e terciária. Pertencendo a esta última idade, a formação Serra Negra é constituída por uma série de leitos — arenitos maciços com estratificação entrecruzada, intercalados por folhelhos de côr avermelhada — apresentando uma potência superior a 150 metros. Constata-se, na parte superficial das chapadas, a desagregação do arenito que ocasiona o aparecimento de uma espêssa camada de areia de formação continental e que sofre, também, as influências do vento e da água das chuvas.

Segundo consta, quando do início do terciário, a colmatagem finaliza no interior da grande bacia do Meio Norte, provocando, a partir desta época, uma sedimentação de caráter detrítico, nas áreas correspondentes às partes mais elevadas.

Sendo de grande desenvolvimento nos limites com a região amazônica, esta formação tornou-se o "substratum" de algumas serras tais como a Serra Negra — que lhe deu o nome — a serra do Caldeirão e outras. Sob esta, outra se evidencia: a Codó — de origem marinha cuja espessura varia de 20 a 40 metros — representada por uma série de camadas de folhelhos calcáreos e betuminosos de relativa utilidade na pesquisa do petróleo. De quando em quando, dá-se o aparecimento, nesta série, de concreções e lentes de gipsitos que encerram fósseis de idade cretácea, havendo em certos lugares perturbações que indicam áreas sinclinais e anticlinais. Mais abaixo, a formação que se lhe segue — a Enxu — contém arenitos e "sills" de diabásio de certa importância local e que, metamorfizando os arenitos, originaram plataformas estruturais que, pela exuberância do solo, à semelhança do que sucede na região das "cuestas", tornaram-se de relevante valor para o aproveitamento agrícola.

A sucessão de camadas de diferente resistência à erosão proporcionou, também, o aparecimento de uma série de níveis intermediários que se escalonou lembrando degraus de acesso a superfícies de maior elevação.

Ocorrem, no fundo dos vales, outras formações como as de Poti, Pedra do Fogo e Rio Longá. Na primeira, encontramos siltitos, folhelhos e arenitos, enquanto na segunda, rochas muito silicificadas que lhe emprestam maior dureza. As rochas da formação Pedra do Fogo, podem, localmente, como se observa nos arredores de Pastos Bons, passar a calcáreos, favorecendo à constituição de solos ricos e, portanto, propícios à agricultura. Composta por folhelhos escuros, cuja natureza petrográfica facilita o trabalho da erosão, e intercalada por leitos de siltitos, assim se apresenta a formação Rio Longá.

A decomposição e a desagregação das rochas paleozóicas forneceram sedimentos que, atualmente, constituem as planícies fluviais. A erosão iniciada nos meados da era terciária ocasionou, após a deposição da Serra Negra, o aparecimento dos aluviões, responsáveis, na planície, pela Série Barreiras.

Provàvelmente, as oscilações climáticas, efetuadas no pleistocênico, contribuíram de maneira significativa para a atual fisionomia da região: durante os períodos mais úmidos, os rios, recortando um chapadão primitivo, entalharam profundamente seus vales. Posteriormente, a ação de climas mais sêcos ativou o trabalho de desagregação, motivando uma grande erosão. As baixadas ampliaram-se surgindo, em outros períodos de maior umidade, aquêle "mar de mesas testemu-

CONVENÇÕES

CIDADE ◉ VILA ◎ POVOADO ○

Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F. ○

LIMITES:

Internacional

Interestadual

Intermunicipal

Interdistrital

E. F. bit. larga

E. F. bit. normal

E. F. bit. estreita

Estr. de rodagem

Estr. carroçável

Linha telegráfica

Rio intermitente

Alagado

Areial

Aeroporto

OCEANO ATLÂNTICO

PARÁ

GOIÁS

PIAUÍ

SITUAÇÃO

49° 48° 47° WG

5°

PARÁ

GOIÁS

CARUTAPERA

MONÇÃO

PINDARÉ-MIRIM

AMARANTE DO MARANHÃO

MONTES ALTOS

SERRA DO GURUPI

Aldeia Amanajaz Taudi

Rio Poranguetê

Rio Pindaré

Rio Itinga

Rio Turumandiua

Rio Cajuapara

Sapucaia

Rio Quirino

Paralelo Da Foz Do Rio das Flores

Rio Surubim

Rib. das Pedras

Rib. Gamião

Rib. dos Frades

ILHA SAMAÚMA

ILHA DO TIMBAÚBA

São Félix

RIO TOCANTINS

Frades

Piuocas

Aldeia Piuocas

Camaçari

Rio Bacabatiua

ILHA VITORIANO

Angical

Embiral

Bacurizal

Rib. Dr. Chiquinho

Córr. Embiral

Anajá

RIO ARAGUAIA

IMPERATRIZ (MA)

Córr. do Cacau

Córr. Água Preta

Gameleira

Santa Luzia

Ladeira Vermelha

Casa-Só

ILHA DA SERRA QUEBRADA

Retiraço

Córr. Bananal

Prata

Mato da Raiz

Córr. da Anta

Torre Segura

Ôlho d'Água

Cach. de São Domingos

ILHA SÃO DOMINGOS

Cach. de Santo Antonio

Rib. da Posse

ILHA SUCUMBIDA

Rib. Campo Alegre

49° 48° 47°

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator

ESCALA 1:1 000 000

(1cm = 10 km)

Des. AS. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:400 000
(1cm = 4 km)

5 0 5 10 15km

46°30'WG
PINDARÉ-MIRIM
IMPERATRIZ
GRAJAÚ
MONTES ALTOS
AMARANTE DO MARANHÃO
Formoso
Cana-Brava
Cruceia
Vargem Limpa
Sítio Novo
Vamos Ver
Papa-Mel
Presídio
Lagoa
Três Ranchos
Campo Alegre
Santa Rosa
Santa Amélia
Boa Esperança
Jardim
Pedra Ferrada
Monte Agudo
Nazaré
Sentado
Novo Brasil
Alto do Doca
Piripiri
São Luís
Canto Grande
Estiva
Sítio do Meio
Viseu
Bom Lugar
Boa Esperança
DIVISOR MEARIM-TOCANTINS
Rio Pindaré
Rio Zutiua
Rio Buritirana
Rio Varjão
Rib. Santa Rosa
Rch. Zé Paz
Rch. Agua Fria
Rio Santana
Batalha
R. Grajaú
5°
5° 30'
6°
46° 30'
CONVENÇÕES
CIDADE VILA POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
OCEANO ATLÂNTICO
PARÁ
PIAUÍ
BAHIA
SITUAÇÃO
48°
44°
4°
8°

nhas"; presentemente, o chapadão primitivo só pode ser encontrado nos divisores.

O rebaixamento do nível das chapadas provocado pela erosão produziu uma série de formas — figuras características que emprestam denominação a algumas serras da região: serra dos Penitentes, das Alpercatas e outras, cujos nomes provêm daquelas figuras bizarras que emolduram o bordo dos chapadões.

A presença do pacote sedimentar influi bastante no regime fluvial porque efetua sua normalização, fazendo desaparecer os rios intermitentes, típicos da região sêca. Geralmente, êles nascem no alto dos chapadões em baixões e, após alguns quilômetros de curso, apresentam cachoeiras e saltos, até atingirem os níveis inferiores. Apresentando forte desnível, mostram, ao sul da serra das Mangabeiras, já na grande região Centro-Oeste, uma acentuada escarpa.

Em virtude da escassez dos dados meteorológicos, pois o mapa assinala, apenas, uma estação — Grajaú — pertencente ao Serviço de Meteorologia do Ministério da Agricultura, não se torna possível, sob o ponto de vista climático, realizar um estudo pormenorizado da Região dos Chapadões.

Embora não se possa precisar com segurança os aspectos climatológicos dessa região, o clima quente e úmido com estação chuvosa no verão e estiagem rigorosa no inverno, Aw, parece dominar, não só nessa zona como também em grande parte do Planalto Central.

Tratando-se de uma região de chapadões de pequena altitude, que descem suavemente para a zona litorânea em diferentes níveis, ora mais altos, ora mais baixos, o relêvo pouca influência exerce no clima.

Ao contrário do que se verifica no sul da Região das "Cuestas" onde há a transição para o clima semi-árido, na Região dos Chapadões, os rios são perenes, porque, além de uma pluviosidade intensa no verão, o solo permeável permite o armazenamento da água que se infiltra. Muitos são os rios que nascem nas chapadas do interior e descem até a zona da baixada litorânea, como o Pindaré, o Grajaú, o Mearim, o Itapecuru e o Parnaíba. Êste último, o mais importante, separa a zona mais pluviosa do lado maranhense, de outra bem mais árida do Piauí, evidenciando a influência do clima na rêde hidrográfica.

Analisando-se os dados da estação de Grajaú, situada ao norte, conclui-se que, na Região dos Chapadões, as temperaturas se mantêm bastante elevadas durante todo o ano, pouco ultrapassando a 1°C a amplitude térmica anual. O mês mais quente não é no verão e sim, na primavera. Aliás, em tôda a vasta área de clima Aw típico do Planalto Central, a média mais elevada registra-se em setembro ou outubro, quando já é grande o aquecimento e as chuvas que o reduzem são ainda muito escassas. O mês menos quente coincide com a época mais chuvosa portanto, o verão, podendo ser janeiro, fevereiro ou março.

Relativamente às precipitações, essa área do sul do Maranhão e do Piauí apresenta um atraso da estação chuvosa, que se inicia sòmente no fim da primavera e se estende até o comêço do outono. Os meses mais chuvosos são janeiro, fevereiro e março. Êste último, geralmente, apresenta o total mensal mais elevado. A estação sêca é aí muito rigorosa.

Os dados da estação de Grajaú vêm confirmar as afirmações feitas.

VALORES NORMAIS

MESES	Temperatura média compensada °C	Precipitação Altura total (mm)
Janeiro	25.5	269.2
Fevereiro	25.4	297.4
Março	25.6	305.8
Abril	25.7	199.2
Maio	25.7	88.0
Junho	25.5	9.7
Julho	25.5	6.6
Agôsto	25.9	5.7
Setembro	26.6	30.2
Outubro	26.5	81.8
Novembro	26.2	150.2
Dezembro	25.8	199.6
ANO	25.8	1.643.4

FONTE: Serviço de Meteorologia, Ministério da Agricultura.

A precipitação nessa região é relativamente abundante, em virtude da ação da massa equatorial continental, que domina no verão, em todo o Planalto Central do Brasil, e que, entrando em contato com a massa tropical atlântica (frente intertropical), produz, nessa época do ano, chuvas intensas.

Pode-se dizer que o clima da Região dos Chapadões é idêntico ao do Planalto Central, *Aw*, observando-se, apenas, pequena diferença, quanto ao retardamento da estação chuvosa.

Tôda a área compreendida na Zona dos Chapadões apresenta um clima caracterizado "pela existência de duas estações perfeitamente distintas: a chuvosa, que ocorre no verão, e a sêca, no inverno. Êste clima domina em tôda a área do Planalto Central do Brasil, estendendo-se ao norte até o

26 — 24 163

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:750 000
(1cm = 7,5 km)

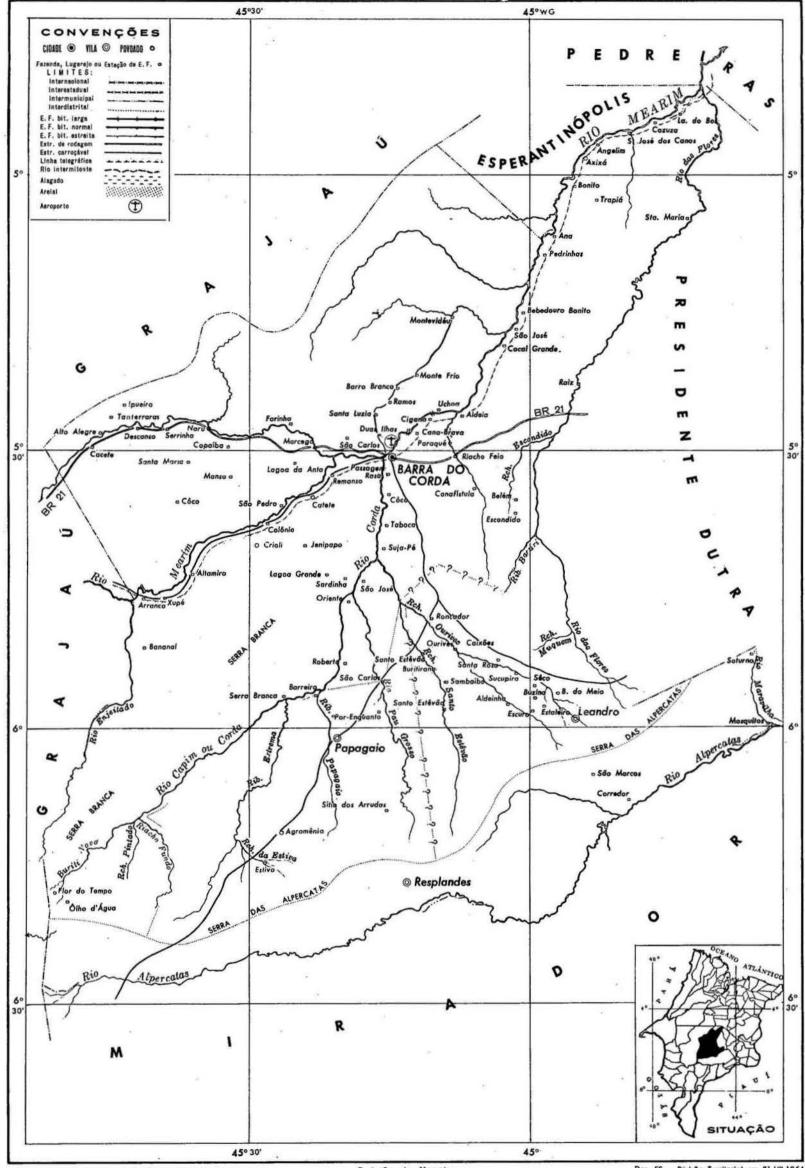
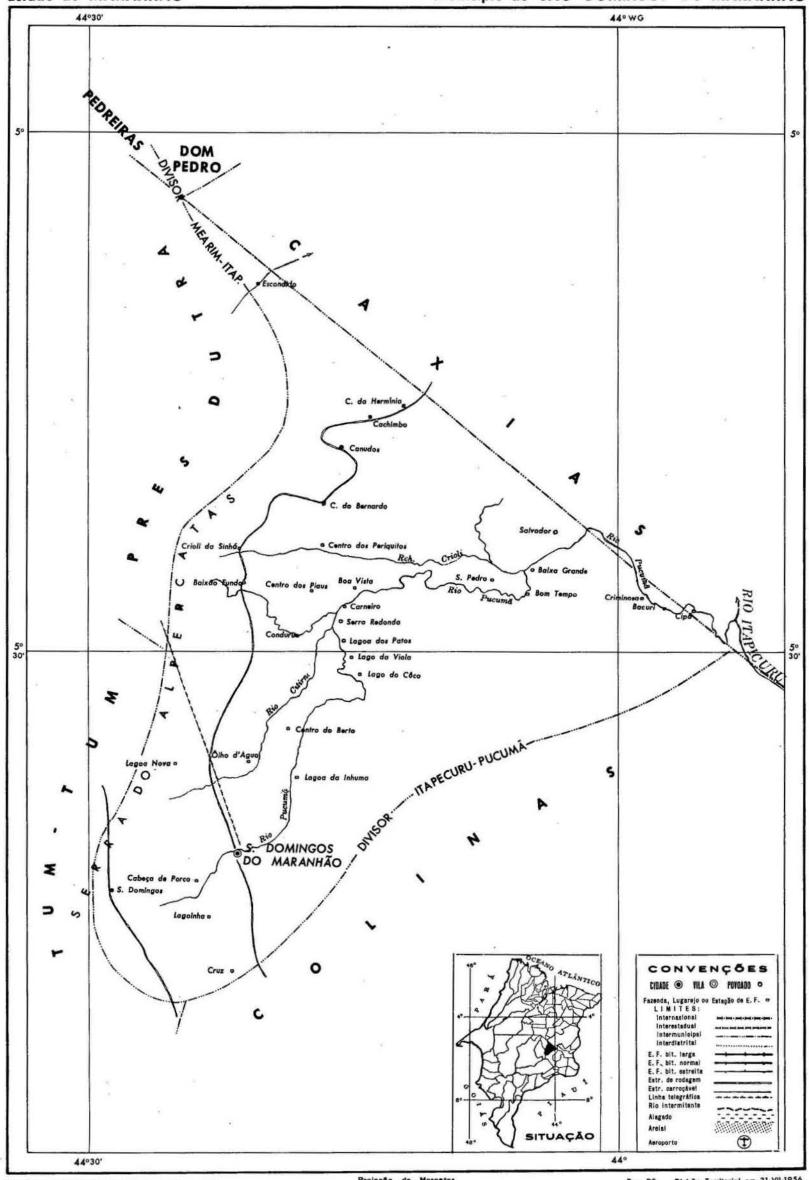
Des. FS. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Estado do MARANHÃO **Município de SÃO DOMINGOS DO MARANHÃO**

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — B. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:400 000
(1cm = 4 km)

5 0 5 10 15km

Des. DS. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Maranhão e o Piauí" (1). Na realidade, existe uma pequena diferença quanto ao regime pluviométrico desta área no Meio Norte em relação ao do Planalto Central pròpriamente dito, diferença esta que se traduz por um pequeno retardamento na estação chuvosa" (1) que, entretanto, não implica em mudanças radicais na vegetação dessas duas áreas; pois, aqui como no Planalto Central a fitofisionomia é dominada pelas formações campestres.

O "aspecto geral da região em que ocorrem essas formações é o de "savanas" com matas-galerias, cuja fisionomia se assemelha à de algumas áreas do Centro-Oeste brasileiro" (2).

Não é o Cerrado, entretanto, o único tipo de vegetação que ocorre aqui; a NW., ocupando as chapadas que servem de divisores de águas entre os rios Pindaré Grajaú e alcançando mesmo o vale dêsse último, na porção em que êle drena a área mais setentrional da região em foco, encontramos a Mata Equatorial em Hiléia; ao sul, limitada grosseiramente pelo Rio Parnaíba, com expansões para sul e sudeste, surge a Caatinga.

São poucos, os autores que até os dias de hoje se ocuparam da vegetação dos Estados do Piauí e do Maranhão. Excetuando-se as pesquisas meticulosas de Luetzelburg no sul e sudoeste do Piauí, os trabalhos de Silvio Fróis Abreu, Olimpio Fialho, Raimundo Lopes, Ricardo Lemos Fróis e outros que se ocuparam mais da vegetação maranhense, ainda estamos longe de conhecer com exatidão os limites das diversas associações vegetais da região. Acresce que, situando-se em uma zona de transição climática, seu estudo é ainda mais dificultado.

"O Cerrado, no entanto, vai cedendo lugar na direção da Amazônia a uma vegetação mais densa à medida que a pluviosidade aumenta e a estação sêca se torna menos acentuada, prolongando-se as chuvas um pouco pelo outono. Assim observa-se que a vegetação da hiléia amazônica se estende pelo noroeste do Maranhão, onde se verificam chuvas abundantes permitindo portanto a sua ocorrência, que se torna cada vez mais esporádica, à medida que a pluviosidade diminui, para o sul e sudeste, acentuando-se o período de estiagem. Nesta zona onde as precipitações já são bem mais reduzidas, abrangendo grande parte do Piauí, domina a vegetação da Caatinga"; assim, em seu trabalho o "Clima do Nordeste", Ignez Amélia T. Guerra procura explicar as variações gerais que o clima da região impõe à fitofisionomia da Zona dos Chapadões do Meio Norte brasileiro.

Olimpio Fialho (3) indica entre a Mata Equatorial ao norte e o Cerrado ao sul, uma formação à qual denomina "mata-sêca ou avarandados" que se "caracteriza pela queda da folhagem no período da sêca; pela altura e grossura de suas árvores, que, em média, têm de altura 20 metros e os troncos, um diâmetro médio de 25 centímetros; pela presença de essências de espécie bem diferentes das que se encontram na Hiléia; e ainda por apresentarem os típicos avarandados ou galerias" e admite o mesmo autor que "outros fatôres que não ocorrem na grande mata equatorial, como sejam os de origem climática ou da natureza dos solos" sejam os responsáveis pelo aparecimento aí, dêsse tipo de vegetação que "é êrro, achamos, considerar-se a formação vegetal de que nos ocupamos, na classificação de caatinga. Essa formação é abundante em diversos pontos do território maranhense e não pode ser considerada caatinga" (3). No "Mapa Fitogeográfico do Estado do Maranhão" anexo ao trabalho acima citado, O. Fialho omite mesmo essa formação. Silvio Fróis Abreu, entretanto, é taxativo e afirma: "no Maranhão também há aquela vegetação típica do nordeste brasileiro, a que se dá o nome de caatinga ou caa-tinga" e cita: "as matas do alto Mearim além de Barra do Corda são diferentes da caatinga que acompanha o Mearim antes de receber o Corda. São matas de caráter xerófilo mas de porte grande e denotando um certo caráter de transição para o tipo higrófilo".

Apesar de não ter sido representado no Mapa Esquemático da Vegetação anexo ao presente trabalho a "formação vegetal" ou "vegetação de transição" assinalada acima, julgamos oportuno citar os autores referidos em suas divergências, pois acreditamos que a elucidação de problemas como êsses, da vegetação do Meio Norte poderá contribuir muito para o conhecimento da origem e evolução e relações entre os Cerrados, Caatingas e a Hiléia.

Entretanto, a fitofisionomia da Zona dos Chapadões é dominada pelo Cerrado. É verdade também que se em muitas áreas como "nos planaltos do sul do Maranhão, o cerrado típico se estende exatamente à semelhança do que se observa nos de Goiás e de Mato Grosso" (4), não é menos freqüente também que nos vejamos diante de uma paisagem onde se misturem aspectos de caatinga alta, cerrados e mesmo de matas de pequeno porte; porém em ambos os aspectos nunca falta, durante a época das chuvas, uma cobertura graminácea que empresta, por vêzes, à paisagem local, a fisionomia de "vegetação de parque" principalmente

Estado do **MARANHÃO** — Município de **BURITI BRAVO**

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)

5 0 5 10km

Des. MC. Divisão Territorial em 31-VII-1956

Projeção de Mercator
ESCALA 1:1 000 000
(1cm = 10 km)
10 0 10 20 30 40km

Des. MC. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:400 000
(1cm = 4 km)

5 0 5 10 15km

Des. MC. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

quando os elementos que compõem a sinusia arbórea e arbustiva se reúnem formando grupos mais ou menos espaçados.

Esta alternância e mesmo a interpenetração de formações vegetais de que é palco o Meio Norte foi assinalada por Luetzelburg que disse: "Nesta paisagem se debatem em constante luta as diversas vegetações, vencendo ora a caatinga, ora os agrestes. Aliás, fenômeno igual, observamos em tôdas as regiões de diversas vegetações, como por exemplo, entre duas vegetações características, separadas ao mesmo tempo por dois grandes e distintos centros vegetativos quer da região higrófila, quer da megatérmica ou xerófila, onde elementos desta se introduzem nos matos ou campos. Todo o oeste do estado da Bahia e sudoeste do estado do Piauí confirmam tal fenômeno: a flora goiana contra a baiana. A hiléia maranhense, porém, resiste e vai ao encontro das regiões xerófilas do Piauí" (5).

Descrevendo o agreste do Piauí êsse autor assinala que entram na sua composição árvores cujos gêneros não ocorrem nas matas, de folhagem grande e coreácea e dotadas de meios capazes de dificultar a perda de água por evaporação, apresentando casca lisa ou áspera ou mesmo coberta por forte camada suberosa e assinala ainda a presença de um tapete de relva dura que cobre o solo. Esta descrição corresponde, assim acreditamos, ao Cerrado, pois ao lado da fisionomia assinalada, a extensa lista de espécies típicas dessa formação dada pelo autor, onde estão incluídas: Anacardium Occidentale, Curatella americana, Salvertia convallariodora, Stenocalyx disentericum, diversos Erythroxylon, Byrsonimas e muitos outros ao lado de espécies comuns à Caatinga. Outra espécie também encontrada nos cerrados e freqüente nos Chapadões do Meio Norte, é a mangabeira (Hancornia speciosa).

Outra feição característica da zona em aprêço é a presença nas cabeceiras dos rios dos buritizais, que condicionados pelo afloramento do lençol freático, conseqüência da alternância de arenitos permeáveis e xistos aparecem principalmente "na região do Balsas, do Parnaíba e em tôdas as nascentes no sertão" (6) onde "vegetam densas associações da robusta palmácea" (6). "O buriti (Mauritia vinifera, Mart.) é a espécie que melhor representa tais formações, no meio das sub-xerófilas, ao lado da (Mauritia flexuosa, Mart.) e da buritirana (Mauritia aculeata, A. B. K.), tôdas geralmente denominadas "buritizais ou miritizais na nomenclatura popular" ... (7). Um tapete de gramíneas e ciperáceas sôbre um solo geralmente rico em húmus e a presença de água, contribuem para tornar o buritizal um oásis de frescor na monotonia do Cerrado ou na secura da Caatinga. É aí que o viajante vai encontrar a água ao transpor as imensas chapadas da região.

Os carnaubais aqui são muito menos freqüentes, ocorrem com maior incidência na Zona de Cuestas.

A área do Sudoeste do Piauí incluída na Zona dos Chapadões é ocupada pela Caatinga. A denominação local assinalada por Luetzelburg para a vegetação dos limites do Piauí com o Maranhão foi de "caatinga mestiça", significando um tipo que ao lado dos "elementos xerófilos da própria caatinga" (5) apresenta outros, das regiões vizinhas, de diferentes folhas (5). Êsse aspecto, possìvelmente, é o mais comum nos divisores de água que continuam a Chapada das Mangabeiras e onde se localiza o limite entre os estados do Piauí, Maranhão, Bahia e Goiás. A feição predominante, porém, é a da Caatinga rica em "Mimosas, Cassias, Euforbiáceas, de vegetação densa, não havendo claros ou espações entre os indivíduos. Essa densidade impede o desenvolvimento das diversas espécies de bromélias e cactáceas baixas, de forma que, nesse tipo, de caatinga só existem elementos lenhosos de ramificação espraiada. A caatinga baixa é o tipo que impera nas chapadas e planaltos (Piauí)" (5).

A extensa região dos Chapadões que abrange pouco menos de um têrço da área territorial do Maranhão e pequena parte do alto vale parnaibano no Piauí apresenta-se dentro do conjunto do Meio Norte, como uma zona deficientemente explotada, de economia pobre e com um baixo efetivo populacional, que perfaz apenas a densidade média de 2,03 habitantes por quilômetro quadrado.

Nela se encontram, juntamente com a parte sudoeste do estado do Piauí enquadrada na região das "cuestas", as mais baixas médias de densidade populacional do Meio Norte. A população rural supera largamente os quadros urbanos, sendo que nenhuma cidade se distingue especialmente por sua atividade econômica e pelo seu desenvolvimento urbano. A taxa de ruralismo da população atinge a elevada percentagem de 89%.

Com uma área de cêrca de 137 300 km², o que representa 23,7% da superfície total do Estado nela se concentram apenas 10,6% dos habitantes estaduais. Estas estatísticas atestam a precariedade da ocupação e da valorização econô-

CONVENÇÕES
SITUAÇÃO
OCEANO ATLÂNTICO
BURITI BRAVO
PARNARAMA
COLINAS
PASTOS BONS
SÃO JOÃO DOS PATOS
SÃO FRANCISCO DO MARANHÃO
PASSAGEM FRANCA
Paraíso
Boa Vista
Todos os Santos
Sapucaia
Garibáldi
Suco
Patos
S. Luís
Sto. Antônio
Paciência
Jacaré
B. da Vereda
Água
Caiçaras
S. Bento
Morada Nova
Seta
Canafístula
Bom Lugar
C. do Baix
Passagem de Baixo
Casa Nova
Água Branca
Macambira
Buriti
Tiúba
Rapôsa
Cedro
Poço Verde
P. dos Cachorros
Nova Sítio
Bacabinha
Matinha
Brejinho
Urubu
Pitiás
Araim
Socorro
Juçara
Nazaré
Baixão
Iputira
Gavião
Faveiral
Palestina
Macambira
B. Vermelho
Danguer
Puçõo
Bom Jesus
Pinga
Caraíbas
Faveira
Lagoinha
Canafístula
Cágados
Tapera
Mangabeira
Laranja
Limpeza
Boqueirão
Vaqueira
Mucambo
Vão de Vaca
Canabrava
Caraíbas
Cabeceira
Vão da Tiúba
Várzea
Saco do Boi
Rio Balseiros
Rch. Inhumas
Rio Corrente
Ig. São Domingos
Rch. Canabrava
Ig. do Bode
Riachão
Riacho Mucambo
Serra Mata Escura
Projeção de Mercator
ESCALA 1:400 000
(1cm = 4 km)

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)
5 0 5 10km

Des. AM. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Estado do **MARANHÃO** | Município de **PÔRTO FRANCO**

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:400 000
(1cm = 4 km)

Des. MC. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

mica de tão vasta região, na qual os recursos naturais básicos permanecem pràticamente inexplotados.

POPULAÇÃO

MUNICÍPIOS	Urbana e Suburbana	Rural	Densidade hab./km2
PIAUÍ			
Gilbués	399	15 154	1,70
Santa Filomena	544	3 962	0,83
MARANHÃO			
Alto Parnaíba	937	9 250	0,65
Balsas	3 628	13 194	1,33
Barra do Corda	2 851	21 615	1,73
Benedito Leite	297	6 392	2,08
Buriti Bravo	1 611	9 496	5,94
Colinas	1 799	21 179	6,96
Grajaú	2 377	29 431	1,13
Loreto	625	11 189	2,65
Mirador	734	20 464	2,23
Nova Iorque	1 109	4 543	5,04
Passagem Franca	912	17 059	5,97
Pastos Bons	1 166	15 215	7,04
Riachão	966	17 710	2,23
São Francisco do Maranhão	672	10 298	4,69
São João dos Patos	1 850	10 644	7,29
São Raimundo das Mangabeiras	784	9 334	1,49

FONTE: Censo Demográfico de 1950.

A rarefação populacional é a característica demográfica predominante na área em estudo. Ainda outro aspecto distintivo da distribuição da população é a desigualdade de sua repartição; acumulam-se os habitantes rurais nas ribeiras e nos "baixões" mais úmidos, enquanto os altos das chapadas permanecem desabitados, num tipo de ocupação característico das zonas onde dominam essas formas topográficas.

Nesta área de chapadas planas revestidas monòtonamente de campos cerrados, onde as zonas agrícolas se restringem às margens de rios e riachos e às baixas nem sempre extensas, a forma de atividade econômica dominante é a criação extensiva do gado bovino que tem nos centros urbanos litorâneos e nos situados nos baixos e médios vales do Mearim, Itapecuru e Parnaíba os seus principais centros de consumo.

Seguindo o imperativo da maior ocupação agrícola das terras baixas a população rural aí mais se adensa, pondo em utilização as terras úmidas e argilosas e deixando os altos arenosos de cerrados como pastagens naturais para os rebanhos bovinos.

O atraso técnico dos habitantes, a falta de meios de transporte, a inexistência de grandes mercados de consumo na própria região ou na sua proximidade são fatôres negativos em relação ao maior desenvolvimento econômico e ao adensamento demográfico na área em foco.

O aproveitamento agrícola das zonas arenosas e pobres de campos cerrados numa atividade produtiva de mais lucro ou mesmo um aperfeiçoamento da técnica criatória com a eliminação dos processos tradicionais de queimadas dos pastos e da criação à sôlta dos gados, não são estimulados dado o limitado volume do consumo regional, o pauperismo de suas populações, o seu baixo poder aquisitivo e a impossibilidade de escoamento das riquezas eventualmente produzidas.

Um círculo vicioso aqui se estabelece no que concerne ao escoamento dos produtos regionais, pois, desde que não há produtos a exportar não se criam vias de circulação terrestre e já que estas não existem não se produz.

Neste particular, as condições dominantes na região assemelham-se grandemente à do sudoeste piauiense, com problemas semelhantes na organização econômica.

Portanto, o maior desenvolvimento econômico da região dos Chapadões acha-se, nas condições atuais, completamente entravado, em conseqüência da situação verdadeiramente calamitosa dos meios de transporte.

Apenas as correntes fluviais podem garantir alguma circulação das riquezas regionais. As estradas precàriamente construídas atendem sòmente as necessidades de circulação nas épocas sêcas, transformando-se em caminhos intransponíveis na estação chuvosa, quando os rios com seus cursos engrossados cortam tôda a circulação nas estradas desprovidas de pontes. Dêste modo, a navegação fluvial apresenta-se, ainda, como nos primeiros tempos da ocupação, como o meio de transporte mais utilizado verificando-se um movimento de tráfego apreciável nos rios Grajaú, Mearim, no Itapecuru de Caxias para montante, no rio das Balsas e no Parnaíba, a jusante de Alto Parnaíba e Santa Filomena. As embarcações mais utilizadas são as lanchas a motor com batelões e as balsas de talos de buriti.

Uma área, no entanto, dentro das chapadas tem já a circulação dos seus produtos efetuada em boas rodovias: é a do sudeste maranhense em contato direto, por via rodoviária, com o importante centro comercial de Floriano. A estrada que parte de Barão de Grajaú, na margem do Parnaíba, atinge já o vale do Itapecuru drenando tôda a produção exportável para aquela cidade piauiense.

Estado do MARANHÃO
Município de PRESIDENTE VARGAS
47°30'
47°15'
47° WG
6° 30'
6° 45'
7°
47°
PRESIDENTE VARGAS
I. do Estreito
Rio Itaueiras
Canto de Areia
Buritirama
Rib. Santana
RIO TOCANTINS
I. do Campo
Bebém
Todos-os-Santos
R. Gameleira
Conceição
Macambá
Rib. Feio
Retiro
Cach. Mortandade
Morro Alegre
Água Amarela
Brejão
Rib. São Raimundo
Rio Farinha
Formosa
Rib. Três Barras
P O R T O F R A N C O
G O I Á S
C A R O L I N A
CONVENÇÕES
CIDADE VILA POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
OCEANO ATLÂNTICO
PARÁ
PIAUÍ
GOIÁS
SITUAÇÃO
I. B G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.
Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
Des. AS.
Divisão Territorial em 31-VII-1956.

O prolongamento desta rodovia até Balsas e daí até Carolina, no Tocantins, será seguramente fator de revitalização da vida econômica do sul maranhense. Quando se concretizar a velha aspiração regional da ligação ferroviária do Itapecuru com o Tocantins, por Barra do Corda e Grajaú, terá esta região, potencialmente rica, a possibilidade de ver explotados de forma eficiente e racional os seus recursos naturais e assim se verá integrada na área econômicamente mais próspera do Meio Norte.

Nas condições atuais, a pecuária que abriu o alto sertão ao povoamento e à ocupação do branco colonizador mantém-se como a base econômica regional, desde que o boi é mercadoria que se transporta por si mesma.

Não é estranho a essa dominância da atividade pastoril dois fatôres naturais que se mostram fundamentais na interpretação dos aspectos gerais da economia regional: o complexo relêvo-solos e as condições climatobotânicas. O relêvo regular de chapadas planas e extensas, de solos pobres e arenosos, e mais as condições de clima tropical e do revestimento vegetal aberto de campos cerrados, que permitiam o estabelecimento do homem sem trabalho algum de desbastamento preliminar vocacionaram esta região ao aproveitamento pastoril.

A expansão da atividade criatória nas chapadas sertanejas do Meio Norte deu-se no século XVIII pela penetração dos currais baianos como um extravasamento da ocupação pastoril do Piauí.

Em tôda a metade sul do estado do Maranhão, assim como no Piauí, foi a atividade criatória o elemento básico da expansão geográfica e o principal fator de colonização e ocupação.

O alto sertão maranhense constituiu a zona mais tardiamente aberta ao povoamento das que hoje integram o ecúmeno do Estado. Ainda na parte noroeste e oeste, no entanto, nas florestas que fazem corpo com a grande hiléia amazônica subsistem extensas áreas que permanecem pràticamente virgens de ocupação humana.

A área por nós estudada, sòmente no início do século XVIII foi ocupada pelos vaqueiros procedentes do vale do São Francisco, à procura de pastagens novas e melhores que possibilitassem a expansão da atividade criatória, então sustentada por mercados capazes de largo consumo. A ocupação do elemento colonizador lusitano limitava-se, na época, ao aproveitamento das terras do Recôncavo maranhense e dos baixos cursos dos rios, então, dominados pela paisagem canavieira e pelos engenhos de açúcar.

A penetração litorânea não ultrapassava as Aldeias Altas, atual Caxias.

Uma ocupação de sentido geográfico oposto caracteriza, pois, o povoamento do Maranhão. A penetração litorânea não foi capaz de povoar e conquistar o alto sertão que desde os primeiros séculos de ocupação desenvolveu-se independentemente do resto do território.

A atividade básica na ocupação e na utilização das terras nessas duas áreas foi também essencialmente diferente. Enquanto na região da planície a agricultura impôs-se desde cedo como a principal atividade produtiva para cuja manutenção exigia numerosa escravaria negra, o sertão teve o gado como marca de uma conquista que avançou das áreas interiores para a periferia utilizando no seu trabalho, sobretudo, o elemento aborígene e o mestiço.

As correntes comerciais desde cêdo orientadas diversamente constituíram outro fator capaz de acentuar ainda mais essa diversificação básica no povoamento.

Ainda êsses dois mundos, no conjunto do Maranhão, parecem se opor: na parte mais interiorizada e de maiores altitudes do Estado é a pecuária que caracteriza a paisagem humana e imprime u'a marca pouco modificadora na ambiência natural. Nas áreas da planície mais próximas ao litoral a atividade agrícola caracteriza uma paisagem mais humanizada. A falta de vias de circulação terrestre mais eficientes contribuiu até hoje para a manutenção dessa situação, verificando-se como que um desligamento dessas duas partes vitais do Estado.

É, sobretudo, a navegação realizada nos rios Grajaú, Mearim e Itapecuru que asseguram de forma, embora muito precária, as ligações entre o alto sertão, de um lado, e o baixo sertão e a baixada, de outro.

O desmatamento inconsiderado da vegetação justafluvial tem contribuído de modo sensível para o agravamento das condições de navegabilidade dos rios citados, pela queda constante de barreiras com a conseqüente diminuição da profundidade. Sem nenhuma medida que promova u'a melhoria das condições dêsses rios navegáveis a sua utilização num movimento comercial regular torna-se cada vez mais problemática.

A navegação feita pelos rios limítrofes, o Tocantins, de um lado, e o Parnaíba, de outro, provoca, a evasão dos produtos comerciais para áreas vi-

27 — 24 163

Estado do MARANHÃO

Município de SÃO JOÃO DOS PATOS

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)

Des RG. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

44° 30' 44° 15' 44° WG 43°45'

SÃO JOÃO DOS PATOS

PASTOS BONS

PIAUÍ

BENEDITO LEITE

NOVA IORQUE

RIO PARNAÍBA

SITUAÇÃO

OCEANO ATLÂNTICO

PARÁ

PIAUÍ

Covoados
Milhões
Chapada
Tamboril
Boa Vista
Machado
Sucupira
Lagoa Grande
Altamira
Buritizinho
Morrão
Pequi
Cambaeira
Pimenta
Gavião
Macaúba
Retiro
Alvarães
Sangradouro
Freire
Perdições
Porto Seguro
Gangorra
Baixa Limpa
Pé-do-Morro
Enxu
Bocaina
Lagoa
Brejo
Mambira
S. Pedro
Mangabeira
Careta
Riachão Sêco
Barra
Brejo
Estreito
Saquinho
Conceição
Cach. Canavieira
Bacuri
Lajes
P. Grande
Sítio
Caiçara
La. Sêca
S. José
Ponta d'Água
Por Enquanto
Toboca
Espírito Santo
Cach. do Espírito Santo

Rio Moreno
Rch. das Águas
Rch. das Perdições
Rch. das Onças
Rch. Mato Dentro
Rch. Tabocal
Rio Pedra de Fogo
Riacho Cajueiro
Rch. Teixeira
Rch. Carnaúba
Ig. Barrinha
Rio Sêco
Rch. da Anta
Rch. Canavieira
Igarapé Mosela
Ig. Araxia
Rch. Cazingó

6° 45'

7°

CONVENÇÕES

CIDADE ◉ VILA ◎ POVOADO ○

Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F. ▫

LIMITES:
Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital

E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto

44°30' 44°15' 44° 43°45'

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:300 000
(1cm = 3 km)
10km

Des. NR. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

zinhas, de modo a tornar determinadas zonas dependentes econômicamente de centros comerciais extra-estaduais.

A zona de Imperatriz-Carolina que já se integra na Grande Região Centro-Oeste pertence econômicamente ao Tocantins e ao Pará, assim como a área ribeirinha do Parnaíba mais e mais se afasta da influência comercial dos centros maranhenses.

Já por ocasião do próprio devassamento e da primeira ocupação o sul maranhense desligava-se do norte. Uma vocação histórica o impele no sentido de manter relações mais estreitas com o Piauí, a Bahia e Pernambuco, de onde lhe vieram os primeiros elementos de conquista. O alto sertão maranhense no primeiro século de ocupação mantinha relações comerciais quase exclusivas com a Bahia. A cidade baiana de Barra, à margem do rio São Francisco, era o centro comercial das transações da gente vinda do Maranhão.

O fato de se chamar "baiano" aos nordestinos que para aí imigram revela a estreiteza de relações que essa área manteve com a Bahia durante longo tempo. Ainda nos primeiros anos dêste século numerosas tropas partiam das cidades do alto sertão maranhense levando produtos da terra e trazendo de lá sal, ferramentas e tecidos.

Certos fatos atuais intensificam essa tendência; haja vista a função cada vez mais importante da rodovia que a partir de Barão de Grajaú atinge Pastos Bons, Mirador e Passagem Franca drenando tôda a produção dessa área, agrìcolamente a mais próspera da chapada maranhense, para Floriano, no Piauí, e através dessa praça de comércio para o Ceará e Pernambuco.

Essa estrada de rodagem que deverá se estender até Balsas, gozando de boas condições de tráfego, cada vez mais acentuará o desligamento econômico das áreas interiores do Estado em relação à zona baixa maranhense.

Êsse problema já fôra bem sentido pelo Major Francisco de Paula Ribeiro como êle o demonstra na sua "Descrição do Território de Pastos Bons, nos sertões do Maranhão" escrito em 1819. Assim êle se exprime: "considera-se o Maranhão dividido em quase duas partes e que muito bem poderiam formar duas comarcas, uma do sul, do norte a outra, cujas partes desconcordando sòmente na propriedade do seu clima, qualidades do terreno e produção é por isso mesmo que melhor entre si deveriam dar-se as mãos e sustentar combinadas a sua florescência comercial e agronômica". E chamando a atenção para a necessidade de melhor colonizar e aproveitar os altos sertões diz êsse cronista que "por infinitas circunstâncias das suas propriedades vantajosas, pode bem ministrar para a respectiva capital ou para tôda a beira-mar as prodigiosas fôrças que ela lhe desconhece porque a tem até hoje esquecido e quase como de si apartado".

A fundação de Pastos Bons foi a primeira marca da ocupação pastoril do sertão maranhense. Já em 1740 cêrca de 120 fazendas de gado constituíam outros tantos núcleos de ocupação no vasto distrito que se estendia das margens do Parnaíba às do Tocantins. Ao norte, o distrito de Pastos Bons atingia o Pindaré e, ao sul, alcançava os limites ainda incertos da Capitania. Tôda a área presentemente ocupada pelos municípios de Carolina, Balsas, Riachão, Grajaú, Barra do Corda, Pôrto Franco, Imperatriz, Passagem Franca, Buriti Bravo, Colinas, São João dos Patos, Alto Parnaíba, Benedito Leite, Nova Iorque, Mirador e Loreto constituía o vasto território dos Pastos Bons.

Foi da pequena povoação estabelecida na borda da chapada divisora do Itapecuru e Parnaíba e, feita vila em 1820, que partiu todo o movimento povoador da metade sul do estado maranhense. Dos últimos anos do século XVIII às duas primeiras décadas do XIX tôdas as expedições organizadas para a conquista das terras desconhecidas de oeste partiram de Pastos Bons. Da mais importante dessas expedições, a que foi mandada realizar pelo Capitão General Dom Diogo de Souza, em obediência à Carta Régia de 12 de março de 1798, resultou a descoberta do rio Tocantins em setembro de 1806, tendo fundado ainda na sua marcha para oeste as povoações que deram origem às cidades de Riachão, Grajaú e Carolina.[1]

Na história do povoamento da interlândia sertaneja do sul maranhense Pastos Bons teve posição de excepcional destaque como foi visto, e a atividade econômica básica então estabelecida conserva a primazia no panorama econômico da região.

A criação de gado bovino é, ainda hoje, a principal fonte de renda para tôda a região das chapadas. No entanto, é preciso notar que o crescimento do rebanho vacum nessa área não se fêz na mesma proporção do que a verificada no médio vale do Itapecuru (Caxias e Coroatá) e, sobretudo, nos campos da baixada onde êsse aumento foi sempre superior ao dôbro.

Cardosi, Clodoaldo — "Pastos Bons".

Projeção de Mercator
ESCALA 1:750 000
(1cm = 7,5 km)
10 0 10 20 30km

Estado do MARANHÃO
Município de SAMBAÍBA
CONVENÇÕES
SAMBAÍBA
SÃO RAIMUNDO DAS MANGABEIRAS
LORETO
BALSAS
ALTO PARNAÍBA
PIAUÍ
Rio das Balsas
Rio Parnaíba
Rio Limpeza
DIVISOR PARNAÍBA - BALSAS
SITUAÇÃO
I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.
Projeção de Mercator
ESCALA 1:500 000
(1cm = 5 km)
Des. AM.
Divisão Territorial em 31-VII-1956.

BOVINOS	
MUNICÍPIOS	Número de Cabeças
PIAUÍ	
Gilbués	20.000
Santa Filomena	9.000
MARANHÃO	
Alto Parnaíba	33 000
Balsas	25.600
Barra do Corda	24.000
Benedito Leite	15.500
Buriti Bravo	8.9C0
Colinas	38.000
Grajaú	60.000
Loreto	34.500
Mirador	21.600
Nova Iorque	14.200
Passagem Franca	25.000
Pastos Bons	15.000
Riachão	58.00C
São Francisco do Maranhão	10.000
São João dos Patos	13.000
São Raimundo das Mangabeiras	22.000

FONTE: Serviço de Estatística da Produção, Ministério da Agricultura. Dados de 1953.

Atualmente muitos dos maiores produtores não se situam mais nas chapadas do sul, que gozavam da primazia, em 1920, de possuir os maiores rebanhos do Estado.

A atividade criatória ainda assume o mesmo aspecto primitivo com que era realizada na época colonial. O habitat rural caracteriza-se pela completa dispersão, fato que somado com a rarefação da população e a dificuldade de comunicações vai determinar o caráter rude do sertanejo maranhense.

Acostumado ao isolamento, nessas áreas fracamente ocupadas, as casas dos sertanejos erguem-se isoladas à beira dos brejos fartos ou na borda das chapadas. No sertão o "vizinho" está sempre a mais de meia légua de distância.

Já nas fazendas maiores, a casa grande de moradia cerca-se de outras habitações que se repartem entre os filhos do fazendeiro, os afilhados, as "crias" da casa e os numerosos "agregados", o que vai determinar a formação de um núcleo de população aglomerada, semelhante ao que foi estudado nas fazendas pastoris do Itapecuru. Ainda aqui a explotação agrícola das terras é feita pelo sistema de "agregacia", dominante na quase totalidade do Meio Norte. Os "agregados" não só lavram as terras dando, geralmente, um quarto da produção como também são obrigados a dar dias de serviço nas roças do "senhor" e nos trabalhos avulsos da propriedade.

O clima tropical de duas estações muito marcadas quanto à pluviosidade imprime características especiais à atividade criatória aqui realizada.

Na época mais sêca, de agôsto a novembro, quando as águas diminuem nas cacimbas, quando minguam e escasseiam nos riachos, quando o capim agreste das chapadas se resseca e endurece, o gado é retirado para os "vãos" das serras, para as matas justafluviais onde cresce o capim milhã e para a beira dos brejos. Também a "palhoça" das roças serve de pasto ao gado necessitado de mais trato.

É nesse tempo que o sertão oferece os seus piores aspectos com a vegetação sêca e cinzenta e a terra queimada pelo sol. É quando o vaqueiro toca fogo nos cerrados na ânsia de melhorar os pastos no período de "inverno".

Dezembro traz as primeiras chuvas e com elas inicia-se a época de atividade nas "vacarias", com o trabalho de amansamento dos bezerros novos e o recolhimento do gado leiteiro nos currais para a retirada do leite nessa ocasião mais abundante.

Quando maio se inicia trazendo a diminuição das chuvas o "verão" começa para o sertanejo. O gado "invernado" sobe, então, para as chapadas, onde o agreste forma uma pastaria verde e as faveiras completam a sua alimentação farta.

É a época das vaquejadas para a "partilha" do gado. É quando o vaqueiro recebe o pagamento de seu trabalho: de quatro bezerros criados um lhe pertence. É a época, ainda, das maiores festas sertanejas e das viagens de "desobriga" dos vigários.

Coincide, também com o período de maior lida nas roças que sempre estão presentes no quadro das fazendas sertanejas, pois, que estas nunca são exclusivamente pastoris. Sua lavoura não tem sempre o caráter comercial, porém, existe sempre para a subsistência.

A quadra de maio a julho reúne os trabalhos de colheita do milho, de apanha do arroz, do algodão, do corte das canas e o início da moagem nos engenhos de madeira. É quando também se prepara a farinha de mandioca nas "casas de forno". A vida calma das fazendas anima-se nesse período pelo trabalho ativo com o gado e com as roças.

Traçada, em suas linhas gerais, as atividades características do meio rural nas chapadas sertanejas é necessário salientar o predomínio da atividade pastoril na parte sudoeste da região, englobando os altos vales do Grajaú e do Mearim, assim como o vale do Tocantins.

Os bovinos aí criados se destinam ao abastecimento da zona agrícola do baixo Mearim — Pindaré e da capital maranhense. Até mesmo o gado bovino proveniente do norte de Goiás tem sido tra-

45°30'
45° WG
7°
7° 30'
M I R A D O R
L E I T E
B E N E D I T O
S A M B A Í B A
P I A U Í
SAMBAIBA
LORETO
São Félix das Balsas
Rio Itapecuru
Rib. Brejão
Rch. Bataleira
Rib. Telas
Rch. das Picos
Rio das Balsas
Riacho Livramento
Ig. Aldeia
Rch. Santa Angela
Rch. Santo Estevão
Rch. Museu
RIO PARNAÍBA
Dourados
Santa Bárbara
Vamos-Vendo
Ferrugem
Cach. Sucuriú
CONVENÇÕES
CIDADE
VILA
POVOADO
Fazenda, Lugarejo ou Estação de E. F.
LIMITES:
Internacional
Interestadual
Intermunicipal
Interdistrital
E. F. bit. larga
E. F. bit. normal
E. F. bit. estreita
Estr. de rodagem
Estr. carroçável
Linha telegráfica
Rio intermitente
Alagado
Areial
Aeroporto
OCEANO ATLÂNTICO
PARÁ
PIAUÍ
GOIÁS
SITUAÇÃO
46°
44°
4°
6°
48°
45°30'
45°

Projeção de Mercator
ESCALA 1:750 000
(1cm = 7,5 km)

Des. NB. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

zido por boiadeiros para o abastecimento daqueles centros transitando pela zona do Mearim.

Em Barra do Corda, no entanto, a atividade agrícola vai crescendo dia a dia, sobretudo, a lavoura comercial de algodão exportado para São Luís. A existência de grandes áreas de terras devolutas, a exemplo do que ocorre mais para jusante do rio, em Pedreiras e Bacabal, tem sido o fator principal do aumento da população agrícola, em grande parte proveniente do Nordeste e aí estabelecida como "posseiros".

Em Barra do Corda situa-se também a Colônia Agrícola Nacional do Maranhão, instalada em 1943, por iniciativa do Govêrno Federal.

É um empreendimento que tem trazido benefícios à região pela difusão que procura fazer de métodos mais racionais de cultivo, dentro de uma área dominada pelo sistema primitivo de rotação de terras. Dentro de suas limitadas possibilidades tem procurado fomentar o progresso agrícola da região, distribuindo lotes de terras com boas casas de alvenaria a colonos reconhecidamente pobres, além de ter promovido a construção de estradas de rodagem, açudes e pontes. Também o saneamento da região sujeita ao impaludismo endêmico, a assistência médica e educacional são problemas igualmente considerados pela direção da Colônia.

As principais produções agrícolas são as de algodão, arroz, milho, feijão e mandioca, que têm como mercados consumidores mais importantes a própria cidade de Barra do Corda e Pedreiras.

Ainda é preciso referir que dentro da área do Meio Norte são os vales do Mearim e do Grajaú que congregam a mais numerosa população indígena. Essa população no Grajaú está calculada em 1822 indivíduos e em Barra do Corda em 1689.

Em Barra do Corda onde estão instalados dois Postos Indígenas com escolas primárias, além de mais três escolas isoladas nas aldeias de Cana Brava, Sardinha e Porquinhos reúnem-se índios das tribos Canela e Guajajara. Em Grajaú com um Pôsto e duas escolas, em Geralda e Governador, os indígenas pertencem às tribos dos Timbiras, Gavião e Guajajara. A população indígena do Estado é controlada pela Terceira Inspetoria Regional do Serviço de Proteção aos Índios, sediada em São Luís.[2]

Os altos vales do Itapecuru, com o seu afluente Alpercatas, e do Parnaíba com o Balsas, caracterizam-se por um maior desenvolvimento das atividades agrícolas.

Os municípios que possuem as mais altas densidades de população por quilômetro quadrado aqui se situam, abrangendo sobretudo a área compreendida desde a foz do Alpercatas no Itapecuru à do Balsas no Parnaíba, ou sejam os municípios de Colinas, Passagem Franca, Mirador, São João dos Patos, Pastos Bons, Nova Iorque, Loreto, Benedito Leite e Barão de Grajaú.

A possibilidade de exportação dos produtos através de boas rodovias que vão ter a Barão de Grajaú, fronteiro a Floriano, no rio Parnaíba, tem sido o fator precípuo de incremento da vida agrícola.

O algodão e o arroz são os principais produtos comerciais largamente exportados por intermédio de Floriano para o Ceará e Pernambuco.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA

MUNICÍPIOS	Arroz Sc. 60kg.	Algodão Arroba	Cana-de-Açucar Ton.	Mandioca Ton.	Milho Sc. 60kg.
Barão de Grajau	5.500	1.080	600	1.135	1.700
Benedito Leite	6.500	3.200	950	1.010	4.000
Colinas	69.000	70.500	1.650	4.800	5.600
Loreto	8.000	13.900	3.880	2.234	5.900
Mirador	31.410	25.600	12.320	6.410	6.000
Nova Iorque	7.200	1.450	600	607	3.900
Passagem Franca	25.200	10.800	2.400	2.310	9.400
Pastos Bons	44.900	20.400	6.375	10.920	11.700
São João dos Patos	20.000	11 700	5.895	2.663	5.800

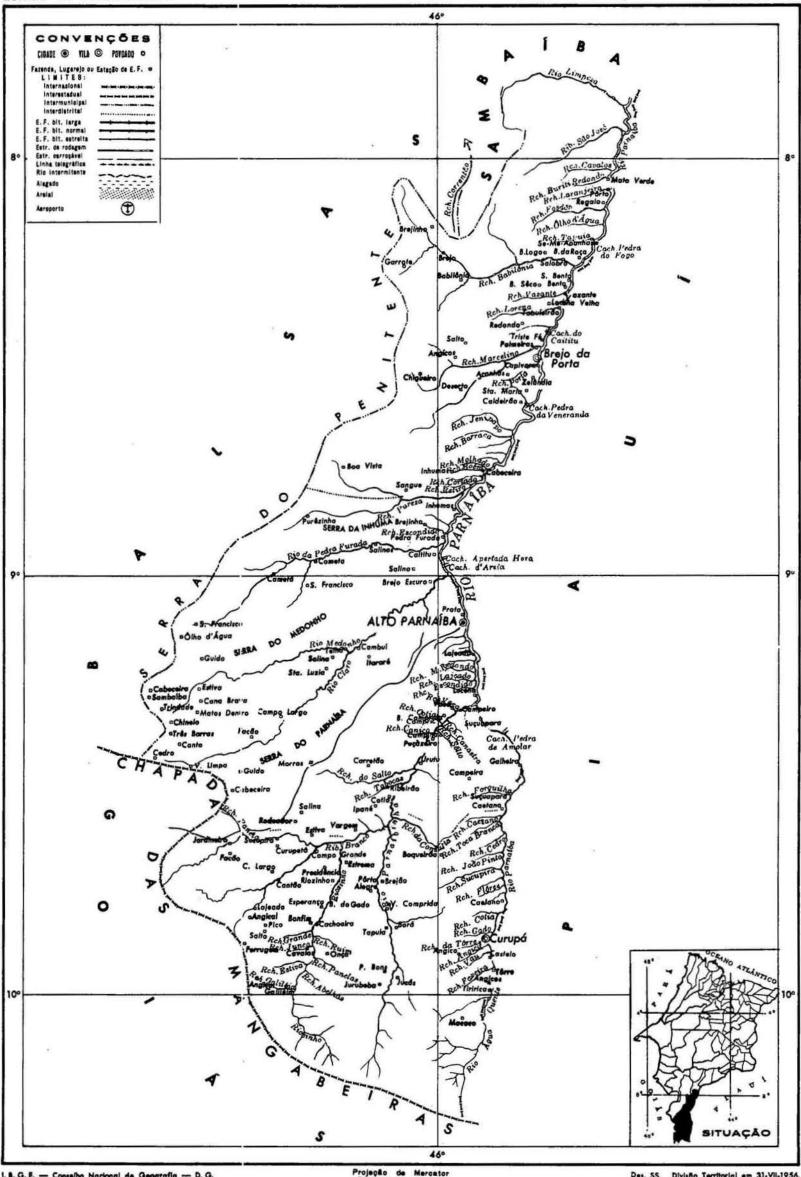
FONTE: Serviço de Estatística da Produção. Ministério da Agricultura. Dados de 1953.

As condições de explotação agrícola das terras são aqui semelhantes às referidas para o médio Itapecuru, na região de Caxias e Codó. O predomínio é quase geral das grandes propriedades trabalhadas pelos "agregados", no sistema de pagamento do uso da terra em produtos, sujeitando-se também à obrigação da prestação de dias de serviço ao proprietário e à venda dos produtos aos seus "agentes".

O "coronel" latifundiário, geralmente, chefe político local domina tôda a "agregacia" sem terras.

O contrato de trabalho é aqui de dois anos fazendo-se no primeiro ano após a derrubada, o cultivo do arroz e do milho, seguido no segundo ano pela mandioca, quando então a terra é deixada como pasto para os animais do fazendeiro. Também se costuma plantar arroz, mandioca e algodão no primeiro ano e em seguida, milho e feijão.

O "agregado" desloca depois suas roças para novas terras. O pauperismo extremo e as miseráveis choças de palha são as mesmas do médio vale.

[2] Jorge, Miécio — "Album do Maranhão — 1950".

I. B. G. E. — Conselho Nacional de Geografia — D. G.

Projeção de Mercator
ESCALA 1:1 000 000
(1cm = 10 km)

10 0 10 20 30 40km

Des. SS. Divisão Territorial em 31-VII-1956.

Surge aqui também o mesmo problema quanto à dificuldade de obtenção de crédito para a melhoria dos métodos culturais. O financiamento é sempre realizado pelos comerciantes que fornecem mercadorias e ferramentas ao lavrador e que devem ser pagas no ano seguinte em produtos. Raramente, o adiantamento é feito em dinheiro, pois, da forma em que a transação é efetuada os comerciantes acham-se com mais direito ao produto que é o que mais lhes interessa.

Verifica-se na região uma tentativa de melhoramento das técnicas agrícolas com a introdução de arados nas maiores propriedades, assim como também a importação de reprodutores zebus destinados ao cruzamento com o gado curraleiro, de modo a melhorar a qualidade do rebanho regional.

Dentro da região dos Chapadões é também nesta área do Itapecuru e do Parnaíba que a atividade coletora do babaçu tem maior importância. O desenvolvimento maior da economia de coleta aqui se deve, sem dúvida, às possibilidades de transporte da amêndoa, que é tôda encaminhada para a cidade de Parnaíba, por via fluvial ou pelas estradas de rodagem.

BABAÇU

MUNICÍPIO	Quantidade (kg.)
PIAUÍ	
Gilbués	1.500
Monte Alegre	—
Santa Filomena	—
MARANHÃO	
Alto Parnaíba	—
Amarante do Maranhão	20.000
Balsas	143.500
Barão de Grajaú	200.000
Barra do Corda	86.500
Benedito Leite	352.910
Buriti Bravo	284.140
Colinas	790.520
Grajaú	158.960
Loreto	200.500
Mirador	1 860.340
Nova Iorque	180.000
Paraibano	500.000
Passagem Franca	518.000
Pastos Bons	450.000
Riachão	30.000
Sambaiba	38.000
São Domingos do Maranhão	90.900
São Francisco do Maranhão	370.000
São João dos Patos	175.500
São Raimundo das Mangabeiras	79.000

FONTE: Serviço de Estatística da Produção. Ministério da Agricultura. Dados de 1955.

Embora as melhores condições de transporte tenham contribuído para o desenvolvimento da economia regional, incrementando a produção agrícola e a atividade de coleta, essa boa situação econômica não se reflete no panorama demográfico. Na região dos Chapadões é, justamente na área considerada, que se observam os menores valores de crescimento relativo da população entre 1940 e 1950. O município que teve o maior aumento populacional foi o de Loreto com apenas 18%. Enquanto que valores muito mais elevados de crescimento relativo ocorrem nos municípios do Mearim: Presidente Dutra 136%, Barra do Corda 34% e Grajaú 21%.

Os únicos municípios que acusam deficit populacional, nesse período, dentro do Chapadão estão também situados no Itapecuru e Parnaíba: são Colinas com uma diminuição de população que atinge 7%, Pastos Bons com 2% e Benedito Leite 1%.

É geral na região a emigração para as novas zonas agrícolas que se abrem nas terras devolutas do Estado, no baixo Mearim. A emigração mais se acentua no vale do Itapecuru, sendo responsável pelo pequeno incremento populacional e pelos decréscimos aí verificados. O regime de propriedade onde domina o latifúndio, explotado pelo sistema servil da "agregacia" é, sem dúvida, o fator principal dessa emigração.

Outros centros de atração para os emigrantes são as zonas de garimpos da região tocantina em Goiás. Neste particular, distingue-se, sobretudo, Gilbués no alto Parnaíba, no Piauí, que teve um crescimento populacional de 77% na década 1940-50, graças à garimpagem de diamantes.

Os núcleos urbanos situados nos Chapadões têm todos função semelhante, como centros que são de transformação dos produtos agrícolas locais. Neste particular, distingue-se Barra do Corda (2 851 hab.) que é o principal centro comercial da região.

Também a origem das cidades é semelhante: situam-se sempre às margens dos rios, tendo se desenvolvido quer como pontos iniciais de navegação nos cursos navegáveis, quer como pontos de travessia nos rios. O comércio desenvolvido em certos portos fez com que modestos povoados se desenvolvessem, de modo a se tornarem núcleos urbanos com alguma importância regional, como se deu com Balsas, o antigo pôrto das Caraíbas, no rio das Balsas, com Barra do Corda no Mearim e com Grajaú no rio de mesmo nome. Foi o comércio do sal, produto indispensável nesta área sertaneja de criação de gado, o fator essencial de crescimento de alguns dos principais centros urbanos sertanejos.

Bibliografia

Livros

ALBUQUERQUE, Odorich R. de e DEQUECH, Victor — "Contribuição para a geologia do Meio Norte, especialmente Piauí e Maranhão, Brasil" — *Anais do II Congresso Panamericano de Engenharia de Minas e Geologia* — Vol. III — 2.ª Comissão, Geologia Paleontologia, Mineralogia e Petrologia, pp. 70/110 — Petrópolis, Brasil, outubro de 1946.

ALMANAQUE — "Almanaque do Cariri. Primeiro Centenário de Teresina, capital do Piauí (1852-1952)" — 1024 pp. + XVI pp. — Teresina, 1952).

AMARAL, José Ribeiro do — "Fundação do Maranhão" (memória) — 222 pp. — Maranhão, 1912.

CARDOSO, Clodoaldo — "Pastos Bons" (municípios maranhenses) — 87 pp. — I.B.G.E. — Rio de Janeiro, 1946/1947.

CASCUDO, Luís da Câmara — "Geografia do Brasil Holandês" — Coleção Documentos Brasileiros, n.º 79, 303 pp. — Rio de Janeiro, 1956.

CHAVES, Pe. Joaquim — "Teresina, subsídios para a história do Piauí" — 188 pp. — Teresina, 1952.

C. N. DE ECONOMIA — "Babaçu, economia a organizar" — 46 pp. — C.N.E. — Rio de Janeiro, 1952.

CRANDALL, Roderic — "Geografia, Geologia, Suprimento d'água, Transportes e Açudagem" nos estados orientais do Norte do Brasil, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba — Publicação n.º 4 — *Série I.D.E.*, *I.F.O.C.S.* — 137 pp. — Rio de Janeiro, 1923.

DODT, Gustavo Luiz G. — "Descrição dos rios Parnaíba e Gurupi" — *Coleção Brasiliana* — Vol. 138, 233 pp. Cia. Editôra Nacional — Rio de Janeiro, 1939.

DERRUAN, M. — "Précis de Geomorphologie" — 393 pp. — Masson et Cie. Éditeur — Paris, 1956.

ESTADO DO MARANHÃO — "O babaçu" — Govêrno do estado do Maranhão, 30 pp. — Imprensa Oficial — São Luís, 1937.

FRÓIS ABREU, Sílvio — "Na Terra das Palmeiras" (Estudos Brasileiros) — 287 pp. — Rio de Janeiro, 1931.

GARCIA, Rodolfo — "Ensaio sôbre a História Política e Administrativa do Brasil" (1500-1810) — *Coleção Documentos Brasileiros*, n.º 84, 294 pp. — Rio de Janeiro, 1956.

LIMA SOBRINHO, Barbosa — "O devassamento do Piauí" — Série V — *Coleção Brasiliana* — Vol. 255, 190 pp. — Cia. Editôra Nacional — Rio de Janeiro, 1946.

LUETZEBURG, Phillipp von — "Estudo Botânico do Nordeste" — Vols. I, II, III; 108 pp., 126 pp., 284 pp. — *Inspetoria Federal de Obras Contra as Sêcas* — Rio de Janeiro, 1922-1923.

MACEDO, Eurico — "O Maranhão e suas riquezas" — 231 pp. 1.ª ed. — Bahia, 1947.

MIRANDA, Agenor, Augusto de — "Estudos Piauienses" — Série V — *Coleção Brasiliana* — Vol. 116, 221 pp. — Cia. Editôra Nacional — Rio de Janeiro, 1938.

PAXECO, Fran — "Geografia do Maranhão" — 739 pp.

PRADO, J. F. de Almeida — "Pernambuco e as Capitanias do Norte do Brasil" (1530-1630). História da Formação da Sociedade Brasileira — Série V — *Coleção Brasiliana* — Vol. 175 A, 518 pp. — Cia. Editôra Nacional — São Paulo, 1941.

PRADO JÚNIOR, Caio — "Formação do Brasil Contemporâneo (Colônia) — *Coleção Grandes Estudos Brasiliensis* — 388 pp., 2.ª edição — Brasiliensis Ltda. — São Paulo, 1945.

RELATÓRIO ANUAL DO DIRETOR — Divisão de Geologia e Mineralogia, Departamento Nacional da Produção Mineral — 84 pp. — Ministério da Agricultura — Rio de Janeiro, 1956.

SAMPAIO, A. J. — "Fitogeografia do Brasil" — *Coleção Brasiliana* — Vol. 35, 372 pp. — Cia. Editôra Nacional — Rió de Janeiro, 1945.

SMALL, Horatio L. — "Geologia e suprimento d'água subterrânea no Piauí e parte do Ceará" — Publicação n.º 32, *Série I.D.* — Ministério da Viação e Obras Públicas (I.F.O.C.S.), 138 pp., 2.ª edição — Imprensa Inglêsa — Rio de Janeiro, 1923.

SERAFIM LEITE, S.I. — "História da Companhia de Jesus no Brasil" — (10 vols), Tomo III, 487 pp. — Rio de Janeiro, 1943.

SERRA, Astolfo — "A Balaiada" — 308 pp., 3.ª edição — Rio de Janeiro, 1948.

TAUNAY, Affonso de E. — "História das bandeiras paulistas" — (2 vols.) — Vol. I, 365 pp. — Edição Melhoramentos — São Paulo, 1951.

Periódicos

AB'SABER, Aziz Nacib — "Depressões periféricas e depressões semi-áridas no Nordeste do Brasil" — *Boletim Paulista de Geografia*, n.º 22, março de 1956, pp. 3/18 — Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Regional de São Paulo — São Paulo, 1956.

ALMEIDA, Rubem — "A cidade de São Luís" (Tentativa de reconstituição histórica) — *Revista de Geografia e História*, Diretório Regional de Geografia, ano V, n.º 5, pp. 40/66 — São Luís, 1954.

AZEVEDO, Aroldo de — "Teresina, capital do Piauí (Fotografias e comentários) — *Boletim Paulista de Geografia*, n.º 8, pp. 59/60 — São Paulo, 1951.

AZEVEDO, Aroldo de (e) MATTOS, Dirceu Lino de — "Viagem ao Maranhão" — Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, *Série Geográfica*, n.º 6, Bol. n.º 120, 156 pp. — São Paulo, 1950.

CAMPBELL, Donald F., ALMEIDA, Luís A. de (e) SILVA, Salustiano Oliveira — "Relatório preliminar sôbre a geologia da Bacia do Maranhão" — Boletim n.º 1, 160 pp. — *Conselho Nacional do Petróleo* — Rio de Janeiro, 1949.

CAMPOS, Gonzaga — "Mapa florestal do Brasil" — *Boletim Geográfico*, ano I, n.º 9, pp. 621/635 — C.N.G. — Rio de Janeiro, 1943.

DANSERAU, Pierre — "Distribuição de Zonas e Sucessão na Restinga do Rio de Janeiro" — *Boletim Geográfico*, ano VI, n.º 60, pp. 1431/1443 — C.N.G. — Rio de Janeiro, 1948.

EGLER, Eugênia Gonçalves — "Distribuição da População no Estado do Maranhão em 1940" — *Revista Brasileira de Geografia*, ano XIII, n.º 1, pp. 71/84 — C.N.G. — Rio de Janeiro, 1951.

— "Distribuição da População no estado do Piauí em 1940" — *Revista Brasileira de Geografia*, ano XIV, n.º 4, pp. 486/495 — C.N.G. — Rio de Janeiro, 1952.

FIALHO, Olímpio — "Aspectos do revestimento florístico do Maranhão" — Revista de Geografia e História, ano IV, n.º 4, dez. 1953, pp. 115/125 — São Luís, 1954.

FRÓIS ABREU, Sílvio — "Observações sôbre a Guiana Maranhense" — Revista Brasileira de Geografia — Ano I, n.º 4, pp. 26/54 — C.N.G. — Rio de Janeiro, 1939.

— "O Nordeste" — Boletim Geográfico, ano I, n.º 5, pp. 14/31 — C.N.G. — Rio de Janeiro, 1943.

GALVÃO, Roberto — "Introdução ao conhecimento da área maranhense abrangida pelo Plano de Valorização Econômica da Amazônia" — Revista Brasileira de Geografia, Ano XVII, n.º 3, pp. 239/294 — C.N.G. — Rio de Janeiro, 1955.

GUERRA, Ignez Amélia Leal — "Tipos de Clima do Nordeste" — Revista Brasileira de Geografia, ano XVII, n.º 4, pp. 449/491 — C.N.G. — Rio de Janeiro, 1955.

KEGEL, Wilhelm — "Contribuição para o estudo do devoniano da bacia do Parnaíba" — Boletim da Divisão de Geologia e Mineralogia, D.N.P.M., n.º 141, 48 pp. — Ministério da Agricultura — Rio de Janeiro, 1953.

— "Água Subterrânea do Piauí" — Boletim da Divisão de Geologia e Mineralogia, D.N.P.M., n.º 156, 61 pp. — Ministério da Agricultura — Rio de Janeiro, 1955.

— "As inconformidades na bacia do Parnaíba e zonas adjacentes" — Boletim da Divisão de Geologia e Mineralogia, D.N.P.M., n.º 160, 60 pp. — Ministério da Agricultura — Rio de Janeiro, 1956.

LOPES, Antônio — "Nossa cidade" — Revista de Geografia e História, ano IV, n.º 4, pp. 145/149 — Diretório Regional de Geografia do Maranhão — São Luís, 1954.

LOPES, Raimundo — "Entre a Amazônia e o Sertão" — Boletim do Museu Nacional, vol. III, n.º 3, pp. 159/186 — Rio de Janeiro, setembro, 1931.

MATTOS, Dirceu Lino de — "Bases geográficas da vida econômica no vale do Itapecuru" (Maranhão) — Boletim Paulista de Geografia, n.º 8, pp. 20/37 — São Paulo, 1951.

MONTEIRO, Carlos Augusto — "Plantas das cidades brasileiras" — Boletim Geográfico, ano VI, n.º 61, pp. 83/84 — C.N.G. — Rio de Janeiro, 1948.

PEREIRA, Gilvandro S. — "Expedição ao Jalapão" — Revista Brasileira de Geografia, ano V, n.º 4, pp. 573/622, C.N.G. — Rio de Janeiro, 1943.

PORTO DOMINGUES, Alfredo José — "Provável origem das depressões observadas no sertão do Nordeste" — Revista Brasileira de Geografia, ano XIV, n.º 3, julho-setembro, 1952, pp. 305/315 — C.N.G. — Rio de Janeiro, 1952.

SANTOS, Lindalvo Bezerra — "Aspecto Geral da Vegetação do Brasil" — Boletim Geográfico, ano I, n.º 5, pp. 68/73 — C.N.G. — Rio de Janeiro, 1943.

SILVA, Júlio Romão da — "Memória histórica sôbre a transferência da capital do Piauí" — Boletim Geográfico, ano X, n.º 11, pp. 720/723 — C.N.G. — Rio de Janeiro, 1952.

Silvestre Fernandes, J. — "Baixada Maranhense" — Boletim Geográfico, ano V, n.º 53, pp. 545/558 — C.N.G. — Rio de Janeiro, 1947.

— "Os semideltas do Nordeste do Maranhão" — Boletim Geográfico, ano VI, n.º 64, pp. 388/396 — C.N.G. — Rio de Janeiro, 1948.

— "Assoreamento da costa leste maranhense" — Boletim Geográfico, ano VIII, n.º 87, pp. 369/374 — C.N.G. — Rio de Janeiro, 1950.

Soares, Lúcio de Castro — "Delimitação da Amazônia para fins de planejamento econômico" — Revista Brasileira de Geografia, ano X, n.º 2, pp. 163/210 — C.N.G. — Rio de Janeiro, 1948.

— "Limites meridionais e orientais da área de ocorrência da Floresta Amazônica em território brasileiro" — Revista Brasileira de Geografia, ano XV, n.º 1, pp. 3/122. — C.N.G. — Rio de Janeiro, 1953.

Soares, Wilson — "O pôrto de São Luís" — Revista de Geografia e História, Diretório Regional de Geografia, ano II, n.º 3, pp. 19/42 — São Luís, 1950.

Tricart, Jean — "O relêvo de cuestas" — Boletim Geográfico n.º 80, ano VII, pp. 885/896 — C.N.G. — Rio de Janeiro, 1949.

— "O relêvo de cuestas" — Boletim Geográfico, n.º 81, ano VII, pp. 1002/1035 — C.N.G. — Rio de Janeiro, 1949.

Índice Geral

Índice das Fotografias

Índice dos Mapas

ESTADO DO MARANHÃO

ESTADO DO PIAUÍ

CONFECÇÃO GRÁFICA

Sob a direção de:

Antônio Maria Coelho,
Petrônio Cezar Coutinho,
Acácio da Cunha Figueiredo,
Mário Batista de Abreu,
José Corrêa Neves e
Elio Ricaldone.

Com a colaboração de:

Antônio Buss, Seno Eyng, Nerval Dutra, Ovídio Rodrigues Costa, Francisco A. M. Bessa, Valdemiro Joaquim Fernandes, Luiz Borges da Silva, Antônio Bernardino da Silva, Joaquim Soares Moreira, Manoel Pereira de Melo, Vicente Basile, José Paixão Filho, Manoel Neto Araújo, Hilton Fróis Ribeiro, Eudes Vieira, Sílvio Brand, Lourival Fernandes, Sebastião Cassia, Armindo Fiães, Walter Schöpke, Manoel Ferreira de Figueiredo, Zenir Ferreira Lopes, Walter Freitas Nunes, Pedro de Castro Biancovilli, Laudo de Oliveira, José Fagundes do Amaral, José Batista de Abreu, Waldir Rangel, Jayme Santiago Maphêo, Antônio Ferreira Gabri, Marcílio Mazzola, Manoel Gomes Neto, Augusto Gimenez, Reginaldo de Sousa Leal, Mário Freitas, Valdemar Lopes, Manoel Cordilha, Florisvaldo Araújo, Laurentino de Oliveira, José Maria da Silva, Raimundo Pires Seixas, Levy de Menezes, Jayr Calhau, Álvaro F. Órphão, Ivo José Ferreira, Leonardo Eyng, Darcy Vieira Cardoso, Edjalme Pierret de Souza, Miguel Paixão, Joaquim G. Marques Gonçalves e José Cândido de Araújo.